

A close-up photograph of a field of golden wheat stalks. The stalks are tall and thin, with numerous heads of wheat. The heads are a vibrant yellow-gold color, indicating they are ripe. The background is a clear, bright blue sky. The overall scene is bright and sunny, suggesting a clear day in a rural setting.

Os Sete Anjos

O Estudo da Colheita e das Primícias

Os Sete Anjos

O Estudo da Colheita e das Primícias

F.T. Wright

IMAGEM DE CAPA

A imagem de capa é de grão pronto para a ceifa num campo a meio caminho entre Toowoomba e Warwick no Darling Downs no sudeste de Queensland, Austrália. A colheita foi recolhida pouco depois da foto ter sido tirada, e simbolicamente representa a grande colheita a ser recolhida na segunda vinda de Cristo, depois de todos os movimentos dos sete anjos terem concluído o seu trabalho.

O estudo dos sete anjos é essencialmente o estudo das primícias e da colheita. Os cento e quarenta e quatro mil são as primícias e os justos mortos de todas os séculos a colheita. O que torna a relação entre estas duas bastante importante é a lei rigorosa e inviolável de que não pode haver a apanha da colheita até que as primícias cumpram o seu papel. Portanto, Jesus não pode regressar nas nuvens do céu até que os 144.000, durante os ministérios do quinto, sexto e sétimo movimentos de anjos, tenham cumprido fiel e completamente as suas missões.

Por conseguinte, aqueles que vivem actualmente que ocupariam com sucesso um lugar entre os 144.000 durante o conflito final, devem ser completamente conhecedores do tema das primícias e da colheita, e a relação que cada uma tem com a outra.

Informação da publicação:

A versão original em inglês foi publicada em Queensland, na Austrália, em Dezembro de 1985 com o título *The Seven Angels* e pode ser adquirida na Casa Publicadora da Igreja do Repouso do Sábado:
57520 Dickendorf
Germany

A tradução para a língua portuguesa é publicada com o título *Os Sete Anjos* e está disponível em:

www.jfernandesblog.wordpress.com

<https://www.practicaprophetica.com/translations/portuguese/>

Tradução de:
J. Fernandes

**PORTUGAL
2022**

Índice

Introdução	9
01. Uma Nova e Distinta Apresentação	11
02. A Repetição de Um Trágico Erro	17
03. Sete Anjos — Sete Movimentos	24
04. O Primeiro Anjo.....	31
05. O Evangelho, <i>Génesis</i> , e o Primeiro Anjo	42
06. O Segundo Anjo.....	54
07. O Segundo Anjo Seguiu o Primeiro.....	67
08. O Terceiro Anjo	73
09. Uma Grande e Profunda Obra.....	82
10. Uma Crise Desnecessária.....	89
11. O Quarto Anjo.....	105
12. Rejeitado Porquê?	114
13. O Regresso do Quarto Anjo	124
14. Colheita e Primícias	135
15. O Papel das Primícias	142
16. Satanás Desmascarado	149
17. Abertos Os Olhos do Homem	157
18. O Grande Rio Eufrates	164
19. A Luz Brilha	173
20. A Sua Súplica.....	182
21. Cristo Revela o Caminho	191
22. O Sexto Anjo.....	199
23. O Vinho da Ira de Deus	205
24. A Vinha da Terra	211
25. O Sétimo Anjo	218
Apêndice	230

Introdução

Tão grande tem sido a ignorância obscurecendo as gloriosas verdades reveladas no ministério dos últimos três anjos de *Apocalipse* 14, e tão emocionante a descoberta dessas verdades que houve uma tendência para escrever apenas sobre elas.

Isto teria produzido uma apresentação desequilibrada do assunto, um desfecho infeliz a ser evitado a qualquer custo. *Apocalipse* 14 é um capítulo que deve ser entendido na sua totalidade. Nenhuma secção pode ser ignorada sem limitar a compreensão de todo o resto. Portanto, teve que ser dada consideração ao carácter e obra dos 144.000, e a cada um dos sete anjos por sua vez. A obra tinha que começar com o ministério do primeiro anjo que iniciou os seus trabalhos em 1831, e terminar com o sétimo anjo que fará o seu trabalho mesmo no final da angústia de Jacó.

Ao mesmo tempo, percebeu-se que já fora apresentado muito acerca dos três primeiros anjos em particular. Estes mensageiros celestiais, as verdades que foram enviados a revelar, e os movimentos que eles representam, receberam atenção e exame nos anos que levaram à formação do grande Movimento do Segundo Advento. Os adventistas sentiram que estavam bem informados sobre este assunto, embora ainda tivessem muito mais a aprender.

Seria inútil repetir aqui toda a luz já revelada sobre os três primeiros anjos em pormenor. Em vez disso, o esforço tem sido dedicado à apresentação dos aspectos espirituais do seu ministério que não tinham sido vistos como deveriam. Para fazer um estudo exaustivo dos sete anjos seria preciso a produção de um grande volume a cada um deles, enquanto o que desejamos é tocar nos principais pontos neste único volume. Portanto, este livro não deve ser considerado como a palavra final sobre este tema, mas sim a porta de entrada para um frutífero campo de investigação mais aprofundada sobre a verdade.

Foi em Minneapolis, em 1888, que o quarto anjo apareceu pela primeira vez. Os instrumentos humanos foram os pastores Waggoner e Jones. Uma vez mais, qualquer tentativa de cobrir exaustivamente a história da poderosa luta que teve lugar em Mineápolis e depois disso, e das gloriosas verdades que este anjo veio revelar, exigiria espaço que não está disponível neste livro e que iria apenas repetir informações que já podem ser consultadas em outros escritores.

Escusado será dizer que o ministério deste anjo trouxe a obra dos três primeiros a um nítido foco e uma eficácia poderosa, e é muito lamentável que ele não tenha sido recebido calorosamente pelo povo do advento da época. Tragicamente, foi rejeitado e forçado a regressar ao seu lugar para aguardar o dia mais feliz em que seria bem-vindo, um evento que teve lugar na década de 1950.

Mas, embora este poderoso anjo atinja a conclusão da evangelização mundial, o seu ministério não leva a obra de Deus à conclusão final. Isto tem de esperar até que o quinto, sexto e sétimo anjos tenham vindo na sua vez e cada um cumpra as suas divinas comissões. Então e não antes, o fim chegará e o Salvador aparecerá nas nuvens do céu para levar os fiéis para o lar.

Os que não estão cientes do ministério de todos os sete anjos, farão uma preparação errada para a obra final e, conseqüentemente, não poderão participar nessa obra. Isto é trágico o suficiente, mas será ainda pior quando se percebe que isto também significa a perda da vida eterna. Por conseguinte, recomendamos um estudo aprofundado do ministério dos sete anjos.

Uma Nova e Distinta Apresentação

A 13 de Outubro de 1904, apareceu um parágrafo em *The Review and Herald*, o surpreendente significado do qual parece ter escapado inteiramente aos leitores daquele tempo. O testemunho lia-se:

“O décimo quarto capítulo do *Apocalipse* é um capítulo do mais profundo interesse. Esta Escritura será em breve compreendida em todos os seus aspectos, e as mensagens dadas a João o revelador serão repetidas com uma expressão distinta” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:978.

A inevitável conclusão contida nestas palavras é que as mensagens de *Apocalipse* 14 não estavam verdadeiramente compreendidas em 1904 e que a compreensão delas em todos os seus sentidos estava ainda no futuro.

O que torna este testemunho ainda mais significativo é que foi escrito a um povo que pregou as mensagens dos três anjos durante os sessenta anos anteriores. De facto, faltavam apenas nove dias para os sessenta anos desde o grande desapontamento de 22 de Outubro de 1844, quando estas palavras apareceram publicadas. Durante esse tempo, os adventistas tinham repetido o seu conhecimento destas verdades vitais aos incontáveis milhares e tinham com sucesso defendido a sua posição contra os ataques violentos dos seus numerosos críticos e inimigos. Depois de tudo isto, estavam muito confiantes de que sabiam tudo quanto havia para saber acerca desta Escritura. Parecia que estavam tão seguros de si mesmos que nem sequer deram pelo testemunho em *The Review and Herald*. Ele era demasiado contrário às suas convicções para ser crível.

A promessa dada por Deus através do Seu mensageiro em 1904, era que a compreensão viria em “breve”, mas isto estava, como sempre, dependente dos crentes adventistas preencherem as únicas condições pelas quais a luz podia ser derramada sobre eles. As profundezas da compreensão que devia ter vindo em *breve*, foi adiada por causa da contínua incredulidade da igreja. Qualquer exame das apresentações adventistas de *Apocalipse* 14 desde 1904, não mostrará sinal em qualquer extensão que maior profundidade tenha aparecido para juntar ao que era pregado antes desse tempo.

A razão para isto é que o Senhor não pode dar luz adicional até que a que já foi enviada seja aceite e transferida para a experiência pessoal. A luz que durante tanto tempo espera ser aceite pelo povo adventista é a mensagem que o Senhor enviou através dos Seus mensageiros pessoalmente apontados entre 1888 e 1893. Foi então que “Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos pastores Waggoner e Jones.” *Testemunhos para Ministros*, 91.

Esta mensagem foi descrita como sendo “a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito em grande medida.” *Testemunhos para Ministros*, 92.

Ainda em termos mais fortes, foi chamada “a terceira mensagem angélica em verdade.” *The Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.

Qualquer luz adicional à terceira mensagem angélica é um alargamento da compreensão de *Apocalipse* 14, o capítulo no qual estas mensagens são apresentadas. Portanto, qualquer que não esteja preparado para aceitar a luz enviada através de Waggoner e Jones não poderá possivelmente experimentar a promessa feita no testemunho de 1904. Por outro lado, deve esperar-se confiantemente que aqueles que receberam as verdades já dadas venham a compreender *Apocalipse* 14 em toda a sua extensão.

Chegou agora o tempo para esta promessa ser cumprida, pois há um crescente número de crentes à volta do mundo que, de facto, aceitaram os ensinamentos comunicados por Deus na terceira mensagem em verdade através dos Seus servos. Estes, tendo preenchido as condições, estão certos das bênçãos divinas. Quando esses nesta classe de dedicados recebedores lerem todo este livro, ficarão convencidos de que a promessa de facto começou a ser realizada.

Ao estudar a promessa contida no testemunho de 1904 deve ter-se cuidado para assegurar que não se lê erradamente. Em resposta à pergunta: “De acordo com este testemunho, que Escritura — notifiando capítulo e versículos — está para ser compreendida brevemente em toda a sua extensão?” quase invariavelmente a resposta será dada: “*Apocalipse* 14:6-12.”

Mas isto não é o que o testemunho diz. Ele estipula que “O capítulo catorze de *Apocalipse* é um capítulo do mais profundo interesse. Esta Escritura será em breve compreendida em todos os seus aspectos....”

O campo de estudo aqui indicado não deve estar limitado aos sete versículos. Deve compreender todo o capítulo. Uma cuidadosa leitura do testemunho não admite outra conclusão. Contudo, quando os compiladores de *The S.D.A Bible Commentary* compilaram o Espírito de Profecia para falarem acerca destes versículos reveladores, localizaram esta referência em relação aos versículos 6-12, em vez de a colocarem onde pertencia como um comentário de todo o capítulo.

Por que aconteceu isto?

Por causa da prévia compreensão de *Apocalipse* 14 ter sido tão limitada que nenhuma relação das partes relacionadas foi discernida. A atenção foi tão focada nesses sete versículos que tudo o mais foi olhado como sendo extra e sem importância. Para a mente adventista *Apocalipse* 14:6-12 tem sido *Apocalipse* 14. Admita-se, que alguma atenção tem sido dada aos primeiros cinco versículos que tratam dos 144.000, mas a última parte, versículos 13-20, tem sido tão totalmente ignorada que tenho sido incapaz de encontrar um único adventista que se lembre de já ter ouvido um estudo desta parte do capítulo.

O facto é que há uma íntima relação entre todas as partes deste capítulo — de tal modo que não se pode compreender as mensagens de *Apocalipse* 14 a não ser que sejam vistas “em toda a sua extensão.” Apenas quando uma parte derrama a sua luz sobre todas as outras começa realmente toda a glória da verdade a brilhar. O dedicado estudante da Bíblia que chega a este estudo depois de aceitar e experimentar a luz já dada na terceira mensagem angélica, será inspirado com ampla compreensão da luz enviada do Céu.

Nesta publicação não se tenta esgotar a luz contida em *Apocalipse* 14, pois isso requereria muitos volumes. O nosso propósito é explorar uma linha particular de pensamento — o facto que são necessários, não três mas sete anjos e os movimentos que eles representam, para finalizar a obra e preparar o caminho para a segunda vinda do Senhor. Isto constitui uma exposição verdadeiramente arrebatadora, inspiradora, solene e muito clara daquilo que o povo de Deus deve tornar-se e fazer antes que Satanás e os seus seguidores possam ser colocados de joelhos, e o caminho ser preparado para o glorioso regresso do Senhor. Também corrigirá alguns erros perigosos. É correcto dizer que esta luz deve ser compreendida e aceite antes da obra poder ser finalizada.

A informação que o Senhor deu em *Apocalipse* 14 é essencial para todos aqueles que com sucesso desempenharão uma parte divinamente designada na última grande batalha. Sem este conhecimento, estarão caminhando na direcção errada, fazendo inadequadas e incorrectas preparações e achar-se-ão na posição errada quando for demasiado tarde para corrigir os seus erros. Não é possível alguém dar excessiva ênfase à necessidade da apropriada compreensão das mensagens e movimentos dos sete anjos.

Este capítulo vital, *Apocalipse* 14, tem três divisões naturais. Os primeiros cinco versículos tratam do carácter e obra dos 144.000. Os sete versículos seguintes, a parte mais familiar do capítulo, introduz os primeiros três anjos, enquanto os últimos oito versículos revelam a obra dos últimos três dos sete, o quarto encontra-se em *Apocalipse* 18:1-4.

Começamos então o estudo garantindo que há de facto sete anjos envolvidos. Isto devia ser esperado, porque o *Apocalipse* é o livro dos setes, havendo sete igrejas, sete selos, sete trombetas e sete pragas.

O primeiro anjo é referido em *Apocalipse* 14:6, 7.

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo,

“Dizendo com grande voz: ‘Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.’”

Porque é que este anjo é chamado o primeiro quando as Escrituras se referem a ele como *outro* anjo? É porque ele é outro anjo em relação aqueles anjos que já apareceram em capítulos anteriores. Ele é o primeiro em relação a uma nova série encontrada em *Apocalipse* 14. Isto é confirmado pelo facto que o anjo que segue aquele que veio depois dele, é chamado o “terceiro anjo”. Versículo 9.

Foi perto da metade do século anterior que o primeiro anjo começou a soar através de vários pregadores no Mundo Antigo e mais particularmente através de Guilherme Miller e seus colaboradores no Novo Mundo. Em 1831 Guilherme Miller, em resposta ao chamamento pessoal de Deus, começou primeiro a apresentar as verdades revelando um Salvador que viria em breve, baseado em *Daniel* 8:14 e *Apocalipse* 14:6, 7. As suas primeiras apresentações despertaram o povo como este nunca havia sido despertado anteriormente e muitos em breve se colocaram ao seu lado. Assim nasceu o movimento do primeiro anjo exactamente como e quando predito na profecia.

“E outro anjo seguiu, dizendo: ‘Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.’” *Apocalipse* 14:8.

“A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, capítulo 14, foi primeiramente pregada no verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais directa às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada, e onde a decadência das igrejas mais rápida havia sido.” *O Grande Conflito*, 389.

Por testemunhos como estes, o tempo exacto e o local para a vinda de cada anjo estão estabelecidos para além de qualquer dúvida. Em consequência da mensagem do segundo anjo, o grande segundo movimento do advento tornou-se ainda mais claramente definido, à medida que todos os que amavam a verdade se retiravam das igrejas e formavam um movimento separado.

Assim estava preparado o caminho para o terceiro anjo aparecer, uma vez que a sua luz podia ser recebida apenas por aqueles que verdadeiramente tinham aceitado os dois primeiros e só podia ser completada por aqueles que se tinham separado das organizações de igrejas apostatadas.

“E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: ‘Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão,

“Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálix da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.

“E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome.’

“Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” *Apocalipse* 14:9-12, (ARC 1968).

Este terceiro anjo começou a sua obra imediatamente a seguir ao desapontamento que teve lugar em 22 de Outubro de 1844. Nas primeiras horas da manhã, Hiram Edson e O.R.L. Crosier caminhavam meditando num campo de milho quando o Espírito Santo iluminou a mente de Edson com a verdade que, não o terrestre, mas o santuário celestial era o assunto da profecia de *Daniel* 8:14. Esta luz explicava perfeitamente o seu desapontamento e revelava aqueles novos deveres que deviam ser atendidos antes da obra poder ser finalizada. “Encerrando-se o ministério de Jesus no lugar santo, e passando Ele para o lugar santíssimo, e ficando em pé diante da arca, a qual contém a lei de Deus, enviou um outro anjo poderoso com uma terceira mensagem ao mundo.” *Primeiros Escritos*, 254.

Assim o primeiro anjo veio em 1831, o segundo no Verão de 1844 e o terceiro no Outono do mesmo ano. Estes factos são tão bem conhecidos da mente adventista e tão prontamente confirmados, que nenhum esforço maior será feito aqui para os estabelecer.

O quarto anjo seguiu o terceiro, mas ele não está referido senão em *Apocalipse* 18:1-4. Ora em lado algum no Espírito de Profecia este anjo é designado como o “quarto”, mas referido como “o anjo cuja a glória encherá toda a terra” (*The S.D.A Bible Commentary* 7:984); “outro anjo poderoso comissionado para descer à terra, a fim de unir sua voz com o terceiro anjo, e dar poder e força à sua mensagem” (*Primeiros Escritos*, 277); “o alto clamor do terceiro anjo” (*Testemunhos para a Igreja* 1:183; *Primeiros Escritos*, 271); e enquanto “o poderoso anjo” que “descerá do céu e une a sua voz ao terceiro anjo finalizando a obra por este mundo” (*The S.D.A Bible Commentary* 7:984).

Assim, embora o anjo de *Apocalipse* 18 não seja especificamente designado como o quarto, na base do facto que ele segue o terceiro e junta o seu poder, mensagem e obra a esse anjo, está correcto identificá-lo como o quarto anjo.

Há ampla evidência para confirmar quando este anjo apareceu pela primeira vez. Foi em 1888 quando Deus enviou os Seus mensageiros pessoalmente apontados, os pastores E. J. Waggoner e A. T. Jones, para proclamar os méritos e poder de um Remidor perdoador dos pecados à igreja adventista laodicense. Foi um esforço dedicado da parte de Deus para os curar da sua mornidão e consequente legalismo e para reavivar dentro deles a viva presença de Cristo, a única esperança de glória. O Altíssimo procurava anular os maus efeitos dos seus anos de apostasia e iniciar o derramamento do Espírito Santo no poder da chuva serôdia de modo que o pecado pudesse ser acabado e a eterna justiça estabelecida. Esta foi a luz do anjo cuja glória encherá toda a Terra, como está confirmado no seguinte testemunho:

“O tempo de prova está exactamente diante de nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados. Este é o princípio da luz do anjo cuja glória há de encher a Terra.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:984 {ME1 363}.

Neste testemunho, não é feita directa referência ao ministério dos pastores Waggoner e Jones, mas é óbvio que é acerca da sua mensagem e obra que estas palavras são escritas. As especificações que

alguns podem sentir que falta nesse extracto são encontradas no que se segue:

“A indisposição de ceder a opiniões preconcebidas, e de aceitar esta verdade, estava à base de grande parte da oposição manifestada em Mineápolis contra a mensagem do Senhor através dos irmãos [E. J.] Waggoner e [A. T.] Jones. Promovendo aquela oposição, Satanás teve êxito em afastar do povo, em grande medida, o poder especial do Espírito Santo que Deus anelava comunicarlhes. O inimigo impediu-os de obter a eficiência que poderiam ter tido em levar a verdade ao mundo, como os apóstolos a proclamaram depois do dia de Pentecostes. Sofreu resistência a luz que deve iluminar toda



a Terra com a sua glória, e pela ação de nossos próprios irmãos tem sido, em grande medida, conservada afastada do mundo.” *Mensagens Escolhidas* 1:234, 235.

Este testemunho confirma positivamente que a mensagem trazida por Deus através de Waggoner e Jones era a luz do anjo cuja glória encherá toda a terra — o anjo de *Apocalipse* 18, o alto clamor do terceiro anjo.

Infelizmente, o ministério deste poderoso mensageiro do Céu não foi compreendido, apreciado ou aceite quando veio. Há muitos que inutilmente tentam argumentar que foi, mas isto não pode ser, pois, se tivesse sido aceite, a chuva serôdia teria caído e a obra teria sido finalizada muito antes disto. O anjo relutantemente “voltou de novo para” o seu “lugar” (*Oseias* 5:15), até à altura em que o seu profundo arrependimento levaria um povo a aceitar alegremente o que os pais tinham recusado.

Essa obra de restabelecimento começou em 1950 quando, naquilo que se desenvolveu como um despertamento mundial, os escritos dos pastores Waggoner e Jones foram de novo postos em circulação, muitos reconheceram o seu papel vital, e, depois de os estudarem cuidadosamente transferiram as suas mensagens para a experiência pessoal. É inteiramente verdade dizer que aqueles que aceitaram esta maravilhosa luz estão a viver hoje sob o ministério do quarto anjo e são membros deste movimento.

Alguns podem opor-se a isto perguntando: “Se o quarto anjo de facto voltou, onde está então o derramamento do Espírito Santo no poder da chuva serôdia? Onde estão os milhares que devem ser convertidos num dia, os milagres de cura, o dom das línguas?”

Aqueles que levantam estas objecções falham em compreender que há duas fases para o ministério do anjo cuja glória encherá toda a Terra. A sua primeira responsabilidade é ensinar a mensagem aos membros da igreja de Deus, pois eles não podem dar aquilo que em si mesmos não possuem. Esta é a sua preparação efectiva para a segunda fase durante a qual, uma vez totalmente preparados pela adequada educação e amplo desenvolvimento de carácter para suportar esta responsabilidade, serão os instrumentos de Deus levando ao mundo aquilo que receberam.

Estas poderosas manifestações do Espírito Santo em que grandes multidões aceitarão a verdade num curto período de tempo, os doentes serão curados, o dom de profecia restaurado em novos e velhos e os obreiros falarão línguas estrangeiras, pertence à segunda fase, não à primeira. Em 1888, por causa da sua rejeição da primeira obra, o povo de Deus nunca se qualificou para entrar na segunda fase e hoje, ainda não houve suficiente desenvolvimento da parte do Seu povo que os capacite para entrarem na segunda fase. Toda a indicação nos assegura que a obra da preparação está a avançar e em breve estará completa. Então veremos a repetição do Pentecostes.

Este quarto anjo não é o último através do qual o Senhor operará para finalizar a longa, cruel e sombria noite de pecado. Ainda há outros três, sobre os quais tudo está revelado nos últimos oito versículos de *Apocalipse* 14. “E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: ‘Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os seguem.’”

“E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda.

“E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: ‘Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda, porque já a seara da terra está madura.’”

“E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a Sua foice à terra, e a terra foi segada.” *Apocalipse* 14:13-16.

Este anjo não é o terceiro nem o quarto. Não pode ser o terceiro porque é *outro* anjo, nem pode ser o quarto, porque é o anjo de *Apocalipse* 18 e não ele que segue o terceiro. Maior evidência para confirmar isto será dada mais tarde. Essas provas demonstrarão que enquanto o anjo de *Apocalipse* 18 é o último a fazer uma obra antes do tempo de provação, o outro anjo de *Apocalipse* 14:15 aparece e faz a sua obra depois do tempo da porta da graça ser fechada, durante o tempo em que o povo de Deus está na agonia da angústia de Jacó. Quando essa evidência for mostrada, será prova convincente de que este é o quinto anjo.

Mas ele não é o último, pois, mal acabamos de ler acerca dele *outro* anjo aparece em cena.

“E saiu do templo, que está no céu, *outro* anjo, o qual também tinha uma foice aguda.” Versículo 17.

E este é também mais um anjo, não pode ser qualquer dos anjos previamente mencionados. Portanto, ele é o sexto anjo, mas não o fim da contagem, porque depois dele vem ainda outro, como está escrito:

“E saiu do altar *outro* anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: ‘Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.’” Versículo 18.

Uma vez mais a referência é feita a *outro* anjo. Além disso este vem do altar, um lugar do qual de nenhum dos outros seis se diz que veio. Sendo assim, este anjo deve ser o sétimo na sequência de anjos através dos quais a obra será finalizada.

Não há dúvida quanto à pessoa a quem o quinto anjo se dirige — É para Aquele que se senta na grande nuvem branca com a foice aguda na mão. O sétimo anjo também fala para alguém com uma foice aguda, mas nesta altura há dois que têm foices agudas, sendo o outro, o sexto anjo.

Para qual destes dois o sétimo anjo apela? A questão é respondida procurando a resposta a outra pergunta: Quem responde com acção ao seu pedido?

A resposta é: O anjo que tem a foice aguda, o sexto anjo, não o Filho do Homem que também tem uma foice para segar.

Portanto é o sexto anjo a quem o sétimo fala e responde como se segue:

“E o anjo lançou a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e atirou-as no grande lagar da ira de Deus.

“E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.” Versículos 19, 20.

Assim há sete anjos através dos quais o Senhor acabará a obra. Os primeiros quatro já chegaram e estão ocupados a fazer a obra que lhes foi determinada. Os três restantes virão em seu devido tempo. Por tanto tempo a mente adventista tem sido treinada para ver apenas três que se torna quase surpreendente que existam sete anjos envolvidos.

Há alguns anos, numa visita à Suazilândia que é um pequeno país fronteiriço da República da África do Sul, dei um estudo sobre os sete anjos a um grupo de pessoas adventistas numa pequena casa africana. As paredes eram feitas de terra, rebocada sobre uma estrutura constituída por paus e caules de plantas; o chão era também de terra e o telhado de colmo. A sala estava debilmente iluminada com velas e lâmpadas de parafina, contudo os ouvintes eram inteligentes e estavam atentos e mostravam um bom conhecimento das doutrinas adventistas.

Em resposta ao convite para fazerem perguntas uma mãe suazi perguntou: “Esses três últimos anjos também estão na minha Bíblia zulu?” Dei-lhe a certeza pedindo a um dos africanos para o lerem na sua tradução zulu. Ela ficou muito surpreendida e afirmou que nunca antes tinha notado a sua existência.

Um número surpreendente de adventistas no resto do mundo verificará que isto também é verdade acerca deles.

O propósito mais importante deste capítulo foi estabelecer para além de dúvidas o facto que há na verdade sete e não simplesmente três anjos. As terríveis implicações disto e as maravilhosas mensagens de vital instrução contidas nesta passagem serão reveladas à medida que o estudo prossiga.”



A Repetição de Um Trágico Erro

Tal como o capítulo anterior mostrou, uma cuidadosa leitura de *Apocalipse* 14 e 18 revela que não três, mas sete anjos estão envolvidos na finalização da obra. É um assunto sério e de facto muito perigoso não conhecer isto. As lições da história demonstram claramente e avisam solenemente que todo aquele que falha em ver mais do que três anjos onde na realidade existem sete, acreditará que faz parte da obra final quando na verdade não faz, terá um grave e fatal conceito errado daquilo que na realidade é a última obra de Deus no mundo, portanto concentrará os seus esforços numa preparação que não o capacitará para a crise final, falhará em andar com os anjos que vêm posteriormente à medida que aparecem, e sofrerá o último desapontamento de ser privado da vida eterna.

Estas são as inevitáveis consequências de cometer este erro. Uma é a raiz a outra é o fruto. Enquanto não souber que há sete anjos e não três e compreender claramente a obra de cada um, a pessoa não será libertada da herança desastrosa citada atrás. No livro da história do passado, há pelo menos duas situações paralelas que demonstram a verdade destas afirmações. A primeira encontra-se na experiência dos discípulos de Cristo e a segunda no movimento de 1844. O paralelo entre estas duas é apresentado em *O Grande Conflito*, 352, 353.

“É esta obra de julgamento, que precede imediatamente a segunda vinda, que é anunciada na mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:7: ‘Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo.’

“Os que proclamaram esta advertência deram a mensagem devida no devido tempo. Mas, assim como os primitivos discípulos, baseados na profecia de Daniel 9, declararam — ‘O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo’ — ao mesmo tempo em que deixaram de perceber que a morte do Messias estava predita na mesma passagem, de igual modo, Miller e seus companheiros pregaram a mensagem baseados em Daniel 8:14 e Apocalipse 14:7, e deixaram de ver que havia ainda outras mensagens apresentadas em Apocalipse 14, que também deveriam ser dadas antes do advento do Senhor.”

É evidente que os discípulos tinham uma clara compreensão de parte de *Daniel* 9. Sabiam que o ponto inicial dos 490 anos era a data conhecida para nós como 457 a.C. e tinham contado cuidadosamente os 483 anos desde esse ponto. Portanto, sabiam que Cristo tinha aparecido na altura exacta e pregaram esta verdade com grande convicção, ilustrando-a com diagramas desenhados no chão, ou exibindo uma folha de pergaminho que transportavam consigo para todos os lugares. De modo convincente argumentavam com os seus ouvintes que “O tempo está cumprido. Estamos no próprio ponto da história em que o Messias deve aparecer. Pela segura palavra da profecia Ele já cá está.”

O povo ouvia e ficava convencido, mas nem ele nem os discípulos viam e compreendiam a parte seguinte da profecia. Se bem que estivesse claramente escrito que o Messias seria tirado depois de três anos e meio de ministério, permaneciam tão ignorantes para estes factos como se os pormenores nunca tivessem sido escritos. O povo ouvia e ficava convencido, mas nem ele nem os discípulos viam e compreendiam a parte seguinte da profecia. Embora estivesse claramente escrito que o Messias seria tirado depois de três anos e meio de ministério, permaneceram tão ignorantes destes factos como se os pormenores nunca tivessem sido escritos. Cristo permaneceu como o único com conhecimento do que estava para vir, mas, apesar de lutar para despertar as suas mentes para a verdade, foi incapaz de penetrar os efeitos das décadas de educação errada e posterior cegueira.

As consequências eram tão inevitáveis como o aparecimento de espinhos na sarça.

Primeiramente, pensaram que estavam envolvidos na obra final de estabelecer o reino divino no mundo, quando de facto não estavam. Eles criam totalmente mas de forma errada, que a sua missão iria culminar na conquista do mundo pelos judeus e que o reino eterno do Messias seria em breve estabelecido. Não sabiam que outro movimento — a igreja Apostólica — devia seguir-se para avançar a obra para além daquilo que eles estavam a fazer, levando uma mensagem de amor e salvação aos gentios que pereciam e também ao mundo judeu. Assim eles estavam restringidos ao mais limitado e egocêntrico ponto de vista acerca da obra de Deus.

Segundo, não apenas cometeram o erro de supor que a sua obra era a final, mas tinham sérios conceitos errados daquilo que era a sua obra. Acreditavam que estavam comissionados para criar uma solução militar para o problema do domínio romano, em vez de procurarem a transformação do carácter humano pela aplicação do poder de Deus no evangelho de Jesus Cristo.

Naturalmente então, concentravam os seus esforços numa preparação para o tipo de reino que Cristo não tinha intenção de estabelecer. Estavam inclinados, não em revelar as dóceis graças de um verdadeiro carácter como o de Cristo, mas em alcançar cada um para si mesmo, o lugar mais elevado na monarquia esperada. Esta preocupação com as ambições humanas incapacitou-os para enfrentar a crise quando ela apareceu, como está evidenciado pela sua incapacidade em permanecer leais ao lado do seu Guia. Em vez disso, abandonaram-n'O e fugiram com receio de perderem as suas vidas.

Assim, em terceiro lugar, sofreram um desapontamento tão esmagadoramente pesado que quase perderam toda a fé e quase abandonaram totalmente a causa. De facto, aquilo que chegou tão perto de ser verdade nos casos dos onze discípulos sobreviventes, provou ser o caso de muitos daqueles que tinham seguido o Salvador até essa altura.

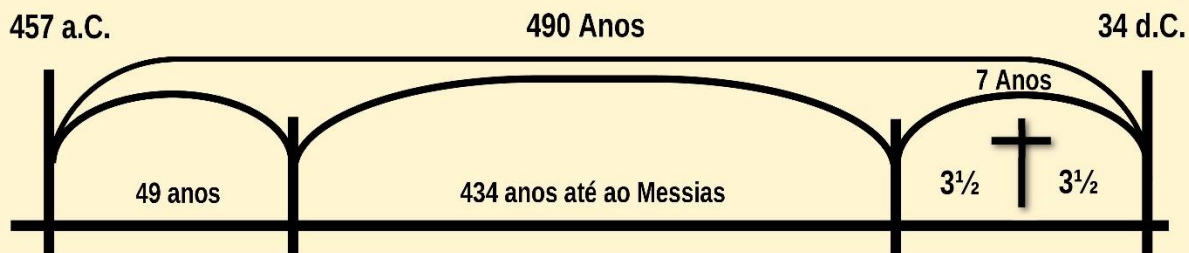
De tudo isto teriam sido poupados se tivessem compreendido a última parte da profecia tão claramente como compreenderam a primeira. Eles não teriam então concluído que a sua obra era a obra final, nem compreendido erradamente a natureza do reino que Cristo tinha vindo estabelecer. Isto tê-los-ia salvo de trabalharem tão arduamente numa errada preparação pessoal e não teriam sido apanhados sem preparação e surpresa pelos acontecimentos da crucifixão. Avaliando totalmente o que estava para vir e a razão pela qual estas coisas tinham que acontecer, não teriam sofrido o quase insuportável desapontamento que lhes sobreveio.

Felizmente para esses homens o fim do tempo de provação não coincidiu com a crucifixão, pois, se assim fosse, estariam eternamente perdidos. Para os que de nós enfrentam a crise final, não haverá tal oportunidade para a correcção dos nossos erros. Portanto, enquanto ainda temos oportunidade para aprender a verdade na preparação para a crise vindoura, temos que nos tornar bem familiarizados com os erros do passado de modo a ficarmos curados de qualquer disposição para os repetir. É agora que devemos compreender que o quarto, quinto, sexto e sétimo anjos seguem o terceiro. Devemos compreender correctamente a obra de cada um e ser capazes de acompanhar cada um à medida que forem aparecendo.

Apesar da história dos discípulos ser por si mesma suficiente para nos alertar para a necessidade de olhar além de nós mesmos a fim de vermos o que está para vir, a lição deles não é a única que pode ser estudada. As experiências através das quais os primeiros adventistas passaram são um segundo testemunho confirmando que, em qualquer parte onde o mesmo erro é cometido, os resultados serão idênticos.

Os mileritas compreenderam correctamente que o primeiro anjo era um símbolo da obra que estavam a fazer, a mensagem que eles levavam, e o movimento que conseqüentemente tinham formado. Mas, embora pareça de admirar, “deixaram de ver que havia ainda outras mensagens apresentadas em Apocalipse 14, que também deveriam ser dadas antes do advento do Senhor.” *O Grande Conflito*, 353.

Se não havia desculpa para os discípulos não compreenderem a mensagem de *Daniel* 9, ainda havia menos para os mileritas, porque *Apocalipse* 14 declara tão claramente que outros anjos viriam depois do primeiro anjo. Tão certamente como os mileritas reconheceram que simbolizavam o primeiro anjo,



Os discípulos ensinaram a profecia de *Daniel 9*, mas não viram a morte de Cristo na mesma Profecia.

Portanto:

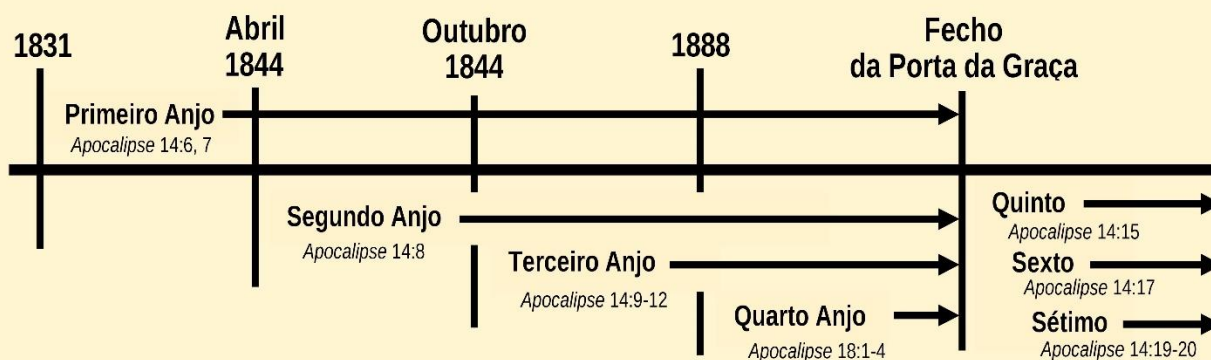
1. Ensinaram que a sua obra era a última;
2. Tinham um conceito errado dessa obra;
3. Ensinaram um erro grave;
4. E sofreram um desapontamento esmagador.



Semelhantemente, os mileritas viram apenas um anjo, quando deviam ter visto pelo menos três.

Portanto, também eles:

1. Ensinaram que a sua obra era a última;
2. Tinham um conceito errado dessa obra;
3. Ensinaram um erro grave;
4. E sofreram um desapontamento esmagador.



Os adventistas hoje vêem apenas três anjos onde deviam ver sete.

Portanto, também eles:

1. Pensam que a sua obra é a última;
2. Têm um conceito errado dessa obra;
3. Ensinam um erro grave;
4. E sofrerão um desapontamento esmagador.

deviam ter visto que os anjos seguintes indicavam outros movimentos subsequentes ao deles. Mas a sua atenção estava tão completamente centrada no primeiro anjo, que nunca viram os outros seis.

Os resultados foram exactamente os mesmos como no caso dos discípulos de Cristo. Os mileritas pensaram que estavam envolvidos na fase final da obra de Deus na Terra e estavam certos que Cristo viria em 22 de Outubro de 1844. Tinham uma ideia errada quanto à purificação do santuário, não se prepararam a si mesmos para uma posterior purificação e ministério sob a mensagem do terceiro anjo e sofreram um desapontamento de proporção tão esmagadora que poucos lhe sobreviveram. Teriam sido poupados de tudo isto se tivessem o benefício do esforço de Deus, para os iluminar no facto que outros anjos se seguiriam ao primeiro.

Contudo, antes de nos surpreendermos acerca deles, notemos que nós, juntamente com o povo adventista em geral, parámos com o terceiro anjo tal como eles fizeram com o primeiro. Por causa disto, a ideia tem sido sistemática e eficazmente inculcada nas mentes dos adventistas em toda a parte que o movimento do terceiro anjo, afirmado por eles mesmos ser a organização adventista do sétimo dia, é o último movimento que jamais servirá Deus nesta Terra. Ninguém que compreenda e aceite o ministério dos sete anjos e a verdade que cada um deles representa um novo movimento, podia jamais subcrever o fatal erro que o movimento do terceiro anjo é de facto o último. Fazê-lo é repetir o erro cometido tanto pelos discípulos de Cristo como pelos primeiros adventistas e pela mesma razão.

Tal como deve ser esperado, aqueles que hoje nunca viram para além do terceiro ou do quarto anjo têm um conceito errado do que será a obra final. Perguntai a qualquer que acredita que o movimento do terceiro ou do quarto anjo é o último, qual será a obra final e ele responderá que é a pregação do evangelho a toda a nação na Terra tão efectivamente que toda a alma viva será compelida a tomar uma decisão a favor da verdade ou contra ela. Para apoiar a sua resposta certamente citarão *Mateus* 24:14, “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.”

Certamente assim será, mas o fim referido aqui ocupa um período de tempo durante o qual a actual obra final será realizada. Ainda não é tempo para explicar isto totalmente. Primeiramente, devem ser estabelecidos certos princípios, mas estai certos de que apesar da pregação do evangelho a todo o mundo ser a obra final, não é na verdade o último testemunho a ser dado. Durante a angústia de Jacó, o povo de Deus tem uma batalha para travar e uma vitória a obter sem a qual a segunda vinda de Cristo não pode ter lugar. À medida que a missão do quinto ao sétimo anjos for estudada esta verdade tornar-se-á visível.

Podemos estar seguros que tão certamente como os adventistas hoje têm um conceito errado do que será a obra final, também estão a fazer uma preparação incorrecta para a crise final. O resultado será um desapontamento eternamente trágico quando for demasiado tarde para corrigir o erro que os incapacitou tanto para a batalha do grande dia do Deus Altíssimo como para o seu lugar no Céu.

Apenas aqueles que correctamente lêem o papel dos anjos que já vieram e ao mesmo tempo reconhecem que são apenas os primeiros de vários e vêem para além de si mesmos os movimentos que estão para aparecer, escaparão às terríveis consequências que caíram sobre os primeiros discípulos e sobre os adventistas, por estas razões podemos assegurar-nos que o estudo dos sete anjos é um momento da maior importância.

Tendo estabelecido isto, é altura de avançar para o relacionamento do quarto e quinto anjos com o fim do tempo de provação.

Dos sete anjos, o quarto, referido em *Apocalipse* 18:1-4, é o último a dar uma mensagem de advertência e súplica à raça humana. A sua obra acaba com o encerramento da provação da humanidade. Isto sugere que os últimos três anjos — o quinto, sexto e sétimo, — estão situados depois do fecho da porta da graça, e portanto durante o tempo da angústia de Jacó. Um cuidadoso exame das evidências escriturísticas mostrará que de facto assim é.

Nesta altura, alguns estão prontos para perguntar, qual seria o propósito em localizar três anjos para além do tempo em que a misericórdia ainda é válida para o que perece? Eles levantam esta questão, porque os ensinadores religiosos têm salientado durante tanto tempo que uma das maiores obras que

Cristo veio cumprir foi a salvação da humanidade perdida. Mas sem minimizar a importância da salvação das almas, Cristo veio para realizar uma obra de magnitude muito maior. Portanto, quando a obra da pregação do evangelho estiver concluída, haverá ainda outro objectivo a ser alcançado sem o qual a segunda vinda de Cristo nunca podia acontecer. Será para além do fim da provação através do ministério do movimento dos últimos três anjos que isto será realizado.

Nesta fase do estudo, não será feita qualquer tentativa para provar este ponto, pois tornar-se-á muito evidente à medida que o tema se desenvolve. Por agora, tempo e espaço será dedicado ao estabelecimento da verdade que o anjo de *Apocalipse* 18 é o último a dar uma mensagem de advertência e súplica à humanidade que perece.

Na página 603 de *O Grande Conflito* começa um capítulo com o título “O Último Convite Divino” que é devotado a um estudo de *Apocalipse* 18:1-4, assim clara e especificamente designando esta mensagem como sendo a última mensagem que jamais será dada à humanidade. Como não há advertência para além da final, este é certamente o último anjo que aparece enquanto ainda podem ser dadas advertências — o período antes do tempo de graça chegar ao fim.

Clara confirmação disto é encontrada na segunda página do capítulo nestas palavras:

“A respeito de Babilônia, no tempo referido nesta profecia, declara-se: ‘Os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus Se lembrou das iniquidades dela.’ Apoc. 18:5. Encheu a medida de sua culpa, e a destruição está a ponto de cair sobre ela. Mas Deus ainda tem um povo em Babilônia; e, antes de sobrevirem Seus juízos, esses fiéis devem ser chamados a sair, para que não sejam participantes dos seus pecados e não incorram nas suas pragas. Esta a razão de ser o movimento simbolizado pelo anjo descendo do Céu, iluminando a Terra com sua glória, e clamando fortemente com grande voz, anunciando os pecados de Babilônia. Em relação com a sua mensagem ouve-se a chamada: ‘Sai dela, povo Meu.’ Estes anúncios, unindo-se à mensagem do terceiro anjo, constituem a advertência final a ser dada aos habitantes da Terra.” *O Grande Conflito*, 604.

Este testemunho, escrito como um comentário directo à mensagem do quarto anjo, não deixa razão para dúvida que esta é a última mensagem dirigida à humanidade. Não é o único que se pode ler desta forma. Um segundo testemunho é encontrado na página 390.

“O capítulo 18 do Apocalipse indica o tempo em que, como resultado da rejeição da tríplice mensagem do capítulo 14:6-12, a igreja terá atingido completamente a condição predita pelo segundo anjo, e o povo de Deus, ainda em Babilônia, será chamado a separar-se de sua comunhão. Esta mensagem é a última que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra.” *O Grande Conflito*, 390.

Estes testemunhos são tão claros que não há necessidade de mais comentários acerca deles, podemos avançar para o exame das evidências que provam que o quinto, sexto e sétimo anjos aparecem depois da porta da graça fechar.

Antes do quinto anjo ser apresentado é dada uma ilustração do Salvador voltando à Terra para libertar o Seu povo. “E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda.” *Apocalipse* 14:14.

Cristo não se senta sobre a grande nuvem branca antes da Sua obra no lugar santíssimo ser acabada; Ele anunciou que o tempo de graça acabou para toda a humanidade; tirou as vestes de sacerdote; e vestiu as Suas vestes reais. Senta-se então na grande nuvem branca e viaja para esta Terra para ressuscitar os santos adormecidos e juntá-los aos vivos para a viagem de regresso ao Céu onde permanecerão durante o milénio. Estes factos foram revelados à irmã White numa visão no início da sua carreira como profetisa de Deus.

“O Senhor mostrou-me em visão, que Jesus se levantou, fechou a porta, e entrou no Santo dos Santos, no sétimo mês de 1844; mas Miguel levantar-se (Daniel 12:1) para libertar o Seu povo, está no futuro.

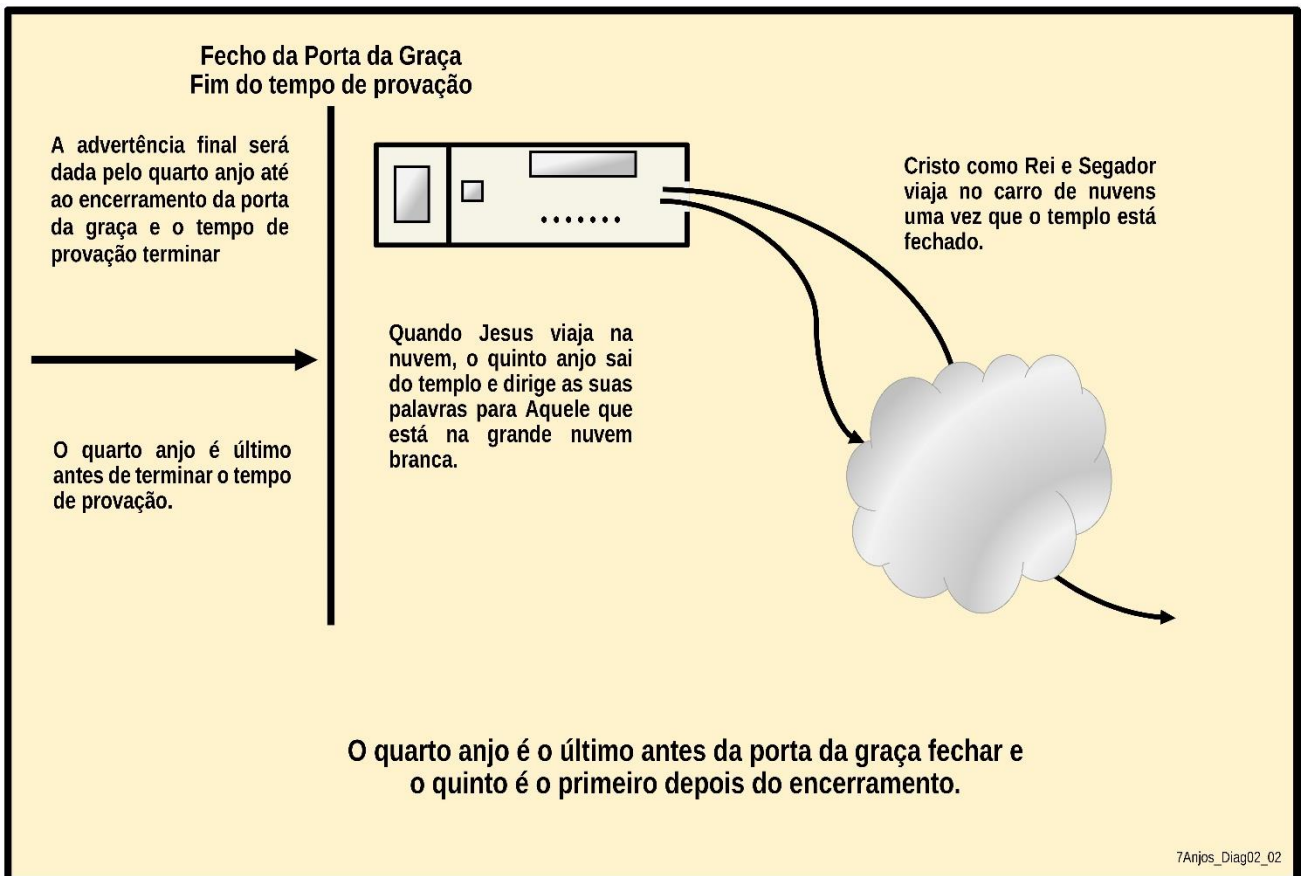
“Isto, não terá lugar, até Jesus ter finalizado a Sua obra de sacerdócio no Santuário Celestial e tirar as Suas vestes sacerdotais e colocar as Suas vestes reais, a coroa, para se sentar na carruagem de nuvens, para ‘com ira trilhar as nações,’ e libertar o Seu povo.

“Então Jesus terá uma foice aguda na mão (Apocalipse 14:14) e então os santos suplicarão dia e noite a Jesus na nuvem para lançar a foice e segar.

“Isto, será o tempo de angústia para Jacó, (Jeremias 30:5-8) do qual, os santos serão libertados pela voz de Deus.” *A Word to the Little Flock*, 12.

É enquanto Jesus está na grande nuvem branca depois de ter deixado o templo no Céu, e o tempo de provação terminar que o quinto anjo é apresentado.

“E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: ‘Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda, porque já a seara da terra está madura.’” *Apocalipse* 14:15.



A fim de dirigir a sua oração ao Rei vindouro, o anjo tem que deixar o templo e ir para onde Jesus estará nesta altura — na grande nuvem branca. A única altura em que Cristo estará na grande nuvem branca é depois do tempo de provação acabar. Portanto, a única conclusão a ser tirada destes factos é que o quinto anjo entra no palco de acção depois de Cristo ter deixado o santuário e estar a caminho da Terra durante a angústia de Jacó.

Notai também que o anjo não dirige a sua mensagem à humanidade a perecer como fizeram os quatro anteriores, pois nessa altura é muito tarde para isso. Ele fala apenas para o ser glorioso na grande nuvem branca, suplicando-Lhe que lance a Sua foice aguda e segue. Se bem que não seja visto nesta altura do estudo, as palavras proferidas pelo quinto anjo são altamente significativas. Em resposta a elas a seara da Terra é colhida.

“E Aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada.” *Apocalipse* 14:16.

O sexto e sétimo anjos seguem o quinto, pois os anjos vêm na sua ordem; não aparecem os dois simultaneamente. Isto quer dizer que os últimos dois também actuam depois da provação ter terminado e os santos estão a passar pelo tempo da angústia de Jacó. Quando o último tiver acabado a sua importante obra, o caminho estará totalmente preparado para o Salvador vir na nuvem de glória.

Assim os sete anjos seguem-se em dois grupos — os primeiros quatro cuja obra precede o encerramento da porta da graça e os três finais que vêm depois do tempo de misericórdia ter passado. A obra destes últimos três não é mais difícil de compreender do que a dos primeiros quatro e é do mesmo modo importante. Deus revelou a existência e papel destes sete anjos para que todo o Seu verdadeiro filho possa compreender o seu papel vital no encerramento do grande conflito. O estudante diligente que é abençoado com esta luz salvadora, tem uma clara e correcta ilustração do progresso dos acontecimentos finais desde o tempo em que o primeiro anjo começou a soar em 1831 até à vinda de Cristo.

Estará a salvo de pensar que o terceiro anjo ou mesmo o quarto é o último a aparecer na Terra. Saberá que estamos a viver nos dias do quarto anjo e que há mais três ainda por vir. Estará livre de sérios erros do que é a última obra; saberá exactamente que preparação é necessária para enfrentar a batalha final; e não será sujeito ao esmagador desapontamento quando a crise cair sobre toda a humanidade. Será diferente de todos os anteriores, naquilo em que pode ver para além de si mesmo o próprio fim do grande conflito. Bem-aventurada será na verdade a sua posição.



Sete Anjos — Sete Movimentos

Estamos já familiarizados com o facto que os primeiros três anjos são símbolos de movimentos. Os anjos em si mesmos não voam literalmente pelos céus pregando as suas mensagens aos que perecem. Em vez disso, sob direcção do Espírito Santo e pelo Seu poder, comunicam a sua luz aos agentes humanos que anunciam a advertência do julgamento vindouro, a queda de Babilónia e o perigo de receber o sinal da besta. Correctamente então, estas revelações são chamadas os movimentos do “primeiro”, “segundo” e “terceiro” anjos.

As verdades comunicadas através de cada um destes canais são progressivas. O primeiro anjo, equipado com o evangelho eterno que é o ilimitado poder de Deus para salvar do pecado, oferecia a libertação da escravidão espiritual a todas as nações da Terra. Em ligação com este ministério de salvação soava a advertência do juízo vindouro e todos foram aconselhados a adorar Deus como o Criador e, portanto, como a infinita Fonte de todas as coisas.

Infelizmente, devido à profunda apostasia espiritual na qual as igrejas caíram, a resposta foi muito pobre. A maioria escolheu rejeitar a mensagem, preferindo em vez disso ridicularizar e perseguir os que a apresentavam. Desconhecedores do terrível abismo de destruição para o qual se dirigiam os seus passos, endureceram os seus corações contra os convites divinos.

O resultado foi que sofreram uma profunda queda espiritual, pois é impossível rejeitar a obra da salvação de Deus e permanecer incólume a esta resistência. Uma excelente ilustração disto é encontrada na marcada deterioração da experiência moral e espiritual dos judeus enquanto persistiam na sua oposição ao Messias. De homens, que no início do ministério de Cristo possuíam um bom grau de respeitabilidade e honestidade, no final revelaram-se demónios ferozes sedentos do sangue do Salvador como animais selvagens.

Todavia, foram capazes de manter um certo ar de santidade que era totalmente assumido exteriormente, pois não havia no interior qualquer fonte de virtude. O objectivo era enganar o povo de modo que este continuasse a apoiar os mestres e guias religiosos. Tornou-se portanto, necessário Cristo arrancar-lhes as máscaras da pretensa piedade de maneira a libertar os crentes de qualquer confusão quanto ao que deviam defender. O relato de que Ele fez isto encontra-se em *Mateus* 23:1-39.

Do mesmo modo, tornou-se necessário que uma segunda mensagem seguisse a primeira em 1844. Esta nada adicionou à primeira, pois nada pode ser adicionado ao evangelho de Cristo como salienta o pastor E.J. Waggoner:

“Levanta-se a pergunta, se o terceiro anjo veio e juntou a sua voz ao clamor do primeiro e do segundo, não teremos nós algo mais a dizer ao mundo, do que aqueles que trabalharam sob a mensagem que o primeiro tinha? Bem, certamente nós não podemos ter nada mais para pregar do que o evangelho eterno. O segundo anjo anuncia o facto, que Babilónia caiu, por causa da sua apostasia do evangelho. Notai que o segundo anjo não tem qualquer verdade nova para transmitir; somente um facto, que algo havia acontecido. O terceiro anjo anuncia unicamente o castigo que cairá sobre os homens que procedem de modo diferente da verdade anunciada pelo primeiro anjo. Mas o primeiro anjo continua soando, e os três seguem juntos; e uma vez que os três continuam soando juntos; e o primeiro está a falar a respeito do evangelho eterno — que se destina a preparar os homens para estarem sem mácula perante Deus — e o terceiro anjo anuncia as punições que cairão sobre eles se não receberem o evangelho eterno, conclui-se então que todas as três mensagens são o evangelho eterno. *Bible Studies on the Book*

of Romans, 96, por E.J. Waggoner. Casa Publicadora da Igreja do Advento e do Repouso de Deus, edição de Novembro de 1981. [Vede Carta aos Romanos 16.4, 16.5.]

Uma das obras do segundo anjo é declarar a caída condição espiritual dos que rejeitaram a verdade, assim os crentes compreenderão claramente que Deus já não está com as igrejas apostatadas, embora os seus dirigentes clamem audaciosamente estarem ainda a caminhar na luz da presença de Deus e no completo gozo do Seu favor. Isto não apenas remove todo o receio de separação das estabelecidas mas decadentes igrejas, mas mostra de facto que o passo é essencial.

A queda espiritual daqueles que rejeitaram a mensagem não é a única anunciada pelo segundo mensageiro. No interior de todos aqueles que aceitaram o evangelho eterno, Babilónia, que é o sistema pelo qual o homem se exalta a si mesmo acima de Deus, foi destronada. À medida que Babilónia cai de dentro do crente, este dá um grande passo mais para cima em direcção ao reino e o abismo entre ele e aqueles que uma vez foram seus companheiros de igreja é alargado de modo a não haver ligação entre eles. Já não lhe é possível ter comunhão ou cooperar com eles sob qualquer forma. Esta falta de comunhão é mal interpretada por aqueles que estão do lado errado, como prova de um espírito de falta de amor da parte dos verdadeiros seguidores de Cristo. O facto é que, apesar dessa falta de comunhão ser devida, não a que o crente esteja destituído de amor como os seus inimigos gostariam de supor, mas porque não há associação ou ligação entre a luz e as trevas.

O terceiro anjo revela a última realização da aceitação por um lado e a rejeição por outro da mensagem do primeiro anjo. Para aqueles que recebem alegremente a salvadora luz do Céu, o selo de Deus e o lugar no Seu reino é assegurado se seguirem no conhecimento de Deus. Mas aqueles que negam o evangelho, receberão a marca da besta, o número do seu nome e a total destruição pelo fogo, cairá sobre aquele desafortunado povo.

No aparecimento de cada um destes movimentos representados pelos três anjos voando no meio do céu, há certas revelações que se repetem à medida que cada um aparece. É importante que estas sejam reconhecidas e compreendidas de modo que o crente hoje saiba com grande certeza onde deve firmar-se.

O primeiro ponto a considerar é que o homem chamado para guiar o movimento, não tinha posição de importância nas igrejas ou movimentos nos quais o novo grupo nasceu. Guilherme Miller foi o homem a quem o Senhor chamou para pregar a mensagem do primeiro anjo e foi como resultado da obra de Deus em operação por ele que o movimento do primeiro anjo nasceu e cresceu até ser uma força significativa no mundo religioso desse tempo. Mas Guilherme Miller não tinha qualquer posição de dirigente na igreja. No tempo que levou até à sua divina missão, ele foi “um agricultor bem-sucedido, um juiz de paz, e um proeminente cidadão na comunidade. Era também professor na escola dominical e superintendente, clérigo da igreja, e leitor e exortador nos serviços públicos da igreja baptista em Hampton, Nova Iorque.” *A Profética Fé dos nossos Pais* 4:476.

Teria sido virtualmente impossível o Senhor ter encontrado entre o ministério estabelecido e seus dirigentes daqueles dias, um homem que pudesse ser usado para pregar o evangelho eterno. Durante muitos anos a igreja tinha-se afundado em apostasia até que era mais importante para o clero defender a igreja e as suas tradições, do que procurar honestamente manter-se firme na verdade. O poder divino não se encontrava nas fileiras da igreja e as mentes dos ministros estavam cheias de preconceitos.

Quando chegou a altura para a luz adicional do segundo anjo, não foi através de Guilherme Miller que ela veio. Outro homem foi escolhido para a proclamação da mensagem. Ele foi Charles Fitch. Mais tarde Deus usou Samuel Snow para iniciar o clamor da meia-noite — a fase final da mensagem do segundo anjo.

O mesmo padrão continuou na apresentação do terceiro anjo. Novos dirigentes foram chamados por Deus para servir nesta altura. O.R.L. Crosier e Hiram Edson foram os primeiros a receber a luz do terceiro anjo. Enquanto atravessavam um campo de milho às primeiras horas da manhã a seguir ao grande desapontamento, viram que Cristo tinha entrado no lugar santíssimo do santuário celestial e que era isto, não o Seu esperado regresso à Terra que a profecia predizia. A palavra de Deus não tinha falhado.

Mais luz devia seguir-se através de um número de mensageiros, proeminente entre os quais estavam James e Ellen White, Joseph Bates, e J.N. Loughborough. À medida que o tempo passava, ainda outros deram a sua contribuição, mas nenhum desses que estavam relacionados com uma posição de dirigente no movimento do terceiro anjo, tinham ocupado qualquer posição de liderança no movimento anterior.

O importante desenvolvimento seguinte que marca o aparecimento de outro anjo é o início de uma grave crise e a necessidade de enviar grande luz para a enfrentar. Assim a pregação da mensagem dos primeiros três anjos levou todos os que a ouviram ao ponto de decisão de aceitar ou rejeitar o evangelho salvador de Cristo. Isto levou a uma crise que separou os que aceitaram a terceira mensagem angélica daqueles que não a aceitaram. Os que foram forçados a deixar as igrejas das quais tinham sido membros toda a vida precisavam de uma mensagem do Céu que não apenas lhes assegurasse que tinham dado o passo certo, mas também que os instruisse como ocupar a sua nova posição e como se relacionarem com os antigos irmãos. Assim o segundo anjo seguiu o primeiro e a obra de Deus avançou.

Estes acontecimentos são característicos da chegada de cada anjo e do levantamento do movimento que ele representa. Assim chegou o tempo para a pregação da mensagem do segundo anjo, quando o grande desapontamento trouxe uma terrível crise ao movimento. Isto marcou o tempo para o aparecimento da mensagem do terceiro anjo com a luz que explicava por que o Salvador não tinha vindo como eles esperavam e para revelar as verdades que os tornaria capazes de ocupar a posição para a qual tinham agora sido chamados.

Mas a queda no laodiceanismo que se seguiu ao estabelecimento do movimento da terceira mensagem angélica trouxe ainda outra crise que foi resolvida por Deus enviando o anjo de *Apocalipse* 18 ou quarto anjo. Este anjo traz a luz do terceiro anjo com uma clareza e poder que não fora totalmente visto anteriormente. Apesar de infelizmente rejeitado em 1888, ele está presentemente connosco novamente e este é o tempo, acreditamos nós, em que a sua obra terá sucesso.

Assim será que quando a obra do quarto anjo for finalizada, de novo uma terrível crise descerá sobre a igreja enquanto ela entra na angústia de Jacó. Isto anunciará o advento do quinto anjo, a ser seguido por sua vez pelo sexto e pelo sétimo. Como será visto no desenvolvimento deste estudo, os dois finais entrarão do mesmo modo no campo de acção quando uma terrível crise está a testar a existência do movimento angélico.

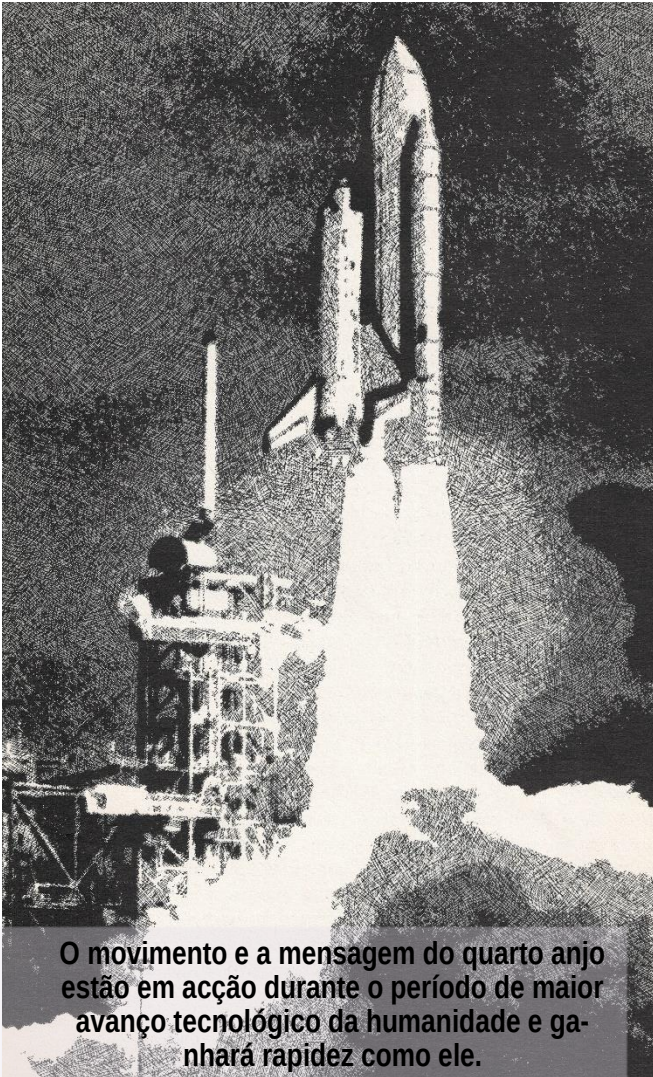
Aqueles que fizeram parte dos crentes de cada movimento, vieram predominantemente daquele que o precedeu. Assim os membros do movimento do primeiro anjo tinham previamente adorado nas igrejas da reforma que apesar da sua profunda apostasia, eram o povo de Deus naquela altura. Deixaram de ser Seu povo apenas quando rejeitaram a oferta Celestial de misericórdia e restauração. Então chegou o tempo para o segundo anjo anunciar a sua mensagem. O seu aviso e apelo foram dirigidos àqueles que tinham recebido a luz do anjo anterior, mas não mais que apenas alguns escolheram receber a verdade e avançar com ela. A maioria voltou para as igrejas caídas e tornaram-se os piores oponentes de seus antigos irmãos.

De novo, quando o terceiro anjo veio, o aviso foi dirigido àqueles que tinham recebido a luz do primeiro e do segundo anjo. Mas a saída daqueles que falharam em suportar o teste da luz adicional foi na verdade muito grande. Cerca de cinco mil estiveram no clamor da meia noite, mas quando veio o grande desapontamento, apenas alguns continuaram a acreditar na mensagem e ficaram do lado dela. Deus não tinha planeado que fosse assim, pois era Seu desejo que todos os que tinham aceitado a luz do primeiro e segundo anjos avançassem também com o terceiro. Infelizmente para eles, muitos não fizeram o esforço de estabelecer a mensagem como uma profunda experiência pessoal. Não tinham a força espiritual para enfrentar a experiência e foram achados em falta.

Se estas coisas provaram ser consistentemente verdade à medida que cada um dos três movimentos apareceu, deve esperar-se também que seja igualmente verdade com relação ao movimento do quarto anjo, e, depois de dar lugar a certas mudanças de condições, que existirão também para o quinto, sexto e sétimo anjos porque a porta da graça encerra.

Primeiramente deve ser estabelecido que o quarto anjo é tanto um símbolo de um movimento como foram os três primeiros. Isto está plenamente declarado nestas palavras:

“A respeito de Babilónia, no tempo referido nesta profecia, declara-se: ‘Os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus Se lembrou das iniquidades dela.’ *Apocalipse* 18:5. Encheu a medida de sua culpa, e a destruição está a ponto de cair sobre ela. Mas Deus ainda tem um povo em Babilónia; e, antes de sobrevirem Seus juízos, esses fiéis devem ser chamados a sair, para que não sejam participantes dos seus pecados e não incorram nas suas pragas. Esta a razão de ser *o movimento simbolizado pelo anjo* descendo do Céu, iluminando a Terra com sua glória, e clamando fortemente com grande voz, anunciando os pecados de Babilónia. Em relação com a sua mensagem ouve-se a chamada: ‘Sai dela, povo Meu.’ Estes anúncios, unindo-se à, mensagem do terceiro anjo, constituem a advertência final a ser dada aos habitantes da Terra.” *O Grande Conflito*, 603.



O movimento e a mensagem do quarto anjo estão em acção durante o período de maior avanço tecnológico da humanidade e ganhará rapidez como ele.

É o anjo de *Apocalipse* 18 que vem com grande poder iluminar todo o mundo. Este é o quarto anjo que junta a sua voz ao terceiro, como por sua vez juntou a sua ao segundo e ao primeiro. Como mencionado acima, este anjo simboliza um movimento de pessoas que será o maior que Deus jamais fez existir.

“O anjo que se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo, deve iluminar a Terra toda com a sua glória. Prediz-se com isto uma obra de extensão mundial e de extraordinário poder. O movimento adventista de 1840 a 1844 foi uma manifestação gloriosa do poder de Deus; a mensagem do primeiro anjo foi levada a todos os postos missionários do mundo, e nalguns países houve o maior interesse religioso que se tem testemunhado em qualquer nação desde a Reforma do século dezasseis; mas isto deve ser superado pelo poderoso *movimento* sob a última advertência do terceiro anjo.” *O Grande Conflito*, 609, 610.

Alguns podem ter a tendência de identificar este anjo como o terceiro, mas notai que não é o terceiro anjo mas um que “se une na proclamação da mensagem do terceiro anjo”. Este é o anjo de *Apocalipse* 18, e é outra referência provando que ele é o símbolo de um grande movimento de crentes.

Enquanto a luz deste outro anjo brilha sobre o Seu povo, o Senhor espera que eles avancem com a reveladora verdade enquanto forma o movimento do quarto anjo. Aqueles que erradamente supõem que o terceiro anjo é o último mensageiro à raça humana que perece, colocam-se a si mesmos numa posição onde serão deixados para trás enquanto a obra de Deus avança de uma para outra fase. Manter-se-ão na desastrosa posição em que luz não será encontrada para além do movimento do terceiro anjo, quando, de facto, ainda maior luz está a ser comunicada através do quarto anjo. Isto levá-los-á a rejeitarem automaticamente tudo o que não vem através dos canais aprovados por aqueles que proclamam ser membros do movimento do terceiro anjo. Os dirigentes, receando ter as suas posições ameaçadas, insistirão que a luz que proclamam tem vindo através deles é a única mensagem a seguir.

Mas os dirigentes do movimento do terceiro anjo não são aqueles a quem o Senhor confiará as revelações das Suas preciosas mensagens quando o quarto anjo soa. Todos poderão estar positivamente seguros disto por causa do padrão estabelecido no desenvolvimento das três primeiras mensagens e

Mas os dirigentes do movimento do terceiro anjo não são aqueles a quem o Senhor confiará as revelações das Suas preciosas mensagens quando o quarto anjo soa. Todos poderão estar positivamente seguros disto por causa do padrão estabelecido no desenvolvimento das três primeiras mensagens e

movimentos que as proclamaram. Tal como já foi mostrado, ninguém a quem é dada a responsabilidade de dirigente no novo movimento, teve uma posição significativa no antigo. Isto não é porque o Senhor o tenha decretado, mas por causa da operação da lei natural.

O reconhecimento destes princípios é suficiente para convencer qualquer um que novos mensageiros seriam chamados quando o quarto anjo começasse a soar. Devia haver também uma directa proclamação profética para confirmar que isto será assim, e há. O testemunho que se segue prediz isto claramente:

“Estão rapidamente se aproximando dias quando haverá grande perplexidade e confusão. Satanás, trajado com vestes angelicais, enganará, se possível, os próprios escolhidos. Haverá muitos deuses e senhores. Soprará todo vento de doutrina. Aqueles que têm rendido altas homenagens à falsamente chamada ciência não serão os líderes de então. Os que confiaram no intelecto, no gênio ou talento não permanecerão à frente das fileiras e colunas. Eles não progrediram de acordo com a luz. Os que se têm mostrado infiéis não serão então incumbidos do rebanho.” *Testemunhos para a Igreja* 5:80.

A última grande obra aqui referida é realizada durante o tempo em que a mensagem final é dada a um mundo a perecer sob o ministério do movimento do quarto anjo. Isto será feito em duas fases. Primeiramente haverá o grande período em que Deus através do Seu mensageiro delegado educa aqueles através de quem a mensagem será mais tarde transmitida no poder da chuva serôdia ao mundo. A segunda fase será quando soar o alto clamor a todas as pessoas sobre a Terra, requerendo que cada um tome a decisão por Deus ou por Satanás.

Como o testemunho confirma em ambas as fases o Senhor tem servos que não estarão em destaque. Não serão proeminentes antes dessa altura, o que quer dizer que previamente não ocuparam posições de confiança e responsabilidade. Aqueles que foram guias no movimento do terceiro anjo, certamente não têm posições idênticas no quarto. O padrão estabelecido no desenvolvimento nos primeiros três anjos permanecerá consistente durante a história do quarto. O princípio está também demonstrado no chamamento de João Baptista. O próprio Cristo, Seus discípulos, e todos os outros profetas, reis, e mensageiros a quem o Senhor chamou para o Seu serviço. De um ponto de vista humano, cada um destes veio das origens mais obscuras e humildes e eram olhados pela elite eclesiástica como sendo muito baixos para merecerem qualquer reconhecimento. Quando esses exerceram uma influência sobre o povo que eclipsou a dos pais da igreja, a inveja e ira da hierarquia não conheceu limites. Assim acontecerá repetidamente.

Isto também quer dizer que enquanto, as pessoas do movimento do quarto anjo serão inicialmente em grande número formadas por aqueles que eram membros do movimento do terceiro anjo, muito poucos dos que estão no terceiro movimento seguirão para o próximo. Uma terrível sacudidura daqueles que deviam ter continuado com a igreja de Deus, mas que em vez disso escolheram permanecer nas trevas e incredulidade, marca o tempo em que luz adicional aparece.

Os que de nós hoje olham para o poderoso ministério do quarto anjo, podem também saber o que esperar pelo que aconteceu quando ele veio, embora temporariamente, da primeira vez. Ele chegou para fazer a sua obra quando “O Senhor na Sua grande misericórdia enviou uma preciosa mensagem ao Seu povo através dos pastores Waggoner e Jones”. *Testemunhos Para Ministros*, 90.

Nenhum destes homens tinham posições de importância no movimento do terceiro anjo e permaneceriam desconhecidos hoje se não fosse a pesada responsabilidade colocada sobre eles. Deus ignorou o presidente da Conferência Geral, secretários do campo, dotados autores e os famosos missionários, para dar a Sua obra a dois desconhecidos ministros. Ele fez isto porque foi capaz de lhes ensinar a verdade e de usá-los na proclamação dela como não podia fazer com outros.

Houve na realidade uma grande sacudidura nessa altura, pois o mundo adventista estava dividido entre aqueles que estavam decididamente opostos à mensagem, aqueles que estavam confusos e duvidosos, e a minoria que a aceitava. Os mais determinados na sua oposição eram aqueles que tinham posições de confiança e responsabilidade no movimento do terceiro anjo.

A extensão da rejeição era tão grande que o esforço de Deus para estabelecer o movimento do quarto anjo falhou. O anjo foi obrigado a voltar para o seu lugar e esperar outro dia de oportunidade antes de

poder voltar pela segunda e última vez. Quando esta hora ocorreu, seria menos capaz de trabalhar através dos guias estabelecidos e encontraria poucos daqueles do movimento do terceiro anjo que respondessem a este chamamento. Contudo, terá sucesso nesta segunda tentativa em estabelecer o movimento do qual é o símbolo.

Em termos gerais, os mesmos desenvolvimentos marcarão a construção do movimento do quinto anjo. Que este anjo é do mesmo modo o símbolo de um movimento como os outros quatro, é assegurado pela interpretação provida para nós no Espírito de Profecia, em *Apocalipse* 14:15, que se lê:

“E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: ‘Lança a tua foice, e sega: é já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura.’”

Ao descrever acontecimentos que ocorrem depois do tempo de provação, o Senhor, através de sua serva escolhida, disse: “Então Jesus terá na Sua mão uma foice aguda, (*Apocalipse* 14:14) e então os santos clamarão dia e noite a Jesus na nuvem, para lançar a foice aguda e segar.” *A Word to the little Flock*, 12.

A Bíblia confirma que o “anjo” clama Àquele que se senta na grande nuvem branca suplicando-Lhe que ceife a seara da terra, mas no testemunho citado acima é declarado que os santos o fazem. Como não pode haver uma contradição entre estes dois testemunhos inspirados, somos deixados apenas com uma conclusão. Uma vez mais, o anjo é o símbolo de um movimento de pessoas, de modo que aquilo que lhe é dito para dizer e fazer, é realmente dito e feito pelo povo de Deus na Terra.

A filiação deste novo movimento será inteiramente retirada do movimento do quarto anjo, se bem que, infelizmente, de novo apenas uns quantos daqueles que pertenceram ao anterior movimento passarão para o novo. Apesar, de milhares serem convertidos num dia a maioria serão virgens loucas que serão incapazes de sobreviver no grande teste final quando ele vier. Falando desse tempo, o Senhor adverte que:

“Ao aproximar-se a tempestade, uma classe numerosa que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas não tem sido santificada pela obediência à verdade, abandona sua posição passando para as fileiras do adversário. Unindo-se ao mundo e participando de seu espírito, chegaram a ver as coisas quase sob a mesma luz; e, em vindo a prova estão prontos a escolher o lado fácil, popular. Homens de talento e maneiras agradáveis, que se haviam já regozijado na verdade, empregam sua capacidade a enganar e transviar as almas. Tornam-se os piores inimigos de seus antigos irmãos. Quando os observadores do sábado forem levados perante os tribunais para responder por sua fé, estes apóstatas serão os mais activos agentes de Satanás para representá-los falsamente e os acusar e, por meio de falsos boatos e insinuações incitar os governantes contra eles.” *O Grande Conflito*, 607.

Esta tremenda sacudidura será a repetição, numa mais ampla escala mundial, daquilo que teve lugar no grande desapontamento em 1844, quando dos cinquenta mil que responderam à advertência do clamor da meia-noite, apenas algumas dúzias sobreviveram ao terrível teste. Depois disso, avançaram para formar os núcleos do movimento do terceiro anjo.

A única diferença entre estes e os movimentos anteriores será que não há mensageiros envolvidos. Uma vez terminada a provação, nenhuma voz posterior de advertência chamará homens ao arrependimento. Terá chegado o tempo para uma obra totalmente diferente, e será realizada através de um povo tão separado e isolado uns dos outros, que nenhuma posição de responsabilidade em relação a outros crentes será possuída por qualquer um. Contudo, haverá um corpo definido de pessoas a fazer exactamente o que o Senhor tinha designado que fosse feito.

Uma questão que certamente se levantará a respeito do quinto anjo é esta: é dito que o quinto anjo vem do templo de Deus no Céu. Isto é facilmente compreendido sobre um anjo literal, mas como pode ser verdade acerca do povo de quem é dito que ele representa quando, estando fixado nesta Terra até, e mesmo depois, deste ponto, nunca ter estado no Céu? Se nunca estiveram no templo, como pode ser dito que sai dele?

É verdade que os santos na Terra não estiveram no Céu pessoalmente ou fisicamente. Não precisam de estar porque não é neste sentido que se diz que eles saem do templo. A aplicação do versículo é

espiritual, não física. A prova disto é encontrada na parábola das dez virgens tal como foi cumprido no grande segundo movimento do advento.

Na parábola, diz-se que as virgens prudentes entram para as bodas que o Pai fez para o Seu Filho em 1844. De acordo com *Primeiros Escritos*, 55, o Pai saiu do lugar Santo para o lugar Santíssimo do Santuário Celestial antes de Cristo, a fim de preparar as bodas para Ele.

“Vi o Pai erguer-Se do trono e num flamejante carro entrar no santo dos santos para dentro do véu, e assentar-Se. Então Jesus Se levantou do trono e a maior parte dos que estavam curvados ergueram-se com Ele. Não vi um raio de luz sequer passar de Jesus para a multidão descuidada depois que Ele Se levantou, e eles foram deixados em completas trevas. Os que se levantaram quando Jesus o fez, conservaram os olhos fixos n’Ele ao deixar Ele o trono e levá-los para fora a uma pequena distância. Então Ele ergueu o Seu braço direito, e ouvimo-Lo dizer com Sua amorável voz: ‘Esperai aqui; vou a Meu Pai para receber o reino; guardai os vossos vestidos sem mancha, e em breve voltarei das bodas e vos receberei para Mim mesmo.’”

Na parábola quando Cristo foi às bodas, as virgens seguiram-n’O, o que quer dizer que, num certo sentido em 1844, os crentes realmente entraram no templo de Deus no Céu, embora fisicamente, permanecessem aqui na Terra. Este ponto é claramente esclarecido no seguinte testemunho:

“A proclamação: ‘Aí vêm o Esposo!’, feita no verão de 1844, levou milhares a esperar o imediato advento do Senhor. No tempo indicado o Esposo veio, não para a Terra, como o povo esperava, mas ao Ancião de dias, no Céu, às bodas, à recepção de Seu reino. ‘As que estavam preparadas entraram com Ele para as bodas, e fechou-se a porta.’ Elas não deveriam estar presentes, em pessoa, nas bodas; pois que estas ocorrem no Céu, ao passo que elas estão na Terra. Os seguidores de Cristo devem esperar ‘o seu Senhor, quando houver de voltar das bodas.’ *Lucas* 12:36. Mas devem compreender o trabalho de Cristo e segui-Lo, pela fé, ao ir Ele perante Deus. É neste sentido que se diz irem eles às bodas.” *O Grande Conflito*, 426.

Isto significa que hoje, todo o crente em Jesus que compreende onde Ele está e o que Ele está a fazer no templo celestial neste momento, e que O seguem pela fé na Sua obra ali, foi às bodas e está portanto com Ele no templo. Quando o grande Sumo Sacerdote sair no final do tempo de provação, cada crente também, num sentido espiritual, sairá com Ele. Por conseguinte, está correcto dizer que o anjo que simboliza o quinto movimento, sai do templo de Deus no Céu.

Uma vez que tenha sido estabelecido que os primeiros cinco anjos são os símbolos de sucessivos movimentos, cada um dos quais tem uma missão designada a desempenhar, torna-se claro que os dois últimos também devem simbolizar grupos de pessoas. Assim é. Portanto, há sete anjos e sete movimentos que devem executar as suas designadas missões antes do fim poder vir.

Os crentes em Jesus devem saber que há sete anjos e não apenas três envolvidos, caso contrário serão incapazes de compreender o que deve ser realizado antes do fim poder vir, nem saberão qual a posição que irão ocupar, nem manter-se a passo com a luz à medida que esta avança rapidamente de um ponto para outro.



O Primeiro Anjo

Os primeiros três anjos, a sua mensagem e os seus movimentos são mais compreendidos do que os últimos quatro. Mais de um século e meio passou desde que o primeiro anjo começou a derramar tremenda luz sobre os que estavam dispostos a recebê-lo. Entretanto, tantos sermões têm sido pregados e livros publicados acerca destes anjos e da sua missão divinamente apontada, que todos os crentes adventistas conhecem bem estas verdades básicas.

Contudo, o cegante efeito limitador do laodiceanismo não deve ser passado por alto. Quando este factor é levado em linha de conta, deve ser esperado que o professo povo de Deus que agora afirma ser o guardião desta grande luz, mas que está afligido com a pobreza e cegueira laodicense, teria grave má compreensão a respeito da obra destes anjos.

Assim se provou ser o caso. Uma vez que a mensagem do laodiceanismo se torne aplicável ao povo do advento como foi por volta de 1858, perdeu o evangelho e desse modo perdeu a “vida” e “a luz dos homens.” *João* 1:4.¹

Todavia, ao mesmo tempo, não perderam as revelações doutrinárias e proféticas que lhes tinham sido reveladas através do ministério destes primeiros três anjos. Portanto, permaneceram confiantes que ainda possuíam e ensinavam a mensagem do terceiro anjo quando na verdade o que todos tinham era uma forma sem vida. Que estas coisas são assim é evidente da sua incapacidade de reconhecer a verdadeira mensagem do terceiro anjo quando lhes foi apresentada pelo quarto anjo através dos pastores Waggoner e Jones. Chamaram-lhe uma falsa luz e rejeitaram-na, assim como aos homens que Deus enviou e ao Deus que comissionou aqueles mensageiros. O terrível resultado foi que um grave adiamento foi introduzido na finalização da obra de Deus, tendo como resultado que hoje ainda estamos neste mundo pecador quando devíamos estar no reino.

Em face de toda a confusão acerca de quais são realmente as tarefas atribuídas a estes três anjos, é necessário rever cuidadosamente a obra deles para assegurarmos que não acariciamos qualquer compreensão errada hoje. Para tratar com este assunto compreensivamente seriam necessários tantos volumes para os quais não temos tempo e espaço aqui, mas não será preciso tratar o assunto tão exaustivamente para ganhar uma visão correcta da mensagem e missão do primeiro, segundo e terceiro anjos. Começaremos com um estudo da mensagem do primeiro anjo e o movimento que se desenvolveu sob a sua direcção.

Por causa do grande Movimento do Segundo Advento se desenvolver mais forte e rapidamente nos Estados Unidos da América, a atenção é normalmente focada no seu nascimento e desenvolvimento ali ao passo que os anteriores começos na Europa são amplamente passados por alto.

Muito curiosamente, as primeiras vozes dirigindo a atenção para as profecias que relatavam o segundo advento vieram de sacerdotes da igreja Católica Romana, o mais notável dos quais foi Manuel de Lacunza, que viveu entre 1731 e 1801. Ele nasceu de pais abastados em Santiago, Chile, América do Sul. Recebeu uma profunda educação religiosa “no *Colégio Máximo*, ou Escola Superior, e foi admitido a exame na ordem Jesuíta em 1747, com a idade de dezasseis anos. Depois de completar os seus dois anos de votos, continuou o estudo da filosofia e teologia em Bucalemu, terminado com honra. Quando terminou o seu terceiro ano de prova, recebeu as ordens sagradas. Insatisfeito quanto ao

¹ Para uma clarificação deste ponto vede o capítulo 17 de *O Destino de Um Movimento*, do mesmo autor.

silêncio e isolamento impostos por essa vida, foi-lhe dada a supervisão educativa e espiritual dos estudantes mais jovens. Mas nem mesmo isto o satisfez completamente, por isso tornou-se professor de latim e prosseguiu estudos em astronomia e geometria.

“Lacunza foi ordenado localmente como sacerdote, e em 1766 tomou os quatro votos dos jesuítas. Porém, no Outono de 1767 foi expulso do Chile, com todos os membros da ordem, pelo decreto de Carlos III de Espanha, cuja acção envolvia todos os domínios espanhóis. Lacunza foi enviado primeiramente para Cadis, Espanha, e depois colocado em Imola, perto de Bolonha, na Itália central, residindo aí até à sua morte. Não expressou amargura por causa do exílio em solo estranho, mas em 1772 retirou-se do mundo, tornando-se um eremita, ou recluso, para o resto dos seus dias, mantendo relação apenas com os seus livros. A sua vida frugal foi sem conforto, pois a pensão eclesiástica era parca. Para encontrar alívio dos seus desapontamentos, começou a estudar acerca dos pais e depois sobre as profecias, lendo todos os comentários que podia encontrar num convento próximo. Foi incansável na sua aplicação ao estudo, invocando constantemente a graça do Espírito Santo. Ele viveu uma vida de notável piedade e oração, passando cinco horas diárias nessas devoções. Ele solucionou as difíceis questões que se levantavam sobre textos por longos períodos de oração em busca de iluminação divina, na qual se juntou o seu amanuense [secretário] Padre Gonzalez Carvajal.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:307, 308, por LeRoy Edwin Froom.

Por trinta anos entregou-se ao estudo das Escrituras e descobriu a chave que há duas vindas de Cristo, uma em humildade e sofrimento que já estava no passado e outra em glória e majestade que ainda está no futuro. “Ele separou as partes confusas, e deu ênfase ao segundo advento para o *início* do milénio.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:308, por LeRoy Edwin Froom.

Por fim, escreveu as suas descobertas numa publicação com o nome *La Venida del Mesías en Gloria y Majestad (A Vinda do Messias em Glória e Majestade)*. Esta obra levou vinte anos a completar, tão exacto, exaustivo e profundo foi o seu saber. Receando que as suas descobertas fossem colocadas no *Index* das obras proibidas, produziu-a numa manuscrita sob o pseudónimo de Rabbi Juan Josafat Ben-Ezra, um cristão hebreu e dedicado ao “Cristófilo” — que amava Cristo.

“O tratado de Lacunza, produzido quase à sombra do Vaticano, chegou a Espanha e à América do Sul em manuscrito, levantando interesse e admiração imediatamente. Em breve se tornou popular na forma manuscrita e apesar da laboriosa duplicação manual, tinha uma espantosa circulação desde ‘Havana ao Cabo Horn.’ Foi traduzido para o latim e depois para o italiano. Velez, erudito advogado da igreja em Buenos Aires preparou uma elaborada refutação e começou uma longa controvérsia. Havia amigos entusiastas e acérrimos opositores. Seguiram-se acesas discussões que Lacunza esperava. A discussão agitou grandemente tanto a Europa como a América. Entretanto, Lacunza reviu o seu manuscrito e autorizou a sua publicação, enquanto deplorava as cópias imperfeitas que circulavam na Europa e nas colónias da América do Sul.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:309, por LeRoy Edwin Froom.

Manuel Lacunza morreu acidentalmente em 1801, quando foi encontrado morto na margem do rio que corre perto de Imola, mas os seus escritos sobreviveram-lhe para produzirem um maravilhoso ímpeto para o estudo do segundo advento de Cristo. Não foram impressos senão depois da sua morte, quando, apesar dos esforços da parte dos poderosos sacerdotes e bispos católicos, se espalharam pela Europa e América do Sul, dando origem tanto ao interesse como à oposição onde fossem lidos.

Em 1826, Edward Irving de Londres, um homem que viria a ter uma poderosa influência no despertamento do Movimento do Segundo Advento, leu a edição espanhola e foi profundamente afectado por ela. Começou então a traduzi-la para inglês. Ela tornou-se o assunto de muita discussão na famosa Albury Park Prophetic Conference.

Através destes espantosos meios, o interesse na segunda vinda de Cristo foi despertado na Europa e América do Sul. Os fundamentos foram lançados sobre os quais aqueles que vieram depois foram capazes de construir. Até hoje a obra continua e não parará até ao seu auge no segundo advento de Cristo.

Outros grandes mensageiros deviam seguir-se cada um na sua vez. Dez anos antes de Miller receber o seu chamamento de Deus e muito relutantemente sair a pregar o primeiro sermão sobre a mensagem do advento em 1831, Joseph Wolff começou na Ásia a pregar a segunda vinda de Cristo.

“Os trabalhos missionários de Wolff de 1821 a 1826 incluíram a Palestina, Egípto, a Península do Sinai, Mesopotâmia, Pérsia, Crimeia, Geórgia e o Império Ottomano....

“Entre os anos 1826 e 1830 Wolff viajou continuamente pela Inglaterra, Escócia, Irlanda, Holanda, Alemanha, Mediterrâneo, Malta, ilhas gregas, Egípto, Jerusalém e Chipre, com relatos contínuos em *The Jewish Expositor*....

“Entre 1835 e 1838 Wolff estava a viajar outra vez — por Gibraltar, Malta, Egípto, Mt. Sinai, Jiddah, Masowah (África), Kamazien, Tigre, Abissínia, Bombaim, St. Helena e por fim nos Estados Unidos e Inglaterra.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:470, 471, por LeRoy Edwin Froom.

Joseph Wolff foi um poderoso pregador da mensagem do primeiro anjo. Ele esperava que Cristo viesse em 1847 e proclamou isto onde quer que fosse com base nas profecias de *Daniel*. Mas ele não foi o único. No momento em que o papado caiu em 1798, o interesse dos estudantes da Bíblia moveu-se imediatamente da profecia dos 1.260 para os 2.300 anos. Quando a luz começou a abrir-se nas mentes em que o Espírito Santo foi convidado a ministrar, aqueles que foram assim abençoados não podiam evitar escrever e pregar o que lhes tinha sido revelado. Muitos destes nomes são desconhecidos dos crentes adventistas de hoje, contudo, eles têm um lugar muito importante no desenvolvimento da mensagem do primeiro anjo.

Entre eles esteve John Tudor, editor de *Church of England Quartely Review*; Guilherme Jones, um escritor religioso baptista; Alphonse M. F. Nicole, um proeminente advogado suíço; John Fry, um graduado de University College, Oxford, Inglaterra; Henry Drummond, um banqueiro e membro do parlamento que fez uma tremenda contribuição para o despertamento; e James H. Frere que, com Edward Irving e Lewis Way, formou a Prophetic Investigation Society na Inglaterra para o estudo da profecia e produziu a publicação trimestral *The Morning Watch*. A Sociedade foi formada em 1826, mas ainda florescia em 1848.

Talvez o mais conhecido de todos os envolvidos no despertamento adventista britânico foi Edward Irving que viveu entre 1792 e 1834. Este homem provou ser um pregador muito dotado cuja congregação se tornou tão grande e rica que tiveram que se mudar para uma nova igreja em Regent Square. “Ali um milhar de pessoas enchia a igreja domingo após domingo para ouvir as longas exposições da profecia de Irving. Em 1828 ele encetou uma viagem pela Escócia para proclamar o iminente advento. As superlotadas galerias das maiores igrejas não podiam acomodar as multidões, onde ele era ouvido com entusiasmo. O povo de Edimburgo saiu para ouvi-lo às cinco da manhã. Em Holywood e Duncourse ele pregou a uma congregação ao ar livre de 10,000 a 12,000 pessoas. Antes em 1829 o jornal trimestral das profecias não cumpridas *The Morning Watch*, foi fundado pelos membros da Albury Conference.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:516, por LeRoy Edwin Froom.

Quando, em 1830, ele escreveu um tratado sobre a natureza humana de Cristo, foram lançadas contra ele acusações de heresia. Profundamente preocupado, deixou de escrever enquanto examinava o seu coração com lágrimas e oração, mas apenas se convenceu mais da sua firmeza teológica. Mais problemas se levantaram quando na sua congregação alguns começaram a falar línguas desconhecidas o que levou os dirigentes da igreja a negar-lhe o púlpito em 1832. Cerca de 800 membros da sua congregação de Londres juntaram-se a ele, mas depois de uma viagem à Escócia onde pregou a grandes multidões ao ar livre, voltou a Londres onde verificou que tinha perdido a sua congregação e que lhe tinha sido atribuída uma baixa posição. A sua saúde declinou rapidamente e morreu em Glasgow em 1834. Contudo, teve uma brilhante carreira e uma pessoa que deu uma grande proeminência persuasiva ao despertamento do advento.

Aqueles que aprenderam a importância da natureza humana e sabem que declarar que Ele veio em carne e sangue santos sem pecado é fazer parte do anticristo, teriam grande interesse em saber exactamente o que este grande pregador ensinou sobre este assunto. Estava ele a caminhar para o fanatismo devido ao orgulho do seu grande sucesso, ou estava ele a sair das trevas que dominaram a Europa



Igreja Regent Square Presbyterian, Londres, Inglaterra, onde Edward Irving pregou as apresentações sobre a profecia.

durante tanto tempo? Podia acreditar-se e mesmo esperar que fosse o último. A descrição do que se segue a respeito do que ele ensinou neste campo torna muito claro que era ele quem estava certo e não os pais da igreja que o retiraram do púlpito.

“Irving tinha entretanto desenvolvido a opinião que Cristo veio na carne caída e pecaminosa, com apetites e desejos semelhantes e que a obra do Espírito era subjugar e manter sob controlo todos os movimentos da carne, o que na verdade fez. E esta mesma obra, pensou ele, o Espírito Santo deve fazer no homem até que ele seja liberto do pe-

cado. Junto com isto estava a crença que os completos e milagrosos dons do Espírito deviam habitar na igreja e os homens falham em possuí-los devido à sua falta de fé e que deviam orar diligente e continuamente por estes dons. Esta posição provocou ataques sobre Irving de todos os quadrantes e discussões sobre os dons espirituais tanto dos jornais como dos livros, por homens como M’Neile, Pym, Noel e Leslie.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:525, por LeRoy Edwin Froom.

É muito interessante ver esta posição a desenvolver-se tão cedo no aparecimento do despertamento adventista. Edward Irving tinha a verdade neste assunto. A conclusão que uma pessoa pode viver uma vida sem pecado é consistente com o ensinamento que Cristo veio na mesma carne e sangue daqueles que veio salvar.

Outro desenvolvimento e um dos mais notáveis no levantamento do movimento do advento na Europa, foi a operação da inspiração do Espírito Santo através de pregadores infantis na Suécia. É feita referência a elas em *O Grande Conflito*, 366, 367.

“Na Escandinávia, também, a mensagem do advento foi proclamada e suscitou grande interesse. Muitos despertaram do descuidoso sentimento de segurança para confessar e abandonar seus pecados, buscando perdão em Cristo. O clero da igreja do Estado, porém, opôs-se ao movimento, e por meio de sua influência alguns que pregavam a mensagem foram lançados na prisão. Em muitos lugares, onde os pregadores da próxima vinda do Senhor foram desta maneira silenciados, Deus Se serviu enviar a mensagem de um modo miraculoso, por meio de criancinhas. Como fossem menores, a lei do Estado não as poderia proibir, e foi-lhes permitido falar sem serem molestadas.

“O movimento ocorreu, principalmente, entre as classes mais humildes, e o povo reunia-se nas modestas moradas dos trabalhadores para ouvir a advertência. Os mesmos pregadores infantis eram na maior parte habitantes pobres de cabanas. Alguns deles não tinham mais de seis ou oito anos de idade; e, ao mesmo tempo que sua vida testificava que amavam o Salvador e procuravam viver em obediência aos santos mandamentos de Deus, manifestavam, de ordinário, apenas a habilidade e inteligência que geralmente se vêem nas crianças daquela idade. Quando se encontravam em pé diante do povo, evidenciava-se, entretanto, que eram movidos por uma influência acima dos seus dotes naturais. O tom da voz e as maneiras se transformavam, e com poder solene faziam a advertência do juízo, empregando as próprias palavras das Escrituras: ‘Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora de Seu juízo.’ Reprovavam os pecados do povo, não somente condenando a imoralidade e o vício, mas repreendendo o mundanismo e a apostasia, admoestando os ouvintes a que fugissem apressadamente da ira vindoura.

“O povo ouvia com tremor. O Espírito convincente de Deus falava-lhes ao coração. Muitos eram levados a pesquisar as Escrituras com novo e mais profundo interesse; os intemperantes e imorais

corrigiam-se; outros abandonavam as práticas desonestas, e fazia-se uma obra tão assinalada, que mesmo pastores da igreja do Estado eram obrigados a reconhecer que a mão de Deus estava no movimento.

“Era vontade de Deus que as novas da vinda do Salvador fossem dadas nos países escandinavos; e, quando silenciou a voz de Seus servos, pôs Ele Seu Espírito sobre as crianças para que a obra pudesse cumprir-se.”

Estes notáveis acontecimentos tiveram lugar nos anos 1840 precisamente poucos anos antes do final da profecia dos 2.300 anos.

“Quando na Suécia em 1885, Ellen G. White, quando inquirida acerca destes episódios, declarou que os filhos assim afectados estavam inconscientes do que se passava à sua volta. Elas tinham todas as características daqueles que estavam em visão de Deus e falavam com poder convincente que causavam grande influência. Elas perderam o seu comportamento infantil e falavam com toda a força e poder de homens e mulheres crescidos. Muitos dos que as viram e ouviram firmemente creram que Deus estava a usá-las para proclamar a mensagem profeticamente esperada nessa altura. No relato de uma testemunha ocular de uma assembleia numa casa de campo, dirigida por uma menina pregadora, é citado:

“Quando as restantes [pessoas] tinham chegado, as suas maneiras mudaram completamente, tanto na intrepidez como nos movimentos, indicando claramente que ela estava movida por um poder invisível, e não pelos seus próprios dons naturais. Quando começou a falar, a sua voz também mudou. Ela disse, ‘Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque é vinda a hora do juízo.’ Ela reprovou pecados, como o beber, roubo, adultério, blasfémia, maledicência e também reprovou os frequentadores de igrejas por apoiarem a igreja com vista aos seus negócios mundanos, em vez de ouvirem a palavra de Deus e conformarem a sua vida com ela. A sua voz e palavras eram solenes. Muitos choravam e suspiravam. Era-lhes dito que lhes havia sido dado tempo para se arrependem, mas tinham que o fazer imediatamente e não adiarem.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:674, por LeRoy Edwin Froom.

A mensagem e obra do primeiro anjo eram também visíveis na Suíça, França e Alemanha. O mensageiro mais digno de atenção foi Louis Gaussen, cuja obra é descrita em *O Grande Conflito*, 364-366. Ele adoptou a estratégia de trabalhar com as crianças na esperança que assim achasse acesso aos pais. O plano resultou extremamente bem e em breve considerável número de adultos vieram para ouvir e serem abençoados.

“Conquanto um dos mais distintos e queridos pregadores da língua francesa, Gaussen, depois de algum tempo, foi suspenso do ministério pela falta principal de usar a Bíblia, ao dar instrução aos jovens, em vez do catecismo da igreja — manual fraco e racionalista, quase destituído de fé positiva. Mais tarde se tornou professor numa escola de teologia, e aos domingos continuava seu trabalho como catequista, falando às crianças e instruindo-as nas Escrituras. Suas obras sobre as profecias despertaram também muito interesse. Da cátedra de professor, por intermédio da imprensa, e pela sua ocupação favorita como mestre de crianças continuou durante muitos anos a exercer vasta influência, sendo o instrumento a chamar a atenção de muitos para o estudo das profecias que indicavam a próxima vinda do Senhor.” *O Grande Conflito*, 366.

“Na Alemanha, a doutrina fora ensinada no século XVIII por Bengel, pastor da Igreja Luterana e célebre sábio e crítico da Bíblia. Completando sua educação, Bengel ‘havia-se dedicado ao estudo de teologia, a quem o pendor de seu espírito grave e religioso, acentuado e fortalecido pelo seu primitivo ensino e disciplina, naturalmente o inclinava. Como outros jovens de carácter meditativo, antes e depois dele, teve que lutar com dúvidas e dificuldades de natureza religiosa; e ele faz alusão, muito sentidamente, às muitas setas que lhe traspassavam o pobre coração, tornando-lhe a juventude difícil de suportar’. — Enciclopédia Britânica, art. Bengel. Ao tornar-se membro do consistório de Wuerttemberg, advogou a causa da liberdade religiosa. ‘Ao passo que mantinha os direitos e privilégios da igreja, defendia toda liberdade razoável aos que se sentiam obrigados, por motivos de consciência, a retirar-se de sua comunhão.’ — Enciclopédia Britânica. Os bons efeitos desta política são ainda sentidos em sua província natal.

“Foi enquanto preparava um sermão sobre Apocalipse 21, para o ‘Domingo do Advento’, que a luz da segunda vinda de Cristo raiou no espírito de Bengel. As profecias do Apocalipse desvendaram-se-lhe à compreensão como nunca dantes. Vencido pela intuição da importância estupenda e extraordinária glória das cenas apresentadas pelo profeta, foi obrigado a desviar-se por algum tempo da contemplação do assunto. No púlpito este se lhe apresentou novamente em toda a sua clareza e poder. Desde aquele tempo se dedicou ao estudo das profecias, especialmente as do Apocalipse, e logo chegou à crença de que elas mostravam a proximidade da vinda de Cristo. A data que fixou como o tempo do segundo advento diferia, em muito poucos anos, da que mais tarde Miller admitiu.

“Os escritos de Bengel têm sido espalhados por toda a cristandade. Suas idéias sobre profecias foram, de modo geral, recebidas em seu próprio Estado de Wuerttemberg, e até certo ponto em outras partes da Alemanha. O movimento continuou depois de sua morte, e a mensagem do advento ouviu-se na Alemanha ao mesmo tempo em que despertava a atenção dos homens em outras terras. Logo no início alguns dos crentes foram à Rússia e ali formaram colônias; e a crença na próxima vinda de Cristo é ainda mantida pelas igrejas alemãs daquele país.” *O Grande Conflito*, 363, 364.

Cada um destes e muitos outros deram testemunho nas suas áreas individuais, desde o jesuíta católico romano, Manuel Lacunza, que estudou a mensagem e enviou os seus escritos do seu retiro virtualmente à sombra do centro do poder papal; através de Joseph Wolff, o missionário do mundo; às pequenas crianças na Suécia que proclamaram a mensagem sob a inspiração directa do Espírito Santo.

Muitas destas testemunhas nunca se encontraram entre si e noutros casos ignoravam a existência uns dos outros. Contudo, houve uma notável reunião onde estudantes daquelas profecias que se relacionavam com a segunda vinda de Cristo, se reuniram para orar e estudar mais. Esta reunião dava-se em Londres todos os anos entre 1826 e 1830, foi chamada The Albury Park Prophetic Conference.

“Num desejo de comparar opiniões e chegar a uma melhor e mais unida compreensão das profecias relativas aos tempos, grupos de comentadores mantiveram reuniões periódicas no Verão de 1826. Depois, sob sugestão de Lewis Way, Henry Drummond convidou por carta certos ministros e homens de leis que ele cria estarem interessados em se reunir pelo final do ano para uma semana completa de estudo e discussão ininterrupto. Vinte estudantes da profecia responderam ao primeiro chamado, Joseph Wolff estava entre esse número e Hugh M’Neile, reitor da paróquia de Albury, serviu de moderador.

“Assim a primeira Conferência Profética sobre o Despertamento do Advento na Europa aconteceu — a primeira do seu género, aparentemente, na história moderna da igreja. O luxuoso palacete de Albury Park, perto de Guilford, em Surrey, alcançado por uma estrada fácil através de bosques, foi admiravelmente apropriado para uma tal assembleia. Proporcionava retirados passeios à sombra para contemplação ou discussão. Os participantes estavam vitalmente interessados nos sinais imediatos do cumprimento da profecia e estavam ansiosos para encontrar aplicações satisfatórias para pontos divergentes.

“Estas conferências foram repetidas anualmente até 1830. Quarenta e quatro pessoas ao todo assistiram a uma ou mais, representando várias igrejas e comunidades. O carácter inter-igreja do grupo é revelado pelo facto que dezanove eram homens do clero da Inglaterra, um era morávio, dois ministros dissidentes, quatro ministros da igreja oficial da Escócia, onze homens de leis da Inglaterra, um advogado presbítero escocês e seis outros eram de credo indefinido. Nomes bem conhecidos incluíam Drummond, M’Neile, Cuninghame, Wolff, Irving, Daniel Wilson (depois bispo de Calcutá), Frére, Hawtrey, Vaughan, Bayford, Stewart, Simons, Marsh, John Tudor (mais tarde editor de *The Morning Watch*) e Lord Mandeville.” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 3:449, 450, por LeRoy Edwin Froom.

Durante estas conferências o dia era todo devotado à oração, estudo e debates. Havia três sessões diárias, a primeira, antes do pequeno-almoço, a segunda, antes do almoço e a terceira ao fim da tarde. Um orador escolhido apresentava um tópico durante a primeira sessão que durava uma hora, enquanto os outros ouviam atentamente e tomavam notas sobre aquilo que ouviam. Voltavam a encontrar-se às onze. Durante as duas horas que se seguiam ao estudo bíblico da manhã, era servido o pequeno-almoço,

mas a principal ocupação durante esse período era a estudiosa consideração do estudo da manhã acompanhada de oração.

Depois de estarem de novo sentados à volta da grande mesa de conferência e terem intercedido pela presença e ministério do Espírito Santo, o moderador pedia a cada pessoa que na sua vez exprimisse as suas convicções sobre os pensamentos apresentados no estudo da manhã. Quatro ou cinco horas eram passadas desta maneira em que cada um claramente, mas com cortesia apresentava o que havia descoberto sobre o assunto.

A sessão final acontecia depois da ceia em que se devotava tempo a qualquer questão ou dificuldade que tivesse surgido durante as sessões do dia. Os procedimentos continuavam no espírito de diligente oração, ampla fé e profunda dedicação à verdade. Os que estavam presentes eram grandemente abençoados e levavam consigo a solene compreensão que estavam a viver nos últimos dias da história humana.

Isto era de esperar em vista da solene e alarmante natureza da mensagem do primeiro anjo. Sempre que estas grandes verdades eram pregadas, primeiramente no Velho Mundo e depois no Novo, incitavam almas a procurar o arrependimento, ou exasperavam-nos de modo a perseguirem e oporem-se à obra de Deus e dos que se consagravam a ela.

Como esta breve história mostra, houve um despertamento muito activo, profundo e significativo na Europa, Ásia, África e América do Sul antes do poderoso movimento do Advento abrir caminho nos Estados Unidos da América. Houve outra diferença e foi que no mundo de Lacunza, Irving, Wolff e das crianças suíças, a pregação de uma data definida para o segundo advento de Cristo não figurou tão proeminentemente ou especificamente como aconteceu do outro lado do Atlântico, com o resultado que os crentes não sofreram o mesmo terrível desapontamento como aconteceu nos Estados Unidos. Contudo, o despertamento na Europa esmoreceu depois do tempo esperado ter passado.

Felizmente, não se provou ser este o caso com o movimento do Advento na América do Norte. Embora sofrendo um desapontamento tão esmagador em 1844, que quase destruiu o movimento, o Senhor foi capaz de enviar luz através das trevas para dar nova direcção e ímpeto à obra. O povo de Deus com renovada coragem avançou para construir o poderoso movimento do Advento que se disseminou desde os Estados Unidos até encher o mundo.

O pai fundador desse movimento foi Guilherme Miller, um agricultor honesto que se tinha desiludido com os ensinamentos religiosos dos seus dias e voltou-se para o seu próprio estudo pessoal da palavra de Deus a fim de aprender a verdade como ali está escrita. Ele nasceu em 1782 e morreu em 1849.

Quando rapaz tinha uma ávida sede de conhecimento e leu todos os livros que conseguia. Muitos destes apresentavam sentimentos infieis uma vez que era o tempo em que o agnóstico e o ateu era popular. A leitura destes livros e a sua associação com deístas levou-o a duvidar da autoridade e autenticidade das Escrituras e a pô-las de parte. Conquanto se encontrasse numa situação pior em resultado, manteve estas opiniões durante quase doze anos.

Ele experimentou um crescente sentido de falta de esperança e receava pelo futuro e carregou este desespero até ao dia em que o Senhor lançou luz na sua mente. “‘Subitamente’, diz ele, ‘gravou-se-me ao vivo no espírito o carácter de um Salvador. Pareceu-me que bem poderia existir um Ser tão bom e compassivo que por nossas transgressões fizesse expiação, livrando-nos, assim, de sofrer a pena do pecado. Compreendi desde logo quão amável esse Ente deveria ser, e imaginei poder lançar-me aos Seus braços, confiante em Sua misericórdia. Mas surgiu a questão: Como se pode provar a existência desse Ser? Afora a Bíblia, achei que não poderia obter prova da existência de semelhante Salvador, nem sequer de uma existência futura. ...

“‘Vi que a Escritura Sagrada apresentava precisamente um Salvador como o que necessitava; e fiquei perplexo por ver como um livro não inspirado desenvolvia princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo decaído. Fui constrangido a admitir que as Escrituras devem ser uma revelação de Deus. Elas tornaram-se o meu deleite; e em Jesus encontrei um amigo. O Salvador tornou-Se para mim o primeiro entre dez mil; e as Escrituras, que antes eram obscuras e contraditórias,

tornaram-se agora a lâmpada para os meus pés e luz para meu caminho. Meu espírito tranqüilizou-se e ficou satisfeito. Achei que o Senhor Deus é uma Rocha em meio do oceano da vida. A Bíblia tornou-se então o meu estudo principal e, posso em verdade dizer, pesquisava-a com grande deleite. Vi que a metade nunca se me havia dito. Admirava-me de que me não tivesse apercebido antes, de sua beleza e glória; e maravilhava-me de que já a pudesse haver rejeitado. Tudo que o coração poderia desejar, encontrei revelado, como um remédio para toda enfermidade da alma. Perdi todo o gosto para outra leitura, e apliquei o coração a obter a sabedoria de Deus.” *O Grande Conflito*, 319.

Guilherme Miller nunca tinha planeado o momento, lugar e método pelo qual esta conversão viria. Foi o seu Pai celestial que fez tudo, não só trazer-lhe salvação pessoal, mas também efectuar nele uma poderosa preparação espiritual para a sua futura grande obra. Este é um padrão distinto que aparece nas vidas de todos a quem o Senhor chama para serem seus mensageiros. Martinho Lutero descobriu-o quando lutava penosamente em Roma na “escada de S. Pedro”; veio a John Wesley na sala de reunião na rua Aldersgate, Londres; e à irmã White na sua juventude antes do grande desapontamento testar os crentes em 1844. Esta conversão deve ser experimentada por todos aqueles que são chamados por Deus para serem mensageiros na causa de Deus, porque a obra do evangelho apenas pode ser levada avante por aqueles que primeiro a possuem. Quando alguém afirma ser mensageiro por designação divina mas não pode referir-se a uma específica experiência de libertação do senhor do pecado, não tem por isto bases suficientes para o seu ministério. Não tenhais receio de vos separar dessa pessoa.

Tendo sido assim transformado, Guilherme Miller devotou os dois anos seguintes ao estudo das Escrituras. Ele seguiu um procedimento muito seguro e acertado, o ponto principal do qual foi aceitar que a Bíblia é o seu próprio intérprete.

- Esforçou-se por deixar de lado todas as ideias preconcebidas e comentários humanos;
- Comparou Escritura com Escritura;
- Estudou de maneira regular e metódica;
- Começou com *Gênesis* e leu para a frente versículo a versículo;
- E avançou apenas quando o significado era descoberto;
- Quando encontrou alguma coisa obscura, comparou todos os textos que pareciam ter implicação na dificuldade;
- E trabalhava nisto até que a obscuridade era substituída pela claridade. Assim para cada texto difícil de entender;
- Encontrou uma explicação em alguma outra parte das Escrituras.

Vede *O Grande Conflito*, 320.

Em 1818, no final dos dois anos de intenso estudo, chegou à solene conclusão que Cristo viria em cerca de 25 anos, mas estas descobertas estavam tão fora da harmonia com os ensinamentos do seu tempo, que pôs em dúvida se apenas ele estava certo e tantos outros em erro.

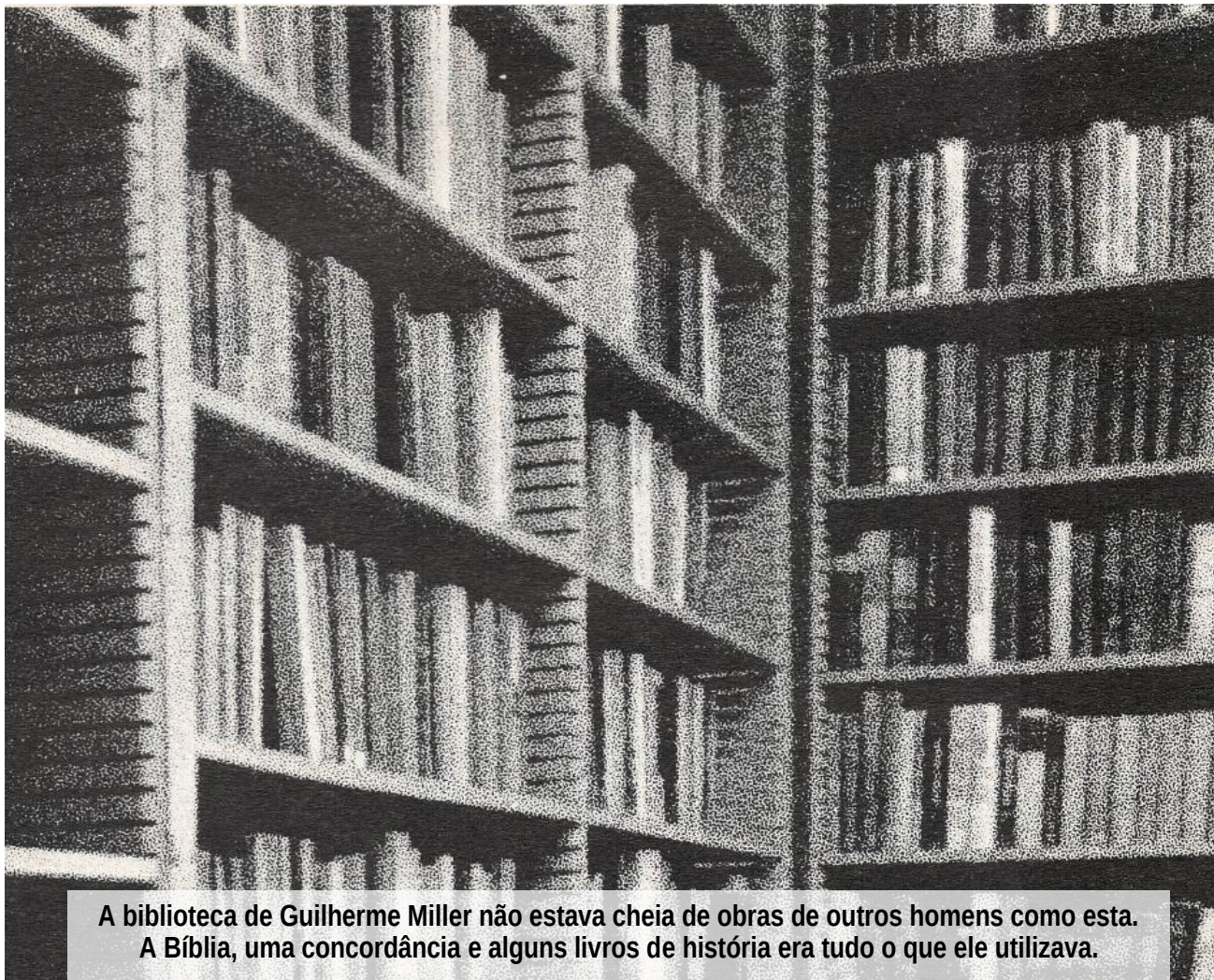
Para se proteger de desviar outros e ele mesmo, dedicou os cinco anos seguintes à mais cuidadosa verificação e reavaliação das ideias recentemente formadas, mas foi incapaz de descobrir quaisquer erros básicos nos seus ensinamentos.

A responsabilidade de dizer aos outros começou agora a pesar fortemente na sua mente, mas olhando para si próprio como uma pessoa não preparada, excepto de forma pessoal calma, para comunicar tão momentosa luz, não proclamou publicamente estas verdades até que, passados nove anos de hesitação, veio o chamamento de Deus para uma ocupação a tempo inteiro no evangelismo público com clareza, força e poder que ele não se atreveu a recusar.

“A agonia e luta interior de consciência que se aprofundava em Miller acerca do seu dever de falar sobre as suas convicções ao mundo teve o seu clímax num movimentado dia de verão em 1831. Era o segundo sábado do mês, que era 13 de Agosto, e Miller estava em casa em Low Hampton. Tinha terminado o pequeno-almoço, e tinha passado um pouco de tempo na sua secretária antiga na agradável sala leste da sua casa, examinando mais sobre ‘o mesmo ponto’ no seu estudo. Quando se levantou para retomar a mesma tarefa, veio a convicção à sua mente com maior preminência do que jamais antes, ‘vai e di-lo ao mundo.’ Foi como se Deus tivesse dito estas palavras. A impressão era tão real e tão

poderosa que caiu para trás na sua gasta cadeira e entrou num verdadeiro diálogo a respeito do assunto. ‘Não posso ir, Senhor,’ disse ele. ‘Porque não?’ parecia vir a pergunta em resposta.

“Miller reuniu todas as antigas desculpas infundadas que podia juntar – a sua idade, não ser pregador, falta de treino, falta de capacidade, lentidão na fala, etc. mas nenhuma delas, ou todas elas juntas, podia silenciar a voz da convicção que insistia que era o seu dever partilhar a sua fé com outros de forma pública. A sua angústia de alma era tão grande que entrou depois e ali num solene concerto com Deus, selado com a oração, que se Deus definitivamente abrisse o caminho ele iria e cumpriria o seu dever para com o mundo.



A biblioteca de Guilherme Miller não estava cheia de obras de outros homens como esta. A Bíblia, uma concordância e alguns livros de história era tudo o que ele utilizava.

“Assim, depois da longa, luta difícil, consentiu em sair e tentar falar do assunto *se o Senhor abrisse o caminho*. Não lhe passava pela cabeça que dentro de uma curta meia hora seria confrontado com essa abertura. Ele tinha pensado que estava seguro, com os termos das suas condições, de ter que pôr em prática o seu acordo. O seu fardo parecia ter sido levantado e sentiu-se aliviado. Mas precisamente nesse momento um rapaz de dezasseis anos estava a descer a estrada num cavalo vindo das imediações de Dresden para Low Hampton, levando o convite a Miller para ir e dizer aos membros da igreja Baptista de Dresden as suas opiniões a respeito do segundo advento.

“Este rapaz, Irving Guilford, era o sobrinho de Miller, o filho da sua irmã Sílvia, que, com o seu marido Silas, eram dirigentes fiéis na igreja Baptista de Dresden. Eles tinham estado a discutir a ausência do seu pastor durante os próximos dias e Silas propôs que pedissem a ‘Guilherme’ que viesse para o domingo, e lhes contasse as suas convicções acerca do segundo advento, baseado no estudo pessoal da Bíblia durante anos. Eles reuniram os vizinhos, a maioria baptistas, e apenas podiam falar a respeito do assunto se ele não se importasse de pregar. O grupo da igreja podia mesmo reunir na

grande sala da sua casa, em lugar da igreja, se isso se tornasse mais fácil para ele. Assim tinham enviado o rapaz, que chegou à porta da casa de Miller pouco depois do seu solene concerto com o Senhor.

“Em seguida veio o toque à porta de Miller, e Irving Guilford entrou e entregou a sua mensagem – que ‘o nosso ministro está ausente, e o grupo deseja que venha e fale ao povo acerca do segundo advento de Cristo. Virão os vizinhos à nossa casa, e terá ali toda a igreja.’ O espantado Miller foi fulminado, e estava zangado consigo mesmo por ter feito o concerto. Ele próprio conta o episódio, ‘rebelei-me contra o Senhor, e determinei não ir.’ Sem uma palavra voltou-se e saiu de casa bastante bruscamente. Desceu a sua quinta inclinada, dirigiu-se para a mata de carvalhos contígua, onde podia lutar contra isso ajoelhado.

“A luta foi intensa. Ele tinha que chegar àquele momento crucial de decisão a que chegam muitas vidas que são movidas pela profunda convicção. À sombra do bosque de carvalhos, muito perto da sua casa, Miller caiu de joelhos e em primeiro lugar orou para que Deus o libertasse da sua promessa. Mas a única resposta que recebeu foi a agora familiar, ‘vai e conta-o ao mundo.’ E no sombrio silêncio da mata a sua consciência soou com força, ‘farás um concerto com Deus e quebrá-lo-ás tão cedo?’ Ele tinha prometido que se fosse chamado para pronunciar a sua fé em público iria. Deus tinha aceite a sua palavra e agora em menos de meia hora ele tinha esse chamamento. Esse era obviamente o problema, claro e simples.

“Havia apenas uma resposta que um homem do calibre e carácter de Miller podia dar. Ele tinha sido um oficial do exército, sob as ordens do seu comandante, e tinha vindo das duras batalhas de New England, não devia, e não o fez, renegar. A sua palavra de honra estava em causa. Ele tinha prometido especificamente que responderia se fosse convidado para falar publicamente da sua fé. E aqui estava o chamamento. Portanto sem mais demora ajoelhado, rendeu-se ao claro mandato de Deus, e disse, ‘Senhor, eu vou.’” *The Prophetic Faith of Our Fathers* 4:482-484, por LeRoy Edwin Froom.

Desse momento em diante, todos os momentos da sua vida foram devotados à pregação da poderosa mensagem do primeiro anjo. No princípio, por causa do seu ministério mover as pessoas e notoria-

mente aumentou a assistência na igreja e reformou o seu comportamento, recebeu um apoio favorável do ministério, mas quando os dirigentes da igreja compreenderam a verdadeira natureza da sua mensagem e a forma como ela expunha os seus ensinamentos errados, fecharam as suas portas aos mileritas e fecharam-lhes as suas igrejas. A perseguição aumentou em intensidade à medida que o movimento se desenvolvia.

Em breve juntaram-se-lhe ajudantes cujos nomes são bem conhecidos dos estudantes do grande Segundo Movimento do Advento. Destacado destes encontram-se Joshua V. Himes, Charles Fitch, Josiah Litch, e Joseph Bates. Através



No início as igrejas em todo o lado estavam abertas a Guilherme Miller, mas não por muito tempo antes de fecharem as suas portas para ele.

da publicação e da pregação, estes e outros moveram centenas de milhares de pessoas, poderosas conferências foram organizadas e os crentes foram levados a fazer uma solene preparação para a esperada vinda de Cristo. A obra cresceu até ser a mais poderosa manifestação do poder e ministério do Espírito Santo desde os tempos apostólicos.

Há imensa informação disponível a respeito da mensagem e movimento do primeiro anjo, tanto que apenas um tratamento resumido dele foi aqui feito. Todas as pessoas que estão decididas nesta altura a desempenhar o seu lugar na obra final e que estão determinadas a fazer uma diligente preparação para a segunda vinda do Senhor, deviam cuidadosa e profundamente estudar a história do movimento do primeiro anjo até que estejam bem informadas sobre o assunto. Toda a informação que necessitam pode ser encontrada em *O Grande Conflito*, por Ellen White, *O Clamor da Meia-Noite*, por Francis D. Nichol, e *A Profética Fé dos Nossos Pais*, Volume 3 e 4, por LeRoy Edwin Froom.

Quanto melhor se conhecer a história do movimento do primeiro anjo, melhor se saberá o que esperar e como caminhar na manifestação final do ministério desse anjo. Além do mais, se estará solidamente estabelecido na convicção que o ministério do primeiro anjo, como manifestado no estabelecimento e desenvolvimento do grande Movimento do Segundo Advento tanto no Antigo como no Novo Mundo, foi a própria obra de Deus. Reconhecer-se-á que aquilo que foi ensinado naquela altura foi uma mensagem que teve origem no próprio Céu e transmitida através de canais divinamente apontados aos que na Terra necessitavam de luz.

É tão essencial compreender a relação entre as profecias e os emocionantes acontecimentos que as cumpriram, como é importante que o estudante vá além disso ao ponto onde compreenda o que a mensagem em si mesma é, e qual o resultado que se destinava alcançar. Explorar e revelar alguma coisa disto será a obra do capítulo que se segue.



O Evangelho, Génesis, e o Primeiro Anjo

O início do grande Segundo Movimento do Advento, é a tentativa final de Deus para levar o Seu povo à Sua Santa habitação, e, desta vez, será bem-sucedido. Cada uma das tentativas anteriores falhou porque o Seu povo não compreendeu verdadeiramente aquilo que Deus desejava precisamente alcançar, através dele e por ele e os meios pelos quais seria alcançado. Portanto, esta última geração tem que obter a visão espiritual pela qual compreenderá o que é na realidade a obra e o propósito de Deus, e será capaz de entrar tão inteiramente neles que o Senhor pode finalmente acabar a tão longa e escura noite de pecado e repousar com o Seu povo na Sua obra acabada.

Inicialmente uma poderosa obra de preparação deve ser realizada no povo de Deus. O ministério do primeiro anjo é chamado a fazer essa obra. É o cumprimento profetizado, não apenas das profecias de *Daniel* e *Apocalipse*, mas também a festa das trombetas que era celebrada durante os dez dias que levavam ao grande dia de expiação. O toque destas trombetas alertava o povo para a necessidade de fazerem a mais completa preparação para o dia de expiação e julgamento. Devia ser um período de total purificação de toda a profanação, tanto física como espiritual. Tal obra podia apenas ser efectuada pelo poder criador do Ser Omnipotente, que é o evangelho, o poder vivo de Jeová para salvar do pecado. Nenhum homem em si mesmo tem a capacidade para levar a sua vida à harmonia com Deus e assim alcançar a capacidade necessária para entrar no Seu repouso — na Sua santa habitação.

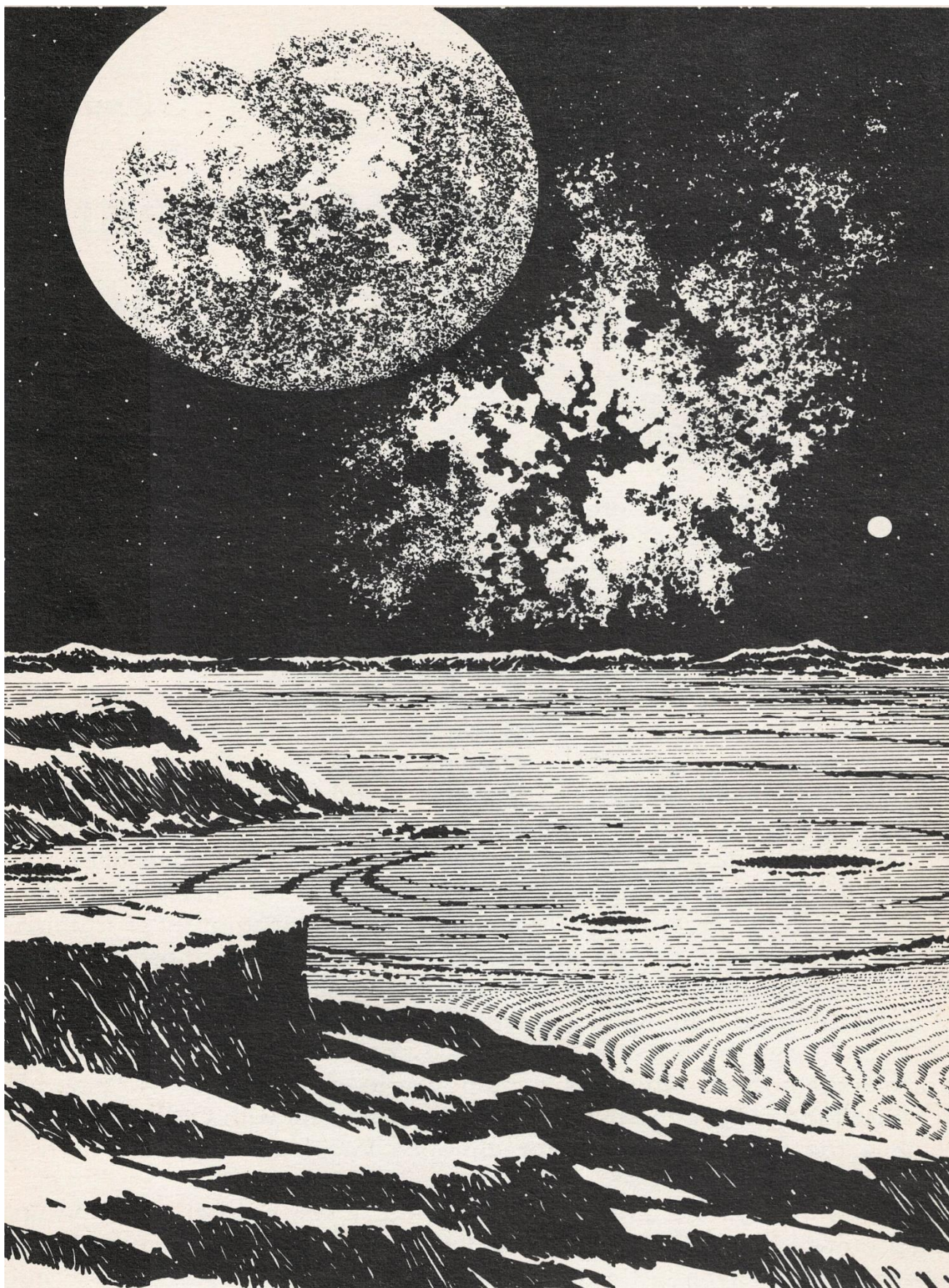
Quando estas verdades forem inteiramente compreendidas, será visto porque o primeiro anjo vem trazendo e pregando o evangelho eterno e porque diz a todos para adorarem um Deus Criador, que deu existência à Terra, ao mar e ao céu. Por outras palavras, será vista a relação entre o evangelho, *Génesis* e o anjo, não apenas no seu esforço final, mas em cada tentativa da parte de Deus para finalizar o pecado e entrar com o Seu povo no Seu repouso, o repouso da obra acabada de homens e mulheres perfeitos.

A mensagem do primeiro anjo devia ser lida uma e outra vez com cuidadosa atenção sendo dada à verdade que a mensagem trazida por este mensageiro não é apenas nova e adicional, mas o poder vivo do evangelho de Jesus Cristo. Essa era a mensagem e também o seu poder. Sem essas verdades e o poder nelas contido, o primeiro anjo nada teria alcançado dos propósitos reais de Deus. Os que compreendem a pregação do primeiro anjo e experimentam esta grande bênção nas suas vidas, verão como nunca antes que o chamamento para adorar Deus como o Criador tem um significado muito maior do que aquele que conhecíamos antes. Aqui estão as palavras que anunciam a missão do primeiro anjo. Considerai-as cuidadosamente:

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo.

“Dizendo, com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo, e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.” *Apocalipse* 14:6, 7.

O anjo é um símbolo do povo que é representado *tendo* o evangelho que ele então prega a todas as nações na Terra. Que nenhum conceito inadequado do que estas palavras significam possua a mente de qualquer um dos que se preparam para o reino vindouro. Pensai no evangelho como sendo apenas aquilo que é — o vivo poder criador da infinita Omnipotência do Altíssimo. Então compreendei que isso é o que o crente deve possuir em si — o poder de Deus para salvar do pecado. Uma vez que ele o tenha e esteja desse modo livre do pecado, tem algo para pregar. Essa pessoa, não apresenta meramente



A mensagem do primeiro anjo é o evangelho eterno, o altíssimo poder do Deus onipotente, pelo qual todas as coisas foram criadas.

um argumento, nem contende por uma teoria, mas prega poder. A sua palavra tem poder e o efeito que causa naquele que está preparado para ouvir a palavra é maravilhoso.

A mensagem adverte-nos do julgamento vindouro e nesse contexto dirige as mentes de todos, em toda a nação na Terra para o primeiro capítulo de *Génesis* onde o Senhor é revelado como o Criador de todas as coisas. Há um grande significado nisto, um alcance que, atingido pelo povo do advento, assegurará a rápida conclusão da obra de Deus e a introdução dos justos nas santas habitações eternas. Não há desculpa para ignorar este assunto, pois, em cada um dos grandes momentos em que Ele esteve quase a libertá-los dos opressores e a admiti-los no Seu reino, dirigiu as suas mentes para o Seu poder criador.

Alonzo T. Jones viu esta verdade e lutou no poder no Espírito Santo para abrir as mentes do povo adventista para a ver também. Um grande exemplo deste esforço é o estudo bíblico que deu aos delegados e visitantes que estiveram na Conferência Geral de 1901. Foi no estudo das 7 horas de 4 de Abril. O que se segue agora é a apresentação do que A. T. Jones disse nessa noite. Ele será frequentemente citado, mas como cada citação sua vem no Boletim de 1901, referenciaremos apenas cada citação adicionando-lhe o seu nome seguido do número da página do Boletim. A totalidade do texto do seu estudo tal como ele o deu será encontrada no Apêndice.

O primeiro capítulo de *Génesis* provê uma verdadeira e autêntica porção da história, os significados e o processo da criação. Contudo, esta crónica não foi escrita senão dois mil anos mais tarde, pelo que a conclusão deve ser que houve um propósito divino em escrever este registo muito mais tarde preservando apenas o relato do acontecimento.

Se *Génesis* 1 tivesse sido escrito no dia a seguir à criação, então poderia dizer-se que o único propósito de Deus era imortalizar na escrita o registo das Suas maravilhosas obras. Mas, por quase dois milénios o povo passou muito bem sem qualquer registo escrito da criação. A necessidade da preservação dos factos foi satisfeita pela memorização em cada geração e passada em palavras de boca em boca. A adição de uma versão escrita era para satisfazer um propósito para lá daquele que tinha sido satisfeito.

Deus esperou até que certa necessidade tivesse aparecido e depois deu a Moisés a tarefa de fazer o primeiro relato escrito daquilo que teve lugar durante os dias sucessivos desta primeira semana da Terra. Esse tempo e a necessidade a ele associada haviam chegado quando saiu a ordem divina anunciando que era vinda a hora em que o Senhor livraria o Seu povo do Egipto e o conduziria à Terra Prometida. Quando a promessa feita a Abraão foi transmitida a Israel quando Moisés era ainda o herdeiro do trono do Egipto, nem ele nem os anciãos compreendiam como é que ela devia ser cumprida. Eles pensaram que seria pelo planeamento humano ajudado pelo poder divino, um erro que levou Moisés a matar o opressor egípcio na expectativa de que este acto despoletaria uma revolta geral que, com a bênção de Deus e a experiência militar de Moisés, vencesse os egípcios.

Mas não era este o caminho de Deus. Portanto, Moisés teve que ser separado do Egipto por quarenta anos a fim de aprender *como* Deus cumpre a Sua palavra. Sozinho com o Altíssimo no meio da Suas obras criadas, Moisés foi ensinado pelo Espírito Santo a ver que "... a obra de Deus é sempre criadora", que "o que Deus faz é sempre pela criação". A. T. Jones, 102. Foi assim que Deus começou a Sua obra criadora e que é sempre a forma pela qual ela é levada em frente.

Tão tremendas e vitais foram estas lições à medida que Moisés as recebia, que elas estavam muito mais adiantadas em relação aquilo que havia sido transmitido oralmente a respeito da criação. Além do mais, por ser esta a única maneira de Deus trabalhar, isto é pela criação, é evidente que pela criação Ele o salvaria do Egipto. Para que estas verdades essenciais pudessem ser comunicadas em toda a sua plenitude àqueles candidatos à liberdade, para que eles pudessem, no conhecimento delas, trabalhar e caminhar com Deus na sua partida da liberdade, Moisés foi encarregado de escrever o *Génesis*. O conhecimento de Deus revelado nesse livro tinha que ser verdadeiramente compreendido antes que Israel pudesse experimentar o suficiente das promessas de Deus para eles.

Mas eles retiveram apenas uma ténue e materialista visão dos planos gloriosos para eles. Olharam com ansiosa expectativa apenas para a herança terrestre, o declinado remanescente da criação original

em que agora reinava o pecado e a morte, uma terra onde manava leite e mel que sustentava somente a vida física. Isso era tudo o que eles viam e era tudo o que queriam.

Mas muito mais elevado do que isso era o ideal e propósito de Deus para o Seu povo, um ideal maravilhosamente expresso no inspirado cântico de Moisés depois de ter atravessado o Mar Vermelho.

“Tu, com a tua beneficência, guiaste a este povo, que salvaste: com a tua força o levaste à habitação da tua santidade.

“Os povos o ouvirão, eles estremecerão: apoderar-se-á uma dor dos habitantes da Palestina.

“Então os príncipes de Edom se pasmarão, dos poderosos dos moabitas apoderar-se-á um tremor, derreter-se-ão todos os habitantes de Canaan.

“Espanto e pavor cairá sobre eles: pela grandeza do teu coração emudecerão como pedra; até que o teu povo haja passado, ó Senhor, até que passe este povo que adquiriste.

“Tu os introduzirás e os plantarás no monte da tua herança, no lugar que tu, ó Senhor, aparelhaste para a tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as tuas mãos estabeleceram.” *Êxodo* 15:13-17.

Desse modo Deus lembrou-lhes que não seriam levados apenas para o lugar da *sua* habitação, mas para o lugar da *Sua* santa habitação. Que lugar é essa *santa* habitação, esse lugar da herança *de Deus*, aquele lugar que foi feito para *Ele* habitar?

Não é o que resta da criação antiga, mas a plenitude do novo. O povo de Deus terá sido conduzido a ele quando estiver sobre o mar de vidro com o nome de seu Pai escrito nas suas testas e cantarem o cântico de Moisés e do Cordeiro, tempo esse do qual está escrito:

“E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.” *Êxodo* 21:3.

Este é o tabernáculo ou santuário a que o Espírito Santo através de Moisés fez referência quando cantou os louvores de Deus nas margens do Mar Vermelho. “Tu os introduzirás e os plantarás no monte da tua herança, no lugar que tu, ó Senhor, aparelhaste para a tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as tuas mãos estabeleceram.” *Êxodo* 15:17.

Nesta altura, os israelitas não tinham um santuário típico terrestre, nem tinham ainda recebido qualquer intimação que lhes indicasse que construíssem um. O templo a que Moisés sob inspiração observou não era a estrutura que seria erguida por mãos humanas, mas o “tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem.” *Hebreus* 8:2.

Era a esta santa habitação, o lugar da morada de Deus, o santuário celestial, a que o Senhor os traria, mas unicamente se primeiramente *eles* se tornassem habitação de Deus através do Espírito Santo. Este era o propósito divino. A tragédia foi que Israel estava tão casado com o mundo pecaminoso e seus prazeres passageiros que não compreenderam as maravilhosas intenções de Jeová para eles.

Quando o Onnipotente apareceu a Moisés na sarça-ardente, avisou-o de que a libertação de Israel estava próxima em cumprimento da promessa feita a Abraão que tanto ele como a sua semente possuiriam a terra de Canaã como herança eterna. As palavras de Deus a Moisés foram:

“Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou Jeová, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com juízos grandes.

“E eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou Jeová, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios;

“E eu vos levarei à terra, acerca da qual levantei minha mão que a daria a Abraão, a Isaac, e a Jacob, e vo-la darei por herança, eu Jeová.” *Êxodo* 6:6-8.

A Abraão, tinha sido feita a promessa especificamente nestas palavras: “E estabelecerei o meu concerto entre mim e ti, e a tua semente depois de ti, nas suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus, e à tua semente, depois de ti.

“E te darei a ti, e à tua semente depois de ti, a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaan, em perpétua possessão, e ser-lhes-ei o seu Deus.” *Génesis* 17:7, 8.

“Quando Deus deu esta promessa a Abraão e fez o Seu juramento, era para Abraão e sua semente; não para a semente sem Abraão, ou para Abraão sem a sua semente. Assim quando Deus estava para

os levar para a terra que jurou a Abraão e Isaque, e Jacó para que a possuíssem, deviam estar todos juntos. Isto então é suficiente. Deus traria o Seu povo, fosse imediatamente ou ao longo de um período de tempo, não é material. O grande objectivo que Deus tinha ao trazer o povo de Israel para fora do Egipto era conduzi-los à terra que jurou dar a Abraão e essa terra diz Ele é a Sua santa habitação, o lugar que Ele próprio construiu para Sua habitação, o monte da Sua própria herança e no santuário que as Suas próprias mãos fundaram.



**Tudo o que Deus faz é através da criação.
“E disse Deus: Haja luz; e houve luz!”**

“Uma vez que esse era o objectivo de Deus ao tirar o povo do Egipto e que a promessa a Abraão é a nova terra que criará, não vedes então o objectivo ao dar o *Génesis*? Foi assim para que eles pudessem tornar-se conhecedores da criação, do poder criador, de maneira que Deus pudesse pelo Seu poder criador criá-los de novo e levá-los a um *novo mundo*, que Ele criaria e daria a Abraão de acordo com aquilo que lhe tinha prometido? Vedes isso?

“A intenção de Deus ao dar o *Génesis* exactamente nessa altura foi para que o povo pudesse ser preparado para a obra que Ele tinha que fazer através dele por todo o mundo; obra pela qual Ele os prepararia para a obra que faria através deles. Porque a obra de Deus é sempre criadora.

“Tudo o que Ele faz é através da criação. A primeira coisa que Deus devia apresentar ao Seu povo, era um mundo criado de novo. Mas era impossível chegarem a isso sem serem eles próprios criados de novo. Portanto, para que pudesse ter instrução sobre a criação, escreveu um relato da criação como uma parábola, uma lição para instrução de toda a alma para que todos pudessem tornar-se conhecedores dos Seus processos, dos meios de Deus, do poder criador de Deus, de maneira que as obras de Deus *através* deles pudessem ser realizadas primeiramente operada nele [neles]².” A.T. Jones, 101, 102.

O Altíssimo Deus apontou Jesus Cristo como Cabeça da igreja do deserto para que pudesse com sucesso preparar os membros da herança de Jeová, mas eles manifestaram a ruinosa disposição de atribuírem a posição de guia a si mesmos. Eles por fim exigiram um rei como as nações que os cercavam, esquecendo que nenhum homem nesta Terra tem o poder para criar e deste modo não pode preparar quem quer que seja para entrar na obra de Deus acabada. O propósito ao dar-lhes o *Génesis* foi frustrado e foi dado a outro povo, numa outra altura, a oportunidade que eles desprezaram.

² Devido ao que o publicador deste livro sente há um erro tipográfico, a palavra “nele” aparece no original, onde devia ser “neles”.

Uma esplêndida oportunidade como essa foi dada à igreja apostólica, mas os crentes falharam como fizeram os seus pais em desenvolver qualquer real apreciação do esplendor e magnitude daquilo que Deus propôs fazer neles e através deles. Os dirigentes estavam mais interessados em invejosamente salvaguardar as suas posições do que procurar o poder criador de Deus e a preparação pela qual podiam repousar na Sua obra acabada.

Agora chegou o nascimento do poderoso movimento do advento. Uma vez mais fomos colocados onde os israelitas estavam nos dias da sua libertação da escravidão do Egipto. Estes dois movimentos são paralelos um do outro. Portanto, o que aconteceu àqueles antepassados é uma lição para a igreja de hoje. Ou repetimos os seus erros e sofremos o seu destino ou aprendemos com os resultados das suas escolhas infelizes como escapar à sua condenação.

“A história do antigo Israel é um exemplo frisante da passada experiência dos adventistas. Deus guiou o Seu povo no movimento adventista, assim como guiara os filhos de Israel, quando saíram do Egipto. No grande desapontamento fora provada a sua fé, como o foi a dos hebreus no Mar Vermelho.” *O Grande Conflito*, 457.

Há uma razão sólida para este paralelo. É porque o propósito de Deus nunca muda. O facto do Seu povo falhar em entrar na plenitude do Seu propósito não altera o propósito nem os métodos para o alcançar, não por haver falha nas soluções de Deus. A falha está no fracasso do povo em adoptar as divinas provisões. Ele não aprende que a obra podia ser realizada pelo poder criador do Altíssimo, um poder que não tem a sua fonte nele.

Portanto, um elemento essencial em toda a renovada tentativa da parte de Deus em conduzi-los a Si na Sua santa habitação, foi uma nova e viva revelação da história, os meios e os processos da criação. As suas mentes foram dirigidas para o *Génesis*. No vazio sem forma da Terra envolvida em densas trevas como estava no primeiro dia da criação, deviam ter lido a tenebrosa ilustração do seu próprio estado espiritual vazio, morto e sem forma. O Mestre divino pretendia que eles sentissem a completa falta de esperança de por si mesmos alterarem a situação exactamente como a Terra não tinha poder em si mesma para gerar luz, organizar a disposição ou forma da terra e da água, produzir vegetação e suportar as formas de vida. Deviam compreender a verdade viva que o poder do Onnipotente era totalmente adequado para estas coisas. À medida que as suas mentes eram expandidas para compreender estas maravilhas e ganhar algum entendimento das infinitas capacidades de Deus, deviam chegar-se a Ele de modo que pudesse derramar luz e vida para as suas almas destituídas. Não falhariam a estimulante verdade que era um homem criado de novo que Deus instalou num mundo criado de novo. Nada menos do que isso receberia a aprovação divina. Da mesma maneira, quando Ele tornar todas as coisas novas, nada menos do que homens e mulheres considerados dignos de ocupar uma Terra criada de novo.

Nos dias de Moisés, Israel não compreendeu para onde tinha sido guiado. Viram perante si apenas uma pátria terrestre, para os qualificar como habitantes da qual uma pessoa apenas necessita de ser uma parte do que foi deixado do grande original. Não viram isso como o desfigurado remanescente da maravilhosa criação original, uma Terra em que qualquer pessoa caída e pecadora podia entrar. Se tivessem deixado o Senhor abrir os seus olhos de modo que, como fez o fiel Abraão, pudessem ter visto a cidade cujo construtor foi Deus, então teriam compreendido que apenas podiam entrar na Terra para a qual Deus os estava a levar se fossem eles próprios uma nova criação.

Por causa de não saberem estas coisas, nunca entraram no repouso de Deus. Não tinham desculpa para não as conhecerem nem nós hoje. Estamos agora a ser guiados em direcção à Terra que Deus prometeu dar a Abraão *e à sua semente*. É o Canaã celestial, não o terrestre. É uma Terra criada de novo, na qual apenas aqueles que tendo sido criados de novo podem entrar.

As jornadas de Israel em Canaã destinavam-se a ser apenas uma lição objectiva da verdadeira Terra à qual o Senhor estava a conduzi-los. Não era o objectivo final, mas unicamente um meio de os guiar para ele. Quando falharam pela primeira vez, o Senhor deu-lhes uma oportunidade após outra até que por fim selaram a porta da misericórdia para si próprios. A sua última oportunidade para experimentarem a plenitude das intenções de Deus para eles começou com a sua restauração do cativo de

Babilônia, e culminou com o ministério de Cristo e Seus apóstolos. Quando, na sua perversidade, falharam em apropriar-se das maravilhosas provisões que Deus tinha para eles, o dia de oportunidade passou para sempre para eles como nação.

Mas durante o tempo que levou à rejeição final, o Senhor reafirmou a história, o significado e o processo da criação. Nunca isto havia sido mais poderosa e eficazmente revelado do que na obra de Cristo quando esteve pessoalmente nesta Terra. Todos os dias do Seu ministério mostrou as obras do poder criador. Para o fisicamente e espiritualmente cego, envolto na mesma treva que envolvia a Terra no primeiro dia da criação, disse Ele, “haja luz” e instantaneamente o negror da noite deu lugar a um maravilhoso brilho.

Quando o leproso veio com a sua forma mutilada e carne apodrecida, Ele colocou a Sua mão e disse, “Quero; sê limpo” e imediatamente ele foi transformado. “A sua carne tornou-se sã, os nervos sensíveis, os músculos firmes. A aspereza e a escamosidade peculiares à lepra desapareceram, tendo sido substituídas por um colorido suave, como o da pele de uma criança saudável.” {DTN 178}, *O Desejado de Todas as Nações*, 263.

Foi pelo poder criador que o surdo ouviu a Sua voz, o cego viu a Sua face, os pecadores conheceram a paz do Seu perdão, o endemoninhado louvou o Seu nome, o coxo foi capaz de O seguir e o morto voltou à vida.

Nada do que Cristo fez quando esteve na Terra foi feito a não ser pelo poder criador. Portanto, todo o Seu serviço durante os dias da Sua jornada terrestre foi uma gloriosa e enfática reiteração da história da criação. Não admira que o apóstolo João abrisse o seu evangelho com um testemunho que Cristo é a Palavra de Deus e que: “todas as coisas foram feitas através d’Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez.

“N’Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens.” *João* 1:3, 4.

Em todos os escritos de Paulo é encontrado o mesmo destaque no poder criador de Deus. As referências são demasiado numerosas para serem citadas aqui, nem há necessidade de o fazer, porque quem quer que estude as revelações divinas no Novo Testamento verá os meios e o processo da criação claramente escrito em cada página.

Os capítulos finais da história estão agora a ser escritos. O Altíssimo está agora ocupado em juntar o último remanescente que juntará os remidos de todas as eras na Sua santa habitação, cumprindo assim finalmente a promessa feita a Abraão e à sua semente. Essa é a promessa de seres criados de novo entrando num mundo criado de novo. Portanto, como nunca antes, esta última geração tem que conhecer a história, o processo e os meios da criação, não apenas como estão revelados em *Gênesis*, ou mesmo nos milagres de Cristo, mas também como tem sido realizado e estabelecido nas suas próprias vidas e experiências. É por esta razão que a instrução mais indicada pelo primeiro anjo é “... adorai Aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das águas.” *Apocalipse* 14:7.

Isto leva ao mais profundo e mais investigador estudo da criação. Mais e mais elevada a sequiosa examinadora mente e alma do estudante deve ser levada para cima pelo Espírito Santo até alcançar vislumbres da radiante glória, e ondas do poder divino inundam a sua alma. Então, tendo recebido *vida* de Deus, será capacitado para sair e transmitir *vida* aos homens.

“Em Cristo, o grito da raça humana chegava até ao Pai de infinita piedade. Como homem, suplicava ao trono de Deus, até que Sua humanidade fosse de tal modo carregada com a corrente celestial, que pudesse estabelecer ligação entre a humanidade e a divindade. Mediante contínua comunhão recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. Sua experiência deve ser a nossa.” {DTN 253}, *O Desejado de Todas as Nações*, 363.

“Não haverá mais atrasos, graças ao Senhor; tem havido demasiados. Agora Deus enviou o Seu braço pela segunda vez para libertar o Seu povo que está espalhado desde o Egito até Cush e Patros e de Sinar e das ilhas do mar. E levar-nos-á à terra que prometeu, que jurou dar a Abraão, Isaque e Jacó.

“Mas isso será feito *unicamente pela criação*, porque Aquele que se senta no trono, quando esse dia chegar, diz, ‘Eis que faço novas todas as coisas.’ Por isso, então, *nós* entraremos nas promessas de

Abraão apenas pela criação de Deus e todos devemos entrar nessa herança de Abraão apenas pela criação de Deus.

“Então, por isso, o primeiro capítulo de *Génesis* está escrito para nós, porque aqueles para quem foi escrito no passado não aprenderam a lição. Tem sido adiado, frustrado, posto de lado aqui, abandonado ali, posto de lado noutros lugares, mas agora o Senhor prometeu que não haverá mais atraso. ‘Um pouco mais, e aquilo que há-de vir virá, e não tardará.’ Este é o tempo. Então, uma vez que o propósito de Deus ao escrever o *Génesis* tem sido frustrado até agora e agora chegou o tempo em que Ele diz que será feito, o livro de *Génesis* e de todas as coisas o primeiro capítulo de *Génesis*, é a *verdade presente para nós*.” A.T. Jones, 102.

Aquilo que é verdade presente exige o nosso estudo. Então deixemos que as mentes de todos os candidatos ao reino examinem diligentemente e constantemente a história da criação, não apenas para se familiarizarem com as suas histórias, mas para compreenderem o que significa e o processo pelo qual foi realizado.

“Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca....

“Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu.” *Salmos* 33:6, 9.

Isto significa então que é o poder criador de Deus. O processo é Ele chamar à existência aquilo que deseja criar. Ele fala e a substância aparece. “Então disse o Senhor, ‘haja luz’; e houve luz.”

Esse poder criador pelo qual o Senhor fez os céus e a Terra é o evangelho, o mesmo poder que nos é apresentado hoje como o meio pelo qual a história de *Génesis* é repetida dentro do crente. Somente assim pode ser alcançada uma verdadeira preparação para receber a promessa dada a Abraão.

“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus.

“Não vem das obras, para que ninguém se glorie;

“Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.” *Efésios* 2:8-10.

“Somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus. Então o primeiro passo, como vedes, no cristianismo, o primeiro passo no caminho que Deus quer que o homem tome, pode ser feito *apenas pela criação*, pode ser efectuado por uma nova criação do nosso ser. E o tornar-se cristão é exactamente uma criação como foi fazer o mundo no início. Nenhum homem pode alguma vez tornar-se cristão excepto sendo criado, tão verdadeiramente como o mundo foi criado no início.

“E a grande beleza dessa verdade é que é tão fácil tudo isso ser feito. Porque quando tivermos estabelecido que isso pode ser feito pela criação, o eu é completamente perdido, como vedes; aquele que sabe que não há fonte de criação em si; simplesmente tem que desistir. E quando sabe que pode ser feito unicamente pela criação e é trazido face a face com o Criador, então é fácil; pois Deus pode criar simplesmente falando a palavra. ‘Ele falou, e foi feito.’” A.T. Jones, 103.

Assim a mensagem de *Génesis* limpa todo o traço de suficiência própria e faz com que aquele que o compreende verdadeiramente coloque toda a confiança em Deus como Criador, Salvador e Restaurador. Ele é visto com o único com a capacidade para resolver todos os problemas do homem e satisfazer todas as necessidades humanas. Nenhuma outra ilustração além desta pode sair dum profundo e diligente estudo do primeiro capítulo de *Génesis*.

Quando a Terra era sem forma e vazia e estava em trevas, “... o Espírito do Senhor movia-se sobre a face das águas.

“E Deus disse, ‘haja luz: e houve luz.’” *Génesis* 1:2, 3. (KJV.)

“Ora essa palavra ‘movia-se’ significa ‘pairava.’ É o mesmo pensamento exactamente quando Jesus falou ao povo de Jerusalém: ‘Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, [Ter-vos-ia juntado; Eu teria cuidado de vós; ter-vos-ia protegido e trazido desta protecção como coisa nascida de novo, para glória de Deus]: e não quiseste? Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor.’

“O pensamento que Jesus exprimiu nestas palavras acerca de Jerusalém é precisamente o pensamento que disse no segundo versículo de *Génesis*. O Espírito de Deus pairava sobre essa coisa criada, que, até o Espírito de Deus vir sobre ela, era sem forma e vazia. Mas quando o Espírito de Deus veio e pairou sobre ela, a organização começou. Então começou a forma de Deus organizar.” A.T. Jones, 103.

Para muitas pessoas, a palavra “pairava” significa estar preocupado, mas esse não é o pensamento em *Génesis*. Portanto, o Espírito Santo que pairava é o espírito dador da vida que se move sobre o crente a fim de produzir a vida eterna nele. Há poder neste conhecimento. Quando carregado com a doença do pecado, ou pelo sofrimento da enfermidade física, a cura vem quando o suplicante em fé viva invoca o ministério do *protector* (dador de vida) Espírito Santo.

É também vital reconhecer que quando o Espírito de Deus *pairava* sobre a face das águas e ordenou à luz que penetrasse as trevas, a obra da criação não estava completa. Apesar de Deus ter apenas falado e foi feito, era necessário mais do que uma ordem para levar a obra ao fim. O segundo dia viu o aparecimento da terra seca; o terceiro, vegetação; o quarto, o estabelecimento do sol e da lua; o quinto, as aves e os peixes, e o sexto, a criação de todos os animais, seguido pela coroação de toda a obra, a formação do homem e da mulher.

“Aqueles passos sucessivos na criação do mundo, através de todo o processo de criação, não foram dados pelo *crescimento* a partir da criação original. Os sucessivos passos do primeiro capítulo de *Génesis* não foram dados pelo crescimento do plano original da criação. [...] Estais a ver? Como foram dados esses passos? – por sucessivas *criações*. Isso diz a mim e a vós: *tornamo-nos* cristãos unicamente pela criação; *permanecemos* cristãos apenas pelo poder criador; crescemos na graça cristã apenas por *sucessivas criações* de Deus. Não há desenvolvimento na vida cristã a não ser pelo directo poder criador do Deus do Céu, através da Sua palavra, pelo Espírito Santo.” A.T. Jones, 104.

Para compreender e experimentar esta inicial e continuada obra criadora é preciso fazer a distinção entre o chamamento da matéria existente e a subsequente organização dessa matéria nas formas funcionais vivas. A chave está no reconhecimento que ambas são realizadas pelo *processo* da criação – Deus fala e está feito – em vez da implantação de uma semente e a subsequente chegada à maturidade através do prolongado processo de um sólido crescimento.

Foi no primeiro dia da criação que Deus falou e trouxe o mundo à existência. Mas essa obra criadora deixou-a sem forma, vazia, e envolta em impenetráveis trevas. Nessa condição, era completamente inabitável, precisando de uma sucessão de actos criadores a fim de a tornar própria para o homem habitar nela. Para completar a obra criadora do primeiro dia, o Senhor disse, “‘haja luz’; e houve luz.”

No segundo dia, nada de novo foi chamado à existência. Pelo contrário, o poder criador de Deus foi usado para organizar aquilo que existia. Muitas águas que inundavam a Terra foram elevadas acima do firmamento para que houvesse uma separação entre as águas que estavam acima da Terra das que estavam na Terra. Para realizar isto o Senhor empregou um processo padrão de criação – Ele falou e logo se fez!

Havia outra forma pela qual Ele podia ter alcançado isto – empregar as forças naturais para obter o mesmo resultado. Podia ter ordenado ao Sol e à Lua para lançarem o seu calor combinado sobre a Terra num nível que teria sido então oito vezes mais do que é agora.³ Isto teria tido o efeito de evaporar a água que estava no vasto oceano sob a qual a terra estava submersa e de a elevar acima da Terra. O processo iria diminuindo progressivamente à medida que mais e mais vapor suspenso no firmamento permitisse que cada vez menos calor atingisse a água que se encontrava em baixo até parar por fim completamente. Era assim que podia ter sido feito, mas isso não teria sido pelo *processo* da criação. Em vez de ser realizado imediatamente, teria exigido algum tempo.

Do mesmo modo veio a obra do terceiro dia. A Terra, que já não estava inundada com água, estava agora pronta para ser vestida com um manto de vegetação. Isto podia ter sido feito por outro método

³ Vede o Capítulo 25 de *Eis Aqui o Vosso Deus*, publicado pela Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.



Em cada dia da primeira semana da Terra, Deus avançou com a Sua obra unicamente pela criação. Ele não semeou as sementes e esperou que elas crescessem antes da criação dos seres vivos. Ele falou, e as árvores, ervas, aves, insectos, animais, e o homem passaram a existir imediatamente na sua forma adulta.

diferente do processo de criação. Deus podia ter feito a obra da mesma maneira pela qual os homens operam hoje. Podia ter plantado as sementes no solo e depois esperar enquanto o lento processo do crescimento desenvolvesse cada planta até à completa maturidade. Se Deus tivesse operado desta maneira, Adão e Eva teriam sido instalados num mundo incapaz de os suportar ou a qualquer outra criatura, porque as sementes plantadas no terceiro dia não estariam germinadas ao sexto se deixadas entregues a si mesmas para produzirem alimento.

Mas Deus disse, “haja árvores, plantas e ervas” e instantaneamente elas apareceram, prontas para sustentar todas as criaturas vivas. E assim pelo uso do *processo* de criação, Deus preparou o mundo no sexto dia para o homem habitar.

Adão e Eva também foram criados. Eles não brotaram de uma semente e avançaram desde bebé até serem adultos como os homens de hoje. Deus tomou a matéria existente da qual formou o homem e de seguida soprou nele o sopro da vida e desta maneira o homem se tornou uma alma viva.

Assim trabalhou Deus unicamente pelo poder criador durante a primeira semana da existência desta Terra. Em cada passo criador a Terra avançou até ser alcançado o resultado final – um homem e uma mulher perfeitos.

Assim é na obra da recriação. Depois a obra inicial ter sido feita, seguem-se uma série de actos criadores nos quais Deus fala e é feito até o resultado final ser alcançado – um perfeito candidato ao reino.

Isto é necessário porque, por causa do pecado, a mente e a alma do homem tinham regressado, espiritualmente falando, ao estado sem forma, vazio, sem luz, desprovido de vida em que a Terra se encontrava no primeiro dia da criação. Desde esse mesmo ponto de partida, uma obra idêntica tem que ser feita outra vez antes de estar suficientemente satisfeito para repousar da Sua obra criadora.

É altamente significativo que, ao mesmo tempo em que, sob o ministério do primeiro anjo, o Senhor está a chamar o Seu povo a uma verdadeira compreensão do *Génesis* os sábios do mundo estão a expor outro processo como um meio pelo qual a Terra começou a existir e a vida nela se tem desenvolvido. Esta é a assim chamada teoria da evolução que ignora completamente o papel de um Deus criador e atribui a organização da matéria em formas de vida como o resultado de um suposto poder inerente à própria matéria. Enquanto os que crêem na história, meios e processos da criação revelados em *Génesis* repousam inteiramente em Deus como a Fonte de suprimento para todas as necessidades, os evolucionistas dependem da inteligência e poder em si próprios para resolver os seus problemas e esperança para avançar de um nível para o seguinte. O facto real é que eles descem de um nível para outro ainda mais baixo, conduzindo a uma extinção final.

Enquanto o processo de Deus requer apenas um momento de tempo, os evolucionistas especulam sobre milhões de anos para que o homem chegasse ao estado presente.

Génesis então, é a resposta para a auto-suficiência dos evolucionistas. Ele destrona o orgulho humano incluindo a suposta aprendizagem e sabedoria do homem e estabelece o Altíssimo no lugar certo. Mas ninguém está qualificado para enfrentar os evolucionistas simplesmente conhecendo a história da criação, nem mesmo pela aprendizagem *acerca* dos seus meios e processos. Somente quando o verdadeiro crente se torna ele próprio uma nova criação e conhece em si mesmo o poder e a perfeição dessa obra criadora, pode enfrentar e expor a falsidade da teoria da evolução destruidora da alma.

“É tempo de Deus revelar ao Seu povo a verdadeira filosofia do primeiro capítulo de *Génesis*: para que Deus, no Seu povo, possa mostrar ao mundo a Sua luz e o poder da Sua criação, contra os insidiosos enganos de Satanás, que estão a levar o mundo para o abismo eterno. É isso que está aqui; e Deus quer que cada um de nós, o Seu povo, se ligue assim a esse poder criador, para encontrarmos esse poder criador que vive em nós, como único meio do nosso progresso, do nosso crescimento cristão, para que possamos estar à luz de Deus, e sobre esse firme fundamento da palavra de Deus, e confirmar a palavra de tal forma que o mundo não possa duvidar. Podem rejeitá-la não escolhendo render-se a ela; mas não podem duvidar; o poder estará nela. Ele quer que confirmemos que esta nova filosofia do primeiro capítulo do *Génesis* é uma filosofia falsa, e apenas uma assim chamada ciência. Ele quer que a verdadeira ciência do *Génesis* se destaque. Ele quer que a verdadeira filosofia sobre o *Génesis* seja

luz para o mundo. A verdadeira ciência e filosofia do *Génesis* é a criação. E nenhum homem pode ensiná-la, nenhum homem pode propô-la, a menos que a conheça na sua própria vida.” A.T. Jones, 104.

Assim a verdadeira ciência da criação, a verdade real do primeiro anjo, torna-se a resposta para as condenadoras filosofias do ateísmo e evolucionismo apenas quando ela se torna a resposta real para o problema do pecado no dedicado crente.

Aquele que toma o seu lugar do lado de Deus no conflito final tem que ter aprendido como aplicar o processo de criação a toda a necessidade que surge à medida que avança de um nível de perfeição para outro no seu caminho para chegar a uma obra de criação acabada. Como é que isto é feito? Não se chega lá tentando abandonar este ou aquele hábito, ou pelos rigorosos esforços da disciplina enquanto as raízes permanecem intocáveis. Esta aproximação é uma cansativa e infrutífera tentativa que não produz a finalização da obra da criação no crente.

Ela apenas pode ser feita quando o crente que compreende o *processo* da criação pelo menos em teoria, investiga as Escrituras até encontrar a palavra criadora que satisfaz exactamente a sua necessidade espiritual e depois aplica essa palavra à sua deficiência seja ela física, mental ou espiritual. Pela fé ouve a voz divina declarando, “haja saúde” e sabe que assim é e verifica que assim é. O poder criador limpa toda a doença e a vida e a saúde tomam o seu lugar. “Encontrai a palavra que Deus falou, e a vossa enfermidade desaparece em face do Seu poder criador, como na palavra falada através do Espírito.” A.T. Jones, 104.

Esta é a bem-sucedida e prática aplicação da mensagem do primeiro anjo. Quando esta viva, criadora verdade é verdadeiramente bem conhecida, experimentada e proclamada pelos verdadeiros filhos de Deus como devia ser, cumprirão por fim o seu destino. O Altíssimo e eles trabalharão em conjunto para a finalização da Sua poderosa obra e a população de toda a Terra será chamada a tomar a decisão inquestionável e final. Embora muitos escolham de modo errado, não serão capazes de contradizer o tremendo poder contido na mensagem. Aqueles que decidem pelo lado certo estarão devidamente preparados para passar o escrutínio examinador do juízo investigativo e obterão a admissão na eterna morada dos santos.

Que cada crente aprenda a caminhar à sombra do *protector* Espírito Santo, de modo que a sua vida seja uma sucessão de actos criadores que conduzam a uma perfeita vida cristã e à preparação para o Céu. Como nunca antes, o crente em Jesus precisa ver que a mensagem do primeiro anjo é o evangelho, o poder criador de Deus que é revelado em *Génesis* onde a história, os meios e o processo da única forma de Deus trabalhar são revelados. Quando estas grandes verdades são compreendidas na sua correcta relação entre si e quando elas se tornam uma viva experiência de cada um dos verdadeiros filhos de Deus, a obra será acabada muito rapidamente e Cristo levará os seus testados e provados servos para o lar para a Sua santa habitação. Então Deus repousará outra vez com a Sua obra finalizada perante Si. Não permitais que haja mais demora! Que os filhos de Deus entrem rapidamente em tudo aquilo que o Senhor tem para eles!



O Segundo Anjo

O objectivo deste estudo é mostrar a necessidade de um segundo anjo e a relação que ele tem com o primeiro. É importante que isto seja compreendido, porque, em vista do facto que o primeiro anjo vem possuindo e pregando o evangelho, à parte do qual nenhuma outra mensagem deve ser pregada, pareceria que nenhum outro anjo, mensagem ou movimento podia seguir-se ao primeiro.

O primeiro anjo recebeu a missão de pregar o evangelho eterno como o poder vivo de um Deus criador para libertar completamente o Seu povo do pecado e assim prepará-lo para passar o juízo investigativo e entrar no reino. A norma do julgamento é a perfeição sem pecado dentro do próprio crente. Ele, não outra pessoa no seu lugar deve ser julgado pela lei da liberdade e se for verificado que tem as vestes nupciais da imaculada justiça de Cristo, ser-lhe-á permitido permanecer para a ceia das bodas do Cordeiro. Caso contrário será lançado nas trevas exteriores para sempre. Não há necessidade de desenvolver este ponto aqui porque ele está bem explicado em *O Caminho de Deus no Santuário e Enfrentando o Julgamento*. Estas duas publicações podem ser encontradas na Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

O primeiro anjo coloca grande ênfase no facto que a hora do julgamento *chegou*. Nunca antes teve a verdade presente uma proclamação tão brilhante. Paulo disse aos gregos no Monte Mars que o Senhor tinha designado um dia futuro em que julgaria o mundo e tinha advertido Felix do "... julgamento vindouro..." *Atos* 17:31; *Atos* 24:25. Nenhum dos apóstolos, mensageiros, ou reformadores que o Senhor chamou nos séculos seguintes proclamou qualquer mensagem da chegada de um julgamento. Lutero estimou que ele sucederia cerca de trezentos anos a partir do seu tempo.

Com certeza, o Senhor teria ficado satisfeito em efectuar um julgamento e terminar o grande conflito muito antes, mas Ele não o podia fazer antes do tempo chegar à plenitude. Sem que viesse o dia em que o santuário nunca mais pudesse ser deitado por terra nem os santos serem pisados estaria o caminho aberto para o Senhor iniciar o julgamento. Essa exigência tinha que ser satisfeita por altura do fim da profecia dos 2.300 anos em 22 de Outubro de 1844. Nessa altura a hora do julgamento tinha chegado e o anjo podia proclamar esse facto. Vede *O Caminho de Deus no Santuário*, capítulo 26.

Estas deviam ser as novas mais alegres para a igreja de Deus depois de terem esperado tanto tempo para darem as boas vindas ao seu Rei e regressar com Ele para os seus lares celestiais. No início a mensagem recebeu de facto uma recepção calorosa. As igrejas abriram os seus púlpitos aos pregadores do advento e, como os membros aumentavam claramente, os dirigentes no início ficaram contentes. Todavia, não demorou muito tempo até que o vivo poder da mensagem começou a fazê-los sentir decididamente pouco à vontade e, como o seu desconforto aumentava, fecharam as portas das suas igrejas aos pregadores adventistas e começaram a perseguir todos os que estavam a desenvolver a lealdade à mensagem do primeiro anjo. Demonstraram a mesma hostilidade que foi manifestada pelos judeus quando o gracioso Salvador andou entre eles como um terno Redentor.

Foi este antagonismo que tornou necessária a vinda do segundo anjo para declarar:

“Caiu, caiu Babilónia, aquela grande cidade, porque deu a beber a todas as nações do vinho da sua ira e da sua fornicação.” *Apocalipse* 14:8.

É importante que ninguém cometa o erro de assumir que o segundo anjo traz algo adicional ao que o primeiro anjo trouxe embora pudesse parecer que sim. O primeiro anjo traz toda a mensagem que é

o evangelho, o poder de Deus para salvar do pecado. A isso nada pode ser acrescentado e nada pode ser tirado.

Há apenas uma mensagem para o verdadeiro filho de Deus pregar — o evangelho. Isto não significa que a profecia, a lei e a doutrina são rejeitadas, mas têm que ser pregadas como apresentações do evangelho. Toda a palavra das Escrituras quando correctamente compreendida, é a revelação da capacidade de Deus para voltar a criar o homem à Sua própria imagem pelo Seu maravilhoso poder, o evangelho, e devia ser pregado nessa luz.

Paulo compreendeu este princípio e declarou a verdade que ele tinha sido chamado para o ofício de pregar o evangelho de Jesus Cristo e nenhum outro. Ele declarou:

“Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã;

“E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria.

“Porque nada me propus saber, entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.” *1 Coríntios* 1:17; 2:1,2.

“Cristo enviou-o a pregar o evangelho, e ele fez isso, não usando as palavras do homem, para que a sua pregação não pudesse ser anulada. Ele diz, ‘para que a cruz de Cristo se não faça vã’. Então quando Paulo pregou entre os coríntios, pregou apenas Cristo e Este crucificado e isso era o evangelho. Esse evangelho, — a cruz de Cristo — é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.

“Agora levanta-se a questão. Era esta pregação de Paulo qualquer coisa parecida com a mensagem do terceiro anjo, ou a tríplice mensagem que nos foi entregue? Diferia a sua pregação daquela que nós pregamos? Se ela difere, estamos nós a pregar aquilo que devíamos pregar? Por outras palavras, devia a nossa pregação conter algo mais do que aquilo que Paulo tinha? Se não, então o que possa ter, é melhor que nos livremos disso tão cedo quanto possível. Agora vejamos porquê.

“‘Mas, ainda que nós mesmos, ou um anjo do céu, vos anuncie outro evangelho, além do que vos tenho anunciado, seja anátema.’ Esta é uma declaração forte, mas ele apenas a repete e lhe dá ênfase, ‘Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo, também, vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho, além do que já recebestes, seja anátema.’ *Gálatas* 1:8, 9.

“Estas palavras não são em vão, porque tem havido homens que têm pregado outros evangelhos, ou outras coisas para o evangelho; e mais do que isso, tem havido anjos que têm pregado outros evangelhos e outras coisas para o evangelho. Temos ainda que ver aqueles anjos caídos vindo e pregando aquilo a que chamam o evangelho, que terão um poder com ele e que serão acompanhados de luz deslumbrante. Mas as coisas que nos dirão, temos que anunciar como falsas e aquele que no-las pregam, anátemas; porque ele diferirá nalgum particular daquilo que Paulo pregava.

“Deixando este ponto, voltaremos a Apocalipse 14:6, onde lemos: ‘E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra... dizendo, com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo.’ Esta é uma obra que prepara os homens para o último julgamento e conseqüentemente uma obra que tem tudo o que o homem precisa para ser perfeito, tal como vimos no décimo segundo versículo. Mas essa mensagem é nada mais do que o evangelho eterno. O segundo anjo saiu com o primeiro e o primeiro acompanhou ambos e os três juntos soaram num só clamor.

“levanta-se a pergunta, se o terceiro anjo veio e juntou a sua voz ao clamor do primeiro e do segundo, não temos nós algo a dizer ao mundo à parte daqueles que trabalharam sob a primeira mensagem? Bem, não podemos ter mais do que a pregação do evangelho eterno. O segundo anjo anuncia um facto, que Babilónia caiu por causa da sua apostasia do evangelho. Notai, o segundo anjo não tem uma nova verdade para dizer; meramente um facto, que algo tinha acontecido. O terceiro anjo meramente anuncia a punição que cairá sobre os homens que agem de modo diferente da verdade anunciada pelo primeiro anjo. Mas o primeiro anjo continua a soar e os três vão juntamente e uma vez que os três soam juntos e o primeiro fala do evangelho eterno, — que é aquilo que prepara os homens para estarem sem mácula perante Deus, — e o terceiro anjo anuncia a punição que se abaterá sobre eles se não

receberem o evangelho eterno, conclui-se necessariamente que a tríplice mensagem é o evangelho eterno.

“Notai que o primeiro anjo proclama o evangelho eterno; o segundo proclama a queda de todos os que não obedecem a esse evangelho; e o terceiro proclama a punição que se seguirá a essa queda e vem sobre aqueles que não obedecem. Assim o terceiro está totalmente inserido no primeiro, — o evangelho eterno. Sim, porque o evangelho eterno tem consigo toda a verdade. Ele é o poder de Deus. O evangelho eterno, lembrai, é a suma de todas as coisas — Jesus Cristo e Ele crucificado e evidentemente ressuscitado. Nada mais temos neste mundo para proclamar ao povo, sejam pregadores, obreiros evangélicos, colportores, ou investigadores, ou simplesmente pessoas que na humilde atmosfera do seu próprio lar deixam a luz brilhar. Tudo aquilo que qualquer de nós pode apresentar ao mundo é Jesus Cristo e Ele crucificado.

“Diz um, isto é adoptar uma visão extrema; estamos a deitar fora todas as doutrinas que pregamos, — o estado dos mortos, o sábado e a lei e a punição dos ímpios? Deitamo-las fora? — Não, de modo nenhum, pregai-as em tempo e fora de tempo; mas, apesar disso, pregai apenas Cristo Jesus e Ele crucificado. Porque se pregardes aquelas coisas sem pregar Cristo e Ele crucificado, ficam desprovidas do seu poder, porque Paulo diz que Cristo o enviou a pregar o evangelho, não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. A pregação da cruz, e isso somente, é o poder de Deus. Digo outra vez, o evangelho é o poder de Deus, e a cruz é o centro do evangelho. ‘Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.’ Gálatas 6:14. Para Paulo nada mais havia digno de glória a não ser a cruz de Jesus Cristo seu Senhor.” *Bible Studies on the Book of Romans*, 95-97, por E.J. Waggoner.

Portanto, a mensagem do primeiro anjo é a mensagem completa à parte da qual nada mais deve ser pregado. O segundo anjo foi enviado para explicar aos que tinham aceite a luz do primeiro anjo, por que é que um povo aparentemente sincero e bem intencionado voltou as costas à verdade. Esta instrução é necessária porque o verdadeiro povo de Deus que recebeu a mensagem com alegria, tendia a ficar confuso quanto ao que devia fazer. Por outro lado sentiam a necessidade de se separarem daqueles que eram hostis à verdade de Deus, enquanto por outro receavam deixar aquilo que por tanto tempo lhes tinha sido ensinado ser a igreja de Deus. O segundo anjo resolveu este dilema. Ele aplica o evangelho à situação e assim remove daqueles que estão cheios com o poder e verdade de Deus o receio de se separarem.

Quando a verdade do primeiro anjo chamou a atenção dos professos seguidores de Cristo em 1831, eles estavam num estado espiritual muito triste. Deles foi profetizado:

“E ao anjo da igreja que está em Sardes escreve: Isto diz o que tem os sete espíritos de Deus, e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto.

“Sê vigilante, e confirma os restantes, que estavam para morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus.

“Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.” *Apocalipse* 3:1-3.

Houve um tempo em que, como resultado do poderoso testemunho dado pelos reformadores protestantes, os membros das igrejas tinham gozado uma experiência no poder salvador do evangelho, mas com o passar do tempo, isto tinha morrido e foi substituído pelo frio, legalista, formalismo sem vida. Os membros literalmente se tornaram babilónios. Homens eram cabeça da igreja, uns dos outros e de si próprios no lugar de Cristo. Apesar deste grave afastamento, os professos seguidores de Cristo não tinham alcançado ainda o ponto sem retorno, e, portanto ainda não eram classificados como babilónios.

No entanto, quando o evangelho vivo lhes foi trazido, era impossível qualquer deles permanecer como estavam. Uma das poderosas evidências de que o verdadeiro evangelho chegou é o facto de nunca deixar aqueles que o ouvem como os encontrou.



O Evangelho é destinado a mudar as pessoas para melhor. Ele também as muda para pior se a pessoa a quem a verdade foi enviada resiste ao seu poder, porque o evangelho endurece ou abranda.

Aqueles que verdadeiramente o aceitam verificam que, com a erradicação da mente carnal, o reinante eu é substituído por Cristo como Cabeça divina. O crente alegra-se na maravilhosa libertação que lhe foi dada. De dentro dele Babilónia foi destronada de modo que o segundo anjo pode verdadeiramente dizer: “Caiu, caiu, Babilónia.” Assim, à medida que o novo filho de Deus é elevado à família celestial, a mensagem do segundo anjo torna-se o verdadeiro testemunho daquilo que o primeiro fez por ele. Esta é uma preciosa e verdadeiramente valiosa iluminação que o torna capaz de reconhecer com grande certeza o que são verdadeiras e falsas igrejas, tanto no princípio como de facto.

Mas o que acontece aos que recusam permitir que o vivo poder criador de Deus destrua Babilónia de si? A resposta é que eles caem com Babilónia, porque, quando o evangelho entra em luta contra Babilónia, ela tem que cair. Se ela não for expulsa do interior da pessoa, então na sua queda arrasta consigo essa pessoa. Dessa pessoa o segundo anjo também dá testemunho: “caiu, caiu, Babilónia”.

“A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, capítulo 14, foi primeiramente pregada no Verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais directa às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada, e onde a decadência das igrejas mais rápida havia sido. A mensagem do segundo anjo, porém, não alcançou o completo cumprimento em 1844. As igrejas experimentaram então uma queda moral, em consequência de recusarem a luz da mensagem do advento; mas essa queda não foi completa. Continuando a rejeitar as verdades especiais para este tempo, têm elas caído cada vez mais.” *O Grande Conflito*, 389.

Assim, aqueles que recebem o evangelho dão um poderoso passo para cima, enquanto aqueles que o rejeitam, sofrem uma queda terrível. Quando isto é entendido, não há problema em compreender o facto de que foi estabelecido um grande e cada vez maior abismo de separação entre as duas classes de pessoas sobre as quais a luz do evangelho brilhou. Já não é possível estes dois grupos andarem e trabalhem em conjunto. De acordo com a palavra certa da profecia, Babilónia nunca recuperará da sua apostasia, mas só descerá de mal a pior. Portanto, nunca mais, desde que o povo de Deus não inicie um retrocesso para a Babilónia, como tantas vezes acontece, encontrarão comunhão entre si. À medida que os leais e verdadeiros sobem cada vez mais, ao passo que os outros mergulham cada vez mais baixo, o golfo da separação só se alargará e aprofundará.

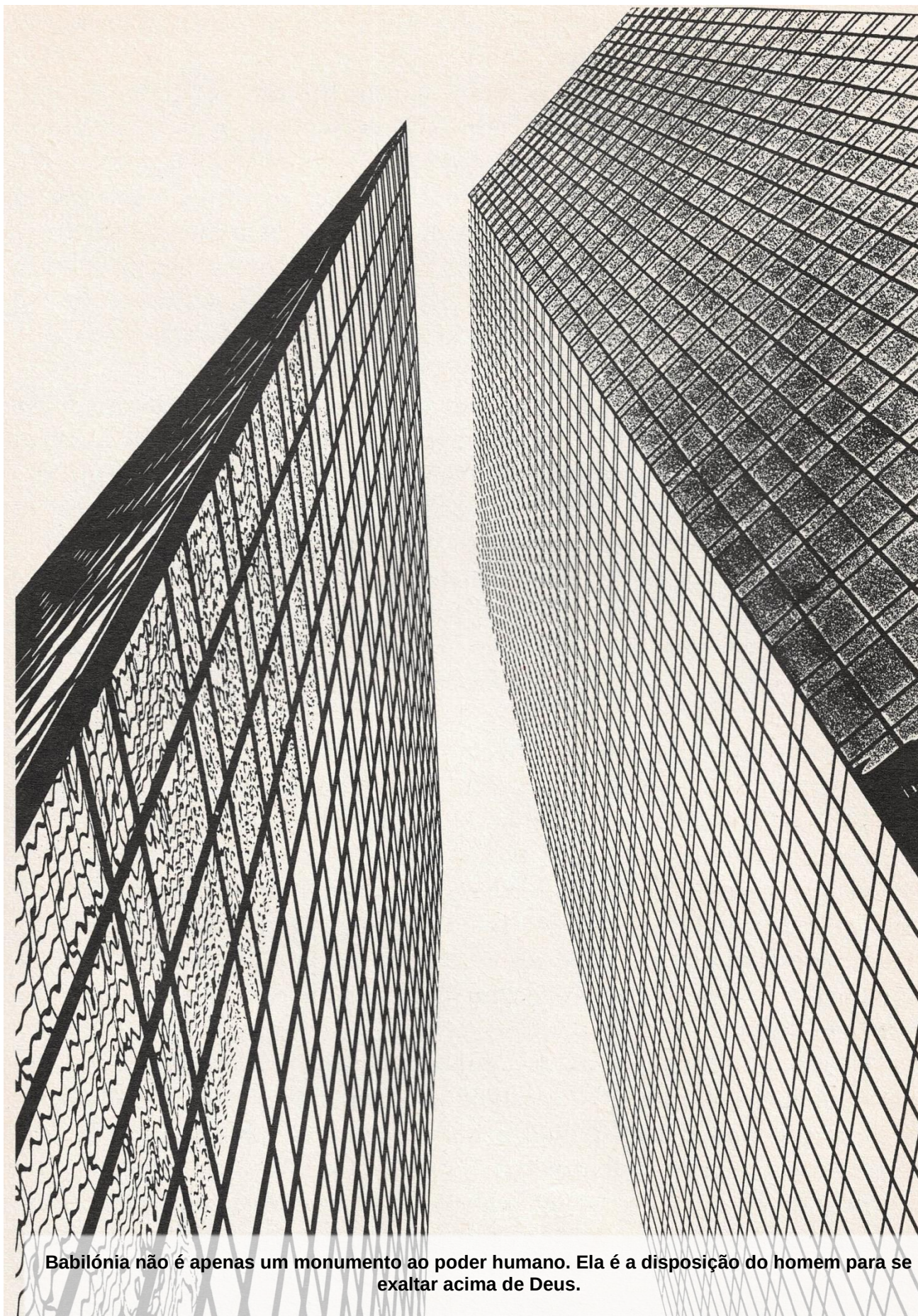
Tendo em conta a escolha irrevogável que Babilónia fez, esta é a única maneira como pode ser. Por conseguinte, aqueles que professam acreditar na mensagem do segundo anjo deviam ver com o maior alarme qualquer estreitamento ou ponte do golfo entre eles e as igrejas caídas. Qualquer desenvolvimento desta natureza nunca significará que as igrejas caídas estão a aproximar-se de Deus, mas apenas que os crentes do Advento estão a afastar-se d’Ele.

A mensagem do primeiro anjo separa o verdadeiro crente daqueles que se recusam a ficar sob a influência santificadora do Espírito Santo. Os dois lados nunca podem andar juntos. A bênção do Senhor nunca poderá estar em tal união, e Ele trabalha para garantir que o Seu povo seja chamado para sair de Babilónia a fim de caminhar com Ele numa comunhão cada vez mais estreita, uma comunhão que só é possível quando eles não estão juntos com aqueles que rejeitam a Sua luz e amor.

“Deus está chamando Sua igreja hoje, como chamara o antigo Israel, a fim de erguer-se como luz na Terra. Pela poderosa espada da verdade, as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, separou-os das igrejas e do mundo para trazê-los a uma santa proximidade d’Ele.” *Testemunhos para a Igreja* 5:455.

Este testemunho confirma uma verdade que devia ser cuidadosa e permanentemente vista por todas as pessoas que procuram um lugar no reino de Deus. O ponto essencial é que Deus separa os Seus filhos das igrejas caídas *para que Ele possa levá-los a uma sagrada proximidade a Si mesmo*. É, portanto, um caso de separação das igrejas que se tornaram Babilónia, *ou* a separação de Deus. A escolha é de cada indivíduo. A verdade do resultado desta opção foi observada pelos crentes em 1844, como confirma o testemunho seguinte a respeito daqueles que aceitaram a mensagem da hora do julgamento.

“Há uma coisa, relativamente a estes convertidos, que deve ser salientada. A grande multidão deles não se juntou a nenhuma das seitas existentes: eles ficaram sozinhos. Quase todos eles são *prósperos* cristãos e fortes na crença do rápido advento. Mas a maioria daqueles que se ligaram a qualquer uma



Babilônia não é apenas um monumento ao poder humano. Ela é a disposição do homem para se exaltar acima de Deus.

das seitas, estão a perecer em religião, e estão a desistir do rápido aparecimento. Eles têm a *asma espiritual*; têm dificuldade em respirar.” Carta de Silas Hawley, 15 de Agosto de 1843, no periódico, *O Clamor da Meia-noite*, 24 de Agosto de 1843, página 7. Citado por F. D. Nichol no seu livro *O Clamor da Meia-noite*, 159.

Este desenvolvimento só começou a manifestar-se de forma marcante em 1843, doze anos depois de Guilherme Miller ter iniciado o seu trabalho activamente. A última coisa que ele tinha em mente era formar um novo movimento. Ele estava confiante quando o seu trabalho começou que a mensagem seria bem recebida nas igrejas, quebraria divisões sectárias e os preconceitos, e uniria os professos seguidores de Cristo num só corpo. Assim, não haveria necessidade de separação e de formação de um novo movimento. Esta era uma visão que reflectia o triunfo do optimismo sobre as lições da história.

“Nos primeiros anos do seu ministério público, Miller tinha dado como certo que a igreja em geral acolheria as negligenciadas boas novas da breve vinda de Cristo, que se tornara tão precioso para a sua própria alma. Ele supunha que quando a atenção lhes fosse chamada, este feliz evento seria saudado com alegria, e que os pregadores de todo o lado o proclamariam de bom grado. Milhões ao longo dos séculos ansiaram e oraram pelo regresso de Cristo para estabelecer o Seu reino. Era claramente a esperança dos tempos. Agora parecia estar à beira da consumação — e que gloriosa perspectiva ela apresentou! Além disso, à medida que as igrejas vizinhas mais pequenas lhe tinham aberto livremente as portas, e como os seus ministros se tinham um a um reunido em apoio, esta convicção inicial da aceitação final da verdade do advento aprofundou-se.

“Nestas circunstâncias, Miller não tinha o mais remoto pensamento de formar uma seita separada. Não obstante, ele e os seus associados vieram cada vez mais a ser acusados de serem cismáticos, transgressores do concerto e desorganizadores. Eles negaram isto com firmeza. A alegria da gloriosa segunda vinda tinha quebrado o sectarismo e a diferença dentro dos seus próprios corações, e todos os grupos adventistas foram atraídos para este laço comum. Por isso, eles defenderam que a acusação não podia ser verdadeira.” *A Fé Profética dos Nossos Pais* 4:761, por LeRoy Edwin Froom.

Tão fortemente Guilherme Miller defendeu estas convicções, que foi muito lento a proclamar a mensagem do segundo anjo chamando as pessoas a sair de Babilónia. Ele agarrou-se à ideia e à esperança de que as igrejas aceitassem a verdade e se preparassem para o regresso do Salvador. Nem os mileritas em geral se apressaram a fazer esta proclamação.

“No início, os líderes mileritas consideraram a questão como um assunto pessoal, e aconselharam os seus seguidores a não se separarem a menos que fosse necessário. Só a perseguição devia dissolver a comunhão de cada um com a sua própria igreja. No entanto, em 1843, a declaração começou a ser feita por Fitch, e depois por outros, que essas igrejas opositoras se tornaram ‘Babilónia.’ A igreja católica ‘mãe’, lembrou-lhes ele, tinha ‘filhas protestantes,’ e estas tinham mantido muitas das suas doutrinas apostatadas.

“Foi assim que finalmente foi dado o clamor, ‘sai dela, povo meu’ — sai da confusão e da divisão, das seitas e partidos, do mundanismo, do orgulho e da cobiça da cristandade nominal. Os ministros, segundo eles, tornaram-se contratações do sistema salarial. Muitos ainda estavam em comunhão com os vendedores de rum. E o povo de Deus devia separar-se dos corpos e organizações e influências anticristãs apóstatas. Logo o clamor foi assumido pelos oradores adventistas, que ‘Babilónia’ tinha ‘caído’! Os pregadores publicaram nos vários jornais da igreja o anúncio da sua retirada das igrejas. Dezenas e dezenas de leigos principais se separaram. O novo desenvolvimento estava em curso.” *A Fé Profética dos Nossos Pais* 4:772, por LeRoy Edwin Froom.

O povo do Advento e, em particular, os seus dirigentes deveriam ter esperado este desenvolvimento, pois ele seguiu o padrão normal repetido século após século com uma regularidade tão previsível. Começa cada vez que a igreja que antes tinha andado nos caminhos de Deus, se afunda em apostasia profunda. No Seu grande amor e misericórdia, o Senhor envia-lhes uma poderosa mensagem de salvação, destinada a libertá-los do cruel domínio do pecado e estabelecê-los como um povo santo e feliz. É luz e vida tão preciosas, belas e radiantes com a promessa, que se esperaria que as igrejas saudassem o seu advento com alegria e gratidão. Os mensageiros cujas próprias almas brilham com a beleza e o

poder da verdade, certamente estão confiantes de que os seus esforços receberão fé e aceitação. Mas nunca foi assim. Apenas uma pequena proporção responde aos convites da misericórdia e mesmo a maioria deles provam ser virgens loucas que abandonam a sua fé quando o teste chega.

Logo a perseguição levanta a sua cabeça maléfica e os crentes são expulsos das igrejas. No início, aqueles que aceitam a mensagem demoram a reconhecer que a separação tem de ocorrer, mas por fim percebem que não há alternativa. No entanto, estão de alguma forma confusos entre esta óbvia necessidade de separação e as admoestações bíblicas que parecem condenar veementemente a sua saída das igrejas estabelecidas. É neste ponto que o Senhor envia a mensagem do segundo anjo para limpar qualquer confusão e dar um simples “Assim diz o Senhor” para os guiar confiantes à comunhão com Ele e os verdadeiros crentes.

Temos de estar familiarizados com este padrão e não há melhor lugar para o fazer do que no ministério de Cristo. Muito cedo no Seu ministério, viu-se rejeitado na Judeia da qual se separou. Fomos informados de que esta retirada foi apenas uma das muitas que aconteceram na igreja de Deus ao longo dos séculos.

“Houvessem os guias de Israel recebido a Cristo, e Ele os teria honrado como mensageiros Seus para levar o evangelho ao mundo. Foi-lhes dada, primeiramente a eles, a oportunidade de se tornarem arautos do reino e da graça de Deus. Mas Israel não conheceu o tempo de sua visitação. Os ciúmes e desconfianças dos chefes judaicos maturaram em ódio aberto, e o coração do povo se desviou de Jesus.

“O Sinédrio rejeitara a mensagem de Cristo, e intentava matá-Lo; portanto, Jesus partiu de Jerusalém, afastou-Se dos sacerdotes, do templo, dos guias religiosos, do povo que fora instruído na lei, e voltou-Se para outra classe, para proclamar Sua mensagem, e remir os que haviam de levar o evangelho a todas as nações.

“Como a luz e a vida dos homens foi rejeitada pelas autoridades eclesiásticas nos dias de Cristo, assim tem sido rejeitada em todas as subseqüentes gerações. Frequentemente se tem repetido a história da retirada de Cristo da Judéia. Quando os reformadores pregavam a Palavra de Deus, não tinham idéia alguma de se separar da igreja estabelecida; os guias religiosos, porém, não toleravam a luz, e os que a conduziam eram forçados a buscar outra classe, a qual estava ansiosa da verdade. Em nossos dias, poucos dos professos seguidores da Reforma são atuados pelo espírito da mesma. Poucos estão à escuta da voz de Deus, e prontos a aceitar a verdade, seja qual for a maneira por que se apresente. Muitas vezes os que seguem os passos dos reformadores são forçados a retirar-se da igreja que amam, a fim de declarar o positivo ensino da Palavra de Deus. E muitas vezes os que estão à procura da luz são, pelos mesmos ensinamentos, obrigados a deixar a igreja de seus pais, a fim de prestar obediência.” {DTN 155}, *O Desejado de Todas as Nações*, 231, 232.

O que aconteceu quando Cristo se retirou da Judeia foi repetido quando a mensagem do primeiro anjo foi rejeitada no tempo de Guilherme Miller. Este facto é confirmado na experiência de Ellen Harmon e da sua família. Mais tarde, quando Ellen White se tornou, a mensageira do Senhor, recordou a experiência quando ela e o irmão deixaram a Igreja Metodista para sempre.

“A família de meu pai, de quando em quando, frequentava a igreja metodista, e também as reuniões para estudos, realizadas em casas particulares.

“Experiências na reunião de estudos

“Uma noite, meu irmão Roberto e eu fomos à reunião de estudos. O pastor, que a devia presidir, estava presente. Ao chegar a vez de meu irmão dar testemunho, ele falou com grande humildade, se bem que com clareza, acerca da necessidade de um completo preparo para encontrar o Salvador, quando vier nas nuvens do céu com poder e grande glória. Enquanto meu irmão falava, uma luz celeste lhe abrasou o rosto, usualmente pálido. Pareceu ser levado em espírito acima do ambiente em que se achava, e falou como se estivesse na presença de Jesus.

“Quando fui convidada para falar, levantei-me, com o espírito livre, com o coração cheio de amor e paz. Conte a história do meu grande sofrimento sob a convicção do pecado, e como finalmente recebera a bênção que havia tanto procurava — completa conformidade com a vontade de Deus — e

exprimi minha alegria nas boas-novas da próxima vinda de meu Redentor para levar Seus filhos consigo.

“Diferenças doutrinárias

“Na minha simplicidade, esperava que os meus irmãos e irmãs metodistas entendessem os meus sentimentos e se regozijassem comigo, mas fiquei desapontada; várias irmãs murmuravam e moviam as suas cadeiras ruidosamente, virando as costas para mim. Não podia imaginar o que havia sido dito para ofendê-las, e falei muito pouco, sentindo a fria influência da sua desaprovação.

“Quando acabei de falar, o pastor dirigente perguntou-me se não seria mais agradável viver uma longa vida de utilidade, fazendo bem aos outros, do que vir Jesus imediatamente e destruir os pobres pecadores. Repliquei que anelava a vinda de Jesus. Então o pecado teria fim e desfrutaríamos para sempre a santificação, sem que houvesse o diabo para nos tentar e transviar.

“Ao dirigir-se à classe, o pastor que conduzia o encontro expressou grande regozijo por estar à espera do milênio temporal, quando ‘a Terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.’ Isaías 11:9. Ele ansiava contemplar esse glorioso período.

“Depois de encerrada a reunião, percebi que era tratada com visível frieza por aqueles que anteriormente tinham sido benévolos e amáveis comigo. Meu irmão e eu voltamos para casa, sentindo-nos tristes por ser tão mal compreendidos pelos crentes, e por o assunto da próxima volta de Jesus despertar-lhes tão severa oposição.

“A Esperança do Segundo Advento

“Em caminho para casa, conversamos seriamente a respeito das evidências de nossa nova fé e esperança.

‘Ellen’, disse Roberto, ‘estaremos enganados? É esta esperança do próximo aparecimento de Cristo sobre a Terra uma heresia, para que pastores e ensinadores religiosos a ela se oponham tão veementemente? Eles dizem que Jesus não virá senão daqui a milhares e milhares de anos. Se tão somente se aproximam da verdade, então o mundo não poderá acabar em nosso tempo.’

“Eu não ousava favorecer a incredulidade um momento que fosse, e repliquei prontamente: ‘Não tenho dúvida de que a doutrina pregada pelo Sr. Miller é a verdade. Que poder lhe acompanha as palavras! Que levam convicção ao coração do pecador!’

“Conversámos sobre o assunto com toda a lealdade enquanto caminhávamos, e concluimos ser nosso dever e privilégio esperar a vinda de nosso Salvador, e que mais seguro seria preparar-nos para o Seu aparecimento e estarmos prontos para encontrá-Lo com alegria. Se Ele viesse, o que não seria daqueles que então diziam: ‘O meu Senhor tarde virá’, e que não tinham desejo de vê-Lo? Admi-



rava-nos como havia ministros que ousassem acalmar os temores de pecadores e crentes relapsos, dizendo: ‘Paz, paz!’ enquanto a mensagem do aviso estava sendo proclamada em todo o país. A ocasião parecia-nos muito solene; compreendíamos não ter tempo a perder.

“‘Cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto’ — observou Roberto. ‘O que tem feito por nós esta crença? Convenceu-nos de que não estávamos preparados para a vinda do Senhor; de que devemos tornar-nos puros de coração, do contrário não poderemos encontrar em paz o nosso Salvador. Desperitou-nos para procurar nova força e graça divinas.

“‘O que fez ela por ti, Ellen? Serias o que agora és, se não tivesses ouvido a doutrina da próxima vinda de Cristo? Que esperança te inspirou ao coração? Que paz, alegria e amor te proporcionou? Para mim, fez tudo. Amo a Jesus e a todos os cristãos. Aprecio a reunião de oração. Tenho grande alegria na leitura da Bíblia e na oração.’

“Nós ambos nos sentimos fortalecidos com essa conversa, e resolvemos não nos afastar de nossas honestas convicções da verdade, e da bem-aventurada esperança da próxima vinda de Cristo nas nuvens do céu. Sentíamos-nos gratos por poder discernir a preciosa luz e alegrar-nos na expectativa da vinda do Senhor.

“O Último Testemunho na Reunião de Estudos

“Não muito tempo depois disso, de novo assistimos à reunião de estudos. Precisávamos de oportunidade para falar do precioso amor de Deus que nos animava a alma. Eu, especialmente, desejava falar da bondade e misericórdia do Senhor para comigo. Operava-se em mim uma tão grande mudança que parecia ser meu dever aproveitar toda oportunidade para testificar do amor de meu Salvador.

“Ao chegar a minha vez de falar, relatei as evidências que provavam que eu fruía o amor de Jesus e olhava para a frente com alegre expectativa de logo encontrar o meu Redentor. A crença de que a vinda de Cristo estava próxima me havia estimulado a alma a buscar mais fervorosamente a santificação do Espírito de Deus.

“Neste ponto, o dirigente da classe interrompeu-me, dizendo: ‘Recebeste a santificação pelo Metodismo, pelo *Metodismo*, irmã, não por uma teoria errônea.’

“Fui compelida a confessar a verdade de que não era pelo Metodismo que meu coração havia recebido nova bênção, mas pelas verdades estimuladoras relativas ao aparecimento pessoal de Jesus. Por meio delas eu encontrara paz, alegria e perfeito amor. Assim terminou o meu testemunho, o último que eu daria na reunião de estudos com meus irmãos metodistas.

“Roberto então falou com mansidão, conforme era o seu modo, mas de maneira clara e tocante que alguns choraram e ficaram muito comovidos; outros, porém, tossiam em sinal de desagrado e pareciam muito a contragosto.

“Depois de sairmos da classe, falamos de novo sobre a nossa fé, e maravilharmo-nos de que nossos irmãos e irmãs cristãs, de tal maneira não pudessem suportar que se lhes falasse uma palavra referente à vinda do nosso Salvador. Convencemo-nos de que não mais devíamos freqüentar a reunião da classe. A esperança do glorioso aparecimento de Cristo nos enchia a alma, e disso falaríamos quando nos levantássemos para dar testemunho. Era evidente que não poderíamos ter liberdade na reunião de estudos, pois nosso testemunho provocava escárnio e sarcasmo que ouvimos, finda a reunião, de irmãos e irmãs a quem tínhamos respeitado e estimado.” *Life Sketches of Ellen G. White*, 43-47, (Ver *Vida Ensinosa*.)

Isto era típico do tipo de experiências que se abateram sobre os crentes no grande Movimento do Segundo Advento, em que muitos milhares foram levados a cortar todas as ligações com as igrejas caídas.

“Amavam suas igrejas, e repugnava-lhes o separar-se delas; mas como vissem suprimido o testemunho da Palavra de Deus e negado o direito de pesquisar as profecias, compreenderam que a lealdade para com o Senhor lhes vedava a submissão. Não poderiam considerar os que procuravam excluir o testemunho da Palavra de Deus como constituindo a igreja de Cristo, ‘coluna e base da verdade.’ Daí o se sentirem justificados em desligar-se dessas congregações. No verão de 1844 aproximadamente cinquenta mil se retiraram das igrejas.” *O Grande Conflito*, 376.

Foi Charles Fitch quem liderou na denúncia das igrejas caídas como Babilônia e iniciou o apelo para sair de Babilônia. Este desenvolvimento ocorreu em 1843 e avançou constantemente em 1844,

quando o clamor da meia-noite, iniciado por Deus através de Samuel Snow, deu tanto o poder como impulso à mensagem do segundo anjo.

“Próximo do final da mensagem do segundo anjo, vi uma grande luz do Céu resplandecendo sobre o povo de Deus. Os raios desta luz pareciam brilhantes como o Sol. Ouvi as vozes dos anjos, clamando: ‘Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro.’ Mateus 25:6.

“Este foi o clamor da meia-noite, que deveria dar poder à mensagem do segundo anjo. Foram enviados anjos do Céu a fim de estimular os santos desanimados, e prepará-los para a grande obra que diante deles estava. Os homens mais talentosos não foram os primeiros a receber esta mensagem. Foram enviados anjos aos humildes, dedicados, e os constrangeram a levantar o clamor: ‘Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro.’ Os que estavam encarregados deste clamor apressaram-se, e no poder do Espírito Santo fizeram soar a mensagem, e despertaram seus desanimados irmãos. Esta obra não se mantinha pela sabedoria e erudição de homens, mas pelo poder de Deus, e Seus santos que ouviam o clamor não podiam resistir a ele. Os mais espirituais recebiam esta mensagem em primeiro lugar, e os que tinham anteriormente tomado parte na chefia do trabalho eram os últimos a receber e ajudar a avolumar o clamor: ‘Eis o Noivo! Saí ao Seu encontro.’

“Em toda a parte do país, foi proporcionada luz acerca da mensagem do segundo anjo, e o clamor amoleceu o coração de milhares. Foi de cidade em cidade, e de vila em vila, até que o povo expectante de Deus ficasse completamente desperto. Em muitas igrejas não foi permitido dar-se a mensagem, e uma grande multidão que tinha o vívido testemunho deixou essas igrejas decaídas. Uma poderosa obra foi realizada pelo clamor da meia-noite. A mensagem era de natureza a promover o exame do coração, levando os crentes a buscar por si mesmos uma vívida experiência. Sabiam que não poderiam buscar apoio uns nos outros.” *Primeiros Escritos*, 238.

O clamor da meia-noite começou em Agosto de 1844. Um estado de incerteza havia prevalecido entre os crentes após o primeiro desapontamento que tinha caído sobre os expectantes pelo Salvador não ter vindo durante o período, Primavera de 1843 até à Primavera de 1844, quando eles pela primeira vez tinham esperado a Sua vinda. Durante meses os seguintes após a triste confirmação de que Cristo não viera no tempo que pensaram que Ele viria, o povo do Advento estava no tempo de espera da parábola de *Mateus* 25:1-13. Era necessária nova luz para lhes dar nova fé e direcção. Apesar de muitas virgens loucas terem caído nesta altura, milhares se recusaram a renunciar à sua fé. Esperaram pacientemente até que luz mais clara fosse dada.

Com a esperança de que tinha chegado a hora, entre três e quatro mil reuniram-se em Exeter, no Maine, para uma reunião campal de cinco dias que começou em 12 de Agosto de 1844. Porém, os resultados iniciais foram decepcionantes. Os oradores, experientes, dedicados, conhecedores e capazes como eram, não tinham nenhuma nova luz para apresentar. Eles apenas podiam repetir as evidências tão familiares aos ouvintes. Consequentemente, pouca impressão foi feita e o grupo tornou-se inquieto.

O bem conhecido Joseph Bates foi o pregador que numa tarde quente e ensolarada vários dias depois da abertura da reunião. “Ele estava a rever, de forma elaborada, as evidências bem conhecidas sobre a demora ser um teste à sua fé, que Cristo certamente viria, que não deveriam perder a confiança nas Suas promessas, e assim por diante. Mas ele estava a fazer poucos progressos.” *A Fé Profética dos Nossos Pais*, 4:811, por LeRoy Edwin Froom.

Entretanto, um calmo cavaleiro entrou no acampamento, amarrou o seu cavalo ofegante, dirigiu-se à tenda onde viu a sua irmã, a Sra. John Couch, esposa de um dos pregadores adventistas, sentada na extremidade externa da tenda com um lugar vago ao seu lado. O seu nome era Samuel Sheffield Snow, e trazia consigo a profunda convicção de que a profecia dos 2.300 anos terminaria a 22 de Outubro desse mesmo ano. Não mostrando interesse no orador, Snow, sussurrando delineou à sua irmã as provas das suas convicções. Ela ouvia com interesse absorvido e excitação crescente. Em breve, ela não conseguiu conter-se mais. De pé, gritou em tons tão altos e claros que todas as pessoas na assistência a ouviram claramente: “‘É tarde demais para perder tempo com estas verdades, com as quais somos familiares, e que nos foram uma bênção no passado, e serviram o seu propósito e o seu tempo.’

“Então ela disse com fervor, ‘Aqui está um homem com uma mensagem de Deus.’” *A Fé Profética dos Nossos Pais* 4:811, por LeRoy Edwin Froom, 811.

Os olhos e o interesse de todos na assembleia estavam focados nela. O pregador também parou tanto quanto podia.

Ela continuou: “‘É tarde demais, irmãos, para passarmos um tempo precioso tal como temos feito desde que esta reunião campal começou. O tempo é curto. O Senhor tem servos aqui que encontramos no tempo devido na Sua casa. Deixai-os falar, e deixai que os ouçam. ‘Eis o Noivo! Sai ao Seu encontro.’” *A Fé Profética dos Nossos Pais* 4:811, por LeRoy Edwin Froom.

Sem hesitar, Joseph Bates retomou o seu lugar enquanto Samuel Snow caminhou calmamente para a mesa, e em contidos, lógicos tons apresentava as evidências bíblicas que estabeleciam que 22 de Outubro era a data certa para esperar o aparecimento do Salvador.

Todos os ouvintes estavam presos ao maior interesse enquanto Samuel Snow desdobrava as evidências. Os resultados foram incríveis. entusiasmados com convicção, confiança e determinação tanto para preparar a chegada do Redentor, como para alertar outros para o acontecimento que se aproximava, os crentes saíram em todas as direcções para proclamar a maravilhosa notícia. Joseph Bates, que viveu toda a emocionante experiência, descreve a mudança do torpor sonolento para uma actividade intensa como se segue:

“Havia ali luz dada e recebida, com toda a certeza; e quando a reunião terminou, as colinas de granito de New Hampshire cantavam com o poderoso clamor , ‘Eis o Noivo! Sai ao Seu encontro.’ À medida que os palcos e as carruagens dos comboios corriam pelos diferentes Estados, cidades e aldeias da Nova Inglaterra, o rumor do clamor ainda era claramente ouvido. Eis o Noivo! Cristo está a chegar no décimo dia do sétimo mês! O tempo é curto! Preparai-vos! Preparai-vos! ... Quem ainda não se lembra de como esta mensagem voava como sobre as asas do vento — homens e mulheres movendo-se em todas as direcções dos pontos cardeais da bússola, indo com toda a velocidade das locomotivas, em barcos a vapor e vagões, carregados com maços de livros e periódicos, onde quer que fossem distribuindo-os quase tão profusamente como as folhas voam no Outono.” *The Midnight Cry*, por F. D. Nichol, 229.

A Irmã White também viveu aquele momento emocionante e a sua descrição diz:

“Na parábola de Mateus 25, o tempo de espera e sono é seguido pela vinda do Esposo. Isto concordava com os argumentos que acabam de ser apresentados, tanto da profecia como dos símbolos. Produziram profunda convicção quanto à sua veracidade; e o ‘clamor da meia-noite’ foi proclamado por milhares de crentes.

“Semelhante à vaga da maré, o movimento alastrou-se pelo país. Foi de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e para os lugares distantes, no interior, até que o expectante povo de Deus ficou completamente desperto. Desapareceu o fanatismo ante essa proclamação, como a geada matutina perante o Sol a erguer-se. Viram os crentes suas dúvidas e perplexidades removidas, e a esperança e coragem animaram-lhes o coração. A obra estava livre dos exageros que sempre se manifestam quando há arrebatamento humano sem a influência moderadora da Palavra e do Espírito de Deus. Assemelhava-se, no carácter, aos períodos de humilhação e regresso ao Senhor que, entre o antigo Israel, se seguiam a mensagens de advertência por parte de Seus servos. Teve as características que distinguem a obra de Deus em todas as épocas. Houve pouca alegria arrebatadora, porém mais profundo exame de coração, confissão de pecados e abandono do mundo. O preparo para encontrar o Senhor era a grave preocupação do espírito em agonia. Havia perseverante oração e consagração a Deus, sem reservas.” *O Grande Conflito*, 400, 401.

Assim, o clamor da meia-noite deu “poder à mensagem do segundo anjo”. *Primeiros Escritos*, 238. À medida que os crentes viam o grandioso poder na mensagem, tinham a emocionante prova que lhes era apresentada de que o poder de Deus estava com a verdade, e conseqüentemente tinha partido das igrejas caídas que tinham rejeitado a luz. Eles viram que Babilónia tinha realmente caído e que agora foram divinamente encarregados de proclamar esse facto. Fizeram-no com grande confiança, ao mesmo tempo que cortaram sem medo as suas ligações com as igrejas denominacionais caídas.

A mensagem do segundo anjo foi uma declaração do que o evangelho pregado pelo primeiro anjo produziu. Ela declarou que, nos casos daqueles que aceitaram o poder de Deus para salvar do pecado, Babilônia tinha sido destronada e assim tinha caído de dentro deles. Libertado do seu domínio cruel, o verdadeiro crente foi capaz de avançar de graça em graça ao passo que avançavam firmemente em direção ao reino.

Isso também declarou o triste estado em que aqueles tinham caído os quais haviam recusado permitir que o Senhor operasse com o Seu ministério de graça nos seus corações. A sua determinada resistência ao poderoso poder persuasor do evangelho, serviu para exercer e, portanto, fortalecer a sua rebelião com o resultado de que caíram da graça para Babilônia da qual não saíram. Assim, o segundo anjo não é outra mensagem para além do evangelho, mas uma declaração daquilo que o evangelho tinha alcançado.



O Segundo Anjo Seguiu o Primeiro

Na descrição da obra do segundo anjo, as Escrituras declaram claramente: “E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua prostituição.” *Apocalipse* 14:8.

Há uma verdade vital no facto que o segundo anjo veio *a seguir* ao primeiro. Este é o seu lugar divinamente determinado. Ele só pode vir depois do primeiro anjo. Mesmo quando voa juntamente, como faz uma vez com o primeiro, o segundo tem que esperar que o primeiro faça a obra dele para poder fazer a sua.

A própria natureza da mensagem do segundo anjo determina esta relação. Embora o segundo tenha a missão de anunciar o efeito da mensagem do primeiro, nada tem a dizer enquanto o efeito não tenha sido produzido. Ele não só profetiza o que acontecerá, mas declara o que já aconteceu. Portanto, não tem uma obra nem uma mensagem até o primeiro anjo cumprir as suas responsabilidades.

É por esta razão que vemos o segundo anjo a derramar a sua luz apenas sobre os que positivamente receberam o evangelho eterno apresentado pelo seu antecessor, o primeiro anjo. É assim porque aqueles que recusaram o evangelho eterno nada podem ver nas revelações que se seguem. Esta verdade é tão importante que é salientada em mais do que uma revelação dada no Espírito de Profecia.

Uma dessas é intitulada “O Movimento do Advento Ilustrado” e está relatada em *Primeiros Escritos*, 240-245. Em primeiro lugar, a atenção é dirigida para um número de grupos que estão ligados entre si por laços. Muitos deles estavam em trevas espirituais totais com os olhos fixos em baixo nas coisas terrestres não tendo qualquer ligação com Jesus. Os anjos mantinham uma fiel vigilância sobre todos os que tinham esta ligação espiritual, ao passo que os anjos maus assistiam aos que estavam em trevas. Depois, é ouvido o clamor da mensagem, “Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo.”

“Uma gloriosa luz repousou então sobre esses grupos, a fim de iluminar a todos que a recebessem.” *Primeiros Escritos*, 240.

Por isso está claramente escrito que a mensagem do primeiro anjo era dirigida a todos os que estavam nessas igrejas. Ela veio não só para um número escolhido nesses grupos. Os que anteriormente tinham mantido uma ligação com o Céu regozijaram-se por este aumento da preciosa luz juntamente com alguns dos que estavam em trevas. Porém a maioria das pessoas que estavam em trevas rejeitaram a luz e começaram a perseguir veementemente aqueles que a tinham recebido e mostraram afeição para com a verdade.

Isto levou à separação apesar dos esforços dos ministros para evitar a saída dos fiéis. O primeiro desapontamento, tornado ainda mais severo pela troça dos que tinham desprezado a mensagem, caiu em seguida sobre eles. Neste ponto crítico da cena entrou o segundo anjo e juntou a sua voz à mensagem do primeiro anjo. Notai contudo, que apenas os que se tinham mantido firmes na luz do primeiro anjo receberam a luz do segundo.

“Então ouvi a voz de outro anjo dizendo: ‘Caiu! Caiu Babilônia.’ Apoc. 14:8. Uma luz brilhou sobre os desalentados, e com ardentes desejos por Seu aparecimento, fixaram de novo os olhos em Jesus.” *Primeiros Escritos*, 241.

Quem eram esses desalentados? Eram os crentes que, tendo recebido a mensagem proclamada pelo primeiro anjo, estavam à espera que Cristo viesse em Abril de 1844. Uma vez que Ele não veio,

sofreram um profundo desapontamento. Mas, quando a luz do segundo anjo veio, a sua luz brilhou sobre estes. Ela não brilhou sobre os que tinham recusado a luz que lhes fora oferecida.

Noutra visão que se intitula, “Uma Firme Plataforma”, é salientada a mesma verdade fortemente. A evidência para provar este ponto é reunida primeiramente no desenvolvimento da oposição e rejeição dos judeus a Cristo.

“Minha atenção foi chamada para a proclamação do primeiro advento de Cristo. João foi enviado no espírito e poder de Elias a fim de preparar o caminho para Jesus. Os que rejeitaram o testemunho de João não foram beneficiados pelos ensinamentos de Jesus. A oposição, da parte deles, à mensagem que predizia a Sua vinda, colocou-os onde eles não podiam prontamente receber a melhor evidência de que Ele era o Messias. Satanás levou os que rejeitaram a mensagem de João a ir ainda mais longe, a ponto de rejeitar a Cristo e crucificá-Lo. Com este procedimento, colocaram-se onde não podiam receber as bênçãos do dia do Pentecoste, o que lhes teria ensinado o caminho para o santuário celestial. A ruptura do véu do templo mostrou que os sacrifícios e ordenanças judaicas não mais seriam recebidos. O grande Sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o Espírito Santo, que desceu no dia de Pentecoste, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação. Mas os judeus foram deixados em trevas completas. Perderam toda a luz que podiam ter recebido sobre o plano da salvação, e ainda confiavam em seus inúteis sacrifícios e ofertas. O santuário celestial havia tomado o lugar do terrestre, mas eles não tiveram conhecimento da mudança. Assim, não podiam ser beneficiados pela mediação de Cristo no lugar santo.” *Primeiros Escritos*, 259, 260.

Estão aqui apresentadas as cinco fases de desenvolvimento no crescimento da obra entre o ministério de João Baptista e a igreja apostólica. Elas eram: a obra de João Baptista, o ministério de Cristo, a crucifixão, Pentecostes e o começo do serviço mediador no primeiro compartimento do santuário celestial. Ninguém podia receber qualquer bênção ou benefício de qualquer fase subsequente a menos que tivesse recebido e aceite a luz e a verdade apresentada nas fases anteriores. Assim aqueles que recusavam as verdades enviadas pelo Céu proclamadas por João Baptista, eram incapazes de ver e aceitar qualquer coisa que o Senhor enviasse depois. Para eles, tudo o que restava eram trevas e destruição.

O mesmo padrão foi repetido durante o levantamento do grande Segundo Movimento do Advento à medida que Deus avançava com o Seu povo de um nível espiritual para o outro. De facto, as duas cenas são paralelas entre si.

“Todo o Céu observou com o mais profundo interesse a receptividade da mensagem do primeiro anjo. Porém, muitos que professavam amar a Jesus, e que derramavam lágrimas ao lerem a história da cruz, ridicularizavam as boas novas de Sua vinda. Em vez de receber a mensagem com alegria, declaravam ser ela um engano. Odiavam os que amavam o Seu aparecimento, e expulsaram-nos das igrejas. Os que rejeitavam a primeira mensagem não podiam ser beneficiados pela segunda, nem o eram pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrar com Jesus pela fé no lugar santíssimo do santuário celestial. E pela rejeição das duas primeiras mensagens, ficavam com o entendimento tão entenebrecido que não podiam ver qualquer luz na mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho para o lugar santíssimo. Vi que assim como os judeus crucificaram a Jesus, as igrejas nominais haviam crucificado essas mensagens, e por isso mesmo não têm conhecimento do caminho para o santíssimo, e não podem ser beneficiadas pela intercessão de Jesus ali. Como os judeus, que ofereciam seus inúteis sacrifícios, elas oferecem suas inúteis orações dirigidas ao compartimento de onde Jesus já saiu; e Satanás, eufórico com o engano, assume um caráter religioso, e dirige a mente desses professos cristãos para si mesmos, operando com o seu poder, com seus sinais e prodígios de mentira, para retê-los em seu laço.” *Primeiros Escritos*, 260, 261.

Desde que o dedicado obreiro de Deus compreenda estes princípios, saberá que qualquer tentativa para ensinar a mensagem do segundo anjo a uma pessoa que não tenha recebido a mensagem do primeiro, o evangelho eterno, como uma experiência pessoal viva, seria completamente vã. Contudo, a tentação de ignorar estes princípios e ensinar a mensagem denunciando Babilônia sem determinar em

primeiro lugar que o interessado esteja verdadeiramente estabelecido no evangelho, pode ser verdadeiramente forte.

Isto acontece como se segue: Uma pessoa, membro de uma igreja apostatada é atraída para a mensagem, mas como acontece tantas vezes, ela está mais preocupada com o relacionamento com a igreja do que com a salvação pessoal. A falta de preocupação pela necessidade da sua própria alma é porque descansa satisfeita na suposição que, se alguém é um filho de Deus renascido ela é um deles. Essas pessoas vêm perguntar se devem ou não ficar na igreja na qual vêm graves afastamentos da verdade e aumento das práticas injustas. Procuram respostas acerca da igreja ser ou não Babilónia e se devia ser abandonada.

O crente a quem é feita estas perguntas naturalmente fica entusiasmado por ver um activo interesse nesses assuntos e naturalmente tem a tendência de apresentar informação nas áreas onde o interesse é realmente manifestado. Mas a sabedoria do alto declara o contrário. Aqui a máxima é: Primeiro as primeiras coisas. A primeira coisa é o evangelho. Recusai absolutamente ser atraídos para a questão da igreja, seu estado, organização, relação com Deus e seu destino enquanto o ouvinte não tiver recebido o evangelho, o compreenda e faça dele a sua experiência pessoal. Se esta regra não for seguida, as almas serão perdidas e a obra falhará.

Esta lição foi fortemente gravada na minha mente há alguns anos. Um casal adventista assistiu a uma reunião que eu havia conduzido na Califórnia. Quando ela acabou, procuram-me e começaram a falar com a maior preocupação a respeito do terrível estado de declínio espiritual e moral na igreja. Enumeraram uma série de afastamentos da justiça e queriam saber onde se encontrava a igreja à vista de Deus e o que é que ia acontecer com ela.

Ouvi em silêncio durante algum tempo convencido que eles estavam prontos para uma apresentação a respeito de *Mateus* 22:1-14. Esta profecia responderia às suas perguntas mostrando claramente onde se encontrava a igreja em relação à verdade presente e à vista de Deus. Em face daquilo que eles tinham dito a respeito da igreja, esperei completamente que se regozijassem a propósito da poderosa e clara verdade contida nessa profecia, mas para meu espanto, verifiquei que reagiram de modo bastante diferente. Olharam para mim como se eu fosse um inimigo mortal, interromperam o estudo e puseram-me fora da casa. Interroguei-me quanto ao que havia dito que os pudesse ter ofendido. Não pude nessa altura compreender a psicologia da situação, mas compreendi o suficiente para reconhecer que fora um erro pregar acerca do segundo anjo a alguém que nunca tinha recebido o primeiro. Decidi que nunca mais seria apanhado desta forma outra vez.

Por que razão as pessoas reagem desta maneira?

Uma das razões é que, se as trevas dentro das pessoas não forem dispersas pelo evangelho, é provavelmente impossível elas verem que Babilónia está na verdade para além da redenção e que o único caminho seguro é sair de dentro dela. Ao contrário, mesmo apesar de admitirem que a igreja está em terrível condição, vigorosamente argumentam que virá o tempo em que o Senhor a purificará completamente e finalizará a obra através dela e de nenhuma outra. Portanto, afirmarão que é essencial que os fiéis não a abandonem porque, quando o Senhor tiver purificado as suas fileiras, estarão ao dispor d'Ele para executar os Seus planos e completar a Sua obra, um papel que lhes seria negado se estiverem separados. Crendo que este é o plano divino, rejeitarão como satânica qualquer denúncia da queda de Babilónia e qualquer chamamento à separação dela. Desse modo chamarão às trevas, luz; e luz, às trevas.

Uma segunda razão para as suas notáveis reacções à apresentação da mensagem do segundo anjo é que os membros da igreja estão literalmente casados como o corpo eclesiástico. A relação é espiritual e não física, mas é do mesmo modo real. Aplicam-se as mesmas leis e produzirão as mesmas respostas e reacções. Uma destas é que, embora a esposa possa estar cheia de queixas por causa do tratamento do marido, imediatamente se levanta em defesa dele se ele for atacado. Um claro exemplo disto foi-nos dado através da experiência de um amigo que caminhava ao cair da noite numa rua sossegada de uma cidade ao sul de Queensland.

A sua atenção foi subitamente atraída pelos gritos de socorro de uma mulher. Um homem embriagado estava a bater-lhe brutalmente. A linguagem usada pelo homem mostrava que a mulher era a esposa. A cada pancada que atingia o corpo dela, gritava desesperadamente pela ajuda que o nosso amigo em gentileza estava pronto a dar. Rapidamente atravessou a rua e tentou impedir o marido que imediatamente desviou a atenção da sua infeliz esposa para aquele que seria o libertador. O nosso amigo contava com isto completamente. Era algo com que ele podia lidar. O que ele não podia compreender nem lidar era o facto que a esposa também se voltou contra ele para proteger o marido daquele a quem ela tão recentemente havia gritado por ajuda. O nosso amigo retirou-se da sua fúria combinada determinado a nunca mais tentar arbitrar disputas entre marido e mulher.

Se a mulher não fosse casada com aquele homem, então, quando o nosso amigo respondeu aos seus gritos por ajuda, ela nunca o teria atacado. Pelo contrário, se fizesse alguma coisa, seria ajudá-lo nos esforços para acalmar a fúria do atacante dela e ficaria muito grata pela sua intervenção. Foi o facto dela ser casada com ele que fez toda a diferença.

Mas porque faria isso tanta diferença?

Porque ele era o único marido que ela tinha e conhecia e era portanto a sua segurança. Se ela o perdesse, não via quem pudesse tomar o seu lugar. Apesar dele a ameaçar e dificilmente cuidar dela, era tudo o que tinha. É um caso em que aquilo que tendes, por muito mau que seja, é melhor do que nada. Ela via qualquer ameaça levantada contra ele como sendo um perigo para ela. Por isso, protegê-lo-ia com todas as suas forças sempre que ele fosse atacado.

Do mesmo modo há uma actual relação de casamento entre uma igreja apóstata e os seus membros. Não devia ser assim porque Cristo é o único com quem o crente devia construir uma relação de casamento. Todavia, quando a incredulidade e subsequente apostasia separa o povo de Cristo, a igreja toma o lugar d'Ele como a parte do casamento. Quanto mais profunda for a apostasia em que a organização caia, mais devotamente os seus membros confiam na igreja por redenção. Ao mesmo tempo, afastam-se tanto da verdadeira Cabeça da igreja que nada sabem acerca d'Ela e da capacidade que só Ela tem para os conduzir ao Paraíso. Portanto, a igreja torna-se o único parceiro do casamento que conhecem. Sentem que sem ela não há esperança. Consequentemente, qualquer ameaça à igreja é uma ameaça pessoal para si e fará com que se levantem em defesa dela todas as vezes que é atacada pelos que, tendo evangelho eterno, têm a capacidade para expor o seu desesperado estado. Enquanto se mantiverem casados com a igreja, não importa quão óbvia possa ser a apostasia dela, intrepidamente a defenderão contra todos os que vêm e especialmente contra os que possuem em si mesmos a luz e poder que vem do verdadeiro Marido, Jesus Cristo.

Esperar-se-ia que, nestas circunstâncias, os membros da igreja nunca fossem acusados de criticar ou condenar a organização ou os seus dirigentes, mas, por haver um receio incomodativo que os seus pecados a desqualifiquem para realizar com eficácia o seu esperado papel de salvador, procuram alguma certeza de que, apesar daquelas falhas, a igreja esteja em boas condições e não desiluda aqueles que confiam nela e a defendem. Quando se queixam a respeito da prevalecente apostasia na igreja, em muitos casos a última coisa que querem é que alguém concorde com eles. Pelo contrário, desejam ligeiras certezas que Deus conhece tudo acerca da situação, que Ele purificará o movimento separando os que não estão em sintonia com Ele, honre todos os que clamam e lamentam as abominações que são feitas na Terra e conduza o bom barco ao seguro porto celestial.

Condenar a igreja a uma pessoa que está casada com ela é contraproducente. Há apenas uma única forma pela qual uma pessoa pode ser levada a aceitar a mensagem do segundo anjo e a sair de Babilónia. Ela tem que se divorciar da presença interior de Babilónia antes de poder ser separada dela exteriormente. A única forma pela qual isto pode ser feito é pelo poder de Deus, o evangelho de Jesus Cristo. Quando a pessoa é levada ao lugar onde está disposta a ser libertada da presença interior de Satanás pela erradicação do velho homem e está pronta a receber a vida de Cristo em seu lugar, então, uma vez que tenha uma fé viva e activa nas capacidades de Cristo para fazer esta maravilhosa obra dentro dela e por ela, o milagre acontece.



Pessoas que estão casadas há anos muitas vezes discutem, às vezes com muita amargura. Parece que nunca mais poderiam relacionar-se em harmonia, mas se alguém de fora ataca o marido, a esposa sofrerá uma mudança incrível. Ela vai fielmente saltar em defesa do marido e ambos farão uma frente unida contra todos os acusadores e opositores. Quem observa ficará espantado com o vigor do seu contra-ataque. Quem continuar a criticar o marido enfrentará rejeição para o resto da sua vida.

Este mesmo princípio funciona nas relações da igreja onde a Igreja toma o lugar de Cristo. Podem ser ouvidos membros descontentes a criticar a igreja até que um mensageiro cheio de espírito comece a expor a doença e apostasia da igreja. Então surge uma frente unida formada pelos membros! Que demonstração de unidade e lealdade se manifesta! O mensageiro é classificado como um inimigo mortal e é evitado para sempre. Portanto, a pregação do evangelho tem que em primeiro lugar divorciar o crente da igreja e casar essa pessoa com Cristo antes que ele possa sem paixão ver e aceitar que a igreja não é de Cristo.

Conhecerá então o vivo poder do novo marido que lhe dará a plenitude da confiança que este Homem, Cristo Jesus, com certeza, adequadamente lhe dará tudo o que necessita para esta vida e para a futura. Perderá toda a afeição pelo velho marido e sua igreja caída e será capaz de deixar o barco que se afunda sem olhar para trás. Não olhará para trás com fez a mulher de Ló que de facto não estava disposta a partir levando Sodoma no seu coração. Por esta razão ela se transformou numa coluna de sal e morreu com a cidade que amava.

Cristo, o Mestre Supremo e o mais claro exemplo que temos na técnica de conquistar almas, demonstrou estes princípios no Seu encontro com Nicodemos. Este homem não era um fariseu comum. Enquanto os outros dirigentes justificavam os males da igreja e activamente promoviam o avanço da apostasia, este guia dos judeus estava preocupado por causa dos pecados da igreja e foi estranhamente atraído para Jesus. Ele não aprovava a profanação dos pátios do templo pelos compradores e vendedores e não lucrava com estas vendas como faziam muitos dos seus companheiros nos lugares elevados. Como um irmão verdadeiramente preocupado, lamentava e chorava por causa das abominações que estavam a ser feitas na Terra e desejava uma grande reforma para limpar Israel e trazê-lo de novo ao favor de Deus.

Todos estes atributos são dignos de louvor, mas apesar deles, Nicodemos não era um cristão renascido. Via nas suas boas obras e desejos uma certeza que, se alguém fosse filho de Deus, ele com certeza era um deles. Por isso quando se encontrou com Jesus, não desejou falar acerca do evangelho e da sua capacidade para solucionar as necessidades espirituais dele. Queria discutir sobre o tipo de reino que Jesus estava prestes a estabelecer e exactamente como ele devia ser organizado. Analisaria então as respostas de Cristo para ver se as Suas propostas de facto resolveriam os problemas que se agravavam, se os livrariam do domínio romano e se os elevariam ao nível de nação dirigente na Terra.

Nicodemos é um típico exemplo dos irmãos das igrejas caídas preocupados que, tal como ele, sentem que estão espiritualmente vivos. Descansam como ele na noção, que se não nascerem de novo, dificilmente terão a acentuada preocupação pelo que está a acontecer na igreja.

“Nicodemos fora ter com o Senhor pensando em entrar com Ele em discussão, mas Jesus expôs-lhe os princípios fundamentais da verdade. Disse a Nicodemos: Não é tanto de conhecimento teórico que precisas, mas de regeneração espiritual. Não necessitas satisfazer tua curiosidade, mas ter um novo coração. É mister que recebas nova vida de cima, antes de te ser possível apreciar as coisas celestiais. Antes que se verifique essa mudança, tornando novas todas as coisas, nenhum salvador proveito tem

para ti o discutir comigo Minha autoridade ou missão.” {DTN 110}, *O Desejado de Todas as Nações*, 171.

Nicodemos ter-se-ia deleitado em discutir com Cristo a Sua autoridade e missão e Jesus sabia isso. Mas Ele não caiu na armadilha. Sabendo que não havia esperança de Nicodemos compreender a natureza e qualidade da Sua obra antes de nascer de novo, Cristo dirigiu a atenção do seu ouvinte para a necessidade de ser convertido e desse modo tornar-se um candidato para o reino.

A estratégia, traçada no poder do Espírito Santo, provou ser eficaz. Nicodemos foi levado a um verdadeiro sentido da sua grande necessidade espiritual, e, embora não confessasse abertamente a Cristo no início, com certeza o fez no final. Mas, se o divino Mestre tivesse permitido que Nicodemos ditasse os termos de referência a discutir na conversa, teria arruinado o que certamente teria sido a única oportunidade de levar a verdade a este homem. O orgulhoso fariseu no seu estado de zelo, mas não regenerado teria sido incapaz de ver ou aceitar estes princípios do reino divino e teria perdido todo o interesse em Cristo como resposta para as necessidades de Israel. Teria verificado que era impossível abraçar a mensagem do segundo anjo porque nunca tinha visto e recebido o primeiro.

Tal como Jesus, nós temos que recusar sempre discutir com os que interrogam a natureza do novo movimento, sua estrutura organizacional, ou estado decadente das igrejas caídas a menos que estejamos seguros que compreendem e experimentam o poder do evangelho nas suas próprias vidas. Há alguns que não mostrarão interesse neste assunto e recusarão discuti-lo, insistindo que a questão da igreja seja estudada em seu lugar. O que deve ser então feito nestas circunstâncias? Não insistam no caso, mas continuai a recusar debater acerca da igreja. Lembrem-se que nada pode ser ganho invertendo a ordem divina das coisas. Quando o Senhor diz que o segundo anjo *segue* o primeiro, tem determinado a sua posição legítima e nenhum homem deve tentar mudar aquilo que o Senhor estabeleceu.



O Terceiro Anjo

“E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: ‘Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão,
“Também este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.

“E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome.’

“Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” *Apocalipse* 14:9-12.

Vimos que o segundo anjo revela os resultados da aceitação e também da rejeição do evangelho vivo que é apresentado pelo primeiro anjo, apesar desses efeitos não se terem desenvolvido totalmente no início do aparecimento do segundo anjo. Mesmo agora, depois de 140 anos, a queda completa de Babilónia ainda está no futuro, mas ela virá com todas as pavorosas consequências que acompanham a terrível queda em total apostasia. É a obra especial do terceiro anjo advertir o mundo da aproximação da sua condenação de modo que os homens possam ser convencidos a adoptar aquelas medidas que os salvarão do terrível destino predito com exactidão pelo terceiro anjo.

Aqueles que rejeitam a mensagem do primeiro anjo, como já vimos, serão arrastados juntamente com Babilónia quando o evangelho a derrubar do seu elevado trono. Contudo, quando o segundo anjo começou a soar, esta obra de levar Babilónia à completa profundidade da apostasia ainda não estava completa. À medida que continuaram a rejeitar as verdades especiais para este tempo caíram cada vez mais fundo. “Contudo, não se pode ainda dizer que ‘caiu Babilónia, ... que *a todas as nações* deu a beber do vinho da ira da sua prostituição’. Ela ainda não deu de beber a todas as nações. O espírito de conformação com o mundo e de indiferença às decisivas verdades para nosso tempo existe e está a ganhar terreno nas igrejas de fé protestante, em todos os países da cristandade; e estas igrejas estão incluídas na solene e terrível denúncia do segundo anjo. Mas a obra da apostasia não atingiu ainda o auge.

“A Escritura Sagrada declara que Satanás, antes da vinda do Senhor, operará ‘com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça’; e ‘os que não receberam o amor da verdade para se salvarem’ serão deixados à mercê da ‘operação do erro, para que creiam a mentira’. II Tess. 2:9-11. A queda de Babilónia se completará quando esta condição for atingida, e a união da igreja com o mundo se tenha consumado em toda a cristandade. A mudança é gradual, e o cumprimento perfeito de Apocalipse 14:8 está ainda no futuro.” *O Grande Conflito*, 389, 390.

Uma vez que os dirigentes das igrejas caídas tinham voltado as costas dos seus corações contra o evangelho eterno, ficaram determinados na oposição à verdade. À medida que a luz cresce em brilho cada vez mais, a sua resistência torna-se ainda mais decidida. O seu ódio à verdade manifesta-se nas medidas severas contra ela até alcançar o limite do seu poder para destruir o povo de Deus quando fizerem o decreto proibindo comprar e vender, impondo a sentença de morte àqueles que não se conformarem. A marca e o número da besta serão indelevelmente impressos nas testas daqueles que des-cem às profundidades da depravada impiedade. Ao separarem-se da protecção de Deus precisamente na altura em que a impiedade que nutriram desenvolveu as piores paixões nos homens e tiraram as terríveis forças da natureza do controlo de Deus, os que rejeitaram as graças e a misericórdia de Deus

tornar-se-ão as vítimas da terrível destruição que transformará todo o planeta em total ruína. Embora os homens não possam compreender quais serão os resultados finais do seu caminho actual, o cataclismo vem da mesma maneira. Nada pode ser evitado a menos que os homens se arrependam e voltem para o Senhor, um caminho que a segura palavra da profecia nos garante que eles não tomarão.

Todavia, o Deus de toda a sabedoria e poder pode ver qual será o selvático resultado e, em amor e misericórdia, encarregou o poderoso terceiro anjo de advertir contra esta destruição vindoura exactamente como informou os povos do mundo nos dias de Noé do iminente dilúvio que inundaria completamente toda a Terra, tal como aconteceu.

Mas há outro aspecto do terceiro anjo. Ele não apenas indica o resultado final da rejeição do evangelho, mas também fala da plenitude da sua aceitação. Em primeiro lugar, os que o receberam experimentaram a queda de Babilónia de dentro de si próprios, uma queda que não os arrasta para baixo, mas os faz subir a um plano mais elevado da experiência espiritual. Para aqueles que perseveraram na aplicação do evangelho a cada um dos problemas da vida, o galardão final é o selo de Deus, que é a justa antítese da marca da besta.

Bem aventurados aqueles que recebem o selo de Deus em vez da marca da besta. Eles serão os 144.000, os sem pecado que serão os especiais companheiros de Cristo por toda a eternidade porque Cristo atingiu dentro deles um nível de excelência que mais ninguém alcançou. Que todos os seguidores de Cristo hoje lutem para serem membros desse maravilhoso grupo.

A luz da mensagem do terceiro anjo começou a brilhar sobre os filhos de Deus às primeiras horas do dia 23 de Outubro de 1844, a manhã a seguir ao grande desapontamento. O clamor da meia-noite que deu poder à mensagem do segundo anjo e fez com que cinquenta mil se separassem das igrejas que rejeitaram a mensagem, também tinha levado os crentes a esperar o aparecimento pessoal de Cristo em poder e grande glória. Eles não compreenderam que a verdadeira natureza dos acontecimentos a terem lugar no final dos 2.300 anos era a vinda de Cristo, não à Terra, mas ao lugar santíssimo do santuário celestial.

Este trágico erro não pode ser atribuído a qualquer defeito da mensagem do modo como Deus a deu, nem a qualquer plano da parte d'Ele. O Senhor fez tudo o que podia ser feito para os salvar deste engano, mas o conceito errado há tanto tempo estabelecido herdado dos erros papais ocultou tanto a luz que os crentes não podiam ver claramente a verdade.⁴

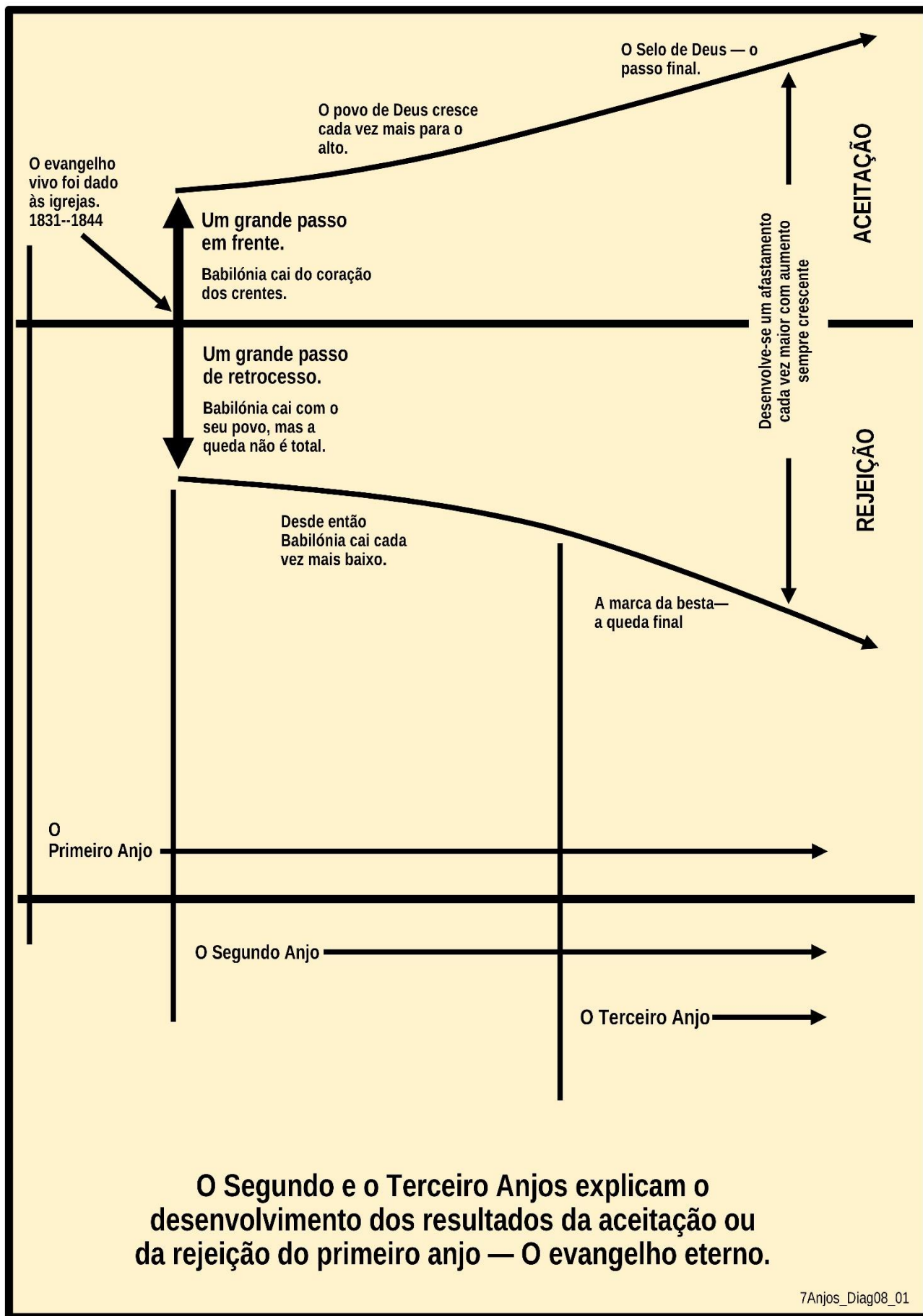
Durante as longas horas de 22 de Outubro de 1844, os crentes tiveram que esperar e orar, desejar e ter esperança. Como o Senhor não apareceu nesse dia, muitos esperaram durante toda a noite até nascer o novo dia. Hiram Edson era o chefe da comunidade de crentes em Port Gibson, Nova Iorque, uma pequena comunidade a meio caminho entre Siracusa e Buffalo. A sua casa de campo, uma milha a sul da cidade, era frequentemente usada como lugar de reunião por todos os que estavam vigiando e esperando o regresso do Senhor. Outra pessoa importante associada ao grupo ali era O.R.L. Crosier.

Quando o nascer do novo dia por fim esmagar todas as suas esperanças, muitos dos que se tinham reunido na casa de Hiram Edson voltaram desolados para as suas casas, mas alguns permaneceram para orar. Foram para o celeiro e ali ajoelharam juntamente onde derramaram as suas almas perante Deus com o mais intenso desejo de obter uma resposta para o seu problema.

“Eles oraram até que veio a convicção que as suas orações tinham sido ouvidas e aceites e que a Sua palavra é *verdade e certeza*. Ele tinha-os abençoado graciosamente na sua experiência do advento e com certeza lhes revelaria a natureza do seu erro e revelaria a Sua orientação e o Seu propósito. A causa da sua perplexidade tornar-se-ia tão clara como o dia, disse ele. Tende fé em Deus!” *The Prophetic Faith of our Fathers* 4:879-881, por LeRoy Edwin Froom.

Depois do pequeno-almoço, Hiram Edson sugeriu a um dos presentes que é identificado por J.N. Loughborough como sendo O.R.L. Crosier que fossem juntos e encorajassem alguns dos desapontados. Naturalmente, evitaram as estradas principais onde sabiam que enfrentariam o ridículo e a troça e começaram a caminhada através do campo de milho de Hiram Edson. Caminharam silenciosamente,

⁴ Para um debate mais detalhado deste ponto, vede o capítulo 10.



perdidos nos pensamentos à medida que as suas mentes tentavam lutar contra os problemas que os confrontavam. Subitamente, Hiram Edson parou, com a sua face levantada para os céus. A luz estava a brilhar na sua mente. As grandes verdades que tinham estudado em *Hebreus* a respeito do ministério de Cristo no santuário celestial, mas que não tinham compreendido, caíram agora repentinamente no lugar. Viu que os dois ministérios no santuário do Antigo Testamento era um padrão exacto dos dois ministérios a cumprir-se no celestial. Então compreendeu claramente que Cristo tinha vindo, não ao terrestre como esperava o Seu povo, mas ao lugar santíssimo do santuário celestial. Ao mesmo tempo, viu que, em *Apocalipse 10*, o Senhor predisse a própria experiência pela qual estavam a passar nessa altura. Compreendeu pela profundidade da sua própria experiência quão animadoras as mensagens de *Daniel* se haviam tornado à medida que se deleitavam nelas dia após dia, mas quão amargo tinha sido o subsequente desapontamento.

Hiram Edson rapidamente comunicou a sua nova compreensão aos companheiros que rapidamente reconheceram a veracidade destas propostas. Juntamente se apressaram de casa em casa falando da luz que tinham visto. Estavam animados com nova inspiração, coragem e esperança como os discípulos que, depois de terem reconhecido Cristo a caminho de Emaús, correram todo o caminho de volta a Jerusalém a fim de informar os outros discípulos.

Os crentes em breve reconheceram que havia um paralelo aproximado entre o desapontamento sofrido pelos discípulos e a amarga experiência que então acabavam de passar. Sabiam que a causa do desapontamento na cruz foi uma grave má compreensão que tinha coberto as mentes dos discípulos a respeito da verdadeira natureza da missão de Cristo. Agora viram que este tinha sido também o seu problema. Tinham erradamente acreditado que esta Terra era o santuário que Cristo tinha vindo purificar. Assim, em vez de terem visto Cristo a transitar do primeiro para o segundo compartimento para purificar o santuário no Céu, tinham esperado que Ele viesse à Terra. Depois de terem visto este ponto, o povo do advento que foi capaz de aceitar esta luz esclarecedora, foram levados a fazer um intenso e exaustivo estudo dos serviços do santuário no tipo e no antítipo.

À medida que o faziam, mais luz estreitamente ligada começou a abrir-se perante eles vinda do Sumo-Sacerdote que ministrava no lugar santíssimo do Céu. Em primeiro lugar, o repouso do sétimo dia chamou a atenção deles como o verdadeiro dia designado por Deus. Os Baptistas do Sétimo-dia tinham fielmente preservado o dia apontado por Deus nos mandamentos, mas os adventistas na generalidade ainda guardavam o domingo.

Os Baptistas do Sétimo-dia eram cépticos quanto às verdades do advento porque não viam sinal da parte dos adventistas de serem levados a observar o repouso do sábado. Por outro lado, os adventistas, que vinham dum passado protestante que guardavam o domingo, estavam inclinados a olhar o chamamento à observância do sábado como uma tentativa de os levar de volta à escravidão da lei. Contudo, apesar destes preconceitos, as duas correntes tinham que ser unidas.

O primeiro passo foi alcançado por Rachel Preston que convenceu Frederick Wheeling de que o Senhor tinha, pela lei, estabelecido o sétimo e não o primeiro dia da semana como dia santo. Isto aconteceu na Primavera de 1844. Thomas M. Preble, um ministro baptista convertido aos ensinamentos do advento, começou a observância do sábado em Agosto de 1844. Contudo, nenhum deles impôs as suas opiniões. Nenhum grupo observador do sábado emergiu entre os adventistas antes do grande desapontamento.

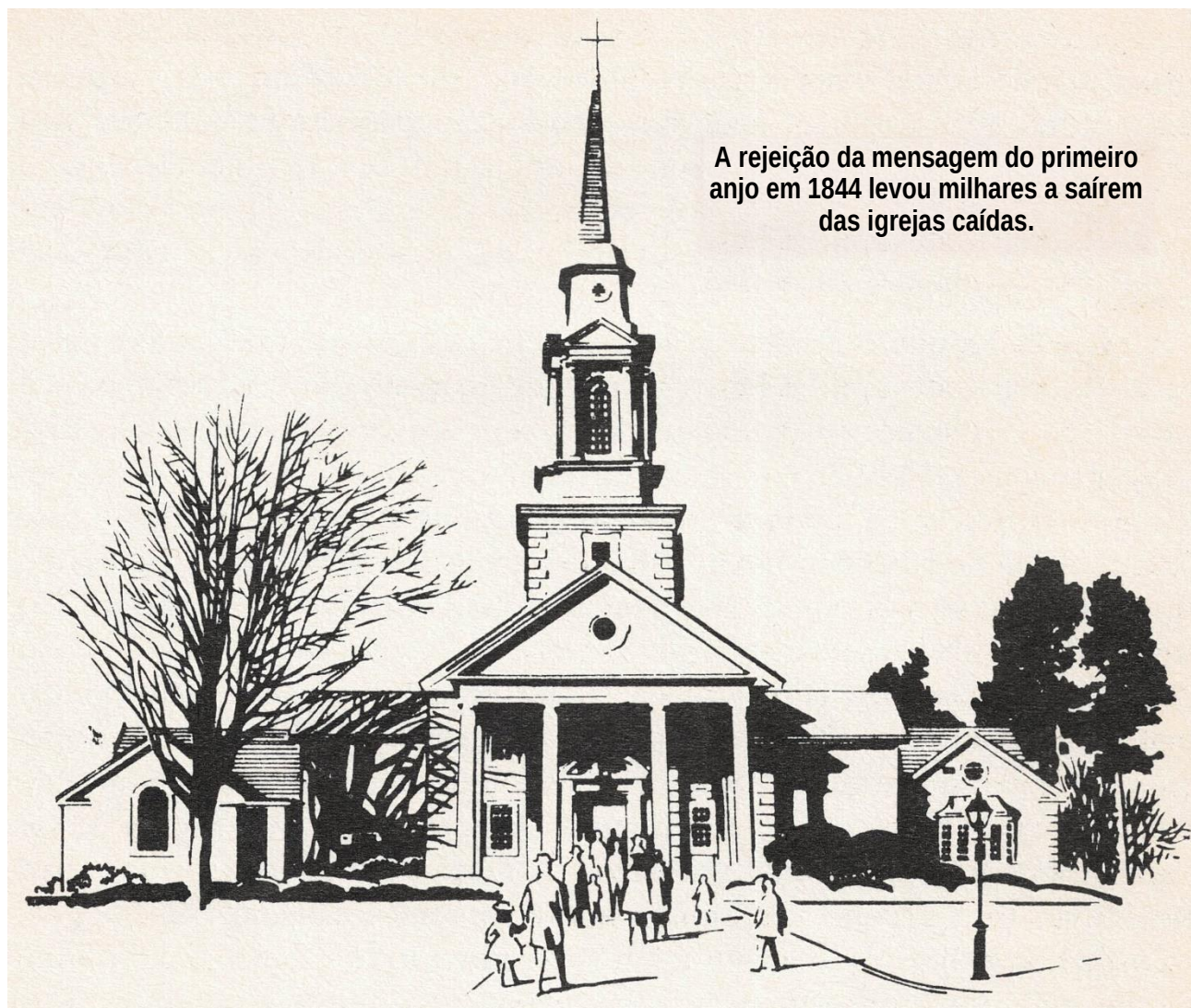
Depois do desapontamento, mas antes do final do ano, Guilherme Farnsworth levantou-se numa reunião e declarou que o seu estudo da Bíblia o levou à conclusão que o sétimo dia era o dia de repouso e que estava decidido a deixar de considerar o domingo como um dia santo. O seu irmão, Cyrus e alguns outros foram de igual modo convencidos e foi formado o primeiro grupo de adventistas observadores do sábado. Rachel Preston rapidamente aceitou a fé do advento depois disso.

Thomas M. Preble apresentou o sábado a Joseph Bates e John Nevins Andrews. Joseph Bates, um capitão marítimo, aprendeu esta importante verdade quando, em Março de 1845, estudou os artigos de Thomas Preble a respeito do sábado, *Hope of Israel*, (*Esperança de Israel*.) Ele em breve se tornou

um defensor muito forte do repouso do sábado com o resultado que outros adventistas se converteram a esta verdade.

James e Ellen White no início não estavam entre eles, mas depois do seu casamento, deram cuidadosa e honesta consideração aos argumentos nos escritos de Joseph Bates com o resultado que chegaram à compreensão da genuína verdade a respeito do dia sagrado. Eles, com outros crentes foram levados a ver a poderosa ligação entre o santuário e o sábado. Quanto estas duas verdades foram juntas, cada uma contribuiu poderosamente para a outra.

O terceiro desenvolvimento que veio a ser considerado como uma marca identificadora da igreja remanescente, foi o derramamento do dom da profecia que foi manifestado no ministério de Ellen Gould Harmon, mais tarde conhecida como Ellen G. White.



Ela nasceu em Gorham, Maine, em 1827, com a sua irmã gémea, as mais jovens de uma família com oito filhos. Nada houve de invulgar nos seus primeiros anos. A sua disposição para as coisas espirituais foi evidenciada pelo seu interesse na idade de oito anos por um relato num jornal de um pregador inglês que predizia a vinda de Cristo daí a trinta anos. Ela levou-o para casa e ficou profundamente impressionada com a necessidade de estar preparada para o grande acontecimento.

Entre 1837 e 1843 lutou para encontrar a paz com Deus. No meio desta luta quando tinha quinze anos, Guilherme Miller deu a sua segunda série de pregações em Portland, Maine, na Igreja Cristã da rua Casco. A família Harmon assistiu a estas reuniões e aceitou a mensagem do advento. Por esta

altura, a Igreja Metodista tinha condenado a obra de Guilherme Miller e a família Harmon foi excomungada por causa das suas convicções e ensinamentos.

Nem todos os ministros metodistas se submeteram às autoridades da igreja. Levi Stockman foi um dos que ficou do lado da verdade e encorajou grandemente Ellen a crer que o Senhor tinha uma obra especial para ela fazer. Foi por esta altura que ela alcançou uma positiva libertação do senhor do pecado interior e começou uma vida como cristã renascida. A experiência veio numa reunião de oração. Ela recorda isto nestas palavras:

“Ao ajoelharem-se os outros para orar, prostrei-me com eles, trêmula. E, depois de haverem orado algumas pessoas, alcei a voz em oração, antes que disso me apercebesse. Naquele instante, as promessas de Deus pareceram-me semelhantes a tantas pedras preciosas que deveriam ser recebidas apenas pelos que as pedissem. Enquanto orava, o peso e agonia de alma que havia tanto tempo eu suportava, deixaram-me, e a bênção do Senhor desceu sobre mim, semelhante ao orvalho brando. Louvei a Deus de todo o meu coração. Tudo parecia excluído de mim, exceto Jesus e Sua glória, e perdi consciência do que se passava em redor.

“O Espírito de Deus pousou sobre mim com tal poder que não pude ir para casa aquela noite. Quando voltei a mim, estava sendo tratada em casa de meu tio, onde nos tínhamos congregado para a reunião de oração. Nem meu tio nem minha tia fruía a religião, posto que ele já houvesse feito profissão de fé, havendo esmorecido depois. Contaram-me que, enquanto o poder de Deus se apossava de mim de maneira tão peculiar, ele ficara grandemente perturbado e andara pela sala, sofrendo incomodidade e angústia de espírito.

“Quando a princípio caí, alguns dos presentes ficaram grandemente alarmados e estavam para correr em busca de médico, julgando que alguma indisposição súbita e perigosa me houvesse acometido; mas minha mãe lhes disse que me deixassem só, pois era evidente para ela e para os outros cristãos experientes, que fora o maravilhoso poder de Deus que me prostrara. Quando voltei para casa, no dia seguinte, grande mudança ocorrera em meu espírito. Dificilmente parecia ser eu a mesma pessoa que deixara a casa de meu pai na noite anterior. Esta passagem estava continuamente em meu pensamento: ‘O Senhor é meu pastor: nada me faltará.’ Sal. 23:1. Meu coração transbordava de felicidade, enquanto eu suavemente repetia essas palavras.

“Uma Perspectiva do Amor do Pai

“A fé tomou posse de meu coração. Experimentei um inexprimível amor a Deus, e tinha o testemunho do Seu Espírito de que meus pecados estavam perdoados. Minhas opiniões acerca do Pai estavam mudadas. Considerava-O agora um Pai bondoso e terno, ao invés de tirano severo que forçasse os homens a uma obediência cega. Meu coração deixava-se levar a Ele em amor profundo e fervoroso. A obediência à Sua vontade me parecia um prazer; era para mim uma alegria estar ao Seu serviço. Nenhuma sombra nublava a luz que me revelava a perfeita vontade de Deus. Experimentei a segurança de um Salvador que em mim habitava, e compreendi a verdade do que Cristo dissera: ‘Quem Me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida.’ João 8:12.

“Minha paz e felicidade estavam em tão assinalado contraste com minha tristeza e angústia anteriores que parecia como se eu houvesse sido libertada do inferno e transportada ao Céu. Podia até louvar a Deus pela desgraça que fora a provação de minha vida, pois se tornara o meio de fixar meus pensamentos na eternidade. De natureza orgulhosa e ambiciosa, eu poderia não ter-me inclinado a entregar o coração a Jesus, se não fosse a cruel aflição que me separara de vez das glórias e vaidades do mundo.

“Durante seis meses, nenhuma sombra me nublou o espírito, tampouco negligenciei um dever sequer que conhecesse. Todo o meu esforço visava a fazer a vontade de Deus, e conservar Jesus e o Céu continuamente em vista. Estava surpresa e extasiada com as claras perspectivas que agora a mim se apresentavam do sacrifício expiatório e da obra de Cristo. Não mais tentei explicar minhas lucubrações de espírito; basta dizer que as coisas velhas haviam passado, e todas se tornaram novas. Não havia uma nuvem para empanar minha perfeita ventura. Eu aspirava contar a história do amor de Jesus, mas não sentia disposição para entreter conversação vulgar com qualquer pessoa. Meu coração estava tão cheio

de amor a Deus e daquela ‘paz... que excede todo o entendimento’ (Filip. 4:7) que eu me comprazia em meditar e orar.” *Vida e Ensinos*, 29, 32.

Essa foi uma experiência inesquecível pela qual Ellen Harmon passou quando encontrou a paz que está para além da compreensão do homem. Foi nesta força que ela foi capaz de suportar o temível teste trazido sobre si no grande desapontamento e preparou-a para o papel especial que devia desempenhar durante tanto tempo como mensageira de Deus para os crentes do advento.

A primeira comunicação do Céu na forma de visão informativa veio em Dezembro de 1844, quando estava de visita a casa de uma amiga, sra. Elizabeth Haines, que vivia em South Portland, Maine. Ela estava ajoelhada em oração com algumas outras jovens no altar de família, quando lhe foram apresentadas as viagens do povo do advento desde o tempo do clamor da meia-noite ao estabelecimento do reino eterno. Esta visão está relatada em *Primeiros Escritos*, 13-20.

Nesta altura tinha apenas dezassete anos, jovem, inexperiente e privada da escola devido à enfermidade que oito anos antes tinha começado ao ser atingida no nariz com uma pedra. Contudo, apesar destes factores, a luz enviada através dela foi reconhecida pelos crentes mais próximos como sendo divinamente revelada.

“Quando Ellen Harmon relatou esta visão a um pequeno grupo de sessenta perplexos e desapontados crentes adventistas em Portland, o seu conhecimento pessoal da sua singular experiência cristã, sua sinceridade e sua vida consistente e natureza prática da mensagem, levou-os a aceitar como uma mensagem do Céu.” *The Prophetic Faith of our Father* 4:980, por LeRoy Edwin Froom.

Não terá sido uma questão fácil aceitar estas manifestações da revelação divina nessa altura. Havia muito a preocupar os crentes. Muitas vozes eram ouvidas a proclamar que tinham uma mensagem do Céu destinada a resolver os problemas que se levantavam da confusão envolvendo o acontecimento que tinha tido lugar no final dos 2.300 anos. O fanatismo tinha procurado estabelecer-se entre os crentes e havia divisão por todo o lado. Mas no meio de toda a confusão, as ovelhas verdadeiras foram capazes de ouvir a voz do verdadeiro Pastor e iam onde essa voz os levava.

Era criticamente importante que os crentes adventistas que sobreviveram ao teste esmagador do grande desapontamento chegassem a uma compreensão clara e unida da verdade presente. Para alcançar isto, foram feitas seis conferências sobre o sábado entre Abril e Novembro de 1848, em Connecticut, Nova Iorque, Maine e Massachusetts. Aqueles que assistiram a estas reuniões trouxeram e apresentaram muitos pontos divergentes. Dificilmente dois estavam de acordo. Sendo os dedicados pioneiros que foram, voltaram-se para o profundo estudo e diligente oração a fim de reconciliar as suas diferenças chegando à verdade. Nesta altura crítica, o Senhor usou Ellen Harmon para colocar o Seu selo naquilo que era a verdade, ao passo que, ao mesmo tempo, claramente indicou qual era o erro. Este movimento tornou-se solidamente estabelecido na verdade presente. Ela recorda a experiência nestas palavras:

“Temos de estar firmados na fé segundo a luz da verdade que nos foi dada em nossa primeira experiência. Naquele tempo, erro após erro procurava forçar entrada entre nós; ministros e doutores introduziam novas doutrinas. Nós estudávamos as Escrituras com muita oração, e o Espírito Santo nos trazia ao espírito a verdade. Por vezes noites inteiras eram consagradas à pesquisa das Escrituras, a pedir fervorosamente a Deus Sua guia. Juntavam-se para esse fim grupos de homens e mulheres pios. O poder de Deus vinha sobre mim, e eu era habilitada a definir claramente o que era verdade ou erro.” *Obreiros Evangélicos*, 302.

Por esta miraculosa intervenção, os fundamentos da fé do advento foram lançados profunda e fortemente. O que era a verdade naquela altura ainda é verdade hoje. Portanto, todo o crente em Jesus está sob a solene obrigação de descobrir exactamente o que o Senhor revelou ao Seu povo naquela altura nos primeiros dias do movimento do advento, porque aquelas são as verdades que levarão ao reino. Grande luz tem sido revelada entretanto e muito mais está ainda para vir, mas nada desta luz adicional jamais substituirá as mensagens dadas no início.

Aconteceu assim que os três grandes ramos da mensagem do terceiro anjo foram fundidos – o santuário, o sábado e o Espírito de Profecia. Correctamente ensinado, porque estavam no início do

movimento do advento, foram poderosas apresentações do evangelho – o vivo poder criador de Deus para salvar do pecado e estabelecer a alma necessitada na justiça.

O objectivo final das três mensagens é produzir um povo perfeito, do qual o Senhor testificará: “Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” *Apocalipse* 14:12.

Quando o terceiro anjo tiver acabado a sua obra sob o ministério do quarto anjo, haverá um povo ilustre na Terra que, como resultado daqueles ministérios, terá a paciência dos santos, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. De nenhuma maneira melhor podia Deus ter especificado as qualificações possuídas por aqueles através de quem o Senhor será capaz de por fim terminar a Sua obra. Os que estavam equipados com estes atributos terão sido libertados de todas as imperfeições que efectivamente destruíram qualquer esperança dos movimentos anteriores de cumprirem a sua missão.

A *impaciência* do povo de Deus tem sido manifestada uma e outra vez quando tomaram a obra de Deus nas suas próprias mãos por sentirem que não podiam esperar mais que Deus fizesse o que tinha prometido. Convenceram-se que o Altíssimo os tinha esquecido de modo que, se não fizessem alguma coisa, então estariam sujeitos ao desastre.

Há demasiados exemplos disto. Jeová prometeu pessoalmente a Abraão e Sara que nasceria deles um filho, todavia os anos passaram sem qualquer indicação que a promessa fosse cumprida. Confrontados com o avanço da idade e pela diminuição das possibilidades de gerarem um filho, perderam a paciência com Deus e inventaram a sua própria forma de cumprir a profecia. Escusado será dizer que o filho de Agar não era o filho da *promessa*.

Do mesmo modo, Rebeca e Jacó não puderam esperar que Deus cumprisse a Sua palavra, mas tomaram o assunto nas suas próprias mãos com a conseqüente terrível perda para ambos.

Quando Israel chegou a Cades Barneia, manifestou a mesma determinação de ter o seu próprio caminho no lugar do caminho de Deus. Impacientes com aquilo que lhes parecia ser um inseguro caminho de alcançar os seus objectivos, tomaram a obra nas suas próprias mãos e perderam o direito de entrar na terra prometida.

A triste história da impaciência humana e incredulidade continuou mesmo até aos dias de Cristo e seguiu até à era da Igreja Apostólica. Os judeus não puderam esperar que Cristo os libertasse de acordo com os caminhos d’Ele. Quando o Messias não mostrou disposição de se exaltar a Si próprio ao trono, decidiram impor a posição sobre Ele. Felizmente Ele compreendia a paciência dos santos e completamente recusou a homenagem errada deles. Ele demonstrou no deserto da tentação que preferia morrer do que colocar-se no lugar do Pai e tomar a obra nas Suas mãos.⁵ Essa foi uma das mais notáveis demonstrações da paciência dos santos jamais dada e é uma área de estudo que chama a atenção de todas as pessoas que desejem qualificar-se para um lugar na obra de Deus.

Somente quando esta confiante paciência infinita for aprendida são os mandamentos de Deus guardados, porque, no momento em que alguém toma a obra de outro na sua própria mão, essa pessoa transgrediu todos os mandamentos. Fez-se ela própria Deus no lugar do Altíssimo; adorou uma imagem; tomou o nome do Senhor em vão, chamando-se a si mesma filha do Altíssimo quando de facto está a trair a relação; violou o princípio do princípio do sábado que reconhece apenas Jeová como Solucionador de problemas; desonrou o Pai celestial; cometeu assassinio naquilo que, pela separação da fonte da vida, literalmente se matou a si próprio; cometeu adultério espiritual nos termos em que Deus acusou Judá e Israel em *Jeremias* 3:8; roubou a honra que somente pertence a Deus; levantou um falso testemunho contra a fidelidade do Pai celestial; e cobiçou a posição que pertence unicamente ao Infinito.

Tiago escreveu a verdade literal quando disse: “Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos.” *Tiago* 2:10.

Alguns pregadores procuraram explicar isto usando a ilustração de uma corrente. Se um elo fosse quebrado, toda a cadeia é quebrada mesmo se os outros elos continuem intactos. Mas isto não é

⁵ Vede *O Repouso do Sábado de Deus*, Capítulo 31, disponível na Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

suficiente. O facto é que se um dos mandamentos é quebrado, todos os outros também são quebrados. Todos os elos da cadeia são afectados.

O grupo de pessoas através de quem o Senhor por fim terminará a obra, será provado ao ponto máximo da paciência. Uma vez terminada a provação, parecerão abandonados à ira dos seus inimigos. Estarão extremamente conscientes que, se morressem, Satanás teria ganho uma completa vitória no grande conflito como está escrito a respeito da sua situação durante o tempo da angústia de Jacó:

“Conta com as multidões do mundo como seus súditos; mas o pequeno grupo que guarda os mandamentos de Deus, está resistindo a sua supremacia. *Se ele os pudesse eliminar da Terra, seu triunfo seria completo.* Ele vê que santos anjos os estão guardando, e deduz que seus pecados foram perdoados; mas não sabe que seus casos foram decididos no santuário celestial.” *O Grande Conflito*, 618.

À medida que os justos vivos são colocados face a face com a morte e privados de quaisquer evidências visíveis que o Senhor cuide deles, serão temivelmente tentados a levantarem-se e fazer qualquer coisa em seu próprio benefício para se salvarem, e, ainda mais importante, pela obra do Senhor. Mas, tendo verdadeiramente e completamente desenvolvido a paciência dos santos, recusarão completamente tomar a obra de Deus nas suas próprias mãos. “Na presença do observador universo, declararão ... ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Assim eles obedecerão a todos os mandamentos de Deus em perfeição pois mostram, não só mera fé *em* Jesus, mas a própria fé *de* Jesus. Há apenas uma forma pela qual podem alcançar este nível de excelência e é através do ministério da mensagem do terceiro anjo em verdade. Não há outra forma.



Uma Grande e Profunda Obra

Até agora, durante seis mil anos da história humana, apesar de Deus ter tido alguns dos melhores homens e movimentos dedicados ao Seu serviço, não foi ainda desenvolvido um povo com a inquebrável paciência dos santos, perfeitamente consistente na observância dos mandamentos e a imutável fé de Jesus. Por esta razão, a luta com o diabo continua, a obra continua por acabar e Cristo ainda não voltou. Aqueles que hoje desejam que o Salvador apareça, necessitam ter conceitos mais claros e mais amplos acerca da purificação, educação e desenvolvimento necessário, para ficar firmes através das batalhas dos últimos dias. Esta grande e profunda obra é algo do qual as pessoas em geral têm conceitos tão limitados que gravemente embaraça os seus esforços para alcançarem a excelência necessária.

A obra de elevar a humanidade caída e pecadora ao lugar onde está qualificada para fazer a obra de Deus à Sua maneira, começou com o primeiro anjo. A resposta dada à sua mensagem e o significativo resultado obtido, são demonstrados na experiência dos expectantes crentes em 1844. Tinham uma purificação, um desenvolvimento das graças cristãs e um amor divino neles que é verdadeiramente desejado. A sua atenção foi focada somente nas coisas celestiais. Apenas tinham interesse e foram atraídos por elas e nada mais. Eram poderosos em oração e nenhum sacrifício por Cristo era considerado demasiado grande. A respeito deles está escrito:

“Um espírito de solene e fervorosa oração era por toda parte sentido pelos santos. Uma santa solenidade repousava sobre eles. Anjos estavam a observar com o mais profundo interesse o efeito da mensagem, e estavam a enobrecer aqueles que a recebiam, e a retirá-los das coisas terrestres para obterem grande suprimento da fonte da salvação. O povo de Deus era então aceito por Ele. Jesus olhava para eles com prazer, pois Sua imagem neles se refletia. Haviam feito um amplo sacrifício, uma completa consagração, e esperavam ser transformados à imortalidade. Mas estavam de novo destinados a ser tristemente decepcionados. O tempo para o qual tinham eles olhado, na expectativa de livramento, passou-se; ainda se achavam sobre a Terra, e os efeitos da maldição nunca pareceram mais visíveis do que então. Haviam posto suas afeições no Céu, e com doce antegozo provaram o livramento imortal; suas esperanças, porém, não se realizaram.” *Primeiros Escritos*, 239.

Aqueles crentes eram tão livres do pecado conhecido, tão completamente dedicados a Deus, tão cheios do Seu amor e tão amados por Ele, que se sentiram prontos para a trasladação imediata. Porém, foram tristemente desapontados. Não havia dúvida quanto a terem uma maravilhosa experiência. De facto reflectiam a imagem de Jesus e foram abençoados com a paz e alegria do Céu. O que lhes faltava então? Onde é que falharam?

Ainda havia muito para aprenderem acerca de Deus e Seus caminhos antes que pudessem ser alcançadas as mudanças ainda maiores e mais profundas necessárias neles. A luz adicional pela qual podiam ser educados e transformados devia vir do lugar santíssimo, e, portanto, ser-lhes-ia dada depois de aparecer o terceiro anjo. O nosso grande Sumo Sacerdote não entrou no lugar santíssimo senão para fazer o julgamento investigativo, realizar a expiação final, limpar os pecados deles e colocar o selo do Deus vivo neles. Esse é o culminar da Sua obra ali. Antes desse tempo chegar, Ele faz uma obra poderosa nos crentes de modo que estes ficam completamente preparados para o escrutinador exame do julgamento e ficam prontos para receber os benefícios da expiação final.

Estas grandes verdades não eram compreendidas por aqueles que esperavam a vinda de Cristo no final dos 2.300 anos. Não estavam à espera que Ele fizesse uma obra posterior de preparação neles por pensarem que já estavam prontos para a transladação. Não estavam conscientes das tremendas verdades a serem aprendidas ainda e da poderosa obra que ainda devia ser feita antes do Salvador poder voltar.

“Ao mesmo tempo em que lamentavam a ruína de suas esperanças, transcorrera o acontecimento que fora predito pela mensagem, e que deveria cumprir-se antes que o Senhor aparecesse para recompensar a Seus servos.

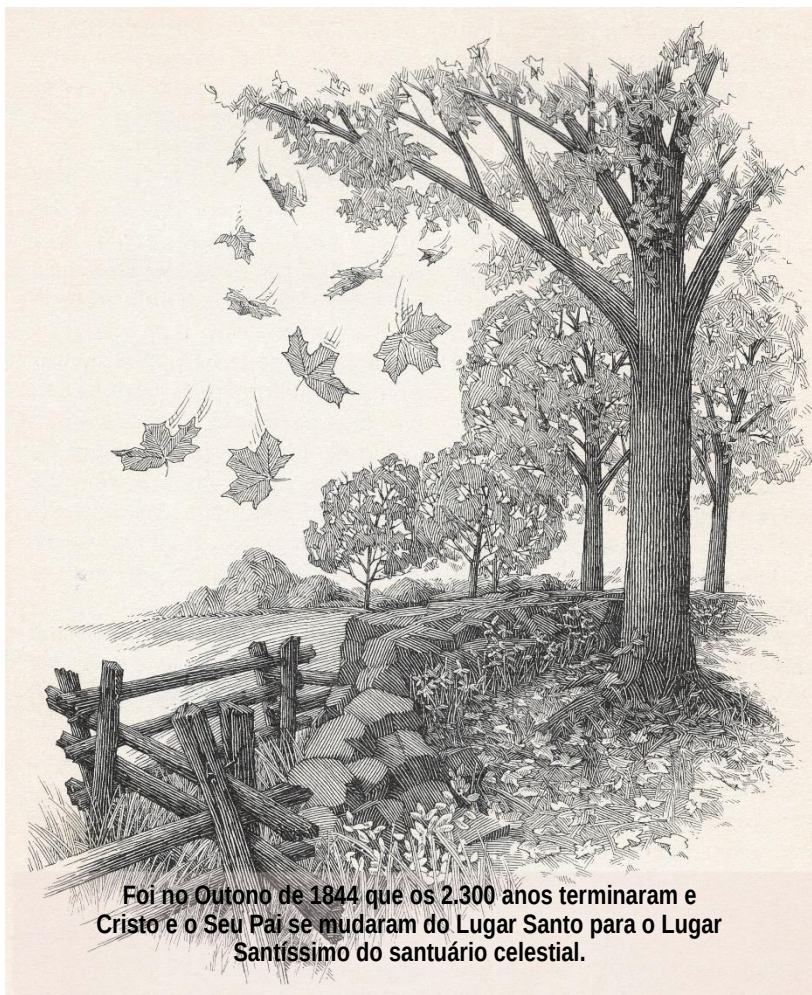
“Cristo aparecera, não à Terra, como esperavam, mas, conforme fora prefigurado tipicamente, ao lugar santíssimo do templo de Deus, no Céu. É Ele representado, pelo profeta Daniel, como estando a vir, nesse tempo, ao Ancião de Dias: ‘Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem: e dirigiu-Se’ não à Terra, mas – ‘ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele.’ Dan. 7:13.

“Esta vinda é também predita pelo profeta Malaquias: ‘De repente virá ao Seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o Senhor dos exércitos.’ Mal. 3:1. A vinda do Senhor a Seu templo foi súbita, inesperada, para Seu povo. Não O buscaram *ali*. Esperavam que viesse à Terra, ‘como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho’. II Tess. 1:8.

“O povo, porém, ainda não estava preparado para encontrar-se com o Senhor. Havia ainda uma obra de preparo a ser por eles cumprida. Ser-lhes-ia proporcionada luz, dirigindo-lhes a mente ao templo de Deus, no Céu; e, ao seguirem eles, pela fé, ao Sumo Sacerdote em Seu ministério ali, novos deveres seriam revelados. Outra mensagem de advertência e instrução deveria dar-se à igreja.” *O Grande Conflito*, 424, 425.

O propósito imediato da entrada no lugar santíssimo foi derramar raios de luz adicionais sobre o Seu povo fiel aqui na Terra. Como a sua educação nas coisas espirituais era assim avançada, uma grande obra de purificação e desenvolvimento espiritual seria realizada neles. Tudo isto estava claramente ilustrado na profecia de Malaquias. Em primeiro lugar, ela predizia a vinda do Senhor ao Seu templo, o cumprimento daquilo que teve lugar no final dos 2.300 anos em 1844. O profeta continua descrevendo a incrível profundidade da purificação que se seguiria a esta entrada no lugar santíssimo do santuário celestial:

“Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-á como fundidor e purificador



Foi no Outono de 1844 que os 2.300 anos terminaram e Cristo e o Seu Pai se mudaram do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo do santuário celestial.

de prata; e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; então ao Senhor trarão oferta em justiça.” *Malaquias* 3:2, 3.

A referência à obra de Cristo purificando o Seu povo como um refinador separando o precioso metal de ouro e de prata das impurezas, é uma ilustração muito apropriada da obra a ser realizada. Quando o minério é extraído da montanha, há uma grande quantidade de rocha e terra numa proporção muito pequena dos preciosos metais. Esta mistura é então colocada na fornalha do refinador. Aquecida a uma temperatura elevada, o metal derrete-se e separa-se da escória inútil que flutua à superfície. Cuidadosamente, para não remover qualquer ouro ou prata, separa as peças maiores do material inútil. Mas ele não fica por aí. Isso é apenas o início do processo. A fornalha é fortemente aquecida, porque o refinador sabe que a obra ainda não está acabada e ele não ficará satisfeito enquanto todo o traço de impureza não tiver sido absolutamente removido. À medida que a obra avança, cada crivagem encontra partículas cada vez mais pequenas até que as últimas são por fim libertadas e removidas. Então, quando o refinador olha para a superfície derretida, vê a sua imagem perfeitamente reflectida no metal puro. Quando chega esta altura, ele sabe que a sua obra está feita.

Do mesmo modo, quando aqueles que respondem à luz salvadora do evangelho são separados do mundo, há ainda uma grande quantidade de impureza neles. Apesar de terem um novo coração e desse modo abençoados com a presença de Cristo no interior, ainda têm velhas ideias e teorias, hábitos e práticas, que devem ser purificados e substituídos com as contrapartidas correctas.

Uma vez efectuada a obra do renascimento, esta profunda e examinadora obra de reforma deve continuar.⁶ A fornalha da aflicção desempenha uma grande parte na realização disto. Não é uma obra alcançada num momento. O povo de Deus precisa compreender isso, porque fracassar em fazê-lo tem o infeliz efeito de parar o processo de purificação e atrasar grandemente o regresso de Cristo. Foi isto que aconteceu por volta de 1855. O povo esperou que a mensagem de Laodiceia rapidamente alcançasse o propósito divino, mas uma vez que não o fez, pois ela leva tempo fazer a sua obra, o efeito da mensagem foi perdido e o povo mergulhou numa letargia mortal. Isto levou a obra do Refinador celestial a uma virtual estagnação. A pena da inspiração revelou esta tragédia em 1859.

“Foi-me mostrado que o testemunho aos laodiceanos se aplica ao povo de Deus no tempo presente, e a razão por que não realizou uma obra muito maior é a dureza de coração. Mas Deus deu à mensagem tempo para realizar sua obra. O coração precisa ser purificado dos pecados que por tanto tempo excluem a Jesus. Essa terrível mensagem fará sua obra. Quando foi primeiramente apresentada, conduziu a um íntimo exame do coração. Os pecados foram confessados e em todos os lugares o povo de Deus foi sacudido. Quase todos creram que essa mensagem concluiria o alto clamor do terceiro anjo. Mas como o povo não viu a poderosa obra concluída em um curto espaço de tempo, muitos perderam o efeito da mensagem. Vi que essa mensagem não poderia cumprir seu propósito em uns poucos meses. Ela estava destinada a despertar o povo de Deus, a denunciar-lhes a apostasia e levá-los a um zeloso arrependimento, a fim de que muitos pudessem ser favorecidos com a presença de Jesus e estarem preparados para o alto clamor do terceiro anjo. Como esta mensagem atingiu o coração, levou o povo à profunda humilhação diante de Deus.” *Testemunhos para a Igreja* 1:186.

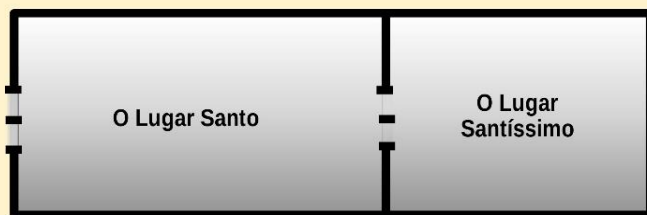
Aquilo que foi parado devido à incredulidade do povo naquela altura também deve ser recomeçado pelos crentes hoje. A obra do Refinador tem que ser levada ao termo antes de vir o fim. Levará tempo, mas ela não tem que se prolongar interminavelmente. Permite que a obra prossiga com toda a velocidade possível de modo que ela possa ser feita no mais curto espaço de tempo possível. Jesus prometeu alcançar este abençoado resultado no Seu povo.

“...Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível.” *Efésios* 5:25-27.

“Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo.” *Filipenses* 1:6.

⁶ Para um estudo mais detalhado desta verdade, vede *Renascimento e Reforma*, do mesmo autor.

A Progressiva Obra de Purificação



A Angústia
de Jacó

31 d.C.

Cristo —
o Refinador

Prepara o Seu povo
para a morte,
ressurreição e a
purificação no
Lugar Santíssimo.

1844

Cristo —
o Refinador

Prepara o Seu
povo para a
transladação e a
purificação final.

Fim do tempo
de provação

Cristo —
o Refinador

Prepara o Seu
povo para a obra
final.

Cristo prossegue a obra de purificação de uma fase para outra até a Sua imagem estar perfeitamente reproduzida no Seu povo e a última geração estar preparada para reflectir o Seu carácter tão perfeitamente que mesmo os ímpios verão e reconhecerão a perfeição de Deus.

7Anjos_Diag09_01

“Fiel é o que vos chama, *o qual também o fará.*”

“Deus provará Seu povo. Jesus lida com eles pacientemente, e não os vomita da boca em um momento. Disse o anjo: ‘Deus está pesando o Seu povo.’ Se a mensagem houvesse tido a breve duração que muitos de nós supunham, não teria havido tempo para desenvolver o carácter. Muitos agiam segundo os sentimentos, não por princípios e pela fé, e esta solene e terrível mensagem os sacudiu. Atuou sobre seus sentimentos, e despertou-lhes os temores, mas não realizou a obra que Deus designava que fizesse. Deus lê o coração. Para que Seu povo não se engane quanto a si mesmo, Ele lhes dá tempo para que passe a emoção, e então os prova para ver se obedecem ao conselho da Testemunha Verdadeira.

“Deus conduz avante Seu povo, passo a passo. Leva-os a diferentes pontos, destinados a manifestar o que está no coração. Alguns resistem em um ponto, mas caem no seguinte. A cada ponto mais adiante, o coração é provado um pouco mais de perto. Se o professo povo de Deus verifica estar o coração contrário a esta penosa obra, isto os deve convencer de que têm alguma coisa a fazer a fim de vencer, uma vez que não queiram ser vomitados da boca do Senhor.

“Disse o anjo: ‘Deus operará mais e mais rigorosamente a fim de experimentar e provar cada um entre Seu povo.’

“Alguns são prontos em receber um ponto; mas quando Deus os leva a outro ponto difícil, recuam diante dele e ficam para trás, pois acham que isto golpeia diretamente algum ídolo acariciado. Aí têm

eles ensejo de ver o que, em seu coração, está excluindo a Jesus. Prezam alguma coisa mais que a verdade, e o coração não está preparado para receber a Jesus. Os indivíduos são experimentados e provados por um espaço de tempo a ver se sacrificarão seus ídolos e darão ouvidos ao conselho da Testemunha Verdadeira. Caso alguém não seja purificado pela obediência à verdade, e vença o egoísmo, o orgulho e as más paixões, os anjos de Deus têm a recomendação: ‘Estão entregues a seus ídolos; deixai-os’, e eles passarão adiante à sua obra, deixando esses com seus pecaminosos traços não subjugados, à direção dos anjos maus. Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda prova, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira, e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a trasladação.” *Testemunhos Selectos* 1:64.

Este esforço da parte de Deus através de Cristo no lugar santíssimo, a obra do Espírito Santo e o ministério dos anjos mensageiros, é destinado ao desenvolvimento da perfeição do carácter de Cristo em todos os crentes. Isto é necessário porque apenas um povo sem pecado pode qualificar-se para serem membros do quinto e do sexto movimentos dos anjos.

“Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o carácter liberto de pecado, pelo sangue da aspersion. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo investigativo prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado, entre o povo de Deus na Terra. Esta obra é mais claramente apresentada nas mensagens do capítulo 14 de Apocalipse.” *O Grande Conflito*, 425.

Este processo purificador tem que ficar completo antes do fecho da porta da graça, porque nenhum pecado pode ser removido de alguém depois de terem terminado os serviços do santuário para a remoção do pecado.⁷ Portanto, no julgamento dos vivos, apenas aqueles que tenham sido totalmente limpos tanto dos pecados conhecidos como dos desconhecidos, receberão os benefícios da expiação final, que são a extinção do pecado, a afixação do selo de Deus e a certeza de um lugar no Céu.

À medida que o julgamento dos vivos se aproxima, Cristo intensificará a Sua obra como Refinador e Purificador. A luz e instrução enviada do lugar santíssimo aumentarão em proporções notáveis quando o derramamento da chuva serôdia se tornar mais e mais abundante. Simultaneamente, a mais severa e mais intensa perseguição jamais dirigida contra o povo de Deus tornar-se-á cada vez mais feroz. Este processo eliminará essa pessoa da raça, ou, se ela puder suportar a pressão, purificá-la-á de tal maneira que, no final, todo o traço da pecaminosidade e natureza terrena terá sido erradicado dela e reflectirá a imagem na perfeição.

“À medida que os membros do corpo de Cristo se aproximam do seu último conflito, ‘o tempo da angústia de Jacó,’ crescerão em Cristo e participarão amplamente do Seu Espírito. À medida que a mensagem soa num alto clamor e um grande poder e glória acompanha a finalização da obra, o povo de Deus fiel participará dessa glória. É a chuva serôdia que os reaviva e fortalece para passarem o tempo de prova. As suas faces brilharão com a glória dessa luz que acompanha o terceiro anjo.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:984.

“É impossível dar uma idéia da experiência do povo de Deus que há de viver na Terra quando se misturarem a glória celestial e a repetição das perseguições do passado. Eles andarão à luz que procede do trono de Deus. Por meio dos anjos haverá constante comunicação entre o Céu e a Terra.” *Testemunhos para a Igreja* 9:16.

“Quando esta obra se houver realizado, os seguidores de Cristo estarão prontos para o Seu aparecimento. ‘E a oferta de Judá e de Jerusalém será suave ao Senhor, como nos dias antigos, e como nos primeiros anos.’ Mal. 3:4. Então a igreja que nosso Senhor deve receber para Si, à Sua vinda, será ‘igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante’. Efês. 5:27. Então ela aparecerá ‘como

⁷ Para estudo adicional desta verdade vede *Enfrentando o Julgamento, Estais Prontos?*, do mesmo autor.

a alva do dia, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, formidável como um exército com bandeiras'. Cant. 6:10." *O Grande Conflito*, 425.

Muitos têm olhado para a chuva serôdia como sendo nada mais do que um poder pentecostal dado para equipar o último povo de Deus para pregar a última advertência a todas as pessoas na Terra. Poucos compreendem que isto se destina a fazer muito mais do que isso. Não apenas isso fará uma poderosa obra *através* do povo de Deus, mas também fará uma tremenda obra *neles e por* eles. Com isto, este processo de purificação e desenvolvimento de carácter avançará ao ponto em que os santos estarão prontos em si mesmos tanto para passar o escrutinador e exigente exame como para serem trasladados sem ver a morte.

A consideração do efeito da chuva serôdia na natureza rapidamente revela que esta bênção faz uma grande obra ao levar o grão à total maturidade e preparação para a colheita. Aquilo que é verdadeiro na lição objectiva para o que Deus nos chama a atenção, deve ser igualmente assim na contrapartida espiritual para cujo objectivo aponta. Portanto, há uma necessidade muito especial para os santos também:

“‘Pedi ao Senhor chuva no tempo da chuva serôdia; o Senhor que faz os relâmpagos, lhes dará chuvereiro de água.’ Zac. 10:1. ‘E fará descer a chuva, a temporã e a serôdia.’ Joel 2:23.

“No Oriente a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária, para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota o tenro rebento. Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. *O Senhor utiliza esses elementos da natureza para representar a obra do Espírito Santo*. Como o orvalho e a chuva são dados primeiro para fazer com que a semente germine, e então para amadurecer a colheita, assim é dado o Espírito Santo para levar avante, de um estágio para outro, o processo de crescimento espiritual. O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no carácter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo.

“A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a igreja para a vinda do Filho do homem. Mas a menos que a chuva temporã haja caído, não haverá vida; a ramagem verde não brotará. Se a chuva temporã não fizer seu trabalho, a serôdia não desenvolverá a semente até à perfeição.

“Deve haver ‘primeiro, a erva, depois, a espiga, e, por último, o grão cheio na espiga’. Mar. 4:28. Deve haver um desenvolvimento constante das virtudes cristãs, um avanço constante na experiência cristã. Isso devemos nós buscar com intenso desejo, para que possamos adornar a doutrina de Cristo, o nosso Salvador.” *Testemunhos para Ministros*, 506.

Assim será que durante todo o ministério das mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, especialmente quando forem poderosamente repetidas sob o quarto anjo ou anjo de *Apocalipse* 18, uma obra examinadora de purificação e preenchimento levará o crente de um nível de perfeição para outro. É muito importante que o verdadeiro povo do Senhor esteja bem conhecedor disto. Quando compreenderem este aspecto vital do ministério celestial de Cristo através dos Seus anjos mensageiros, procurarão com todo o seu coração tornar-se sujeitos a esta obra somente pela qual podem chegar à medida das exigências do julgamento e estar prontos para a transladação.

Uma vez que os crentes tenham passado o julgamento e recebido a expiação final que assegura que os seus pecados foram limpos, estarão prontos para a transladação imediata, pois a obra do julgamento é determinar quem está de facto pronto para o reino. O seu propósito não é determinar qual é a obra que ainda é necessária. Quem quer que não esteja pronto quando este tempo vier, não terá lugar no reino. Isto é tornado muito claro nos seguintes testemunhos:

“Esta obra de exame do carácter, para determinar quem está preparado para o reino de Deus, é a do juízo de investigação, obra final do santuário do Céu.” *O Grande Conflito*, 428.

“Antes que seja dada a recompensa final, precisa ser decidido quem *está apto* para participar da herança dos justos. Essa decisão deve ser feita antes da segunda vinda de Cristo, nas nuvens do céu; porque quando Ele vier, o galardão estará com Ele ‘para dar a cada um segundo a sua obra’. Apoc.

22:12. Antes de Sua vinda o carácter da obra de cada um terá sido determinado, e a cada seguidor de Cristo o galardão será concedido segundo seus atos.” {PJ 165}, *Parábolas de Jesus*, 310.

Alguém podia esperar que, logo que os santos estejam verdadeiramente prontos para a trasladação imediata, esta bênção lhes seria concedida. Deus deseja que eles sejam levados de volta à comunhão pessoal com Ele. Ele está magoado e triste pela longa separação deles e almeja o fim desta triste situação. Mais ainda, deseja libertá-los tão cedo quanto possível do sofrimento que têm de continuar a sofrer enquanto permanecerem nesta Terra entre os inimigos que os odeiam. Isto será especialmente verdade durante as sete últimas pragas quando os justos assim como os ímpios sofrerem “...o cansaço, a demora e a fome...” *O Grande Conflito*, 621. Nenhum ser humano hoje pode imaginar a intensidade do sofrimento que será experimentado durante o tempo de angústia que se aproxima, mas podemos estar certos que o Senhor livrará disso os Seus logo que possa.

Porque é que Ele não faz isto logo que os justos estão prontos para se juntarem a Ele no Céu? Por que espera Ele até as sete pragas terem caído? Por que devem os Seus filhos ser deixados a sofrer durante este prolongamento do seu confinamento a esta Terra?

É assim porque, sob o ministério dos movimentos do quinto, sexto e sétimo anjos, Cristo continua a Sua obra como Refinador e Purificador da prata. Uma purificação ainda mais profunda é ainda necessária, não para alcançar a preparação para a trasladação e lugar no mundo criado de novo, pois isso já foi atingido, mas para subir ao nível ainda mais alto exigido por essa última revelação do carácter de Deus pelo qual o grande conflito pode ser por fim terminado.

Os pormenores desta purificação final não serão apresentados aqui mas será reservado para o estudo do quinto, sexto e sétimo anjos em capítulos posteriores deste livro.

Contudo, em resumo, a purificação que tem lugar durante a angústia de Jacó quando Cristo já não está no santuário celestial, não pode envolver a remoção da pecaminosidade, porque tudo isso deve ser completado enquanto Cristo é ainda o nosso grande Sumo Sacerdote. Será a *natureza terrena*, não a pecaminosidade, que será tirada deles nesta altura. A *natureza terrena* é a tendência natural dos seres humanos para colocarem a sua confiança no visível suporte terrestre quando o invisível sustento celestial parece ter sido afastado deles. É onde a humanidade sempre tem falhado no passado. A paciência dos santos tem sido substituída uma e outra vez pela impaciência daqueles que têm afirmado ser o consagrado povo de Deus.

Mas todos aqueles fracassos do passado ocorreram sob pressões que foram muito reduzidas comparadas com aquelas que serão suportadas pelos 144.000. O peso da tentação para regressarem às suas próprias obras será tão intenso quanto Satanás o pode fazer. Aquele que suportar essa pressão, terá suportado tudo o que podia ser imposto sobre si. O diabo esgotará completamente o seu arsenal de armas na sua desesperada luta final contra os eleitos, tal como fez contra o Salvador, mas também não terá sucesso.

Desta sucessão de purificações e aperfeiçoamentos, o remanescente final terão desenvolvido o carácter de Deus em si para além do alcançado por qualquer outra pessoa. Aproximar-se-ão tanto de Deus em altura, profundidade, comprimento e amplitude do desenvolvimento de carácter e consequentemente serão capazes de realizar um incomparável serviço na vinda do reino da graça e da glória.

Aqueles então que verdadeiramente recebem todo o benefício do ministério dos sete anjos, deviam compreender e cooperar com o ministério de Cristo como Refinador e Purificador da prata e do ouro. Ser objecto deste ministério, é a primeira e mais importante responsabilidade de todos os professos filhos de Deus. Ela tem a precedência sobre aquilo que no passado tem sido aceite como prioritário – a evangelização do mundo. Isto tem que ser assim, porque ninguém pode pregar o salvador poder do evangelho sem ter experimentado primeiro o seu poder refinador em si mesmo. Se o povo do Senhor hoje se concentrasse na cooperação com Cristo no Seu ministério no lugar santíssimo de modo que Ele pudesse avançar com a Sua obra salvadora neles, ficariam rapidamente preparados para proclamar a mensagem do terceiro anjo a toda a nação, tribo, língua e povo. Quão rapidamente a obra seria finalizada e os santos reunidos no lar.

Uma Crise Desnecessária

“**A** passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: ‘Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.’ Dan. 8:14.” *O Grande Conflito*, 409.

O final da profecia dos 2.300 anos trouxe a igreja a um ponto nunca alcançado anteriormente em qualquer período da sua história passada. O tempo havia terminado depois do qual os inimigos de Deus e do Seu povo nunca mais podiam tirar o diário, pisar os exércitos, derrubar algumas das estrelas, exaltarem-se a si mesmos até ao Príncipe dos príncipes e remover o santuário do seu lugar designado no Céu para um novo local na Terra.

O próprio Jeová enviou o Seu mensageiro escolhido, o anjo Gabriel, para confirmar esta maravilhosa promessa. Daniel necessitava desta informação para ver o fim do futuro aparentemente sem esperança tal como lhe foi revelado em *Daniel* 8. Foram-lhe mostrados ali os sucessivos levantamentos ao domínio mundial da Medo-Pérsia, Grécia e Roma pagã. Depois disso veio a desolação da ponta pequena, o papado, que teria sucesso em reduzir a igreja à mesma lamentável condição em que se encontrava durante o período da supremacia de Babilónia. Daniel reconheceu que séculos atrás de séculos foram cobertos pela profecia, e, à medida que ficava terrivelmente consciente de que a igreja não estava a regressar do seu cativeiro actual e rapidamente via o grande conflito no fim, ficou chocado com o completo horror das terríveis probabilidades. Parecia-lhe que o futuro não reservava melhor esperança do que a encontrada no passado.

Ele sabia que o Senhor tinha chamado Israel para cumprir um propósito muito especial no estabelecimento da justiça em todo o mundo. Para assegurar o seu seguro sucesso, tinha-lhes dado todos os recursos para a obra. Colocou-os na terra de Canaã, o cruzamento estratégico do mundo. Deu-lhes a liberdade, o santuário, os serviços diários e a direcção pessoal do próprio Cristo. Sob estas circunstâncias, não havia razão para falharem, mas incrivelmente, falharam todas as vezes que o Senhor os restabeleceu a seguir a cada fracasso anterior. Todas as vezes que caíram, o diabo foi rápido em tirar a sua liberdade, derrubar o santuário, remover o diário e remover a sua ligação com Cristo, a sua Cabeça divina.

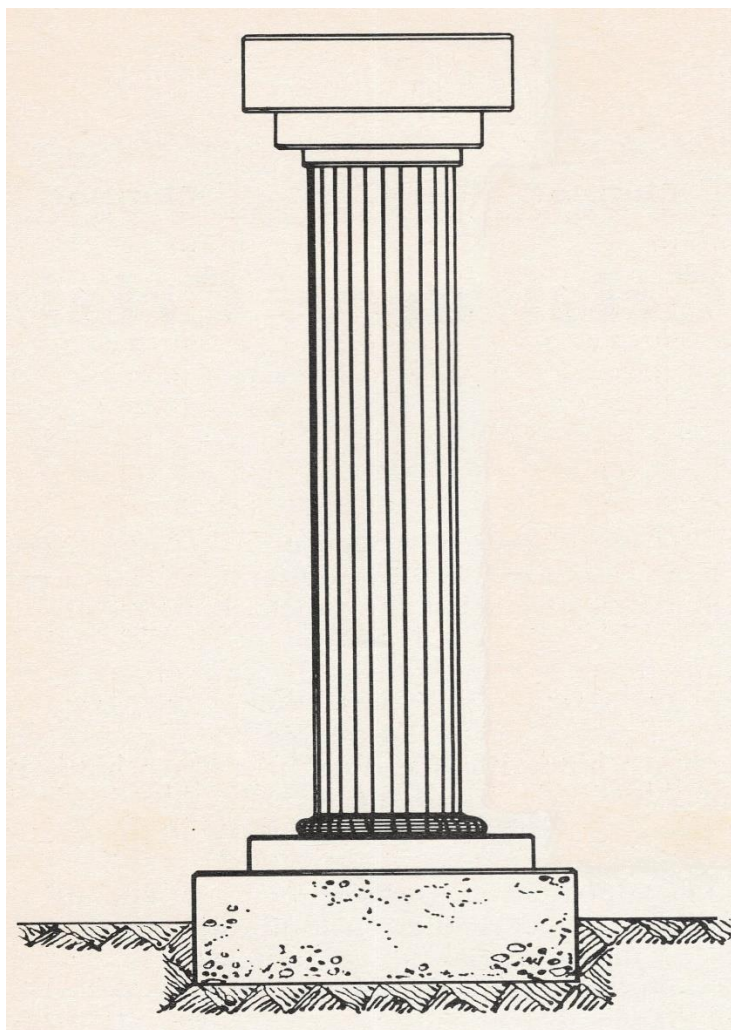
Olhando para o passado de Israel, Daniel podia ver repetidos fracassos onde nada mais devia haver do que consistentes vitórias e um rápido e permanente fim da capacidade de Babilónia para atrasar a obra de Deus. Em seguida o anjo revelou-lhe que o futuro continha a mesma perspectiva desanimadora. Ele compreendeu que se o padrão nunca fosse quebrado, o grande conflito nunca terminaria a favor de Deus.

Mas o Senhor, vendo todos os pormenores do futuro, abriu à mente dele o glorioso facto de que havia um limite para o poder de Satanás. Durante séculos, cada vitória que ele tinha obtido sobre a igreja enfraqueceu-o. Não aumentou a sua força tal como poderia supor, até chegar o tempo em 1844, depois do qual nunca mais alcançaria a supremacia que havia conhecido anteriormente.

Isto significa que quando os 2.300 anos terminaram em 1844, o palco estava preparado para o povo adventista avançar rapidamente para a finalização da obra. O poder de Roma estava quebrado, as poderosas mensagens de Deus estavam a ser transmitidas aos crentes através de sucessivos anjos mensageiros, Cristo estava a cumprir a Sua missão como Refinador, um profeta vivo foi colocado entre eles de modo que o Senhor podia informá-los quanto à Sua vontade e propósito, e a sala do julgamento no

Céu foi aberta para a expiação final e regresso de Cristo. Havia todas as razões para esperar que os três anjos finalizassem rapidamente a sua obra e o fim viesse.⁸

A passagem que, mais que todas as outras, havia sido tanto a base como a coluna central da fé do advento, foi: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.”
***O Grande Conflito*, 409.**



Mas não devia ser assim. Apesar de todas as vantagens conquistadas, a igreja desviou-se do caminho e um longo atraso começou. Que isto é assim é confirmado pelo seguinte testemunho escrito em 1886.

“Se todos os que trabalharam unidos na obra em 1844 tivessem recebido a mensagem do terceiro anjo, proclamando-a no poder do Espírito Santo, o Senhor teria poderosamente operado por seus esforços. Caudais de luz ter-se-iam derramado sobre o mundo. Haveria anos que os habitantes da Terra teriam sido avisados, a obra final estaria consumada, e Cristo teria vindo para a redenção de Seu povo.”
O Grande Conflito, 291, edição de 1886. O mesmo testemunho é encontrado na página 458 da edição normalizada.

Estas palavras foram escritas há noventa e nove anos e os filhos de Deus ainda estão nesta Terra amaldiçoada pelo pecado. Isto não devia ser assim e é da maior importância que a geração actual compreenda o que é que falhou. O próprio testemunho faz referência ao facto que uma grande proporção dos que trabalharam unidos no movimento que conduziu ao grande desapontamento, falhou em aceitar a terceira mensagem angélica e proclamá-la no poder do Espírito Santo. Isto significa que se não tivessem caído, mas ficado firmes, então o Senhor teria vindo antes de 1886.

Então porque é que eles caíram?

Por terem provado ser incapazes de suportar o teste. Isto não significa que não podiam ter sobrevivido à tremenda pressão que os fracassos das suas esperanças impuseram sobre eles. Houve os que

⁸ Vede *Os Caminhos de Deus no Santuário*, capítulos 1 e 26, do mesmo autor.

conseguiram ultrapassá-lo sem perder a fé na mensagem, e, tão seguramente quanto o fizeram, assim podiam os restantes ter feito.

O facto é que foi um teste que nenhum deles necessitava passar. Deus fez tudo o que podia e tudo o que era necessário para remover deles este conceito errado que evitava que compreendessem mal a verdadeira natureza do acontecimento a ocorrer no final dos 2.300 anos. A verdade a respeito disto é mais fácil e claramente compreendida se for estudada à luz da experiência paralela pela qual os discípulos de Cristo passaram quando a Sua crucifixão frustrou as esperanças deles e desapontou as suas expectativas.

“A experiência dos discípulos que pregaram ‘o evangelho do reino’ no primeiro advento de Cristo, teve seu paralelo na experiência dos que proclamaram a mensagem de Seu segundo advento.” *O Grande Conflito*, 351.

Isto é verdade num sentido muito claro, porque, em ponto a ponto os dois movimentos são paralelos entre si. Ambos proclamaram a vinda de Cristo, anunciando o cumprimento de um tempo de profecia e chamava os homens a prepararem-se para estes acontecimentos afastando o pecado e a viver justamente. O resto do parágrafo citado confirma isto:

“Assim como saíram os discípulos a pregar: ‘O tempo está cumprido, o reino de Deus está próximo’, Miller e seus companheiros proclamaram que o período profético mais longo e o último apresentado na Bíblia estava a ponto de terminar, que o juízo estava próximo, e que deveria ser inaugurado o reino eterno. A pregação dos discípulos com relação ao tempo, baseava-se nas setenta semanas de Daniel 9. A mensagem apresentada por Miller e seus companheiros anunciava a terminação dos 2.300 dias de Daniel 8:14, dos quais as setenta semanas fazem parte. Cada uma dessas pregações se baseava no cumprimento de uma porção diversa do mesmo grande período profético.” *O Grande Conflito*, 351.

O foco da atenção neste estudo não está em qualquer destes pontos, mas no facto que tanto os discípulos como os mileritas sofreram um terrível e desnecessário desapontamento porque ambos os grupos foram vítimas de ideias e teorias preconcebidas. Portanto, o estudo do problema que atingiu os discípulos e as terríveis consequências desse erro, é de grande valor na compreensão do que causou o grande desapontamento e confirma a verdade que ele nunca teria acontecido. Esta é a verdade, muito embora existam alguns testemunhos que algumas pessoas erradamente usam para suportar o seu argumento de que o Senhor deliberadamente escondeu a verdade dos mileritas, a fim de alcançar um propósito que Ele considerou necessário. Um exame destes argumentos será feito mais tarde neste capítulo. Por agora, limitaremos as nossas considerações ao facto que tanto os discípulos como os mileritas sofreram um desnecessário desapontamento devido à sua continuada, mas indesculpável ignorância da verdade.

“Do mesmo modo que os primeiros discípulos, Guilherme Miller e seus companheiros não compreenderam inteiramente o significado da mensagem que apresentavam. Erros, que havia muito se achavam estabelecidos na igreja, impediam-nos de chegar a uma interpretação correta de um ponto importante da profecia. Portanto, se bem que proclamassem a mensagem que Deus lhes confiara para transmitir ao mundo, em virtude de uma errônea compreensão do sentido, sofreram desapontamento.” *O Grande Conflito*, 351, 352.

Assim, é feita claramente a ligação entre uma “má compreensão” da mensagem que eles tinham e o terrível “desapontamento”. Não foi por falta do Salvador que os Seus discípulos foram mantidos em contínua ignorância dos acontecimentos que deviam ter lugar durante a missão do Messias na terra. Repetida e insistentemente, com incomparável clareza e destreza e no infinito poder do Espírito Santo, Ele tinha-lhes dito exactamente o que deviam esperar. O tempo provou a clareza e exactidão das Suas predições, mas demasiado tarde para os salvar da sua chocante experiência. As suas mentes estavam tão prisioneiras das preconcebidas teorias e desejos pessoais que foi como se Ele não tivesse feito qualquer tentativa para lhes dar qualquer luz.

Conhecendo a delicadeza e dificuldade de lhes ensinar aquilo que não desejavam ouvir, evitou fazer qualquer menção ao Seu destino até sentir que tinham crescido o suficiente nas coisas espirituais para aceitar o que Ele tinha para lhes dizer. Ele abordou o assunto perguntando-lhes quem diziam os homens

que Ele era. Responderam que Ele era aceite como profeta na categoria de Isaías, Jeremias ou João Baptista. Quando lhes perguntou quem era Ele, Pedro respondeu:

“... Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” *Mateus* 16:16.

Cristo reconheceu que a compreensão dele a respeito desta preciosa e poderosa verdade não tinha a sua fonte no homem, mas tinha-lhes sido revelada pelo Seu Pai. A capacidade deles para ver isto indicava que tinham feito um progresso considerável na educação espiritual e que tinham avançado mais do que qualquer dos seus contemporâneos. O seu nível de desenvolvimento espiritual tinha alcançado o ponto onde o Mestre podia começar a instruí-los no assunto dos Seus iminentes sofrimentos e morte. Assim foi:

“Desde então começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muitas coisas dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia.” *Mateus* 16:21.

Instantaneamente e de modo enfático, aqueles discípulos rejeitaram esta revelação vital e continuaram a fazê-lo até mesmo ao fim. A instrução foi repetida mais tarde quando viajavam para Jerusalém, mas apesar da sua reacção desta vez não ter sido oral nem enfática, a verdade ainda não tinha penetrado a sólida barreira das ideias e teorias preconcebidas. A propósito desta experiência está escrito:

“E, subindo Jesus a Jerusalém, chamou de parte os seus doze discípulos, e no caminho disse-lhes: Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará.” *Mateus* 20:17-19.

A acção do Salvador ao entrar triunfalmente em Jerusalém montado num jumento tranquilizou as esperanças deles da Sua proclamação como Rei quando as multidões se reuniram para a Páscoa, mas somente porque eles compreendiam mal e interpretaram mal as acções d’Ele. Por fim, quando o trágico fim de semana chegou, Ele disse-lhes:

“Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.” *Mateus* 26:2.

Aquilo que eles sabiam era devido aos dedicados esforços de Cristo para os iluminar a respeito daquilo que iria acontecer. Mas não o sabiam com a clareza, convicção e força com que deviam conhecer. Tão fraco e confuso era o conhecimento deles e tão fortes eram os seus acariciados sonhos, que era de facto como se não soubessem absolutamente nada.

O que lhes aconteceu quando Cristo foi preso, julgado, condenado e crucificado é bem conhecido. Agora é altura de considerar quão diferente teria sido a história se tivessem compreendido, aceite e crido aquilo que Cristo passou tanto tempo a tentar ensinar-lhes. Isto pode ser compreendido, não pela suposição, mas pelo estudo do comportamento da pessoa que não tinha ilusões acerca do caminho de sofrimento e vergonha pelo qual Ele tinha que passar. Consequentemente, não estava limitado pelas falsas esperanças nem vivia agitado pela expectativa de reafirmação pessoal e da honra do mundo. Além do mais, compreendia claramente porque é que os acontecimentos tinham que seguir o curso que seguiram. Estava plenamente consciente que não podia completar com sucesso aquilo para que tinha sido enviado a realizar sem sofrer uma morte ignominiosa e uma triunfante ressurreição. Sabia que antes de ganhar a coroa, tinha que sofrer a cruz.

Assim prevenido quanto ao que iria acontecer, Cristo foi capaz de trilhar o penoso caminho com fortaleza de espírito, fé, coragem e paciência. Aos discípulos foi oferecida a mesma informação, mas eles não estavam preparados para crer naquilo que lhes tinha sido dito. Foi a resultante ignorância que lhes causou o problema. Eles pregavam a mensagem que o Senhor lhes deu, mas através “... de uma *errônea compreensão* do sentido, sofreram desapontamento.” *O Grande Conflito*, 352.

Há necessidade de salientar o pensamento que esta grave má compreensão não foi devida de modo algum à negligência ou indiferença da parte do Altíssimo. Ele fez tudo o que Lhe era possível para os libertar das suas ideias e teorias erradas e substituí-las com a informação exacta e compreensível do que iria acontecer. Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo, foi o instrumento do Pai para alcançar este propósito de amor. A confusão, perplexidade, desapontamento e conseqüente abandono de Cristo que

ocorreu durante o aprisionamento, julgamento e crucifixão, podem ser atribuídos unicamente à cegueira e erro humano.

Deus não pode estar em falta, pois Ele não esconde a Sua verdade de todo aquele que tem um coração e uma mente para a receber. “Deus não encobre Sua verdade aos homens. Por seu próprio procedimento obscurecem-na eles mesmos.” *Parábolas de Jesus*, 105.

O Altíssimo nunca muda. Portanto, para os crentes em 1844 Ele não faria algo diferente ou inferior ao que fez pelos discípulos no tempo deles. A única diferença seria que nos dias que levaram ao Calvário, Ele tinha em Cristo um canal de comunicação muito mais eficaz do que teve no período do fim dos 2.300 anos. Contudo, o resultado final foi o mesmo em ambos os casos.

Um exame da história do Movimento do Segundo Advento mostra que o Senhor chamou de facto mensageiros escolhidos e procurou comunicar através deles a luz que, se entendida e aceite, salvaria os crentes do grande desapontamento. O primeiro a receber a missão divina foi Guilherme Foy, cujo eventual fracasso em seguir o que o Senhor lhe ordenou fazer, foi seguido pela entrega da mesma obra a Hazen Foss. Quando este também se desviou do caminho da obediência, a obra foi dada a Ellen Harmon. Na altura em que ela foi chamada era demasiado tarde para salvar o movimento do grande desapontamento.

As notas que se seguem acerca destes dois homens são tiradas de *A Prophet Among You*, por T. Housel Jemison, 485-487, publicado pela Pacific Press em 1955.

“A Guilherme E. Foy, um membro da Igreja Baptista Freewill, que estava a ser preparado para o ministério, foram dadas duas visões em Boston em 1842 — uma em 18 de Janeiro e outra em 4 de Fevereiro. No princípio destas duas revelações, Foy viu o glorioso galardão dos fiéis e a punição dos pecadores. Por não ser instruído a contar aos outros o que lhe foi mostrado, não contou a ninguém a respeito da sua visão; mas ele não tinha paz mental. Na segunda revelação testemunhou as multidões da Terra acusadas perante a barra do julgamento celestial; um ‘poderoso anjo’ com uma trombeta de prata na mão prestes a descer à Terra por ‘três vezes;’ os livros de registo no Céu; a vinda de Cristo e o galardão dos fiéis. Foi-lhe ordenado, ‘Deves revelar aquelas coisas que viste, e também avisar os teus semelhantes a fugirem da ira futura.’ *The Christian Experience of Wm. E. Foy, Together With The Two Visions He Received* (1845).

“Dois dias depois desta revelação foi-lhe pedido pelo pastor da igreja de Bloomfield Street em Boston para relatar as visões. Apesar de ser um orador fluente, acedeu relutantemente, receando que o preconceito geral contra visões, e o facto de ser negro, tornaria a sua obra difícil. ‘a grande assembleia reunida’ foi suspensa, e com este encorajamento inicial, Foy viajou três meses, pregando a mensagem a ‘casas cheias.’ Então a fim de assegurar os meios de sustento da sua família, deixou a obra pública durante algum tempo, mas, por não encontrar ‘repouso nem de dia nem de noite,’ retomou-a outra vez. Ellen Harmon, quando era apenas uma jovem, ouviu-o falar no Beethoven Hall em Portland, Maine. (Entrevista de D. E. Robinson com a sra. W. G. White, 1912. White Publications, D. F. 231).

“Perto do tempo de espera em 1844, de acordo com J.N. Loughborough, foi dada a Foy uma terceira visão em que lhe foram apresentadas três plataformas, que ele não podia compreender à luz das suas crenças na iminente vinda de Cristo, e cessou a sua obra pública. (*The Great Second Advent Movement*, 146, 147.)

“Assim foi que pouco tempo depois disto, Foy esteve presente numa reunião em que Ellen White relatou as primeiras visões dela. Ela não sabia que ele estava presente até a interromper com um grito, e exclamou que era exactamente o que tinha visto. (D. F. 231.) Foy não viveu muito tempo depois disto.

“Perto da altura do esperado advento no Outono de 1844, também foi dada a Hazen Foss, um jovem talento adventista, uma revelação da experiência do povo do advento.

“Pouco tempo depois de passar o tempo, foi convidado a relatar a visão aos outros, mas não estava inclinado a fazer isto. Ele foi avisado por Deus quanto às consequências de falhar em relatar aos outros aquilo que lhe foi revelado e foi-lhe dito que se recusasse, a luz seria dada a outro. Todavia, sentiu muito intensamente o desapontamento de 1844, e ‘disse que tinha sido enganado.’ Depois de um severo

conflito mental, ‘decidiu que não relataria as visões.’ Então, ‘teve sentimentos muito estranhos, e uma voz lhe disse,’ ‘ofendeste o Espírito do Senhor.’” – Carta 37 de 1890, E.G. White.

“Horrorizado perante a sua teimosia e rebelião, ‘disse ao Senhor que relataria a visão,’ mas quando tentou fazê-lo perante um grupo de crentes, não a pode trazer à mente. Foram em vão as suas tentativas de recordar as cenas que lhe tinham sido mostradas; e então em profundo desespero exclamou, ‘passou de mim; não posso dizer nada, e o Espírito do Senhor deixou-me.’ Testemunhas oculares descreveram-na como ‘a reunião mais terrível em que estiveram.’ (*The Great Second Advent Movement*, 146, 147.)

“Cedo, em 1845, Foss ouviu Ellen Harmon a relatar a sua primeira visão ao grupo de crentes em Portland, Maine. Ele reconheceu o relato dela como uma descrição do que lhe fora mostrado. Depois de a encontrar na manhã seguinte, contou de novo a sua experiência, a qual ela não conhecera antes, e encorajou-a a realizar fielmente a sua obra, dizendo: ‘acredito que as visões me foram tiradas e dadas a si. Não recuse obedecer a Deus, porque será com perigo da sua própria alma. Eu sou um homem perdido. Você é escolhida de Deus; seja fiel na execução da sua obra, e a coroa que eu podia ter tido, você receberá.’ (*The Great Second Advent Movement*, 146, 147.) Na comparação das datas, descobriram que isto não aconteceu senão depois que foi dito que as visões tinham sido tiradas dele, que Ellen Harmon tinha recebido a sua primeira revelação. Embora Hazen Foss vivesse até 1893, nunca mais manifestou interesse pelas coisas religiosas. (Arthur L. White em *Ellen G. White, Messenger to the Remnant*, págs. 29, 30.)”

Um dos graves bloqueios das mentes dos mileritas era a ideia que tinham a mensagem final. Portanto, eles viram apenas um anjo quando deveriam ter visto pelo menos três. (Vede *O Grande Conflito*, 353.) Se estas falhas tivessem sido corrigidas, deviam ter esperado o aparecimento de outros dois mensageiros celestiais e as mensagens e movimentos que eles representavam. Teriam compreendido que o Salvador não podia vir em Outubro de 1844, porque havia ainda outras profecias a serem cumpridas antes do advento.

Foi por esta razão que Deus deu a Guilherme E. Foy a visão que envolvia as três plataformas. Foi trágico que, por causa desta visão não se conciliar com as suas expectativas, recusou ensinar isso aos outros. Se o tivessem feito e se a mensagem tivesse sido compreendida e recebida, os crentes certamente teriam sido poupados ao grande desapontamento. A mesma visão das três plataformas foi dada a Ellen Harmon. Quando ela relatou esta mensagem aos adventistas do seu tempo, serviu realmente para corrigir ideias erradas a respeito da vinda de Cristo. Infelizmente, devido ao atraso por causa do fracasso de Guilherme Foy, tornou-se demasiado tarde para os salvar do grande desapontamento.

Por isso há sólidas evidências para confirmar que o Senhor fez tudo o que podia através da relutância e da ineficiência dos canais de que dispunha, a fim de iluminar os expectantes crentes ao ponto em que pudessem ver a transição de Cristo do lugar santo para o santíssimo em 1844. Assim, em vez de olharem com esperançosa expectativa para a Sua vinda nas nuvens do céu, deviam tê-lo seguido pela fé enquanto Ele ia perante Deus, o Pai.

Todavia, há testemunhos que alguns devem ter usado para suportar as suas ideias erradas que Deus deliberadamente escondeu informação a fim de purificar a igreja submetendo-a a um severo teste. Isto não pode ser assim, porque as Escrituras claramente ensinam que Deus não tenta homem algum;

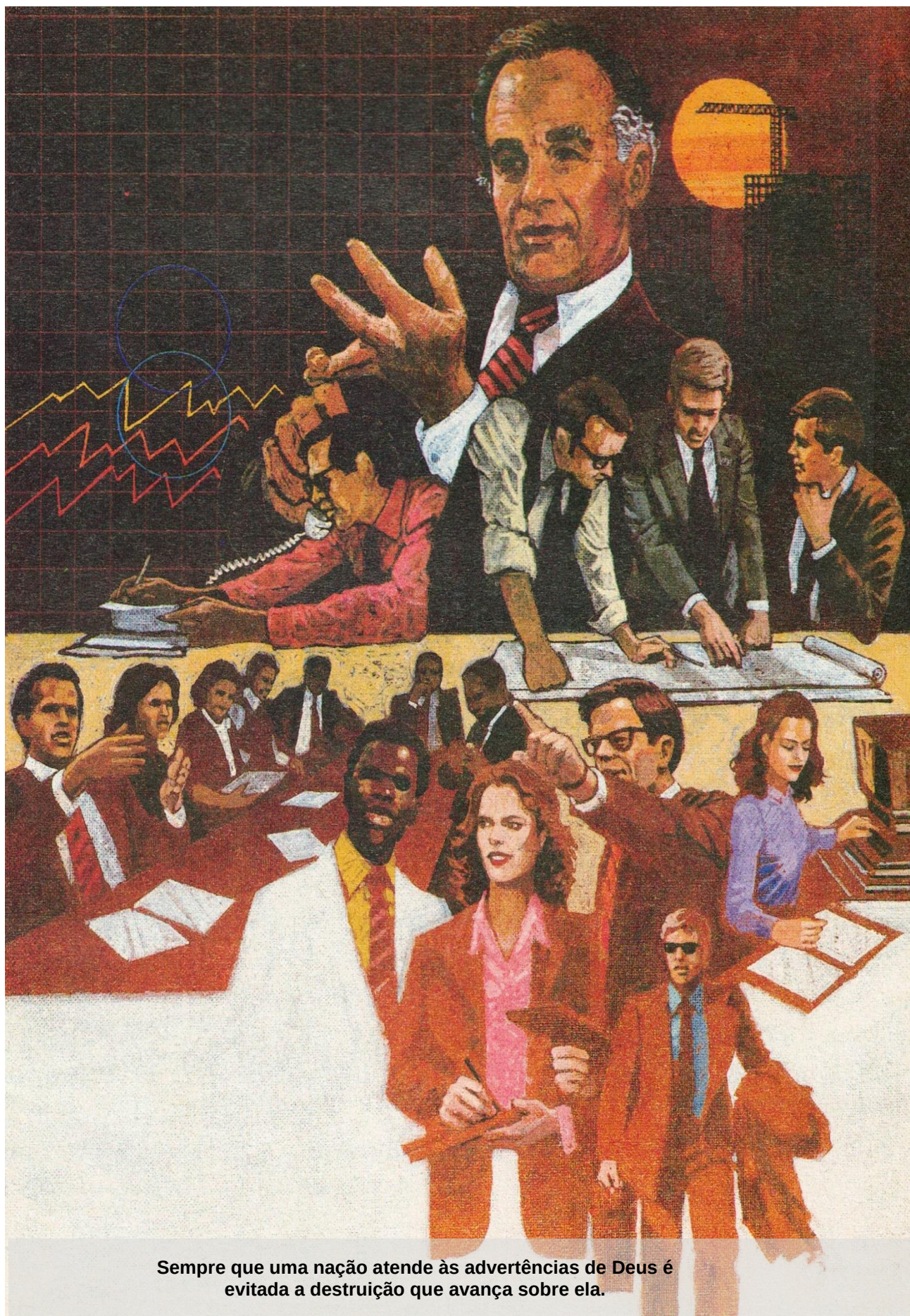
“Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.

“Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta.” *Tiago* 1:12, 13.

Propositadamente trazer teste e provação sobre o Seu povo escondendo deliberadamente a verdade deles, é ser culpado de tentar os filhos, uma obra que Deus declarou nunca fazer.

Será agora feito um exame de alguns destes testemunhos “difíceis”. No primeiro a ser considerado, é traçado um paralelo entre o cumprimento da profecia em que Cristo triunfantemente entrou em Jerusalém montado no jumento e a obra dos mileritas.

“Quinhentos anos antes, o Senhor declarara pelo profeta Zacarias: ‘Alegra-te muito, ó filha de Sião;



Sempre que uma nação atende às advertências de Deus é evitada a destruição que avança sobre ela.

exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu Rei virá a ti, justo e Salvador, pobre e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta.’ Zac. 9:9. *Não teriam os discípulos cumprido esta profecia, se compreendessem que Cristo Se encaminhava para o julgamento e a morte.*

“De igual maneira, Miller e seus companheiros cumpriram a profecia e proclamaram a mensagem que a Inspiração predissera, mas não o teriam feito se tivessem compreendido completamente as profecias que indicavam o seu desapontamento e outra mensagem a ser pregada a todas as nações antes que o Senhor viesse. As mensagens do primeiro e segundo anjos foram dadas no tempo devido e cumpriram a obra a que foram por Deus designadas.” *O Grande Conflito*, 405.

Esta citação é essencialmente uma declaração do facto. No caso dos discípulos o facto foi que, se tivessem compreendido que Cristo devia ser preso, julgado e crucificado, em vez de ser elevado a um trono real, nunca podiam ter cumprido a profecia. É bem verdade! Não o podiam ter feito!

Mas, agora vem o problema. Neste ponto, as pessoas em geral começam a raciocinar incorrectamente. Elas parecem ter a ideia preconcebida que as profecias de Deus são um testemunho a respeito daquilo que Ele fará e não uma declaração daquilo que vai acontecer. Deus não faz predições e depois arbitrariamente usa o Seu altíssimo poder para assegurar que elas se tornem verdadeiras.

Por exemplo, quando Ele predisse através de Noé que a Terra seria inundada com água, Deus não estava a predizer aquilo que iria fazer, mas a inevitável consequência do descontrolado caminho do pecado prosseguido por aquela geração ímpia. Se, por outro lado, os antediluvianos tivessem aceitado as advertências de Jeová, como deviam ter feito e como Ele desejava que tivessem feito, o desastre teria sido evitado. A Terra não teria sido destruída e a sua população devastada. O facto é que o Senhor sabia o que ia acontecer e avisou a população da terrível sorte que a esperava. Em seguida, Ele faz tudo para evitar que a Sua profecia se torne verdade. Foi por esta razão que Ele encheu Noé com o Seu poder e ordenou-lhe que convidasse o povo ao arrependimento. Se os esforços do Senhor tivessem sido bem-sucedidos, as coisas não teriam acontecido como preditas. Portanto, o dilúvio veio apesar dos esforços de Deus para o contrário e não simplesmente por causa d’Ele o ter predito. Devia ser notado que se o povo tivesse deixado os seus maus caminhos e, em consequência o dilúvio não tivesse vindo, isto não teria feito Deus e o Seu servo Noé falsos profetas. Há sempre uma cláusula condicional para este tipo de profecia que está claramente expressa em *Jeremias* 18:7-10.

“No momento em que falar contra uma nação, e contra um reino para arrancar, e para derrubar, e para destruir,

“Se a tal nação, porém, contra a qual falar se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe.

“No momento em que falar de uma nação e de um reino, para edificar e para plantar,

“Se fizer o mal diante dos meus olhos, não dando ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que tinha falado que lhe faria.””

Deus demonstrou a Sua entrega a estes princípios em algumas ocasiões. Um extraordinário exemplo disto encontra-se na visita de Jonas a Nínive. Foi-lhe ordenado que fizesse uma específica declaração que Nínive cairia daí a 40 dias, todavia, o povo arrependeu-se e a destruição foi adiada para muito mais tarde, altura em que negaram o seu arrependimento e caíram em apostasia ainda pior.

Quando Israel foi tirado do Egipto, o Senhor especificamente prometeu que os levaria, a eles e aos seus filhos, à terra prometida, mas, quando apostataram em Cades Barneia, Ele não foi capaz de os fazer entrar. Em vez disso, voltaram atrás para uma marcha mortal de quarenta anos na qual quase nenhum dessa geração sobreviveu excepto Calebe e Josué e membros da tribo não numerada de Levi. A maldição foi pronunciada contra as tribos numeradas. “Neste deserto cairão os vossos cadáveres, como também todos *os que de vós foram contados* segundo toda a vossa conta, de vinte anos para cima.” *Números* 14:29.

Uma vez compreendidos estes princípios, a profecia de *Zacarias* a respeito da entrada de Cristo em Jerusalém não apresenta problemas. O Senhor sabia quando fez a profecia que Cristo teria doze discípulos e que eles estariam cativos de ideias e teorias erradas. Portanto, sabia exactamente como reagiriam ao espectáculo da entrada de Cristo em Jerusalém como rei e descreveu isto na profecia. Se,

entretanto, os esforços de Cristo para os iluminar tivessem sido bem-sucedidos, então teriam reagido de maneira diferente e não podiam ter cumprido essa profecia.

O mesmo é verdade a respeito dos mileritas. O Senhor escreveu a predição da sua experiência, não que Ele desejasse que ela acontecesse, mas como sabia que ela aconteceria. Depois, a fim de salvar o melhor que podia ser salvo do triste resultado das suas ideias acariciadas, aproveitou os acontecimentos o melhor possível para a mensagem. É esse pensamento que está contido no testemunho seguinte:

“A mensagem era destinada à prova e purificação da igreja” *O Grande Conflito*, 353.

Estas palavras parecem dizer que Deus pessoalmente decidiu o desapontamento de maneira a impor um teste tão grande para que a igreja fosse purificada daqueles indivíduos que eram meros professos da verdade. Contudo, o contexto do testemunho dá mais luz sobre o assunto:

“Não obstante, Deus cumpriu Seu misericordioso propósito, *permitindo* que a advertência do juízo fosse feita exatamente como o foi. O grande dia estava próximo e, pela providência divina, o povo foi provado em relação ao tempo definido, a fim de que lhes fosse manifesto o que estava em seu coração. A mensagem era destinada à prova e purificação da igreja. Esta deveria ser levada a ver se suas afeições estavam postas neste mundo ou em Cristo e no Céu. Professava amar o Salvador; deveria agora provar seu amor. Estavam os crentes dispostos a renunciar às esperanças e ambições mundanas, acolhendo com alegria o advento do Senhor? A mensagem tinha por fim habilitá-los a discernir seu verdadeiro estado espiritual; foi misericordiosamente enviada a fim de despertá-los para que buscassem o Senhor com arrependimento e humilhação.” *O Grande Conflito*, 353.

Seja notado que o Senhor *permitiu*, não *ordenou* que a mensagem fosse dada do modo como foi. Ele nunca teria ordenado aos crentes que declarassem que Cristo estava para vir à Terra em 22 de Outubro de 1844, *porque isso não era verdade*. Deus, que *é a verdade*, nunca ordenaria que fosse proclamado algo que não fosse verdade. “... Eu sou o caminho, a verdade, e a vida...” *João* 14:6. Tudo o que Ele podia fazer era *permitir*, porque não podia evitar que isso fosse pregado. Ele havia feito o Seu melhor através dos canais de que dispunha a fim de assegurar que apenas a verdade fosse proclamada. Contudo, quando os Seus esforços falharam, não abandonou o Seu povo, mas usou os acontecimentos para mesmo assim alcançar o melhor benefício, por este acto de amor e misericórdia, Ele sabia que seria mal interpretado e falsamente condenado. Ele tem sido injustamente acusado de esconder as verdades que tão esforçadamente tem trabalhado para revelar.

Este autor não está a acusar os mileritas de engano deliberado em 1844. Eles conscientemente acreditaram que estavam a ensinar a verdade e pregaram-na como tal. Contudo, era uma mentira e, como tal, criou um excitação não natural que atraiu um largo número de pessoas não santificadas dos quais o movimento teve que ser purificado. Isto aconteceu da seguinte maneira:

Um erro atrai sempre mais seguidores do que a pura verdade. Dizer ao mundo que o Rei dos reis estava para vir pessoalmente à Terra em menos de três meses era muito mais atractivo do que ensinar que Ele estava a mudar-se do primeiro para o segundo compartimento de um templo muito distante no Céu, depois do que, numa data indefinida, viria à Terra. Essa, também era uma mensagem solene, mas seria vista como tal apenas pelos que tinham discernimento espiritual. Assim, se a verdade de Deus tivesse sido proclamada livre de erros em 1844, teria havia muito menos virgens loucas no movimento e a necessidade de uma drástica purificação não seria necessário.

Provavelmente o testemunho mais difícil de todos é o seguinte:

“Vi o povo de Deus, com alegria, em expectativa, aguardando o seu Senhor. Mas era intento de Deus prová-los. Sua mão ocultou um engano na contagem dos períodos proféticos. Aqueles que estavam esperando pelo seu Senhor não descobriram este erro, e os homens mais doutos que se opunham ao tempo também deixaram de o ver. Era intuito de Deus que Seu povo defrontasse com o desapontamento.... De novo foram levados às suas Bíblias, a fim de examinar os períodos proféticos. A mão do Senhor removeu-se dos algarismos, e o erro foi explicado. Viram que o período profético chegava a 1844 ...” *Primeiros Escritos*, 235, 236.

Assim, a mão do Senhor *ocultou* os números até Ele a remover e os expor. Se as palavras que descrevem aqui o comportamento de Deus forem interpretadas da mesma forma como são aplicadas

quando descrevem o comportamento do homem, então Deus seria culpado de deliberadamente esconder informação de tal maneira que podia engendrar um teste que expulsaria os não santificados. Mas esta purificação tornou-se necessária apenas por causa dos ensinamentos errados terem inundado o movimento com uma proporção tão grande de pessoas não santificadas, que dos cinquenta mil que se apresaram a entrar durante o clamor da meia-noite, apenas uma minoria muito pequena sobreviveu à terrível prova. Essa é uma conclusão inaceitável para aqueles que conhecem a verdade acerca do carácter de Deus. Ele nunca usa o falso princípio que o fim justifica os meios. Ele opera exclusivamente na justiça e verdade; nunca em pecado e erro.

Isto significa que, se temos que entender a expressão, “Sua mão ocultou um engano na contagem,” uma nova definição escriturística deve ser dada à palavra “ocultou” quando se aplica ao comportamento de Deus. Será verificado que o mesmo princípio de interpretação é aplicável quando se define a expressão “Deus destrói”.

O processo pelo qual Deus destrói é que Ele se aproxima do pecador com uma mensagem de amor e misericórdia. Se o pecador rejeitar estes apelos de amor, fortalece os seus poderes de resistência exercitando-os. Assim o seu coração se endurece de cada vez que recusa a oferta da graça divina. Desta forma Deus o destrói tentando salvá-lo. Quanto mais o Senhor trabalha para o libertar, mais ele é destruído.

Se Jeová sabe que este é o resultado das Suas tentativas, então porque é que Ele se aproxima do pecador quando ao fazê-lo piora a situação dele?

Mas, qual é a alternativa?

É deixar o pecador sem fazer qualquer tentativa para o salvar e isso é algo que o coração divino é incapaz de fazer. Assim, se Deus nada faz pelo pecador, destrói-o deixando-o à sua sorte, ao passo que, se estender o braço para o salvar, leva-o à apostasia total a menos que a pessoa escolha aceitar a salvação. De qualquer maneira Deus destrói o pecador. Mas quão diferente é esta obra da destruição efectuada pelos métodos do homem. Deus é apenas um salvador. Cada movimento Seu destina-se a salvar do pecado e da morte, e portanto, nunca é calculado para destruir. É apenas quando os homens rejeitam o ministério salvador de Deus que o transformam numa obra de destruição.

O mesmo se aplica quando é dito que Deus ocultou a verdade. Ele oculta-a tentando revelá-la. Quando Ele procura revelar a Sua verdade salvadora àqueles que estão fixos nas ideias e teorias preconcebidas, os Seus esforços são rejeitados, os olhos estão fechados para as revelações divinas e a verdade está oculta. Se o Senhor adopta o caminho alternativo de não fazer qualquer tentativa para derramar luz nas mentes obscurecidas, então está outra vez a encobrir a verdade. Se escolhe o primeiro caminho, então cobre a verdade ao tentar revelá-la. Se escolhe o último, então cobre a verdade não a declarando. No caso dos mileritas, Ele fez tudo o que era possível sob as circunstâncias para revelar a verdade, mas as ideias preconcebidas eram tão fortes que as correctas interpretações se mantiveram escondidas.

Por esta razão o ensino do erro que Cristo viria em 1844 produziu uma situação que nunca devia ter-se desenvolvido. Isto inundou as fileiras com cerca de cinquenta mil pessoas, muitas das quais eram motivadas pelo receio da eterna destruição por um lado e a perspectiva de riquezas eternas por outro. A sua presença nunca podia ter sido uma bênção para a causa e era preciso que fossem afastadas, uma tarefa realizada pelo teste do grande desapontamento.

Assim, nos dias que conduziram a 22 de Outubro de 1844, tinha-se desenvolvido uma triste situação por causa do ensinamento do erro. É um erro supor que a purificação do grande desapontamento colocou as coisas todas bem outra vez.

Não é este o caso. Os falsos ensinadores foram sacudidos na verdade, mas os fiéis que foram capazes de sobreviver à prova e permaneceram foram terrivelmente feridos pelo resultado. Além do mais, foram dados aos inimigos da verdade poderosos argumentos com que desacreditar o pequeno grupo de fiéis. Eles tinham especifica e confiantemente declarado que Cristo viria, e, uma vez que não veio, foram denunciados como falsos mensageiros. Era uma acusação fácil de crer pelos que zombavam, e difícil de suportar pelos adventistas.

O registro disto é encontrado particularmente em *Testemunhos para a Igreja* 1:113-197. Estes são os primeiros testemunhos dirigidos à igreja. As primeiras palavras escritas em 1855, são assustadoras: “Vi que o Espírito do Senhor tem estado a extinguir-Se na igreja. Os servos de Deus têm confiado demasiado na força do argumento, e não têm mantido em Deus aquela firme confiança que deveriam ter.” *Testemunhos Seletos* 1:29.



Quanto mais intensa e feliz for a esperança de uma falsa expectativa, maior será o desesperado e esmagador desapontamento quando ele chegar.

Desta página em diante, mensagem atrás de mensagem foi dada, advertindo os membros da igreja da sua condição de progressivo declínio espiritual até serem informados que tinham descido à terrível condição de Laodiceia, não tendo ouro, vestidos brancos, ou colírio. Isto significa que não tinham a justificação pela fé, a justiça de Cristo, ou o discernimento espiritual. Isto por seu lado era declarar que tinham perdido o evangelho de Jesus Cristo e não eram mais do que ensinadores formais.

Dessa trágica condição, a Igreja Adventista do Sétimo-Dia nunca recuperou. Que essas coisas tinham piorado por volta de 1890 é evidente desta inspirada declaração:

“Desde o tempo da reunião de Mineápolis, tenho visto o estado da Igreja de Laodiceia como nunca antes. Ouvi a repreensão de Deus dirigida àqueles que se sentiram tão bem satisfeitos, que não conhecem a sua destituição espiritual. Jesus fala a estes como fez à mulher de Samaria: ‘Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva.’

“Tal como os judeus, muitos têm fechado os olhos para não verem; mas há agora grande perigo em fechar os olhos à luz, e andar separado de Cristo, não sentindo falta, tal como era quando Ele estava na Terra. Foram-me mostradas muitas coisas que tenho apresentado perante o nosso povo em solenidade e sinceridade, mas aqueles cujos corações têm sido endurecidos pelo criticismo, cobiça e más suspeitas, não sabendo que são pobres, e miseráveis, e cegos, e nus. Aqueles que têm resistido às mensagens de Deus através dos Seus humildes servos, pensam que estão em desacordo com a irmã White, por causa das ideias dela não estarem em harmonia com as deles; mas esta discordância não é com a irmã White, mas com o Senhor, que lhe deu a obra para fazer.” *The Review and Herald*, 26 Agosto de 1890.

O Senhor enviou os pastores Waggoner e Jones a fim de tirar a igreja da condição de Laodiceia e levá-la de volta à mensagem do terceiro anjo em verdade, o vivo, poderoso, salvador evangelho de Jesus Cristo. Mas os esforços falharam. A maioria dos membros permaneceu onde estava. Desde então, a única mensagem que curaria a doença tem sido mantida fora da igreja. A doença da mornidão laodiceana na qual a igreja sucumbiu por volta de 1859, nunca foi curada, nem há esperança que o seja, na organização adventista do sétimo-dia, nunca será.

Esta tragédia é o pior resultado jamais desenvolvido a partir do erro ensinado em 1844 e demonstra que os efeitos dos ensinamentos e práticas errados são muito mais mortais e muito mais abrangentes

do que normalmente se supõe. Lembrai, por exemplo, as consequências que se desenvolveram quando Paulo, durante a sua última visita a Jerusalém, permitiu que os dirigentes da igreja se tornassem os seus solucionadores de problemas no lugar de Deus. Isto conduziu ao seu aprisionamento, à sua morte prematura, acelerou a apostasia na igreja, a excessiva extensão de tempo e o terrível desenvolvimento do papado.⁹

A profundidade da ferida infligida no movimento de 1844 pelo grande desapontamento não é medida meramente pelo número dos que foram sacudidos e saíram. O problema vai muito mais fundo do que isso. Aqueles que foram sacudidos não mais influenciaram ou dirigiram o caminho que a igreja devia tomar, mas os que permaneceram, transportando as cicatrizes mentais e espirituais infligidas sobre eles, realmente decidiram o destino da igreja.

Uma indicação do problema é revelada em particulares iniquidades que inundaram os crentes adventistas à medida que desciam ao laodiceanismo. Repetidamente naqueles primeiros testemunhos, o Senhor indicou egoísmo e cobiça como os pecados que separavam Deus deles e convidavam a presença do diabo.

O primeiro dos *Testemunhos* é intitulado “Guardador do Irmão.” Através dele o Senhor tornou muito claro que o Espírito Santo estava a extinguir-se da igreja. A razão dada para isto foi a concentração egoísta no desenvolvimento da segurança material, enquanto ignoravam as necessidades físicas e espirituais dos seus irmãos e dos pobres. Eles estavam ocupados “... ajuntando sítio a sítio, e terra a terra, e casa a casa...” Foram avisados que eram guardadores dos seus irmãos e se continuassem a ignorar esta responsabilidade à custa dos irmãos, iriam sacrificar a sua herança eterna.

O terceiro testemunho tem o título “Sê Zeloso e Arrepende-te” e foi apresentado à igreja em 1857. Nele, o Senhor especificamente declara que:

“O espírito mundano, o egoísmo e a cobiça têm estado a corroer a espiritualidade e a vida do povo de Deus.

“O perigo do povo de Deus durante alguns anos passados, tem sido o amor do mundo. Disto têm brotado os pecados do egoísmo e da cobiça. Quanto mais tiram deste mundo, tanto mais aí colocam suas afeições; e ainda se esforçam por obter mais. Disse o anjo: ‘É mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.’ Luc. 18:25. Todavia muitos que professam crer que estamos dando as últimas notas de advertência ao mundo, estão lutando com todas as energias para se colocarem em posição em que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que eles entrarem no reino do Céu.” *Testemunhos Selectos* 1:40.

Outra vez, em Outubro de 1857, o Senhor usou a história dramática do rico e jovem príncipe para chamar a atenção dos crentes para o perigo inerente num amor ao mundo e suas riquezas. Egoísmo e cobiça provaram ser a ruína daquele jovem que escolheu voltar as costas à vida eterna em vez de sacrificar tudo pelo Senhor.

Nenhum esforço tem sido feito aqui para citar todos os testemunhos salientando o egoísmo e a cobiça como sendo os pecados particulares que estavam a destruir a espiritualidade da igreja e a levar os membros à condição desolada de Laodiceia. Já foi citado o suficiente para estabelecer o facto que estes pecados eram os problemas que prevaleciam. É recomendado que o diligente leitor estude *Testemunhos para a Igreja* 1:113-195, para ver por si mesmo como repetidamente estes dois males são nomeados como a causa do declínio da igreja.

Mas porque é que estes pecados específicos eram aqueles que imperavam na igreja durante este período? Porque estavam os membros obcecados com este desmedido desejo de fortalecer a sua segurança material tanto quanto pudessem? Havia muitos outros pecados a que estavam devotados, mas pouco se alguma coisa é dito acerca deles. Porquê estes?

Há uma razão válida para isto. Eles tinham passado pela traumática experiência no grande desapontamento que os tinha afectado muito profundamente. Nunca mais foram os mesmos, por causa de terem sido incapazes de emergir da prova com a sua confiança em Deus intacta. Uma ilustração disto é dada

⁹ Vede *O Repouso do Sábado*, Capítulos 10 e 11 do mesmo autor.

na experiência daqueles que sofreram o primeiro e muito mais suave desapontamento, quando, em Abril de 1844, o ano passou durante o qual tinham primeiramente esperado o aparecimento do seu amado Salvador. Durante esse tempo de expectativa, a sua fé era forte, o seu entusiasmo era alto e viviam na certeza de que em breve estariam no Céu.

Estavam confortados pela compreensão que tinham esquecido o tempo de tardança ou tempo de espera, mas apesar disso, houve uma mudança. Estavam mais cautelosos, mais reservados. Não estavam preparados para se lançarem no espírito do adventismo como haviam feito antes. A respeito disto, escreve a pena da inspiração:

“Resplandeceu, nesta sua atitude, luz da Palavra de Deus, e descobriram um tempo de tardança: ‘Se [a visão] tardar, espera-O’ Hab. 2:3. Em seu amor pela imediata vinda de Cristo, deixaram de tomar em consideração a tardança da visão, que estava destinada a tornar manifestos os que na verdade estavam a esperar. Outra vez tiveram um tempo indicado. Vi, contudo, que muitos deles não puderam levantar-se acima de seu severo desapontamento, para possuir aquele grau de zelo e energia que assinalou sua fé em 1843.” *Primeiros Escritos*, 236.

Agora considerai a experiência pela qual os crentes passaram quando veio o grande desapontamento. Estavam tão absolutamente seguros que o Senhor estava vindo que não permitiram qualquer outra eventualidade. Confiantes que não passariam outro Inverno nesta Terra, não colheram as suas searas, não acumularam uma provisão de comida e combustível e por isso não fizeram provisão para o difícil Inverno que estava na sua frente.

Enchia-os as mais felizes expectativas. Podiam geralmente passar uma esponja sobre a troça dos seus inimigos que, em qualquer dos casos, eram de alguma maneira restringidos pelo convincente poder da mensagem. Nenhum sacrifício era considerado demasiado grande. A sua dedicação à mais digna das causas era completa e total.

Depois veio o absolutamente inacreditável. O Senhor não veio. Eles estavam chocados, aturdidos, desanimados, perplexos, confusos e nalguns casos, nem um pouco zangados com Deus. Muitos sentiram que tinham sido enganados e traídos, que Deus os tinha usado. Depois de pouco tempo, os seus inimigos irromperam em descontrolado escarnecimento e troça. Que dura ferida e humilhação isto causou aos sofrendores filhos de Deus!

E o duro Inverno do nordeste americano estava a chegar com temperaturas abaixo de zero, ventos muito frios, profundos e inultrapassáveis montes de neve e violentas tempestades de Inverno. Consideráveis suprimentos de alimento e lenha tinham que ser armazenados antecipadamente, mas o tempo e o dinheiro normalmente destinado a isto tinha sido gasto na mensagem e no movimento. Com que frenéticos esforços devem eles ter trabalhado para reunirem os suprimentos necessários à medida que os dias se tornavam mais pequenos e frios. Mas por muito que trabalhassem, muitos senão todos eles devem ter enfrentado uns difíceis três ou quatro meses. Com escassez de alimento e combustível, devem ter passado muitas horas sofrendo frio e fome durante as quais veementemente decidiram que nunca mais iriam deixar-se apanhar desta forma outra vez.

A fé da maioria foi arruinada para além de reparação. Estes deixaram a verdade para nunca mais voltarem. Não fazendo mais parte do movimento, a sua reacção não teve efeito na sua história futura. Mas foram os sobreviventes que tiveram. Embora tivessem ainda fé na verdade e aceitassem a luz que lhes mostrou onde se tinham enganado, estavam ainda feridos. Apesar de não darem importância ao pensamento, contudo, lá no fundo ele realmente contava, sentiram que Deus os tinha enganado, que Ele os tinha usado e que haviam sido traídos. Não compreenderam as maravilhosas verdades que agora nós apreciamos a respeito do perfeito e recto carácter de Deus.¹⁰ Nunca lhes tinha sido mostrado que Deus é um Deus justo que guarda as suas próprias leis, que Ele é a verdade e nunca engana ninguém, que nunca destrói e que o Seu amor é verdadeiramente infinito e não contém o mais pequeno traço de egoísmo.

¹⁰ Vede *Eis Aqui o Vosso Deus*, do mesmo autor.



O Inverno de 1844-1845 veio sobre um povo que, devido à sua expectativa do imediato regresso de Cristo, havia negligenciado a obra geral de armazenar alimentos e combustível para o Inverno. Não é difícil entender a difícil experiência pela qual devem ter passado e como não queriam ser apanhados nessa situação outra vez.

Por causa de não conhecerem Deus sob esta luz, sentiram que não podiam confiar n'Ele incondicionalmente. Portanto, voltaram-se para as suas próprias obras a fim de estabelecer a sua própria segurança. Trabalharam com uma diligência e intensidade digna de melhores objectivos, sítio a sítio, terra a terra e casa a casa. Agiram como se esta Terra fosse o seu céu. Era uma reacção natural, que, devido à grande magnitude do seu desapontamento, se tornou uma obsessão. Por essa razão, cobiça e egoísmo foram o fruto natural destes desenvolvimentos infelizes e desnecessários.

Em resumo façamos um sumário da evolução desta triste história. Antes da mensagem do segundo advento começar a soar, a comunidade religiosa estava nas mãos do erro que este mundo é o santuário. Por isso, quando Guilherme Miller começou a pregar *Daniel* 8:14, pensou que a purificação do santuário era a purificação da Terra pelo fogo quando Cristo regressasse. Esse erro apenas podia conduzir a falsas expectativas que por sua vez feriria grandemente a mensagem e o movimento. Deus procurou evitar a crise enviando mensagens através de Guilherme Foy, o primeiro a ser chamado para o ofício profético. O ministério de Foy começou em Janeiro de 1842.

Quando ele avançou sob a direcção de Deus, a sua obra alcançou um notável sucesso, mas veio o tempo em que ele desistiu dos seus labores porque a mensagem entrava em conflito com as suas opiniões acerca da segunda vinda.

Tivesse a mensagem que o Senhor lhe deu sido compreendida e aceite, nunca teria ocorrido a construção das intensas e falsas expectativas. Pelo contrário, as mentes do povo teriam sido dirigidas para o lugar santíssimo no Céu, para uma obra posterior de refinação e purificação na preparação para o julgamento. Muito menos pessoas ter-se-iam juntado ao movimento obviando a necessidade duma drástica purificação do acampamento. A obra teria tido então melhor oportunidade para avançar de um nível de perfeição para outro e podia ter sido rapidamente completada.

Em vez disso, foi levantada uma falsa expectativa a um elevado nível de intensidade, seguida de um avassalador desapontamento. Muitos saíram para nunca mais voltarem, ao passo que pelo menos uma maior proporção daqueles que permaneceram subconscientemente determinaram que nunca mais seriam apanhados dessa forma outra vez. Isto levou a uma ênfase no estabelecimento da sua própria segurança pessoal e prosperidade material. Isto tirou Deus do lugar de Solucionador de problemas e Planeador deles e colocaram-se a si mesmos nessa posição. O único resultado possível é separação de Deus, afastamento do Espírito Santo e perda do evangelho. A verdadeira religião é substituída por um formalismo mortal que destrói o corpo, a mente e a natureza espiritual.

Por isso aconteceu que, em vez de verem a obra finalizada e entrarem mais cedo no reino, os crentes adventistas caíram na condição de laodiceia da qual nunca recuperaram.

Embora este terrível destino tenha sido o resultado natural do erro tão convincente e conscientemente ensinado em 1844, os crentes não tinham que sucumbir à tentação de desconfiarem de Deus e tornarem-se obcecados com o desejo de fortalecer a sua própria base material de segurança. Os discípulos de Cristo sofreram uma tentação ainda maior, mas rejeitaram qualquer disposição para serem os seus próprios solucionadores de problemas e entregaram-se sem reserva à causa.

“Frequentemente me tem sido referida a parábola das dez virgens, cinco das quais eram prudentes, e cinco loucas. Esta parábola tem sido e será cumprida literalmente...” *The Review and Herald*, 19 de Agosto de 1890.

Estamos agora a viver num tempo em que, sob o ministério do quarto anjo, as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos estão a ser repetidas. A parábola das dez virgens está outra vez no processo de cumprimento. A história do passado está a ser repetida, mas com algumas diferenças felizmente diferentes.

Isto não significa que ambos os cumprimentos não sejam cumpridos à letra como profetizado. A profecia desenha a *sequência de acontecimentos* onde existe um perfeito paralelo entre o que teve lugar no primeiro cumprimento e o que ocorre no segundo. As diferenças estão entre as compreensões e expectativas das virgens que saíram nos dias de Miller e as que irão sair agora.

Naquela altura, a mensagem era baseada no tempo definido ao qual o acontecimento errado estava incorporado. Nunca outra vez haverá outro chamamento baseado numa data específica. Isto significa

que uma intensidade impulsionadora baseada no ensinamento do erro, não será repetida nestes últimos dias. Isto significará que a proporção das virgens loucas não devia ser tão elevada como naquela altura.

O dilúvio de luz que tem sido derramada sobre nós no ministério do quarto anjo tem-nos libertado de muitos conceitos errados que cegavam os olhos deles no passado. Eles cometeram o erro de supor que o seu movimento era o último quando era de facto apenas o primeiro dos sete. Deus tem-nos levado ao ponto onde sabemos que o quarto movimento não é o último. Depois dele haverá o quinto, o sexto e o sétimo. Sabemos exactamente qual a natureza da obra final, nomeadamente a perfeita revelação do carácter de Deus em contraste com o carácter de Satanás, através da qual as mentiras do diabo serão expostas e o grande conflito terminado.

Não citamos estas diferenças para indicar que somos melhores do que eles. Aquela geração estava ainda a sair das trevas da Idade Média, e, se nós tivéssemos sido um deles, estaríamos no mesmo erro que eles, ao passo que, se eles vivessem hoje, teriam conhecido toda a verdade que conhecemos. Não é que sejamos melhores do que eles porque não somos. Estamos a viver num tempo de maior luz.

O que isto significa é que temos um alcance da verdade que habilitará o Senhor a conduzir-nos mais eficazmente e com maior sucesso através do conflito final.



O Quarto Anjo

Há sete anjos e sete movimentos, mas apenas seis aparecem em *Apocalipse* 14. O outro anjo que é o quarto na sequência real de anjos, encontra-se em *Apocalipse* 18. Por causa das Escrituras separarem o quarto anjo do sexto, alguns questionam se há justificação para incluir este anjo na lista. Eles argumentam que, se este anjo fosse um dos sete, então por que motivo não aparece também em *Apocalipse* 14?

Há uma boa razão para isto, mas antes de se apresentar essa razão, consideremos as evidências que claramente mostram que o anjo de *Apocalipse* 18:1-4 é na verdade o quarto na sequência.

Até ao presente, um número de anjos e movimentos que eles representam têm aparecido, e, quando o fizeram, cada um por sua vez foi especificamente reconhecido e identificado no Espírito de Profecia.

O primeiro anjo apareceu em 1831. Há numerosas referências confirmando isto. Uma delas será dada aqui. Em *Primeiros Escritos*, 232-237, sob o capítulo com o título “A Mensagem do Primeiro Anjo”, é descrito o poderoso movimento que começou com o ministério de Guilherme Miller. Isto identifica claramente o reavivamento e reforma que começou em 1831 como sendo a mensagem do primeiro anjo.

Com igual clareza é identificado o movimento do segundo anjo no mesmo livro, páginas 237-240. Ele começou imediatamente após o primeiro desapontamento que os expectantes crentes sofreram em Abril de 1844 e soou até à sua fase mais poderosa quando o clamor da meia-noite começou na reunião campal de Exeter, Maine, em Agosto de 1844.

O começo da mensagem e movimento do terceiro anjo coincidiu com a passagem de Cristo do primeiro para o segundo compartimento do santuário celestial no final da profecia dos 2.300 anos em 22 de Outubro de 1844. Isto é confirmado em *Primeiros Escritos*, 254-258.

Estes acontecimentos são tão reconhecidos entre aqueles que compreendem a história do levantamento do grande movimento do segundo advento como um cumprimento distinto e muito real da profecia bíblica que nenhum esforço será aqui feito para provar estes factos. A declaração clara, específica e positiva de Deus através da Sua porta-voz, a profetiza, irmã Ellen White, não deixa espaço para dúvida ou confusão a respeito destes anjos que apareceram sucessivamente. A clara palavra de Jeová estabeleceu a questão para sempre.

Além do mais, aquilo que o Senhor consistentemente fez quando o primeiro anjo se levantou no seu tempo, estabelece um padrão previsível do comportamento divino. Ele fez saber que, tendo um profeta ao Seu dispor, identificará cada um dos outros anjos à medida que se levantem na sua vez. Isto significa que, se o quarto anjo apareceu durante o tempo de vida da profetiza, Ellen White, também ele terá sido identificado sem qualquer sombra de dúvida. Ele foi claramente identificado.

Entre o aparecimento do terceiro anjo em 1844 e a sessão da Conferência Geral em Minneapolis em 1888, nenhuma menção é feita a qualquer vinda de outro anjo. Portanto, o quarto anjo não começou a sua obra durante esse período, mas em 1888 quando o Senhor enviou os Seus mensageiros, os pastores Waggoner e Jones, avisando os crentes adventistas pela Sua porta-voz que isto era na verdade o ministério do anjo de *Apocalipse* 18. Esta verdade é confirmada nos testemunhos seguintes, o primeiro dos quais foi escrito em 1892, quatro anos depois do anjo começar a soar. É claro que é feita referência à poderosa obra que este anjo estava a fazer através dos pastores Waggoner e Jones apesar destes dois mensageiros não serem especificamente mencionados:

“O tempo de prova está exactamente diante de nós, pois o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor que perdoa os pecados. Este é o início da luz do anjo cuja glória encherá toda a Terra.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:984.

No testemunho que se segue, os nomes destes dois homens são especificamente mencionados e ligados ao anjo de *Apocalipse* 18, tirando qualquer dúvida acerca do aparecimento do anjo, dos homens através de quem ele operou e da mensagem que trouxe:

Deus Através do Espírito de Profecia Confirmou que:



O Primeiro Anjo começou a sua obra em 1831.



O Segundo começou a sua obra imediatamente após o Primeiro Desapontamento em 1844.



O Terceiro começou a sua obra imediatamente após o Segundo Desapontamento em 1844.



O Quarto Anjo começou a sua obra em Mineápolis, Minesota, em 1888.

7Anjos_Diag11_01

“A indisposição de ceder a opiniões preconcebidas, e de aceitar esta verdade, estava à base de grande parte da oposição manifestada em Mineápolis contra a mensagem do Senhor através dos irmãos [E. J.] Waggoner e [A. T.] Jones. Promovendo aquela oposição, Satanás teve êxito em afastar do povo, em grande medida, o poder especial do Espírito Santo que Deus anelava comunicar-lhes. O inimigo impediu-os de obter a eficiência que poderiam ter tido em levar a verdade ao mundo, como os apóstolos a proclamaram depois do dia de Pentecoste. Sofreu resistência a luz que deve iluminar toda a Terra com a sua glória, e pela ação de nossos próprios irmãos tem sido, em grande medida, conservada afastada do mundo.” *Mensagens Escolhidas* 1:234, 235.

A luz que devia iluminar toda a Terra com a sua glória é a mensagem de *Apocalipse* 18:1-4. Aqui ela é identificada com a maior clareza possível como a mensagem enviada através dos pastores Waggoner e Jones em Minneapolis.

No Espírito de Profecia este anjo nunca é identificado como o “quarto anjo”, mas é óbvio que ele é o quarto perante o facto que é aquele que aparece depois do terceiro. Ele é referido como “o alto clamor do terceiro anjo...”, “o anjo cuja glória encherá toda a Terra”; *The S.D.A. Bible Commentary* 7:984; “...do anjo que se une ao terceiro anjo na mensagem a ser dada ao mundo.” *Testemunhos para*

Ministros, 300; e "...a mensagem do terceiro anjo, em verdade". *The Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.

Havendo estabelecido a verdade que o anjo de *Apocalipse* 18 é o quarto na série dos sete, é altura de nos direcionarmos para a pergunta, "Por que não está ele não está incluído em *Apocalipse* 14 com os outros seis?"

Há uma boa razão para isto. Este poderoso anjo que ilumina toda a Terra com a sua glória é o *alto clamor* do terceiro anjo. Portanto, ele vem pregando as mensagens do primeiro, segundo e terceiro anjos, mas com uma clareza e poder que excede a que se encontrou no movimento do advento anterior ao seu aparecimento. Não passeis por alto que ele é o *alto clamor* do terceiro anjo.

Mas o terceiro anjo não devia ter necessidade de outro anjo para ser o seu alto clamor e não teria se a mensagem tivesse continuado como o Senhor pretendeu que ela seguisse. Se o propósito de Deus fosse cumprido, então o Senhor teria regressado para o Seu povo pouco tempo depois do grande desapontamento. Mas como foi mostrado no capítulo anterior, o laodiceanismo substituiu a justiça e a igreja perdeu literalmente a mensagem do terceiro anjo com o poder que ela tinha para finalizar a obra e a entrada no reino divino. Uma religião fria, morta e formalista tomou o lugar do vivo, salvador poder do evangelho eterno.

Uma vez instituído este estado, o Senhor tinha que trazer de volta o povo do advento às verdades que tinham perdido, nomeadamente, a mensagem do terceiro anjo, porque essa é a mensagem através da qual a obra será finalizada. Para fazer esta restauração, foi comissionado outro anjo. Naturalmente, por causa de ele ser acrescentado onde nunca devia ter sido necessário, não aparece juntamente com os outros anjos em *Apocalipse* 14. Esse capítulo é reservado àqueles que eram originalmente necessários. Isto não significa que Deus foi apanhado de surpresa, porque isso era impossível. Ele desenhou *Apocalipse* de acordo com o Seu conhecimento antecipado dos acontecimentos vindouros e das necessidades que se levantariam para a Sua igreja. Ao colocar o quarto anjo num capítulo posterior, queria dizer que este anjo nunca teria sido necessário se o Seu povo tivesse recebido e sido fiel a toda a luz que lhe foi enviada através do ministério dos primeiros três anjos.

Durante quase quarenta anos o povo do advento vagueou em trevas depois da condição laodicense vir sobre ele. A sua religião tornou-se o legalismo dos fariseus sob a qual o povo gemia e da qual desejava libertar-se. A tragédia foi que eles não conheciam a sua verdadeira condição de pobreza e cegueira e estavam confiantes que tinham a verdadeira luz da mensagem do terceiro anjo.

Mas estavam a concentrar os seus esforços em alcançar a perfeita obediência à lei sem primeiramente tê-la escrita no seu coração. Estavam literalmente a tentar produzir maçãs num espinheiro e isso é impossível. Estavam a pregar a letra da lei que, como um ministério de morte estava literalmente a matá-los mentalmente, espiritualmente e fisicamente. A situação tinha-se tornado tão grave que o Senhor ordenou à irmã White que declarasse:

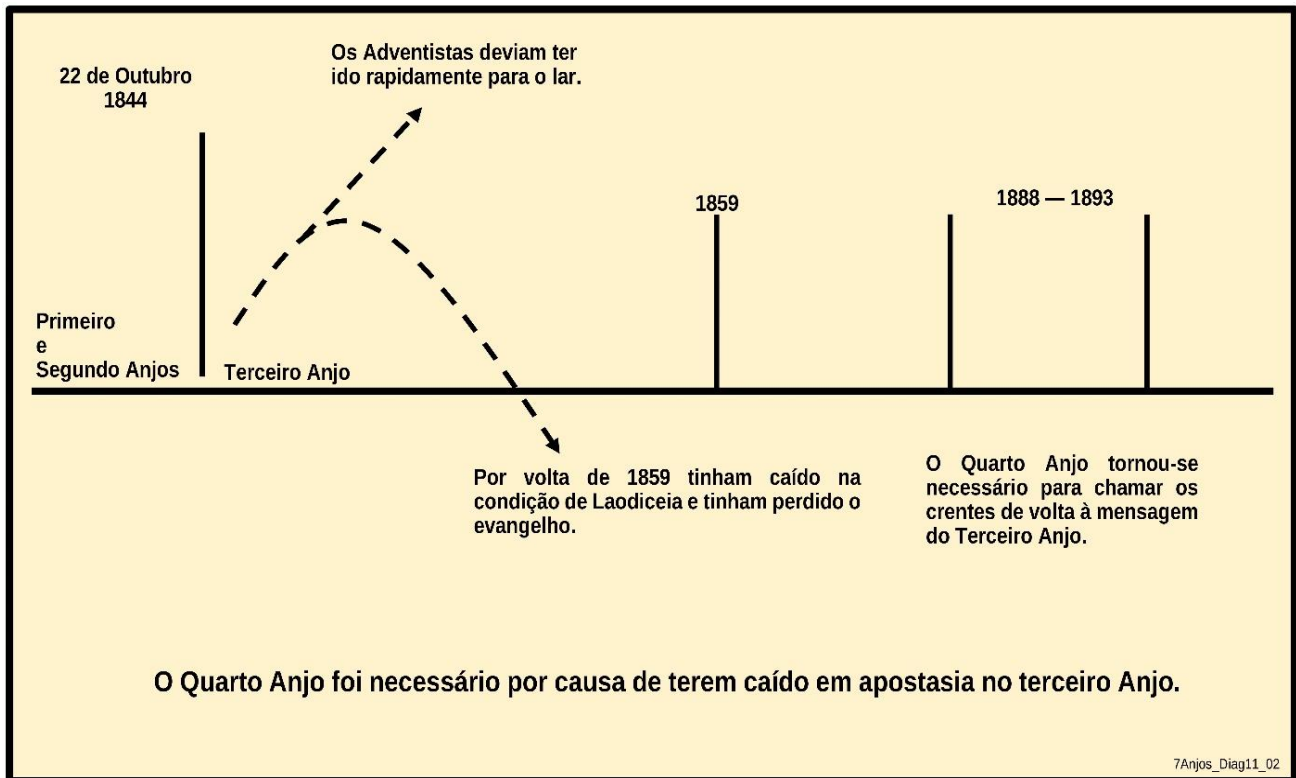
"Como povo têm pregado a lei até se tornarem tão secos como os montes de Gilboa que nunca tiveram orvalho ou chuva." *The Review and Herald*, 11 de Março de 1890.

Era de facto um estado espiritual patético ao qual estavam reduzidos. A sua destituição era tão grave, que eram incapazes de produzir fruto como as encostas secas de Gilboa. Sob estas condições não havia a mais remota possibilidade de serem instrumentos para finalizar a obra. Portanto, antes de poderem sair como mensageiros de Deus, tinham que primeiramente ser libertados da sua condição apóstata. Havia apenas uma mensagem pela qual isto podia ser alcançado e que era o evangelho eterno, as mensagens dos três anjos, o alto clamor o qual o Senhor estava a preparar-Se para lhes enviar.

Essa preparação envolvia a educação e treino de mensageiros escolhidos por um lado e o anúncio de solenes advertências ao povo por outro. Por isso aconteceu que, nos meses que conduziram ao que se tornou a histórica Conferência Geral de Minneapolis de 1888, dirigidos apelos e advertências começaram a fluir da pena da inspiração. Estes destinavam-se a penetrar o torpor da complacência que envolvia os membros da igreja para que fossem alertados para a sua verdadeira condição e perigos em que estavam. Foram, portanto, testemunhos muito directos que revelavam a letargia mortal do

formalismo. O testemunho que se segue é o tom incluído em muitos outros que apareceram em *The Review and Herald* durante o ano que precedeu a sessão da Conferência Geral.

“É possível ser crente parcial, formal, e contudo ser achado em falta e perder a vida eterna. É possível praticar alguns dos preceitos bíblicos, e ser considerado cristão, e ainda, pela falta das qualificações essenciais ao caráter cristão, perecer.” *The Review and Herald*, 11 de Janeiro de 1887, (*Testemunhos Selectos* 3:12.)



Isto é exactamente o que o laodiceanismo precisava ouvir, embora parecesse não serem capazes de ver quanto isso se aplicava a eles. Em seguida foram advertidos para a sua maior e mais urgente necessidade de “um reavivamento da verdadeira piedade.”

“Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação. Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos de preparo para recebê-la...”

“Há na igreja pessoas não convertidas, e que não se unirão em fervorosa, prevalecente oração. Precisamos entrar na obra individualmente. Precisamos orar mais, e falar menos. Abundante é a iniqüidade, e o povo deve ser ensinado a não se satisfazer com uma forma de piedade sem o espírito e o poder....”

“Temos muito mais a temer de dentro do que de fora. Os obstáculos à força e ao êxito são muito maiores da parte da própria igreja do que do mundo....”

“Não há coisa alguma que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho mediante a remoção de todo impedimento, de modo que o Senhor possa derramar Seu Espírito sobre uma enfraquecida igreja e uma congregação impenitente. Se Satanás pudesse fazer o que ele queria, nunca haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até ao fim do tempo. Não somos, porém, ignorantes de seus ardis. É possível resistir-lhe ao poder. Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá. Satanás não pode impedir uma chuva de bênçãos de cair sobre o povo de Deus, mais do que fechar as janelas do Céu para que a chuva não caia sobre a Terra. Homens ímpios e demônios não podem impedir a obra de Deus ou excluir Sua presença das reuniões de Seu povo, caso eles, de coração rendido e contrito, confessem e afastem de si os seus pecados, reclamando com fé



Sem a presença de Jesus no coração, o culto é mero formalismo frio e sem vida.

Suas promessas. Toda tentação, toda influência contrária seja ela franca ou oculta, será resistida com êxito, ‘não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos.’...

“Qual é nosso estado neste terrível e solene tempo? Ai, que orgulho prevalece na igreja, que hipocrisia, que engano, que amor ao vestuário, à frivolidade e ao divertimento, que desejo de supremacia! Todos esses pecados têm obscurecido a mente, de modo que as coisas eternas não têm sido discernidas.” *The Review and Herald*, 22 de Março de 1887.

À medida que se aproximavam de 1888, as mensagens continuaram a vir em *The Review and Herald* exortando o povo do advento a procurar a presença de Jesus no coração sem o que nada mais podiam alcançar do que o formalismo frio e mortal.

“Sem a presença de Jesus no coração, o culto é formalismo frio e sem vida. O anelante desejo de comunhão com Deus cessa quando o Espírito de Deus é por nós afugentado; quando, porém, Cristo, a esperança da glória, está em nós, somos constantemente levados a relacionar pensamentos e actos com a glória de Deus.” *The Review and Herald*, 17 de Abril de 1888.

Sem dúvida que houve alguns entre os membros que leram estas palavras que foram convencidos por elas e dessa maneira levados a procurar uma experiência melhor. Estes naturalmente perguntaram como podia isto ser alcançado. A resposta veio no artigo da semana seguinte em *The Review and Herald*.

“Devíamos estudar a vida do nosso Redentor, porque Ele é o único exemplo perfeito para o homem. Devíamos contemplar o infinito sacrifício do Calvário, e observai a grandeza da pecaminosidade do pecado e a justiça da lei. Saireis de um concentrado estudo do tema da redenção fortalecidos e enobrecidos. A vossa compreensão do carácter de Deus será aprofundada; e com todo o plano da salvação claramente definido na vossa mente, sereis mais capazes de cumprir a vossa divina comissão. Com um sentido de profunda convicção, sereis então capazes de testificar aos homens acerca do imutável carácter da lei manifestada pela morte de Cristo na cruz, a maligna natureza do pecado, e a justiça de

Deus na justificação do crente em Jesus, na condição da sua futura obediência aos estatutos do governo de Deus no Céu e na Terra.” *The Review and Herald*, 24 de Abril de 1888.

Quanto mais perto ficavam da sessão da Conferência Geral, mais insistente era o chamamento ao reconhecimento da sua destituição espiritual e à descoberta no Salvador do completo remédio para os seus males. Se o povo pudesse ter sido despertado para a grandeza da sua necessidade e para a urgência de receberem um remédio, teriam dedicado o seu tempo ao mais diligente possível exame de coração e afastamento dos pecados. Então teriam vindo às reuniões numa disposição da mente que estava receptiva às mensagens que Deus lhes enviou. Quão diferente teria sido a história! Em vez de rejeição, teria havido ávida aceitação. O Espírito Santo ter-Se-ia manifestado a Si mesmo com grande poder, a chuva serôdia teria caído assim que a preparação para ela estivesse completa, e, muito tempo antes disto, a obra estaria finalizada.

Todavia, apesar do Senhor estar a chamar o povo através dos Seus escolhidos mensageiros para se prepararem para a manifestação da Sua verdade, o inimigo estava a trabalhar a fim de gerar oposição mesmo antes das reuniões começarem. Grande luz tinha brilhado na mente do pastor E.J. Waggoner a respeito da lei em *Gálatas*. Ele viu que a lei acrescentada por causa da transgressão e que era o aio para conduzir a Cristo, era a lei moral, onde os adventistas tinham defendido que era o código cerimonial. O pastor Waggoner com alegria comunicou esta maravilhosa luz aos crentes esperando que eles fossem tão abençoados pela revelação como ele havia sido. Pelo contrário, isso colocou-o em confronto directo com o Presidente da Conferência Geral, o pastor G.I. Butler.

Para avaliar a intensidade do sentimento gerado, apenas temos que estar conscientes de quão sensível a lei em *Gálatas* era para um dirigente adventista. Antes de 1844, as igrejas protestantes eram fortes na sua pregação dos dez mandamentos. Mesmo assim, apesar de terem caído em profunda apostasia, os ministros protestantes pregavam a letra morta sem o Espírito, reconheciam que estes requisitos morais ligavam todos os homens. Evidentemente, eles interpretavam o quarto mandamento como se fosse o domingo.

Quando o poderoso evangelho eterno trazido pelo primeiro anjo lhes foi apresentado, rejeitaram este testemunho preferindo a sua religião formal. Isto colocou-os numa posição muito difícil, porque a lei inviolável é que todo aquele que rejeitasse o ministério do primeiro anjo não podia receber benefício de qualquer outro que se seguisse. Para eles, a verdade tem-se tornado erro, o dia tornado noite e a luz trevas. Vede *Primeiros Escritos*, 259-261. Por isso, quando o terceiro anjo chamou a atenção do mundo para o sétimo dia, os que desprezaram a luz das duas mensagens anteriores tinham-se colocado onde não havia esperança de verem e aceitarem a luz do sábado de Deus.

Isto colocou-os numa posição vulnerável. Continuaram a afirmar que acreditavam e ensinavam a Bíblia e a Bíblia como a palavra de Deus para o homem. Mas isto era apenas a sua afirmação, porque era claro para os adventistas em particular que os protestantes não tinham uma sólida base bíblica para a sua observância do domingo ou para a sua posição em várias áreas. Os pregadores adventistas pediram-lhes então que comparassem a sua profissão de integridade escriturística com o abandono do erro e observassem o dia que Deus tinha designado. Porém, os protestantes não o fariam porque não podiam. Os que tinham rejeitado o evangelho eterno nunca podiam encontrar o sábado e guardá-lo. Isto, contudo, não exclui as pessoas honestas naquelas igrejas que nunca haviam provado a verdadeira luz.

Os protestantes na sua procura por libertação deste dilema, sentiram que tinham uma resposta satisfatória na afirmação que, desde a cruz, a lei já não se aplicava aos cristãos. Para dar o que supunham ser uma base escriturística para este argumento, citaram *Gálatas* e *1 Coríntios*, afirmando que a lei nestas Escrituras era a lei moral. Os adventistas tomaram a posição que havia duas leis, não uma e que era a lei cerimonial a que Paulo se referia nestas Escrituras.

Isto levava a um impasse de cada vez que um adventista e um protestante se confrontavam. Nenhum deles podia demover o seu opositor. Os adventistas entrincheiravam-se solidamente por detrás da sua suposta invencível posição que a lei em *Gálatas* era a cerimonial e não a moral. Sentiram que se retratassem desta posição em qualquer extensão dando a mais pequena concessão ao ensinamento que era a lei moral, teriam que admitir que os seus inimigos estavam certos e eles não tinham justificação



Por causa de Maria ter concebido o seu filho antes do casamento com José, os judeus concluíram que Jesus era um filho ilegítimo. Portanto, sentiram-se justificados para O rejeitar como o Messias.

bíblica para observar o sábado. Mas a observância do Sábado era a sua orgulhosa apresentação, o seu especial e peculiar distintivo identificador. Era impensável tirar isso deles. Estavam seguros que não podia ser concebida maior traição à igreja.

Nenhum dirigente da igreja receava um desenvolvimento desses porque estava supremamente confiante que nenhum ministro adventista, professor ou leigo desse guarida à mais pequena inclinação para dar esse passo. Podiam ter preocupações e receios, mas estas não estava incluídas.

Imaginai então a consternação que varreu os adventistas quando E.J. Waggoner corajosamente declarou tanto verbalmente como por escrito que a lei em *Gálatas* é a lei moral. Repentinamente os adventistas sentiram-se despidos das suas defesas, nus, vulneráveis e traídos. Estavam convencidos

que tinham sido vendidos aos protestantes que rapidamente tirariam a maior vantagem desta prometedora mudança de posição da parte de um dos seus ministros.

Este desenvolvimento era suficientemente preocupante, mas aparentemente o pior estava para vir. Ellen White avançou defendendo a posição de Waggoner. Ela escreveu:

“A lei era o nosso aio para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fé.’ Nesta Escritura, o Espírito Santo através do apóstolo Paulo está a falar especialmente da lei moral.” *The S.D.A. Bible Commentary* 6:1110.

“Perguntam-me acerca da lei em Gálatas. Que lei é o aio que nos deve levar a Cristo? Respondo: Tanto o código cerimonial como o moral, dos Dez Mandamentos.” *The S.D.A. Bible Commentary* 6:1109.

A sua posição, tomada sob a direcção de Deus e pela Sua autoridade, devia esclarecer o assunto, mas não o fez. Em vez disso, Waggoner entrou na fatídica conferência com uma nuvem muito densa sobre a sua cabeça. Assim fez A.T. Jones por causa do conflito a respeito das interpretações das profecias de *Daniel*. Nada há de invulgar acerca dos mensageiros do Senhor entrarem na obra deles com o preconceito já levantado contra si. Foi assim com Cristo incluindo o ser chamado ilegítimo. Na lei de Moisés estava escrito que:

“Nenhum bastardo entrará na congregação do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará na congregação do Senhor.” *Deuterónimo* 23:2. Com isto os judeus concluíram que nenhum dos nascidos de mãe solteira podia jamais ser o Messias. Portanto, Jesus entrou na Sua obra com o obstáculo que parecia ser uma barreira intransponível ao Seu ministério. Contudo, no final, foi como se não tivesse existido essa barreira.

Semelhantemente, apesar de haver sentimentos contra eles, Waggoner e Jones prosseguiram com a pregação da mensagem com eficácia poderosa. Apresentaram a justificação pela fé como os adventistas nunca tinham ouvido antes. Isto foi parte do problema embora nunca devesse acontecer. Este problema desenvolveu-se como se segue:

Na década de 1850 um novo adventismo tinha começado a existir. Era um adventismo do qual o poder do evangelho tinha partido, mas ainda retinha as exposições da doutrina e da profecia que se tornou para os adventistas e para o mundo a marca identificadora do adventismo. Por conseguinte, por causa da aparência exterior declarar que não tinha havido mudança, a nova forma foi aceite na crença que ainda era o original. Os membros identificavam-se com uma mensagem direccionada para a exposição doutrinal e interpretações proféticas. A viva e salvadora verdade da justificação pela fé havia sido perdida, e, portanto, não tinha parte na pregação nesse período. Por isso nenhuma ligação era vista ou recomendada entre o verdadeiro evangelho – o poder salvador capaz de libertar de todo o pecado – e a mensagem do advento entendida nos anos de 1880.

Por isso, quando Waggoner e Jones avançaram com a verdadeira luz a respeito da mensagem do terceiro anjo e de acordo com isso pregaram a justificação pela fé como uma realidade prática salvadora, apresentaram o adventismo que era inteiramente desconhecido na igreja nessa altura. Esse adventismo tinha sido deixado para trás décadas antes e foi substituído por um novo adventismo que não era de modo algum adventismo.¹¹ Compreensivelmente então, os delegados à conferência foram incapazes de equacionar o que os mensageiros do Senhor estavam a pregar com o adventismo *como eles o conheciam*.

Baralhados e confundidos, vários escreveram à irmã White. Precisavam de saber se os pastores Waggoner e Jones eram na verdade adventistas, ou se estavam a tentar introduzir os infundados erros das igrejas babilónicas caídas. Em resposta, a profetiza do Senhor assegurou-lhes que não só estavam a ouvir a mensagem do terceiro anjo, mas estavam a ouvi-la *em verdade*. Aqui estão as suas palavras:

“Vários me escreveram, perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo e eu tenho respondido, ‘é a mensagem do terceiro anjo em verdade.’” *The Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.

¹¹ Vede *O Destino de Um Movimento*, segunda edição, capítulo 17, do mesmo autor.

Em *Testemunhos para Ministros*, 91-92 depois de descrever o que era a mensagem que Deus enviou através dos pastores Waggoner e Jones, a irmã White afirmou que “É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” Todo o testemunho se lê como se segue:

“Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos perderam Jesus de vista. Deviam ter tido o olhar fixo em Sua divina pessoa, em Seus méritos e em Seu imutável amor pela família humana. Todo o poder foi entregue em Suas mãos, para que Ele pudesse dar ricos dons aos homens, transmitindo o inestimável dom de Sua justiça ao impotente ser humano. Esta é a mensagem que Deus manda proclamar ao mundo. É a terceira mensagem angélica que deve ser proclamada com alto clamor e regada com o derramamento de Seu Espírito Santo em grande medida.” *Testemunhos para Ministros*, 91-92.

Quão maravilhoso teria sido se o povo tivesse aberto os seus corações para receber as maravilhosas verdades que o Senhor desejava mostrar-lhes nesta altura! Quão rapidamente teriam os seus corações, as mentes e o espírito, sido transformados e quão rapidamente ficariam prontos para a obra final! Muito tempo antes disto teria o Salvador aparecido nas nuvens do Céu para juntar os Seus expectantes santos para Si.

A certeza do aparecimento destes resultados é afirmada quando foi declarado pela divina Inspiração que “... o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor perdoador dos pecados.” *The Review and Herald*, 22 de Novembro de 1892.

Este testemunho foi escrito quatro anos depois do início da pregação da mensagem em 1888 e ela ter confundido algumas pessoas. Se é verdade que o alto clamor já tinha começado, havia então evidências físicas e visíveis disso? Onde havia a descida do Espírito Santo no poder pentecostal? Onde estavam as grandes curas, os milhares convertidos num dia, os crentes movimentando-se em todas as direcções a fim de levarem as mensagens aos cantos mais escondidos da Terra e a restauração do dom profético a muitos crentes?

Esta é uma pergunta que se aceita. Contudo, não existe problema quando é compreendido que há duas fases distintas no alto clamor. A primeira envolve o período em que a mensagem é ensinada à igreja. Enquanto esta obra não estiver completa com sucesso e profundidade, os crentes não estão preparados para levar a cabo a segunda fase, a pregação da mensagem ao mundo. Quando esse tempo começar, será vista a poderosa pregação da Palavra, as múltiplas conversões num único dia, os milagres das curas e outras manifestações do poder e glória divino que terá lugar nessa altura.

Mas o início real do alto clamor acontece quando a obra da preparação começa dentro da igreja.

Assim o quarto anjo apareceu e começou a sua obra. Ele seguiu o terceiro como o terceiro tinha seguido o segundo e o primeiro. Quando ele apareceu, era vital que os adventistas conhecessem o tempo da sua visita. O mensageiro celestial tinha vindo com as mais selectas bênçãos do Céu – a justificação pela fé e a justiça de Cristo. Com corações ansiosos e abertos, os crentes deviam dar as boas vindas ao visitante celestial e aceitar tudo o que ele tinha para eles.



Rejeitado Porquê?

Em 1888, na Conferência Geral em Minneapolis, Minnesota, o Altíssimo Soberano do Universo deu ao povo uma oportunidade de incomensurável magnitude. Ele trouxe-o à fronteira da Terra Prometida, tal como havia trazido Israel a Cades-Barneia. Muito rapidamente podiam ter entrado no repouso eterno no Paraíso restaurado e tê-lo-iam feito se tivessem seguido para onde e como o Senhor estava indicando. O quarto anjo tinha chegado com todo o seu glorioso poder e eficiência a fim de comunicar através dos servos escolhidos pelo Senhor, os pastores E.J. Waggoner e A.T. Jones, a própria luz do Céu que era especificamente necessária para finalizar a obra e trazer o longamente esperado segundo advento.

Porém, a mensagem, que devia ter sido recebida com gratidão e entusiasmo pelo povo do advento, teve na verdade diferentes recepções. Geralmente falando, os dirigentes eram decididamente opostos à luz. Outros gradualmente receberam-na como o pão do Céu, ao passo que no meio, a maioria estava incerta quanto a como se deviam relacionar com ela. A irmã White, a profetiza viva na igreja, deu aos mensageiros todo o seu apoio e aprovação da luz como "... a mensagem do terceiro anjo em verdade." *The Review and Herald*, 1 de Abril de 1890.

Apesar das diferentes respostas às revelações enviadas pelo Céu, não se desenvolveu uma separação física de quaisquer conseqüências. A igreja continuou sem qualquer diminuição de membros. Se alguns saíram, foram tão poucos em número que não foram dignos de menção nas várias histórias desse período. Contudo, houve uma considerável confusão nas fileiras a respeito do modo como os membros se deviam relacionar com estes "novos ensinamentos." Não seria necessário, porque o mesmo Deus que enviou a mensagem através dos Seus mensageiros, informou o Seu povo através da irmã White que a obra era d'Ele e que não podiam rejeitá-la ou ignorá-la senão à custa da vida eterna.

As positivas aprovações dadas à obra dos pastores Waggoner e Jones através do Espírito de Profecia teve um efeito limitador naqueles que ridicularizaram e rejeitaram a luz que brilhava sobre eles com raios claros e firmes. Em muitos casos, estes deram a aparência de terem aceitado a mensagem, um facto observado e comentado pelo pastor A.T. Jones numa carta citada por R.J. Wieland e D.K. Short na sua publicação, *1888 Re-Examined*, 29. "Então quando chegou o tempo da reunião campal nós os três (A.T. Jones, E.J. Waggoner e W.G. White) visitámos as reuniões campais com a mensagem da justiça pela fé algumas vezes todos nós estávamos na mesma reunião. Isto inverteu o rumo do povo, e aparentemente de muitos dirigentes...."

"Mas para estes últimos foi apenas aparente, nunca foi real, porque durante todo o tempo na Comissão da Conferência Geral e entre outros havia sempre um contínuo antagonismo secreto; e que por fim ganhou ascendência na denominação, e deu a supremacia ao espírito de Minneapolis à disputa e aos homens."

Ninguém pode ter uma avaliação mais correcta da importância crítica do que aconteceu em Minneapolis. A sua contrapartida histórica encontra-se na tragédia de Cades-Barneia quando Israel, pronto como estava para entrar na Terra Prometida, se condenou a si próprio a uma marcha mortal pelo deserto da qual não encontrou escape. Do mesmo modo, o povo adventista determinou para si mesmo uma longa, desnecessária e inútil jornada neste mundo pecador quando podia estar no reino há muito tempo.



O povo do advento em 1888 não tinha ideia do nível a que o Senhor desejava elevá-los.

Entre 1888 e 1893, a porta da oportunidade permaneceu aberta, porque até essa altura os que rejeitaram não haviam sido capazes de positivamente estabelecer a sua influência contra a mensagem. Depois disso, tornou-se cada vez mais evidente que o quarto anjo tinha retirado a sua presença a fim de esperar um dia em que o povo adventista tivesse melhor receptividade.

Nas décadas que se seguiram, foi feito todo o esforço para esquecer que o quarto anjo tinha alguma vez vindo à Terra. Porém, de 1950 em diante, a história e a mensagem tornou-se outra vez o ponto fulcral do interesse da parte de muitos quando compreenderam que algo verdadeiramente maravilhoso tinha sido enviado à igreja, mas que havia sido rejeitado e cuidadosamente escondido do povo. Minneapolis, argumentou autor atrás de autor, foi uma convincente história que corrigiu certos erros na igreja e colocou o movimento num caminho seguro de volta ao reino.

Três notáveis obras desta natureza são: *By Faith Alone*, por Norval F. Pease; *Through Crisis to Victory, 1888-1901*, por A.V. Olson, publicado em 1966; e *The Movement of Destiny*,¹² por LeRoy Edwin Froom, publicado em 1971. Os argumentos contidos nestes livros têm sido aceites pela maioria da igreja que foi convencida pelos esforços dos dirigentes em todos os níveis que os adventistas não rejeitaram a mensagem da justiça pela fé enviada entre 1888 e 1893.

Todavia, apesar dos argumentos propostos nestes livros, o facto é que a mensagem não foi aceite nos corações e vidas do povo adventista em Minneapolis ou depois, na forma e extensão necessária para conduzir ao alto clamor e trazer a finalização da obra. Ninguém necessita passar por longos e pormenorizados argumentos envolvendo a leitura de intermináveis testemunhos e relatos de testemunhas oculares para ser persuadido de que a mensagem foi rejeitada pela maioria. O facto que a história daquilo que teve lugar entre 1888 e 1893 e a mensagem que foi ensinada nesse período, foi mantido escondida do povo adventista, é prova segura que a luz foi rejeitada e privada de qualquer lugar na igreja. No melhor, ela foi aceite e preservada apenas por alguns poucos.

Quando a igreja aprecia, recebe, acredita e age numa mensagem enviada pelo Céu, os seus dirigentes são diligentes em preservar e exaltar perante os membros a história do que teve lugar e a mensagem que foi ensinada. Os homens através de quem Deus enviou a luz são lembrados e honrados. Um excelente exemplo disto é encontrado na vida e obra de Guilherme Miller. Teria sido difícil se mesmo possível, encontrar um informado adventista que não soubesse quem foi Guilherme Miller e o que ele ensinou.

Portanto, se uma luz mais brilhante enviada através dos pastores Waggoner e Jones tivesse sido aceite e vivida, a história do que aconteceu, a mensagem ensinada e o papel que aqueles poderosos servos do Altíssimo desempenharam, teria sido mantido perante os membros em todo o lado. Estas coisas seriam ensinadas em todas as disciplinas da história denominacional e os seus livros teriam sido publicados pela imprensa adventista e promovidos em todo o mundo adventista.

Mas este não foi o caso, tal como aprendi pela experiência pessoal. Tenho sido sempre um estudante interessado da história da igreja desde os dias da apostasia de Lúcifer até agora. A história da igreja da reforma e adventista captaram particularmente a minha atenção e li relatos destes períodos tanto profundamente como extensivamente. Mas, ao passo que encontro muita informação acerca de Guilherme Miller, Joshua V. Himes, Josiah Litch, Charles Fitch, Joseph Bates, James e Ellen White, etc., raramente encontro algo acerca daquilo que teve lugar nas sessões da Conferência Geral em Minneapolis perto do fim do século passado. [XIX] O pouco que encontrei era de tão pouca relevância com os nomes dos mensageiros apagados, que nem mesmo prendeu a minha atenção. Não foi senão quando depois de estudar no Colégio de Avondale durante três anos, ter trabalhado alguns mais em Sydney e depois de ter sido professor por dois anos no Colégio de Longburn na Nova Zelândia, que despertei para os grandiosos acontecimentos que tiveram lugar em Minneapolis e para os nomes de Waggoner e Jones. Anteriormente nunca tinha visto quaisquer livros destes homens. Eles certamente não haviam sido reproduzidos nas publicadoras adventistas nem promovidos pelas livrarias e casas bíblicas adventistas em todo o mundo.

¹² Para uma análise dos argumentos errados deste livro, vede *O Destino de Um Movimento*, na Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

Além do mais, quando por fim me familiarizei com estes homens, a mensagem e história do movimento do quarto anjo, não foi através de, mas contrariamente aos esforços e influência da igreja adventista. A minha experiência e observação pessoal é que, durante os anos 1950, em que o Senhor reavivou a luz ocultada por tanto tempo, os dirigentes e obreiros da igreja fizeram tudo o que estava ao seu alcance para evitar que a luz brilhasse. Todo aquele de quem se soubesse possuir e estudar qualquer dos escritos de Waggoner e Jones, estava certo de ser rotulado de “fanático”, “extremista”, “perfeccionista”, “de justiça-própria”, “cismático” e acima de tudo “perigoso e a ser evitado a qualquer custo.”

Esta não é a forma que se esperaria que igreja se comportasse com aquele que amasse e ensinasse a mensagem de Deus dada através de Waggoner e Jones. Pelo contrário, deviam honrar em vez de desonrar, encorajar em vez de desencorajar, e promover em vez de esconder da vista tanto tempo quanto possível.

Evidentemente que pode ser argumentado que os adventistas não manifestam hoje uma hostilidade tão aberta em relação à mensagem e aos mensageiros. É verdade que os livros dos pastores Waggoner e Jones estão a ser publicados pelas publicadoras adventistas e os seus nomes já não são lançados fora e desprezados. Na base destes factos há os que afirmam que a mensagem de Waggoner e Jones se tornou parte vital e integral do adventismo de hoje. Se assim é, então como é que aqueles que estão fora da igreja adventista que amam e promovem essa mensagem não são convidados a regressarem à igreja e ensinar essa verdade ali? Se os membros da igreja estivessem de facto a regozijar-se nesta maravilhosa revelação do Céu, ninguém seria mais bem vindo na igreja do que os outros que também se alegram nessa mensagem. Mas o fosso que separa as duas partes continua por fechar e cresce cada vez mais em profundidade e largura todos os dias.

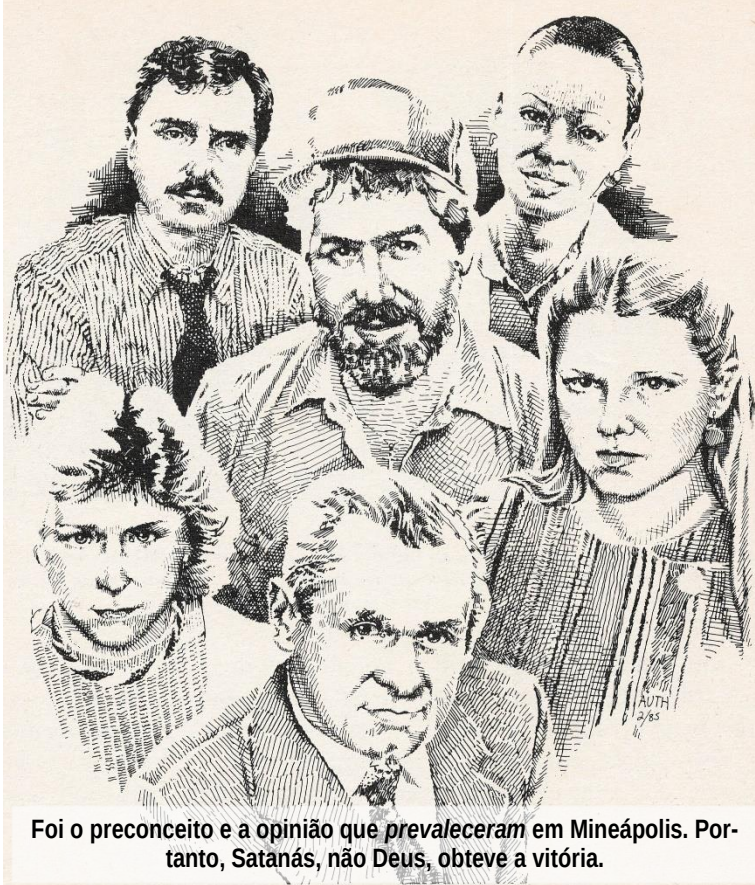
Não esqueçais que aqueles que rejeitam a verdade presente mostram grande respeito pelos mensageiros do passado, ao passo que rejeitam e perseguem os filhos de Deus que presentemente defendem os ensinamentos desses mensageiros. Mesmo a igreja católica agora respeita e fala bem de Martinho Lutero uma vez que está morto e sepultado e poucos se alguns membros tanto da igreja católica como das igrejas protestantes verdadeiramente sabem o que o grande reformador na verdade ensinou. Quão rapidamente a atitude presente em relação a Lutero mudaria se ele aparecesse outra vez em pessoa e ensinasse as poderosas verdades da justificação pela fé que lhes foi pregada no poder do Espírito Santo no século XVI.

Um exemplo frisante disto é dado durante a apresentação da mensagem do primeiro anjo. “Muitos olham com horror para a conduta dos judeus em rejeitar e crucificar a Cristo; e, ao lerem a história dos vergonhosos maus-tratos que Lhe infligiram, pensam que O amam e não O teriam negado como o fez Pedro, ou crucificado como o fizeram os judeus. Mas Deus, que lê o coração de todos, tem colocado à prova esse suposto amor por Jesus. Todo o Céu observou com o mais profundo interesse a receptividade da mensagem do primeiro anjo. Porém, muitos que professavam amar a Jesus, e que derramavam lágrimas ao lerem a história da cruz, ridicularizavam as boas novas de Sua vinda. Em vez de receber a mensagem com alegria, declaravam ser ela um engano. Odiavam os que amavam o Seu aparecimento, e expulsaram-nos das igrejas.” *Primeiros Escritos*, 260.

Como um cuidadoso estudo do livro de LeRoy Edwin Froom, *The Movement of Destiny*, mostrará que os membros da actual igreja adventista não sabem o que Waggoner e Jones realmente ensinaram.¹³ O que eles apresentaram na realidade à igreja foi a mensagem da justiça pela fé em verdade. Os modernos dirigentes adventistas também ensinam uma doutrina com o mesmo nome, contudo, ela não é a mesma mensagem, mas uma inteligente contrafacção tão próxima da verdade que engana mesmo os próprios escolhidos. É contudo uma questão simples persuadir os membros da igreja em geral que as duas mensagens chamadas pelo mesmo nome são idênticas apesar de não serem iguais. Uma vez alcançado isto, é seguro para os dirigentes falarem acerca dos homens como eles os vêem, da história como eles a interpretam e das mensagens como eles acreditam.

¹³ Para uma análise dos argumentos errados deste livro, vede *O Destino de Um Movimento*, na Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado.

Mas todos aqueles que verdadeiramente compreendem a história, a mensagem e os mensageiros, não esqueçam que os dirigentes mantiveram tudo isto escondido tanto tempo quanto podiam, perseguiram com vigor os que se atreveram por fim a trazer tudo à luz e nunca readmitiram os que expulsaram por crerem e ensinarem a mensagem a menos que se tivessem arrependido de o terem feito. Estas são coisas que a igreja nunca faria se tivesse aceitado a mensagem e os mensageiros enviados pelo Senhor.



Foi o preconceito e a opinião que *prevaleram* em Mineápolis. Portanto, Satanás, não Deus, obteve a vitória.

Porém, à parte destas considerações, há irrefutável evidência que a mensagem não foi aceita. Considerai que, se ela tivesse sido recebida e vivida como Deus queria que fosse e a igreja afirma que é, o fim teria vindo muito antes disto e os santos estariam juntos no Céu. O próprio facto de ainda estarmos neste mundo de pecado é prova inegável de que a luz foi rejeitada em favor de um falso evangelho.

É muito pouco provável que se encontre um único testemunho da pena da inspiração apoiando a afirmação que a vontade do Senhor foi feita em Minneapolis ou depois até agora no que respeita ao recebimento da mensagem do quarto anjo. Mas, há numerosos testemunhos do Espírito de Profecia declarando claramente que a luz foi rejeitada. Aqui está um exemplo dos muitos que podem ser apresentados.¹⁴

“Há entre nós um afastamento de Deus, e ainda não se fez a zelosa obra do arrependimento e volta ao primeiro amor

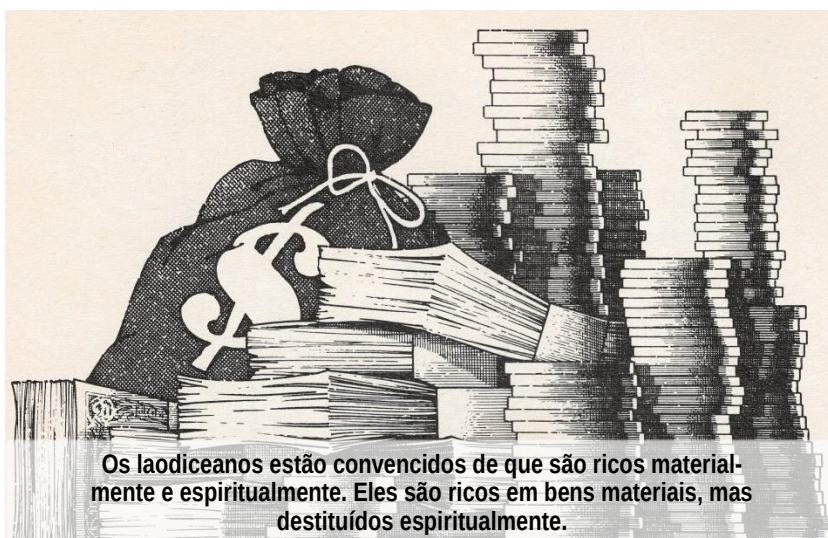
essencial à restituição a Deus e à regeneração do coração. A infidelidade está fazendo suas incursões em nossas fileiras; pois é moda apartar-se de Cristo e dar lugar ao ceticismo. Para muitos, o clamor do coração tem sido: ‘Não queremos que Este reine sobre nós.’ Luc. 19:14. Baal, Baal, é a escolha. A religião de muitos dentre nós será a religião do Israel apostatado, porque amam a seus próprios caminhos, e abandonam o caminho do Senhor. A verdadeira religião, a única religião da Bíblia, que ensina o perdão somente pelos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto, que advoga a justiça pela fé no Filho de Deus, tem sido desprezada, contra ela se tem falado, *tem sido ridicularizada e rejeitada*. É denunciada como levando ao entusiasmo e ao fanatismo. Mas é a vida de Jesus Cristo na alma, é o ativo princípio do amor comunicado pelo Espírito Santo, que, unicamente, podem tornar a alma frutífera para as boas obras. É o amor de Cristo a força e o poder de cada mensagem em prol de Deus que jamais saiu de lábios humanos. Que espécie de futuro estará à nossa frente, se deixarmos de chegar à unidade da fé?” *Testemunhos para Ministros*, 467, 468.

No parágrafo anterior ao citado acima, somos avisados que “Os preconceitos e opiniões que prevaleciam em Mineápolis de modo algum estão mortos; as sementes ali semeadas em alguns corações estão prestes a saltar para a vida e a dar idêntica colheita. A copa foi cortada, mas as raízes nunca foram arrancadas, e elas ainda dão o seu fruto profano para envenenar o juízo, perverter a percepção,

¹⁴ Vede *A Vinda de Cristo Retardada-Porquê*, por F.T. Wright, Publicadora da Igreja do Advento do Repouso do Sábado; e *1888 Re-Examined*, por R.J. Wieland e D.K. Short.

e cegar o entendimento daqueles com quem vos relacionais, com relação à mensagem e aos mensageiros.”

Foram os preconceitos e as opiniões que *prevaleceram* em Minneapolis. “Prevalecer” é ganhar a vantagem, alcançar a vitória, chegar ao comando e controlo. Preconceitos e opiniões são armas que nunca encontramos no exército de Deus. Eles pertencem ao diabo e aos que o seguem. Portanto, não foi o Senhor, mas Satanás que prevaleceu nessa histórica sessão da Conferência Geral. Para a causa da verdade, foi uma derrota, não uma vitória; um sério atraso, não um avanço triunfante.



Os laodiceanos estão convencidos de que são ricos materialmente e espiritualmente. Eles são ricos em bens materiais, mas destituídos espiritualmente.

O corte da copa sem o arranque e substituição das raízes, efectivamente forneceu a *aparência* que a mensagem tinha sido aceite, quando na realidade não foi. Pelo contrário, o mesmo espírito de rejeição e oposição estava esperando a ocasião em que pudesse manifestar-se outra vez como já havia feito antes.

Se o encontro de Minneapolis tivesse sido um triunfo como tantos querem que nós creiamos, teria sido a cura do laodiceanismo que estava estabelecido na igreja desde 1857, e que tinha piorado com o passar das décadas anteriores. Mas o testemunho do Espírito divino é que, depois da Conferência Geral de 1888, a condição da igreja deteriorou-se notoriamente. Aqui está esse testemunho:

“Tal como os judeus, muitos têm fechado os olhos para não ver; mas há agora do mesmo modo grande perigo, em fechar os olhos à luz, e caminhar separados de Cristo, sentir como se não precisassem de nada, tal como havia quando Ele esteve sobre a Terra. Tem-me sido mostradas muitas coisas que tenho apresentado perante o nosso povo em solenidade e seriedade, mas aqueles cujos corações foram endurecidos pelo criticismo, ciúme e mau pensar, que não sabiam que eram pobres, e miseráveis, e cegos, e nus. Os que resistem às mensagens de Deus através do Seu humilde servo, pensam que estão em desacordo com a irmã White, porque as ideias dela não estão em harmonia com as suas; mas este desacordo não é com a irmã White, mas com o Senhor, que lhe deu a obra que ela tem para fazer.” *The Review and Herald*, 26 de Agosto de 1890.

Anos mais tarde, a irmã White continuava a expressar o facto que a mensagem nunca tinha sido aceite pela igreja. Assim que a Conferência Geral em Battle Creek, Michigan, foi declarada aberta, a irmã White avançou e fez um testemunho directo para o efeito que a mensagem enviada pelo Senhor não havia sido aceite. Aqui está o primeiro parágrafo do seu discurso:

“Sinto um interesse especial nos movimentos e decisões que serão efectuados nesta Conferência a respeito de coisas que deviam ter sido feitas anos atrás, e especialmente há dez anos, quando estivemos reunidos em Conferência, e o Espírito e poder de Deus vieram à nossa reunião, declarando que Deus estava pronto para trabalhar por este povo se ele estivesse disposto a trabalhar. Os irmãos concordaram com a luz que Deus deu, mas houve os que ligados às nossas instituições, especialmente com os escritórios da *Review and Herald* e da Conferência, que introduziram elementos de incredulidade, de modo que a luz que foi dada não foi aceite. Houve concordância, mas nenhuma mudança especial foi feita para criar uma tal condição de coisas que o poder de Deus pudesse ser revelado entre o povo.” *1901 General Conference Bulletin*, 23.

W.W. Prescott, que foi um ministro que viu e aceitou a luz, fez uma declaração semelhante mais tarde na sessão. Ele disse:

“Mas há muitos nesta audiência que podem lembrar quando o pêndulo começou a balouçar, e que também podem lembrar quando, há treze anos em Minneapolis, Deus enviou uma mensagem a este povo para os libertar dessa experiência.

“O que tem sido a história deste povo e esta obra desde essa altura? Onde é que estamos agora em relação a esta mensagem? Até onde foi a verdade recebida? Não apenas consentida, mas realmente recebida? Não longe, digo-vos. Até onde foi o ministério desta denominação baptizado nesse Espírito? — Não longe, vos digo. Porque nos últimos treze anos esta luz tem sido rejeitada e combatida por muitos, e estão a rejeitá-la e afastar-se dela hoje; e digo a esses, ‘Vede, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; porque opero uma obra nos vossos dias, obra tal que não creereis, se alguém vo-la contar.’” *1901 General Conference Bulletin*, 321.

Desde essa altura, homens dirigentes como os pastores A.G. Daniells, Taylor G. Bunch e E.D. Dick, têm declarado em termos claros que a mensagem não se tornou a estabelecida posição da igreja e, por esta razão, o fim não veio, nem ele virá até que as vivas verdades do quarto anjo tenham o lugar no coração e na vida que Deus lhes designou.

Mas qual é a razão para esta enfática e hostil rejeição da maravilhosa, salvadora luz enviada directamente do Céu para finalizar a obra e levar o povo de Deus para o lar? Acrescentai a isso a presença entre eles de um profeta vivo através de quem o Senhor lhes disse onde estava exactamente a verdade. Como e porquê esse povo voltou as suas costas tanto à mensagem como aos mensageiros que Jeová em amor lhes enviou?

Este é um mistério difícil de entender mesmo apesar deste não ser o único exemplo do género na história. Considerai a recepção hostil do tão longamente esperado Messias pelos judeus! Durante séculos esperaram-n’O. Foram abençoados com muito mais abundante luz do que qualquer outro povo, tinham presenciado as poderosas manifestações do poder libertador de Deus em seu favor, estavam familiarizados com as profecias que determinavam o lugar e o tempo do Seu nascimento, a natureza da Sua obra e a justiça que Ele veio vindicar e estabelecer e professavam total lealdade à verdade de Deus.

Mas quando Ele veio, exactamente como Deus dissera, tendo Consigo o sinete do derramamento do divino amor salvador rejeitaram-n’O com hostilidade, bem como aquilo que Ele trouxe e, no final com a violência mais cruel.

Em princípio, o que aconteceu quando o quarto anjo apareceu em Minneapolis não foi diferente do que aconteceu quando Cristo andou entre os homens. A evolução do espírito e a resposta foram os mesmos em ambos os casos. Isto tem-se repetido nos movimentos quando os homens caem na armadilha que Satanás tem repetidamente colocado para enredar mesmo os melhores crentes. Em nenhum outro lado está isto melhor ilustrado do que na história de Abraão.

Deus pediu a Abraão que saísse de Ur dos Caldeus com um grandioso propósito. Estava destinado para ele o alto privilégio de ser o pai dos fiéis, aquele de quem sairia o corpo físico do Salvador dos homens. A este patriarca fez o Senhor a promessa mais específica que ele seria o pai de muitas nações, que a sua semente seria tão numerosa quanto as estrelas.

“Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.

“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção.

“E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.” *Génesis* 12:1-3.

“E disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente;

“Porque toda esta terra que vês, te hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre.

“E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada.” *Génesis* 13:14-16.

Ao mesmo tempo quando estas promessas foram feitas, Abraão não tinha filhos. Sem dúvida que no início ele ficou cheio de coragem com elas crendo que se tornaria pai de um filho, mas à medida que os meses se transformavam em anos, um desconfortável sentimento de dúvida começou a entrar na sua mente.

Numa situação desta natureza, tornou-se mais e mais difícil ter repouso no Senhor e deixá-l'O cumprir as promessas que fez. Quanto mais intensamente uma pessoa se envolve na obra do Senhor e quanto mais ansioso fica por vê-la avançar em direcção ao triunfo final, maior é a pressão sobre essa pessoa para recorrer às suas próprias obras para avançar a causa. Quando o faz, trabalha com abnegado zelo para realizar aquilo que Deus prometeu, quando devia deixar que o Senhor o fizesse, porque somente o Senhor pode realizar aquilo que prometeu fazer. Isto não significa que o cristão não tem qualquer parte a desempenhar, porque a vida do cristão deve ser uma vida muito activa cheia de boas obras. Mas, esses devem ser deveres divinamente atribuídos, não invenções humanas.

No caso de Abraão, o passar dos anos desde que a promessa lhe foi feita, provou ser uma prova de fé incapaz de ser suportada. Ele estava a ficar cada vez mais velho e, com o passar de cada ano, a sua ansiedade aumentou. Sob todas as aparências, o Senhor estava descurado e por conseguinte indiferente às súplicas de Abraão. Ao fazer a promessa que fez, Deus determinou que o futuro da obra dependia de Abraão ter um filho, todavia parecia que o Senhor havia esquecido tudo isso. Mais e mais, Abraão e Sara se apercebiam que o tempo estava a esgotar-se e que algo tinha que ser feito. De acordo com isto, voltaram-se para as suas próprias obras a fim de fazerem aquilo que somente Deus podia fazer e o resultado foi Ismael, uma contrafacção do cumprimento da promessa.

O nascimento deste filho trouxe grande satisfação e alívio a Abraão e Sara. Deus tinha declarado que Abraão se tornaria pai e agora ele o era. Acreditou que a promessa tinha sido cumprida quando afinal não foi. Em nenhuma circunstância podia o Senhor aceitar este filho como cumprimento do Seu compromisso para com Abraão. Contudo, Abraão e Sara, completamente confiantes que Ismael era o filho prometido, devotaram todo o seu tempo e recursos a educá-lo para o Senhor.

Foi apenas depois de treze anos de dedicada educação ter sido devotada a este maravilhoso filho que o Senhor comunicou de novo a mensagem a Abraão, como está relatado em *Génesis* 17.



Se a futilidade de tentar a justiça pela próprias obras fosse verdadeiramente compreendida, seria muitos menos atractiva do que viajar milhares de quilómetros a pé em vez de ir de comboio.

Primeiramente, Deus repetiu a promessa ao Seu servo de que a sua semente se multiplicaria abundantemente e que nações e reis nasceriam dele. Quando Abraão ouviu estas palavras, pensou que elas estavam a ser ditas a respeito de Ismael e grande alegria e satisfação devem ter nascido dentro dele.

Porém, à medida que o Senhor continuava, declarou ao patriarca que Sara daria à luz o filho prometido. Este anúncio veio como um choque para o idoso patriarca e colocou uma tremenda pressão sobre ele. Instantaneamente viu que a respeito do avanço da obra até agora, os treze anos de dedicado treino dado a Ismael foram um desperdício, (excepto para as lições a aprender disso) e que ele tinha instituído procedimentos errados que deviam ser agora abandonados em favor do modo como Deus faz as coisas. Ao mesmo tempo, foi-lhe pedido que cresse no que lhe parecia ser completamente impossível. Anos de experiência tinham-no convencido totalmente que não podia ter um filho de Sara. Se ela não podia ter um filho quando era mais jovem, certamente não havia esperança agora.

A Abraão, parecia que Deus estava a pedir-lhe que desistisse de tudo aquilo que lhe era mais precioso; aquilo que era visível, real e por essa razão, possível de crer, em troca daquilo que era nada mais do que uma promessa, o cumprimento daquilo que parecia uma impossível possibilidade. Ele sabia que Deus tinha dado anos antes uma promessa semelhante, à qual, no seu ponto de vista, nunca tinha sido dada substância. O que é que esta última afirmação de Deus tinha que lhe assegurasse que desta vez seria cumprida? Para Abraão era na verdade uma tremenda prova de fé, mas nesta ele subsistiu. Agarrou a palavra de Deus com fé viva e o filho nasceu.

Não pode ser difícil para os cristãos hoje compreenderem que essa era uma grande prova que Abraão enfrentou. Ismael era um filho belo, saudável e forte que Abraão e Sara amavam e adoravam. Nele tinham encontrado alívio para as suas ansiedades a respeito do futuro da obra de Deus se morressem sem terem filhos. Nunca questionaram a convicção de que este era na verdade o filho prometido e que o Senhor o aceitaria e o abençoaria. Mas, quando o Senhor tornou claro que não podia aceitar, então Abraão enfrentou a terrível perspectiva de aparentemente lhe ser exigido que abandonasse tudo o que tinha em troca de nada.

Este foi o mesmo teste que os judeus enfrentaram quando o Messias esteve entre eles e os adventistas em 1888, quando o Altíssimo enviou essa preciosa mensagem através dos Seus servos, os pastores Waggoner e Jones. Aquilo que levou ao teste foi o mesmo em todos os casos.

Ao povo do advento em 1844, enquanto deixava as igrejas ao receber a nova luz que lhe foi enviada, o Senhor havia prometido uma rápida finalização da obra e um Salvador que viria rapidamente. Creram nessa promessa, mas ao falharem em ver a obra feita em pouco tempo, começaram a perder o efeito da mensagem e a incredulidade estabeleceu-se. Tendo perdido o vivo poder de Deus, começaram a construir o reino à sua própria maneira com o resultado que um poderoso Ismael foi criado.

Através dos Seus escolhidos porta-vozes, o Senhor procurou avisá-los do seu perigo e assim trazê-los de volta aos Seus caminhos, mas, na sua cegueira laodicense, não podiam ver o que Ele estava a tentar comunicar-lhes. Semelhantemente a Abraão, tinham manifestado um tremendo zelo nos seus esforços para evangelizar o mundo. Nenhum sacrifício era demasiado grande, nenhuma obra demasiado difícil, nenhuma separação dos amados demasiado longa ou distante, mas estavam dispostos a fazer tudo isso pela causa. Foi um magnífico esforço do qual se orgulhavam. Nasceram hospitais, escolas, igrejas, postos missionários e postos avançados espalharam-se em todos os países do mundo, desde os mais populosos e abastados estados da América às isoladas zonas geladas do Tibete e desolados desertos de África.

Estavam profundamente convencidos que em tudo isto, estavam a dar seguimento ao divino mandado e executando a obra do Senhor, à maneira d'Ele. Pensaram que eram ricos e estavam enriquecidos e de nada tinham falta, e não sabiam quão miseráveis, pobres, cegos e nus eram. Lembrem-se que quase todas as pessoas na igreja adventista em 1888, se tinham juntado a ela e crescido nela até à entrada do laodiceanismo. Nunca souberam o que o verdadeiro adventismo era. Tal como aquele único filho que Abraão tinha conhecido por altura em que tinha quase cem anos de idade, assim Ismael era o único adventismo conhecido de muitos dos que se reuniram em Minneapolis, e que era legalismo, a tentativa de alcançar a justiça pelas obras próprias.

A vinda do quarto anjo trouxe um surpreendente anúncio ao povo do advento. Foi feito muito mais por implicação do que em termos explícitos. Era claro que o povo estava a ser chamado a substituir o adventismo que conheciam, viam, compreendiam e confiavam, por um que nunca tinham encontrado antes, e que, não lhes sendo familiar, tendia a desencorajá-los. Além do mais, há uma inimizade natural entre a forma como os homens trabalham e o trabalho pela fé. Muitos que encontraram em si mesmos a tendência para lutar contra a nova luz, cultivaram esta disposição por causa do triste conceito errado que estavam lutando pela fé que havia sido dada aos santos.

Foi extremamente difícil para eles aceitarem a ideia que os seus tremendos sacrifícios na construção da obra, nunca finalizariam a tarefa. Os procedimentos antigos tinham que ser substituídos pelos novos. Ismael tinha que partir. Isaque tinha que tomar o seu lugar. Isto era muito difícil, mas o que o tornou ainda mais difícil foi o facto de que tinham de alcançar uma forte fé na palavra de Deus a fim de verem e descansarem no alternativo e melhor caminho que o Senhor tinha para eles. Ismael era real, belo e vivo; mas Isaque ainda não tinha nascido.

Era muito mais fácil para o povo decidir em favor daquilo que tinham feito e podiam ver do que escolher aquilo que podiam ver apenas através dos olhos da fé. Os judeus tinham feito uma escolha idêntica pela mesma razão nos dias de Cristo. Assim nos dias do quarto anjo soou o clamor outra vez: “... Quem dera que viva Ismael diante de teu rosto!” *Génesis* 17:18.

Não foi dito exactamente por estas palavras, mas era a mesma mensagem. Eles escolheram o temporal e o visível em preferência ao eterno e na altura invisível. A tragédia é que eles não souberam realmente o que fizeram, porque, nas suas mentes, eram leais, confiavam e com bravura defendiam a fé.

Assim que esta decisão foi tomada, isto foi manifestado na cruel e implacável perseguição contra aqueles cuja fé alcançaram os vivos princípios e deixaram para trás o velho sistema. Os que rejeitaram obtiveram a vitória. O quarto anjo voltou para o lugar donde viera, enquanto Israel se retirou de uma posição mesmo às portas da Terra Prometida a fim de morrer sem ver o regresso do Salvador.

O quarto anjo tinha que esperar pacientemente por outra geração, outro tempo e outro lugar, antes de poder ganhar a aceitação necessária para assegurar que a obra avançasse outra vez.



O Regresso do Quarto Anjo

A rejeição do quarto anjo em Minneapolis foi a segunda frustração da tentativa de Deus para finalizar a obra através da mensagem do terceiro anjo. A primeira vez tinha sido logo a seguir a 1844, antes do laodiceanismo ter tomado o lugar da verdadeira religião.

Isto deixou Deus sem alternativa senão enviar o quarto anjo outra vez, porque a mensagem do terceiro anjo em verdade é a única pela qual a obra pode ser finalizada. Não há outra alternativa. Isto significa que todas as vezes que o quarto anjo é rejeitado, ele tem que vir outra vez até que por fim seja encontrado um povo que aceite e ponha em prática a mensagem de acordo com a vontade e propósito divinos. Então virá o fim.

Estes factos tendem a encher uma pessoa com o sentimento desanimador que este ciclo de repetições e rejeições possa continuar para sempre, mas tende bom ânimo em Deus, porque o testemunho da profecia indica que o quarto anjo apenas precisará de voltar uma vez depois da trágica rejeição que sofreu em 1888. Quando o fizer, será aceite de todo o coração por um povo em todo o mundo e a obra será finalizada.

Nenhuma falta se encontra nos meios dados na mensagem e obra do quarto anjo, porque a falha é unicamente do povo de Deus por ter fracassado em fazer a obra de acordo com os caminhos d'Ele. Escolheram, como fizeram todos os movimentos no passado, substituir as orientações e poder de Deus pelas teorias e procedimentos humanos. Essa é a causa do fracasso, não qualquer falta na mensagem. A única esperança está numa geração de pessoas que se entregue totalmente à verdade de Deus como Ele a envia e fazer a obra de Jeová à Sua maneira. A mensagem é mais do que adequada para a sua missão.

Mas, quanto tempo deve o anjo esperar depois de 1888-1893 para voltar? Com certeza, ele não podia vir de novo à geração que o rejeitou a menos que ela tivesse visto e completamente se tivesse arrependido do terrível pecado cometido em Minneapolis. Eles não demonstraram a mínima disposição de fazer isto, assim o anjo não veio para eles outra vez.

Depois de ser claro que não se arrependeriam, a oportunidade que desprezaram tinha que ser dada a outra geração, que recebesse o chamamento e do mesmo modo enfrentasse o teste que os seus antecessores falharam. Esta geração que se seguiu seria convidada a compreender que a obra nunca podia ser finalizada a menos que houvesse uma verdadeira renovação da vida espiritual, seguida por uma completa reforma do pensamento humano em favor das orientações divinas. Uma vez estabelecidas estas convicções, tinha chegado o tempo em que o quarto anjo encontraria um povo receptivo que poderia ser ensinado e, desse modo, a possibilidade de ver a obra finalizada. Nem todos no movimento aceitariam, porque as virgens loucas estarão na igreja até serem separadas das prudentes no fim da provação. Todavia, o Senhor encontrará um povo que será leal e verdadeiro e será através dele que Ele realizará o Seu divino propósito.

Deus prometeu que: “Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.” *Amós 3:7*.



A maravilhosa manifestação do poder de Deus vindoura abrirá as portas a gloriosas visões da verdade que nem sequer se sonhava até então.

Portanto, o que teve lugar em Minneapolis e o que se desenvolveu depois, foi escrito na palavra profética antes dos acontecimentos em si mesmos ocorrerem no devido tempo.

Em primeiro lugar, olharemos as profecias escritas depois de 1888 que predizem o regresso da mensagem e da sua rejeição pela maioria. A primeira a ser citada foi escrita em 1890, a seguir à tragédia de Minneapolis:

“Haverá nas igrejas uma maravilhosa manifestação do poder de Deus, mas não surtirá efeito naqueles que se não humilharam perante o Senhor e abriram a porta do coração pela confissão e arrependimento. Na manifestação desse poder que ilumina o coração com a glória de Deus, verão apenas algo que na sua cegueira pensam ser perigoso, algo que despertará os seus receios e fortalecerá-os a resistirem. Porque o Senhor não opera segundo as ideias e expectativas deles, opor-se-ão à obra. ‘Porquê’, dizem, ‘não devíamos nós conhecer o Espírito de Deus, quando temos estado a trabalhar há tantos anos?’ — porque não responderam às advertências, às súplicas da mensagem de Deus, mas persistentemente disseram, ‘rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta.’ Talento, longa experiência, não tornarão os homens canais de luz a menos que se coloquem sob os raios do Sol da Justiça.” *The Review and Herald Extra*, 23 de Dezembro de 1890.

Esta não pode ser uma profecia da vinda da mensagem em Minneapolis, porque quando este testemunho foi escrito essa já estava no passado e a rejeição da luz já se tinha tornado certa. Foi uma predição que se cumpriria mais tarde quando a mensagem viesse pela segunda vez. Houve apenas uma limitada manifestação do maravilhoso poder de Deus entre 1888 e 1893, mas virá o tempo em que haverá uma “... maravilhosa manifestação do poder de Deus ...” Mas, estai certos que uma vez mais, o ministério será o principal opositor da proclamação da verdade e fará tudo o que estiver ao seu alcance para assegurar que ela não seja recebida e avance. Porém, apesar desta firme oposição, a mensagem será aceite pelos sinceros de coração e terá sucesso onde falhou no passado. Um segundo testemunho confirmando a verdade que a mensagem não será compreendida nem recebida por muitos, é o seguinte:

“A mensagem do terceiro anjo não será compreendida, a luz que iluminará a terra com a sua glória será chamada de luz falsa por aqueles que recusam caminhar no avanço da sua glória. A obra que podia ter sido feita, será deixada por fazer pelos que rejeitam a verdade, por causa da sua incredulidade. Apelamos aos que se opõem à luz da verdade, que se afastem do caminho do povo de Deus. Deixai que a luz enviada pelo Céu brilhe sobre ele em claros e firmes raios. Deus considera aqueles a quem esta luz vem, responsáveis pelo uso que fazem dela. Aqueles que não ouvirem serão tomados como responsáveis; porque a verdade foi colocada ao seu alcance, mas desprezaram as suas oportunidades e privilégios. Mensagens com credenciais divinas têm sido enviadas ao povo de Deus; a glória, a majestade, a justiça de Cristo, cheia de bondade e verdade foram apresentadas; a plenitude da Divindade em Jesus Cristo foi apresentada entre nós com beleza e afecto, para atrair todos cujos corações não tenham sido fechados pelo preconceito. Sabemos que Deus tem operado entre nós. Temos visto almas voltarem do pecado para a justiça. Temos visto a fé reviver nos corações dos contritos. Seremos nós como os leprosos que foram limpos que seguiram o seu caminho e só um voltou para dar glória a Deus? Falemos antes da Sua bondade e louvemos a Deus com o coração, a pena e com a voz.” *The Review and Herald*, 27 de Maio de 1890.

Este testemunho tem de facto uma aplicação ao que estava a acontecer quando foi escrito, mas não pode ser confinado apenas a essa situação, porque, se essa tivesse que ser apenas a única aplicação, então teria sido escrito: “A mensagem do terceiro anjo [está a ser] compreendida, a luz que iluminará a Terra com a sua glória [está a ser chamada] luz falsa, por aqueles que [estão a recusar] caminhar no avanço da sua glória.”

Deus com certeza não foi apanhado de surpresa por aquilo que teve lugar em Minneapolis. Ele revelou o Seu conhecimento prévio já desde o tempo do Antigo Testamento quando descreveu pela profecia de Oseias, a sequência de acontecimentos que conduziriam ao derramamento da chuva serôdia. É uma verdade bem estabelecida que a chuva serôdia cai apenas no final da história deste mundo.

Portanto, qualquer profecia que trate com o derramamento desta poderosa bênção, deve ser aplicada aos acontecimentos finais antes do fim do tempo de prova. Com esse princípio estabelecido e um conhecimento daquilo que ocorreu em 1888, é uma questão simples ver como a profecia de *Oseias* 5:15; 6:1-3 deve ser aplicada. Ela lê-se do seguinte modo:

“Irei e voltarei ao meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face; estando eles angustiados, de madrugada me buscarão.”

“Vinde, e tornemos ao Senhor, porque Ele despedaçou, e nos sarará; feriu, e nos atará a ferida.

“Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante d’Ele.

“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a Sua saída, como a alva, é certa; e Ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.”

Foi quando rejeitado entre 1888 e 1893, que o poderoso quarto anjo declarou que voltaria ao seu lugar, até que regressaria, depois de muitos cansativos e infrutíferos anos o povo de Deus se convencesse da necessidade deste poderoso anjo e seu ministério.

Assim, por volta de 1950, veio por fim o tempo em que o povo de Deus tinha visto o resultado dos seus próprios caminhos, compreendeu que não estava a fazer um verdadeiro progresso em direcção ao reino e que portanto, tinha que examinar as suas crenças e procedimentos para ver onde se tinha afastado. A sua destituição espiritual tinha-se tornado tão desesperada que estavam prontos a ouvir outra coisa diferente do adventismo laodicense. Assim se desenvolveram as condições necessárias para limpar o caminho para o regresso do anjo. Começaram a ouvir-se clamores pedindo um regresso ao Senhor, Sua verdade e Seus caminhos.

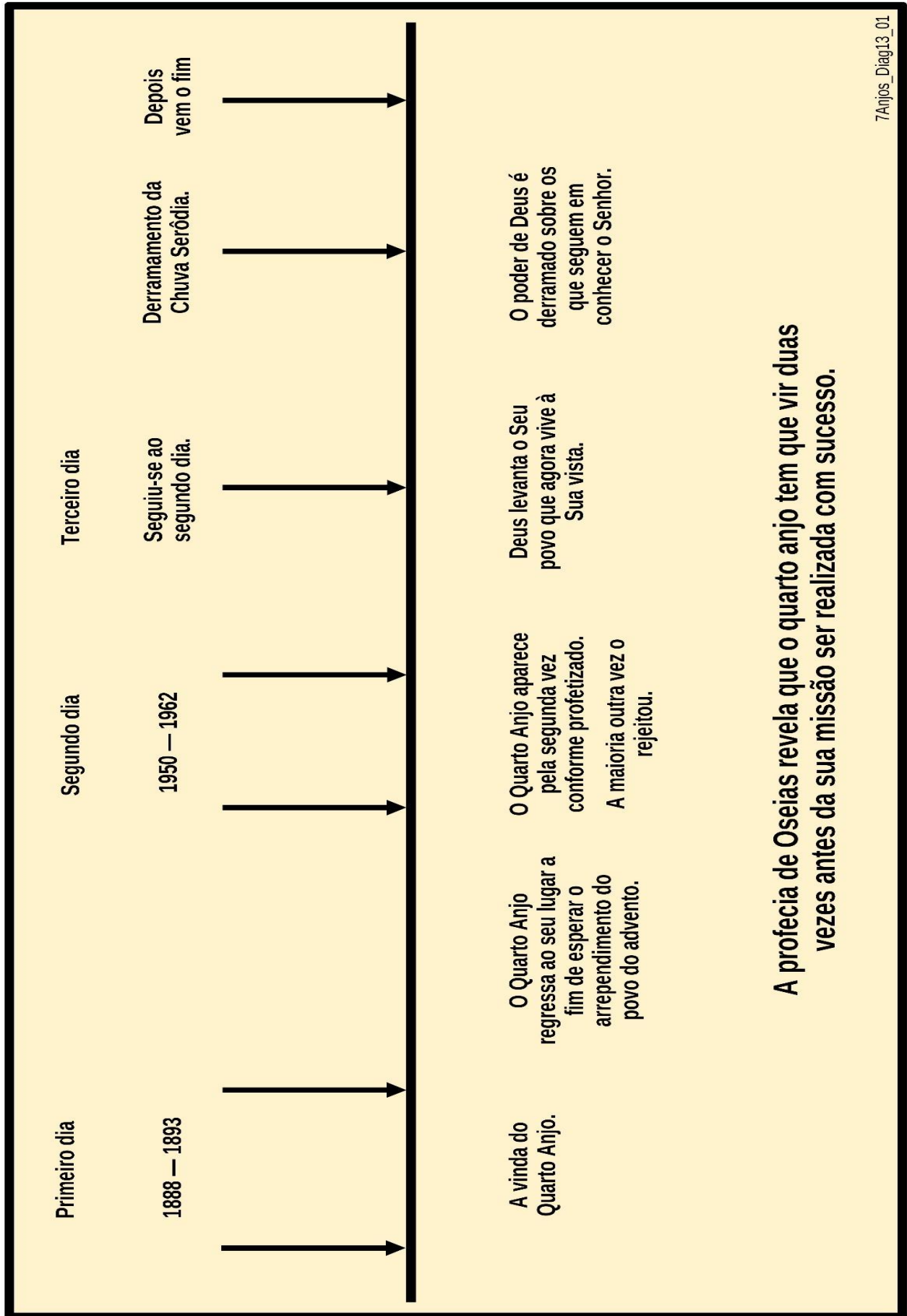
O Senhor estava disposto a responder a esse movimento. A promessa é que “Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele.”

No que respeita ao quarto anjo, este primeiro dia aconteceu quando ele tentou derramar a luz e o poder da chuva serôdia sobre o povo adventista entre 1888 e 1893. Portanto, seguir-se-ia que o segundo dia seria a tentativa seguinte para trazer a mesma bênção à igreja, mesmo assim, dentro da própria organização, o esforço encontraria ainda menos sucesso do que em Mineápolis. Isto levaria uma pessoa a perguntar como podia desta vez o anjo vir para ficar se a sua recepção era ainda pior? A resposta está no facto que o Senhor nunca aceitará uma separação do Seu povo até que não haja qualquer esperança do regresso para Ele. Então e somente então prossegue Ele com a construção de um novo movimento fora da organização apostatada, sem que os seus membros saibam que a glória do Senhor partiu deles.

Quando, em 1888, o anjo partiu pela primeira vez, a rejeição não foi definitiva e havia ainda possibilidade de se arrependem. Todavia, quando a mensagem viesse de novo, a situação seria muito diferente. Os membros da igreja e os seus dirigentes teriam a vantagem da sua história passada, a avaliação de Deus a respeito da verdade dada através do Espírito de Profecia e as consequências visíveis para a igreja da falta de poder espiritual, vitória pessoal sobre o pecado e os graves adiamentos na finalização da obra. Com esta compreensão, qualquer decisão que tomassem seria de longe mais responsável, crítica e definitiva. É claro para nós hoje que a linha entre os que aceitaram e os que rejeitaram seria tão claramente traçada que os dois se separariam para sempre. Isto teria lugar no segundo dia.

Depois deste segundo dia, viria o terceiro durante o qual o Senhor se levantaria num movimento distinto e separado que viveria “... à Sua vista”, aqueles que tinham aceite a mensagem do terceiro anjo e agiriam em íntima comunhão com Ele. Durante este período de consolidação, o povo do Senhor não devia esperar o reconhecimento das igrejas caídas nem do mundo. É apenas à vista do Altíssimo que ele será reconhecido como um povo vivo. Todo o resto será contado demasiado insignificante para merecer atenção.

Uma vez que o movimento tenha sido iniciado pelo Senhor e viva à Sua vista, há uma obra posterior de avanço no conhecimento de Deus que, uma vez efectuado, trará o derramamento da chuva serôdia. Na versão original da Bíblia *King James*, *Oseias* 6:3 lê-se assim: “Então conheçamos, e prossigamos



em conhecer ao Senhor; a Sua saída, como a alva, é certa; e Ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.”

Esta profecia está a ser cumprida com a mesma exactidão que tem marcado todas as predições divinas. Até ao final da década de 1940, parece que o povo adventista tinha fé implícita nos dirigentes da igreja. Não era segredo que havia problemas na igreja, mas ninguém os atribuía aos homens que estavam na direcção e havia o sentimento geral de confiança que os irmãos da Conferência Geral e do ministério sob a sua direcção certamente resolveriam todos os problemas que se levantassem. Mas à medida que essa fatídica década se aproximava do fim, o adventismo entrou noutra fase.

Muitos despertaram para a terrível compreensão que os homens no topo eram impotentes para travar o aprofundamento da apostasia e tomou posse o sentimento que algo tinha que ser feito. Se os irmãos no centro das operações não o fizessem, então muitos pensaram que deviam tomar a obra nas suas próprias mãos. Assim surgiu um número de pequenos movimentos independentes, cada um com a ênfase específica, mas todos com o mesmo chamamento à estrita obediência à lei de Deus.

Infelizmente, a sua aproximação foi legalista, o antigo concerto de obedecer e viver. Todos fracassaram em ver o ponto que o espírito de obediência tem que estar implantado no interior antes de se poder produzir a obediência aceitável no exterior. Nenhum destes movimentos perdurou. Muitos sobreviveram alguns anos antes de se desintegrarem e foram substituídos por novos movimentos que por sua vez desapareceram ainda em favor de outros. Eles representaram sinceras, mas mal dirigidas tentativas de alcançar a justiça aceitável, mas não puderam ser considerados como sendo a luz e obra do quarto anjo. Contudo, até certo ponto, pelo menos alguns deles cumpriram a profecia, naquilo a que chamaram a um regresso ao Senhor.

Entretanto, acontecimentos verdadeiramente significativos estavam a desenvolver-se. Dois missionários, R.J. Wieland e D.K. Short, tinham regressado de África para assistirem às reuniões ministeriais e à sessão da Conferência Geral que se realizou em 1950. Eles tinham feito um profundo estudo daquilo que se tornou público na sessão da Conferência Geral de 1888 e ficaram cheios de um profundo desejo de ver as momentosas verdades do quarto anjo se espalharem por toda a igreja adventista. Ao mesmo tempo, ficaram profundamente inquietos quando viram os ensinamentos das igrejas babilónicas serem adoptados mais e mais por ministros adventistas e suas congregações.

Estes homens conheciam bem a história do que acontecera em Minneapolis, Minnesota, e compreenderam que a chuva serôdia não podia cair enquanto a igreja não deixasse de retroceder para a teologia babilónica e regressasse à mensagem do terceiro anjo em verdade. Eles estavam bem cientes de que não havia desculpa para conhecerem aquilo que a mensagem era, porque em 1888 ela foi proclamada pelos mensageiros de Deus e completamente sancionada pelo próprio Senhor.

Com genuína, terna preocupação pela igreja e seu futuro destino, estes dois irmãos dirigiram-se aos dirigentes da Conferência Geral e expuseram os seus casos perante eles. Ambos se juntaram fazendo soar uma advertência contra o aprofundamento da apostasia e apelaram a uma aceitação e promoção das mensagens que o Senhor tinha enviado através dos pastores Waggoner e Jones. Recomendaram que os livros escritos por estes dois mensageiros fossem impressos e distribuídos por todo o mundo.

Deve ser creditado aos dirigentes que estas sugestões não foram de ânimos leve postas de lado nem directamente recusadas. Pelo contrário, foi mostrado um considerável interesse nas suas propostas e foi sugerido que pusessem os seus argumentos por escrito. Encorajados por esta animadora e aparente abertura, os dois missionários lançaram-se ao trabalho e, em algumas semanas apenas, produziram um manuscrito dactilografado de 244 páginas com o título, *1888 Reexaminado*. Isto foi submetido aos oficiais da Conferência Geral no Outono de 1950. O regresso do quarto anjo estava a dar os primeiros passos na reintrodução da sua mensagem, mas todos os envolvidos nessa altura não tinham um conceito real do que se desenvolveria desses primeiros movimentos.

Alguém poderá perguntar porque não reconhecemos nós o esforço feito em 1924 para apresentar de novo a mensagem à igreja como a segunda tentativa do quarto anjo para estabelecer a sua mensagem e obra. Um cuidadoso exame do que aconteceu nessa altura dará a resposta. Em 22 de Outubro desse ano, o Conselho Consultivo da Associação Ministerial reuniu-se em Des Moines, Iowa, e votou que o

pastor A.G. Daniells fosse encarregado de preparar uma compilação de escritos da pena da inspiração acerca da justificação pela fé.

Ele começou o trabalho e produziu um livro, *Cristo Nossa Justiça*. Neste pequeno volume, ele fez referências específicas a 1888 como o tempo em que o Senhor apresentou a justificação pela fé à igreja, não hesitou em declarar que a luz havia sido rejeitada e tornou muito claro que a chuva serôdia não cairia enquanto não fosse dado à mensagem o lugar que Deus lhe designou.

Mas este livro não provocou reacção, levou uns poucos se alguns ao ponto de decisão e por isso não se compara com o impacto que se esperaria de uma visita de um poderoso anjo cuja glória encheria toda a Terra. Consequentemente, não classificamos a obra do pastor Daniells como sendo o regresso do anjo de *Apocalipse* 18.

Nas propostas feitas pelos pastores Wieland e Short, foi salientado fortemente o ponto que: “Todo o fracasso do povo de Deus em seguir a luz que brilhou no seu caminho durante o século passado devia ser corrigido pela presente geração antes de poder ser concedida à igreja remanescente qualquer evidência divina perante o mundo.”

“... Está perante a igreja remanescente uma pesada prestação de contas. E quanto mais cedo a questão for aberta e candidamente enfrentada melhor.”

“Uma tal visão da questão exigirá que esta geração reconheça os factos do caso, e completamente rectifique o trágico erro.” *1888 Re-Examined*, 2, 3, 46.

Os dirigentes da Conferência Geral que leram este manuscrito não ignoraram a veracidade deste argumento como se pode ver ao referirem-se a ele na sua resposta intitulada, *First General Conference Report*, 8. A sua declaração também se encontra em *A Warning and its Reception*, 252.

“Em todo o vosso manuscrito é evidente que sentis que a denominação devia rectificar certas coisas a propósito de 1888, e depois fazer o devido reconhecimento e confissão do mesmo. Isto é realmente mais do que uma sugestão; vós insistis que este procedimento deve ser seguido. São citados os seguintes extractos do vosso manuscrito:”

Seguem-se então os três pequenos parágrafos citados atrás.

Mas embora compreendessem o ponto que os pastores Wieland e Short estavam a apresentar, não o aceitaram. Pelo contrário, recusaram-se a tomar a acção que este apelo sugere. A sua defesa foi:

“Não acreditamos que esteja de acordo com o plano e propósito de Deus que a presente Direcção do movimento reconheça e confesse, quer em privado quer em público, a respeito de quaisquer erros cometidos pelos dirigentes de uma geração passada. Em muitas ocasiões houve períodos de apostasia nos dias de Israel e por vezes estes afastamentos de Deus foram na verdade muito graves, mas não encontramos que o Senhor requeresse da geração seguinte que confessasse os erros e transgressões da geração anterior, como uma condição para o derramamento da Sua bênção sobre o Seu povo. Deus na verdade chamou os Seus filhos ao arrependimento dos *seus* pecados, e quando regressaram a Ele de todo o coração, os recebeu graciosamente e lhes deu as mais ricas bênçãos divinas....

“Não temos necessidade de ir atrás a 1888; esses dias estão no passado, décadas no passado e em muitos casos para além do tempo de vida de alguns que agora trabalham para Deus.” *First General Conference Report*, 9. *A Warning and its Reception*, 253.

Esta decisão era tanto incrível como trágica. Por alguma razão estes homens não se aperceberam que o Senhor exigia que o Seu povo confessasse os pecados das gerações anteriores como condição para Ele os aceitar:

“Então confessarão a sua iniquidade, e a iniquidade de seus pais, com as suas transgressões, com que transgrediram contra Mim; como também eles andaram contrariamente para comigo. Eu também andei para com eles contrariamente, e os fiz entrar na terra dos seus inimigos; se então o seu coração incircunciso se humilhar, e então tomarem por bem o castigo da sua iniquidade, também Eu Me lembrarei da Minha aliança com Jacó, e também da Minha aliança com Isaque, e também da Minha aliança com Abraão Me lembrarei, e da terra Me lembrarei.” *Levítico* 26:40-42.

A menos que haja um correcto entendimento de quem são os pais referidos nestes versículos, pode resultar uma grave má compreensão. Estes são os pais espirituais da geração anterior. Os seus pecados

como se refere aqui são os afastamentos da verdade de Deus numa apostasia cada vez mais profunda. Nenhum homem tem que confessar os pecados individuais dos seus pais. Por exemplo, o pai era um ladrão, mas o filho um homem honesto, o mais novo não tinha que fazer confissão dos crimes do seu antecessor. Mas, quando uma geração se afasta de Deus, os seus membros conduzem os seus filhos à mesma apostasia de modo que os pecados dos pais se tornaram os pecados dos filhos. Neste caso, os filhos têm realmente que confessar os pecados dos pais porque eles se tornaram os seus próprios pecados. Sem isto, nunca podem receber a libertação daqueles pecados e voltarem para o Senhor.

Portanto, quando em 1888, os nossos pais espirituais voltaram as costas à verdade de Deus, sujeitaram os seus filhos à mesma rejeição da luz. Consequentemente, os pecados dessa geração continuaram para a seguinte, necessitando que a condição fosse enfrentada: "... se confessarem a sua iniquidade e a iniquidade dos seus pais ...", de modo que a promessa possa ser cumprida: "Então lembrar-me-ei do Meu concerto com Jacó, e o Meu concerto com Isaque e o Meu concerto com Abraão Me lembrarei..."

É digno de nota que os grandes homens da Bíblia, quando descobriram a profundidade da apostasia de Israel, confessaram na verdade os seus próprios pecados e a iniquidade dos seus pais. Quando fizeram isto, seguiu-se sempre uma maravilhosa bênção de uma maneira ou de outra. Um exemplo marcante é o rei Ezequias que subiu ao trono num período de grave afastamento do Senhor. Logo no primeiro ano do seu reinado, começou a trabalhar para restaurar a adoração e serviços ao verdadeiro Deus. Havendo reparado as portas do templo, chamou os levitas e confessou os pecados dos seus pais como se relata em *2 Crônicas* 29:3-10. Então designou um serviço Pascal no qual as bênçãos recebidas ultrapassaram as suas expectativas.

Do mesmo modo, quando Neemias estava a preparar o regresso a Jerusalém para ver a obra de restauração terminada, fez confissão dos pecados dos seus pais e também dos seus. Vede *Neemias* 1:6.

Mais tarde, quando o povo se reuniu para a festa dos tabernáculos, "fizeram confissão pelos seus pecados e pelas iniquidades de seus pais." *Neemias* 9:2.

A mais conhecida de todas é a maravilhosa oração de Daniel quando ele confessou as transgressões das gerações anteriores como se elas fossem propriamente suas. Vede *Daniel* 9:4-19. Esta oração foi seguida por uma maravilhosa revelação da verdade.

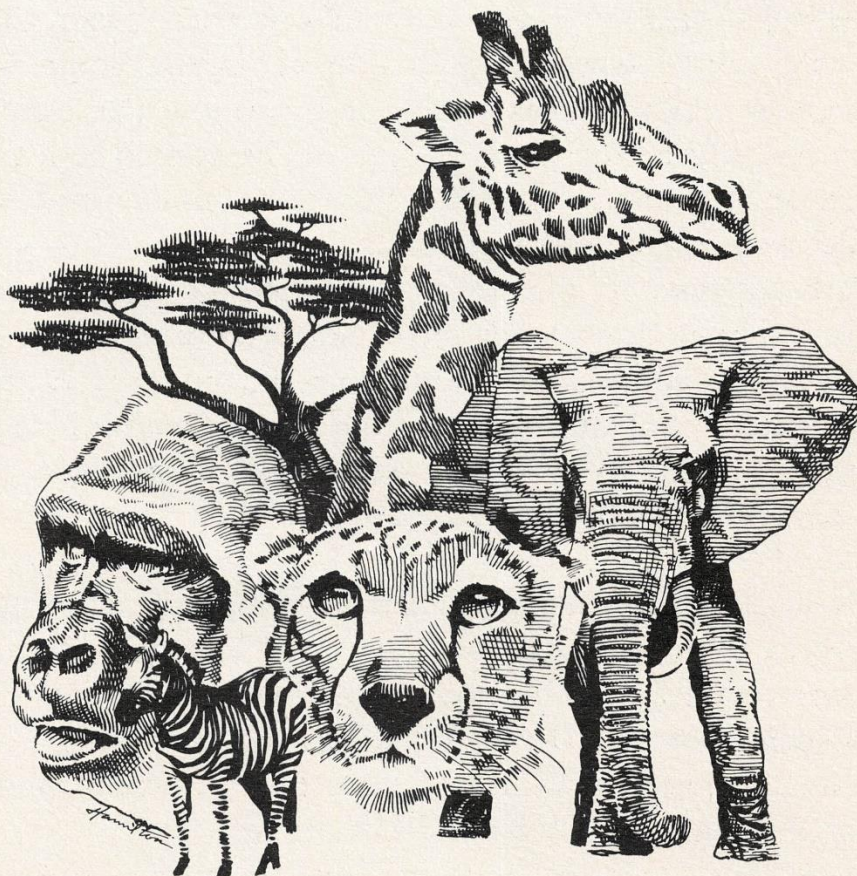
Hoje, somos chamados a confessar os pecados dos nossos pais na rejeição da luz que veio em Minneapolis. Isto é feito pelo franco reconhecimento de que a mensagem enviada nessa altura foi de facto rejeitada, entretanto, a verdade tem estado escondida de nós pelos nossos bem intencionados, mas mal guiados pais. Mas a confissão deve ir mais fundo. Nós temos que confessar que temos pecado, mesmo que não saibamos, naquilo que, sob educação dos nossos pais, recebemos amplamente e muitas vezes completamente as suas ideias e espírito em relação à verdade que nos tem causado a resistência à obra do Espírito Santo quando Ele tem tentado reviver a verdade em nós. Isto deve ser seguido por um estudo diligente e aplicação pessoal da mensagem que o Senhor enviou através dos Seus mensageiros escolhidos em Minneapolis. Todos os que têm feito isto têm sido maravilhosamente abençoados, enquanto aqueles que continuarem a adoptar este procedimento também serão os beneficiários dos maravilhosos derramamentos da luz e graça divina. Uma vez satisfeitas estas condições, as promessas serão cumpridas.

Quando os irmãos dirigentes tomaram a sua posição contra o regresso do anjo em 1950, o Senhor operou maravilhosamente para trazer a verdade ao conhecimento em vários lugares da Terra até agora, ela tem-se espalhado a praticamente todas as partes do mundo. A história de todos estes desenvolvimentos é demasiado longa para ser relatada aqui, mas reservaremos outro volume se alguma vez tivermos tempo para o fazer.

O período presente é um período em que o anjo cuja glória encherá toda a Terra está activamente implantando a mensagem nos corações e vidas do estabelecido povo de Deus. Quando esta educação e preparação estiver completa, a segunda fase da obra será iniciada — a proclamação desta luz a todas as nações na face da Terra. Quando chegar a hora para este próximo desenvolvimento ocorrer, a obra



Desde as regiões frígidas às tórridas e equatoriais, as mensagens soarão em tons claros e sonantes até todos os homens, mulheres e crianças tomarem a decisão a favor ou contra a verdade. Milhares serão convertidos num dia.



será assistida por um derramamento do Espírito Santo com tal poder que será maior do que o visto no Pentecostes. Quando vier este tempo, a profecia de *Joel* será cumprida segunda vez, embora com maior poder, manifestações da presença de Deus mais remarcáveis e a todas as pessoas na face da Terra.

“há de ser que, depois derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o Meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o Senhor, e entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar.” *Joel* 2:28-32.

Quando, no dia de Pentecostes, aconteceu um poderoso derramamento do Espírito Santo, Pedro, sob inspiração, declarou que o acontecimento era o cumprimento desta profecia. Foi, mas essa foi a chuva temporã e a chuva serôdia será muito mais abundante.

A missão do quarto anjo é iluminar todo o mundo com a glória do carácter de Deus e levar a missão do evangelho ao seu termo. Uma vez começado o seu ministério pelo mundo exterior, haverá rápido desenvolvimento. Os crentes que forem comissionados para levarem a última mensagem de advertência “... serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino.” *O Grande Conflito*, 606.

Enviados para falar, não as suas próprias palavras, mas as palavras que o Senhor lhes der, apresentarão o evangelho na pureza e poder.

A restauração do dom da profecia através do qual a comunicação directa será restabelecida entre a igreja na Terra e a sua Cabeça divina, Jesus Cristo, abrirá visões ainda mais amplas da verdade do que as recebidas anteriormente. A glória de Deus brilhará como nunca antes e os pecados de Babilónia na procura de construir o reino de Deus pelos planos humanos serão expostos com incrível clareza. Milhares vezes milhares serão despertados enquanto ouvem as verdades que têm sido escondidas deles e serão convencidos que o caminho seguido pelo mundo está a conduzir a um desastre certo em vez da solução para os crescentes problemas da Terra.

Os doentes serão curados, a vista será dada aos cegos, os coxos andarão e muitos outros milagres serão realizados. Nada disto, contudo, será a irrefutável prova da presença do Espírito, porque o inimigo das almas estará a usar todo o seu poder para fazer uma contrafacção da obra de Deus. Ele enganará os que “... habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta ...” *Apocalipse* 13:14.

“Não se acham aqui preditas meras imposturas. Os homens são enganados por sinais que os agentes de Satanás têm poder para fazer, e não pelo que pretendam realizar.” *O Grande Conflito*, 553.

Tão poderosos serão os testemunhos do Espírito de Deus através do Seu povo, tão crítica a contenção, tão poderosos os acontecimentos, que a atenção de todos os homens, mulheres e crianças na Terra será atraída. Será impossível uma pessoa, velha ou jovem, rica ou pobre, alta ou baixa, escapar aos requisitos de tomar uma decisão a favor ou contra a verdade. Multidões inicialmente decidir-se-ão a favor, mas quando a tempestade se desenvolver e virem que estão ameaçados com multas, prisão e perseguição, a maioria negará a sua experiência anterior e denunciará aqueles que os levaram ao Senhor da sua salvação. Tão extensa será esta queda que no final parecerá que ninguém ficará do lado da verdade. Forçados a fugir para salvar as vidas, o fiel remanescente encontrará refúgio nas cavernas e montanhas.

Satanás e os seus agentes serão incansáveis na sua determinação para esmagar a verdade a menos que ela seja recebida por aqueles que eles têm mantido durante muito tempo em cativeiro. Por todos os meios ao seu alcance opor-se-ão a Deus e ao Seu povo. Do seu lado estarão os terríveis poderes do Estado e seus exércitos, armamento e equipamento de busca e vigilância, forças policiais e unidades de serviços especiais. Estes que existem hoje para enfrentar a ameaça do terrorismo e a experiência obtida no tratamento com este povo cruel e desesperado, será usado na guerra contra os membros do movimento do quarto anjo e suas verdades.

Em face deste tipo de oposição, parecerá impossível a luz do terceiro anjo ser levada a toda a nação, tribo, língua e povo. Mas o que é o poder do homem comparado com o do Altíssimo? Exactamente como as autoridades romanas não puderam de alguma forma impedir Cristo quando esteve na Terra, assim será de novo. Apesar dos seus determinados esforços, a glória de Deus será levada a todas as pessoas vivas nessa altura. Ninguém ficará com evidência insuficiente para formar uma inteligente decisão para esse tempo e para a eternidade.

A obra atribuída ao quarto anjo será finalizada até ao último pormenor. Não há objectivos não alcançados, nem assuntos por acabar. O seu encerramento será marcado pela saída de Cristo do lugar santíssimo do santuário celestial, seguindo-se imediatamente o Seu anúncio que quem é justo sê-lo-á para sempre, enquanto os que escolheram rejeitar o precioso dom da salvação nunca mais podem mudar a sua condição.

O quarto anjo finalizará uma certa fase da obra de Deus, a realização da qual prepara o caminho para o ministério dos últimos três anjos cuja obra será feita depois do fim da provação. É somente quando a sua obra estiver por fim finalizada que o grande conflito pode ser levado ao fim com os seus propósitos totalmente alcançados, e o caminho preparado para o regresso de Cristo e Seus exércitos.

O quarto anjo não falhará. “Esta mensagem é a última que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra.” *O Grande Conflito*, 390. O fecho da porta da graça virá, o grande conflito será finalizado e o nosso Salvador regressará nas nuvens do céu. Mas antes que Ele o faça, o quinto, o sexto e o sétimo anjos deverão cumprir também as suas responsabilidades.



Colheita e Primícias

É agora tempo de considerar o papel especial do quinto anjo de quem está escrito, “E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda, porque já a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada.” *Apocalipse* 14:14-16.

Já foi determinado que este anjo que se dirigiu ao Ser glorioso que estava na grande nuvem branca é o símbolo do povo de Deus, os cento e quarenta e quatro mil, que estarão na Terra nesta altura. Também já foi visto que o tempo em questão aqui é o período da angústia de Jacó depois do encerramento da porta da graça. Em harmonia com o facto que depois dessa altura, não há mais luz a ser transmitida aos completamente apostatados e eternamente perdidos habitantes da Terra, este anjo não transmite qualquer mensagem à humanidade, mas fala somente para Jesus Cristo, Aquele que está na nuvem branca.

Por causa de ter sido mantida por tanto tempo a ideia que a última e única obra é a salvação de almas pela pregação do evangelho aos povos de todas as nações, levanta-se naturalmente a pergunta acerca da necessidade deste quinto movimento e o que Deus pretende realizar através dele? Para muitas mentes, parece que dar uma missão a um movimento depois de fechar a porta da graça, acrescenta outra obra depois da obra “final”.

É quando *Apocalipse* 14 for “compreendido em todos os seus aspectos” que a obra altamente significativa e essencial do quinto, sexto e sétimo anjos será reconhecida. Será então visto que a pregação do evangelho, embora aperfeiçoe a obra que deve ser finalizada antes da provação terminar e o regresso de Cristo, não é, como erradamente suposto, a última obra a ser feita. Quando o sermão final for pregado e a última alma jamais conquistada for reunida, o grande conflito ainda não estará terminado. Ele estender-se-á pela angústia de Jacó e continuará até os movimentos dos últimos três anjos fazerem as tarefas que lhes foram apontadas. Somente então virá o fim e o Salvador volta nas nuvens do céu.

É pela compreensão da obra atribuída tanto a Cristo como aos cento e quarenta e quatro mil durante o período da angústia de Jacó, que é possível conhecer o que será realizado pelos movimentos do quinto, sexto e sétimo anjos.

Neste tempo de regresso o Salvador é descrito com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice aguda na mão. Desse modo Ele é representado como a vinda de um Rei e grande Segador. Ele está a descer a este mundo amaldiçoado pelo pecado com terrível majestade para ceifar a colheita da terra e regressar ao Céu com os frutos do Seu sacrifício e labores.

Alguns podem experimentar alguma dificuldade em compreender o papel de Cristo como ceifeiro numa altura em que toda a colheita do evangelho do passado está finalizada. Isto acontece por causa da ideia preconcebida que há apenas um único tipo de colheita – a que é feita pela pregação do evangelho. Por exemplo, quando uma igreja nos seus esforços para promover um objectivo missionário, lançasse o slogan, “Uma Colheita de Mil dias”, nenhum membro teria a menor dificuldade em compreender o que isto envolvia. Sabiam que era um chamamento para passar perto dos três anos seguintes num concentrado esforço missionário realmente conquistando almas para a igreja.

Este não é um uso impróprio da palavra, “colheita”, porque seja qual for a extensão da pregação do verdadeiro evangelho, junta almas para Jesus Cristo, isto é uma colheita ou uma ceifa. O ponto é que este não é o único tipo de colheita referida nas Escrituras. O estudante da Bíblia deve conhecer o facto que, frequentemente duas coisas são bastante diferentes, mas são chamadas pelo mesmo nome. O estudante cuidadoso está ciente e sabe como fazer as necessárias distinções. Deste modo, a colheita que Cristo vem fazer na Sua segunda vinda envolve, não a pregação do evangelho, porque essa colheita está totalmente no passado, mas a ressurreição dos santos justos de todas as idades. Será um emocionante e magnífico acontecimento e é poderosamente descrito nos parágrafos seguintes.

“Por entre as vacilações da Terra, o clarão do relâmpago e o ribombo do trovão, a voz do Filho de Deus chama os santos que dormem. Ele olha para a sepultura dos justos e, levantando as mãos para o céu, brada: ‘Despertai, despertai, despertai, vós que dormis no pó, eurgi!’ Por todo o comprimento e largura da Terra, os mortos ouvirão aquela voz, e os que ouvirem viverão. E a Terra inteira ressoará com o passar do exército extraordinariamente grande de toda nação, tribo, língua e povo. Do cárcere da morte vêm eles, revestidos de glória imortal, clamando: ‘Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?’ I Cor. 15:55. E os vivos justos e os santos ressuscitados unem as vozes em prolongada e jubilosa aclamação de vitória.” *O Grande Conflito*, 644.

A vinda de Cristo à Terra como divino Segador para reunir os remidos de todos os séculos, foi ilustrada nos serviços típicos do Antigo Testamento, bem como nas declarações das parábolas do Novo. Inseparavelmente ligado às típicas colheitas do Antigo Testamento estava o serviço especial dos primeiros frutos que era oferecido no décimo sexto dia do primeiro mês, o terceiro dia após a Páscoa. Eram observadas leis muito rigorosas e seguidos rigorosos procedimentos na observância desta ordenança. Isto era importante, porque o serviço tinha que ser uma exacta revelação da obra de Cristo como o Segador.

Depois de determinado que, no tipo, tinha que haver a apresentação das primícias antes da colheita ser reunida, é claro que tem de haver uma relação semelhante na colheita final. Essa não pode ser colocada no celeiro até que as primícias tenham sido apresentadas. Portanto, a questão é: quem são as primícias quando Cristo vier como Rei e Segador? As Escrituras claramente apontam os cento e quarenta e quatro mil.

“E olhei e eis que estava o Cordeiro sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome de seu Pai.

“E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas.

“E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra.

“Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro.

“E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.” *Apocalipse* 14:1-5”.

Cristo, então, é o Segador, os remidos de todos os séculos são a colheita e os 144.000 são as primícias.

A designação dos 144.000 como primícias é a chave que desvenda a informação relativa ao papel dos movimentos do quinto, sexto e sétimo anjos. Isso dirige a mente para o passado para o estudo do tipo Antigo Testamento e para a forma como esse serviço simbólico foi em primeiro lugar cumprido por Jesus Cristo quando, na ressurreição da morte, saiu como primícias dos que dormem. Ter cumprido o papel das primícias nessa altura, qualificou-o, juntamente com outras qualificações, para ser o Segador quando viesse pela segunda vez. Nessa altura, não Ele, mas os 144.000, ter-se-ão tornado as primícias.

Aqui precisa ser feita uma distinção entre dois importantes tipos do Antigo Testamento e os seus antítipos. Eles são o cordeiro sacrificial e as primícias. Também estes dois apontavam e claramente explicavam duas missões diferentes que Cristo devia cumprir quando esteve na Terra, mas somente uma delas – as primícias – também aponta e explica a obra dos 144.000.

Deve ser admitido que num certo sentido limitado o cordeiro sacrificial tipifica realmente a obra dos 144.000, porque eles sacrificam-se pela causa até à morte que virá num ápice da sua experiência real. Todavia, eles não cumprem este tipo no sentido em que a sua morte paga na realidade um resgate pelo pecador. Somente Cristo como Cordeiro de Deus pode fazer isso.

Mas quando se refere às primícias, a questão é diferente, porque, embora as Escrituras nunca chamem a alguém o cordeiro excepto a Cristo, especificamente declaram que os 144.000 são as primícias tal como reconhecem Cristo na mesma posição. Portanto, este tipo do Antigo Testamento aponta e explica uma obra idêntica a realizar por Cristo e pelos 144.000; uma obra que, tipificada como é por oferta sem sangue, também não envolve a morte.

Se tanto Cristo como os 144.000 são representados pelo mesmo tipo, devem fazer precisamente a mesma obra no que respeita às especificações apresentadas em particular para este símbolo, porque duas coisas não podem ser iguais à mesma coisa a menos que sejam iguais entre si. Esta é uma grande vantagem para o que investiga a verdade nestes últimos dias, pois é abençoado não apenas pela lição contida no tipo, mas também com a forma como foi cumprido pelo próprio Mestre. Com esta revelação dupla, seria difícil o estudante errar. Conclui-se então, que um sério estudo de Cristo no papel de primícias devia preceder qualquer consideração sobre os 144.000 na mesma missão.

Repetidamente, o Salvador é referido nas Escrituras como o primogénito e as primícias. Aqui estão alguns exemplos disto:

“João, às sete igrejas que estão na Ásia:

“Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono;

“E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o *primogénito dentre os mortos* e o príncipe dos reis da terra...” *Apocalipse* 1:4, 5.

A mesma verdade é repetida nesta referência:

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o *primogénito dentre os mortos*, para que em tudo tenha a preeminência.” *Colossenses* 1:18.

O mais forte e extenso testemunho de todos encontra-se na primeira carta escrita por Paulo aos Coríntios:

“Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?

“E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou.

“E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé.

“E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não ressuscitam.

“Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.

“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados.

“E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.

“Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.

“Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.

“Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.

“Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda.” *1 Coríntios* 15:12-23.

Com ressuscitar dentre os mortos, declara Paulo, Cristo tornou-se as primícias dos que tinham estado a repousar nas suas sepulturas e, em virtude deste acontecimento, Ele garantiu que aqueles que

adormeceram n'Ele também ressuscitariam para a vida eterna. Contudo, as primícias não são determinadas na base de serem os primeiros a ressuscitarem no tempo, porque se assim fosse, então Moisés teria sido as primícias. Em lado algum nas Escrituras é declarado que ele foi, nem a ressurreição dos filhos de Deus que repousam dependiam da ressurreição de Moisés.

Os factos são que, no ponto de tempo, Cristo foi a oitava pessoa a ser ressuscitada dos mortos. O primeiro foi Moisés, depois ser sepultado "... num vale, na terra de Moabe, em frente de Bete-Peor;..." *Deuterónimo* 34:6. É esta ressurreição de Moisés que se refere em *Judas* 9.

"Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: 'O Senhor te repreenda.'"

Moisés "... não ficou muito tempo no túmulo. O próprio Cristo, com os anjos que sepultaram a Moisés, desceu do Céu para chamar o santo que dormia." {PP 348}, *Patriarcas e Profetas*, 478. Evidência convincente de que ele foi ressuscitado é dada no relato da experiência de Cristo e Seus três discípulos no monte da transfiguração.

O ressurgimento da morte seguinte foi através de Elias quando ressuscitou o filho da viúva de Sarepta. A história é contada em *1 Reis* 17:17-24. Quando a viúva lhe apresentou o filho morto, o profeta estendeu-se sobre o corpo três vezes e ele voltou à vida.

"Então se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, e disse: 'Ó Senhor meu Deus, rogo-te que a alma deste menino torne a entrar nele.'"

"E o Senhor ouviu a voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu." *1 Reis* 17:21, 22.

Esta ressurreição, tal como a sexta que se seguiu antes da ressurreição de Cristo, não foi para a vida eterna. O menino viveu a sua vida terrestre normal, e morreu pela segunda a fim de esperar, se fiel, a ressurreição dos justos na segunda vinda de Cristo.

O terceiro regresso dos mortos foi realizado nos dias do profeta seguinte, Eliseu, quando o filho do casal sunamita lhes foi restituído. O filho tinha sido levado do campo queixando-se duma forte dor de cabeça. Esteve sobre os joelhos da sua mãe até que morreu ao meio-dia. Ela imediatamente o fez saber ao homem de Deus que regressou à casa dela e tratou o caso exactamente como Elias havia feito e com igual sucesso.

"E, chegando Eliseu àquela casa, eis que o menino jazia morto sobre a sua cama.

"Então entrou ele, e fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor.

"E subiu à cama e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu." *2 Reis* 4:32-34.

Poucos momentos depois o menino abriu os olhos e o profeta então desceu as escadas e entregou-o à mãe agradecida.

O acontecimento seguinte é um acontecimento curioso que teve lugar depois da morte de Eliseu.

"Depois morreu Eliseu, e o sepultaram. Ora, as tropas dos moabitas invadiram a terra à entrada do ano.

"E sucedeu que, enterrando eles um homem, eis que viram uma tropa, e lançaram o homem na sepultura de Eliseu; e, caindo nela o homem, e tocando os ossos de Eliseu, reviveu, e se levantou sobre os seus pés." *2 Reis* 13:20, 21.

Cristo foi a oitava pessoa a ser ressuscitada dos mortos.

Antigo Testamento:

1. Moisés — *Deuterónimo* 34:6; *Judas* 9.
2. O filho da viúva de Sarepta — *1 Reis* 17:21, 22.
3. O filho do casal Sunamita — *2 Reis* 4:32-34.
4. O homem, que tocando os ossos de Eliseu reviveu — *2 Reis* 13:20, 21.

Novo Testamento:

5. O filho da viúva da Naím — *Lucas* 7:14, 15.
6. A filha de Jairo — *Lucas* 8:54, 55.
7. Lázaro — *João* 11:41-44.
8. CRISTO.

Apenas a ressurreição de Moisés foi para a vida eterna, os restantes viveram as suas vidas na terra depois da ressurreição e aguardam nas sepulturas a ressurreição dos justos, se viveram vidas que os qualificaram para ela.

Isto completa a lista de ressurreições registadas no Antigo Testamento. Pode ter havido outras das quais não se fez registo, e se assim for, nada sabemos a respeito delas. Apenas a primeira – a de Moisés – foi para a vida eterna.

Semelhantemente, há quatro ressurreições no Novo Testamento, antes do Calvário todas foram realizadas por Jesus o Dador da vida. A primeira foi quando Ele encontrou um cortejo fúnebre da vila de Naím para o cemitério, e, pelo poder do Seu Altíssimo Pai, tirou a necessidade do povo continuar até ao lugar do sepultamento.

“E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam), e disse: ‘Jovem, a ti te digo: Levanta-te.’ E o defunto assentou-se, e começou a falar.

“E entregou-o a sua mãe.” [Lucas 7:14, 15.](#)

Isto foi seguido pelo reavivamento da filha de Jairo. Quando o pai inicialmente se aproximou de Cristo, a menina estava gravemente doente mas ainda não tinha expirado. A viagem do Mestre até à casa foi atrasada pela pressão da multidão e, antes d’Ele chegar junto da cama da doente, esta tornou-se o leito de morte. Depois de chegar por fim à casa do príncipe, Jesus anunciou que a criança estava apenas a dormir, em resposta ao que aqueles que ali estavam O ridicularizaram.

“Mas ele, pondo-os todos fora, e pegando-lhe na mão, clamou, dizendo: ‘Levanta-te, menina.’

“E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou;...” [Lucas 8:54, 55.](#)

A seguir veio a impressionante e irrefutável ressurreição de Lázaro, que forneceu para sempre a prova que Cristo era o Dador da vida. Também foi o milagre que uniu os fariseus e os saduceus contra Ele e confirmou a Sua morte pela crucifixão. Juntamente com as chorosas irmãs e seus amigos, Jesus foi à gruta onde Lázaro havia sido colocado alguns dias antes e pediu que a pedra selando a entrada fosse retirada.

“Tiraram, pois, a pedra de onde o defunto jazia. E Jesus, levantando os olhos para cima,

disse: ‘Pai, graças te dou, por me haveres ouvido.

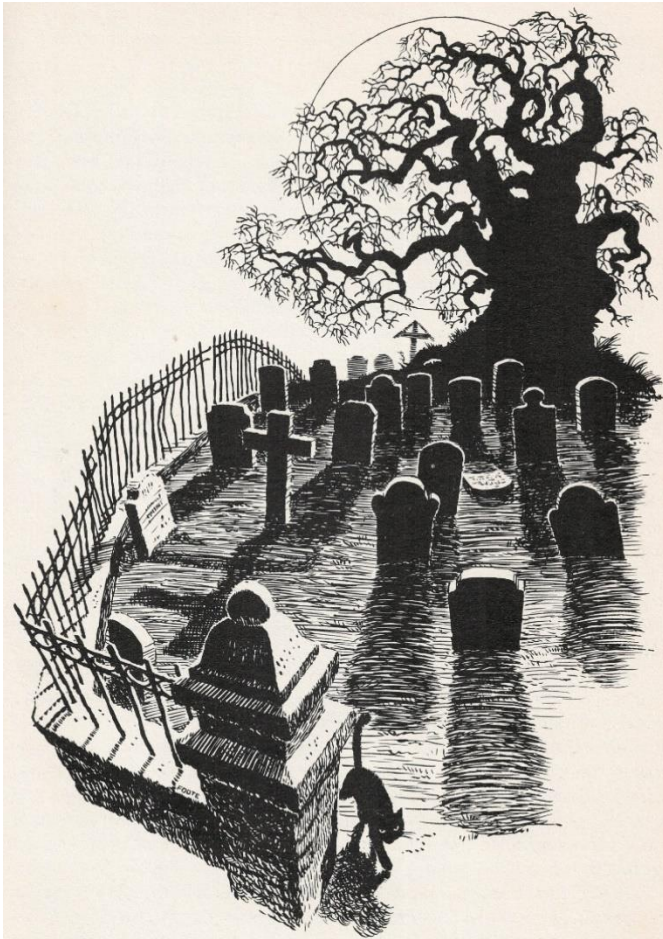
“‘Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste.’

“E, tendo dito isto, clamou com grande voz: ‘Lázaro, sai para fora.’

“E o defunto saiu, tendo as mãos e os pés ligados com faixas, e o seu rosto envolto num lenço. Disse-lhes Jesus: Desligai-o, e deixai-o ir.” [João 11:41-44.](#)

Depois de tudo isto veio a ressurreição mais maravilhosa de todas; a do próprio Jesus, o oitavo a regressar do vale sombrio. Tendo descido à profundidade do inferno, rompeu as cadeias da morte e regressou com a vitória eterna nas mãos. A Sua ressurreição é a certeza que todos aqueles que crêem n’Ele também sairão do túmulo.

Foi aquilo que Ele realizou na Sua ressurreição que O qualifica para ser as primícias. A posição da Sua ressurreição como oitava na sequência dos que ressuscitaram dos mortos não está em



Dos milhões que morreram, Cristo foi o oitavo a ressuscitar dos mortos.

consideração. Se assim fosse, então Moisés e não Cristo, teria sido as primícias. Isto seria lamentável porque, sem desprezar o poderoso e maravilhoso homem que Moisés foi, deve ser reconhecido que a sua morte e ressurreição não obteve a vitória sobre a morte e a sepultura como a de Cristo obteve. Portanto, a sua obra não produz uma colheita como as verdadeiras primícias devem produzir.

A inviolável lei que não pode haver colheita das sepulturas para a imortalidade no Céu antes da oferta das primícias ser oferecida, está claramente estabelecida no testemunho que se segue:

“Cristo ressurgiu dos mortos como as primícias dos que dormem. Era representado pelo molho movido, e Sua ressurreição teve lugar no próprio dia em que o mesmo devia ser apresentado perante o Senhor. Por mais de mil anos esta simbólica cerimônia fora realizada. Das searas colhiam-se as primeiras espigas de grãos maduros, e quando o povo subia a Jerusalém, por ocasião da páscoa, o molho das primícias era movido como uma oferta de ações de graças perante o Senhor. Enquanto essa oferta não fosse apresentada, a foice não podia ser metida aos cereais, nem estes ser reunidos em molhos. O molho dedicado a Deus representava a colheita. Assim Cristo, as primícias, representava a grande colheita espiritual para o reino de Deus. Sua ressurreição é o tipo e o penhor da ressurreição de todos os justos mortos. ‘Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele.’ I Tess. 4:14.” {DTN 555}, *O Desejado de Todas as Nações*, 785, 786.

Seria bom que todo o verdadeiro estudante dos sete anjos fizesse uma nota especial da frase chave deste parágrafo: “Enquanto essa oferta não fosse apresentada, a foice não podia ser metida aos cereais, nem estes ser reunidos em molhos.” Esta é uma lei rigorosa e inalterável das primícias. Este estudo demonstrará que nenhuma concessão será feita por Deus a este princípio. A menos que as primícias sejam apresentadas com sucesso e aceites por Deus, com a sua fiel e total obra feita, *não pode haver colheita*. Esta é a verdadeira missão dos cento e quarenta e quatro mil tal como foi com Jesus. Que este facto nunca seja esquecido!

O grão, ao contrário dos frutos, chega à maturação em todo o campo antes dos ceifeiros começarem o seu trabalho. Precisamente antes da Páscoa, esta condição tinha que ser alcançada na colheita da cevada que tinha atingido o dourado amadurecimento. Os judeus não tinham permissão para lhe tocar a menos que colhessem um molho e o levassem a Jerusalém e o apresentassem ali, apesar do facto de todo o campo estar pronto para ser ceifado, tal como sempre estaria. Somente quando o molho movido tivesse feito a longa jornada em segurança até ao templo e tivesse sido apresentado, podia o agricultor regressar a casa e recolher os grãos que esperavam.

Imaginaí um galileu que vivia a uma considerável distância do templo de Jerusalém. O tempo da Páscoa aproximava-se, por isso, ele fazia a preparação para a jornada, ia ao seu campo de cevada onde escolhia e cortava o seu molho movido. Suponhamos que, na viagem para o templo e o cansaço da longa jornada lhe roubavam a vigília e tornava-se cada vez menos vigilante desse precioso molho. Numa noite não prende a sua montada como devia. O animal liberta-se e passa a hora seguinte roendo o molho movido. Ou talvez o fogo, mal apagado, faz saltar uma fagulha, que, levada pelo vento, cai no molho seco. Demasiado tarde, o agricultor acorda verificando que as primícias estavam destruídas.

O que pode ele então fazer?

Pode ele apressar-se para recolher um segundo molho a fim de substituir aquele que se perdeu? Não, ele não pode fazer isto sem destruir a lição do tipo. Apanhar um molho para substituir aquele seria indicar que o Senhor tinha um segundo Filho para continuar a batalha se o Salvador tivesse falhado. Mas Deus não tem outro Filho em reserva para alcançar a vitória se Jesus fosse derrotado, nem Ele, nos últimos dias, tem um grupo de reserva para substituir os cento e quarenta e quatro mil.

Os israelitas regressavam a casa sem perda de tempo para recolher a sua preciosa cevada depois do molho movido ter aberto o caminho para que o fizessem. Da mesma maneira, Deus não está interessado em adiar a colheita depois das primícias terem sido oferecidas. Devemos esperar então, que no momento em que Jesus tenha cumprido a Sua missão como primícias, haverá uma colheita e com certeza haverá. Quando Ele foi crucificado, o terramoto abriu muitas sepulturas das quais, na manhã da Sua

ressurreição, um piedoso grupo de crentes se levantou que, no tempo devido, O acompanhou ao Céu, como está escrito:

“E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito.

“E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras;

“E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados;

“E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos.” *Mateus* 27:50-53.

“Quando Cristo ressurgiu, trouxe do sepulcro uma multidão de cativos. O terremoto, por ocasião de Sua morte, abriu-lhes o sepulcro e, ao ressuscitar Ele, ressurgiram juntamente. Eram os que haviam colaborado com Deus, e que à custa da própria vida tinham dado testemunho da verdade. Agora deviam ser testemunhas dAquele que os ressuscitara dos mortos.” {DTN 555}, *O Desejado de Todas as Nações*, 786.

Tudo isto estava em exacta harmonia com o tipo e cumpriu-o na perfeição. Nenhuma colheita podia ser apanhada até as primícias serem apresentadas, mas assim que Cristo completou a Sua obra nesta capacidade, seguiu-se uma colheita. Todos aqueles que, a custo da sua própria vida tinham sido testemunho da verdade, foram ressuscitados nesta altura para acompanhar Cristo ao Céu. Este ilustre grupo terá começado com Abel, o primeiro mártir e provavelmente com João Baptista por último.



O Papel das Primícias

Morrer a fim de pagar o preço da redenção pela raça humana não é o único objectivo pelo qual Cristo deixou as mansões celestiais. Se tivesse sido assim, então nenhum outro tipo para além do cordeiro teria sido necessário para simbolizar a missão e profeticamente definir a Sua obra.

Havia outra responsabilidade que o Salvador tinha que suportar — aquela simbolizada por outro tipo — a oferta do molho. Isto não precisava do pagamento de um resgate e por isso não envolvia a morte sacrificial. Ele completou esta obra antes da Sua morte, depois da qual ficou livre para pagar a penalidade pelo pecado do homem. Isto é confirmado pelo facto que, antes de expirar, declarou, “está consumado!” *João* 19:30. Ele podia ter dito, “Está quase consumado”, ou “finalizarei agora”, mas não, a mensagem foi, “*Está consumado!*”

“Cristo não entregou Sua vida antes que realizasse a obra que viera fazer, e ao exalar o espírito, exclamou: ‘Está consumado.’ *João* 19:30.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

Se alguém tivesse que fazer a pergunta à maioria dos cristãos de hoje: “qual é a obra que Cristo veio fazer à terra?” certamente que responderiam prontamente que veio para morrer a fim de pagar o resgate pelos nossos pecados e dar-nos a esperança da vida eterna. Esta posição não ganha suporte com o testemunho acabado de citar, porque ele declara que a obra que Cristo veio fazer era algo mais e foi cumprido na totalidade antes de morrer, e portanto, sem a Sua morte. Além do mais, uma vez que esta foi a obra que Ele veio fazer, então morrer para pagar a penalidade do pecado da humanidade é secundário a esta responsabilidade mais importante que o Redentor carregava. Qual, então, era a obra que Cristo veio fazer e que estava completa antes da Sua vida ter sido levada d’Ele?

A resposta é dada no resto do parágrafo cuja primeira frase citámos acima.

“Ganhara a batalha. Sua destra e Seu santo braço Lhe alcançaram a vitória. Como Vencedor, firmou Sua bandeira nas alturas eternas. Que alegria entre os anjos! Todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

Tudo isto foi alcançado *antes de morrer*, não *quando* morreu ou estava perto da morte. A vitória foi ganha, Satanás estava derrotado e sabia bem que o seu reino estava perdido. A ressurreição dos justos estava assegurada, porque as primícias tinham feito a Sua obra e na perfeição.

Para compreender a natureza dessa vitória, o crente tem que estudar os objectivos de Deus à medida que eles se relacionam com os objectivos contrários de Satanás. O que é que o diabo estava a tentar estabelecer e quais os meios pelos quais ele procurava atingir os seus propósitos? Até que ponto tinha ele conseguido as simpatias mesmo dos anjos leais e daqueles que professavam servir a Deus na Terra? Que possibilidades havia para o aqui-enganador ter sucesso nas suas ambições egoístas? O que é que o Messias teve que fazer para expor Satanás, frustrar os seus esquemas e restabelecer a perfeita confiança nos caminhos de Deus? Até onde foi Ele bem-sucedido nisto quando estava suspenso na cruz?

Determinar a resposta correcta a todas estas perguntas requer uma viagem ao passado até ao princípio do grande conflito. Embora possa parecer que isto nos leva para muito longe do assunto dos sete anjos, de facto não é assim, porque o fim do grande conflito nunca pode ser compreendido a menos que os factores que o começaram sejam compreendidos. O tempo passado a estudar o aparecimento da iniquidade e o desafio ao governo divino nunca é demais, porque quanto melhor estas coisas forem

compreendidas, maior capacidade terá o dedicado estudante da Bíblia para compreender as imensas responsabilidades que repousam sobre os movimentos dos últimos anjos.

Contudo, não será feita aqui uma exaustiva exploração de cada aspecto da mentira e rebelião de Satanás. A atenção será dirigida para aquelas áreas importantes que estão mais directamente relacionadas com o papel das primícias. É recomendado que, para uma investigação mais profunda do aparecimento do pecado no Universo seja feito um estudo de *The Spirit of the Papacy*, por A.T. Jones, do capítulo em *Patriarcas e Profetas* com o título “Porque Foi Permitido o Pecado” e do capítulo em *O Grande Conflito* “Porque Existe o Sofrimento”, juntamente com as apropriadas referências bíblicas.

Antes dos primeiros traços de orgulho começarem a desenvolver-se em Lúcifer, havia um pulsar de harmonia em todo o Universo. Deus tinha estabelecido um reino bastante diferente de qualquer um que tenhamos na Terra hoje, um governo que era a expressão do Seu próprio carácter de infinito amor. Neste sistema, ninguém era forçado a obedecer. Todo o ser inteligente servia Deus porque estava mentalmente convencido e tinha a disposição em si mesmo para crer que o caminho de Jeová era o único caminho da felicidade e da paz. Todos os seres criados amavam o sistema. Tudo neles respondia a isso e regozijavam-se por poder viver sob o comando de um Rei que era tão sábio, terno e bondoso.

Porém, chegou um momento em que o mais elevado de todos os seres criados, aquele que realmente andava mais próximo de Deus, perdeu a sua simpatia pelas eternas realidades e ficou possuído de objectivos inteiramente egoístas e não santificados. “Lúcifer, o querubim cobridor, desejou ser o primeiro no Céu. Procurou dominar os seres celestes, afastá-los de seu Criador, e receber-lhes, ele próprio, as homenagens.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 21.

Esses eram os objectivos de Lúcifer e ele estava determinado a alcançá-los não importava o custo que isso pudesse ter para outros. Para fazer isto tinha que recorrer a um método que resultasse, e o que ele precisava era de uma representação errada do maravilhoso carácter de Deus.

“Portanto, apresentou falsamente a Deus, atribuindo-Lhe o desejo de exaltação própria. Tentou revestir o amável Criador com suas próprias más características.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 21, 22.

Este procedimento alcançou os resultados desejados. Qualquer que fosse o grau em que foi capaz de implantar os conceitos errados a respeito do carácter de Deus na mente dos seres criados, nessa medida estabeleceu rebelião contra Deus e Seu justo governo nessa pessoa.

“Assim enganou os homens. Levou-os a duvidar da palavra de Deus, e a desconfiar de Sua bondade. Como o Senhor seja um Deus de justiça e terrível majestade, Satanás os fez considerá-Lo como severo e inclemente. Assim arrastou os homens a se unirem com ele em rebelião contra Deus, e as trevas da miséria baixaram sobre o mundo.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Há uma inseparável ligação entre a criação de ideias erradas acerca do carácter de Deus e a rebelião contra Ele. A primeira é a causa da última. Onde se encontre uma, a outra também estará presente, como está escrito: “A Terra obscureceu-se devido à má compreensão de Deus.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Esta poderosa frase declara em primeiro lugar um facto claro — “A Terra obscureceu-se”. A palavra “devido” que se segue, indica que a causa deste obscurecimento está prestes a ser revelado, porque é devido à má compreensão acerca do carácter de amor de Deus que esta treva caiu sobre o mundo.

Esta identificação da má compreensão a respeito do carácter de Deus como causa da rebelião e trevas é algo que deve ser reconhecido por todo o estudante da Bíblia que está fielmente dedicado ao serviço de Deus no conflito final. Todos devem chegar ao conhecimento que *onde* há má compreensão acerca do carácter de Deus, há rebelião.

Não há excepções a esta regra. Um cuidadoso estudo do desenvolvimento desse orgulho que em Lúcifer levou ao início da guerra contra Deus, prova que a rebelião não apareceu nele enquanto não formou em primeiro lugar um conceito errado acerca do carácter de Deus. Somente então entrou ele em conflito com o Pai eterno.

O problema começou quando esse mais elevado dos seres criados começou a perder de vista o facto que todas as coisas que ele possuía tinham vindo da Fonte altíssima, Jeová, através do ministério do

Seu Filho, Jesus Cristo. Esta é uma armadilha em que se cai demasiado facilmente, como é evidente pelo número de pessoas que têm deixado o caminho da justiça através desta tentação. O tão repetido padrão é assim:

Quando chega a altura de Deus construir um novo movimento que deverá substituir o que caiu em irrecuperável apostasia, fá-lo sempre da mesma maneira. Ele transmite a Sua luz ao mundo através de um mensageiro escolhido cujo único papel é ser o canal de comunicação para os perdidos. Em sentido algum deve este mensageiro construir uma mensagem propriamente sua. Ele deve manter-se sempre o porta-voz de Deus, exactamente como o Senhor comunicou a obra a Jeremias.

“Então disse eu: ‘Ah, Senhor Deus! Eis que não sei falar; porque ainda sou um menino.’ Mas o Senhor me disse: ‘Não digas: “Eu sou um menino;” porque a todos a quem Eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, falarás.’” *Jeremias* 1:6, 7.

Em primeiro lugar o mensageiro vê que está inteiramente só confrontado com uma tarefa de dan-tescas proporções. Compreendendo que não tem capacidade em si mesmo para satisfazer as prementes necessidades, confia totalmente nos poderes e provisões residentes no Pai celestial. À medida que se aproxima de amplos e adequados suprimentos da fonte da salvação, a obra começa a prosperar e em breve juntam-se outros a ele que colocam os seus recursos ao dispor do Senhor. Nesta fase, nenhum traço de auto-suficiência é visível, porque todos estão muito conscientes da sua dependência do Altíssimo.

Breve vem o tempo em que a obra abranda porque muitos dos que foram chamados caem outra vez no seu estado de torpor e as exigências sobre o mensageiro diminuem. Este é um ponto perigoso porque, devido à sua confiança em Deus, abundantes meios convergiram para o movimento e posse pessoal dos membros. Isto tende a desenvolver um falso sentido de segurança no ser humano. A premente necessidade de olhar para Deus como Dador diminui, porque já há fundos disponíveis para cuidar do futuro visível. A tendência agora é transferir a confiança do Dador dos dons para os dons que d’Ele têm vindo. Confiança própria e segurança começam a estabelecer-se e crescem até que por fim os homens olharão para si mesmos como a fonte de tudo o que têm, enquanto deixam Deus inteiramente fora das suas considerações.

Um rápido exame das atitudes de hoje confirmarão que esta presente geração certamente chegou a este ponto. O século passado viu alguns feitos da parte do homem, sendo o mais espectacular as viagens no espaço, incluindo o passeio na lua e o envio de satélites para lá de Marte, Saturno e Júpiter. Mas a quem foi dado o crédito por tudo isto? Os homens atribuem a si mesmos a honra e a glória como se eles sozinhos fossem responsáveis por estes sucessos.

Os mesmos desenvolvimentos apareceram em Lúcifer. Não há informação revelando quantos milénios separaram o seu afastamento da sua criação. Podia ter havido e provavelmente houve, milhões de anos. Contudo, apesar de longo o tempo, não foi passado em ociosidade, porque não há lugar para indolência num lugar tão intensamente activo como o Céu. Durante todo esse tempo, Lúcifer gozou da satisfação que tinha origem no exercício e desenvolvimento de todo o dom que o Senhor lhe tinha doado. Continuamente, como o Senhor determinou que fosse, cresceu em conhecimento, sabedoria e toda a capacidade para o bem. Bom teria sido se nenhum outro propósito excepto o de Deus se tivesse revelado nele.

Enquanto esteve assim completamente ocupado, o Criador, em virtude da Sua infinita humildade, permaneceu em silêncio por detrás da cena, de tal modo que o querubim cobridor estava consciente do papel de Deus mais pela fé do que pela vista. A sua própria contribuição, embora insignificante em comparação com a de Deus, era muito mais visível aos seus olhos e começou a ocupar a sua atenção mais e mais enquanto crescentemente diminuía o seu reconhecimento de que tudo o que tinha vinha do eterno Pai.

As Escrituras declaram que: “Na multiplicação do *teu comércio* encheram o teu interior de violência, e pecaste....” *Ezequiel* 28:16.

Como esta acumulação de riqueza o levou a considerar os dons do Dador e a sua parte no desenvolvimento dela como sendo mais importante do que o próprio Dador, o orgulho, à medida que se

desenvolvia no seu coração e mente, atribuiu-lhe a posição mais elevada que no seu pensamento agora lhe era mais apropriada. Tão grande foi a sua exagerada visão de si próprio que agora contemplava com crescente satisfação e entusiasmo que chegou a cobiçar a posição do próprio Cristo.

Contudo, até este ponto, nenhum conceito errado acerca do carácter de Deus se tinha formado, e, embora o cancro destruidor se estivesse a desenvolver nele, ainda não havia o pensamento de se rebelar contra Deus. Isso apenas viria depois de se formar na sua mente o agora quase inevitável conceito errado a respeito de Deus. Isto apareceu do seguinte modo:

Lúcifer compreendeu que Deus determinou a cada uma das Suas criaturas a posição para a qual a sua aptidão e conhecimento a tinha dotado. Como cada uma crescia em sabedoria e estatura, de igual modo a sua promoção avançava e eram-lhe dadas responsabilidades mais amplas. Até à altura em que agora encontrava com orgulho no seu coração, este brilhante anjo nunca tinha tido qualquer causa para duvidar da sabedoria e integridade da parte de Deus nesta área, e, confiante ainda que o Soberano do Universo não tinha mudado, esperou totalmente que Ele o elevasse ao lugar mais alto que agora reclamava como seu por direito.

Não há dúvida que isto teria acontecido se Deus tivesse a mesma avaliação que Lúcifer fez de si mesmo, mas, porque Deus não pode aceitar uma conclusão errada, não podia e não fez quaisquer movimentos para o promover.

No início o querubim estava pronto para esperar por Deus, confiante que a sua promoção não demoraria muito a ser anunciada, mas, quando o tempo passou sem que Deus manifestasse qualquer intenção de dar a Lúcifer o que este pensava ser seu, o orgulho começou a perguntar por que é que seria assim. Naturalmente, por causa do orgulho e da presunção agora o possuírem, não havia possibilidade dele olhar na direcção certa para ver o problema. Estava tão seguro que não estava errado que lançou todas as suas suspeitas sobre Deus.

Muito em breve concluiu que o Altíssimo tinha entrado numa conspiração para manter sempre o Seu Filho Unigénito na melhor e mais elevada posição, não importava quão merecedor outro pudesse ser para ocupar esse lugar. Seguir um tal procedimento, enquanto professa completa imparcialidade em relação a todas as Suas criaturas, era, na mente de Lúcifer, enganador e despótico. Se as conclusões do querubim cobridor a respeito de si próprio por um lado e as de Deus por outro estivessem correctas, assim teria que ser.

Havia apenas uma forma em que o descontente se podia ter salvo da rebelião. Antes de chegar tão longe como tomar uma posição a propósito do carácter de Deus, devia ter admitido que ele próprio podia estar errado, enquanto reconhecia que não estava nele dirigir os seus caminhos ou solucionar estes graves problemas. Somente Deus podia ser o Solucionador de problemas e a Ele, em perfeita confiança, este brilhante anjo devia ter ido. As explicações do Criador teriam sido suficientemente claras para resolver a dificuldade e o pecado nunca teria levantado a sua horrenda cabeça.

Em vez disso, no seu orgulho, escolheu tratar ele o assunto, e, uma vez que o seu elevado espírito já tinha corrompido a sua sabedoria, não havia possibilidade de chegar a uma correcta conclusão nesta questão. As Escrituras dão-nos advertência a respeito dele:

“Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti.” *Ezequiel* 28:17.

Corrupção é perversão ou decadência. Sabedoria num estado de corrupção dificilmente é capaz de um raciocínio sã e por isso não produz conclusões correctas. Portanto, era certo que quando Lúcifer confiasse nessa sabedoria corrompida para o manter no caminho certo, se afastou dele.

Tendo concluído que o Senhor do Universo era um mentiroso, um déspota, um destruidor e um ser egoísta e que não havia esperança que Deus cedesse às suas exigências, Lúcifer tinha finalmente chegado a um falso conceito acerca do carácter de Deus. E, exactamente nesse ponto, apareceu a rebelião no seu coração e determinou obter pela força a supremacia do Filho de Deus e colocar-se a si mesmo no Seu lugar.

Ele então movimentou-se entre os anjos, trabalhando com insidiosa astúcia para destruir a fé deles no perfeito e santo carácter de Deus, de modo a juntarem-se a si na rebelião. Ficou satisfeito por ver

Satanás

1. Desejou — Ser o primeiro no Céu.
2. Método — Má representação do carácter de Deus.
3. Resultado — O estabelecimento da rebelião.

“A Terra obscureceu-se devido à má compreensão de Deus.” *O Desejado de Todas as Nações*, 22 {DTN 10}.

Onde houver má compreensão do carácter de Deus, haverá rebelião contra Ele.

7Anjos_Diag15_01

quão bem-sucedido foi este esquema, porque no caso de todos os anjos que acreditaram nestas mentiras acerca de Deus, a rebelião tomou o lugar da lealdade. Depois, quando foi expulso do Céu, Satanás visitou Eva no Éden e induziu-a a crer que Deus lhe tinha mentido para proteger a Sua posição. Tendo colocado na sua mente o conceito errado acerca de Deus no lugar da verdade acerca d’Ele, automática e imediatamente se uniu ao diabo na sua guerra contra o Ser Onnipotente. “A Terra” em seguida “obscureceu-se devido à má compreensão de Deus”. {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Tão certamente como a causa da rebelião foi determinada, a cura para ela é conhecida. A rebelião começou e foi o resultado directo da introdução de falsas teorias a respeito do carácter de Deus. Ela persistirá onde quer que aquelas mentiras sejam mantidas e será terminada apenas quando estas mentiras tenham sido substituídas nas mentes de todos os seres criados, caídos ou salvos, com as ideias correctas a respeito do Criador.

Esta é a obra que não pode ser realizada pelo pagamento do resgate pela culpa do pecador, apesar de ter sido uma tão maravilhosa revelação do amor divino. Se todos os pecadores fossem perdoados e levados para o Céu sem os erros acerca do carácter de Deus terem sido removidos das mentes de todos os seres criados, a rebelião continuaria, impedindo com isso o restabelecimento da perfeita paz e harmonia no Universo. Isto não seria totalmente satisfatório sob todos os pontos de vista. Deus não pode aceitar a continuação da rebelião, porque tem um custo demasiado elevado para os Seus amados filhos. Ele não tem desejo de vê-los sofrer continuamente sem a perspectiva do fim das suas dores.

A única solução que Deus pode aceitar envolve a total erradicação de todo o traço de rebelião pela completa remoção da causa. Tão profundamente tem isto que ser feito, que qualquer possibilidade para o seu reaparecimento tem que ser completamente eliminada. Alcançar qualquer coisa inferior a isto seria considerar Deus incapaz de resolver qualquer problema que possa ameaçar o Seu reino. No momento em que esses defeitos estivessem demonstrados, a fé no Altíssimo seria substituída pela incredulidade, porque teria sido praticamente impossível aos seres criados terem uma completa confiança

num Soberano que fosse menos do que perfeito. Pelo contrário, tal como Lúcifer com justificação fez, voltar-se-iam para si próprios como solucionadores de problemas. Que confusão e caos se seguiriam então. Aquilo que tem acontecido como fruto da rebelião de um anjo tem sido suficientemente terrível. O que teria acontecido se todos os anjos, juntamente com todos os habitantes dos inumeráveis mundos do Universo recorressem aos mesmos procedimentos de Lúcifer! Que cancro teria alastrado por todos os cantos do reino, que sofrimento seria o resultado e que trevas envolveriam todas as coisas. Quando as terríveis implicações de qualquer fracasso em remover totalmente toda a causa de rebelião forem compreendidas, será visto que se Cristo tivesse limitado a Sua obra na Terra a nada mais do que ao pagamento do preço da redenção pela transgressão do homem, o problema do pecado teria ficado por solucionar. A rebelião teria infectado o reino para todo o sempre.

Portanto, Cristo tinha que acompanhar o problema até as últimas raízes serem eliminadas.

Há apenas um único Ser no Universo que tem o poder para corrigir a compreensão errada a respeito do carácter divino, e esse é Jesus Cristo. Realizar isto foi a obra que Ele veio fazer, e era muito mais importante do que morrer para pagar o preço da redenção para restaurar o homem ao Paraíso. É por isto que pode ser verdadeiramente dito: “Cristo não entregou Sua vida antes que realizasse a obra que viera fazer, e ao exalar o espírito, exclamou: ‘*Está consumado.*’ João 19:30.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

Desde o princípio do grande conflito, Cristo era o Escolhido para destruir a obra de Satanás tirando-lhe a única arma pela qual ele podia continuar a rebelião.

“A Terra obscureceu-se devido à má compreensão de Deus. Para que as tristes sombras se pudessem iluminar, para que o mundo pudesse volver ao Criador, era preciso que se derribasse o poder enganador de Satanás. Isso não se podia fazer pela força. O exercício da força é contrário aos princípios do governo de Deus; Ele deseja unicamente o serviço de amor; e o amor não se pode impor; não pode ser conquistado pela força ou pela autoridade. Só o amor desperta o amor. Conhecer a Deus é amá-Lo; Seu carácter deve ser manifestado em contraste com o de Satanás. Essa obra, unicamente um Ser, em todo o Universo, era capaz de realizar. Somente Aquele que conhecia a altura e a profundidade do amor de Deus, podia torná-lo conhecido. Sobre a negra noite do mundo, devia erguer-Se o Sol da Justiça, trazendo salvação ‘sob as Suas asas’. Mal. 4:2.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

A revelação do carácter de Deus nunca pode ser realizada pelo exercício da força, porque, onde quer que um governante tenha que recorrer ao poder coercivo ou engano para segurar o seu reino, então é admitir que o seu sistema de governo é defeituoso. O carácter e governo de Deus é tão superior a tudo o que o homem pode oferecer que prevalece pelos seus próprios méritos. Tudo o que é necessário é que os olhos dos homens sejam abertos para serem capazes de ver o sistema de Deus em contraste com o de Satanás. Infelizmente, ainda é verdade que Satanás tem homens tão enganados a respeito da natureza do seu carácter e do carácter de Deus que eles ainda acreditam que o diabo tem a melhor oferta das duas.

Esta obra de esvaziar Satanás do poder, não podia ser realizada apenas pela declaração, muito embora houvesse a tendência para pensar que a palavra de Deus no Céu era absoluta. Se unicamente a palavra de Deus fosse suficiente, tal como devia ter sido, então nunca teria havido um grande conflito. O assunto teria sido esclarecido quando “O Rei do Universo convocou os exércitos celestiais perante Ele, para, em sua presença, apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados.” {PP 10}, *Patriarcas e Profetas*, 36.

Nem a demonstração podia ser dada no Céu, porque nada menos satisfaria as necessidades do confronto que não fosse uma total exposição dos enganos de Satanás dada *em contraste com* a completa revelação da justiça de Deus. O pecado tinha que desenvolver-se até à total maturidade de modo a poder ser visto no seu aspecto mais feio e este estado não seria alcançado antes da expulsão de Satanás e dos seus seguidores do Paraíso. Satanás deixou as cortes celestiais com um ar muito devoto e ainda assim mostrando muito poucos, se alguns, dos efeitos do seu caminho pecador.

Foi na Terra que o resultado do domínio de Satanás se tornou manifesto à medida que ele se desenvolvia até à completa extensão nos corações dos homens, mas isto não aconteceu imediatamente. O poder limitador do Espírito Santo retardou os decididos esforços do diabo para obliterar a imagem de Deus no homem, mas por fim, o mal de facto chegou à maturidade total. Foi nessa altura que o Salvador apareceu, porque “... a plenitude do tempo tinha chegado...”. *Gálatas* 4:4. Desse tempo está escrito:

“... A rebelião dos ímpios tinha chegado ao seu extremo...” *Daniel* 8:23 (King James Actualizada.)

“O engano do pecado atingira sua culminância. Todos os meios para depravar a alma dos homens haviam sido postos em operação. Contemplando o mundo, o Filho de Deus viu sofrimento e miséria. Viu, com piedade, como os homens se tinham tornado vítimas da crueldade satânica. Olhou compassivamente para os que estavam sendo corrompidos, mortos, perdidos. Estes tinham escolhido um dominador que os jungia a seu carro como cativos. Confundidos e enganados, avançavam, em sombria procissão rumo à ruína eterna — para a morte em que não há nenhuma esperança de vida, para a noite que não tem alvorecer. Agentes satânicos estavam incorporados com os homens. O corpo de criaturas humanas, feito para habitação de Deus, tornara-se morada de demônios. Os sentidos, os nervos, as paixões, os órgãos dos homens eram por agentes sobrenaturais levados a condescender com a concupiscência mais vil. O próprio selo dos demônios se achava impresso na fisionomia dos homens. Esta refletia a expressão das legiões do mal de que se achavam possessos. Eis a perspectiva contemplada pelo Redentor do mundo. Que espetáculo para a Infinita Pureza!

“O pecado se tornara uma ciência, e era o vício consagrado como parte da religião. A rebelião deitara fundas raízes na alma, e violenta era a hostilidade do homem contra o Céu. Ficara demonstrado perante o Universo que, separada de Deus, a humanidade não se poderia erguer. Novo elemento de vida e poder tinha de ser comunicado por Aquele que fizera o mundo.” {DTN 21}, *O Desejado de Todas as Nações*, 36, 37.

As condições tornaram-se tão graves, a apostasia tão profunda e a rebelião tão desafiadora, que os mundos não caídos esperaram que o Altíssimo entregasse o mundo à completa e eterna destruição. Em vez disso, Ele enviou o Seu Filho ao mundo para o salvar.

“Com intenso interesse, os mundos não caídos observavam para ver Jeová levantar-Se e assolar os habitantes da Terra. E, fizesse Deus assim, Satanás estaria pronto a executar seu plano de conquistar a aliança dos seres celestiais. Declarara ele que os princípios de Deus tornavam impossível o perdão. Houvesse o mundo sido destruído, e teria pretendido serem justas as suas acusações. Estava disposto a lançar a culpa sobre o Senhor, e estender sua rebelião pelos mundos em cima. Em lugar de destruir o mundo, porém, Deus enviou Seu Filho para o salvar. Embora se pudessem, por toda parte do desgarrado domínio, ver corrupção e desafio, foi provido um meio para resgatá-lo. Justo no momento da crise, quando Satanás parecia prestes a triunfar, veio o Filho de Deus com a embaixada da graça divina. Através de todos os séculos, de todas as horas, o amor de Deus se havia exercido para com a raça caída. Não obstante a perversidade dos homens, os sinais da misericórdia tinham sido constantemente manifestados. E, ao chegar à plenitude dos tempos, a Divindade era glorificada derramando sobre o mundo um dilúvio de graça vivificadora, o qual nunca seria impedido nem retido enquanto o plano da salvação não se houvesse consumado.” {DTN 22}, *O Desejado de Todas as Nações*, 37.

Enquanto o Senhor trabalhava incansavelmente para evitar o desenvolvimento da apostasia total, a chegada desta à completa maturidade era necessária para proporcionar as condições sob as quais a glória do carácter divino pudesse ser demonstrada em contraste com a malignidade do carácter satânico. Quando esta, a plenitude dos tempos tinha chegado por fim, Cristo entrou no campo de batalha para lutar com o arquiapóstata. Satanás contestou cada centímetro da inexorável marcha de Cristo para o Calvário onde a justiça do Pai devia aparecer no seu melhor brilho em contraste com o carácter de Satanás no seu pior. Nos últimos momentos da vida de Cristo, a vitória foi obtida, Satanás completamente exposto perante o expectante Universo e a certeza que a rebelião chegaria ao fim foi vista. As primícias tinham feito a Sua obra. Estava assegurado que a colheita havia de vir.

Satanás Desmascarado

Satanás estava muito mais preocupado a respeito do sucesso de Cristo em desmascarar as suas mentiras acerca do perfeito carácter de Deus do que por causa da morte de Cristo pela raça caída, pois ele sabia muito bem que quando Cristo tivesse chegado a esse objectivo ele estava derrotado e condenado. Ele sabia que Jesus tinha adiado a Sua entrada no campo de acção até ao momento em que a depravação moral da raça humana e a sua conseqüente decadência física, mental e espiritual tivesse alcançado um tal limite que a sobrevivência da humanidade estivesse ameaçada. O Salvador podia então fazer a revelação contrastante do carácter de amor do Seu Pai que derrotaria o diabo.

Deve ser compreendido que se a única obra que Cristo tinha que fazer fosse pagar a penalidade pelos pecados do homem, podia ter vindo à Terra fazer esse serviço assim que Adão e Eva caíram no Jardim e assim teria feito, porque não é por vontade divina que o pecado tivesse permissão para existir mais tempo do que o necessário.

Porém, esperou quatro mil anos até à chegada desse momento que as Escrituras definem como “plenitude dos tempos”.

“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.” *Gálatas* 4:4.

Contudo, houve um período, em que, apenas 1656 anos depois da queda, a impiedade do mundo se tornou tão grande que o Senhor permitiu que ela fosse destruída pelo dilúvio. A rebelião estava tão profundamente implantada e desafiadora que Jesus declarou que ela era uma ilustração daquilo que será nos últimos dias em que o pecado chegará à sua maturação final. O Salvador disse:

“E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.” *Mateus* 24:37.

Se isto era assim, porque não veio o Salvador para dar a demonstração necessária acerca do carácter de Deus pela qual o fim viria? Não estava o carácter de Satanás completamente revelado? Não podia a revelação do carácter de Deus ter sido dada em contraste nessa altura?

Embora fosse verdade que a impiedade e a rebelião tinham atingido a completa maturidade no dilúvio e quando Cristo veio por fim, mas havia ainda uma tão clara diferença entre os dois períodos que Cristo teve que esperar até à segunda oportunidade. Nos dias que conduziram ao dilúvio, apesar da iniquidade não restringida, os efeitos do pecado dificilmente eram visíveis na raça humana. Tão grande era a vitalidade concedida à humanidade na criação que nem mesmo a deliberada entrega ao pecado que marcava as vidas dos antediluvianos não foi suficiente para os abater numa extensão importante. Parecia como se estivessem a pecar impunemente.

“O livro de Gênesis apresenta um relato bem definido da vida social e individual, e, todavia, não temos notícia de alguma criança que nascesse cega, surda, aleijada, deformada ou imbecil. Não é mencionado um só caso de morte natural na infância, meninice ou juventude. Não há relato algum de homens e mulheres vitimados por doenças. Os obituários no livro de Gênesis declaram o seguinte: ‘E foram todos os dias que Adão viveu novecentos e trinta anos; e morreu.’ Gên. 5:5. ‘E foram todos os dias de Sete novecentos e doze anos; e morreu.’ Gên. 5:8. Com referência a outros, diz o relato: ‘Morreu em boa velhice, velho e farto de dias.’ Gên. 25:8. Era tão raro morrer um filho antes de seu pai, que tal acontecimento foi considerado digno de menção: ‘Morreu Harã, estando seu pai Terá ainda vivo.’ Gên. 11:28. Harã já era pai ao tempo de sua morte.

“Deus dotou o homem de tão grande força vital, que ele tem resistido à acumulação de doenças trazidas sobre a humanidade em consequência de hábitos pervertidos, e tem continuado por seis mil anos. Este fato, por si mesmo, é suficiente para evidenciar-nos a força e a energia elétrica que Deus concedeu ao homem na sua criação. Levou mais de dois mil anos de crime e de condescendência com vis paixões para trazer sobre o ser humano doenças físicas em larga escala. Se Adão, em sua criação, não houvesse sido dotado de vinte vezes mais força vital do que os homens têm agora, a humanidade, com os seus atuais hábitos de vida, em violação da lei natural, estaria extinta. Por ocasião do primeiro advento de Cristo, o ser humano degenerara tão rapidamente que um acúmulo de doenças pesava sobre aquela geração, ocasionando uma torrente de aflição e um fardo de inexprimível desdita.” *Fundamentos da Educação Cristã*, 22, 23.

Dois mil anos depois da queda, chega aos dias de Terá e Abraão, o que significa que a doença era praticamente desconhecida quando o dilúvio aconteceu cerca de quatrocentos anos antes. Quão diferente era isto antes dos dias de Cristo em que a condição física das pessoas era nada menos do que desesperada. Tão grande era o fardo da doença, cegueira, enfermidade, desordens mentais e possessões demoníacas, que Jesus passou mais tempo a aliviar as moléstias físicas e mentais do povo do que na pregação do evangelho. Os anjos observadores e os habitantes dos mundos não caídos não tiveram dificuldade em ver qual era o resultado do governo de Satanás. O tempo tinha chegado totalmente em que o confronto necessário tinha que acontecer, resultando numa vitória da justiça que não deixaria perguntas sem resposta para formar uma base de dúvida em qualquer mente.

Satanás sabia que havia uma saída para evitar confrontar-se com Cristo neste campo de batalha, muito embora se sentisse confiante que alcançaria a vitória. Nenhum homem tinha escapado das suas tentações e esperava que quando Jesus tomasse sobre si a fraqueza da humanidade caída e andasse sozinho pelo reino de Satanás, tê-l’O-ia então sob o seu poder e far-Lhe-ia conforme lhe aprouvesse. Todavia, Satanás não tinha intenção de esperar até ao último momento para lançar todos os seus recursos no grande conflito.

Ele sabia perfeitamente que a natureza do grande conflito exigia de Cristo uma demonstração na mesma carne e sangue como aquela em que o seu mau carácter foi mostrado. Portanto, uma forma para assegurar que Cristo não pudesse realizar a Sua missão era destruir a humanidade e o mundo em que ela vivia, antes da plenitude do tempo ter chegado e o Salvador aparecesse.

Induzindo Adão e Eva a pecar, esperou que eles pudessem ser imediata e permanentemente separados de Deus e assim serem instantaneamente destruídos. Para sua frustração, o Senhor desceu e, depois de falar aos nossos primeiros pais, dirigiu-se directamente à “... antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás...” *Apocalipse* 12:9. O inimigo de Deus e do homem foi informado que o Senhor lutaria pessoalmente pelos Seus filhos e resgatá-los-ia das mãos do destruidor.

“Desde a declaração feita à serpente no Éden: ‘Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a sua semente e a tua semente’ (Gên. 3:15), Satanás ficara sabendo que não manteria absoluto controle do mundo. Manifestava-se nos homens a operação de um poder que contrabalançaria seu domínio. Fundamentalmente interessado, observava ele os sacrifícios oferecidos por Adão e seus filhos. Discernia nessas cerimônias um símbolo de comunhão entre a Terra e o Céu. Aplicou-se a interceptar essa comunhão. Desfigurou a Deus, e deu falsa interpretação aos ritos que apontavam ao Salvador. Os homens foram levados a temer a Deus como um Ser que Se deleitasse na destruição deles. Os sacrifícios que deveriam haver revelado Seu amor, eram oferecidos apenas para Lhe acalmar a ira. Satanás despertava as más paixões dos homens, a fim de firmar sobre eles o poder. Quando foi dada a Palavra escrita de Deus, Satanás estudou as profecias concernentes ao advento do Salvador. De geração a geração operou no intuito de cegar o povo para essas profecias, de modo a rejeitarem a Cristo em Sua vinda.” {DTN 70}, *O Desejado de Todas as Nações*, 115.

Era a sua intenção que a raça humana fosse exterminada no dilúvio e chegou perigosamente perto do sucesso. Uma pessoa pode imaginar a amarga frustração dele quando um justo remanescente sobreviveu. Sabia que deles cresceriam grandes nações através de quem o Senhor procuraria alcançar os Seus propósitos. Quando o diabo viu que não podia fazer desaparecer toda a raça humana, concentrou-

se especialmente no povo escolhido. Sabendo que os planos de Deus deviam ser executados através dos descendentes de Abraão e Davi, tentou quanto pôde exterminar esta linhagem. Numa altura chegou tão próximo de conseguir isso que o remanescente foi um frágil bebé que milagrosamente sobreviveu para se tornar o rei Joaz.

Apesar dos seus decididos esforços nos quais nenhuns meios eram considerados demasiado baixos ou cruéis, a linhagem real sobreviveu até Cristo aparecer em Belém. Tinha chegado o tempo em que Satanás tinha perante si a última oportunidade para impedir o Salvador de cumprir a Sua missão. “Satanás viu que, ou venceria, ou seria vencido. Os resultados do conflito envolviam demasiado para ser ele confiado aos anjos confederados. Ele próprio devia dirigir em pessoa o conflito. Todas as forças da apostasia se puseram a postos contra o Filho de Deus. Cristo Se tornou o alvo de todas as armas do inferno.” {DTN 71}, *O Desejado de Todas as Nações*, 116.

Quando a hora de crise se aproximou em que a radiante justiça no seu melhor tinha que enfrentar a manifesta impiedade no seu pior aspecto, a humanidade ignorava a dimensão da batalha que estava próxima. Nem mesmo os homens que tinham seguido o Salvador durante os anos do Seu ministério sabiam o que estava em causa ou para vir. Mas isto não era verdade a respeito dos anjos ou dos habitantes que enchiam os miríades mundos no espaço exterior. Eles tinham esperado muito tempo para ver se Deus podia responder a todas as acusações que Satanás tinha lançado contra Ele. Precisavam de ver por si mesmos o verdadeiro carácter de Deus e o carácter dos Seus inimigos. Este era para eles o ponto decisivo na eternidade. Ou perderiam todos os traços de simpatia para com Satanás, ou perderiam para sempre a fé em Deus.

“Para os anjos e os mundos não caídos, o brado: ‘Está consumado’ teve profunda significação. Fora em seu benefício, bem como no nosso, que se operara a grande obra da redenção. Juntamente conosco, compartilham eles os frutos da vitória de Cristo.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758.

As Escrituras declaram que um terço dos anjos seguiram Satanás ao sair do Céu e isto é verdade, como está escrito:

“E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra...” *Apocalipse* 12:4.

“Satanás na sua rebelião levou consigo uma terça parte dos anjos. Eles deixaram o Pai e o Seu Filho e uniram-se ao instigador da rebelião.” *Testemunhos para a Igreja* 3:115.

“Quando Satanás se tornou indesejável no Céu, não apresentou ele sua queixa perante Deus e Cristo; foi, porém, aos anjos que o julgavam perfeito, afirmando que Deus lhe fizera injustiça, preferindo Cristo a ele. O resultado dessa falsidade foi, por motivo de lhe terem aderido, um terço dos anjos perderam sua inocência, sua alta posição e seu lar feliz.” *Testemunhos para a Igreja* 5:291.

Mas, apesar de um terço dos anjos ter seguido o diabo, os outros dois terços foram seriamente enganados por ele. Estes sentiram que ele podia ter alguma razão e, até certo ponto, tinham simpatia para com a causa dele. Contudo, recusaram-se a deixar a sua lealdade a Deus a quem continuaram a servir apesar das persistentes dúvidas não respondidas que inundavam as suas mentes. Sem dúvida que Deus lhes havia assegurado que aquelas dúvidas seriam completamente tratadas por Cristo quando Ele viesse à Terra. Portanto, foi com intenso interesse que esses anjos e mundos não caídos observaram o desenvolvimento do conflito entre Cristo e Satanás.

“Para os anjos e os mundos não caídos, o brado: “Está consumado” teve profunda significação. Fora em seu benefício, bem como no nosso, que se operara a grande obra da redenção. Juntamente conosco, compartilham eles os frutos da vitória de Cristo.

“Até à morte de Jesus, o caráter de Satanás não fora ainda claramente revelado aos anjos e mundos não caídos. O arqui-apóstata se revestira por tal forma de engano, que mesmo os santos seres não lhe compreenderam os princípios. Não viram claramente a natureza de sua rebelião.

“Era um ser admirável de poder e glória o que se pusera em oposição a Deus. De Lúcifer, diz o Senhor: ‘Tu és o aferidor da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura.’ Ezeq. 28:12. Lúcifer fora o querubim cobridor. Estivera à luz da presença divina. Fora o mais elevado de todos os seres criados, e o primeiro em revelar ao Universo os desígnios divinos. Depois de pecar, seu poder de

enganar tornou-se consumado, e mais difícil o descobrir-lhe o carácter, em virtude da exaltada posição que mantivera junto do Pai.” {DTN 537}, *O Desejado de Todas as Nações*, 758, 759.

Antes da queda, Lúcifer tinha sido grandemente amado por aqueles anjos cuja capacidade de amar era muito profunda, elevada e mais ampla do que qualquer coisa experimentada pela humanidade hoje. Portanto, a sua afeição por Satanás, mesmo depois dele ter caído, era uma poderosa força no seu pensamento. Apesar disto ser totalmente recomendável, também era perigoso, porque, a menos que as suas emoções fossem controladas por uma compreensão iluminada das questões do grande conflito, seriam levados a quebrar a sua aliança com Deus em favor de um pacto com o inimigo.

Eles estavam relutantes em aceitar o terrível pensamento que Lúcifer, que havia sido seu companheiro no serviço, estava condenado à destruição eterna. Eles queriam acreditar que de algum modo ele podia ser corrigido e reintegrado. Eles não podiam ver que ele se tinha destruído a si mesmo ultrapassando qualquer possibilidade de salvação e regresso ao seu estado perdido. Estes eram problemas acerca dos quais agonizavam e para os quais tinham que ter respostas.

Deus amava Satanás com um amor ainda maior, mas ao mesmo tempo, podia ver com nítida e compreensiva clareza a verdadeira natureza das falsas acusações de Satanás e o que elas fariam aos que as aceitassem. Por conseguinte, enquanto eles retivessem a mais profunda simpatia *pelo* diabo no seu argumento, não havia ligação de simpatia *com* ele. A rejeição de Jeová de todo o princípio pelo qual o arqui-inimigo operava era total. Ele estava dedicado à total exposição deste ímpio apóstata de modo que através disso todos os seres pudessem fazer uma escolha inteligente sobre o lado a tomar. Até estes objectivos serem alcançados, o grande conflito continua, independentemente de quantos crentes se juntem às fileiras do Senhor. Por outras palavras, se todas as pessoas vivas na Terra aceitassem a salvação de Deus e ficassem aptas para o Céu sem as dúvidas a respeito do carácter e governo de Deus serem esclarecidas, o fim continuava a não vir e Jesus não podia voltar. Isto é assim por causa da segurança do Céu não poder ser assegurada enquanto estas questões não forem resolvidas para completa satisfação de todos. Deus não necessita que elas sejam respondidas para Seu próprio benefício, porque Ele não é enganado por elas. Nem, sendo imortal e indestrutível está preocupado por causa da sua posição. É por causa dos Seus filhos em todos os ilimitados recessos do Universo, que Ele está determinado a trazer estas coisas à luz.

Levou mais de quatro mil anos a chegar a um parcial esclarecimento destas questões. Na cruz os anjos e os mundos não caídos viram finalmente a verdadeira natureza dos argumentos envolvidos e tomaram a sua decisão irrevogável e irreversível de servir a Deus e a Ele somente. As últimas perguntas estavam respondidas e toda a remanescente dúvida foi apagada para sempre.

“Com dor e espanto contemplou o Céu a Cristo pendente da cruz, o sangue a correr-Lhe das fontes feridas, tendo na testa o sanguinolento suor. O sangue caía-Lhe, gota a gota, das mãos e dos pés, sobre a rocha perfurada para encaixar a cruz. As feridas abertas pelos cravos aumentavam ao peso que o corpo fazia sobre as mãos. Sua difícil respiração tornava-se mais rápida e profunda, à medida que Sua alma arquejava sob o fardo dos pecados do mundo. Todo o Céu se encheu de assombro quando, em meio de Seus terríveis sofrimentos, Cristo ergueu a oração: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.’ Luc. 23:34. E, no entanto, ali estavam homens formados à imagem de Deus, unidos para esmagar a vida de Seu unigênito Filho. Que cena para o Universo celeste!

“Os principados e os poderes das trevas estavam congregados em torno da cruz, lançando no coração dos homens a diabólica sombra de incredulidade. Quando Deus criou esses seres para estar diante de seu trono, eram belos e gloriosos. Sua formosura e santidade estavam em harmonia com a exaltada posição que ocupavam. Enriquecidos com a sabedoria de Deus, cingiam-se com a armadura celestial. Eram os ministros de Jeová. Quem poderia, no entanto, reconhecer nos anjos caídos os gloriosos serafins que outrora ministravam nas cortes celestiais?

“Instrumentos satânicos coligaram-se com homens maus em levar o povo a crer que Cristo era o maior dos pecadores, e torná-Lo objeto de abominação. Os que escarneciam de Cristo, enquanto pendia da cruz, estavam possuídos do espírito do primeiro grande rebelde. Ele os enchia de vis e aborrecíveis expressões. Inspirava-lhes as zombarias. Com tudo isso, porém, nada ganhou.

“Houvesse-se podido achar um só pecado em Cristo, tivesse Ele num particular que fosse cedido a Satanás para escapar à horrível tortura, e o inimigo de Deus e do homem teria triunfado. Cristo inclinou a cabeça e expirou, mas manteve firme a Sua fé em Deus, e a Sua submissão a Ele. ‘E ouvi uma grande voz no Céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do Seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.’ Apoc. 12:10.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 760, 761.

Foi na cruz que aquele que havia sido anteriormente lançado fora do Céu, foi lançado nesta Terra, sofreu nessa altura uma terrível limitação das suas actividades. É importante que a diferença entre estes dois acontecimentos sejam claramente compreendidos. Eles estão expostos em *Apocalipse* 12:7-10.

“E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos; Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: ‘Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.’”

A guerra que começou no próprio Céu entre Lúcifer e os seus seguidores de um lado e Cristo e os anjos leais do outro, teve lugar antes deste mundo ser criado.

“Então houve guerra no Céu. O Filho de Deus, o Príncipe do Céu, e Seus anjos leais empenharam-se num conflito com o grande rebelde e com aqueles que se uniram a ele. O Filho de Deus e os anjos verdadeiros e leais prevaleceram; e Satanás e seus simpatizantes foram expulsos do Céu. Todo o exército celestial reconheceu e adorou o Deus da justiça. Nenhuma mácula de rebelião foi deixada no Céu. Tudo voltara a ser paz e harmonia como antes. Os anjos do Céu lamentaram a sorte daqueles que tinham sido seus companheiros de felicidade e alegria. Sua perda era sentida no Céu.

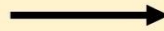
“O Pai consultou Seu Filho com respeito à imediata execução de Seu propósito de fazer o homem para habitar a Terra. Colocaria o homem sob prova a fim de testar sua lealdade, antes que ele pudesse ser posto eternamente fora de perigo. Se ele suportasse o teste com o qual Deus considerava conveniente prová-lo, seria finalmente igual aos anjos. Teria o favor de Deus podendo conversar com os anjos, e estes, com ele. Deus não achou conveniente colocar os homens fora do poder da desobediência.” *História da Redenção*, 19.

A luta que teve lugar ali naquela altura não foi física. Lúcifer teria escolhido outro caminho do que enveredar por esse tipo de batalha com o Deus cujo poder era incrível e ele conhecia-o bem. Tinha visto o Altíssimo chamar à existência vastas galáxias e estava bem ciente que depender do poder físico em qualquer confronto com Jeová seria inútil. A situação era que Satanás não mais podia operar dentro da estrutura da constituição divina. Ele lutou quanto pôde para conseguir mudá-la, mas quando os seus esforços falharam, não teve alternativa senão partir para qualquer lugar onde pudesse ganhar a batalha e estabelecer os seus procedimentos. Quando foi “expulso” do Céu, foi para nunca mais voltar. Uma vez fora, como o terrível impacto daquilo que tinha feito a si mesmo e aos seus seguidores se tornou claro para ele, foi assaltado pelo terror e desejou regressar ao seu lugar no Paraíso, mas isso era impossível. Tinha-se magoado sem recuperação.

“Depois que Satanás e os que caíram com ele foram expulsos do Céu, e tendo ele compreendido que perdera para sempre toda a sua pureza e glória, arrependeu-se e desejou ser reintegrado no Céu. Estava disposto a ocupar o seu próprio lugar, ou qualquer posição que lhe fosse designada. Mas não; o Céu não devia ser colocado em risco. Todo o Céu poderia vir a ser maculado se ele fosse recebido de volta; pois o pecado originou-se com ele, e dentro dele estavam as sementes da rebelião. Tanto ele como os seus seguidores choraram e imploraram para serem de novo recebidos no favor de Deus. Mas o pecado deles — o seu ódio, inveja e ciúmes — tinha sido tão grande que Deus não podia apagá-lo. Tinha de permanecer, a fim de receber sua punição final.” *Primeiros Escritos*, 146.

Deus teria de bom grado recebido de volta ao Céu o querubim cobridor se o arrependimento tivesse sido verdadeiramente genuíno, mas este foi do carácter encontrado em Balaão e Judas — um desejo de escapar às consequências das acções erradas em vez de qualquer sentido de necessidade de ser

Lúcifer cai e é expulso do Céu.



Dois terços dos anjos e dos habitantes dos mundos não caídos permaneceram leiais a Deus embora tivessem sérias dúvidas e um grau de simpatia para com Satanás.



Na Cruz

2. Satanás foi completamente desmascarado.
3. Foi quebrado o último laço de simpatia da parte dos santos seres.

Um terço dos anjos seguem-no.

1. Satanás é derrubado.

Ele agora concentra-se totalmente na humanidade.

Não foi antes da cruz e da vitória ali alcançada sobre Satanás por Cristo, que os santos seres celestiais e mundos não caídos foram libertados das mentiras de Satanás e da possibilidade de rebelião.

libertado do mal em si mesmo. No caso de Satanás, isto é provado pelo facto que assim que soube que não seria recebido de volta, a impiedade que estava dentro dele brotou de novo.

Depois de ter sido expulso do Céu, o diabo tinha acesso aos anjos de Deus quando viajavam do Céu para a Terra. Constantemente, apresentava os seus argumentos e agravos perante eles, apelando sempre para a simpatia e amor deles enquanto se apresentava a si próprio como aquele que tinha trabalhado para a bênção e reforma do Céu, apenas para ser recompensado com a expulsão. Mas, quando Jesus morreu na cruz, tudo isto foi cortado e ele perdeu esta audiência angélica para sempre. Na sua desesperada determinação para forçar Cristo a cometer uma acção pecaminosa, ele foi forçado a revelar todas as armas que tinha. Quando se retirou exausto e derrotado perante um morto, mas triunfante Cristo, soltou todas as armas que possuía. A sua máscara caiu e foi visto como ele realmente é. Nada mais a respeito dele havia para ser aprendido. Os expectantes anjos e habitantes dos mundos espalhados pelo imenso espaço ficaram completamente satisfeitos. Tinham visto no Salvador apenas bondade, amor, piedade, compaixão e justiça brilhando no seu brilho maior, enquanto o diabo tinha aparecido mais e mais maligno, sem remorsos, odioso, cruel e sádico nessa altura.

“Satanás viu que estava desmascarado. Sua administração foi exposta perante os anjos não caídos e o Universo celestial. Revelara-se um homicida. Derramando o sangue do Filho de Deus, desarraigou-se Satanás das simpatias dos seres celestiais. Daí em diante sua obra seria restrita. Qualquer que fosse a atitude que tomasse, não mais podia esperar os anjos ao virem das cortes celestiais, nem perante eles acusar os irmãos de Cristo de terem vestes de trevas e contaminação de pecado. Estavam rotos os derradeiros laços de simpatia entre Satanás e o mundo celestial.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Esta foi uma tremenda vitória, um passo gigante para a resolução final do grande conflito. Para os anjos e mundos não caídos, o propósito da luta tinha sido alcançado. O carácter de Deus tinha sido manifestado em contraste com o carácter de Satanás. Aquilo que Deus procurou alcançar durante quatro mil anos estava feito. Cristo, as primícias, tinha cumprido a obra que tinha vindo fazer e podia agora dizer, “está consumado”.

Todavia, os homens ainda não tinham visto estas questões. No Calvário um véu estava posto sobre os seus olhos. Nem nessa altura, nem desde então têm os homens realmente compreendido as diferenças entre os princípios de operação divinos nem os de Satanás, mas virá o tempo em que eles verão. Aquilo que os anjos viram na cruz, será visto e compreendido mesmo por aqueles que nessa altura estarão completamente perdidos. A luz brilhará com tal brilho que penetrará as mentes mais envoltas em trevas e convencerá mesmo os mais obstinados que o Senhor é recto e justo.

Para alcançar o que alcançou no Calvário, o Pai eterno tinha que ter ao Seu dispor um instrumento que fosse totalmente e só justo e em quem aquelas virtudes estivessem desenvolvidas ao seu mais elevado nível. Somente pela manifestação do carácter divino no seu melhor brilho podiam as trevas do diabo serem totalmente desmascaradas. Isto será alcançado da mesma forma durante a finalização do grande conflito. Outra vez os Seus instrumentos escolhidos em quem Ele aperfeiçoou a Sua obra da graça, justiça e verdade brilharão com refulgente glória nas mentes obscurecidas dos perdidos e eles verão a perfeição divina e saberão o que rejeitaram.

Cristo não será capaz de fazer a esta obra final em pessoa, porque já não está vestido da carne humana pecadora. Ele realizará isto através dos corpos de carne e sangue dos Seus filhos — os 144.000. Deve ser salientado que não serão eles, mas *Ele* a fazer isto, porque “Essa obra, unicamente um Ser, em todo o Universo, era capaz de realizar.” {DTN 10}, *O Desejado de Todas as Nações*, 22.

Os instrumentos através de quem Ele fará isto devem ser tão imaculadamente puros como Ele foi no Calvário, caso contrário Cristo não seria capaz de brilhar na Sua pura luz através deles. Eles serão trazidos a esta medida de perfeição e quando essa obra estiver completa e todas as pessoas vivas na Terra forem levadas às suas próprias convicções pessoais a reconhecerem que Deus é em tudo verdadeiro e justo, o fim virá. Esta é a obra das primícias e, até que ela seja realizada, o grande conflito tem que continuar e continuará, e a vinda de Cristo continuará a ser adiada.

Nunca pode haver uma colheita enquanto as primícias não tiverem executado a obra que lhes foi designada.

Entretanto, Satanás está ocupado na contestação de cada passo. Antes da cruz ele dividia a sua atenção entre os homens e os anjos, mas desde essa altura, tendo perdido toda a esperança de seduzir os anjos, concentrou as suas energias no homem. É por esta razão que está escrito para os habitantes do Céu uma vez que a vitória na cruz foi alcançada: “Por isso alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais.” *Apocalipse* 12:12.

Bem podiam eles estar, porque as suas dúvidas e interrogações foram todas respondidas e Satanás já não mais podia tentá-los. Um novo dia tinha começado e podiam regozijar-se de alegria. Mas aquilo que é libertação para os anjos é uma causa de preocupação para a humanidade, como revela o texto seguinte: “Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.” *Apocalipse* 12:12.

Todavia, apesar dos frenéticos esforços de Satanás, o Senhor reunirá por fim as Suas primícias e a vitória final será ganha, o grande conflito terminará e Cristo regressará para recolher a grande colheita dos séculos. Então os habitantes desta Terra podem juntar-se aos anjos em júbilo. As suas lutas passarão e as suas tentações terminarão.



Abertos Os Olhos do Homem

Foi agora dada forte ênfase que o fim não pode vir até que seja feita pelo homem a mesma obra realizada na cruz pelos anjos e habitantes dos mundos não caídos. No Calvário, Cristo cumpriu a Sua missão como primícias expondo a verdadeira natureza da apresentação errada de Satanás acerca do carácter de Deus. A revelação dada foi claramente vista por todos os seres criados excepto pela raça humana e foi tão eficaz que foi banido todo o risco de rebelião reaparecer no Céu.

Mas o homem, por causa de não ter sido libertado das mentiras de Satanás nessa altura, continuou no seu curso rebelde e continuará neste estado até que os olhos também lhe sejam abertos para ver o verdadeiro carácter de Deus e do grande apóstata. Portanto, uma vez mais, nesta Terra, através da carne e sangue de seres humanos, Cristo tem que revelar uma vez mais o verdadeiro carácter do Pai, enquanto ao mesmo tempo, expor o mal do carácter do diabo. É o papel destinado às primícias, os cento e quarenta e quatro mil, serem os santificados instrumentos de Deus para a realização desta obra, e, assim que ela estiver feita, Cristo pode cumprir imediatamente a Sua obra como o grande Segador.

Estas conclusões são confirmadas pelas revelações proféticas do futuro, em que é claramente ilustrado o dramático momento no qual vem finalmente a compreensão aos ímpios, que Deus é de facto um Senhor de amor, misericórdia, verdade, compaixão e bênção. Quando estiverem por fim convencidos que Jeová não é o que eles pensaram que Ele era, perderão todo o interesse na sua determinação de exterminar o povo de Deus. A rebelião será finalizada, o propósito do tão longo grande conflito será alcançado e preparado o caminho para o advento do Salvador que então se seguirá imediatamente.

Como o ministério do quinto anjo começa com o fecho da porta da graça, este marco fornece um excelente resumo dos acontecimentos que conduziram a esta vitória final.

O fim do tempo de provação marca o início do tempo da angústia de Jacó através da qual o povo de Deus tem que passar, e o começo do tempo da grande tribulação que afligirá os ímpios. Estes factos são confirmados pelos seguintes testemunhos:

“A experiência de Jacó durante aquela noite de luta e angústia, representa a prova pela qual o povo de Deus deverá passar precisamente antes da segunda vinda de Cristo. O profeta Jeremias, em santa visão, olhando para este tempo, disse: ‘Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz... Por que se têm tornado macilentos todos os rostos? Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! e é tempo de angústia para Jacó; ele porém será livrado dela.’ Jer. 30:5-7.

“Quando Cristo cessar a Sua obra como mediador em prol do homem, então começará este tempo de angústia. Ter-se-á então decidido o caso de toda alma, e não haverá sangue expiatório para purificar do pecado. Ao deixar Jesus Sua posição como intercessor do homem junto a Deus, faz-se o solene anúncio: ‘Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.’ Apoc. 22:11. Então o Espírito repressor de Deus é retirado da Terra. Assim como Jacó foi ameaçado de morte por seu irmão irado, o povo de Deus estará em perigo por parte dos ímpios, que procurarão destruí-los. E assim como o patriarca lutou toda a noite para conseguir livramento da mão de Esaú, clamarão os justos a Deus dia e noite por livramento dos inimigos que os cercam.” {PP 137}, *Patriarcas e Profetas*, 201.

“Deixando Ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Naquele tempo terrível os justos devem viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Removeu-se a restrição que estivera sobre os ímpios, e Satanás tem domínio completo sobre os que finalmente se encontram impenitentes. Terminou

a longanimidade de Deus: O mundo rejeitou a Sua misericórdia, desprezou-Lhe o amor, pisando Sua lei. Os ímpios passaram os limites de seu tempo de graça; o Espírito de Deus, persistentemente resistido, foi, por fim, retirado. Desabrigados da graça divina, não têm proteção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade.” *O Grande Conflito*, 614.

O início desse terrível tempo de sofrimento é também o começo das sete últimas pragas que estão descritas em *Apocalipse* 16, como é confirmado neste testemunho:

“Quando Cristo cessar de interceder no santuário, será derramada a ira que, sem mistura, se ameaçara fazer cair sobre os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal. (Apoc. 14:9 e 10.) As pragas que sobrevieram ao Egito quando Deus estava prestes a libertar Israel, eram de carácter semelhante aos juízos mais terríveis e extensos que devem cair sobre o mundo precisamente antes do libertamento final do povo de Deus.” *O Grande Conflito*, 627, 628.

Deste ponto em diante, é dada uma cuidadosa descrição de cada praga como ela é derramada cada uma por sua vez. É importante, numa correcta compreensão destes acontecimentos, notar que em *O Grande Conflito* elas são tratadas exactamente na mesma ordem em que aparecem nas Escrituras. Se este princípio de estudo não for reconhecido, será impossível identificar a sexta praga. Aqui, então, está a descrição das primeiras três pragas como aparecem em *O Grande Conflito*:

“Na praga que se segue, é dado poder ao Sol para que ‘abrasasse os homens com fogo. E os homens foram abrasados com grandes calores’. Versos 8 e 9. Os profetas assim descrevem a condição da Terra naquele tempo terrível: ‘E a Terra [está] triste; ... porque a colheita do campo pereceu.’ ‘Todas as árvores do campo se secaram, e a alegria se secou entre os filhos dos homens.’ ‘A semente apodreceu debaixo dos seus torrões, os celeiros foram assolados.’ ‘Como geme o gado! as manadas de vacas estão confusas, porque não têm pasto: ... os rios se secaram, e o fogo consumiu os pastos do deserto.’ ‘Os cânticos do templo serão gritos de dor naquele dia, diz o Senhor Jeová; muitos serão os cadáveres; em todos os lugares serão lançados fora em silêncio.’ Joel 1:10-12, 17-20; Amós 8:3.” *O Grande Conflito*, 628.

Não há nada para sugerir que estas pragas não sejam literais, especialmente quando está declarado que elas serão semelhantes em carácter às pragas que caíram sobre o Egito. Estas quatro primeiras estão limitadas a certas áreas geográficas, como está escrito:

“Estas pragas não são universais, ao contrário os habitantes da Terra seriam inteiramente exterminados. Contudo serão os mais terríveis flagelos que já foram conhecidos por mortais. Todos os juízos sobre os homens, antes do final do tempo da graça, foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas no juízo final a ira é derramada sem mistura de misericórdia.” *O Grande Conflito*, 628, 629.

Apesar destas quatro primeiras pragas não serem universais, as restantes são, mas não há menção delas em qualquer parte do capítulo do qual os testemunhos atrás citados foram tirados. Pelo contrário, o restante desse capítulo é devotado à descrição dos terríveis efeitos dos primeiros quatro juízos e consequentes sofrimentos que afligirão os ímpios. Embora os justos não estejam totalmente livres de sofrimento, não serão abandonados e deixados sem protecção.

“O povo de Deus não estará livre de sofrimento; mas conquanto perseguidos e angustiados, conquanto suportem privações, e sofram pela falta de alimento, não serão abandonados a perecer. O Deus que cuidou de Elias, não desampará nenhum de Seus abnegados filhos. Aquele que conta os cabelos de sua cabeça, deles cuidará; e no tempo de fome serão alimentados. Enquanto os ímpios estão a morrer de fome e pestilências, os anjos protegerão os justos, suprimindo-lhes as necessidades. Para aquele que ‘anda em justiça’ é esta promessa: ‘O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas. Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há, e a sua língua se seca de sede; mas Eu, o Senhor os ouvirei, Eu o Deus de Israel, os não desampararei.’ Isa. 33:16; 41:17.

“‘Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas’, os que O temem, contudo, se alegrarão no Senhor e exultarão no Deus de sua salvação. (Hab. 3:17 e 18.)” *O Grande Conflito*, 629.

Todas as pessoas que vivem na expectativa de passar pela angústia de Jacó fariam bem em ler o resto do capítulo do qual foi extraído o testemunho anterior a fim de se tornarem totalmente familiarizados com as maravilhosas promessas que ele contém. Ninguém senão aqueles que com uma fé viva sobreviverão à prova que deverá ser colocada sobre eles nessa altura e ninguém terá esse tipo de fé a menos que conheça realmente as promessas e como as aplicar. É no capítulo seguinte em *O Grande Conflito*, com o título “O Livramento dos Justos”, que encontramos a descrição das três últimas pragas. Este capítulo abre com a descrição desse terrível tempo em que o povo de Deus, tendo perdido toda a protecção das leis humanas, são declarados proscritos. Isto dá a qualquer um o direito de os matar à vista sem recurso a um julgamento. As multidões conspirarão para destruí-los numa única determinada noite e preparam-se para a execução. Entretanto, excepto os que estão confinados em celas da prisão, os 144.000 fugirão para as montanhas a fim de encontrarem refúgio nas cavernas e outros caminhos solitários e desolados. Por fim, o momento de morte previamente marcado chega e homens e mulheres gritando e amaldiçoando são lançados numa busca como animais à caça das suas presas.

“Com brados de triunfo, zombaria e imprecação, multidões de homens maus estão prestes a cair sobre a presa, quando, eis, um denso negror, mais intenso do que as trevas da noite, cai sobre a Terra.” *O Grande Conflito*, 635, 636.

Esta é a quinta praga como descrita em *Apocalipse* 16:10, 11, nestas palavras: “E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor. E por causa das suas dores, e por causa das suas chagas, blasfemaram do Deus do céu; e não se arrependeram das suas obras.”

O trono da besta não está limitado a Roma nesta altura, porque nesse tempo todo o mundo terá a mesma base de operações. Embora, num sentido secundário, Babilónia é a grande besta, esta organização é apenas o instrumento através de quem o diabo trabalha. Na realidade, Satanás é a besta que, em virtude do facto de ter capturado todo o mundo através das suas artes enganadoras, terá tornado este mundo o seu trono do poder.

Todo o mundo estará envolto em impenetráveis trevas tão densas que nada será visível. Será literalmente tão negro quanto um túmulo. Os 144.000 estarão convencidos que a morte caiu sobre eles tornando-os desse modo mártires pela causa. Mas nessa altura, o Altíssimo, rodeando cada grupo dos Seus filhos com uma gloriosa luz como a luz do arco-íris que atravessa os céus e que é o símbolo do concerto entre Deus e o homem, pelo qual declara que eles mantiveram a sua fé e são dignos de um lugar no Seu trono.

“Então o arco-íris, resplandecendo com a glória do trono de Deus, atravessa os céus, e parece cercar cada um dos grupos em oração. As multidões iradas subitamente se detêm. Silenciam seus gritos de zombaria. É esquecido o objeto de sua ira sanguinária. Com terríveis pressentimentos contemplam o símbolo da aliança de Deus, anelando pôr-se ao amparo de seu fulgor insuperável.

“É ouvida pelo povo de Deus uma voz clara e melodiosa, dizendo: ‘Olhai para cima’ (Luc. 21:28); e, levantando os olhos para o céu, contemplam o arco da promessa. As nuvens negras, ameaçadoras, que cobriam o firmamento se fendem e, como Estêvão, olham fixamente para o céu, e vêem a glória de Deus, e o Filho do homem sentado sobre o Seu trono. Divisam em Sua forma divina os sinais de Sua humilhação; e de Seus lábios ouvem o pedido, apresentado ante Seu Pai e os santos anjos: ‘Aqueles que Me deste quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo.’ João 17:24. Novamente se ouve uma voz, melodiosa e triunfante, dizendo: ‘Eles vêm! eles vêm! santos, inocentes e incontaminados. Guardaram a palavra da Minha paciência; andarão entre os anjos’; e os pálidos, trêmulos lábios dos que mantiveram firme a fé, proferem um brado de vitória.” *O Grande Conflito*, 636.

Este é o momento da vitória final. A última batalha a ser travada, a guerra é finalizada e a grande controvérsia concluída excepto para as cenas do último julgamento no fim do milénio. Deus é o vencedor e Satanás o derrotado.

Quando Jesus obteve a vitória na cruz momentos antes de entregar a Sua vida, exclamou “está consumado”. Assim será de novo. Logo que a vitória seja obtida o Senhor Deus Altíssimo anunciará dos Céus, “está feito”. *Apocalipse* 16:17. Imediatamente segue-se a sétima e última praga, constituída por um grande terramoto, o enfurecimento das águas e o derramamento da saraiva destruidora.

É neste ponto da tão longa luta que grandes mudanças têm lugar na atitude dos ímpios. Pela primeira vez nas suas vidas olharão para Deus e Sua lei na verdadeira luz. Todo o falso conceito desaparecerá e Satanás aparecerá perante eles no seu verdadeiro carácter.

Estes pormenores não estão incluídos no capítulo cujos parágrafos citámos atrás. Eles encontram-se no seguinte que se intitula, “Será Desolada a Terra”. Este capítulo cobre o mesmo assunto que o anterior, mas em vez de descrever as experiências dos justos, trata com o que acontece aos ímpios no momento em que chega a vitória de Deus e do Seu povo.

“Quando a voz de Deus põe fim ao cativeiro de Seu povo, há um terrível despertar daqueles que tudo perderam no grande conflito da vida.” *O Grande Conflito*, 654.

Essa libertação é descrita na página 636. Os acontecimentos que conduzem a ela são as trevas que detêm o ímpeto dos ímpios com as suas intenções homicidas contra o povo de Deus, seguido pelo glorioso arco-íris que cerca cada grupo em oração, depois do que vem a voz de Deus anunciando a libertação do Seu povo, enquanto ele responde soltando um brado de vitória. Para culminar tudo, Deus diz, “está feito”.

É neste momento que o “...terrível despertar daqueles que tudo perderam no grande conflito da vida” tem lugar.

“Enquanto perdurou o tempo da graça, estiveram cegos pelos enganos de Satanás, e desculpavam sua conduta de pecado. Os ricos se orgulhavam de sua superioridade sobre aqueles que eram menos favorecidos; mas obtiveram suas riquezas violando a lei de Deus. Negligenciaram alimentar o faminto, vestir o nu, tratar com justiça e amar a misericórdia. Procuraram exaltar-se, e obter a homenagem de seus semelhantes. Agora estão despojados de tudo que os fazia grandes, e se encontram desamparados e indefesos. Olham com terror para a destruição dos ídolos que antepuseram ao seu Criador. Venderam a alma em troca das riquezas e gozos terrestres, e não procuraram enriquecer para com Deus. O resultado é que sua vida foi um fracasso; seus prazeres agora se transformaram em amargura, seus tesouros em corrupção. Os ganhos de uma vida inteira foram em um momento varridos. Os ricos lastimam a destruição de suas soberbas casas, a dispersão de seu ouro e prata. Mas suas lamentações silenciam pelo temor de que eles próprios devem perecer, juntamente com seus ídolos.” *O Grande Conflito*, 654.

A terrível tomada de consciência do custo do caminho da sua vida, leva-os a ver a relação entre a causa e o efeito. Até aqui, acreditaram que todas as suas dificuldades eram colocadas sobre eles por um Deus ofendido que derramava a Sua ira contra eles todas as vezes que falhavam em agradar-Lhe. Agora são levados a ver que a sua perda e sofrimento tem sido em consequência da transgressão da lei.

“O ministro que sacrificara a verdade a fim de alcançar o favor dos homens, percebe agora o carácter e influência de seus ensinamentos. É evidente que os olhos oniscientes o estiveram acompanhando enquanto se achava ao púlpito, enquanto andava pelas ruas, enquanto se confundia com os homens nas várias cenas da vida. Toda emoção da alma, toda linha escrita, cada palavra pronunciada, todo ato que levava os homens a descansar em um refúgio de falsidade, esteve a espalhar sementes; e agora, nas infelizes e perdidas almas em redor dele, contempla a colheita.

“Diz o Senhor: ‘Curam a ferida da filha de Meu povo levemente, dizendo: Paz, paz, quando não há paz.’ ‘Entristeceste o coração do justo com falsidade, não o havendo Eu entristecido, e esforçastes as mãos do ímpio, para que não se desviasse do seu mau caminho, e vivesse.’ Jer. 8:11; Ezeq. 13:22.

“Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do Meu pasto. ... Eis que visitarei sobre vós a maldade de vossas ações.’ ‘Uivai, pastores, e clamai, e rebolai-vos na cinza, principais do rebanho, porque já se cumpriram os vossos dias para serdes mortos ... E não haverá fuga para os pastores, nem salvamento para os principais do rebanho.’ Jer. 23:1 e 2; 25:34 e 35.

“Ministros e povo vêem que não mantiveram a devida relação para com Deus. Vêem que se rebelaram contra o Autor de toda lei reta e justa. A rejeição dos preceitos divinos deu origem a milhares de fontes para males, discórdias, ódio, iniquidade, até que a Terra se tornou um vasto campo de contenda, um poço de corrupção. Este é o quadro que ora se apresenta aos que rejeitaram a verdade e preferiram acalantar o erro. Nenhuma linguagem pode exprimir o anelo que o desobediente, o desleal experimenta por aquilo que para sempre perdeu: a vida eterna. Homens que o mundo adorou pelos talentos e eloquência vêem agora estas coisas sob a sua verdadeira luz. Compenetram-se do que perderam pela transgressão, e caem aos pés daqueles de cuja fidelidade zombaram, com menosprezo, confessando que Deus os amou.” *O Grande Conflito*, 654, 655.

Hoje os ministros e povo não vêem estas coisas na sua verdadeira luz. Além do mais, eles não podem mesmo ser convencidos destes factos, mas isto não deverá continuar para sempre. Tal como se descreve em cima, está a chegar o terrível dia em que eles serão capazes de ver por si mesmos a verdadeira natureza da sua rebelião contra Deus e Sua santa lei. Compreenderão que a culpa de todas as suas dificuldades jaz à sua porta e reconhecerão que os seus problemas são o inevitável resultado do seu próprio mau caminho.

O último parágrafo citado necessita de um cuidadoso exame a fim de ser claramente discernido que aquilo que está a ser descrito nele é a revelação do carácter de Deus perante aqueles que anteriormente eram tão ignorantes a respeito dele que estavam no processo de destruir os próprios através de quem o Senhor estava de facto a revelar-Se a Si mesmo.

“Vêem que se rebelaram contra o Autor de toda lei reta e justa.” Juntamente com isto adquiriram por fim a visão que a “... rejeição dos preceitos divinos” que “deu origem a milhares de fontes para



O Homem moderno, que hoje é tão orgulhoso e confiante, em breve tremerá de terror quando os seus olhos virem todas estas obras maravilhosas caírem ao seu redor. Então os seus olhos serão abertos para verem Deus como Ele realmente é.



males, discórdias, ódio, iniquidade, até que a Terra se tornou um vasto campo de contenda, um poço de corrupção.”

O reconhecimento de Deus como Autor de toda a lei recta e justa é o conhecimento que *Ele* é de facto recto e justo. Isso por sua vez é compreender que Ele é amor, pois ninguém pode ser verdadeiramente justo sem, ao mesmo tempo, ter amor. Injustiça é o produto do egoísmo — esse ímpio, cruel processo usado pelos homens do poder para privar os outros da saúde ou liberdade para que eles, o injusto opressor, possam gozar os frutos dos trabalhos dos outros.

Por causa de Deus ser recto, benigno e justo, as Suas leis também são rectas, benignas e justas. Isto tem que ser assim porque, “Sua lei é um transcrito de Seu carácter...” {PJ 168}, *Parábolas de Jesus*, 315. Os legisladores reflectem sempre o que são nas leis que fazem. Se são rudes, egoístas e cruéis, as suas normas serão o mesmo, mas quando eles são nobres, generosos e verdadeiros, assim será o seu comportamento. Quando estes princípios forem totalmente apreciados, os cristãos respirarão sentida gratidão por Deus ser na verdade totalmente verdadeiro, benigno, generoso e justo.

Deus é amor num grau infinito. Isto é confirmado por todos os seres criados que têm olhos para o ver em duas grandes declarações na Escritura. A primeira é: “Deus é amor...” *1 João* 4:16. A segunda é que com Ele “... não há mudança nem sombra de variação.” *Tiago* 4:16. Quando estas duas grandes verdades estão combinadas, elas levam à inevitável conclusão que Deus ama de forma infinita. Não pode ser encontrado um ponto onde o amor, em exaustão, dá lugar à ira pessoal, ódio, rejeição, malícia, ou qualquer outra manifestação semelhante. Não há nada que possamos fazer que altere a atitude de Deus em relação a nós. Ele ama Satanás agora tanto como quando ele era Lúcifer, o brilhante e maravilhoso querubim cobridor.

O amor infinito significa ilimitada abnegação. Este é o carácter de Deus que é o Autor de toda a lei justa. Tem havido alguns legisladores nobres, altruístas na história humana, mas nenhum tão puro e perfeito em que todo o traço de injustiça fosse eliminado. Isto não é verdade quanto às leis de Deus. Elas são tão totalmente rectas e justas que não pode ser encontrado nelas o mais pequeno traço de mal, apesar das afirmações de Satanás em contrário.

Isto significa que o Altíssimo nunca faz o que quer que seja com o Seu próprio interesse em mente. Tudo o que Ele faz é para os outros e isto nunca foi mais verdadeiro do que na criação deste mundo. “Toda manifestação de poder criador é uma expressão de amor infinito. A soberania de Deus compreende a plenitude de bênçãos a todos os seres criados.” {PP 8}, *Patriarcas e Profetas*, 33.

O estabelecimento neste mundo dessa lei que é a expressão da justiça, misericórdia e amor de Deus foi inteira e unicamente para o bem e bênção dos Seus filhos. O Senhor sabia que não podia derramar o valioso dom da liberdade nos Seus seres criados sem a presença da lei para os guardar de serem destruídos pelas poderosas forças que estavam na natureza e neles próprios. Ele tornou isto claro aos nossos primeiros pais para que eles fossem agentes moralmente livres com o poder de escolher se O serviam ou não. “Nossos primeiros pais, se bem que criados inocentes e santos, não foram colocados fora da possibilidade de praticar o mal. Deus os fez como entidades morais livres, capazes de apreciar a sabedoria e benignidade de Seu carácter, e a justiça de Suas ordens, e com ampla liberdade de prestar obediência ou recusá-la.” {PP 20}, *Patriarcas e Profetas*, 48.

Ao mesmo tempo, de acordo com o Seu amor e justiça, advertiu-os de forma adequada de quais seriam as consequências da desobediência. Ele mostrou-lhes que as dificuldades que viriam sobre eles, não eram uma aflição administrada em ira por Ele, mas um resultado inevitável do procedimento errado deles. Satanás perverteu esta verdade. Ele ensinou que Deus era egoísta, que a lei tinha sido cuidadosamente formulada para Sua própria exaltação, não importava o que isto pudesse custar aos outros. Portanto, os homens têm concluído que tempestades, doenças, guerras e todas as outras tribulações são manifestações da ira de Deus.

Mas a introdução do pecado não fez alterações em Deus, embora tivesse com certeza feito em muitas das Suas criaturas e no mundo em que a humanidade pecaminosa vive. O mesmo amor, rectidão, justiça e misericórdia manifestada tão liberalmente antes do pecado entrar, tem sido mantido através do longo conflito.

“A história do grande conflito entre o bem e o mal, desde o tempo em que a princípio se iniciou no Céu até o final da rebelião e extirpação total do pecado, é também uma demonstração do imutável amor de Deus.” {PP 8}, *Patriarcas e Profetas*, 33.

Estas são grandes verdades que devem ser vistas pelos homens injustos antes do propósito do grande conflito poder ser por fim alcançado. A obra que Cristo completou na cruz para os anjos e mundos não caídos, tem Ele que levar até à última conclusão fazendo o mesmo para os homens. Os parágrafos citados de *O Grande Conflito* claramente descrevem o tempo em que isto será alcançado. Será quando os homens virem por si mesmos que Deus é o Autor de toda a lei recta e justa e que pôr de lado os preceitos divinos é o que realmente dá lugar a toda a morte, tristeza e sofrimento que desceu sobre esta Terra.

É a missão especial dos 144.000 possibilitar a Cristo ter os instrumentos através de quem esta demonstração final do carácter de Deus pode ser dada. Então, quando o último indivíduo vivo vir por si mesmo que Deus não é o que o diabo tem representado que Ele é, o propósito do grande conflito terá sido alcançado e a rebelião acabará.

Isto torna claro que a obra final não é a pregação do evangelho a todas as nações da Terra. Esse é o ministério final do terceiro anjo quando a ele se junta o quarto, mas, apesar dessa ser uma maravilhosa *declaração* do carácter de Deus não penetrará as entenebrecidas mentes dos ímpios. Eles entrarão no tempo de angústia ainda afligidos com o espírito de rebelião que é o fruto das representações erradas do carácter de Deus feitas por Satanás.

Isto significa que, durante o tempo de angústia depois do ministério do quarto anjo ter terminado, será dada uma apresentação do carácter de Deus ainda mais poderosa do que aquela que raiou nas mentes dos homens durante o alto clamor. Será tão intensa e penetrante que removerá os últimos traços das más interpretações de Satanás das mentes deles e os encherá com a consciência daquilo que o Pai realmente é. Por este meio, toda a simpatia por Satanás será removida e verificarão que estão completamente sozinhos sem ninguém para os ajudar. Essa é a tarefa final e somente quando ela estiver realizada terá o caminho sido preparado para a vinda do Rei.

Este ilimitado reconhecimento pelos ímpios da perfeita justiça de Deus não lhes trará salvação. Eles desperdiçaram a oportunidade de serem remidos quando as derradeiras ofertas lhes foram feitas durante o período do alto clamor antes da porta da graça fechar. Não podem ser salvos nessa altura, porque, apesar de verem e confessarem a justiça e amor de Deus, continuam os mesmos em si próprios e mantêm a sua rejeição de Deus. Esta continuada separação de Deus não nega a vitória obtida por Cristo através do Seu povo. Isto é alcançado convencendo-os de que Satanás é o mentiroso e Deus é verdade, e quando, com as suas mentes capacitadas para verem as coisas como elas são realmente, confessam isto com a mais profunda convicção pessoal, o propósito de Deus terá sido alcançado e a rebelião terminada.

Tem sido mostrado que os seres não caídos e aqueles que viverão durante o conflito final estarão livres de todos os falsos conceitos a respeito do carácter de Deus, mas é isto suficiente? O que se dirá daqueles que morreram acreditando ainda que Deus era egoísta, caprichoso e despótico?

Deus também fez provisão para eles. Quando os justos que morreram com limitada visão do carácter de Deus ressurgirem na manhã da ressurreição, terão uma apresentação das cenas das vitórias de Cristo obtidas, primeiro através da Sua própria humanidade e depois através dos 144.000. Verão estas coisas ainda com maior vivacidade do que se estivessem pessoalmente presentes nestes grandes acontecimentos. O que lhes será mostrado limpará das suas mentes todo o conceito errado e levá-los-á à total e completa harmonia com Deus.

O mesmo serviço será realizado pelas vastas multidões de ímpios quando ressuscitarem no final do milénio. Quando eles se reunirem à volta da cidade depois de serem detidos na sua marcha contra ela, os grandes acontecimentos do conflito passarão perante os seus olhos. Quando virem estas coisas na sua verdadeira luz, também eles serão libertados das satânicas trevas e abertamente reconhecerão que o Senhor é verdade.

O Grande Rio Eufrates

No capítulo anterior, todas as pragas excepto a sexta foram positivamente identificadas, contudo, nenhum estudo adequado dos sete anjos estaria completo sem que fosse dada cuidadosa consideração à mensagem contida na descrição profética da sexta praga.

“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas. E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.” *Apocalipse* 16:12-16.

Um propósito específico está atribuído à seca deste grande rio. É dessa forma que o caminho dos reis do oriente pode ser preparado. Isto apenas pode significar que a chegada destes reis nunca pode ter lugar enquanto estas águas não tiverem secado. O próprio facto que estes acontecimentos são mencionados na profecia é uma indicação que eles são de grande importância e deviam ser compreendidos pelos filhos de Deus. Além do mais, não é possível compreender completamente o ministério especial das primícias sem saber o que estas coisas significam.

A interpretação comum desta passagem vê o Eufrates como um símbolo das nações que estão em cada um dos lados do seu curso. Para aqueles que pensam nestes termos geográficos, os reis do oriente são os que vivem nas terras a Leste do rio, nomeadamente, Índia, China, Japão, Tibete, Afeganistão, etc. Nesta compreensão da seca do rio significa a remoção dos poderes que habitam junto ao rio de modo que as nações passam sem oposição para a grande batalha que, se supõe, ser travada entre os poderes ocidentais e orientais nas planícies de Esdraelona na Palestina.

Esta interpretação é baseada na premissa que onde estais determina quem sois, pelo que faz da localização geográfica a consideração toda-importante. O estudante da Bíblia verdadeiramente iluminado rejeita isto, pois sabe que o princípio do evangelho é que o lugar onde estais não é o factor decisivo. Pelo contrário, é *aquilo* que sois que faz de vós *quem* sois.

O sistema geográfico, mesmo apesar de ser o mais popular, não pode ser mantido com consistência. Por exemplo, seria impossível identificar a Babilónia de *Apocalipse* 17 localizando os poderes que hoje ocupam o mesmo território que Babilónia ocupava no tempo de Daniel. Ninguém habitou naquela cidade desde que ela caiu, como foi profetizado em *Isaías* 13:19-22:

“E Babilónia, o ornamento dos reinos, a glória e a soberba dos caldeus, será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou.

“Nunca mais será habitada, nem nela morará alguém de geração em geração; nem o árabe armará ali a sua tenda, nem tampouco os pastores ali farão deitar os seus rebanhos.

“Mas as feras do deserto repousarão ali, e as suas casas se encherão de horríveis animais; e ali habitarão os avestruzes, e os sátiros pularão ali.

“E os animais selvagens das ilhas uivarão em suas casas vazias, como também os chacais nos seus palácios de prazer; pois bem perto já vem chegando o seu tempo, e os seus dias não se prolongarão.”

Assim, se a Babilónia geográfica não pode ser usada para identificar a sua moderna contrapartida, então o Eufrates também não tem significado geográfico. Outro sistema de interpretação tem que ser

usado, que, se estiver de acordo com os princípios bíblicos e puder ser consistentemente aplicado a todas as situações possíveis, deve ser aceite como o correcto. O sistema que se qualifica sob estas especificações é um cujo poder é identificado por *aquilo* que é em vez de *onde* se encontra.

No tempo de Daniel, havia duas Babilónias. Em primeiro lugar, havia a cidade literal construída de tijolo, pedra, madeira e outros materiais físicos. Essa passou e nunca mais será reconstruída ou habitada. Em segundo lugar, havia o poder civil que era também chamado de Babilónia e que também desapareceu. Por fim, havia o sistema de religião que ainda não desapareceu. Ele tem mudado de local, mas não houve alteração no carácter, objectivos, ou procedimentos. Hoje, encontrado em todos os países do globo, está a reunir forças na sua preparação para o conflito final durante o qual será conhecida como Babilónia, a Grande. Ela é a obra-prima das artes de engano de Satanás, o sistema pelo qual os homens, se posicionam como cabeça no lugar de Deus sobre os homens, tentando construir o reino de Deus à maneira do homem.

Deus pretende que quando lemos acerca de Babilónia nas Escrituras, vejamos o terceiro ponto, não os dois primeiros, excepto que, por um curto espaço de tempo, eles eram os meios de suporte para o sistema maligno. Se este princípio for aceite, não haverá dificuldade em identificar Babilónia em qualquer ponto da história da Terra. Também será reconhecido que é um erro assumir que o Eufrates significa os poderes que hoje vivem nas margens do rio. Deve ser dada atenção *ao que* era o rio, em vez de *onde* ele se encontrava, a fim de compreender o que o Eufrates é hoje.

A primeira menção do grande rio está em *Génesis*, onde é chamado como um dos quatro grandes rios da vida no Éden.

“E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços.

“O nome do primeiro é Pison; este é o que rodeia toda a terra de Havilá, onde há ouro.

“E o ouro dessa terra é bom; ali há o bdélio, e a pedra sardônica.

“E o nome do segundo rio é Gion; este é o que rodeia toda a terra de Cuxe.

“E o nome do terceiro rio é Tigre; este é o que vai para o lado oriental da Assíria; e o quarto rio é o Eufrates.” *Génesis* 2:10-14.

Este era o rio da vida que fluía através do Paraíso do mesmo modo como fluirá quando a Terra for restaurada à sua beleza e perfeição original. Era o sistema suporte da vida providenciado por Deus e nenhum outro devia o homem alguma vez procurar. Embora o jardim já não esteja na Terra, a santa cidade que é a igreja de Deus na Terra, devia ainda ser construída sobre esse rio. Ele não pode fazer isto literalmente, porque esta é uma edificação espiritual não confinada ao espaço no interior de paredes de tijolo e cimento. Construir dessa maneira requer que a igreja mantenha uma contínua confiança no poder de Deus para seu suporte, enquanto fielmente resiste à tentação de confiar mais e mais nos dons vindos do Dador e cada vez menos no Dador em si mesmo.

Até agora na história da humanidade, nenhum movimento chamado por Deus sobreviveu à pressão de se desviar para a apostasia. A auto-suficiência tem tomado o lugar da confiança no poder divino até a situação se deteriorar ao ponto que a igreja compreende que perdeu o poder de Deus, e não mais tem a capacidade de realizar as tarefas que lhe foram destinadas. É neste ponto que os dirigentes do movimento procuram outro poder para substituir aquele que foi perdido, em vez de estarem convictos que devem voltar ao Senhor com arrependimento e contrição. Números e dinheiro tornam-se mais importantes do que a presença do Espírito Santo. A.T. Jones reconheceu o desenvolvimento deste processo no levantamento de Babilónia nos anos que levaram à Idade das Trevas.

“A igreja estava plenamente consciente da sua perda do poder de Deus antes de procurar o poder do Estado. Se não fosse assim, nunca teria feito qualquer incursão à autoridade imperial, nem teria recebido com favor quaisquer avanços seus. Há um poder que pertence ao evangelho de Cristo e é inseparável da verdade do evangelho; isto é, o poder de Deus. De facto, o evangelho não é mais do que a manifestação desse poder; porque o evangelho ‘é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê.’ Portanto, enquanto qualquer ordem ou organização de pessoas que professe o evangelho de Cristo mantiver em sinceridade o princípio desse evangelho, o poder de Deus estará com eles e não terão necessidade de qualquer outro poder para fazer com que a sua influência seja sentida para o bem

onde quer que sejam conhecidos. Mas assim que qualquer pessoa ou organização que professe o evangelho perca o seu *espírito*, também o *poder* desapareceu. Então, e somente então, essa organização procurará outro tipo de poder para substituir aquele que foi perdido.

“Assim aconteceu com a igreja deste tempo. Ela caiu, caiu deploravelmente, da *pureza* e da *verdade*, e, portanto, do *poder* do evangelho. E tendo perdido o poder de Deus e da divindade, avidamente procurou o poder do Estado e da impiedade. E assegurar leis pelas quais pudesse impor as suas disciplinas e dogmas sobre aqueles sobre quem perdeu o poder tanto para convencer como persuadir, foi o claro propósito que o bispado tinha em vista quando fez aquele acordo com Constantino, e emprestou-lhe a influência da igreja nas suas aspirações imperiais.” *Great Empires of Prophecy*, 472.

O povo da poderosa Babilónia que se situava ao lado do Eufrates no tempo de Daniel tinha chegado onde chegaram devido aos mesmos procedimentos. Era um povo apóstata que há muito tinha cortado todas as ligações com o Altíssimo. Tendo perdido o poder vivo que está no evangelho de Jesus Cristo, voltaram-se para o uso errado dos poderes no homem e do dinheiro. O que necessita ser avaliado é que, apesar de não o compreenderem, a escolha de um local para a sua cidade era uma declaração muito significativa do que eles tinham feito e onde estava fundada a sua confiança. Se tivessem vivido antes do dilúvio e construído a sua cidade no Eufrates original tal como ele corria no curso indicado por Deus, teria sido uma declaração que viviam na dependência do poder de Deus e trabalhavam de acordo com os Seus procedimentos. Poderia ter sido um falso testemunho, mas mesmo assim teria sido pelo menos uma profissão da verdade. Contudo, quando construíram a sua capital no outro Eufrates, estavam a dizer com verdade e exactidão que confiavam nos dons do Dador em vez de confiarem no próprio Dador.

Para eles, o Eufrates era *em si mesmo* o rio da vida, não uma bênção que dependia da Altíssima Fonte para o sustentar. Ele corria com infalível certeza através da cidade, proporcionando-lhes colheitas com um suficiente suprimento de água que aparentemente lhes garantia uma vida perpétua. Os inimigos podiam cercar a cidade indefinidamente, mas não podiam submetê-los através da fome. Tinham suficiente terra extremamente fértil dentro dos muros para dar comida para eles e para os animais para sempre. Eram tão auto-suficientes que não precisavam de nada do resto do mundo para os manter — desde que se mantivesse a corrente do rio. Legitimamente teriam olhado para Deus com profunda gratidão por lhes ter dado este suprimento de água sustentadora da vida, mas pensavam apenas na própria corrente. A ideia que ela se secaria nunca lhes passou pela cabeça, por isso desafiaram o Céu e a Terra a desapossá-los dos seus direitos.

Para os babilónios, esse rio era altamente simbólico. Embora não o pudessem ter compreendido conscientemente, ele representava a sua dependência naqueles poderes a que a igreja recorre quando perde o poder de Deus e hoje tem o mesmo significado. Desde essa altura até agora, onde quer que o sistema de Babilónia opere, assim tem feito por causa do suporte que lhe é dado em termos do poder do dinheiro e poder das pessoas. Enquanto isto não secar, Babilónia dominará a raça humana e desafiará o Deus do Céu. Isto continuará até ao dia fatal em que o povo, tendo aberto os olhos, retirará o seu suporte pessoal e financeiro. Então essa grande e terrível cidade cairá para nunca mais se levantar.

Esta interpretação do símbolo, “o grande rio Eufrates”, pode ser aplicada com consistência sempre que o rio é mencionado nas Escrituras. Nenhuma tentativa será feita aqui para examinar todas as referências escriturísticas a este importante rio, porque a primeira preocupação é compreender a mensagem de *Apocalipse* 16:12-16.

A primeira referência ao rio Eufrates no Novo Testamento encontra-se na mensagem da sexta trombeta. “E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus,

“A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: ‘Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates.’” *Apocalipse* 9:13, 14.

Uma interpretação tipicamente geográfica destes versículos é a seguinte: “Os quatro anjos. Estes são os quatro principais sultanatos de que se compunha o Império Otomano, localizados nas terras banhadas pelo grande rio Eufrates. Estes sultanatos estavam situados em Alepo, Icônio, Damasco e

Bagdá. Anteriormente tinham estado retidos, mas agora Deus mandou, e foram soltos.” *Daniel e Apocalipse*, 322, por Uriah Smith, ed. 2014, Publicadora Atlântico.

Esta interpretação parece tão óbvia que as pessoas em geral aceitam-na sem questionar, mas ela não pode estar correcta, porque é baseada no princípio em que onde estais determina quem sois. Nenhuma consideração é dada ao que era o rio para a Babilónia antiga como a indicação daquilo que procurar na aplicação antitípica. Muitas pessoas sentiriam que estão limitadas a esta interpretação quer queiram quer não, porque parece não haver alternativa.

Todavia, se esta interpretação baseada no local geográfico é em princípio falsa, tem que haver uma correcta explicação alternativa do rio simbólico.

Onde estiver Babilónia, aí tem que estar o rio, porque a cidade e as águas que a suportam nunca serão separados até que venha a derradeira seca e queda de Babilónia. Na procura do Eufrates, a primeira tarefa é identificar a Babilónia dessa época. Será então fácil reconhecer o Eufrates. Onde, então, estava esta grande cidade de apostasia nos dias da sexta trombeta que foi antes de 1840? Esta pergunta admite apenas uma resposta – no papado! Embora os mesmos princípios de operação sejam encontrados no sistema islâmico, não é chamado por Babilónia, mas ateísmo.

Uma vez identificada Babilónia, temos apenas que perguntar quem eram as pessoas e onde estava o suporte financeiro que a suportava, a fim de saber onde estava o Eufrates nessa altura. Esta é uma questão simples de determinar. Ela sentava-se em Roma, rodeada por todos os lados por um vasto mar de pessoas que lhe davam apoio e protecção. Para lá das margens orientais deste grande rio, os exércitos maometanos impacientemente esperavam a sua hora, mas não podiam avançar por causa dos quatro anjos que estavam junto ao grande rio firmemente segurando os quatro ventos da contenda e impedindo desse modo o avanço islâmico. Contudo, chegou a altura em que aqueles anjos foram libertados e a grande carnificina contra Roma começou.

É digno de nota que, nesta altura, a profecia não indicava que a água secava e Babilónia cairia, porque isto não aconteceu. As águas recuaram, em alguns lugares para longe, mas havia um amplo suporte deixado a Roma para assegurar a sua continuação. Mais tarde, ela devia receber a chaga tão mortal que os poderes da Terra considerariam que os seus dias tinham terminado, mas ela está a levantar-se de novo na preparação da sua última tentativa para usurpar a posição de Deus.

Estes princípios indicam que Babilónia sofre duas quedas sucessivas. A primeira é espiritual e a segunda é material e física. Um exemplo disto é dado na história da antiga Babilónia. No tempo em que Nabucodonosor chegou à sua posição de domínio do mundo, a nação já tinha sofrido a queda espiritual e estava alinhada com os inimigos de Deus e destruidores do Seu povo. A queda material e física chegou no tempo de Belsazar, quando os medos e os persas tomaram de assalto a cidade depois de terem encontrado acesso pelo leito do rio.

Semelhantemente, em 1844, em consequência da rejeição do evangelho que foi enviado pelo primeiro anjo, as igrejas denominacionais experimentaram uma queda espiritual. Isto foi um antítipo da seca do rio da vida que corre do trono de Deus directamente para o Seu povo. Está perto o tempo como predito em *Apocalipse* 16:12-16, em que o grande rio Eufrates secará quando o suporte de toda a humanidade for retirado ao papado e então ela sofrerá a segunda e última queda. Cairá para nunca mais se levantar.

A forma como a antiga Babilónia caiu é uma ilustração exacta da queda da moderna Babilónia. As Escrituras em *Apocalipse* descrevem a última, exactamente como descrevem a primeira. Em ambos os casos, a seca do grande rio faz cair a cidade depois do que ela nunca mais se levanta.

A história da queda da antiga Babilónia é bem conhecida. Perante as notícias do avanço do rei Ciro contra a sua capital, os babilónios fecharam a cidade aos medo-persas. Completamente confiantes de que estavam seguros na sua fortaleza, reuniram-se para uma enorme festa, inconscientes de que Ciro estava a executar um plano que provar-se-ia completamente vitorioso. Ele ordenou aos seus homens que desviassem o rio para uma enorme depressão que tinham cavado para esse efeito. Quando as águas baixaram o suficiente, os soldados atravessaram por debaixo dos muros. Uma vez no interior,

verificaram que as portas do rio não tinham sido fechadas e foram capazes de executar a queda da cidade numa única noite.

Esta foi a seca do rio Eufrates que preparou o caminho para Ciro, o rei do oriente. Assim será nos últimos dias. O grande rio Eufrates tem que secar "... E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente." *Apocalipse* 16:12.

Não há dúvida quanto a quem era o rei do oriente no tempo de Belsazar, mas quem é o seu paralelo nos últimos dias?

A resposta não é difícil de encontrar. Tal como Ciro foi aquele que venceu o rei de Babilónia, assim o seu paralelo nos últimos dias tem que ser aquele que obterá a vitória sobre a mística Babilónia, a Grande. Tudo o que tem que se perguntar então é: Quem é o poderoso rei que nos últimos dias ganhará a vitória sobre Babilónia, a Grande?

Uma coisa certa é que ele não será um dos reis cujo domínio se situa geograficamente a oriente do rio Eufrates, porque todos eles, juntamente com todos os outros reis da Terra, estarão apoiando Babilónia, a Grande. Esta verdade é claramente salientada em *Apocalipse* 17:12-14:

"E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a besta.

"Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta."

"Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, e eleitos, e fiéis."

Os dez reis referidos aqui não estão limitados a qualquer parte do mundo como a Europa, como tantos supõem. Esta é uma confederação mundial da apostasia. Não há uma única nação na Terra que não tome parte nela como é confirmado pelas palavras seguintes:

"Estes têm um mesmo intento' haverá uma união universal, uma grande harmonia, uma confederação das forças de Satanás. 'e entregarão o seu poder e autoridade à besta.'

"Na guerra que se travará nos últimos dias estarão unidos, em oposição a Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da aliança à lei de Jeová." *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983.

Mesmo se a mais poderosa nação na Terra estivesse em oposição ao papado em vez de o apoiar, não teria a capacidade de vencer Babilónia, a Grande. Há apenas um que o pode fazer – Jesus Cristo, o vitorioso Rei conquistador. "o Cordeiro os vencerá..." *Apocalipse* 17:14. Portanto, Ele é o rei do oriente cujo caminho é preparado pela seca do grande rio Eufrates. Os outros reis que estão com Ele são aqueles remidos que já estão no Céu onde foram feitos "... reis e sacerdotes para Deus e seu Pai..." *Apocalipse* 1:6.

O rei Ciro, no seu papel de vencedor de Babilónia, é um tipo específico da obra de Cristo como vencedor final de Babilónia, a Grande. Alguns podem pôr isto em causa devido ao facto que Ciro não era um cristão, nem, tanto quanto saibamos, alguma vez se tornasse. Houve pelo menos uma ocasião em que este rei foi "...constrangido a reconhecer o seu [de Daniel] Deus como 'o Deus vivo e para sempre permanente, e o Seu reino não se pode destruir.'" {PR 277}, *Profetas e Reis*, 545. Mas, isto não prova que houve uma verdadeira conversão, porque muitas pessoas têm sido obrigadas a admitir que o Altíssimo é o Deus dos deuses, sem ter sido convertidas.

Contudo, ele foi um tipo de Cristo numa forma limitada. Ele "... fora chamado ao trono do império do mundo a fim de libertar os cativos do Senhor..." {DTN 24}, *O Desejado de Todas as Nações*, 44.

A verdade é que o nosso vindouro Salvador é o único que podia cumprir, a respeito da queda da moderna Babilónia, as palavras ditas acerca de Ciro, o ungido do Senhor, que foi especificamente mencionado pelo nome muito tempo antes de ter nascido. Através do Seu servo, o profeta Isaías, mais de cento e setenta anos antes do acontecimento ter lugar, Deus mencionou o rei Ciro pelo nome como o homem que lançaria a glória dos caldeus por terra, como está escrito:

"Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações diante de sua face, e descingir os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão." *Isaías* 45:1.

Estas palavras foram cumpridas à letra naquela fatídica noite em que o rei Ciro comandou os seus soldados por baixo dos muros de Babilónia, pelo leito do rio e através das portas do rio abertas para a cidade. Tivessem os embriagados guardas estado sóbrios e fiéis ao seu dever, as pesadas portas tinham sido fechadas e os persas não teriam outra alternativa senão marchar para fora antes do rio voltar ao seu nível normal. Porém, os guardas babilónios estavam tão confiantes que a cidade nunca cairia que descuidadamente deixaram as portas destrancadas e assim deixaram o caminho totalmente aberto para o rei Ciro e as suas tropas entrarem no coração da cidade. Tão grande foi a surpresa que os defensores de Babilónia foram lançados em grande confusão e a cidade caiu nessa mesma noite.

Outra vez, através de Isaías, Deus tinha ainda mais a dizer profeticamente de Ciro:

“Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a minha cidade, e soltará os meus cativos, não por preço nem por presente,” diz o Senhor dos Exércitos.” *Isaías* 45:13.

Estas palavras são exactamente a descrição da missão de Cristo, que, por causa da ilimitada e mais inteligente dedicação ao Seu Pai, as cumpriu a um nível de perfeição muito maior do que o alcançado por Ciro. Como de costume, o tipo reflecte apenas uma sombra de glória alcançada pelo Antítipo. Portanto, o Ser Eterno chamou Ciro em justiça e dirigiu todos os seus caminhos num sentido limitado ou qualificado, mas guiou Jesus num sentido mais completo e perfeito. A perfeição da resposta de Cristo à liderança de Seu Pai é revelada nestas palavras: “Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava dia a dia. Assim devemos nós confiar em Deus, para que nossa vida seja uma simples operação de Sua vontade.” {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 208.

Ele devia construir a cidade de Deus. Esta é a Nova Jerusalém, a capital do reino. A construção dessa cidade é a construção do reino de Deus, uma obra que apenas Cristo pode realizar. Através do rei persa, Deus alcançou isto numa forma limitada quando o rei pagão, movido pelo Espírito de Deus e a específica profecia escrita acerca dele, escreveu o primeiro decreto que permitia aos judeus regressarem e reconstruírem a cidade e o santuário. Mas esta foi a Jerusalém que está em baixo ao passo que nós estamos interessados na “... Jerusalém que é de cima,” a qual “é livre, e mãe de todos nós.” *Gálatas* 4:26. Esta é a cidade que o grande Libertador, Cristo Jesus, construirá e durará eternamente.

O rei persa permitiu aos judeus regressarem a Jerusalém sem impor qualquer tipo de resgate sobre eles. Não foi por preço ou galardão que ele os deixou ir. Este é um símbolo apropriado da obra de Cristo da libertação dos escravos do pecado e da morte sem qualquer exigência de que pagassem pelo serviço. A salvação é livre. Cristo é o único Campeão com a capacidade de efectuar esta libertação. Mesmo agora, Ele está a trabalhar à direita de Seu Pai para “... salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” *Hebreus* 7:25.

Nenhum outro além de Cristo Jesus responde ao tipo estabelecido nos serviços prestados a Deus pelo rei Ciro. Nenhum outro governante nestes últimos dias libertará o povo de Deus envolvendo a queda e destruição de Babilónia. Portanto, Cristo e os reis que O acompanham do Céu para testemunharem a completa e final derrota da Grande Babilónia, são os reis do oriente mencionados em *Apocalipse* 16:12. O seu caminho é preparado pela seca do rio Eufrates do moderno e antitípico rio Eufrates.

O quê, então, é correctamente identificado como sendo o grande rio Eufrates mencionado em *Apocalipse* 16? Para encontrar a resposta, façamos outra pergunta: quais são as forças sustentadoras de vida das quais Babilónia dependerá nos últimos dias? A resposta é: as pessoas e as riquezas desta Terra. Estes serão o seu suposto rio da vida, e, pelo tirar a máscara dos enganos de Satanás, este suporte humano e material secará completa e eternamente.

Há uma adequada confirmação disto em *O Grande Conflito*, 636. Esta página foi citada extensivamente no capítulo anterior para mostrar a relação entre o derramamento da quinta praga em que as trevas cobrem a Terra e a libertação final do povo de Deus. O que não estava localizado no último capítulo era onde a sexta praga teria lugar. É agora tempo para fazer isso.

No princípio da página 636 de *O Grande Conflito*, é feita referência à quinta praga – as trevas que cobrem toda a Terra. No final da mesma página, começa a descrição da sétima praga. Uma vez que



Em profecia bíblica, águas representam povos, seja o símbolo um rio ou mares. “Em seguida, declarou-me mais o anjo: ‘As águas que viste, sobre as quais se assenta a prostituta, são os povos, multidões, nações e línguas de toda a terra.’” *Apocalipse 17:15.* [KJA]. Portanto, Eufrates simboliza povos — as multidões que dão suporte a Babilônia.

todas as pragas foram mencionadas na sua ordem correcta e a sexta é altamente significativa para nós, ela tem que se encontrar na página 636 de *O Grande Conflito*, entre a quinta e a sétima praga.

Ali não estão escritas exactamente as palavras da Bíblia, mas ela está lá mesmo assim e todo o estudante da Bíblia que compreende o que procurar, encontrará a sexta praga precisamente onde ela pertence – entre a quinta e a sétima. Todos os que procuram uma seca literal das nações geograficamente localizadas ao longo do rio actual, não encontrarão vestígio da sexta praga nesta página em *O Grande Conflito*. Por outro lado, o estudante da Bíblia que compreende os correctos princípios de interpretação profética esperará encontrar a completa retirada do suporte de Babilónia dado até então pelas pessoas e pela riqueza, porque isto é o que a seca do rio simboliza.

É isto precisamente que está escrito aqui. À medida que o tempo da praga das trevas se aproxima, Babilónia é vista em total comando das multidões que, em obediência às suas ordens, estão a ponto de se lançarem sobre a sua presa para matar os crentes. Este é o ponto alto para Babilónia, a Grande. Nunca Satanás chegou tão perto de alcançar os seus objectivos. Somente segundos o separam da completa vitória, porque, se ele pudesse acabar com a existência dos santos neste ponto do tempo, “... o seu triunfo seria completo.” *O Grande Conflito*, 618. A Mãe das Prostitutas e Abominações da Terra sentir-se-á totalmente segura neste momento, como fez Belsazar naquela noite de festa precisamente antes dos medos e dos persas entrarem.

Mas, para aquela grande e ímpia cidade, o momento de aparente vitória foi o tempo da completa e eterna derrota. As impenetráveis trevas da quinta praga envolvem os ímpios, seguido pelo brilhante arco-íris que “... atravessa os céus, e parece cercar cada um dos grupos em oração.” *O Grande Conflito*, 636.

Chegou o tempo da sexta praga, a seca do grande rio e aqui está ela: “As multidões iradas subitamente se detêm. Silenciam seus gritos de zombaria. É esquecido o objeto de sua ira sanguinária. Com terríveis pressentimentos contemplam o símbolo da aliança de Deus, anelando pôr-se ao amparo de seu fulgor insuperável.” *O Grande Conflito*, 636.

Informação adicional do que acontece nesta altura é dada no capítulo seguinte, onde é declarado que o povo está tão completamente consciente dos enganamentos que Babilónia tem praticado sobre ele que lhe retira o seu apoio e em seguida volta-se contra ela e a destroem. “Quando a voz de Deus põe fim ao cativeiro de Seu povo, há um terrível despertar daqueles que tudo perderam no grande conflito da vida... O povo vê que foi iludido... As multidões estão cheias de furor. ‘Estamos perdidos!’ exclamam; ‘e vós sois a causa de nossa ruína’; e voltam-se contra os falsos pastores. Aqueles mesmos que mais os admiravam, pronunciarão as mais terríveis maldições sobre eles. As mesmas mãos que os coroavam de lauréis, levantar-se-ão para destruí-los. As espadas que deveriam matar o povo de Deus, são agora empregadas para exterminar os seus inimigos. Por toda parte há contenda e morticínio.” *O Grande Conflito*, 654-656.



“E os dez chifres que viste na besta são os que odiarão a prostituta, e a colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.

“Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma idéia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.” *Apocalipse* 17:16, 17.

O poderoso rio de pessoas que aparentemente corria como uma irresistível maré de apoio a Babilónia cessa e depois

inverte o sentido. O Eufrates está seco; a sexta praga caiu. As multidões da Terra retiraram o seu suporte e a sua aliança ao papado.

Tal como a seca do antigo rio Eufrates levou à destruição da antiga Babilónia, assim a seca do moderno rio Eufrates levará à destruição da moderna Babilónia. Então as multidões de todas as nações para quem a mãe das prostitutas olhará como um meio de ganhar ascendência sobre Deus e o Seu povo, serão em vez disso os seus executores.

Uma vez reconhecidos estes factos, será visto que a mensagem de *Apocalipse* 16:12 está em harmonia com a lei das primícias e as condições que devem ser estabelecidas antes do grande conflito poder terminar.

O fim da rebelião apenas pode ser alcançado quando as mentiras acerca do carácter de Deus tenham sido substituídas pela verdade.

Portanto, não pode haver colheita e nenhum segundo advento até as primícias terem feito a obra que lhes foi destinada.

Assim, o grande rio da humanidade que deu o ilimitado suporte a Babilónia deve secar antes de ser possível ao Rei dos reis aparecer nas nuvens do Céu.

Tudo isto é aquilo que o Céu está à espera, e, não importa o tempo que isso demore, o tempo tem que ser adiado até estas coisas acontecerem, o que nunca podem acontecer enquanto os filhos de Deus não tiverem alcançado um nível de perfeição requerido para dar uma perfeita revelação do carácter de Deus. Quando os verdadeiros filhos de Deus compreenderem completamente o que Deus pretende realizar através deles, trabalharão com maior inteligência, intensidade, diligência e fé, para chegarem ao padrão exigido.



A Luz Brilha

O ponto de tempo em que o carácter de Deus tem que ser revelado aos ímpios a fim de terminar a rebelião, será quando as trevas da apostasia alcançarem os limites. Nenhuma maior profundidade nem desenvolvimento de todas as maldosas disposições de Satanás são possíveis depois de se chegar a esse ponto. Os homens entregar-se-ão absolutamente ao mal e sem restrição como qualquer besta selvagem enfurecida na sua guerra contra o Céu.

Para penetrar esse tipo de trevas a verdade do Céu precisará de luz do mais extraordinário brilho, porque conhecemos bem o princípio que quanto mais próximo uma pessoa caminhe de Deus e mais ricamente esteja dotada com o Espírito Santo, melhor será capaz de ver coisas espirituais, ao passo que quanto mais longe de Deus uma pessoa caminhe, mais difícil será para Deus falar com ela. Chegará a um ponto de total separação de Deus para além do qual é impossível a luz penetrar as trevas através dos normais processos da pregação. Essa infeliz condição será alcançada muito tempo antes da revelação final do carácter de Deus lhes ter sido feita.

“Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” *1 Coríntios* 2:14.

Apesar destes factos, de alguma forma especial o Senhor será capaz de penetrar as trevas das excepcionais trevas que prevalecerão no final. É de grande valor para o crente compreender como isto é feito para que possa apreciar melhor a obra da preparação que tem à sua frente.

A revelação de como é feita esta penetração das abissais trevas que cobrirão as mentes dos ímpios, é dada por Jeová numa experiência que Cristo passou bastante cedo no Seu ministério — a ocasião em que Ele purificou o templo de Jerusalém pela primeira vez dos compradores e vendedores. A história é contada em *João* 2:13-17.

“E estava próxima a páscoa dos judeus, e Jesus subiu a Jerusalém.

“E achou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambiadores assentados.

“E tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas;

“E disse aos que vendiam pombos: ‘Tirai daqui estes, e não façais da casa de Meu Pai casa de venda.’”

“E os Seus discípulos lembraram-se do que está escrito: ‘O zelo da Tua casa me devorará.’”

Quando o Salvador entrou no pátio do templo, rapidamente se apercebeu do estado deplorável causado pelas actividades lucrativas dos comerciantes que estavam a vender ao público animais para os sacrifícios e dos cambiadores que estavam a trocar a moeda estrangeira pela moeda do templo a taxas que os favorecia grandemente. Estes homens não tinham qualquer preocupação quanto às dificuldades que estavam a causar aos que eram vítimas da sua extorsão, porque se tinham tornado endurecidos criminosos — sem escrúpulos, cruéis, avarentos e impiedosos. A normal transmissão de luz não chegava para penetrar as suas mentes endurecidas.

“Cristo viu que era necessário fazer alguma coisa. Numerosas eram as cerimônias exigidas do povo, sem a devida instrução quanto ao sentido das mesmas. Os adoradores ofereciam seus sacrifícios, sem compreender que eram símbolos do único Sacrifício perfeito. E entre eles, não reconhecido nem honrado, achava-Se Aquele a quem prefiguravam todos os seus cultos. Ele dera instruções quanto às ofertas. Compreendia-lhes o valor simbólico, e via que estavam agora pervertidas e mal interpretadas. O

culto espiritual estava desaparecendo rapidamente. Nenhum laço ligava os sacerdotes e principais ao seu Deus. A obra de Cristo era estabelecer um culto totalmente diverso.” {DTN 102}, *O Desejado de Todas as Nações*, 157.

Quando Cristo viu que algo tinha que ser feito, reconheceu a existência dum problema que exigia uma solução específica. Ele próprio não procurou formular a solução, pois sabia que esta era responsabilidade do Seu Pai. Nos minutos que se seguiram, Jeová respondeu às orações da fé de Cristo da maneira mais maravilhosa.

Sob as orientações do Pai, Jesus mostrou firmeza perante o povo. Através d’Ele Jeová transmitiu tão poderosamente um raio de luz que todos na sala se tornaram conscientes da Sua presença e deram-Lhe absoluta atenção.

“Silencia o tumulto. O som do tráfico e dos ajustes cessa. O silêncio torna-se penoso. Apodera-se da assembléia um sentimento de respeito. É como se estivessem citados perante o tribunal de Deus, para responder por seus atos. Olhando para Cristo, vêem a divindade irradiando através do invólucro humano. A Majestade do Céu está como o Juiz há de estar no derradeiro dia — não circundado agora da glória que O acompanhará então, mas com o mesmo poder de ler a alma. Seu olhar percorre rapidamente a multidão, abrangendo cada indivíduo. Seu vulto parece elevar-se acima deles, em imponente dignidade, e uma luz divina ilumina-Lhe o semblante. Fala, e Sua clara, retumbante voz — a mesma que, do Sinai, proclamara a lei que sacerdotes e principais ora transgridem — ouve-se ecoar através das arcadas do templo: ‘Tirai daqui estes, e não façais da casa de Meu Pai casa de venda.’” {DTN 102}, *O Desejado de Todas as Nações*, 157, 158.

Quando Jesus avançou sobre aqueles que estavam a profanar os lugares santos, tentaram fugir perante Ele completamente aterrorizados. Em momentos, o templo ficou deserto excepto das preciosas almas necessitadas que encontraram suave conforto e alívio na restauradora presença do Salvador. Foi a primeira vez que o edifício ficou em silêncio e em paz em muitos anos.

O tipo de homens que fugiram de Cristo nesse dia tinham apostatado da verdadeira religião e como tal, eram incapazes de perceber e apreciar as coisas espirituais. Eram homens impiedosos que não permitiam a interferência do que quer que fosse entre eles e a aquisição dos seus mal adquiridos lucros e não estavam dispostos a obedecer aos ditames de qualquer estranho que pudesse ordenar-lhes que abandonassem o seu lugar de lucro. Geralmente falando, seria preciso um pequeno exército ou significativa força policial para os desalojar, contudo fugiram perante um único homem.

“E por que fugiam do templo os sacerdotes? Por que não defenderam sua posição? Aquele que lhes ordenava que se fossem era o filho de um carpinteiro, um pobre galileu, sem posição nem poder terrestre. Por que Lhe não resistiram? Por que deixaram o tão mal-adquirido ganho, e fugiram ao mando de uma pessoa de tão humilde aparência?” {DTN 104}, *O Desejado de Todas as Nações*, 162.

Esta é a pergunta. Aqui está a resposta:

“Cristo falava com a autoridade de um rei, e em Seu aspecto, e no tom de Sua voz havia alguma coisa a que eles não podiam resistir. À voz de comando compreenderam, como nunca dantes, sua verdadeira posição de hipócritas e roubadores. Quando a divindade irradiou através da humanidade, não viram apenas indignação na fisionomia de Cristo; perceberam o significado de Suas palavras. Sentiram-se como perante o trono do eterno Juiz, tendo sobre si Sua sentença para este século e a eternidade. Por algum tempo, ficaram convencidos de que Cristo era profeta; e muitos acreditaram ser o Messias. O Espírito Santo, como num relâmpago, lhes fez acudir à mente palavras dos profetas com respeito a Cristo. Render-se-iam a esta convicção?” {DTN 104}, *O Desejado de Todas as Nações*, 162.

Aqui está um exemplo onde as coisas espirituais foram discernidas pelos que não tinham mente espiritual. Isto não contradiz a verdade expressa em *1 Coríntios*, porque isto está a referir-se a uma situação diferente. Quando o Senhor deseja falar a uma pessoa directamente através do ministério de Seu Espírito Santo, essa pessoa tem que ter em si mesma alguma capacidade para discernir coisas espiritualmente. Apóstatas endurecidos não têm esta capacidade e é portanto impossível para eles receberem iluminação espiritual em circunstâncias normais. Todavia, se o Senhor tiver ao Seu serviço



Quando a luz divina brilhou através da humanidade de Cristo, não era uma luz física visível que podia ser vista pelos olhos humanos. Foi um relâmpago de luz celestial que penetrou as trevas espirituais em que os judeus estavam sepultados, tal como os relâmpagos atravessam a escuridão dos céus tempestuosos e penetram a sua escuridão mais profunda.

um instrumento de poder prático através de quem possa transmitir luz, é então possível Ele penetrar as trevas que envolvem a mente apóstata e produzir poderosas convicções na pessoa.

Este facto é demonstrado no incidente do templo. Cristo foi o instrumento de Deus nessa ocasião. Uma vez que Ele era puro e imaculado e caminhava na luz da presença de Deus, era tudo o que Deus necessitava nessa altura. No momento apropriado, Jeová transmitiu a Sua intensa luz brilhante através de Cristo. Isto é chamado fazer brilhar a divindade através da humanidade. Ela penetrou através das trevas, orgulho, arrogância, insolência e rebelião das pessoas para lhes dar uma verdadeira visão de si próprias. “À voz de comando compreenderam, como nunca dantes, sua verdadeira posição de hipócritas e roubadores.... perceberam o significado de Suas palavras.”

A compreensão foi tão vívida e assustadora que não puderam permanecer na presença de Cristo. Mas este brilhante relâmpago de luz que tão eficazmente penetrou as trevas que os encobriam, não brilhou constante e automaticamente, como é evidente do facto que quando chegaram ao fim da sua fuga e regressaram ao templo, foram capazes de estar na Sua presença e falar mesmo com Ele, apesar da sua continuada falta de arrependimento.

Tal como o Altíssimo necessitava de um instrumento eficaz através de quem fazer brilhar a Sua luz naquele caso, assim Ele necessitará do mais elevado nível de perfeição nos cento e quarenta e quatro mil a fim de alcançar o Seu propósito na seca do grande rio Eufrates nos últimos dias. Quando alguém considera a missão do quinto anjo nesta luz, começa a apreciar o nível de perfeição a que eles têm de chegar e o esforço que custará levá-los a isso. A pureza e excelência do carácter exigido, não será alcançado num dia, ou por um só ministro. Cristo sentar-se-á como o Refinador e Purificador da prata através de uma série de programas de purificação antes do Seu povo estar pronto para esta obra final. Quando Ele tiver acabado a Sua obra, a Sua imagem reflectir-se-á com um completo fulgor através dos Seus escolhidos e então a obra será terminada.

Já, no capítulo 9, esta progressiva obra de purificação em que Cristo está ocupado como Refinador e Purificador, foi descrita através do ministério dos lugares santo e santíssimo. Foi visto que, no fim do clamor da meia-noite em 1844, os crentes tinham sido levados a um nível muito elevado de desenvolvimento de pureza e carácter. Isto foi suficiente para os qualificar para a morte e ressurreição, mas não para a trasladação.

Para os elevar do nível a que tinham chegado, à preparação para a trasladação, Jesus entrou no lugar santíssimo do santuário celestial a fim de continuar a Sua obra de refinação e purificação. As fases finais do ministério do lugar santíssimo serão marcadas pelo derramamento da chuva serôdia que desenvolverá naqueles que verdadeiramente a recebem, a perfeita reprodução de Cristo. Quando esta obra estiver completa, os filhos de Deus estarão prontos para a trasladação, porque a chuva serôdia levá-los-á à finalização da obra da graça de Deus na alma.

Uma vez alcançada a preparação para a trasladação em todos os crentes e os ímpios haverem recebido a marca e o número da besta, selando a rejeição da misericórdia de Deus, esperar-se-ia que o Altíssimo trasladasse imediatamente os Seus filhos da Terra para o Céu. Sabemos que Ele não tem desejo de nos ver agonizar neste mundo de pecado um momento mais do que é preciso. Portanto, é-nos assegurado que Ele terminará a nossa jornada aqui tão cedo quanto possível, o que temos a tendência para crer que é no final da provação quando a preparação para a trasladação tiver sido alcançada. Contudo, embora seja verdade que o Altíssimo nos vá retirar desta Terra o mais cedo possível, esse ponto de tempo não será no final da provação, mas depois do final da angústia de Jacó.

Se esse é o ponto mais cedo para a trasladação poder ter lugar, deve haver uma clara razão para isso. Deve-se a uma obra a realizar antes da qual não pode haver trasladação para quem quer que seja. Essa obra, à qual já foi dado ênfase, é a penetração das incríveis trevas e cegueira mental na qual os ímpios mergulharam nessa altura. Nunca houve na história humana um ponto em que a condição dos ímpios tenha sido tão pior, ou a tarefa de convencer os seres humanos mais difícil.

A única maneira pela qual isso pode ser feito é pelo irromper da divindade através dos instrumentos humanos santificados exactamente como a divindade de Deus irrompeu através da humanidade de Cristo no pátio do templo e assim trouxe àqueles homens maus uma ilustração de si mesmos. Para que

Deus tenha sucesso nesta obra vital, Ele tem que ter agentes humanos que tenham um grau de pureza e purificação necessário para permitir a erupção da corrente de luz divina para eles sem qualquer obstáculo. É evidente que, apesar dos 144.000 terem atingido a preparação para a trasladação quando a chuva serôdia cair, ainda não têm a perfeição que os qualificará para o último ministério de expor os ímpios e si próprios.

Se eles tivessem alcançado isto, então por que se seguiria mais uma obra de purificação depois do fim da chuva serôdia, do fim da provação e do selamento dos santos? Por que são os ímpios levados ao ponto de verem e admitirem a perfeição de Deus e das Suas leis por um lado e a terrível natureza da sua própria rejeição por outro, somente depois de obra adicional ter sido realizada?

Mesmo apesar d'Ele ter deixado o lugar santíssimo e a obra da purificação do pecado na qual esteve ocupado ter finalizado, a obra de Cristo como o Refinador e Purificador não terminou. Ela simplesmente continua até à fase em que será tão vital para a finalização da obra como a que já terá sido realizada nessa altura. Que haverá essa obra a ser realizada depois da porta da graça ter fechado é tornado claro no seguinte testemunho que descreve acontecimentos que acontecerão durante a angústia de Jacó *depois* do fim da provação:

“A história de Jacó é também uma segurança de que Deus não rejeitará os que forem enganados, tentados e arrastados ao pecado, mas voltaram a Ele com verdadeiro arrependimento. Enquanto Satanás procura destruir esta classe, Deus enviará Seus anjos para a animar e proteger, no tempo de perigo. Os assaltos de Satanás são cruéis e decididos, seus enganos, terríveis; mas os olhos do Senhor estão sobre o Seu povo, e Seu ouvido escuta-lhes os clamores. Sua aflição é grande, as chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los; mas Aquele que os refina e purifica, os apresentará como ouro provado no fogo. O amor de Deus para com os Seus filhos durante o período de sua mais intensa prova, é tão forte e terno como nos dias de sua mais radiante prosperidade; mas é necessário passarem pela fornalha de fogo; sua natureza terrena deve ser consumida para que a imagem de Cristo possa refletir-se perfeitamente.” *O Grande Conflito*, 621.

Este parágrafo descreve a angústia de Jacó como sendo o “período de sua mais *intensa* prova”. Estas palavras são inadequadas para descrever a severa prova através da qual eles serão obrigados a passar. Somente os que passarão por ela saberão alguma vez quão mau ela será. Antes deste tempo, nada ainda que remotamente se assemelhou a ela porque jamais se experimentou a severidade sofrida por eles ou qualquer dos filhos de Deus.

Isto significa que aqueles que passam por esta purificação final alcançarão um nível de pureza e maturidade de perfeição desconhecida de qualquer outro grupo de pessoas em todo o Universo. Há uma clara relação entre a severidade da prova e a qualidade da perfeição atingida, desde que a pessoa resista ao teste com sucesso. Pequenas provas pacientemente suportadas resultarão em pequenas purificações e num menor desenvolvimento de carácter. Provas mais severas aumentarão o resultado, ao passo que as mais severas dificuldades produzirão o melhor de todos os caracteres. Consequentemente, aqueles que são sujeitos a esta aprendizagem final em que as chamas purificadoras arderão com maior calor do que em qualquer outro tempo ou lugar na história, emergirão com um desenvolvimento de carácter e uma perfeição jamais alcançado por qualquer outro.

Esta é uma oportunidade muito especial atingível apenas durante este curto período de tempo. Nunca esteve acessível no passado, nem estará depois no futuro. Não foi concedido a qualquer anjo não caído ou ser criado sem pecado no Universo. Somente aqueles que se qualificam, que moram na pecaminosa, caída, carne e sangue mortal, receberam o benefício completo da chuva serôdia, se tornaram aptos para a trasladação e passam vivos através da angústia de Jacó. Ninguém mais precisa pedir, porque nenhuma concessão pode ser feita a alguém a respeito destes pedidos.

Quando começamos a compreender estas incríveis alturas a que o Senhor levará este altamente privilegiado grupo de pessoas, seremos nós capazes de entender a razão pela qual os 144.000 deverão ser sacerdotes e reis muito especiais. Então será verdadeiramente compreendido o motivo de cantarem um hino que ninguém mais pode aprender como está escrito:



Quando os santos estiverem reunidos no lar na terra onde as flores nunca murcharão, os cento e quarenta e quatro mil cantarão um cântico que ninguém pode aprender. Será um cântico de uma experiência singular pessoal.

“E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra.” *Apocalipse* 14:3.

“É o hino de Moisés e do Cordeiro — hino de livramento. Ninguém, a não ser os cento e quarenta e quatro mil, pode aprender aquele canto, pois é o de sua experiência — e nunca ninguém teve experiência semelhante.” *O Grande Conflito*, 649.

A fim de ter essa experiência e assim ser capaz de cantar esse hino, uma pessoa tem que ser aluna na escola que estará aberta apenas durante este curto período de tempo na eternidade. Em nenhuma outra altura na eternidade passada esteve essa escola aberta, nem estará no futuro. Portanto, os 144.000, o único grupo que jamais estará numa posição de frequentar esta escola muito, muito especial, terá a experiência única referida em *Apocalipse* 14:3 e será capaz de cantar este maravilhoso cântico o qual os restantes de nós ouvirão em arrebatador silêncio.

Estes factos demonstram que é um erro supor que todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo desde 1844, juntamente com os que ainda estiverem vivos na Terra durante a angústia de Jacó, farão parte dos 144.000. Nenhum dos fiéis que morreu desde que o primeiro anjo começou a soar terá uma experiência desconhecida dos crentes do passado. Nenhum deles tem a menor ideia daquilo que os 144.000 passarão, por isso será impossível cantarem acerca desta experiência única.

Esta educação especial e a sua resultante excelência de carácter não é imposta aos filhos de Deus sem uma razão muito boa. Está escrito que é “... *necessário* passarem pela fornalha de fogo; sua natureza terrena *deve* ser consumida para que a imagem de Cristo possa refletir-se perfeitamente.” *O Grande Conflito*, 621.

Por que é isto é necessário?

Não é para remoção do pecado, porque, de todos os que se qualificaram para a trasladação e um lugar na especial escola finalizadora, todo o pecado foi removido. Não é preciso qualquer purificação posterior nesta área. Nem a escola especial é necessária para os preparar para a trasladação, porque a chuva serôdia fez essa obra.

Porquê então é essa agonizante experiência tão necessária?

É assim para que a sua natureza terrena seja removida e eles possam reflectir a imagem de Jesus perfeitamente. Quando isto estiver realizado, eles serão instrumentos polidos através de quem o Senhor fará irromper a Sua divindade e assim finalizar o grande conflito.

Então, o que é esta natureza terrena se não é o pecado?

O *Index to the Writings of E.G. White* lista apenas uma outra referência usando esta palavra.

Ela lê-se do seguinte modo:

“Se nas ofensas revelardes mansidão e vos apartardes de todas as coisas vis da Terra, dareis a prova de que Cristo habita em vós, e com cada pensamento, palavra e acto atraireis os homens para Jesus e não para vós mesmos.” [Vede *Testemunhos para a Igreja* 5:597.]

O contexto desta frase chama o leitor ao crescimento da varonilidade cristã, fugindo da infantil satisfação própria. Ele avisa-nos que nunca virá um tempo, deste lado do céu, em que não haverá batalhas a travar contra a tendência da carne para desculpar o vício e negar a virtude. Devemos olhar para Jesus como nosso perfeito Exemplo da luta cristã.

A humanidade pecadora, caída e mortal está repleta da disposição de optar pelo caminho fácil da satisfação própria. Há a sempre presente e muito poderosa tendência para procurar o visível suporte tangível em vez de confiar naquilo que não pode ser visto e palpável. A humanidade apenas se sente segura quando pode ver um firme, confiante rendimento aumentando a visível base material, mas tem medo do diário suprimento de Deus para as necessidades quando chega cada dia. Demasiadas vezes isto confronta o crente com a ordem de alimentar a multidão quando, na sua mão, está o totalmente insuficiente suprimento de dois peixes pequenos e cinco pães. É uma situação desanimadora tão desastrosa para as nossas naturezas humanas, que, a menos que o crente seja forte na fé, com certeza abandonará os caminhos de Deus em favor das suas próprias obras.

A mensagem para entrar no repouso do sábado de Deus é muito escriturística, maravilhosa, prática e vitoriosa. Contudo, vivê-la quando graves dificuldades assaltam, uma solução urgente é imperativa e o Senhor parece ter esquecido que é o Solucionador de problemas, é uma prova extremamente difícil. Sob este tipo de pressão, a pessoa descobre se de facto tem a fé de Jesus e a paciência dos santos. À medida que se sente poderosamente tentada a tomar a obra nas suas próprias mãos, não tem nada para onde se voltar senão para as coisas terrestres, o único recurso que os homens sem Deus jamais conhecem ou podem usar. Esta inclinação no homem é a sua natureza terrena. Esta disposição está sempre presente na humanidade e leva ao pecado se a pessoa se render a ela.

Quando o primeiro pecado apareceu no Céu, foi a manifestação deste problema. Em vez de confiar em Deus como Solucionador de problemas, Lúcifer voltou-se para as suas próprias obras para encontrar respostas para as suas dificuldades. Desde então, movimentos têm falhado repetidamente por causa de terem mais fé naquilo que podem ver e fazer do que tinham no Soberano do Universo. A última luta entre os poderes da justiça e do mal será acerca deste princípio, e o último movimento do povo de Deus será fiel à Cabeça divina onde todos os outros falharam. Mas, será preciso uma notável purificação antes da vitória final ser alcançada.

“O tempo de angústia é o cadinho que produzirá caracteres à semelhança de Cristo. Designa-se a levar o povo de Deus a renunciar a Satanás e suas tentações. O último conflito revelar-lhes-á Satanás em seu verdadeiro caráter, o de um tirano cruel, e fará por eles o que coisa alguma poderia realizar, erradicá-lo das afeições deles. Pois amar e nutrir o pecado, é amar e nutrir seu autor, aquele inimigo mortal de Cristo. Quando eles desculpam o pecado e se apegam à perversidade de caráter, dão a Satanás um lugar em suas afeições, e rendem-lhe homenagem.” *Nossa Alta Vocação*, 319. Vede também *The Review and Herald*, 12 de Agosto de 1884.

Assim os últimos traços de simpatia para com Satanás serão apagados dos próprios seres dos 144.000, como nunca foi alcançado por alguém do povo de Deus no passado. Isto é assim porque está escrito que o último conflito fará por eles “... o que coisa alguma poderia realizar, erradicá-lo completamente das afeições deles.” Se é preciso isso para livrar os 144.000 dos últimos traços de simpatia para com Satanás, que é a natureza terrena que procura libertação em invenções humanas, então todos os santos do passado que não foram purificados num tempo de angústia equivalente, não podiam ter experimentado uma semelhante separação total deste mal.

Isto seria verdade mesmo para aqueles que foram trasladados para o Céu como foram Enoque e Elias, ou ressuscitaram e levados para lá como Moisés. Alguns podem perguntar imediatamente como podiam eles ser levados para o puro e imaculado Céu onde Deus habita, se não tivessem sido totalmente limpos desta natureza terrena, esta medida de simpatia para com Satanás.

Isto é uma prova clara de que a sua admissão no Céu sob estas circunstâncias foi inteiramente possível e justa. A evidência para suportar isto está no facto que os anjos de Deus que não se enganaram com Satanás, ainda retiveram uma considerável simpatia não apenas pelo inimigo mas com o inimigo precisamente até à cruz. O diabo tinha implantado nas suas mentes algumas dúvidas graves a respeito do carácter de Deus e da rectidão e justiça do Seu governo. E não foi senão quando viram o desmascarado mal do pecado e Satanás no seu pior em contraste com Cristo e Sua justiça no seu melhor brilho, que se romperam “os últimos laços de simpatia entre Satanás e o mundo celestial.” {DTN 539}, *O Desejado de Todas as Nações*, 761.

Se a presença daqueles laços não fizeram com que aqueles anjos fossem postos fora do Céu, então a sua presença em Enoque, Moisés e Elias não os podiam afastar também. Para os anjos, esses maravilhosos homens teriam sido libertados dos últimos traços de simpatia por Satanás quando contemplaram a cruz e tudo aquilo que puderam ver do que está revelado acerca do carácter do bem e do carácter do mal.

Isto significa que todo o crente em Jesus que foi colocado na sepultura, não foi libertado do último traço de simpatia para com Satanás e será ressuscitado e levado para o Céu exactamente como foi para a sepultura. Todavia, não será assim quando o grande conflito estiver por fim acabado e o carácter de Deus estiver completamente justificado. Quando as últimas cenas se desenrolarem à volta da santa

cidade, toda a questão entre verdade e erro terá sido clarificada e estabelecida para sempre. Quando os fogos consumidores cobrirem e consumirem Satanás e os seus seguidores, mesmo então haverá tremenda ternura simpatia *por* eles, não haverá contudo o mais leve traço de simpatia *com* eles. Tudo isso terá sido apagado das suas mentes e corações para toda a eternidade.

Mas, de todos os justos remidos, os anjos não caídos e os habitantes dos mundos não caídos, nenhum terá aprendido estas coisas como os 144.000 aprenderam. Os outros aprenderam por aquilo que viram e lhes foi dito, mas os cento e quarenta e quatro mil terão aprendido pela sua experiência em conflito pessoal e directo com o adversário sob as mais duras, difíceis e probantes condições que jamais lhes foram impostas. Aprender através da experiência é muito mais eficiente do que pela mera observação o que significa que os cento e quarenta e quatro mil terão um profundo conhecimento e experiência à frente de todos os outros seres criados. Ninguém mais será capaz de cantar o seu hino ou dar o seu testemunho.

Os cento e quarenta e quatro mil, portanto, serão os únicos entre os remidos que terão sido libertados do último traço de simpatia com Satanás enquanto ainda estão na Terra. Todo o restante deve esperar até serem levados para o lar antes de poderem ser abençoados com este tesouro. Esta é uma das razões pela qual os cento e quarenta e quatro mil e não os que viveram antes deles, são o grupo através de quem o Senhor pode finalizar a obra.

A operação será inteiramente bem-sucedida. Uma vez que os 144.000 tenham sido levados ao nível de excelência necessário, o Altíssimo projectará um relâmpago de divindade através da sua humanidade e os ímpios abrirão os seus olhos. Verão a verdadeira natureza da sua rebelião contra o Autor de toda a lei justa e recta, reconhecerão quem são realmente os verdadeiros filhos de Deus e lançar-se-ão aos seus pés e o reconhecerão. Assim o propósito do grande conflito será cumprido; e o grande rio Eufrates secará; Satanás virá ao seu fim e ninguém o ajudará; e os reis do oriente chegarão.

Não admira que quando este tempo vier, os santos ecoarão um grande grito de vitória que será repetido pelos santos que já estão no Céu, os puros anjos e os miríades de seres perfeitos por todo o Universo. A sua guerra terá chegado ao fim, a vitória ganha e as primícias terão sido oferecidas e a sua obra aceite. Então Cristo aparecerá para juntar a colheita e levará o Seu povo para o lar.



A Sua Súplica

De acordo com *Apocalipse* 14:15, as únicas palavras ditas pelo movimento do quinto anjo são dirigidas a Cristo enquanto Ele viaja na grande nuvem branca em direcção a esta Terra: “... Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda, porque já a seara da terra está madura.” *Apocalipse* 14:15 [ACF].

Obviamente estas não são as únicas palavras que eles dizem. Eles passarão incontáveis horas devotadas à mais diligente súplica ao Senhor, durante cada sessão pronunciarão milhares de palavras. Quando, contudo, todas aquelas orações são apontadas para esse único ponto que será o vivo coração das suas petições e a expressão exacta da atitude e posição deles nessa altura, todas elas estão resumidas naquelas breves palavras: “Lança a Tua foice e sega, porque já é vinda a hora de segares, pois a seara da terra está madura.”

A consideração inicial destas palavras deixa-nos a impressão que há pouco significado nelas. Parecem ser apenas um simples pedido a Cristo para reunir a colheita de modo que todos eles possam ir para o lar, mas um cuidadoso estudo à luz dos relevantes factos e princípios, começa a revelar que há na verdade grande significado nessas palavras. Elas contêm uma expressa determinação da parte dos 144.000 que, apesar da persistente e terrível pressão que será exercida sobre eles para assim fazer, não trairão a causa de Deus como todos os outros movimentos no passado fizeram.

O ataque de Satanás ao carácter de Deus naturalmente incluía uma rejeição do Altíssimo no papel de Solucionador de problemas, Planeador e Portador de Fardos. Foi por Satanás ter rejeitado o Altíssimo nestes papéis e a colocação de si mesmo nestas posições que a rebelião se iniciou. Desde essa altura, ele tem trabalhado incessantemente para incitar os homens a substituir os procedimentos de Deus com os seus caminhos. Ele argumenta com demasiado sucesso que apenas os seus caminhos podem assegurar aos homens prosperidade e paz, embora, de facto, o resultado seja o oposto em cada caso. Apesar das claras advertências contidas na palavra de Deus e provadas no resultado real dos acontecimentos, mesmo os grandes movimentos que Deus tem chamado para O representar têm escolhido, um atrás de outro, seguir os caminhos de Satanás em preferência aos Seus. Tão certo quanto eles fizeram isto, assim chegaram ao desastre e o Senhor teve que chamar outro povo.

Na grande luta final dos séculos, todos estes pontos chegarão à sua confrontação final. Satanás terá estabelecido no mundo o mais ambicioso e extenso exercício em planeamento satânico e humano que a história jamais produziu. A ninguém será permitido opor-se ao poderoso movimento. Toda a ameaça será dirigida àquele que ousar resistir aos poderes existentes e somente os que conhecem realmente o seu Deus serão capazes de ficar firmes. Todo o mundo seguramente se maravilhará e seguirá após a besta.

“E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta.” *Apocalipse* 13:3.

Esta crise não se desenvolverá em um momento. Ela levará tempo a amadurecer e está mesmo agora no processo de o fazer. Todo o crente em Jesus devia compreender o que está a ter lugar no cumprimento das profecias escritas há muito tempo.

Uma das mais claras representações do que irá acontecer é dada no comportamento de Acabe e Jezabel, o rei e a rainha do Israel apostatado.

A Bíblia especificamente cita Jezabel como o tipo de Babilónia que se levantou na Idade Média e que se levantará de novo na luta final com o Deus do Céu. Nas advertências dadas à igreja de Tiatira,

a testemunha verdadeira fez específica referência a Jezabel e à sua operação no meio deles nestas palavras:

“Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria.” *Apocalipse* 2:20.

Se esta ímpia rainha é um símbolo directo da igreja papal apostatada da Idade Média, continuará a ser o símbolo dessa mesma Babilónia quando ela assumir o poder universal no futuro próximo. Ela é a mulher de *Apocalipse* 17 que aparece vestida de púrpura e escarlata e está montada na besta cor de escarlata.

“E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres.

“E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição;

“E na sua testa estava escrito o nome:

MISTÉRIO,
A GRANDE BABILÔNIA,
A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES
E ABOMINAÇÕES DA TERRA.

“E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.” *Apocalipse* 17:3-6.

Aqui o seu nome é chamado “a grande Babilónia,” mas isto não muda o facto que noutro lado seja chamada aquela mulher ímpia Jezabel. Quer no tempo de Acabe, ou no antítipo na Idade Média, ou outra vez no fim do tempo, ela é sempre a mesma. Os seus princípios e procedimentos nunca se alteraram, nem se alterarão, porque ela reivindica infalibilidade e insiste que nunca errou ou jamais errará. Para compreender como ela operará no futuro, apenas temos que estudar como ela operava no passado. Esse estudo começa com uma revisão da sua desobediência quando casou com Acabe e se tornou rainha de Israel. O seu verdadeiro carácter e método de trabalho em lado algum é melhor revelado do que no incidente da vinha de Nabote.

“E sucedeu depois destas coisas que, Nabote, o jizreelita, tinha uma vinha em Jizreel junto ao palácio de Acabe, rei de Samaria.

“Então Acabe falou a Nabote, dizendo: ‘Dá-me a tua vinha, para que me sirva de horta, pois está vizinha ao lado da minha casa; e te darei por ela outra vinha melhor: ou, se for do teu agrado, dar-te-ei o seu valor em dinheiro.’

“Porém Nabote disse a Acabe: ‘Guarde-me o Senhor de que eu te dê a herança de meus pais.’” *1 Reis* 21:1-3.

A resposta de Nabote soa a insolência, mas essa não era a sua atitude. Pelo contrário, ele estava simplesmente a recordar a Acabe que a lei divina proibia que se fizesse essa transacção. Os judeus não deviam vender a herança fora da tribo. Vede *Números* 36. Isto tinha pouca importância para o rei, porque ele não tinha respeito por Jeová e Seus justos mandamentos, mas isso preocupava Nabote que amava e respeitava os estatutos e juízos divinos.

Quando o rei verificou que era incapaz de adquirir o pedaço da terra cobiçada, ficou frustrado pelo seu problema ao ponto de sofrer uma grave depressão.

“Então Acabe veio desgostoso e indignado à sua casa, por causa da palavra que Nabote, o jizreelita, lhe falara, quando disse: ‘Não te darei a herança de meus pais.’ E deitou-se na sua cama, e voltou o rosto, e não comeu pão.” Versículo 4.

Quando a sua mulher, Jezabel, o viu naquele estado, rapidamente soube da causa da sua tristeza e do mesmo modo tomou sobre si a resolução do problema.

“Então Jezabel, sua mulher lhe disse: ‘Governas tu agora no reino de Israel? Levanta-te, come pão, e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o jizreelita.’

“Então escreveu cartas em nome de Acabe, e as selou com o seu sinete; e mandou as cartas aos anciãos e aos nobres que havia na sua cidade e habitavam com Nabote.” Versículos 7 e 8.

Em obediência às ordens dela, Nabote foi falsamente acusado e morto. Uma vez afastado este obstáculo, Acabe ficou livre para tomar posse da vinha.

No tipo, esta história descreve a activa relação que será mantida entre a Igreja e o Estado nos últimos dias. Jezabel representa o lado religioso da aliança, ao passo que Acabe é o símbolo dos poderes civis. Jezabel era a “...filha de Etbaal, rei dos sidónios ...” *1 Reis* 16:31. O nome do seu pai indica especial dedicação ao serviço dos deuses falsos, assegurando que Jezabel crescesse num ambiente totalmente hostil ao verdadeiro Deus. Tal como é facilmente visto no seu tratamento com o infeliz Nabote, ela foi dedicada a todos os princípios e procedimento babilónicos.

Jezabel levou a cabo a sua vontade usando o poder do rei. Com efeito ela disse, “usarei o teu poder e com ele resolverei os teus problemas.” Assim será uma vez mais no fim dos tempos. Os Estados Unidos, essa grande nação que foi construída com base no princípio da total separação da Igreja do Estado será a primeira a aceitar esta proposta.

O palco para este desenvolvimento já se está a preparar. Todos os dias, os problemas que perturbam as nações agravam-se cada vez mais. Elas não são capazes de compreender a fonte dos seus sofrimentos, embora esteja claramente explicado nas Escrituras e na História. A raiz destes problemas pode ser traçada no passado até à queda no Éden. Mas as causas mais imediatas são encontradas na grande rejeição do evangelho que teve lugar em 1844.

Antes de soar a mensagem do primeiro anjo, embora já tivessem mergulhado numa cada vez mais profunda apostasia, as igrejas da Reforma ainda ensinavam a obrigação que repousava sobre todo o professo filho de Deus de obedecer aos Seus mandamentos. Contudo, quando lhes foi oferecido o evangelho eterno, rejeitaram-no e desse modo colocaram-se a si mesmos onde era impossível ver e aceitar as mensagens que se seguiram, como está escrito:

“Os que rejeitavam a primeira mensagem não podiam ser beneficiados pela segunda, nem o eram pelo clamor da meia-noite, que devia prepará-los para entrar com Jesus pela fé no lugar santíssimo do santuário celestial. E pela rejeição das duas primeiras mensagens, ficavam com o entendimento tão entenebrecido que não podiam ver qualquer luz na mensagem do terceiro anjo, que mostra o caminho para o lugar santíssimo.” *Primeiros Escritos*, 260, 261.

A sua incapacidade para ver a terceira mensagem angélica, significava que não podiam ver a luz contida na verdade do sábado, nem aceitá-la. Isto lançou-os num dilema. Professavam crer na Bíblia como única autoridade para os cristãos e tinham ensinado a obrigatoriedade dos reclamos da lei, contudo, não podiam ver e aceitar a inteiramente escriturística e de acordo com a lei, verdade do sábado. O que tornou este problema grave foi a actividade dos adventistas, que, com verdadeiro zelo evangélico, estava a chamá-los ao reconhecimento e observância do sétimo dia. Como se tornou impossível fazer isto, a única alternativa era rejeitar tanto a lei como o sábado e foi isto que fizeram em seguida.

“E, ao insistir-se com o povo acerca das reivindicações do quarto mandamento, verifica-se que a observância do sábado do sétimo dia é ordenada; e, como único meio de livrar-se de um dever que não estão dispostos a cumprir, declaram muitos ensinadores populares que a lei de Deus não mais está em vigor. Repelem, assim, a lei e o sábado juntamente. À medida que se estende a obra da reforma do sábado, esta rejeição da lei divina para evitar as reivindicações do quarto mandamento se tornará quase universal.” *O Grande Conflito*, 587.

Esta foi de todas a pior solução que podiam adoptar. Deviam ter sido honestos e simplesmente deixar completamente a religião, em vez de rejeitarem a mensagem que o Senhor tinha enviado enquanto ainda afirmavam ser Seus filhos. Tivessem eles sido capazes de ver qual viria a ser o fruto das suas acções, talvez não tivessem escolhido a solução que escolheram, porque deram início a uma corrente de males que foram incapazes de controlar.

“Os ensinamentos dos dirigentes religiosos abriram a porta à incredulidade, ao espiritismo e ao desdém para com a santa lei de Deus; e sobre esses dirigentes repousa a terrível responsabilidade pela iniqüidade que existe no mundo cristão.” *O Grande Conflito*, 587.

Os devotos dirigentes da igreja de hoje são as últimas pessoas de quem se suspeitaria de serem a causa da tão rápida ampla disseminação da iniquidade no mundo, mas o facto é que eles são os próprios sobre quem a culpa deve cair. É impossível aos homens ensinarem que a lei de Deus já não vigora e ao mesmo tempo não serem instigadores do mal. Tão seguramente como a colheita de plantas nocivas se segue à sementeira das suas sementes, assim a desobediência moral e civil se sucederá aos ensinamentos expostos por estes modernos guias espirituais.

Não é segredo que o crime, terrorismo, extorsão, imoralidade, vício e violência estão a aumentar. Os criminosos estão a tornar-se cada vez mais audazes e mais cruéis com cada vez menos a serem presos e levados perante a justiça. Mesmo então, parte deles são postos em liberdade sem condenação. Irrumpem guerras em várias partes do mundo e as economias nacionais estão ameaçadas pelo colapso.

Naturalmente, a sociedade deseja ser libertada dessas pragas. Os povos querem uma solução para estes problemas, desde que não seja o caminho de Deus a fazê-lo. É uma questão simples hoje começar uma conversa com um estranho quanto à incerteza do futuro. Pode confiar-se nele na expressão do desejo que toda a confusão será esclarecida, mas se começardes a descrever o caminho de Deus para alcançar isto, o interesse normalmente desaparece e a conversa é terminada.

Uma vez que o homem embarque na sua própria solução de problemas em vez de deixar esta obra para o Senhor, apenas piorará as coisas para si mesmo se usar os mesmos procedimentos num esforço para solucionar os problemas que os seus próprios esforços causaram. Ele não entende o ponto de vista que, se tanto dos seus esforços para solucionar os problemas causaram tantos problemas, então mais da mesma coisa apenas causará mais dificuldades.

Por isso, as más soluções dos dirigentes religiosos com vista a solucionar a questão do sábado e que trouxeram sobre eles inumeráveis problemas, será seguido de medidas ainda piores. A obrigatoriedade da observância do domingo é exigida na base de "... que a corrupção que rapidamente se alastra é atribuível em grande parte à profanação do descanso dominical, e que a imposição da observância do domingo melhoraria grandemente a moral da sociedade." *O Grande Conflito*, 587.

Esta é mais uma rejeição do sábado e dos princípios nele contidos; um passo que apenas se pode seguir a um piorar dos males que assolam a Terra. Crime, terrorismo, iniquidade e imoralidade continuarão a aumentar. Mas estes não são os únicos efeitos destes movimentos. Eles claramente mostram o caminho de regresso a Roma e à sua subsequente exaltação ao domínio mundial, e, pela retirada da presença do Espírito Santo da Terra, abriram a porta para a entrada do espiritismo.

"Mediante os dois grandes erros — a imortalidade da alma e a santidade do domingo — Satanás há de enredar o povo em suas malhas. Enquanto o primeiro lança o fundamento do espiritismo, o último cria um laço de simpatia com Roma. Os protestantes dos Estados Unidos serão os primeiros a estender as mãos através do abismo para apanhar a mão do espiritismo; estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder romano; e, sob a influência desta tríplice união, este país seguirá as pegadas de Roma, desprezando os direitos da consciência." *O Grande Conflito*, 588.

Nem este é o limite das assolações. À medida que estes movimentos levam o mundo para cada vez mais longe de Deus, Satanás ganha um crescente domínio do tremendo poder dos elementos naturais. Isto dá-lhe a oportunidade para operar como um destruidor embora professe trabalhar como amigo da humanidade.

"Por meio do espiritismo Satanás aparece como benfeitor da humanidade, curando as doenças do povo e pretendendo apresentar um novo e mais elevado sistema de fé religiosa; ao mesmo tempo, porém, ele opera como destruidor. Suas tentações estão levando multidões à ruína. A intemperança destrona a razão; seguem-se a satisfação sensual, a contenda e a matança. Satanás deleita-se na guerra; pois esta excita as mais vis paixões da alma, arrastando então para a eternidade as suas vítimas engolfadas no vício e sangue. É seu objetivo incitar as nações à guerra umas contra as outras; pois pode assim desviar o espírito do povo da obra de preparo para estar em pé no dia de Deus." *O Grande Conflito*, 589.

Quando Satanás teve permissão para afligir o patriarca Jó, demonstrou o maravilhoso conhecimento que tinha da operação das forças da natureza e mostrou a sua capacidade para manipular estes poderes

em seu favor. À medida que o Espírito é retirado da Terra, Satanás aproveita a sua oportunidade para transformar os poderes da natureza em furiosos mensageiros de destruição. Tende a certeza que é ele e não o nosso terno Pai celestial, que está a desolar a Terra hoje. Estas devastações irão de mal a pior antes de se tornarem no pior de tudo.

“Ao mesmo tempo em que aparece aos filhos dos homens como grande médico que pode curar todas as enfermidades, trará moléstias e desgraças até que cidades populosas se reduzam à ruína e desolação. Mesmo agora está ele em atividade. Nos acidentes e calamidades no mar e em terra, nos grandes incêndios, nos violentos furacões e terríveis saravadas, nas tempestades, inundações, ciclones, ressacas e terremotos, em toda parte e sob milhares de formas, Satanás está exercendo o seu poder. Destrói a seara que está a amadurar, e seguem-se fome, angústia. Comunica ao ar infecção mortal, e milhares perecem pela pestilência. Estas visitas devem tornar-se mais e mais freqüentes e desastrosas. A destruição será tanto sobre o homem como sobre os animais. ‘A Terra pranteia e se murcha’, ‘enfraquecem os mais altos dos povos. ... Na verdade a Terra está contaminada por causa dos seus moradores; porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna.’ Isa. 24:4 e 5.” *O Grande Conflito*, 589, 590.

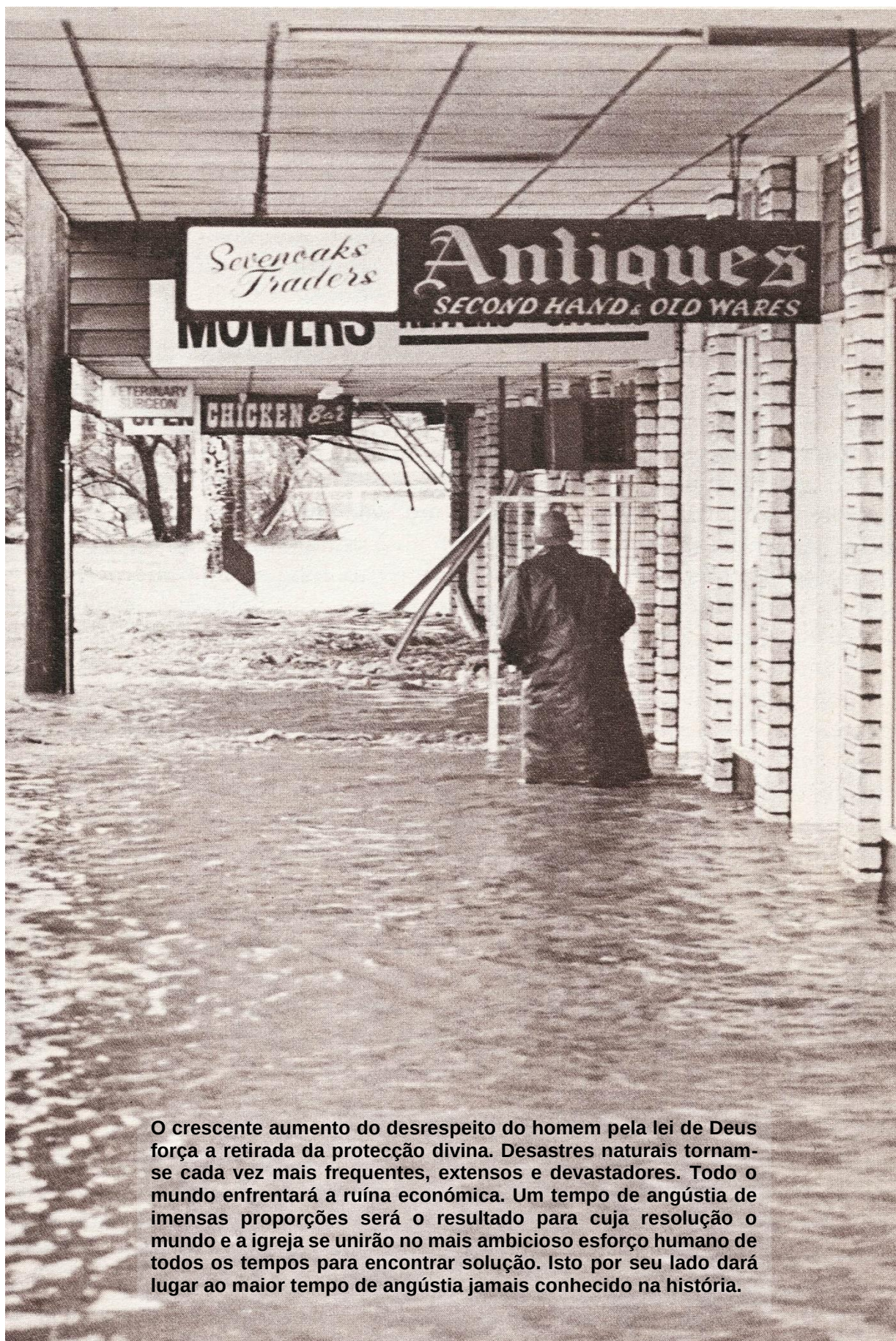
Satanás tem prazer na compreensão de que tudo isto é apenas o começo das aflições, pois sabe que quanto mais os homens se enredarem nos seus sofrimentos e dificuldades, mais prontos estão para serem manobrados pelo controlo dele. A prosperidade do mundo está directamente relacionada com a sua produção agrícola. Quando as convulsões generalizadas da natureza descritas no parágrafo anterior chegarem a proporções realmente graves, haverá desesperada escassez de alimento e outras comodidades. Os preços inflacionarão a níveis inacreditáveis; milhões estarão desempregados; sindicatos lutarão por melhores salários; e haverá insurreições, violência, pilhagens e terrorismo tal jamais visto ou se acreditasse ser possível. O crime aumentará grandemente à medida que as pessoas ficam desesperadas por causa de alimento e vestuário. Será uma situação de tal magnitude que as autoridades civis reconhecerão que as coisas estão totalmente fora de controlo e verão com aterradora apreensão as perspectivas do futuro — isto é, se puderem acreditar que ele existirá.

Entretanto, o povo de cada nação tornou-se cada vez menos confiante nos seus dirigentes políticos. Estes homens são eleitos para as suas posições no poder com o intuito de resolverem os problemas que afligem os seus países. Conseguem os votos do povo prometendo-lhes coisas maravilhosas, mas vez após vez está demonstrado que eles não têm capacidade para realizarem o que dizem que farão. Quando um partido falha, os votantes tentam outro, encontrando unicamente o mesmo resultado desapontador. Para tornar as coisas ainda piores, os partidos não mais evitam lutar entre si, mas passam tempo em guerra dentro das suas próprias fileiras. Isto destrói ainda mais a confiança na sua sinceridade e sua capacidade para fazerem o que é necessário a fim de trazer um regresso da estabilidade e prosperidade.

O povo será assim preparado para olhar numa nova direcção em busca de um solucionador de problemas eficaz. Na sua crescente ansiedade e desespero, aceitarão a oferta que lhes é feita e Satanás, sabendo isto, oferece-se a si próprio na pessoa de um chefe que aparentemente dará aos habitantes do mundo a perfeita solução eficaz para os seus sofrimentos. Será ele o homem que está à cabeça das igrejas de todas as nações da Terra unidas.

A fim de convencer realmente como candidato a esta posição, o guia religioso do mundo tem que ter uma igreja livre de escândalos e divisão. Árdus esforços já estão a ser feitos para levar as igrejas à completa união e considerável sucesso tem sido alcançado. Há ainda dissidentes, mas à medida que o tempo passa, eles diminuirão em número até “haver um laço de união universal, uma grande harmonia, uma confederação das forças de Satanás.” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983.

A igreja será capaz de se aproximar das autoridades civis com o argumento que resolveu os seus problemas, como é evidente pelo estado unido e provará desse modo que serão capazes de encontrar resposta para as dificuldades que ameaçam destruir a sociedade humana. Os governos terrestres terão provado com certeza que não o podem fazer, e, à semelhança de Acabe, estarão doentes por causa da frustração e da preocupação. Com efeito, a igreja dirá então aos legisladores, “dai-nos o vosso poder e nós solucionaremos os vossos problemas.”



O crescente aumento do desrespeito do homem pela lei de Deus força a retirada da protecção divina. Desastres naturais tornam-se cada vez mais frequentes, extensos e devastadores. Todo o mundo enfrentará a ruína económica. Um tempo de angústia de imensas proporções será o resultado para cuja resolução o mundo e a igreja se unirão no mais ambicioso esforço humano de todos os tempos para encontrar solução. Isto por seu lado dará lugar ao maior tempo de angústia jamais conhecido na história.

Exactamente como Jezabel tomou o poder do rei e executou a vontade dela em nome dele, assim as igrejas farão o mesmo na luta final. Este será o mais ambicioso e “prometedor” exercício do planeamento e solução de problemas que a história jamais testemunhou e virá no fim do tempo quando os povos de todo o globo estiverem ansiosos por alívio dos seus sofrimentos. As multidões saudarão isto como a segura introdução do tão longamente esperado milénio de paz e prosperidade. O clamor de paz e segurança soará e a ninguém será permitido colocar-se no caminho do poderoso movimento. Todo o que o fizer, será visto como uma ameaça à sobrevivência da sociedade humana. Será tomada a posição que é melhor que uns poucos morram do que pereça toda a humanidade.

O verdadeiro povo de Deus que foi educado nos princípios do repouso do sábado, será rápido a discernir este erro fatal que o mundo está a cometer. Verão que a única consequência possível da acção recomendada e implementada pelas igrejas, será piorar a já desesperada situação que resultará na extinção da raça e a total desolação da Terra.

Será nesta hora de suprema crise que o tremendo poder do Espírito Santo será derramado na chuva serôdia. O povo de Deus assim equipado, descrevendo as repetidas lições da Escritura, será capaz de convincentemente demonstrar que todas as vezes que os homens tentaram remediar os seus problemas com soluções humanas, apenas terão sucesso em tornar uma situação má noutra ainda pior. Lembrarão o esforço original da parte de Lúcifer para resolver os seus próprios problemas e as terríveis consequências desse horrendo erro. Mostrarão como o pecado se estabeleceu no Éden através dos mesmos procedimentos. Apontarão para os esforços de Abrão e Sarai para realizar a promessa de Deus através das suas próprias invenções; os sucessos de Deus como Planeador e Solucionador de problemas no êxodo do Egipto; o triste retrocesso em Cades Barneia; a vitória de Josué em Jericó, e o insucesso em Ai; a tragédia do povo judeu que estavam determinados em aceitar o Messias apenas na condição que eles retivessem a tarefa de planeadores, ao passo que Ele, pela aplicação do Seu poder aos planos deles, os fizesse operar com sucesso; o estabelecimento na primitiva igreja cristã do mistério da iniquidade através da rendição de Paulo à pressão imposta sobre ele pelos dirigentes da igreja em Jerusalém; e muito mais.

Estes argumentos serão tão poderosos que ninguém na Terra será capaz de se opor. Eles desmascararão a verdadeira estrutura das grandes propostas apresentadas por Babilónia, a Grande. Demonstrarão como este último e mais ambicioso de todos os esquemas humanos para solucionar problemas trará em vez disso o pior tempo de tribulação possível. Mostrarão que estas medidas não resultarão na libertação de todos os sofrimentos humanos e conduzam ao longamente desejado milénio de paz e prosperidade.

Mas, muitas pessoas, intoxicadas com o sonho de grandeza mundana que crêem dará lugar à nova ordem de coisas, serão incapazes de chegar ao verdadeiro significado daquilo que os santos estão a dizer. Em vez de perceberem o amor e sabedoria expressos na mensagem que lhes é transmitida no poder do Espírito Santo, olharão para os mensageiros de Deus como inimigos mortais dedicados à sua tortura e destruição.

No início, na crença que será suficiente silenciar esta voz minoritária, os crentes serão ridicularizados, mas quando isto falhar, medidas mais severas serão usadas. Segue-se a perseguição, depois da qual vem a imposição de pesadas multas e duras sentenças de prisão. Quando isto não silenciar o seu testemunho, os filhos de Deus, verão negado o seu direito de comprar ou vender, depois do que serão sentenciados à morte por causa da sua firmeza.

“O povo de Deus não estará livre de sofrimento; mas conquanto perseguidos e angustiados, conquanto suportem privações, e sofram pela falta de alimento, não serão abandonados a perecer. O Deus que cuidou de Elias, não desampará nenhum de Seus abnegados filhos. Aquele que conta os cabelos de sua cabeça, deles cuidará; e no tempo de fome serão alimentados. Enquanto os ímpios estão a morrer de fome e pestilências, os anjos protegerão os justos, suprimindo-lhes as necessidades. Para aquele que ‘anda em justiça’ é esta promessa: ‘O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas. Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há, e a sua língua se seca de sede; mas Eu, o Senhor os ouvirei, Eu o Deus de Israel, os não desampararei.’ Isa. 33:16; 41:17.” *O Grande Conflito*, 629.

Estas maravilhosas promessas estão seguras para todos os que puserem a sua total confiança nelas e no Senhor que disse estas palavras. Durante a angústia de Jacó, o pão e a água serão dadas e Deus não abandonará os Seus escolhidos. Eles serão libertados dos seus inimigos e não serão afligidos como serão os ímpios pelas sete últimas pragas.

Mas deve ser tomado cuidado para assegurar que não sejam formadas impressões erradas acerca das experiências pelas quais os santos passarão durante este tempo. Temos a tendência para raciocinar que as promessas que o Senhor fez garantem que logo que apareçam as aflições, temos apenas que invocar o Senhor e Ele instantaneamente resolverá a dificuldade. Mas não será assim. Pelo contrário, parecerá que o Senhor se esqueceu das Suas promessas, não se importa com a vitoriosa acção da Sua própria obra e abandonou o Seu povo à malícia do ímpio. Diligente e perseverantemente os santos clamarão dia e noite, mas não obterão resposta.

Para eles a consideração supremamente importante será a honra do nome de Deus e a vindicação do Seu carácter. Eles arderão com inexprimível desejo do fim do pecado e o estabelecimento da justiça eterna. Os seus próprios interesses pessoais serão tão insignificantes, relativamente a estas imensas questões, que terão muito pouca influência no seu comportamento.

Então, por causa de não verem indicação visível de que o Soberano do Universo tem a mínima preocupação com o problema, sentirão que, tão seguramente como o Senhor não está a fazer nada, alguém tem que assumir a responsabilidade de fazer alguma coisa para assegurar a derrota do inimigo. Será a mesma tentação em que Abrão e Sarai caíram a respeito da promessa de Deus lhes dar um filho — um filho da fé e não das obras. O mesmo erro foi cometido em Cades Barneia quando os judeus tiraram a Jeová a obra de planear a conquista de Canaã. Isto tem sido feito uma e outra vez e, de cada vez, tem resultado em graves adiamentos dos propósitos divinos e tem assim prolongado o reino do pecado.

Durante a angústia de Jacó todos estes erros do passado têm que ser deixados para trás para sempre. A pressão será imensuravelmente maior, de facto tanto maior que seria impossível ser pior. Será uma luta agonizante para o povo de Deus resistir à terrível tentação de deixar a sua absoluta fé em Deus e tomar a obra nas suas próprias mãos. Evidentemente, eles fariam isto por causa do Senhor e da verdade, mas não o tornaria correcto por um momento.

O povo de Deus não devia ficar surpreendido quando há uma longa espera antes das suas orações serem respondidas, porque isto aconteceu uma e outra vez excepto quando procuraram a vitória sobre o pecado. Quanto a esse, a resposta é sempre imediata. “Em alguns casos de cura, Jesus não concedeu imediatamente a bênção buscada. No caso da lepra, todavia, tão depressa foi feito o apelo, seguiu-se a promessa. Quando pedimos bênçãos terrestres, a resposta a nossa oração talvez seja retardada, ou Deus nos dê outra coisa que não aquilo que pedimos; não assim, porém, quando pedimos livramento do pecado.” {DTN 180}, *O Desejado de Todas as Nações*, 266.

Quando Jesus esteve no deserto da tentação, a Sua súplica tornou-se desesperada. Dia e noite, rogou ao Seu Pai por libertação, mas apesar das Suas orações serem perseverantes e carregadas de fé, os dias passavam lentamente sem qualquer resposta de cima.

Assim será com os justos durante a angústia de Jacó. À medida que o tempo se arrastar sem qualquer evidência visível de que as suas orações são ouvidas e respondidas, a pressão que pesará sobre eles para tomarem as coisas nas suas próprias mãos passará quaisquer limites, mas desenvolverão a fé de Jesus e a paciência dos santos. Terrível como será essa prova, os santos estarão entregues aos princípios do repouso do sábado pelos quais serão tão firmes como foi Jesus em deixar que o Senhor faça o que prometeu fazer a seu tempo e à Sua maneira. Esta resolução encontrará a sua expressão nas palavras dirigidas por eles a Cristo quando Ele viaja no carro de nuvens do Céu para a Terra:

“... Lança a *Tua* foice, e sega; porque já é vinda a hora de segares, porque já a seara da terra está madura.” *Apocalipse* 14:15.

Que riqueza de verdade está contida neste testemunho e seria visto por nós se a nossa visão espiritual fosse limpa! Nesta súplica, os 144.000 estarão a dizer, “a pressão está sobre *nós* para assumir a responsabilidade da finalização da obra, mas lembramos a nós próprios constantemente que Tu és o

Solucionador de problemas e que é criticamente essencial que deixemos a *Tua* obra para *Ti*. Nós não nos moveremos no mínimo para assumir as Tuas responsabilidades. Tu és o segador. Por isso, lança *Tu* a *Tua* foice afiada e ceifa a colheita da Terra.”

Esta é a expressão da sua determinação de deixar para Cristo a obra d’Ele. Eles tornam claro que não importa a pressão, a desesperada necessidade, ou os tremendos desastres que os ameacem e à causa do Senhor, não usurparão o Seu lugar. Eles ganharão a vitória que todos os movimentos anteriores falharam alcançar e que por causa dos seus fracassos, falharam em ver a obra terminada.

É quase impossível a qualquer que viva agora ter um correcto conceito de quão terrível será a prova através da qual os 144.000 têm que passar. Não pode ser conhecido quão próximo os crentes chegarão do ponto de rotura. Somente os que passam vivos pela angústia de Jacó compreenderão alguma vez o que é estar envolvido e o que custará a vitória.



Cristo Revela o Caminho

A prova pela qual passarão aqueles que formarão o movimento do quinto anjo — os cento e quarenta e quatro mil — será tão severa que é impossível alguém saber completamente quão terrível será a pressão antes do tempo chegar. Contudo, no Seu grande amor e misericórdia, o Altíssimo não deixou o Seu povo sem alguma indicação daquilo que tem de enfrentar e como se relacionar exactamente com isso, com o mundo, uns com os outros e com o Senhor. Estas revelações são dadas nas experiências daqueles que passaram por tribulações que foram uma vívida amostra do futuro. Exemplos notáveis destas foram os conflitos pelos quais Cristo passou e venceu no monte da tentação e posteriormente no Getsémani, e a luta através da qual Jacó passou naquela noite de desesperada luta.

Os filhos de Deus que estão agora a ser preparados para a crise que se aproxima, devem investir tanto tempo quanto possível na aquisição de um próximo e salvador conhecimento da prova através da qual passarão, de modo que, vindo ela, possam estar equipados mental, física e espiritualmente para enfrentar o teste. O Senhor, que alerta completamente para a nossa necessidade de compreender estas coisas, tem dado suficiente informação na Sua palavra inspirada de modo que aqueles que diligentemente estudam serão galardoados com uma completa preparação. Aqueles que realmente estudam diligentemente receberão revelações especiais tal como as que o Salvador recebeu.

Quando Cristo saiu do Jordão depois de ter sido baptizado por João, foi aberta perante Ele uma compreensiva ilustração da obra que estava à Sua frente e dos terríveis sofrimentos que conseqüentemente O acompanhariam.

“Sozinho devia trilhar a vereda; sozinho carregaria o fardo. Sobre Aquele que abria mão de Sua glória, e aceitara a fraqueza da humanidade, devia repousar a redenção do mundo. Viu e sentiu tudo isso; firme, porém, permaneceu o Seu desígnio. De Seu braço dependia a salvação da raça caída, e Ele estendeu a mão para agarrar a do Onipotente Amor.” {DTN 67}, *O Desejado de Todas as Nações*, 111.

Jeová honrou a ilimitada dedicação de Cristo com uma mensagem pessoal do Céu.

“E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele.

“E eis que uma voz dos céus dizia: ‘Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo.’” *Mateus* 3:16, 17.

O Pai não podia dar melhor aprovação ao Seu Filho. Jesus sabia que tinha sido aprovado pelo Céu e que a Sua consagração a Deus fora totalmente aceite. Compreendeu que o Governador do Universo estaria ao Seu lado em todos os passos na longa e dura jornada para a cruz e regresso ao Céu. Estava confiante que podia deixar o planeamento da obra ao Seu Pai de infinita sabedoria.

Essa confiança devia ser terrivelmente testada no futuro imediato. Depois do Salvador se ter levantado das águas, o Espírito Santo encaminhou-O para uma solitária, árida e desolada região onde “Por jejum e oração Se devia fortalecer para a sangrenta vereda que Lhe cumpria trilhar. Mas Satanás sabia que Jesus fora para o deserto, e julgou ser essa a melhor ocasião de se Lhe aproximar.” {DTN 70}, *O Desejado de Todas as Nações*, 114.

“Quando Jesus chegou ao deserto, estava rodeado da glória do Pai. Absorto em comunhão com Deus, foi erguido acima da fraqueza humana. Mas a glória afastou-se, e Ele foi deixado a lutar com a tentação. Ela O apertava a todo instante. Sua natureza humana recuava do conflito que O aguardava.

Durante quarenta dias, jejuou e orou. Fraco e emagrecido pela fome, macilento e extenuado pela angústia mental, ‘o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que o de outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens’. Isa. 52:14. Era então a oportunidade de Satanás. Julgou poder agora vencer a Cristo.” {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 118.

Quando Satanás atacou o Salvador tinha algumas forças extremamente poderosas do seu lado. Não admira que estivesse tão confiante que podia vencer Jesus. Por essa altura quase seis semanas de completa abstinência de alimento tinham passado, Jesus estava muito perto da morte. Magro, macilento e exausto, o Seu aspecto era lamentável. Todas as partes da Sua humanidade clamavam por alimento com um poder que era quase irresistível. O pior de tudo era a tremenda tentação do receio que o Seu Pai O tivesse abandonado, um aspecto que o diabo pressionou sobre Ele com a maior força possível.

Tinha sido fácil crer no cuidado e presença do Pai quando Este Lhe falou em tom poderoso e audível junto ao rio Jordão. Todo o Seu ser tinha respondido com satisfação e alegria à maravilhosa certeza contida no anúncio que havia brilhado sobre Ele do Céu. As palavras de Deus eram a declaração de uma relação em que — Deus era o Pai, Cristo era o Filho — e, por outro lado, o reconhecimento de uma responsabilidade pessoal da parte do Pai. Desse modo o Altíssimo estava a confirmar que tinha providenciado os planos e os meios para os levar à prática, enquanto Cristo não tinha mais a fazer senão executar a vontade de Deus onde, quando e como Jeová Lhe indicasse.

No início, o resultado deste esquema não criou problema. O Pai, através do Espírito Santo, encaminhou Jesus para o deserto a fim de passar tempo em preparação adicional para a obra da Sua vida e o Salvador humildemente obedeceu. Não tinha recebido instruções para levar suprimento de alimento Consigo, assim não se preocupou com isto. A Sua parte era obedecer à ordem do Senhor ao passo que deixava ao Seu Guia celestial a provisão das Suas necessidades.

Ao princípio estava consciente da proximidade da presença do Pai, mas a glória afastou-se e Ele parecia ter sido deixado sozinho a lutar com a terrível tentação. Sob todas as aparências, o Pai tinha falhado em cumprir a Sua parte do contracto e não havia apoio ou conforto humano também. Não há nada mais terrível do que um ser humano sentir-se abandonado tanto por Deus como pelo homem, uma pressão de desespero e desencorajamento que o Salvador sentiu da forma mais profunda nesta altura. Aquilo que tornou as coisas infinitamente piores foi o facto que a vida em si mesma estava rapidamente a desaparecer. O tempo para Ele quase tinha expirado.

Satanás sabia exactamente o que devia fazer para ganhar a vitória neste encontro. Aproveitando ao máximo a vantagem das probantes circunstâncias em que Cristo estava colocado, devia levar o Salvador a crer que o Pai não estava a ouvir as Suas orações e que Ele devia tomar as coisas nas Suas próprias mãos a fim de preservar a Sua própria vida o tempo suficiente para assegurar que o plano da salvação fosse levado a cabo. Por outras palavras, o diabo devia levar o Salvador sofrendo, se pudesse, a fazer exactamente como ele tinha feito no Céu, quando depois de perder a confiança no Pai, tomou as coisas nas suas mãos.

No Éden, foi bem-sucedido levando Eva e depois Adão a dar o mesmo passo terrível. À medida que geração se seguia a outra geração, ele continuamente apresentou a mesma tentação e teve o prazer de ser bem sucedido o que repetidamente conseguiu. Agora que Jesus estava limitado à carne fraca, pecaminosa e mortal, Satanás estava confiante que também O podia vencer.

“As palavras do Céu: ‘Este é Meu Filho amado, em quem Me comprazo’ (Mat. 3:17), soavam ainda aos ouvidos de Satanás. Mas ele estava decidido a fazer Cristo descrer desse testemunho. A Palavra de Deus era a segurança de Cristo quanto à divindade de Sua missão. Viera viver como homem entre os homens, e era a palavra que declarava Sua ligação com o Céu. Era o desígnio de Satanás fazê-Lo duvidar dessa palavra. Se a confiança de Cristo em Deus fosse abalada, Satanás sabia que Lhe caberia a vitória no conflito. Poderia derrotar Jesus. Esperava que, sob o império do acabrunhamento e de extrema fome, Cristo perdesse a fé em Seu Pai, e operasse um milagre em Seu benefício. Houvesse Ele feito isso, e ter-se-ia frustrado o plano da salvação.” {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 119.

O inimigo sabia que enquanto Jesus mantivesse a Sua confiança no Pai, confiaria n'Ele para Lhe dar protecção e guia. Cristo continuaria a crer que não havia necessidade de tomar as coisas nas Suas mãos, mas pelo contrário podia confiar no Pai para fazer na altura certa tudo aquilo que havia prometido. Enquanto o Salvador fizesse isto, Satanás não podia ter poder sobre Ele.

Contudo, manter esta posição quando os dias se transformavam em semanas sem qualquer evidência visível do cuidado e presença de Deus é a prova mais difícil de suportar. Este facto manifesta-se no meio mais probante quando a obediência aos mandamentos de Deus coloca a pessoa no lugar em que a própria vida está em perigo e a causa de Deus aparentemente enfrenta a ruína.

Abrão passou anos em que a promessa do filho não se realizava e durante os quais o Altíssimo não deu indicação que estava a fazer alguma coisa para fazer com que a Sua palavra se transformasse em realidade. Por fim, isto tornou-se demasiado para o patriarca e sua esposa. Tendo perdido a confiança que Deus cumprisse a Sua responsabilidade e sem preparação para esperar ansiosamente mais tempo, assumiram o cumprimento da palavra de Deus no lugar d'Ele.

Aconteceu o mesmo com Rebeca e Jacó. Eles sabiam que o Senhor tinha prometido dar a primogenitura a Jacó, mas o tempo tinha expirado tanto quanto podiam ver, e, incapazes de repousar na palavra de Deus, sentiram que tinham de avançar e salvar a causa de Deus no lugar d'Ele. Este foi um erro fatal, o mesmo procedimento no qual o diabo procurou induzir Cristo no monte da tentação. Se Ele pudesse ter sido persuadido a fazer o que os outros fizeram, então tudo estaria perdido para sempre. O plano da salvação teria falhado completamente.

Ninguém jamais sofreu como Jesus nesse campo de batalha. Portanto, é impossível qualquer ser humano compreender o que Ele passou por nós, nem é possível alguém apreciar a vitória que Ele ganhou. Enquanto por um lado podemos estar gratos por não nos ser pedido que passemos pelo que Ele sofreu, por outro lado, quanto melhor compreendermos a agonia pela qual Ele passou em nosso lugar, mais gratos estaremos e mais fortes seremos para resistir aos enganos de Satanás. O tempo passado em profundo estudo dessa batalha acompanhado de oração, recompensará o estudante com discernimento espiritual do plano da salvação que provará ser uma maravilhosa bênção para alma e um fortalecimento da experiência.

As pressões exercidas sobre Cristo eram de diversa ordem e complexas. A mais poderosa de todas brotou do Seu intenso desejo de fazer a obra vital que tinha vindo fazer à Terra. A realização da missão que Lhe foi divinamente designada esteve sempre acima de qualquer outra consideração. Foi a força orientadora da Sua vida, a coisa mais importante na Sua existência.

Ele sabia pela segura palavra da profecia que o plano da salvação falharia se morresse no cimo do monte. Havia um tempo e um lugar marcado para a crucifixão. A hora crucial ainda estava a três anos de distância e o local era fora de Jerusalém onde o acontecimento seria testemunhado por multidões de perto e de longe. Portanto, em nenhuma circunstância devia morrer noutra altura ou lugar senão a apontada pelo Onnipotente Planeador.

Contudo, dia a dia toda a evidência visível declarava que Ele estava a aproximar-se cada vez mais de uma morte prematura em consequência directa das instruções do Pai, enquanto Deus, em aparente indiferença, estava a deixar que tudo acontecesse. Quando os homens são colocados em situações semelhantes, têm a tendência para acusar Deus de ser frio, desinteressado, indiferente e negligente. É nessa altura que decidem que se o Senhor não os salvar, não têm alternativa senão salvarem-se a si mesmos. Era isto que Satanás estava determinado a levar Cristo a fazer.

Nunca deve ser esquecido que Jesus não passou através do Seu ministério terrestre como um actor, num papel em que sabia exactamente o resultado de todos os movimentos e exactamente o que ia acontecer a seguir. Os espectadores que observam uma actuação são mantidos em suspenso porque não sabem o que está para acontecer. Receiam que o herói não seja capaz de suportar as pressões exercidas sobre si e que não seja capaz de escapar à morte que o ameaça. Não é assim com o actor. Ele sabe exactamente qual será o resultado antes mesmo de começar a revelar a história. Para ele a única ansiedade é se fará uma boa ou má representação.

Mas, Cristo apesar de saber através da segura palavra da profecia os traços gerais daquilo que o futuro Lhe reservava, ignorava os resultados imediatos dos acontecimentos como qualquer filho de Deus que alguma vez existiu. Ele não gozou qualquer privilégio ou exceção quando enfrentou a tentação, mas suportou cada prova exactamente como todo o cristão tem que fazer. “Mas o Filho de Deus era submisso à vontade de Seu Pai, e dependente de Seu poder. Tão plenamente vazio do próprio eu era Jesus, que não elaborava planos para Si mesmo. Aceitava os que Deus fazia a Seu respeito, e o Pai os desdobrava *dia a dia*. Assim devemos nós confiar em Deus, para que nossa vida seja uma simples operação de Sua vontade.” {DTN 139}, *O Desejado de Todas as Nações*, 208.

Os fiéis de Deus têm que esperar pacientemente pelo Senhor sem saber como é que Ele resolverá o problema ou se a solução incluirá o seu livramento pessoal da perda ou mesmo da morte.

Aquilo que faz com que a espera seja realmente probante é o facto que o Altíssimo parece indiferente à sua desesperada súplica, que aparentemente os abandonou e parece não os ter deixado com alternativa senão defenderem-se a si mesmos e à causa do Senhor. A despreocupação quanto às consequências da obediência em circunstâncias como estas é a mais dura prova da fé. Em termos mais vigorosos Satanás afligiu o Salvador com esta prova o qual sentiu toda a pressão como qualquer um dos Seus seguidores quando o diabo vem contra eles. A única diferença é que o cristão nunca é levado ao desesperado extremo a que Jesus foi levado.

Não importa quão positivamente o Senhor possa tê-lo reconhecido antes, quando as trevas da aparente separação de Deus envolve a alma, o abatido crente em Jesus deseja alguma reafirmação que ainda é aceite pelo Senhor. Há sempre o receio que de alguma maneira tenha desagradado de tal modo ao Senhor entretanto que Este tenha sido forçado a abandoná-lo.

Quando Cristo estava sozinho no monte e cambaleando no ponto da morte pela fome, desesperadamente necessitava e intensamente ansiava alguma palavra de confirmação vinda do Pai. Satanás reconheceu isto e sentiu que podia desse modo ganhar uma tal vantagem que pudesse vencer o Salvador. Para alcançar isto, apresentou-se a Jesus como um anjo de luz afirmando que era o mesmo mensageiro que o Senhor tinha enviado para deter a mão de Abraão para não matar o filho.

“Eis que foi ter com o Salvador, como em resposta a Suas orações, disfarçado num anjo do Céu. Pretendia ter uma missão de Deus, declarar que o jejum de Cristo chegara ao termo. Como Deus enviara um anjo para deter a mão de Abraão de oferecer Isaque, assim, satisfeito com a prontidão de Cristo para entrar na sangrenta vereda, o Pai mandara um anjo para O libertar; era essa a mensagem trazida a Jesus. O Salvador desfalecia de fome, ambicionava o alimento, quando Satanás O assaltou de repente. Apontando para as pedras que juncavam o deserto, e tinham a aparência de pães, disse o tentador: ‘Se Tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.’ Mat. 4:3.” {DTN 73}, *O Desejado de Todas as Nações*, 118.

“Satanás disse a Cristo que devia apenas colocar os pés na vereda salpicada de sangue, mas não palmilhá-la. Como Abraão, foi Jesus provado para mostrar Sua obediência perfeita. Afirmou ele também ser o anjo que detivera a mão de Abraão ao levantar o cutelo para sacrificar a Isaque, e que viera agora para Lhe salvar a vida; que não era preciso que suportasse a penosa fome e a ela sucumbisse; ele O ajudaria a levar a termo uma parte da obra do plano da salvação.” *The Review and Herald*, 4 de Agosto de 1874; *Mensagens Escolhidas* 1:272.

Foi “... como em resposta a Suas orações.....” que Satanás veio a Cristo vestido como um anjo de luz aparentemente acabado de chegar da presença do Pai. Sabendo que a experiência de Abraão era um tipo daquilo que Cristo havia de passar, dirigiu a atenção do Salvador para a aceitação da parte de Deus da disposição do patriarca para sacrificar o filho, como se o sacrifício tivesse sido realmente feito. O diabo argumentou que, apesar de ser um bom princípio que o antítipo deva estar em harmonia com o tipo, o Pai deve aceitar a prontidão de Cristo para entrar na vereda salpicada de sangue como se Ele tivesse realmente sacrificado a Sua vida. Caso contrário, inferiu Satanás, a experiência pela qual Abraão passou era um falso testemunho. Apesar de não o ser, este “belo anjo” afirmou que era o portador das maravilhosas novas que o Pai estava satisfeito, a obra já estava feita.

Não havia nada melhor calculado para apelar à humanidade de Cristo nesta altura. A perspectiva do fim desse devastador jejum e a entrada uma vez mais no conforto e alegria da vida era na realidade uma perspectiva muito atractiva. Todavia, antes do diabo transmitir esta suposta mensagem do Céu, argumentou que devia assegurar-se que ela era dada à pessoa certa. Tudo acerca da condição e aspecto do Salvador declarava que Ele tinha sido expulso do Céu, odiado e abandonado tanto por Deus como pelo homem e parecia-se mais com o anjo rebelde que tinha sido expulso do Céu do que com o Filho de Deus. Era inconcebível ao sedutor que o Pai tratasse o Seu verdadeiro Filho como Cristo estava a ser tratado desta vez. Contudo, este anjo tinha sido “enviado a Jesus” e desejava unicamente ter a certeza que tinha de facto vindo à pessoa certa. Portanto, o seu pedido era que Cristo o ajudasse dando-lhe qualquer prova da Sua verdadeira identidade.

“Quando o Filho de Deus e Satanás, pela primeira vez, se defrontaram em conflito, era Cristo o comandante das hostes celestiais; e Satanás, o cabeça da rebelião no Céu, fora dali expulso. Agora, dir-se-ia haverem-se invertido as condições, e o adversário explorou o mais possível sua suposta vantagem. Um dos mais poderosos anjos, disse ele, fora banido do Céu. A aparência de Jesus indicava ser Ele aquele anjo caído, abandonado de Deus, e desamparado dos homens. Um ser divino devia ser capaz de comprovar sua pretensão mediante um milagre; ‘se Tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães’. Mat. 4:3. Tal ato de poder criador, insiste o maligno, seria conclusiva prova de divindade. Isso poria termo à contenda.” {DTN 74}, *O Desejado de Todas as Nações*, 119.

Foi uma tentação subtil, poderosa, bem argumentada e hábil apresentada com todo o irresistível apelo à humanidade do unigénito Filho de Deus. Ele desesperadamente necessitava que Lhe fosse assegurado nesta altura que ainda era o Filho de Deus, mas, apesar dos seus intensos rogos de alívio para o Seu torturado espírito, nenhuma comunicação Lhe chegou do Céu. O conforto e apoio humano também estava longe nesta altura, embora seja duvidoso que qualquer lenitivo pudesse ter vindo deste lado. O poderoso testemunho de todas as circunstâncias visíveis declaravam nos mais fortes embora falsos termos que o único ser a quem Ele podia recorrer era a Si próprio. Se não pudesse repousar pela fé na proclamação feita pelo Pai quarenta dias antes, tinha apenas que obter um sinal visível e positivo que era o mensageiro de Deus, teria que ser feito por Ele próprio e aqui estava este maravilhoso anjo propondo os meios pelos quais isso podia ser adquirido. Não seria difícil ver que “Não foi sem luta que Jesus pôde escutar em silêncio o arquienganador.” {DTN 74}, *O Desejado de Todas as Nações*, 119.

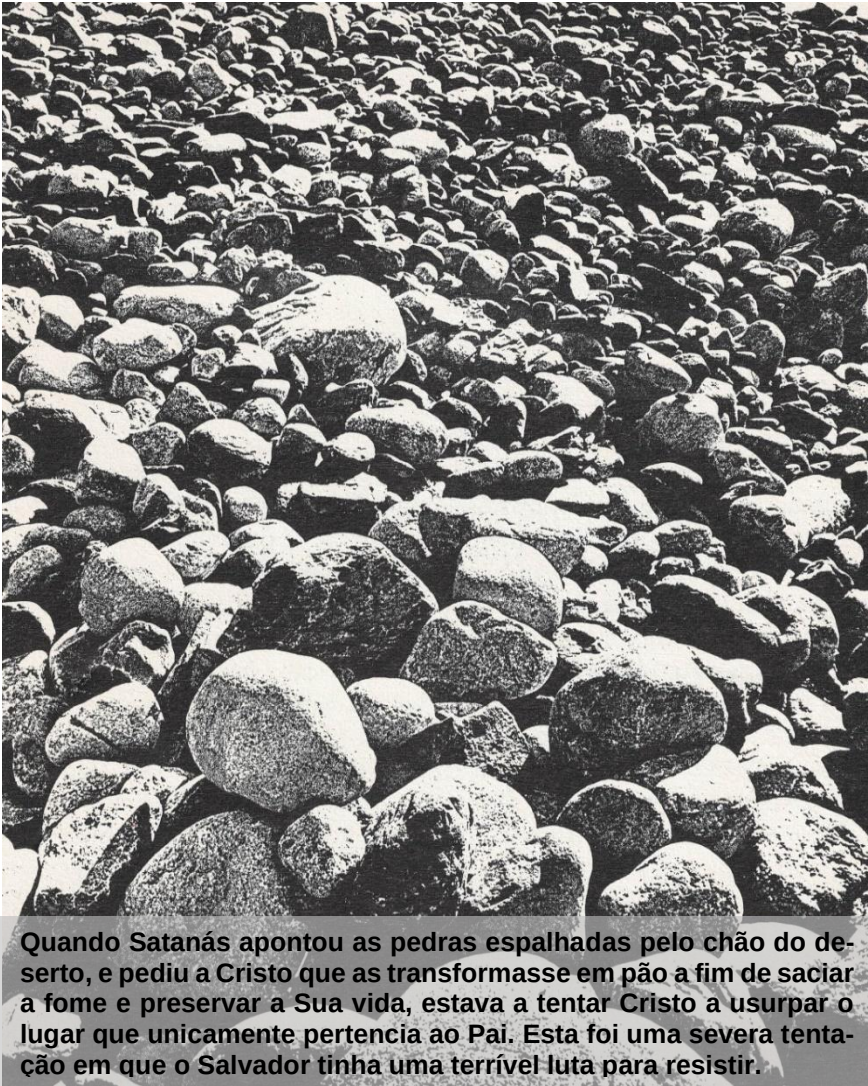
A resposta de Cristo a Satanás foi a declaração de um procedimento que garante a vitória total de cada vez que o princípio é posto em causa. Ele disse, “... Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.” *Mateus* 4:4.

Deste modo Cristo colocou a questão da sobrevivência e mesmo da causa de Deus como secundário à implícita obediência às ordens do Senhor. Ele disse ao tentador que não era uma questão de quem Ele era, que aspecto tinha, ou o que a Sua situação inferia ou sugeria, mas somente daquilo que o Pai Lhe tinha ordenado que fizesse. Nada mais havia com que Ele tivesse que se preocupar. Havia apenas duas questões que deviam ser respondidas na Sua vida diária. Elas eram: “Qual é o mandamento de Deus? Qual Sua promessa?” {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Sabendo isto, obedecia a uma e confiava na outra mesmo que fazê-lo, parecesse caminhar em consequências totalmente desastrosas tanto para si como para a causa de Deus. Mas compreendia que não tinha nada a ver com os resultados. Tinha que cumprir o Seu dever e deixar as consequências para Deus. Também compreendia que aquilo que parecia ser um iminente desastre era meramente as trevas antes do alvorecer. O Pai não podia cometer um erro e não cometeria. Portanto, os Seus planos não podiam ser executados fora do perfeito sucesso.

“Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Sofrer doença, ser privado de alimento e abrigo, ou morrer são calamidades terríveis, mas elas são menores do que caminhar em qualquer vereda que não seja a implícita obediência à vontade de Deus,



Quando Satanás apontou as pedras espalhadas pelo chão do deserto, e pediu a Cristo que as transformasse em pão a fim de saciar a fome e preservar a Sua vida, estava a tentar Cristo a usurpar o lugar que unicamente pertencia ao Pai. Esta foi uma severa tentação em que o Salvador tinha uma terrível luta para resistir.

o fiel cumprimento dos planos que o Senhor fez para nós.

Os filhos de Deus estão frequentemente presos à ideia que o dever do seu Pai celestial é responder instantaneamente a todas as orações pedindo ajuda, removendo imediatamente toda a causa de dificuldade e sofrimento assim que isso cai sobre eles. Pelo contrário, deve ser aprendido e aceite que o Senhor algumas vezes nos mantém à espera durante consideráveis períodos de tempo a fim de nos preparar para o tempo em que, durante a angústia de Jacó, a vitória não pode ser obtida sem um tempo de espera.

No deserto os dias passaram-se uns atrás dos outros sem ter sido dado ao Salvador qualquer alívio. Nada de anormal havia nisso, e, portanto, não havia indicação que o Senhor já não estava com Ele ou tinha deixado o Seu lugar como Planeador ou Solucionador de problemas. O Altíssimo ainda continuava a prestar a maior atenção à obra

que estava a avançar de acordo com os Seus perfeitos propósitos.

O Senhor tinha tentado usar esta forma de educação com os israelitas, mas estes provaram ser os estudantes mais obstinados. Todas as vezes que o Senhor tentou ensiná-los permitindo que sofressem durante um período de confiante espera, revoltaram-se, privando-se desse modo das maravilhosas possibilidades de crescimento espiritual.

A respeito desses tempos Moisés declarou:

“E te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram; para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem.” *Deuteronómio* 8:3.

“No deserto, quando falharam todos os meios de subsistência, Deus enviou a Seu povo maná do Céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava a ensinar-lhes que, enquanto confiassem em Deus, e andassem em Seus caminhos, Ele os não abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela Palavra de Deus, fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela palavra seria ele concedido a Jesus. Ele aguardava o tempo designado por Deus, para O socorrer. Achava-Se no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Em presença do expectante Universo, testificou Ele ser menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Ele estava no deserto por ordem de Deus, mas teria sido uma coisa muito simples descer até uma região habitada e, depois de reunir uma provisão de alimento, regressar ao lugar onde Deus O havia

colocado e continuar as Suas súplicas. Porém, não tinha ordem para fazer isso. Portanto, permaneceu onde estava apesar dos intensos sofrimentos e ameaça de vida.

Esta lição de implícita obediência tem que ser aprendida tão completamente por aqueles que serão os cento e quarenta e quatro mil, pelo que o Senhor será capaz de confiar neles tão totalmente como podia confiar em Cristo. Não será tarefa fácil alcançar este nível de obediência. Os que pretendem ser membros desse ilustre grupo deviam ponderar muito cuidadosamente se estão verdadeiramente preparados para fazer os sacrifícios necessários para alcançar isto.

Aqui por exemplo, está o tipo de situação que pode provar a pessoa. Um pai e uma mãe jovens ouvem a pregação do evangelho através da qual aprendem que Deus é o Restaurador do corpo assim como do espírito. Ficam emocionados quando ouvem o Senhor declarar, “Eu sou o teu Médico.” Reconhecem nisto um gracioso convite à entrega da guarda da saúde unicamente a Deus. De acordo com isto, fazem uma solene dedicação de si mesmos a Jeová nestes termos, determinando que nunca mais punham a sua confiança em qualquer outro procedimento que não o aprovado pelo Céu.

Não passa muito tempo até a sua resolução ser posta à prova. A esposa, esperando o seu primeiro bebé, fica gravemente doente. Confiantemente, seguem os procedimentos correctos na sua aproximação ao divino Médico e para sua alegria o problema desaparece. Os seus corações estão cheios da mais profunda gratidão ao Pai celestial que é poderoso na salvação e que responde às orações tão rápida e eficazmente.

Mas, apenas algumas semanas depois a mãe grávida fica outra vez gravemente doente. Confiante que a experiência anterior seria repetida, entregam a questão ao grande Médico como haviam feito anteriormente, mas desta vez nada acontece. A doença agrava-se cada vez mais até que é evidente que a paciente está muito próximo da morte.

É neste ponto que a pressão começa a fazer-se sentir mais fortemente sobre os pais. O marido amargamente a sua mulher, e não consegue aceitar o pensamento de a perder. Sente que algo tem de ser feito antes que seja para sempre tarde demais, especialmente quando começa a compreender que se ela morrer, será acusado da culpa de homicídio por ter negligenciado em recorrer aos serviços de um médico através de quem ela podia ser salva. Não pode ver evidência que o Senhor esteja ao menos interessado no caso, porque nenhuma resposta visível veio às suas orações. Esta é uma situação muito difícil e um tempo de prova. Aquilo que ele fizer agora revela quão firme está ancorado no princípio: que é “... menor desgraça sofrer seja o que for, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.” {DTN 75}, *O Desejado de Todas as Nações*, 121.

Se ele e a sua esposa tiverem caminhado no serviço de Deus; se as únicas perguntas que os preocupam forem, “quais são as ordens de Deus e quais as Suas promessas?”, e se eles cumprirem as simples condições envolvidas, nenhum desastre lhes sobrevirá. A esposa ou qualquer outro membro da família pode ser levado às portas da morte, mas não lhes será permitido morrer a menos que na superior sabedoria de Deus, Ele veja que é o melhor. Naquele momento esse é um resultado relativamente improvável. O verdadeiro cristão fará o seu concerto com o Senhor e permanecerá fiel a ele não importa que pressões possam vir. Ao fazer assim está a ser correctamente treinado para o conflito vindouro.

Há um paralelo muito próximo entre o que Cristo sofreu no deserto e a vitória ganha ali, e a experiência pela qual os cento e quarenta e quatro mil passarão no tempo da angústia de Jacó. Jesus Cristo estava no deserto por ordem de Deus, assim a desesperada situação em que os cento e quarenta e quatro mil se encontrarão será um resultado directo da sua implícita obediência às instruções pessoais de Deus. À medida que a sua condição rapidamente piora, verão todo o apoio terrestre cortado, resultando no sofrimento de severa privação e fome. O pior de tudo é que as suas mais sinceras súplicas por libertação encontrarão o que parecerá ser o desinteressado silêncio do Céu. Tal como Satanás desafiou Cristo a provar Ele mesmo ser o mensageiro de Deus, assim os ímpios afrontarão os verdadeiros crentes com o pensamento que são filhos de Satanás e não de Deus. Os ímpios jactar-se-ão da sua unidade e poder. Apontarão para os maravilhosos milagres que estão a realizar-se entre eles, a sua devoção às Escrituras, a sua determinação para construir o reino de Deus e as evidentes bênçãos que estão a receber no meio de desastrosas pragas.

Importunarão os justos com o pensamento que o Senhor os abandonou e ridicularizarão os seus devotos apelos ao Altíssimo. Assim, será colocada sobre eles tremenda pressão para fazerem alguma coisa para se salvarem, para provarem quem são e salvarem a causa de Deus da derrota e da destruição. Isto não devem eles fazer, porque desse modo a causa de Deus seria destruída e o triunfo de Satanás seria completo.

Não há linguagem humana que possa descrever convenientemente a pressão que os santos sentirão nesta altura, quando, a todo o custo devem viver por toda a palavra que procede da boca do Senhor. A obediência deve ser a única consideração. Eles sabem que Cristo é o Segador ao passo que a sua tarefa é demonstrar que a única solução possível para os inúmeros sofrimentos que serão crescentemente sentidos pelos ímpios se encontra em Deus, o infinito Solucionador de problemas.

Assim, quando insistem com Jesus para que lançar a Sua foice e segar, estão realmente a confirmar que reconhecem o papel de Cristo por um lado e a sua verdadeira posição por outro. Estão de facto a dizer que não há pressão que os induza a agir com qualquer outra consideração que não seja a obediência à palavra de Deus. Aquilo que Ele diz eles farão, nada mais e nada menos. Não farão qualquer tentativa para fazer a obra de Deus no lugar d'Ele como as multidões à sua volta estão a fazer. Estão a declarar que se relacionarão com a hora da tentação exactamente como Jesus fez no deserto.

É por causa de estarem tão firmes na sua posição como Jesus esteve que serão bem-sucedidos onde todos os outros movimentos do passado falharam. Enquanto os membros de todos os movimentos anteriores tomaram nas suas mãos a obra tentando construir o reino de Deus no lugar d'Ele, eles deixarão a ceifa e a construção do reino inteiramente para Ele. A grande vitória que obterão será alcançada mais por nada fazerem do que por fazerem alguma coisa. Este é o tipo de vitória mais difícil que alguém possa alcançar.

“O tempo de agonia e angústia que diante de nós está, exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome — fé que não desfaleça ainda que severamente provada. O tempo de graça é concedido a todos, a fim de se prepararem para aquela ocasião. Jacó prevaleceu porque era perseverante e decidido. Sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e como ele forem fervorosos e perseverantes, serão bem-sucedidos como ele o foi. Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão. Lutar com Deus — quão poucos sabem o que isto significa! Quão poucos têm buscado a Deus com contrição de alma, com intenso anelo, até que toda faculdade se encontre em sua máxima tensão! Quando ondas de desespero que linguagem alguma pode exprimir assoberbam os que fazem suas súplicas, quão poucos se apegam com fé inquebrantável às promessas de Deus!” *O Grande Conflito*, 621.



O Sexto Anjo

O sexto anjo, que se segue ao quinto, é apresentado em *Apocalipse* 14:17.

“E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda.”

Do mesmo modo como cada um dos cinco anjos anteriores representam um movimento de pessoas fazendo a vontade de Deus sob a Sua protecção, bênção e direcção, assim será o sexto anjo. Este corpo de pessoas fará a sua obra quando o quinto anjo tiver completado a sua no fim da angústia de Jacó.

A ausência de qualquer dificuldade em reconhecer o povo que constitui os primeiros cinco movimentos, leva à conclusão que não será difícil identificar os que constituirão o movimento do sexto anjo. Será visto que este é o caso.

Reunamos então os factos disponíveis acerca deste anjo e do movimento que ele representa. No primeiro caso, é dito que ele sai “... do templo, que está no céu,...” *Apocalipse* 14:17. Isto também é verdade acerca do quinto anjo no sentido em que o povo de Deus, as virgens prudentes, doutro modo chamados os cento e quarenta e quatro mil, entram e saem do lugar santíssimo no Céu, como já foi demonstrado. É no sentido espiritual e não no físico que isto é realizado, porque os cento e quarenta e quatro mil não fazem uma entrada literal no templo celestial até à sua trasladação. Foi quando, em resposta à mensagem dada no clamor da meia-noite, as virgens compreenderam a posição e obra de Cristo no lugar santíssimo do Céu e O seguiram pela fé enquanto Ele ia perante Deus, mesmo apesar de ainda estarem fisicamente na Terra.

Desde essa altura, cada crente em Jesus que compreende o ministério de Cristo no santuário celestial e entra nas bênçãos que esse ministério proporciona, está com o seu glorioso Sumo-Sacerdote no templo de Deus no Céu. Enquanto Cristo ali permanecer, também eles pela fé, mas quando Ele sai, eles saem com Ele, porque os cento e quarenta e quatro mil “... seguem o Cordeiro para onde quer que vá...” *Apocalipse* 14:4. Portanto, quando o ministério de Cristo no lugar santíssimo estiver finalizado e Cristo despir as Suas vestes sacerdotais trocando-as pelas vestes reais e pela coroa, e deixa em seguida o templo a fim de viajar para esta Terra, os crentes em Jesus saem com o seu imaculado Sumo Sacerdote, continuando a segui-l’O na sua caminhada espiritual da fé. É por esta razão que se diz que o quinto e o sexto anjo saem do templo que está no Céu.

Isto indicaria que os membros dos movimentos do quinto e do sexto anjo são os mesmos. É de esperar isto e é de facto o caso. Deus planeou que assim devia ser com todos os movimentos anteriores. Não foi por Sua vontade que uma grande parte das pessoas que saíram para formar o movimento do primeiro anjo falharam em seguir com o segundo anjo quando a sua obra começou e se desenvolveu. Se Deus pudesse ter conseguido isto, todas as pessoas que tinham respondido à mensagem e ministério do primeiro anjo teriam semelhantemente proclamado as verdades do segundo, terceiro e quarto anjos e teriam continuado a participar no testemunho final dado pelo quinto, sexto e sétimo anjos. Se isto tivesse sido atingido, não teria havido necessidade de enviar o quarto por causa do povo do advento ter perdido as verdades dos primeiros três anjos.

A obra de Deus através dos Seus mensageiros angélicos foi consecutivamente adiada por causa da imperfeição e fracasso humano, mas, uma vez acabada a provação, não haverá mais adiamento e nem uma única pessoa cairá em apostasia. Nem mais alguém será chamado a depor a sua vida depois do

selo final ter sido afixado. Portanto, todas as pessoas membros do movimento do quinto anjo avançarão participando do movimento do sexto anjo.

Não há necessidade de qualquer mudança de membros para iniciar um novo movimento apesar de, no ponto de transição, normalmente haver graves abandonos seguidos pela necessidade de substituição por outros que aceitam a verdade e entram nas fileiras. O novo movimento começa quando a fase seguinte da mensagem é apresentada. Assim o primeiro anjo anunciou a chegada da hora do julgamento enquanto, ao mesmo tempo, apresentou o evangelho como o único meio pelo qual o padrão para passar esse solene escrutínio pode ser alcançado. Não lhe foi ordenado que fizesse mais do que isso. Portanto, as grandes mudanças que se desenvolveram como resultado do seu comportamento não era responsabilidade sua. Isso devia ser feito por outro anjo e seu movimento.

Por outro lado, quando a luz do primeiro anjo brilhava, houve os que responderam à verdade e estavam diariamente a crescer na graça, mas, por outro, houve milhares de pessoas que foram inicialmente tocadas pela poderosa pregação destas verdades, mas escolheram voltar as costas e por isso sofreram uma grave queda espiritual.

Os que haviam respondido e participaram na proclamação da mensagem do primeiro anjo, precisavam agora de luz adicional para os ensinar a tratar com estes desenvolvimentos. Tinham que saber como relacionar-se com os que tinham sido anteriormente seus irmãos, mas que eram agora implacavelmente hostis à mensagem. A separação das igrejas caídas onde tinham passado tantos anos e para onde estavam dirigidos o seu amor e lealdade, devia agora ser reclamado deles. Estas tornaram-se as responsabilidades do segundo anjo. Foi o cumprimento desta obra que fez o seu movimento.

Do mesmo modo, o quinto anjo não finaliza a obra do Senhor. A Sua missão, como já foi visto, é ser um brilhante instrumento através de quem o Senhor revelará a luz do Seu carácter com tal clareza e brilho que mesmo as pessoas mais ímpias na Terra serão levadas a ver e a reconhecer a beleza, justiça e rectidão do imaculado espírito e vida de Deus.

Quando esta obra estiver completa, ainda haverá alguns assuntos por finalizar que surgem como um desenvolvimento natural da obra do quinto anjo. Isto deverá ser completado antes do caminho estar totalmente preparado para a segunda vinda de Cristo e é a obra do sétimo anjo exortar o sexto para acabar a sua missão.

“E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: ‘Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.’” *Apocalipse* 14:18.

Como há dois seres neste capítulo que levam foices deve ter-se cuidado para determinar correctamente a quem é que o sétimo anjo se dirige. As únicas duas possibilidades são, Aquele que se senta na grande nuvem branca com a foice aguda na mão e o sexto anjo. Destes dois, aquele que responde ao apelo do sétimo anjo para lançar a sua foice aguda e segar tem que ser aquele a quem ele se dirige. Está confirmado que é o sexto anjo.

“E o anjo lançou a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e atirou-as no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.” *Apocalipse* 14:19, 20.

Esta sega é uma colheita, não de almas para a vida eterna como a ceifa efectuada pelo Rei conquistador, mas uma colheita de morte em que milhões perecem. De facto, a matança será tão terrível e extensa que apenas sobreviverão os cento e quarenta e quatro mil. Isto será alcançado pela combinação de duas coisas — a fúria não restringida dos ímpios que os leva a atacarem-se uns aos outros com desenfreada ferocidade e o terrível derramamento das sete pragas.

“Na desvairada contenda de suas próprias e violentas paixões, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, sucumbem os ímpios habitantes da Terra — sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, elevados e baixos. ‘E serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da Terra até à outra extremidade da Terra; não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados.’ Jer. 25:33.” *O Grande Conflito*, 657.

É quando a obra do quinto anjo levar os culpados habitantes da Terra a uma verdadeira compreensão do carácter de Deus e da sua própria rejeição da luz e verdade divina que esta pavorosa destruição da vida humana realmente se iniciará. Tão grande, espalhada, feroz e culminante, será esta aniquilação da humanidade, que há o perigo de falhar em ver o facto que não será mais do que a culminação da crescente obra de morte e destruição que foi ocorrendo durante as primeiras quatro pragas, sendo cada uma tão terrível que se fossem universais a humanidade seria extinta antes do quinto anjo ser capaz de realizar a sua obra.

Referindo-se às primeiras pragas está escrito: “Estas pragas não são universais, ao contrário os habitantes da Terra seriam inteiramente exterminados. Contudo serão os mais terríveis flagelos que já foram conhecidos por mortais. Todos os juízos sobre os homens, antes do final do tempo da graça, foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas no juízo final a ira é derramada sem mistura de misericórdia.” *O Grande Conflito*, 628, 629.

Durante o período destas primeiras quatro pragas, “Os cânticos do templo serão gritos de dor naquele dia, diz o Senhor Jeová; muitos serão os cadáveres; em todos os lugares serão lançados fora em silêncio.’ ...Enquanto os ímpios estão a morrer de fome e pestilências....” *O Grande Conflito*, 628, 629.

O flagelo também atingirá o reino animal com perda terrível de vidas entre os animais domésticos. Quando a terrível intensificação do calor do sol durante a quarta praga secar a erva dos campos, os animais morrerão aos milhões. “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas.” *O Grande Conflito*, 629.

Os que sobrevivem a estas devastações são aqueles que estarão envolvidos na grande mortandade universal que abrangerá todo o mundo depois do quinto anjo — os cento e quarenta e quatro mil — terem feito a sua obra. Sob o seu ministério, como já vimos, os ímpios experimentarão um terrível despertar pelo qual verão por si mesmos o verdadeiro carácter das santas e justas leis de Deus e do Soberano do Universo que os criou. A primeira reacção será cair aos pés dos santos num sentido reconhecimento da correcta posição que eles mantiveram, ao passo que confessam numa angústia quebrantadora do coração e destruidora da alma o mal dos seus próprios caminhos. Será um terrível momento de verdade em que será horrível contemplar e ainda pior experimentar.

Isto também trará aos perdidos um sentido indescritivelmente devastador, torturador da alma a respeito daquilo que abandonaram em troca do lado popular fácil no grande conflito entre Cristo e Satanás. Estarão ao lado uns dos outros com ilimitado e incontrolável ódio e desejo de vingança sobre aqueles que os influenciaram a tomar a decisão errada.

Todos verão os outros como a causa da sua perda, mas todos estarão unidos lançando o maior peso de responsabilidade pela sua incrivelmente desesperada situação sobre os ministros apostatados.

“O povo vê que foi iludido. Um acusa ao outro de o ter levado à destruição; todos, porém, se unem em acumular suas mais amargas condenações contra os ministros. Pastores infiéis profetizaram coisas agradáveis, levaram os ouvintes a anular a lei de Deus e a perseguir os que a queriam santificar. Agora, em seu desespero, esses ensinadores confessam perante o mundo sua obra de engano.” *O Grande Conflito*, 655, 656.

Uma vez alcançado este estado de coisas, estão lançadas as condições para o acto seguinte no drama — a libertação dessa incontrollada paixão e fúria humana pela qual os ímpios se destruirão mutuamente.

“As multidões estão cheias de furor. ‘Estamos perdidos!’ exclamam; ‘e vós sois a causa de nossa ruína’; e voltam-se contra os falsos pastores. Aqueles mesmos que mais os admiravam, pronunciarão as mais terríveis maldições sobre eles. As mesmas mãos que os coroavam de lauréis, levantar-se-ão para destruí-los. As espadas que deveriam matar o povo de Deus, são agora empregadas para exterminar os seus inimigos. Por toda parte há contenda e morticínio.

“Chegará o estrondo até à extremidade da Terra, porque o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo com toda a carne; os ímpios entregará à espada.’ Jer. 25:31. Seis mil anos esteve em andamento o grande conflito; o Filho de Deus e Seus mensageiros celestiais estavam em conflito com

o poder do maligno, a fim de advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora todos fizeram sua decisão; os ímpios uniram-se completamente a Satanás em sua luta contra Deus. Chegado é o tempo para Deus reivindicar a autoridade de Sua lei que fora desprezada. Agora a controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações’; ‘os ímpios entregará à espada’.

“O sinal de livramento foi posto sobre aqueles ‘que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem’. Agora sai o anjo da morte, representado na visão de Ezequiel pelos homens com as armas destruidoras, aos quais é dada a ordem: ‘Matai velhos, mancebos, e virgens, e meninos, e mulheres, até exterminá-los; mas a todo homem que tiver o sinal não vos chegueis; e começai pelo Meu santuário.’ Diz o profeta: ‘E começaram pelos homens mais velhos que estavam diante da casa.’ Ezeq. 9:1-6. A obra de destruição se inicia entre os que professaram ser os guardas espirituais do povo. Os falsos vigias são os primeiros a cair. Ninguém há de quem se compadecer ou a quem poupar. Homens, mulheres, donzelas e criancinhas perecem juntamente.

“O Senhor sairá do Seu lugar, para castigar os moradores da Terra, por causa da sua iniquidade, e a Terra descobrirá o seu sangue, e não encobrirá mais aqueles que foram mortos.’ Isa. 26:21. ‘E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: a sua carne será consumida, estando eles de pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e lhes apodrecerá a língua na sua boca. Naquele dia também acontecerá que haverá uma grande perturbação do Senhor entre eles; porque pegará cada um na mão do seu companheiro, e alçar-se-á a mão de cada um contra a mão de seu companheiro.’ Zac. 14:12 e 13. Na desvairada contenda de suas próprias e violentas paixões, e pelo derramamento terrível da ira de Deus sem mistura, sucumbem os ímpios habitantes da Terra — sacerdotes, governadores e povo, ricos e pobres, elevados e baixos. ‘E serão os mortos do Senhor, naquele dia, desde uma extremidade da Terra até à outra extremidade da Terra; não serão pranteados nem recolhidos, nem sepultados.’ Jer. 25:33.

“Por ocasião da vinda de Cristo os ímpios são eliminados da face de toda a Terra: consumidos pelo espírito de Sua boca, e destruídos pelo resplendor de Sua glória. Cristo leva o Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra é esvaziada de seus moradores. ‘Eis que o Senhor esvazia a Terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores.’ ‘De todo se esvaziará a Terra, e de todo será saqueada, porque o Senhor pronunciou esta palavra.’ ‘Porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e os que habitam nela serão desolados; por isso serão queimados os moradores da Terra.’ Isa. 24:1, 3, 4 e 6.

“A Terra inteira se parece com um deserto assolado. As ruínas das cidades e vilas destruídas pelo terremoto, árvores desarraigadas, pedras escabrosas arrojadas pelo mar ou arrancadas da própria Terra, espalham-se pela sua superfície, enquanto vastas cavernas assinalam o lugar em que as montanhas foram separadas da sua base.” *O Grande Conflito*, 656, 657.

Esta é a colheita de morte reunida pelo sexto anjo que é ilustrado como tendo um foice de segar na sua mão. Nenhum ímpio que rejeite o amor e misericórdia de Deus escapará a essa colheita sangrenta apesar do facto de chegarem a ver e reconhecerem que estiveram errados e Deus certo. O seu arrependimento vem demasiado tarde como fizeram Balaão e Judas. Enquanto nas suas mentes reconhecem e os seus lábios confessam a verdade de Deus, os corações permanecem inalterados. Se lhes fosse dada outra oportunidade, simplesmente reverteriam aos seus caminhos rebeldes outra vez.

“Os ímpios estão cheios de pesar, não por causa de sua pecaminosa negligência para com Deus e seus semelhantes, mas porque Deus venceu. Lamentam que o resultado seja o que é; mas não se arrependem de sua impiedade. Se pudessem, não deixariam de experimentar todo e qualquer meio para vencer.” *O Grande Conflito*, 654.

As Escrituras plenamente mostram que é a obra do sexto anjo sob a insistência do sétimo que efectua esta tremenda mortandade dos ímpios. Contudo, como as citações aqui apresentadas plenamente mostram, os membros justos do movimento do sexto anjo nada mais fazem do que esperar e ver tudo acontecer. Não se vê eles usarem armas de executores destruindo os seus inimigos. Para eles desta vez será cumprida a promessa:



A destruição incrível durante as pragas será responsável pela perda imensa de vidas humanas, mas vastas multidões continuarão a ser destruídas pelas mãos uns dos outros durante o tempo do movimento do sexto anjo.

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti. Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.” *Salmos* 91:7, 8.

Seria quase impossível os justos nesta altura ocuparem o papel de carrascos, porque isto seria totalmente contrário ao carácter de Deus precisamente na altura em que o reflexo mais perfeito possível do carácter é essencial para a sua obra. Por outras palavras, se fossem eles a matar, desfariam tudo o que havia sido alcançado até esse ponto de tempo.

Em que sentido então estes crentes nesta altura lançam as suas foices e segam a colheita da Terra? Como pode uma obra que é descrita como sendo directa e activa ser simplesmente através de ficarem passivamente como observadores.

Uma ajuda na compreensão disto pode ser obtida pelo estudo do papel do segundo anjo que anunciou a queda de Babilónia e chamou os verdadeiros filhos de Deus a separarem-se dela. Os membros do movimento do segundo anjo não produziram a destituição espiritual que correctamente viram e declararam. Foi a apresentação da mensagem do primeiro anjo que causou o resultado anunciado pelo segundo. Se não tivesse havido necessidade de proclamar estas consequências, os membros do movimento do segundo anjo teriam sido meros silenciosos espectadores delas. É assim que será no caso do movimento do sexto anjo que é a extensão natural do movimento do quinto. Eles serão observadores silenciosos dos resultados da sua obra quando eram membros do movimento do quinto anjo. É dito que a mortandade é feita por eles porque é o resultado natural do seu testemunho.

Há ainda outro sentido em que eles podem ser descrito como os executores. Por serem abençoados com plenitude do amor e compaixão divinos, será impossível eles observarem a destruição dos ímpios sem a mais profunda tristeza e o mais intenso sofrimento. Eles sentirão um tremendo impulso para parar a carnificina, mas têm que entender que tudo isto tem que acontecer e não devem interferir. Quanto maior é o amor por Deus e Suas criaturas, mais poderoso e terrível será este impulso. Será preciso uma tremenda força de vontade para lhe resistir. Exactamente como Jesus firmemente

determinou ir a Jerusalém contra a pressão das almas que O rodeavam que eram beneficiadas pelo Seu ministério salvador, assim o povo de Deus com firmeza se mantém firme quando tentado a fazer outra coisa. É um bem reconhecido princípio que se não levantares uma mão para salvar uma pessoa da morte, sois julgados como se a tivesses morto. Por causa de estarem ali e nada fazerem para acabar com a matança, pode ser dito, num sentido, que eles fazem realmente a destruição.

Alguém pode perguntar por que é que isto devia precisar de um novo movimento, especialmente quando há pouco ou nada para os seus membros realizarem. Isto tem que ser feito assim para identificar a fase seguinte no desenvolvimento dos acontecimentos. Sob o ministério do movimento do quarto anjo, a advertência final é levada a todas as pessoas da Terra. Assim que esta obra estiver acabada, outra começa, designadamente a revelação do carácter de Deus ao ponto em que o Senhor com sucesso libertará os ímpios dos conceitos errados a respeito d'Ele. A bem sucedida realização desta obra será alcançada quando os rebeldes e os seus ministros confessam que estão errados. Então está desimpedido o caminho para a fase seguinte que será a morte daqueles que perderam tudo no grande conflito da vida. Para cobrir esta fase é preciso outro anjo mesmo se os simbolizados por ele não façam mais do que estar ali e observar.



O Vinho da Ira de Deus

A terrível mortandade que tem lugar durante o tempo do sexto anjo é simbolicamente representada pelo pisar do lagar da ira de Deus não misturada com misericórdia.

“Todos os juízos sobre os homens, antes do final do tempo da graça, foram misturados com misericórdia. O sangue propiciatório de Cristo tem livrado o pecador de os receber na medida completa de sua culpa; mas no juízo final a ira é derramada sem mistura de misericórdia.” *O Grande Conflito*, 629.

O sétimo anjo dará ordem ao sexto “... Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.”

“E o anjo lançou a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e atirou-as no grande lagar da ira de Deus.

“E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.” *Apocalipse* 14:18-20.

Esta passagem está enriquecida com metáforas, e, portanto, cheia de informação vital. O segador deve juntar os cachos da vinha *da Terra*. Estes devem ser lançados no lagar que é pisado *fora da cidade*. Tão grande é o rio de sangue que chega aos freios dos cavalos pela distância de mil e seiscentos estádios. Cada um destes factos necessita ser estudado por si só.

As uvas são os *cachos* da vinha e o vinho espremido deles na sua forma não fermentada é usado em toda a Escritura como uma representação da vida que corre de Deus para os pecadores culpados que estão preparados para se arrependerem e receberem a salvação de Deus. A mais clara, mais poderosa e mais conhecida revelação disto foi dada por Cristo na última ceia quando, depois de abençoar o pão e o vinho, declarou que o pão era a Sua carne e o vinho era o Seu sangue.

“E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: ‘Bebei dele todos;

“Porque isto é o Meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.” *Mateus* 26:27, 28.

Cristo veio à Terra, não apenas para dar aos homens o perdão, apesar disto ser tão essencial, mas para substituir com a Sua própria vida eterna, a vida que a humanidade perdeu quando Adão pecou no Éden. Ele exprimiu esta preciosa verdade nestas palavras: “...Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” *João* 10:10.

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho.

“Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.” *1 João* 5:11, 12.

A Escritura diz que “... a vida da carne está no sangue...” *Levítico* 17:11. Isto é verdade no sentido físico, porque nenhum homem pode sobreviver se uma percentagem do seu sangue for retirada. É pelo sangue que o oxigénio essencial à vida é distribuído por todo o corpo, enquanto o dióxido de carbono e outros materiais inúteis são enviados para os vários órgãos purificadores para serem expulsos do corpo. Logo que a corrente sanguínea pára, a morte chega rapidamente.

O mesmo princípio se aplica ao sustento da vida espiritual na alma apesar do sangue não estar literalmente envolvido. Tal como um contínuo fluxo de sangue quente sustentador da vida tem que correr através do corpo a fim de evitar a morte física, assim tem que haver uma constante corrente de vida de Cristo a fluir d’Ele para o crente.

Foi por esta razão que, enquanto esteve na Terra, Cristo passou tempo considerável todos os dias a atrair para Si a corrente de vida espiritual que fluía do Pai para Si mesmo. Ele fez isto nas longas horas que passou a orar durante a noite ou de manhã cedo.

“Nenhuma outra vida já foi tão assoberbada de trabalho e responsabilidade como a de Jesus; todavia, quantas vezes estava Ele em oração! Quão constante, Sua comunhão com o Pai! Repetidamente, na história de Sua vida terrestre, se encontram registros como esses: ‘E, levantando-Se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava.’ ‘Ajuntava-se muita gente para O ouvir, e para ser por Ele curada das suas enfermidades. Porém Ele retirava-Se para os desertos, e ali orava.’ ‘E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus.’ Mar. 1:35; Luc. 5:15 e 16; Luc. 6:12.” {DTN 252}, *O Desejado de Todas as Nações*, 362.

Jesus não se limitou apenas a “dizer as Suas orações” durante estas sessões. Houve ocasiões em que Ele literalmente Se lançou sobre a altíssima fonte de vida e poder que era o Seu Pai. A corrente de vida espiritual que nessa altura fluía para Ele e através d’Ele no sentido espiritual e que também Lhe trazia rejuvenescimento físico, é semelhante à circulação do sangue no sistema humano.

“Em Cristo, o grito da raça humana chegava até ao Pai de infinita piedade. Como homem, suplicava ao trono de Deus, até que Sua humanidade fosse de tal modo carregada com a corrente celestial, que pudesse estabelecer ligação entre a humanidade e a divindade. Mediante contínua comunhão recebia vida de Deus, de maneira a poder comunicar vida ao mundo. Sua experiência deve ser a nossa.” {DTN 253}, *O Desejado de Todas as Nações*, 363.

É criticamente importante que todo o crente em Jesus tenha realmente esta experiência. Ele deve beber o sangue do Filho de Deus, que é simbolizado pela participação do doce, fresco, não fermentado sumo de uva. Fazer isto é sustentar e nutrir a vida espiritual para activo crescimento, ao passo que negligenciar fazê-lo é morte espiritual.

Mas o sangue que corre do lagar em *Apocalipse* 14:19, 20, não é o símbolo da perfeita vida de Deus em Jesus Cristo. Este é o vinho da ira de Deus que traz morte, não vida, a todos os que beberem dele. A referência a isto foi feita anteriormente no capítulo.

“E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão,

“Também este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.” *Apocalipse* 14:9, 10.

Excepto no sentido em que ele limpa a Terra do pecado e dos pecadores e detém os ímpios na construção de uma terrível tempestade de retribuição contra si mesmos, não há bênção no vinho da ira de Deus mas apenas uma maldição mortal que não cessa o seu poder até que as vítimas sejam totalmente aniquiladas. A destruição como a ilustrada em *Apocalipse* 14:20 é tão grande que um verdadeiro oceano de sangue, em profundidade chegando aos freios dos cavalos numa distância de mil e seiscentos estádios.

Assim há um vinho que simboliza a imaculada vida de Cristo e dá vida eterna a quem a receber e o vinho que tipifica a ira de Deus e a terrível destruição que acompanha aqueles que beberem este poderoso líquido. Pareceria que eles são muito diferentes um do outro e, nalguns aspectos são. Contudo, originalmente eram o mesmo. Por um lado, no vinho de Cristo, a qualidade natural, inerente pureza e abençoadora da vida, foram preservadas, mas no outro, o vinho da ira de Deus, a corrupção tem transformado a bênção em maldição.

O vinho é um símbolo apropriado do processo pelo qual o pecado começou a existir. Todo o pecado é a perversão de tudo aquilo que é bom, natural, puro e justo tal como veio das mãos criadoras de Deus, tal como o vinho intoxicante é a fermentação daquele sumo que era doce e fresco no primeiro caso. Nunca teria havido coisa como vinho fermentado se não tivesse havido sumo de uva doce para começar. Assim, o pecado nunca podia ter existido a menos que primeiramente tivesse havido justiça.

Um momento de reflexão confirma a verdade destes factos. Se o pecado não fosse uma perversão da justiça, então ele tinha que ter uma criação só para si na qual o pecado teria sido criado directamente

como tal. Chegar a esta conclusão significa que, se ao mesmo tempo aderimos à verdade que existe apenas um Criador, nomeadamente Deus através de Jesus e do Espírito Santo, então temos que acreditar e ensinar que o pecado é uma obra directa de Deus; que Ele criou o pecado. Então, esta posição apenas pode levar à convicção que Deus é o culpado por toda a tristeza, destruição e morte que alguma vez afligiu a infeliz raça humana.

Mas nenhum verdadeiro filho de Deus jamais aceitaria a ideia de Deus ser o Criador do mal, mesmo que Satanás argumente isto com considerável veemência e determinação. Contudo, se alguém nega correctamente que Deus criou o pecado, ao passo que continua a rejeitar a verdade que o pecado é a perversão da justiça, então esse tem que concluir que há outro criador que estava dedicado à produção do mal.

Uma vez mais, nenhum verdadeiro filho pode possivelmente apoiar essa posição, pela simples razão que houve apenas um propósito criador no Pai, Filho e Espírito Santo e que foi produzir o bem no qual não havia mal. Falando de Cristo a quem o Pai entregou a obra da criação, a Escritura diz:

“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;

“Porque n’Ele foram criadas *todas as coisas* que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por Ele e para Ele.” *Colossenses* 1:15, 16.

“Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele *nada* do que foi feito se fez.” *João* 1:3.

Portanto, tão seguramente como há apenas um Criador que trouxe apenas bem à existência, o pecado como ele existe neste mundo tem que ser a perversão da justiça, tal como o vinho intoxicante é a perversão do puro sumo da uva. Isto significa que onde quer que se encontre a justiça, há o potencial para o aparecimento do mal, exactamente como a disponibilidade do bom e doce sumo da uva é a certeza que o vinho fermentado pode ser feito.

Enquanto o não fermentado sumo de uva pode ser transformado em veneno mortal que inflama, corrompe e destrói todo o ser humano, o processo não pode ser invertido. O vinho fermentado não pode ser invertido ao seu puro estado original. Semelhantemente, quando os grandes poderes da justiça são pervertidos em iniquidade e pecado, não podem reverter à sua primeira condição. A única possibilidade é a erradicação do mal e a sua substituição pelo bem.

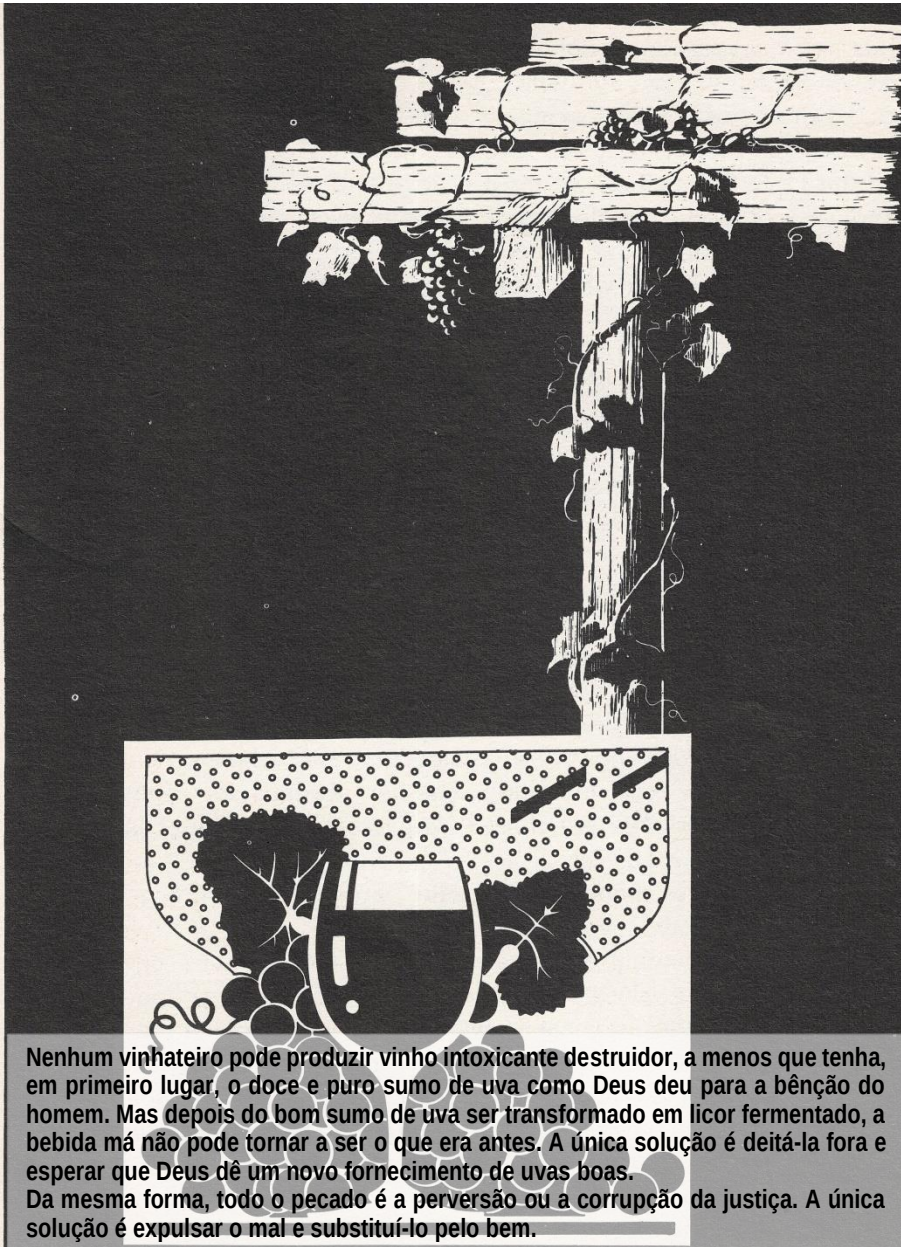
Este vinho, que foi pervertido do seu estado puro, doce e sustentador da vida, sai do lagar da ira de Deus e é chamado “... o vinho da *ira* de Deus ...” *Apocalipse* 14:10. Isto desenvolve na mente de alguns a ilustração de um Deus pessoalmente irado vociferando a Sua ira vingadora sobre as cabeças desprotegidas daqueles que Lhe desagradaram. Nenhum conceito podia estar mais longe da verdade embora esteja declarado que é a *ira de Deus* que destrói os ímpios.

Uma das características de Deus que sobressaem é a imutável consistência. Ele com verdade declara acerca de Si próprio: “... Eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos.”

“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente.” *Hebreus* 13:8. “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.” *Tiago* 1:17.

Isto não é verdade quanto ao humano ou satânico. Estes passam por temperamentos em resposta às pressões colocadas sobre eles e das necessidades que lhes são apresentadas. O facto deles estarem sempre felizes e satisfeitos em qualquer altura não é garantia que isto continuará. Se sentirem que podem ganhar algo sendo gentis e amigáveis, é esta a forma pela qual se manifestam, mas se são contrariados, então explodem em fúria destruidora contra o ofensor.

Esta mutabilidade não se encontra em Deus. Nenhuma circunstância pode mudá-l’O de qualquer forma. O Seu amor infinito não tem limites; não há ponto algum onde ele acaba ou muda. Nem mesmo o diabo que tem feito mais mal ao reino de Deus do que qualquer outro ser criado, tem afectado esse amor no mais pequeno grau. Apesar de ser difícil para alguns compreenderem esta verdade, é ainda assim, um facto que Deus ama Satanás hoje como quando ele era um querubim cobridor brilhante no santuário celestial. Não confundi o amor de Deus por Satanás com comunhão com ele. Devido ao



tem apenas que se procurar uma das manifestações da ira de Deus relatada nas Escrituras. Não há melhor exemplo do que em *Mateus* 22:7.

“E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.”

Nesta parábola, o rei é Deus, os exércitos os romanos, os homicidas os judeus e a cidade Jerusalém.

Sob todas as aparências este versículo ilustra Deus num estado de fúria pessoal e seria interpretado desta forma pelo comum estudante da Bíblia. Parece que Deus, motivado pela ira a ferver n’Ele, pessoalmente ordenou aos romanos que avançassem sobre Jerusalém, destruíssem a cidade e matassem ou levassem escravos os seus habitantes.

Todavia, esta não é a interpretação destas palavras como ela se encontra no Espírito de Profecia, onde é mostrado que o terrível sofrimento infligido aos judeus não foram a expressão da ira pessoal de Deus, mas foram a obra dos homens que, por terem saído do controlo de Deus, se transformaram em agentes encolerizados de destruição. Era *naqueles* homens que se encontrava a ira, *não* no Deus que lhes deu os poderes pelos quais puseram em ruínas a cidade e os seus habitantes. Enquanto os homens se destruíam uns aos outros, o coração de Deus estava cheio de inexprimível tristeza que somente um

espírito e atitude de Satanás, é impossível Deus ter qualquer tipo de relação com o inimigo, mas isto não diminui o amor de Deus para com Satanás no mínimo.

Esta é uma situação dolorosa para o eterno Pai, porque não há nada mais terrível do que amar os filhos que vós próprios criastes com grau infinito sem ser capaz de ter qualquer relação com eles, contudo, é isto que Deus experimenta a respeito de Satanás e todo o pecador que existe. Por outro lado, não há nada mais maravilhoso do que estar cheio de profundo amor por uma pessoa estando ao mesmo tempo unidos em íntima e harmoniosa comunhão.

A questão é que Deus nunca muda. Portanto, Ele nunca passa de um estado de terna paciência para uma fúria irada, porque isso seria impossível. Como podem então as Escrituras falarem da *ira* de Deus se Deus nunca muda, e, portanto, nunca experimenta em Si a ira?

Para encontrar a resposta,

Pai eterno cujo ser inteiro está carregado de amor infinito pode conhecer. Não havia ira em Deus nesta altura. Toda ela estava nos homens que O haviam rejeitado e à Sua salvadora graça.

“Os judeus haviam forjado seus próprios grilhões; eles mesmos encheram a taça da vingança. Na destruição completa que lhes sobreveio como nação, e em todas as desgraças que os acompanharam depois de dispersos, não estavam senão recolhendo a colheita que suas próprias mãos semearam. Diz o profeta: ‘Para tua perda, ó Israel, te rebelaste contra Mim’ (Osé. 13:9), ‘pelos teus pecados tens caído.’ Osé. 14:1. Seus sofrimentos são muitas vezes representados como sendo castigo a eles infligido por decreto direto da parte de Deus.” *O Grande Conflito*, 35.

Esta última frase é uma simples declaração do facto que deixa por responder a questão se esta interpretação do comportamento de Deus é verdadeiro ou falso. Mas isto é esclarecido nas frases seguintes que confirmam que é o método de Satanás culpar Deus da sua própria obra maligna. Não foi Deus que escolheu e aplicou os castigos que caíram sobre os judeus. Este foi um resultado natural do seu próprio mau caminho.

“É assim que o grande enganador procura esconder sua própria obra. Pela obstinada rejeição do amor e misericórdia divina, os judeus fizeram com que a proteção de Deus fosse deles retirada, e permitiu-se a Satanás dirigi-los segundo a sua vontade. As horríveis crueldades executadas na destruição de Jerusalém são uma demonstração do poder vingador de Satanás sobre os que se rendem ao seu controle....

“Deus não fica em relação ao pecador como executor da sentença contra a transgressão; mas deixa entregues a si mesmos os que rejeitam Sua misericórdia, para colherem aquilo que semearam.” *O Grande Conflito*, 35, 36.

Em que sentido podem as Escrituras dizer com verdade que Deus estava irado quando de facto não vinham d’Ele emoções dessas?

Embora rejeitemos os ensinamentos panteístas que declaram que Deus está literal e pessoalmente em cada coisa criada, temos de reconhecer que a genuína verdade está próxima desta contrafacção. Quando Deus “... falou, e foi feito;” quando “... mandou, e logo apareceu.” *Salmos* 33:9, tudo isto foi feito pelo poder criador que procedia e era transmitido d’Ele. Quando Ele decidiu construir um Universo cheio de galáxias habitadas, não tinha materiais existentes a partir dos quais construí-lo. A Sua única força de energia estava n’Ele e, à medida que a derramava na Sua obra criadora transformou-a em matéria. É portanto literalmente verdade que: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca.” *Salmos* 33:6. Portanto, Ele é a Fonte de todas as coisas. Nada existe que não tenha vindo d’Ele, de modo que, num sentido muito real, tudo é parte d’Ele.

Esta é uma verdade que o panteísmo tem levado longe demais. Por causa de tudo o que existe vir e sair de Deus, os panteístas vêem a pessoa de Deus estar literalmente presente em todas as coisas, mas tem que ser feita uma distinção entre a Pessoa que é Deus e as obras criadas que saíram d’Ele quando “... falou, e foi feito;” quando “... mandou, e logo apareceu.” *Salmos* 33:9.

O verdadeiro filho de Deus reconhece que por causa de Deus ser a única Fonte donde todas as coisas provêm, então todas as coisas que estavam antes n’Ele ainda são de facto uma parte d’Ele.

Esta presença de Deus nas Suas obras criadas não é o Criador em pessoa, mas aquilo que veio da Pessoa e que, através do pecado, pode ser separado da Pessoa. Mesmo quando é separado e ficou pervertido num estado maligno, continua ainda a vir de Deus e é uma parte d’Ele.

Ora, enquanto Deus como Pessoa nunca possa mudar, aquilo que saiu e veio d’Ele certamente pode. Os homens e a natureza, que sob o controlo de Deus permanecem em paz e dão apenas bom fruto, tornar-se-ão certamente furiosos agentes de destruição quando saem do Seu controlo pessoal. Este facto expõe uma falta grave nos ensinamentos do panteísmo. Se Deus em Pessoa estivesse real e literalmente em cada coisa criada, então seria impossível ocorrerem quaisquer manifestações destruidoras na natureza. Os brandos e refrescantes ventos não podiam transformar-se em devastadores furacões, as nuvens formarem impetuosas tempestades, os mares em contundente fúria, ou mesmo homens em selvagens homicidas uns dos outros. Deus, em Pessoa, não pode mudar. Portanto, se cada elemento da natureza é literalmente Deus em Pessoa como o panteísmo ensina, então nada das grandes mudanças para mal

que ocorrem nos homens e na natureza podiam alguma vez acontecer. Como elas acontecem, prova que o panteísmo está errado.

É quando os homens não santificados e os elementos da natureza fora de controlo estão colocados numa tumultuosa destruição por toda a Terra que se diz que a Terra sofre a ira de Deus. Quando o carácter de Deus é compreendido e a diferença vista entre Deus, a Pessoa, e os poderes criadores que estão no homem e na natureza que vieram do Criador, não há dificuldade em compreender quão homens enfurecidos e os elementos da natureza podem correctamente ser chamados a ira de Deus. Em primeiro lugar, todos estes poderes são a presença de Deus na natureza, e em segundo lugar, eles certamente estão num estado de fúria, mas apenas porque estão separados do Seu controlo. Ao mesmo tempo, o imutável Deus, a Pessoa, permanece no Seu perfeito estado sereno embora cheio do inexprimível tristeza quando vê as desnecessárias agonias dos amados, mas rebeldes filhos.

Em *Apocalipse* 14:19, 20, os cachos do vinho da Terra são lançados no grande lagar da ira de Deus onde são pisados até sair sangue ao nível dos freios dos cavalos. Esta é uma ilustração apropriada dos homens e da natureza tão totalmente fora do controlo de Deus que todas as forças que foram originalmente criadas neles pelo terno Deus para sua bênção e progresso, transformaram-se num enraivecido dilúvio de terrível destruição.

Será o tempo descrito em *O Grande Conflito*, 36, 37.

“A profecia do Salvador relativa aos juízos que deveriam cair sobre Jerusalém há de ter outro cumprimento, do qual aquela terrível desolação não foi senão tênue sombra. Na sorte da cidade escolhida podemos contemplar a condenação de um mundo que rejeitou a misericórdia de Deus e calçou a pés a Sua lei. Tenebrosos são os registros da miséria humana que a Terra tem testemunhado durante seus longos séculos de crime. Ao contemplá-los confrange-se o coração e o espírito desfalece. Terríveis têm sido os resultados da rejeição da autoridade do Céu. Entretanto, cena ainda mais tenebrosa se apresenta nas revelações do futuro. Os registros do passado — o longo cortejo de tumultos, conflitos e revoluções, a ‘armadura daqueles que pelejavam com ruído, e os vestidos que rolavam no sangue’ (Isa. 9:5) — que são, em contraste com os terrores daquele dia em que o Espírito de Deus será totalmente retirado dos ímpios, não mais contendo a explosão das paixões humanas e ira satânica! O mundo contemplará então, como nunca antes, os resultados do governo de Satanás.”

O lagar será seguramente pisado fora da cidade e o sangue correrá até que nenhuma pessoa fique viva. Muitos morrerão às mãos de outros quando com fúria incontrolada se atacam uns aos outros. Outros serão pulverizados pela terrível saraiva ou mortos pelo grande terramoto que abala os próprios fundamentos da Terra, ou arrastados pela irresistível vaga que completará a obra da destruição. Os poucos que sobreviverão fugirão para as cavernas a fim de se esconderem da face do vindouro Rei e morrerão quando as montanhas a desfazerem-se os sepultam mesmo como eles oram para que assim seja.

Esta será a experiência mais terrível que jamais assolou a humanidade. Absoluto horror que nunca houve coisa igual que se compare. Infelizmente, os que lêem esta Escritura hoje quando o mal está controlado pelo ministério do Espírito de Deus, dificilmente têm qualquer conceito da total agonia e terror que esse dia infligirá sobre eles se nessa altura forem encontrados do lado errado do grande conflito. Então, demasiado tarde, desejarão ter procurado a salvação do Senhor diligentemente de modo a poderem ficar sob a Sua protecção quando nenhuma outra segurança houver.



A Vinha da Terra

E dos “cachos da vinha *da terra...*” que o vinho é pisado no grande lagar da ira de Deus. *Apocalipse* 14:18. Então o sangue corre até formar uma inundação que chega aos freios dos cavalos. A conclusão significativa é que é da vinha *da Terra* que esta colheita de destruição e desolação corre. A necessidade de identificar especificamente que vinha está envolvida indica que tem de haver pelo menos outra vinha além desta.

De facto há. É a vinha que simboliza Cristo e acerca da qual Ele instruiu os Seus discípulos no caminho da última ceia para o Getsémani quando disse:

“Eu sou a videira verdadeira, e Meu Pai é o lavrador.

“Toda a vara em Mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto.

“Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado.

“Estai em Mim, e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim.

“Eu sou a videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer.

“Se alguém não estiver em Mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem.

“Se vós estiverdes em Mim, e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito.

“Nisto é glorificado Meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis Meus discípulos.” *João* 15:1-8.

Esta é a verdadeira vinha que não é da Terra, mas aquela que desceu do Céu.

“Nos montes da Palestina plantou nosso Pai celestial esta boa Videira, e Ele próprio era o Lavrador. Muitos foram atraídos pela beleza dessa Videira, reconhecendo-Lhe a origem celeste.” {DTN 478}, *O Desejado de Todas as Nações*, 675.

Há uma grande necessidade de uma apreciação mais clara e mais forte a respeito da diferença entre a vinha da Terra e a verdadeira Vinha que desceu do Céu. A verdadeira Vinha representa a forma de vida em que a pessoa está de facto ligada com a Fonte da vida, Jesus Cristo. Como um ramo não pode viver separado da videira, assim pessoa alguma pode sobreviver e operar eternamente a menos que esteja ligada em íntima e viva ligação com Cristo o Dador da vida. Sem esta ligação, embora uma pessoa possa sentir-se segura que está viva e bem, a realidade é que está viva num tempo de prova. Quando esse tempo se acabar e for verificado que ela recusou estabelecer uma viva ligação com a Vinha, perecerá eternamente. Assim, a ligação com Cristo, a Videira viva, é o caminho da vida eterna, mas, ser parte da vinha da Terra significa separação d’Ele e a certeza da morte eterna.

Infelizmente as verdadeiras diferenças entre estas duas alternativas não será vista até ao fim, no tempo em que, tanto o bem como o mal tenham desenvolvido totalmente o resultado dos seus princípios. Então, quando for para sempre demasiado tarde para beneficiarem de uma ligação viva com a Videira, os ímpios verão que a sua união com a vinha da Terra os separou eternamente de qualquer esperança de vida. Então haverá um tal desapontamento e ira que a escrita não pode descrever. Emocionalmente abatidos com uma intensa angústia de alma e pesar que não podem ser experimentados

ou conhecido no presente, desejarão ter feito a escolha correcta enquanto ainda havia tempo para o fazer.

Se fosse possível, pareceria melhor se o procedimento pudesse ser revertido, isto é, se os homens pudessem primeiramente experimentar as consequências dos seus pecados antes de os cometerem por um lado e por outro provarem a bênção do Céu antes de poderem escolher a vida em justiça. Isto, evidentemente, é impossível excepto quando aprendem através das consequências que outros têm sofrido por causa dos seus pecados. Não há melhor fonte para encontrar isto do que as Escrituras nas quais os pecados cometidos por homens, bons e maus, e os consequentes sofrimentos que caíram em particular sobre os que não se arrependeram, são tão vivamente ilustrados que, se correctamente entendidos, surpreenderão as mentes com a verdadeira compreensão daquilo que o pecado é e com o que isso custará. Nenhuma mera leitura da palavra de Deus será suficiente para revelar estas simples e terríveis verdades, mas, um profundo, prolongado e intenso estudo sob a instrução e inspiração do Espírito Santo, abrirá perante a mente horrorizada a suficiente compreensão quanto ao horrendo carácter da retribuição do pecado que leva o estudante profundamente preocupado a odiar e fugir da iniquidade, enquanto, cativado pela beleza e poder da justiça de Cristo, procurará uma duradoura ligação com a verdadeira Videira.

Para tornar as coisas ainda mais difíceis, o inimigo das almas deliberadamente determinou fazer parecer que o caminho da morte é o caminho da vida, ao passo que o caminho de Deus apenas oferece derrota, vergonha, rejeição, e, no final, a sepultura. Assim, milhões são induzidos a escolher o pecado em vez da justiça e morte em vez da vida.

Não há desculpa para fazer isto, uma vez que o Altíssimo tem dado ampla evidência para a escolha correcta. Em primeiro lugar, o Senhor tem demonstrado ser um Deus de verdade que pode com exactidão predizer qual será o resultado futuro do mal. Portanto, quando Ele descreve as cenas finais em que os homens gemerão em agonia mental por causa daquilo que já perderam e ainda enfrentam, Ele tem sempre o direito de ser crido. Sobre os que hoje estudam e atendem as advertências, repousará um receio mortal de tomar uma decisão incorrecta que os carregará com um desejo intenso de tomar a decisão correcta.

Uma das muitas ilustrações divinamente inspiradas predizendo a natureza horrenda do resultado final da iniquidade humana, é o lançamento dos cachos da vinha da Terra no grande lagar da ira de Deus. A pisadura dessas uvas é o modo de Deus descrever o resultado completo e final do mal que se tem desenvolvido desde que o pecado se estabeleceu na Terra. Ele declara que todos os que são reunidos para a vinha da Terra estarão envolvidos numa destruição da vida humana sem paralelo na história humana.

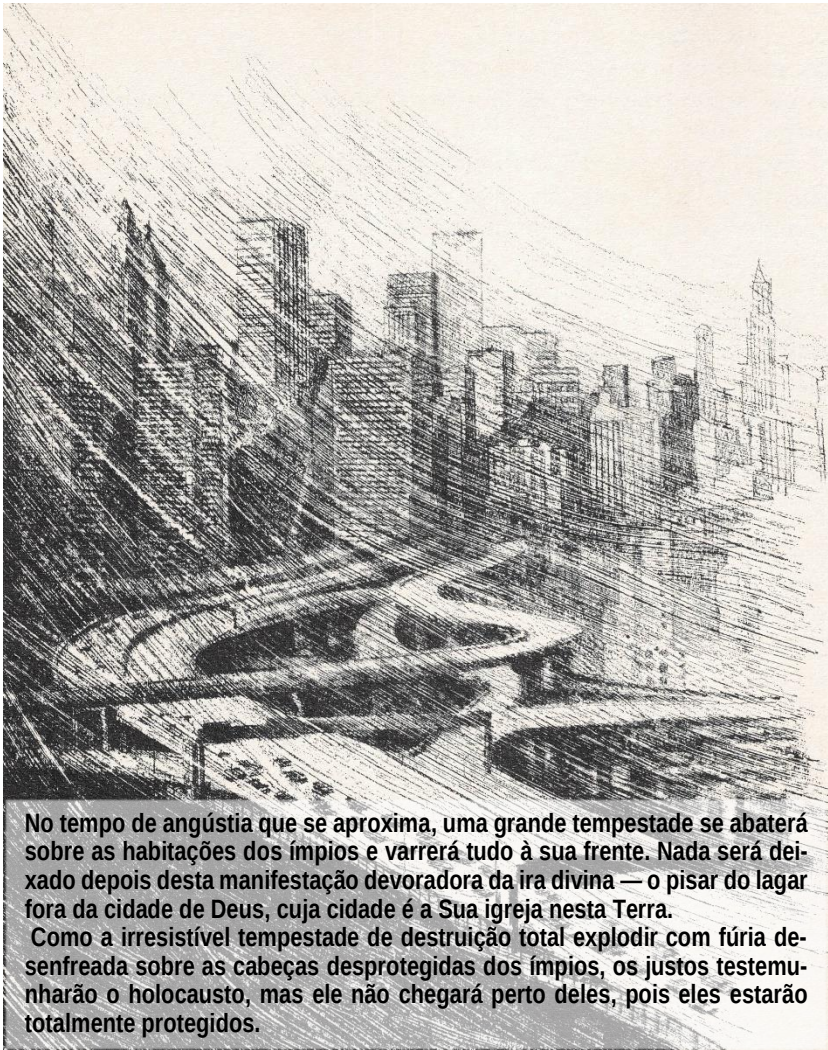
Contudo, deve ser recordado que a morte em si dos ímpios não é a pior fase da sua punição. Isso proporcionar-lhes-á o alívio para as suas agonias e na realidade desejá-la-ão. É aquilo que são forçados a suportar precisamente antes da sua destruição que constituirá a mais horrível e terrível agonia jamais conhecida dos mortais, uma angústia mental mais temível do que a dor física que estarão a sofrer que dificilmente estarão conscientes dela. Então, tal como a mente do rei Davi foi desperta para uma compreensão da terrível culpa que pesava sobre ele por causa do seu pecado com Bate-Seba e o homicídio do marido dela que a revelação do resultado das suas pecaminosas escolhas lançarão os ímpios nas inexprimíveis agonias da consciência culpada.

Somente aqueles sobre quem a culpa consumidora da alma tem sido lançada por causa dos pecados que cometeram, podem ter qualquer conceito a respeito do que essa experiência se parecerá. Todavia, não importa quão vividamente esses tenham experimentado o peso destruidor da culpa, nunca podem conhecer por antecipação a total extensão do peso esmagador da condenação que consumirá as forças da vida daqueles que nessa altura não terão qualquer sangue expiador para os proteger da descontrolada fúria da sua própria injustiça. Beberão em vez disso o vinho da ira de Deus, pisado da vinha da Terra, totalmente desprovido de misericórdia.

Não admira que "...cânticos do templo naquele dia serão gemidos..." *Amós* 8:3. "...Então, ... todas as tribos da terra se lamentarão, ... E haverá pranto e ranger de dentes." *Mateus* 24:30, 51.

As pessoas rangem os dentes apenas quando experimentam o mais intenso desapontamento, frustração e ira. Isto é a expressão da máxima tortura mental. Esta será a terrível sorte dos ímpios da qual não obterão outra libertação que não o esquecimento da morte eterna.

Mas, embora os justos experimentem a fome, a espera e a angústia de Jacó, não sofrerão como os



No tempo de angústia que se aproxima, uma grande tempestade se abaterá sobre as habitações dos ímpios e varrerá tudo à sua frente. Nada será deixado depois desta manifestação devoradora da ira divina — o pisar do lagar fora da cidade de Deus, cuja cidade é a Sua igreja nesta Terra. Como a irresistível tempestade de destruição total explodir com fúria desenfreada sobre as cabeças desprotegidas dos ímpios, os justos testemunharão o holocausto, mas ele não chegará perto deles, pois eles estarão totalmente protegidos.

ímpios sofrerão. A certeza disto é dada no facto que o lagar da ira de Deus será pisado “... fora da cidade” *Apocalipse* 14:20.

Para compreender a expressão “fora da cidade”, é necessário determinar que cidade é. Em *Apocalipse*, há duas cidades que são proeminentes. Uma é Babilónia, a outra é Jerusalém. A primeira é referida uma e outra vez como o centro da apostasia e iniquidade, a base das operações rebeldes contra o reino de Deus, o coito de todo o espírito imundo e iníquo e sujeita às sete últimas pragas.

Esta não é uma cidade literal localizada num local geográfico fixo cruzando o grande rio Eufrates. Essa cidade foi destruída para sempre na famosa noite em que Belsazar bebeu o vinho de Babilónia nos vasos sagrados do santuário. Mas, embora a cidade visível fosse reduzida às eternas ruínas, o sistema de religião que tinha guiado o poder físico e militar que sustentava Babilónia e emergirá como a força religiosa mais impor-

tante para fazer oposição a Deus e à verdade nestes últimos dias. De facto, ela não só levará todas as igrejas e todas as nações na sua rebelião final contra o Altíssimo, mas absorvê-los-á tão completamente que se tornarão parte dela e a deixarão como o único poder religioso em oposição a Deus e Sua verdade.

A cidade, Babilónia, é o sistema apóstata da igreja mundial através do qual Satanás exercerá o seu derradeiro, desesperado esforço para estabelecer a sua supremacia sobre Cristo e Seu amado povo. Ela tem consigo muitas marcas identificadoras das quais a principal é a sua determinação de exaltar a criatura acima do Criador, para procurar construir o reino de Deus, à maneira do homem.

Não é fora desta cidade que os cachos da vinha da Terra serão pisados no lagar da ira de Deus sem mistura. Pelo contrário, na verdade é o oposto porque será inteiramente dentro dessa cidade que os incríveis sofrimentos ilustrados no pisar do lagar serão experimentados.

Portanto, isto apenas pode significar que será fora da outra cidade em *Apocalipse* que o lagar será pisado. Essa outra cidade é Jerusalém; também chamada Sião. É preciso cuidado na identificação desta cidade, porque há duas, a cidade literal geograficamente localizada na Palestina e o corpo de pessoas com inclinação espiritual que constitui a verdadeira igreja de Deus nesta Terra. A distinção é claramente feita por Paulo:

“Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós.” *Gálatas* 4:25, 26.

A segunda destas duas cidades é a cidade fora da qual o lagar será pisado. A consistência da interpretação requer que esta e não a outra Jerusalém terrestre seja a cidade. No caso de Babilónia, a escolha está limitada a uma aplicação espiritual da profecia porque a cidade localizada geograficamente já deixou de existir há muito, para nunca mais ser reconstruída. Por conseguinte, a única Babilónia do Novo Testamento é o grande sistema da igreja apostatada através do qual o diabo procura governar a Terra e todos os que nela habitam.

Se a única interpretação admissível da grande cidade Babilónia quando se refere a *Apocalipse* é a espiritual, então esta é a única interpretação possível para a outra cidade, Jerusalém. Isto é especificamente assim quando se compreende que nos últimos dias, a Jerusalém literal está cheia do espírito e obras de Babilónia, como está a própria mãe das prostitutas.

O oposto, contrapartida natural da mística cidade das abominações, é a verdadeira igreja de Deus nos dias do sexto anjo que terá sido tão provada e purificada que não terá qualquer ruga ou mácula.

Esta é a cidade fora da qual o vinho será pisado até o sangue chegar ao nível dos freios dos cavalos. O testemunho que o vinho será pisado *fora* da cidade é a preciosa certeza de Deus que as terríveis pragas e sofrimentos que destruirão os ímpios não tocarão no povo de Deus. Não entre eles, mas completamente fora deles como verdadeira cidade, a igreja viva, o grupo cheio de justiça, será experimentada esta descida de trevas e sofrimento.

Então será cumprida a maravilhosa promessa escrita em *Salmos* 91, o Salmo foi escrito especificamente para o tempo de angústia.

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.

“Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.”

Porque ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciososa.

“Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel.

“Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia,

“Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio-dia.

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti.

“Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.

“Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação.

“Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.

“Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.

“Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.

“Pisarás o leão e a cobra; calcarás aos pés o filho do leão e a serpente.

“Porquanto tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pô-lo-ei em retiro alto, porque conheceu o meu nome.

“Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia; dela o retirarei, e o glorificarei.

“Fartá-lo-ei com longura de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.” *Salmos* 91:1-16.

A promessa escrita neste Salmo confirma a verdade que o lagar será “... pisado fora da cidade...” Notai algumas das expressões que tornam este facto verdadeiramente claro:

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas não chegará a ti. Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.... nem praga alguma chegará à tua tenda.”

Nenhum destes horrores chegará próximo dos justos, que são a igreja de Deus, a santa cidade, a Jerusalém de cima, que é livre, a mãe de todos nós. A tempestade rugirá à volta deles, os ímpios perecerão por todo o lado, os terrores da morte e das trevas marcharão pela Terra, mas não tocarão o povo de Deus. Somente com os seus olhos verão a sorte dos ímpios.

Isto não significa que será um tempo fácil para eles. Não terão alegria nem satisfação por estes terríveis sofrimentos pelos quais os seus inimigos estarão a passar. Pelo contrário, olharão com indescritível tristeza e compaixão a sorte daqueles que podiam ter gozado a vida eterna juntamente com eles. Se houvesse qualquer coisa que pudessem fazer para evitar os desastres e a destruição, tê-lo-iam

feito, desde que pudessem obter permissão de Deus para interferir. Isto não acontecerá, porque, por esta altura, o anjo da misericórdia ter-se-á retirado para sempre.

Ao mesmo tempo as forças da destruição parecem ameaçar também os justos de morte. Toda a Terra será transformada em escombros por aquele poderoso terramoto final, a saraiva estará a pulverizar os edifícios, florestas, pessoas, animais e tudo o resto na face do globo, enquanto a gigante onda de todas as ondas estará a varrer a Terra devorando tudo no seu caminho. Será impossível os justos vivos resistirem no meio de tudo isso e não se sentirem ameaçados. É então que a fé viva deve repousar na certeza que o lagar será pisado completamente fora da cidade e que nenhuma praga chegará perto do lugar onde habitam.

O facto que será um tempo terrível para os justos é revelado pelas palavras: “E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.” *Apocalipse* 14:20.

Aqui está uma aterradora imagem ameaçadora de morte. Quando os cavalos estão mergulhados tão fundo num mar de sangue que chega aos seus freios, não há margem significativa de sobrevivência. Se a inundação aumentasse um pouco mais de profundidade e o suprimento de ar fosse cortado quando as narinas submergissem. A morte seria o rápido resultado.

Nem eles são ilustrados como se estivessem meramente no sangue, mas mostrados com mil e seiscentos estádios para atravessar. Isso são duzentas milhas ou trezentos e vinte quilómetros. Que luta teria cada animal para forçar a sua caminhada através do espesso sangue, as suas cabeças seriam mantidas no alto apenas para romper a superfície e nunca saberem se os pés mergulhariam num buraco mais fundo que sepultaria as suas cabeças onde não houvesse ar e vida. Fazer essa viagem através de água lamacenta já seria suficientemente mau, mas fazê-la através de um mar de sangue seria muito mais horrível e detestável. Alguém cuja imaginação pudesse visualizar esta cena e situação, recuaria com horror perante a perspectiva. Contudo, esta é uma ilustração gráfica muito simbólica das lutas e agonias pelas quais os santos de Deus serão forçados a viajar durante as fases finais da angústia de Jacó.

É necessária uma compreensão dos símbolos usados no versículo antes que a interpretação seja correctamente desenvolvida. Os símbolos principais são cavalos e sangue. Para determinar a explicação apropriada destes, a Bíblia deve ser usada como a sua própria intérprete.

Esta não é a única referência em *Apocalipse* a cavalos em ligação com a sagrada obra de Deus. Em primeiro lugar, há quatro que aparecem em *Apocalipse* 6:1-8 e depois há os que se encontram no capítulo 9:7 e 19:11-21.

Os quatro cavalos em *Apocalipse* 6, são branco, vermelho, preto e amarelo. Estes cavalos e as suas cores são símbolos da decrescente pureza do povo de Deus na sua guerra com os poderes das trevas e ilustram a progressiva apostasia e crescimento da ineficácia da igreja entre os dias dos apóstolos e a Idade Média. O primeiro do branco mais puro revela a beleza do amor e justiça que encheram a igreja durante os primeiros dias da sua história. Mas, infelizmente isto não se manteve. O branco puro mudou para vermelho, o símbolo do pecado, como está escrito: “os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.” *Isaías* 1:18. Em seguida o vermelho mudou para preto, as trevas que resultaram da presença do pecado. Por fim, o cavalo amarelo enche a cena, um símbolo apropriado da palidez da morte, representando a perigosa condição da igreja em resultado do pecado desenvolvido.

Este não é o lugar para entrar num estudo detalhado destes quatro cavalos e três cavaleiros. Tudo o que é necessário é demonstrar que estes cavalos são de facto símbolos do estado espiritual da igreja no tempo referido na profecia. Cavalos são símbolos apropriados da igreja militante em guerra com os inimigos do Senhor. A cavalaria no passado nos tempos bíblicos era o ataque mais rápido e mais poderoso que o general podia usar no campo de batalha.

Os cavalos de *Apocalipse* 9, não são símbolos de um povo puro e santo, mas dos terríveis destruidores que se espalharam pela Terra com notável rapidez e poder. O elemento destruidor nesta aplicação do símbolo é ilustrado por um segundo símbolo, a locusta, a criatura mais devastadora e destruidora

conhecida no oriente. Assim o cavalo é usado para descrever o povo de Deus e os seus inimigos. É deixado ao dedicado estudante da profecia, ensinado pelo Espírito, determinar a partir do contexto qual é a aplicação apropriada. O uso de um símbolo, neste caso cavalos, como figura tanto das forças do bem como do mal, é bastante consistente com o sistema de revelação encontrado no último livro da Bíblia.

Do mesmo modo, um monte é usado para simbolizar tanto o reino de Deus como o de Satanás. Assim também acontece com a figura de uma mulher. Se pura e limpa, ela é o símbolo da verdadeira igreja de Deus como em *Apocalipse* 12, mas se uma prostituta, então é uma representação da sinagoga de Satanás.

Os cavalos que nos devem interessar mais são os que se encontram em *Apocalipse* 19, porque eles são vistos a cavalgar ao mesmo tempo que os de *Apocalipse* 14; isto é, durante o período entre o fecho real do tempo de provação e a segunda vinda de Cristo. Estes dois conjuntos de cavalos são de facto o mesmo. Os que seguem o Cordeiro no capítulo 19, estão apenas a seguir na sua vereda sangrenta quando lutam através dos mil e seiscentos estádios de sangue pela altura dos seus freios no capítulo 14.

O cavaleiro líder em *Apocalipse* 19:11, não é outro senão o Filho de Deus, pois, "... o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça." Além do mais, "estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus.... E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores." Versículos 13 e 16.

"E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso." Versículo 15.

Este é o cavaleiro seguido pelos "...exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro...." Versículo 14.

Os exércitos que estão no Céu são de facto os santos de Deus que por esta altura nunca tinham estado fisicamente no Céu. Eles são o mesmo grupo de pessoas que simbolizadas pelo quinto e sexto anjos de *Apocalipse* 14:15, 17, dos quais se diz para saírem do templo de Deus no Céu. Tal como foi explicado atrás no capítulo três deste livro, eles estão o templo apenas no sentido espiritual.

Assim está estabelecido que os cavalos simbolizam a pureza e o poder com que o povo que os monta está dotado. Embora não seja especificamente declarado que os cavalos referidos em *Apocalipse* 14:20 levam cavaleiros, é evidente que assim deve ser pois resolutamente e com sucesso atravessam este mar de sangue. Cavalos sem cavaleiros não entrariam num banho de sangue. Eles precisam de cavaleiros para os guiar no caminho que devem seguir, especialmente quando o caminho que está à sua frente é perigoso. Cavalos sem cavaleiros são desorganizados e não têm direcção, como tal, não são um símbolo apropriado do poder organizador que conduz a igreja à vitória. Portanto, cavalos, como representação da condição da igreja, não podem ser separados dos seus cavaleiros.

Sem a pureza simbolizada pela brancura dos cavalos e os poderes e rapidez representada pela velocidade e força destes nobres animais, o último movimento nunca podia fazer a sua obra com sucesso. Satanás sabe isto e procura privar os santos destes instrumentos. Se ele fosse bem sucedido, então unicamente a morte seria a porção dos cento e quarenta e quatro mil. O inimigo chegará tão perto da vitória que pela grossura de um cabelo realmente falhará.

Isto é ilustrado pelo sangue que chega aos próprios freios dos cavalos. Uma pessoa pode imaginar os cavalos levantando as suas cabeças bem alto a fim de as manter fora do sangue. Contudo, o sangue chegará tão alto que não será deixada margem. Um pouco mais fundo e o sangue cobriria as narinas e cortaria o suprimento de ar. A morte seguir-se-ia rapidamente. Este triste resultado deixaria o cavaleiro privado da pureza, rapidez e poder e sepultá-lo-ia na profundidade do sangue. A morte seria o resultado certo.

Assim, o Senhor está a procurar transmitir às nossas mentes uma figura de quão próximo os cento e quarenta e quatro mil chegarão do fracasso eterno e por quão pouca margem a vitória será ganha.

Como já se viu, o sangue corre do lagar em que é pisado o vinho da Terra, é uma representação gráfica da morte que reina nesta altura como resultado inevitável da transgressão da sagrada lei de Deus. A impiedade do homem completamente desenvolvida e a fúria da natureza, ambas totalmente ilimitadas, combinar-se-ão para desenvolver uma colheita de morte e destruição que anteriormente nunca tinha sido produzida. Será um tempo de terrível tormento, indescritível agonia mental e tremendo sofrimento físico para os ímpios.

O Senhor deseja que o Seu povo compreenda que este será um tempo da mais severa prova para eles também. Ele compreende que é impossível ao Seu povo, antes da experiência real, alcançar mais do que um ténue começo de uma adequada compreensão daquilo que eles deverão passar. É por esta razão que Ele usa cavalos forçando o seu caminho através do mortal, viscoso, denso sangue durante uma terrível distância, para lhes dar uma noção daquilo que têm de enfrentar nesta hora de teste e prova que se aproxima. Será tão intenso quanto o mais bem preparado pode suportar e não será apenas um momento.

Seja qual for o grau de compreensão desta ilustração da luta final de vida ou morte, o crente entregar-se-á à diligente obra de preparação necessária para sobreviver a esta agonia. Quando chegar este tempo, quanto desejará cada um ter devotado mais tempo à oração e exame das Escrituras enquanto teve oportunidade.

Não é de admirar como o Espírito de Deus, no Seu conhecimento da batalha que se aproxima, tivesse dito através do profeta João: “Escreve: ‘Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor.’” ‘Sim,’ diz o Espírito, ‘para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os seguem.’” *Apocalipse* 14:13.



O Sétimo Anjo

Do Sétimo anjo está escrito:

“E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: ‘Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.’” *Apocalipse* 14:18.

Esta é uma descrição da obra especial do movimento do sétimo anjo, o último da série. Quando esta obra estiver completa juntamente com os outros seis, O Senhor será capaz de regressar a esta Terra a fim de juntar a grande messe de remidos.

Este anjo, tal como o quinto e o sexto, não se dirige a todas as nações, tribos, língua e povos como os primeiros quatro. Ele dirige as suas instruções ou pedidos a um dos dois seres que levam consigo foices agudas nas mãos. Estes dois são o sexto anjo e o Filho do Homem no seu duplo papel de Rei dos reis e grande Segador. É uma questão muito simples determinar a qual destes dois – Jesus Cristo ou o sexto anjo – se dirige o sétimo.

Apenas tem que se observar qual destes dois responde à mensagem do sétimo anjo para descobrir a resposta a essa questão. Não é Cristo mas o sexto anjo que age quando o sétimo anjo se dirige a ele para lançar a foice e segar a seara da Terra. Embora ainda não seja óbvio nesta altura do estudo, este pedido e a resposta a ele é vitalmente importante e inteiramente necessário à finalização bem sucedida do grande conflito. Isto tornar-se-á evidente à medida que o estudo continue.

Já foi mostrado que o quinto anjo avança a obra ao ponto onde mesmo a pessoa mais ímpia verá a verdadeira natureza da lei de Deus e a sua rebelião pessoal contra ela e prostrar-se-á aos pés dos santos para reconhecê-los como verdadeiros servos do Altíssimo. Deste modo será satisfeita esta exigência do longo conflito. As poderosas águas do grande rio Eufrates terão secado e o caminho dos reis do oriente terá sido preparado.

Para juntar a isto, o sexto anjo terá sido o instrumento através do qual outro requisito vital é satisfeito. Este requisito deve ser cumprido antes do regresso de Cristo. No Calvário, o pecado demonstrou aquilo que faria ao Criador, Jesus Cristo o Filho de Deus, mas não mostrou o que faria aos que desprezassem e perseguissem o Salvador.

Apesar de Jesus ter sofrido terrivelmente, perdido a Sua vida humana e ser sepultado na terra, os Seus perseguidores pareceram escapar a qualquer retribuição imediata, continuaram em posições de riqueza e poder e continuaram a receber a veneração da maioria do povo. Parecia que o pecador era o único que tinha a ganhar com o mal, ao passo que os justos pareciam ser os derrotados, apesar da verdade ser realmente o contrário.

Por exemplo, o que não era visto pelos que conheciam os dirigentes judeus que crucificaram o Salvador era a implacável tortura de alma que aqueles homens sofreram para o resto das suas vidas.

“Os sacerdotes e os principais estavam em contínuo terror, não acontecesse que, ao andar pelas ruas, ou no interior das próprias casas, se viessem a encontrar face a face com Jesus. Sentiam que não havia segurança para eles. Ferrolhos e traves não passavam de frágil proteção contra o Filho de Deus. De dia e de noite achava-se diante deles aquela horrível cena do tribunal, quando clamaram: ‘O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.’ Mat. 27:25. Nunca mais se lhes havia de apagar da memória aquela cena. Jamais desceria sobre eles um sono tranqüilo.” {DTN 554}, *O Desejado de Todas as Nações*, 785.

Que destino terrível caiu sobre aqueles homens! Nunca mais houve uma noite para eles em que não acordassem nas suas mais profundas trevas com todos os seus seres torturados pela apreensão e o medo. Por muito que tentassem, não podiam incutir nos seus receosos corpos o alívio e dormissem outra vez. Muitas foram as horas que passaram andando de um lado para outro desejando que chegasse a manhã. Isto era uma contínua tortura de alma da qual nunca encontraram alívio até morrer.

Todavia, durante o dia, mantiveram a sua digna compostura e assim esconderam do povo o agonizante sofrimento que estava a desgastar a sua vitalidade física e mental. Desse modo foram capazes de dar suporte à mentira que o pecado abençoa ao passo que a justiça rouba.

Antes do conflito poder ser resolvido, todas as questões a respeito da verdade e do erro devem ser estabelecidas para sempre, esta também está incluída. O que o pecado fará aos homens e à natureza, deve ser revelado com desfraldada clareza de modo que todos, tantos justos como injustos, possam ver o verdadeiro resultado do pecado.

Quando, nas horas finais do grande tempo de provação, quando a louca, terrível, ilimitado rompimento da paixão humana e descontroladas forças da natureza trazendo incrível sofrimento e tristeza sobre os homens não arrependidos, a todos será dado uma convincente demonstração desta temível verdade. Ninguém falhará em ver aquilo que o pecado faz ao que não se arrepende.

O que é deixado então para o sétimo anjo realizar? Parecia que o quinto e o sexto anjos faziam tudo o que faltava ser feito, deixando o sétimo sem nada para fazer. Mas, o próprio facto que ele ali está e é descrito pela inspiração como desempenhando um papel, é evidência suficiente que ele tem uma obra fundamental para fazer. Caso contrário não seria incluído, porque Deus nada faz que não seja necessário. Quando a obra deste anjo for cuidadosamente estudada e verdadeiramente compreendida, será visto que a sua participação é tão essencial para o sucesso final da obra como a dos seis anteriores. Além do mais, ela trará à luz um aspecto muito belo do maravilhoso carácter de amor e misericórdia de Deus. Para aprender estas verdades, determinemos os factos acerca deste anjo.

Em primeiro lugar, é dito que ele sai do altar, o que é um lugar diferente de onde saem o quinto e o sexto anjos. Estes vêm do templo de Deus no Céu. Portanto, não pode ser o mesmo grupo de pessoas – os cento e quarenta e quatro mil – que formam os movimentos do quinto e do sexto anjos. Contudo, ao mesmo tempo, o Senhor não tem outro grupo de pessoas na Terra à parte dos 144.000. Quem podem ser, então, os que saem do altar? Isto pode soar a mistério insolúvel, mas a resposta é bastante fácil de encontrar.

As Escrituras, sendo o seu próprio intérprete, dão a resposta. Deve esperar-se que em algum lado nos escritos sagrados, sejam encontradas outras referências a almas debaixo do altar. Uma dessas referências informativa encontra-se nos textos que descrevem o quinto selo.

“E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram.

”E clamavam com grande voz, dizendo: ‘Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?’

”E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram.” *Apocalipse* 6:9-11.

Agora torna-se evidente que o altar é o altar do sacrifício sob o qual são vistos os exércitos daqueles que pagaram o supremo sacrifício pela causa de Deus. Eles esperaram durante séculos até chegar a hora da sua ressurreição. O lamentável prolongamento do tempo de provação faz com que eles perguntem quanto tempo demorará a sua libertação da prisão.

Compreendemos evidentemente que os mortos são incapazes de medir a passagem de tempo, de sentir angústia perante esse prolongamento, ou de fazer a ansiosa pergunta de quanto tempo têm que esperar. As Escrituras são muito claras quanto à verdade que os mortos estão inconscientes acerca daquilo que se passa quer na Terra quer no Céu.

“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento.

”Também o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram, e já não têm parte alguma para sempre, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol.” *Eclesiastes* 9:5, 6.

O sentido em que os mortos são representados como gritando da prisão da sepultura quando não podem de facto fazê-lo fisicamente, é simbólico. Era o que eles fariam se estivessem conscientes do que estava acontecer à sua volta enquanto estivessem numa impotente inactividade, desperdiçando tempo quando podiam estar a partilhar todas as alegrias da vida, aprendendo grandes verdades à medida que elas fossem reveladas e regozijando-se nos contínuos triunfos da causa de Deus.

Contudo, o mais importante é a mensagem que vem das frias sepulturas silenciosas para os vivos. Os que andam em íntima relação espiritual com Cristo e que compreendem o princípio que depende dos santos vivos apressarem o dia do regresso de Cristo e assim abreviar o tempo de espera, sentirão uma tremenda responsabilidade pelos amados e crentes que desperdiçam o tempo dormindo nas sepulturas. Pensai a respeito da perda de Adão e Eva que têm repousado por mais de cinco mil anos na terra, perdendo todos os tremendos desenvolvimentos do grande conflito. Por quanto tempo tem isto que continuar? Essa é a pergunta que escapa dos lábios dos justos vivos quando vêem as almas debaixo do altar. Eles também têm que compreender que se a obra não for feita rapidamente e os mortos ressuscitados das sepulturas na manhã da ressurreição, então os justos vivos, em vez de receberem a gloriosa transladação, cairão na morte juntando-se às almas que estão debaixo do altar. Sem esperança então de desempenhar qualquer parte apressando o regresso de Jesus, estarão totalmente dependentes dos vivos para fazerem o que eles podiam ter feito.

A resposta dada às almas que estão debaixo do altar é altamente significativa. Foram informadas de que deviam repousar um pouco mais até serem mortos os seus conservos como elas foram.

O grande exército de mártires ilustrados sob o altar no quinto selo, foi o produto das terríveis perseguições efectuadas por Roma pagã e pela Roma papal. Isto foi terminado antes da abertura do sexto selo com o grande terramoto de Lisboa que atingiu a Europa em 1755. A perseguição tinha terminado antes do fim dos 1.260 anos em 1798, porque o sistema apostatado da igreja tinha perdido o apoio do Estado para impor os seus decretos tal como Cristo havia profetizado em *Mateus* 24:21, 22.

“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.

“E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias.”

Um cuidadoso estudo da igreja e da história secular confirma a verdade destas palavras embora esta não seja a impressão inicial que se desenvolve.

Em 1966, fiquei retido no Egipto durante uma semana devido a uma avaria do avião que me devia levar à Nigéria. Durante esse tempo, li *O Grande Conflito* desde o início até ao fim. Os primeiros capítulos descreveram-me as terríveis perseguições, envolvendo a massiva matança de cristãos que quase limpou os valdenses. As autoridades da igreja no poder não pararam perante quaisquer meios que pudessem ser bem-sucedidos para descobrir e destruir os santos. Depois das autoridades eclesiásticas, apoiadas pelos poderes civis terem feito a sua obra, pelo menos em alguns lugares parecia que a obra de Deus tinha sido obliterada da Terra, ao passo que o papado tinha sido fortalecido.

Com coração magoado, continuei a ler, esperando encontrar a igreja de Deus diminuída em força, enquanto o papado crescia. Contudo, para meu espanto, em breve vi que a igreja perseguidora realmente enfraqueceu em vez de crescer. Os próprios meios pelos quais ela procurou governar incontestavelmente sobre a Terra provou serem os meios pelos quais ela se enfraqueceu a si própria. Por isso as perseguições pararam antes dos 1.260 anos chegarem ao fim.

Entre essa altura e agora, tem havido suficiente liberdade religiosa mesmo nas áreas mais intolerantes da Terra para assegurar que nenhuma mortandade de grande magnitude tivesse ocorrido de modo a coincidir com os pormenores da profecia de *Apocalipse* 6:11.

Mas há um tempo no futuro em que a perseguição religiosa se levantará outra vez numa incomparável escala mesmo com as terríveis opressões do passado. Quando a igreja tiver adquirido o apoio dos



Todos os governos civis do mundo seguirão o exemplo dos Estados Unidos na aplicação da lei do Domingo. Então, quando a Igreja tiver ganho o poder do Estado para obrigar todos a obedecer aos seus éditos, as vidas de cada um dos membros do povo de Deus estarão ameaçadas. Porque os cento e quarenta e quatro mil vencerão sob esta condenação, o Senhor considera-os como mártires, embora na realidade as suas vidas não lhes sejam tiradas.

poderes civis para impor os seus decretos, serão adoptadas medidas progressivamente mais restritas para impor a aliança universal. Nenhum dissidente será tolerado. No início, será usado a zombaria pensando-se que isso será suficiente para silenciar a minoria, mas falhando isto em alcançar o efeito desejado, multas e prisão serão impostos quando for invocada a lei contra os guardadores dos dez mandamentos. Logo depois, serão proibidos de comprar ou vender e em seguida como último recurso serão condenados à morte.

Até a sentença de morte ser realmente passada, ninguém esperaria que se executassem morticínios, porque, antes deste tempo, a igreja não tem poder para executar os que não concordam com ela. Assim aconteceu no passado. Os dirigentes da igreja judaica não tinham autorização para crucificar Cristo.

Semelhantemente, na Idade Média a igreja não podia queimar alguém, decapitá-la, ou de qualquer outro modo silenciar os cristãos até estar segura do suporte das autoridades civis.

Assim será no futuro. Enquanto as autoridades civis não passarem o decreto de morte em resposta às insistências dos dirigentes religiosos quando fechar a porta da graça, não terão poder para destruir o povo de Deus. Seria então de esperar que até ao encerramento da porta da graça, ninguém fosse realmente morrer por causa da sua fé; nem qualquer morte desde essa altura uma vez que o martírio não traria vantagem para a causa de Deus nesse tempo. No testemunho que se segue que se refere ao tempo de angústia depois do tempo de prova terminar em que será passado o decreto de morte e determinado um dia em particular para a sua execução, é-nos assegurado que não existirão mártires.

“Se o sangue das fiéis testemunhas de Cristo fosse derramado nessa ocasião, não seria como o sangue dos mártires, qual semente lançada a fim de produzir uma colheita para Deus. Sua fidelidade não seria testemunho para convencer outros da verdade; pois que o coração endurecido rebateu as ondas de misericórdia até não mais voltarem. Se os justos fossem agora abandonados para caírem como presa de seus inimigos, seria um triunfo para o príncipe das trevas. Diz o salmista: ‘No dia da adversidade me esconderá no Seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo me esconderá.’ Sal. 27:5. Cristo falou: ‘Vai, pois, povo Meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Porque eis que o Senhor sairá do Seu lugar, para castigar os moradores da Terra, por causa da sua iniquidade.’ Isa. 26:20 e 21. Glorioso será o livramento dos que pacientemente esperaram pela Sua vinda, e cujos nomes estão escritos no livro da vida.” *O Grande Conflito*, 634.

Contudo, o tempo que conduz ao decreto de morte será preenchido de uma tal intensidade que muitos não esperarão pelo direito legal para matar os justos, porque nos é dito que alguns morrerão por causa da sua fé nesta altura. Sem dúvida que este será parcialmente o resultado da violência da multidão quando as autoridades policiais não levantam a mão para defender o povo de Deus da fúria daqueles que são levados a crer que os santos são a causa dos aís que afligem a Terra. Outros morrerão em lugares secretos porque não renunciaram à sua fé em favor dos ensinamentos e soluções populares para o sofrimento e tristeza humanos.

“Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade...” *Mensagens Escolhidas* 3:397.

Roma “está a erguer suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores perseguições.” *O Grande Conflito*, 581.

Contudo, embora as únicas mortes reais que possam ter lugar entre o povo de Deus ocorram antes da porta da graça fechar, estes mártires não são os únicos a serem mortos como eles foram. Pelo contrário, os próprios cento e quarenta e quatro mil, que, embora não derramem o seu próprio sangue, são classificados como mártires pelo supremo Juiz do Universo. Deus faz isto porque eles sentem realmente tudo o que um mártir pode sentir. Será como se tivessem de facto morrido por causa da sua fé.

Considerai a sequência dos acontecimentos que trouxe progressivamente cada vez mais severos sofrimentos aos mártires do passado e que do mesmo modo trará intenso sofrimento sobre os cento e quarenta e quatro mil. Em primeiro lugar, os mártires aceitaram o evangelho de Jesus Cristo como uma salvadora, viva experiência dentro de si mesmos e ficaram firmes do lado de Deus e Sua verdade independentemente das consequências. Por causa de serem chamados a fazer isto numa altura em que a liberdade religiosa foi retirada e medidas cada vez mais coercivas estavam a ser usadas para forçar a consciência, foram lançados numa luta de vida ou morte com os poderes das trevas que conspiram para livrar a Terra deles sentenciando-os à morte. Os que não foram colocados na prisão eventualmente encontraram refúgio na fuga. Isto foi apenas um alívio temporário, porque foram procurados e descobertos pelos seus incansáveis inimigos. Encurralados como animais, suplicaram por divina protecção e livramento dos seus inimigos que levantaram as suas armas sobre as suas cabeças desprotegidas. No

caso dos mártires do passado, a experiência seguinte foi a escuridão da morte. Nos casos dos cento e quarenta e quatro mil, a espessa escuridão que cai sobre eles neste exacto momento serão as trevas da quinta praga, mas não compreenderão isto imediatamente. Pensarão em vez disso que são as trevas da morte. Na rapidez de tudo isto, não lhes ocorrerá nesse momento que a sua consciência indica que ainda estão vivos.

Assim os cento e quarenta e quatro mil passarão verdadeiramente pela mesma experiência dos mártires com duas diferenças. Primeiro, os sofrimentos da última geração serão muito mais severos do que alguma vez foi experimentado por qualquer outro crente no passado à excepção do próprio Cristo quando agonizou no Getsémani. Em segundo lugar, eles não terão morrido como morreram os mártires do passado, contudo, tão completamente terão provado a experiência dos mártires que será como se derramassem de facto o seu sangue por causa da justiça.

É a totalidade da experiência pela qual passam que faz com que o Altíssimo os tenha na conta de mártires e é assim que devia ser. Esta verdade é confirmada nas Escrituras.

Depois da segunda e da terceira pragas terem transformado os mares e as correntes dos rios em sangue, os vigias celestiais declaram que isto é uma justa punição, porque os ímpios derramaram o sangue do verdadeiro povo de Deus.

“E ouvi o anjo das águas, que dizia: ‘Justo és tu, ó Senhor, que és, e que eras, e santo és, porque julgaste estas coisas.

“Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também tu lhes deste o sangue a beber; porque disto são merecedores.” *Apocalipse* 16:5, 6.

Ter-se-ia a tendência para concluir que o povo de Deus morre realmente em consequência do decreto de morte, mas não é assim. A explicação que se segue destes versículos tornam o seu significado muito claro.

“Declara o anjo de Deus: ‘Justo és Tu, ó Senhor, ... porque julgaste estas coisas. Visto como derramaram o sangue dos santos e dos profetas, também Tu lhes deste o sangue a beber; porque disto são merecedores.’ Apoc. 16:2-6. Condenando o povo de Deus à morte, são tão culpados do crime do derramamento de seu sangue como se este tivesse sido derramado por suas próprias mãos. De modo semelhante declarou Cristo serem os judeus de Seu tempo culpados de todo o sangue dos homens santos que havia sido derramado desde os dias de Abel; pois possuíam o mesmo espírito, e estavam procurando fazer a mesma obra daqueles assassinos dos profetas.” *O Grande Conflito*, 628.

Por isso, apesar dos cento e quarenta e quatro mil não morrerem realmente, pelo facto de serem condenados à morte e por serem levados precisamente a esse ponto, o Senhor considera-os como mártires pela Sua causa. Portanto, eles são os servos seguidores referidos no quinto selo por cujo martírio as almas debaixo do altar devem esperar antes de poderem ser libertadas da sua prisão.

Esta resposta tal como dada aos santos que estão debaixo do altar torna-se muito interessante quando vista à luz da lei das primícias. Aquelas almas que esperam sob o altar do sacrifício pela sua hora de libertação são parte dessa grande messe que Cristo juntará quando regressar em poder e grande glória. Os cento e quarenta e quatro mil são as primícias. Os que estão debaixo do altar são informados que eles, a colheita, não podem ser colhidos e levados para o Céu enquanto os seus conservos, as primícias, não forem levados ao auge do seu testemunho. Então, assim que isso tiver sido completado, a sua libertação pode ser efectuada, mas não antes. Nunca deve ser esquecido que jamais pode haver uma colheita enquanto as primícias não tiverem cumprido a sua missão divinamente apontada.

No tempo indicado no quinto selo, não havia possibilidade de um rápido fim para o grande conflito. Eles ainda estavam na Idade das Trevas embora tivesse sido enviada grande luz por Deus através dos reformadores protestantes. Esses dias foram marcados pelo início da recuperação e muito tempo havia sido necessário para avançar a obra até à sua completa finalização. Por conseguinte, a pergunta natural a ser feita *nessa altura* era “Quanto tempo levaria até Deus finalizar a Sua obra e pudéssemos ser libertados da nossa prisão e ser admitidos no Céu?”

No tempo em que o quinto e o sexto anjos estão a fazer a sua obra, prevalecerá uma situação muito diferente. Terá chegado o tempo em que a obra de Deus estará pendente da vitória final, assim o povo

de Deus esteja à altura da exigência da hora, porque, a menos que se entreguem sem reservas ao serviço do Senhor, Satanás, não o Altíssimo, sairá vitorioso na luta.

A fim de assegurar que eles se entregam sem reserva neste conflito final, as vozes das sepulturas fornecerão um poderoso incentivo sem o qual os justos falhariam. Nunca mais estas vozes perguntarão, Quanto tempo? porque essa nunca mais será a questão. A hora crítica e culminante terá chegado e a grande pergunta será então, levantar-se-ão os vivos à altura da exigência da hora de modo a assegurar a vitória para a causa de Deus?

É seguro dizer que sem este apelo vindo das sepulturas, eles não conseguiriam! Mas como pode isto ser? Terão eles com certeza suficiente motivação para os incitar a prestar um serviço imensurável, um sacrifício total e uma ilimitada entrega de tudo o que têm a fim de assegurar que a vitória seja ganha em completa derrota do pecado?

Poderia esperar-se que sim, até ser dada consideração ao que eles se terão tornado nesta altura. A imagem de Cristo ter-se-á desenvolvido completamente neles, o que significa que eles, tal como Ele, estarão despojados de qualquer disposição de lutar pelos seus direitos. Este desenvolvimento da semelhança divina neles é o objectivo final do ministério de Cristo no Céu, e, quando isso for alcançado, Ele virá pela segunda vez como está escrito:

“Quando já o fruto se mostra, mete-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa.” Mar. 4:29. Cristo aguarda com fremente desejo a manifestação de Si mesmo em Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus.” {PJ 25}, *Parábolas de Jesus*, 69.

Isto apenas pode significar que as mesmas respostas a uma dada situação que apareceram em Cristo aparecerão neles também. Uma coisa que Jesus nunca faria seria lutar pelos Seus direitos. “Jesus não contendia por Seus direitos. Muitas vezes, por ser voluntário e não Se queixar, Seu trabalho era tornado desnecessariamente penoso. No entanto, não fracassava nem ficava desanimado. Vivía acima dessas dificuldades, como à luz da face de Deus. Não Se vingava, quando rudemente tratado, mas sofria com paciência o insulto.” {DTN 54}, *O Desejado de Todas as Nações*, 89.

Seguramente como Jesus nunca lutou pelos Seus direitos, também os 144.000 não lutarão. Isto cria um problema, porque no tempo do fim, o reino pertencer-lhes-á por direito, mas os ímpios estarão a fazer tudo para resistir à posse desse direito. Para que os justos adquiram o que é seu teriam que entrar em demanda pela questão, mas os atributos de Cristo dentro deles não lhes permitirão isto. Eles não lutarão pelos seus direitos. Por isso, a própria justiça sem a qual eles nunca poderiam ganhar a vitória parece negar-lhes essa vitória.

Por conseguinte conclui-se que, se a vitória tiver que ser alcançada, o Senhor tem que lhes dar um outro incentivo para que levem a batalha até à conclusão final. Ele pode fazer isto na base de outro atributo cristão, o espírito do serviço abnegado. Enquanto por um lado eles não lutam pelos seus direitos, por outro farão tudo o que Deus lhes ordena para satisfazer as necessidades dos outros. Sepultados nos seus túmulos está um vasto movimento de pessoas em desesperada necessidade, uma necessidade que apenas pode ser satisfeita por Cristo unicamente se as primícias cumprirem a sua missão divinamente apontada. Jazendo nas sepulturas está a grande colheita de justos mortos, que, aprisionados, inconscientes e imóveis nas suas camas estreitas, estão sem poder para se restabelecerem na arena da actividade da vida. Outros têm que fazer por eles o que eles não podem fazer por si mesmos.

Os cento e quarenta e quatro mil compreendem isto perfeitamente. O Espírito Santo dirige as suas mentes para a súplica dessas maravilhosas pessoas – Adão, Eva, Abraão, Isaque, Jacó, Daniel, Paulo, e milhões de outros incluindo os seus amados que foram arrebatados deles pela morte. Desde as suas sepulturas ouvem-nos gritando com efeito, “Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda. Fá-lo para que possamos ser libertados desta prisão terrível e tornar-nos vivos e activos servos do Altíssimo.”

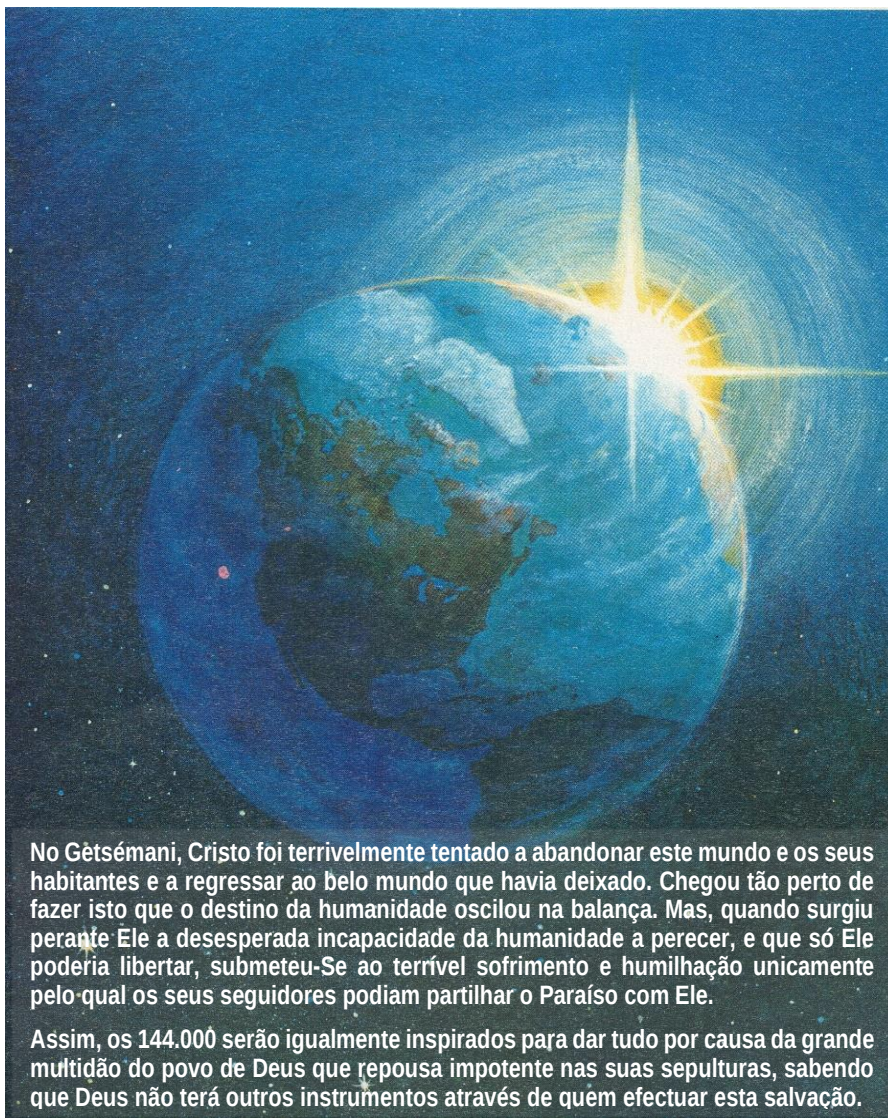
É um apelo para o qual o exército final do Senhor é incapaz de deixar de ouvir. Lembro-me disto quando estive no cemitério em Battle Creek, Michigan, ao lado das campas de James e Ellen White e outros membros da sua família.

Recordei as muitas coisas maravilhosas a respeito destas pessoas dedicadas e pesaroso quando lembrava da perda para Deus e para o homem quando elas adormeceram para descansar. Meditei no seu rogo e vi quanto estavam sem esperança absoluta de ressuscitar da sepultura e viver outra vez. Nessa altura, já compreendia o princípio das primícias e da colheita, e, portanto, podia ouvir o apelo que me faziam como se estivessem de facto a falar-me. Ouvi-os dizendo, “descemos ao nosso repouso sem ver a sagrada obra de Deus finalizada por causa da geração a que pertencemos ter falhado em alcançar a estatura completa de homens e mulheres para serem as primícias. Pelo contrário, as nossas tarefas não foram terminadas, tomámos lugar na grande colheita por recolher, esperando sempre até a bem-sucedida apresentação das primícias tornar possível a colheita da grande messe. Pertences a uma geração que não precisa falhar como nós. Por causa de nós e pelos milhões que dormem em Jesus, ressuscitam no completo potencial para o que o Senhor vos chamou. Tornarem-se primícias! Lança a foice afiada e colhe os cachos da vinha da Terra porque já estão maduros. Façam por nós aquilo que não podemos fazer por nós mesmos. Lembrem-se, se não o fizerem, então, na devida altura juntar-se-ão a nós no nosso estado sem esperança e terão de esperar até outra geração ter alcançado o que vós podíeis ter realizado.”

Foi uma experiência comovente que me inspirou de modo intenso a erguer o desafio do momento e ser tudo o que o Senhor desejava que eu fosse para que esses desamparados santos que dormiam pudessem sair da sepultura.

Mas a profundidade e intensidade do apelo que senti nesse momento e lugar em nada se compara com aquilo que será quando se travarem os acontecimentos finais. Os 144.000 conhecerão profundamente a responsabilidade de serem as primícias para Cristo, o Senhor da seara, e a multidão de justos que não podem ressuscitar dos mortos enquanto as primícias não tiverem cumprido a sua missão. Eles compreenderão isto muito melhor do que a vaga ideia que hoje temos. Portanto, aquelas vozes que vêm da sepultura farão naquela altura um apelo muitíssimo maior do que hoje. Qualquer hesitação da parte dos justos desaparecerá à medida que se tornem mais conscientes do dilema que envolve os seus irmãos mortos. Com esta poderosa motivação, entregar-se-ão sem reservas na última grande luta, pensando e trabalhando apenas pelos outros e não dedicando qualquer pensamento a si mesmos.

O Salvador passou pelas mesmas agonias no Getsémani onde sentiu a terrível pressão de abandonar a Sua missão e deixar o homem a perecer na sua iniquidade ao passo que Ele regressaria ao Seu



No Getsémani, Cristo foi terrivelmente tentado a abandonar este mundo e os seus habitantes e a regressar ao belo mundo que havia deixado. Chegou tão perto de fazer isto que o destino da humanidade oscilou na balança. Mas, quando surgiu perante Ele a desesperada incapacidade da humanidade a perecer, e que só Ele poderia libertar, submeteu-Se ao terrível sofrimento e humilhação unicamente pelo qual os seus seguidores podiam partilhar o Paraíso com Ele.

Assim, os 144.000 serão igualmente inspirados para dar tudo por causa da grande multidão do povo de Deus que repousa impotente nas suas sepulturas, sabendo que Deus não terá outros instrumentos através de quem efectuar esta salvação.

maravilhoso lar celestial onde tudo era paz e alegria. De longe melhor do que aquilo que fazemos, precisamos compreender e apreciar a terrível natureza da batalha que Cristo travou e ganhou nessa aterradora noite. Há demasiada tendência para repousar complacentemente na ideia que Cristo simplesmente avançou até um certo pré-programado ponto seguro quando efectuou a nossa salvação. Temos a tendência para pensar, mesmo que tentemos negar, com a mente intelectual, que Cristo não podia falhar, que a nossa salvação era uma provisão segura desde o momento que Deus e Cristo se entregaram à sua realização.

Todavia, este não é o caso. Cristo passou uma luta no Getsémani que O levou tão próximo quanto possível de desistir da luta e deixar o mundo para o príncipe das trevas. Ele podia ter-nos abandonado e quase o fez. O único factor salvador foi a revelação do total desamparo e o completo desespero da situação humana. Ele esqueceu-se então da Sua própria desesperada e perigosa dificuldade quando o Seu grande coração de infinito amor O levou a morrer pelo perdido não importasse o custo que isso tivesse para Si. Desta forma, tal como será no conflito final, a balança inclinou-se para o lado correcto com o resultado que Cristo determinou não falhar. Quando os sofrimentos de Cristo no Getsémani forem melhor compreendidos e apreciados, os crentes estarão muito mais gratos ao Salvador pelos Seus incríveis sofrimentos e sacrifício do que estão agora. Quando vier essa altura, um novo dia de poder e glória será anunciado entre nós. O pecado será exposto em toda a sua monstruosidade e a justiça brilhará no seu verdadeiro brilho e glória. Oremos para que este tempo venha rapidamente.

Aqui está uma inspirada descrição parcial daquilo que ocorreu nessa tremenda noite.

“Voltando, Jesus tornou a procurar o Seu retiro, caindo prostrado, vencido pelo horror de uma grande treva. A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara – aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia, mesmo então, recusar beber o cálice reservado ao homem culpado. Ainda não era demasiado tarde. Poderia enxugar da fronte o suor de sangue, e deixar perecer o homem em sua iniquidade. Poderia dizer: Receba o pecador o castigo de seu pecado, e Eu voltarei a Meu Pai. Beberá o Filho de Deus o amargo cálice da humilhação e da agonia? Sofrerá o Inocente as conseqüências da maldição do pecado, para salvar o criminoso? Trêmulas caem as palavras dos pálidos lábios de Jesus: ‘Pai Meu, se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade.’ Mat. 26:42.” {DTN 488}, *O Desejado de Todas as Nações*, 690.

“Na balança oscilava a sorte da humanidade.” Essa é a ilustração de quão perto chegou. Tudo o que era preciso para inclinar a balança para um lado ou para o outro era uma pequena palha. A raça humana estava próximo de ser abandonada ao seu destino – a destruição eterna. Embora Deus tivesse prometido ao Seu povo que Cristo morreria por ele, a prova desse testemunho foi assegurada no Getsémani apenas quando a balança se inclinou na direcção certa. Com intenso interesse os anjos olhavam a terrível batalha e imaginavam qual seria a decisão que Cristo tomaria, enquanto os milhões desta Terra cuja sorte estava a ser decidida ignoravam o que estava a acontecer. Mesmo agora, apesar da maravilhosa luz que foi derramada no nosso caminho, temos apenas um pequeno conceito daquilo que o Getsémani significa para nós pessoalmente, individualmente e colectivamente. Sem a vitória alcançada ali, a humanidade e a Terra teriam deixado de existir.

Com os acontecimentos tão próximos como estavam no Jardim, algum factor tinha que ser acrescentado à situação para inclinar a balança para o lado de Deus e do homem. Misericordiosamente, houve esse factor. Neste momento crítico levantou-se na mente de Cristo uma verdadeira avaliação da condição perdida da raça humana combinada com a clara consciência que somente Ele estava numa posição e tinha o poder para salvar o que percia. Até esse momento, Ele suplicava por libertação da amarga taça a ser bebida pelos Seus lábios, mas uma vez que esta clara tomada de consciência encheu a Sua mente, as coisas mudaram. Ele tomou a decisão depois do que a Sua oração respirava apenas submissão.

“Três vezes proferiu essa oração. Três vezes recuou Sua humanidade do derradeiro, supremo sacrifício. Surge, porém, então, a história da raça humana diante do Redentor do mundo. Vê que os

transgressores da lei, se deixados a si mesmos, têm de perecer. Vê o desamparo do homem. Vê o poder do pecado. As misérias e os ais do mundo condenado erguem-se ante Ele. Contempla-lhe a sorte iminente, e decide-Se. Salvará o homem custe o que custar de Sua parte. Aceita Seu batismo de sangue, para que, por meio dEle, milhões de almas a perecer obtenham a vida eterna. Deixou as cortes celestiais, onde tudo é pureza, felicidade e glória para salvar a única ovelha perdida, o único mundo caído pela transgressão. E não Se desviará de Sua missão. Tornar-Se-á a propiciação de uma raça que quis pecar. Sua prece agora respira apenas submissão: ‘Se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade.’ Mat. 26:42.” {DTN 488}, *O Desejado de Todas as Nações*, 690, 693.

Assim saiu Cristo vitorioso desta batalha titânica. Para ganhar, Ele tinha que ter todo o factor favorável e talento ao Seu dispor. Se algum destes não estivesse disponível ou presente, o Seu fracasso teria sido certo. Assim, tão necessário quanto era, não era suficiente ser abençoado com o infinito amor divino. Nem era suficiente ter o compromisso anterior do Pai, do Universo e dos homens, para que Ele levasse a cabo a salvação do perdido não importasse o custo que isso tivesse para Si. A terrível fraqueza e pecaminosidade da Sua humanidade cancelavam estes factores ao ponto de Ele estar literalmente balouçando na beira do desastre. Todo este estado crítico, tinha que ser reunido num outro factor que era, como já foi visto, o apelo que vinha da família humana muito embora ela na sua condição de morte espiritual estava inconsciente de que estava realmente a fazer um apelo.

Do mesmo modo, os mortos na sua sepultura estarão inconscientes do apelo que estarão a fazer aos justos vivos. Não saberão mais do que quando na Idade Média desconheciam a sua súplica, “Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”

Mesmo apesar do impacto e significado do seu apelo lhes ser desconhecido, será ainda assim um factor decisivo em todo o acontecimento. À medida que a mensagem vinda das sepulturas chega aos cento e quarenta e quatro mil, eles elevar-se-ão aos mais altos níveis do altruísmo e total sacrifício para fazer a vontade de Deus independentemente do custo para si próprios. Então, a vitória será alcançada como foi no Getsémani, esse lugar sagrado no qual em solene juramento os membros desse último ilustre grupo deve frequentemente dar os seus passos. Aí é apresentada a mais clara ilustração possível da experiência pela qual o exército final dos verdadeiros filhos de Deus passará.

A provisão de Deus que os santos que dormem participem na obra final, dá-nos uma maravilhosa revelação do Seu carácter. Ele sabe que enquanto estavam vivos, não havia nada que mais desejassem ver senão o pecado derrotado. No final, o Senhor não só lhes dará a alegria de verem o mal terminado para sempre, mas lhes designará um papel importante no último acto do drama. No tempo da sua participação, eles estarão totalmente inconscientes do seu significado. A alegria que é sua por direito apenas será conhecida por si depois da ressurreição.

Durante a sua jornada terrestre, estas preciosas almas fiéis terão dado tudo ao serviço do Mestre, muitas vezes inconscientes dos serviços que terão de facto prestado à causa. Muitas palavras de fé foram ditas, feitas múltiplas obras de caridade e diligentes petições em favor dos que pereciam, mas quão escondido dos olhos humanos na sua maior parte estão os efeitos do seu ministério. Pais e professores vão para o repouso sem verem qualquer resposta aos seus trabalhos para com aqueles que, nalguns casos, vêm ao Senhor muitos anos depois das mortes daqueles que transportaram pesados fardos em favor deles. Todavia, não permanecerão na ignorância destas coisas para sempre. Na gloriosa escola do além todas estas coisas tornar-se-ão absolutamente claras e nessa altura quão felizes ficarão estes pais e professores quando se encontrarem com esses amados no reino e virem a verdadeira marca dos seus serviços de amor!

“Todas as perplexidades da vida serão então explicadas. Onde para nós apareciam apenas confusão e decepção, propósitos frustrados e planos subvertidos, ver-se-á um propósito grandioso, predominante, vitorioso, uma harmonia divina.

“Ali, todos os que trabalharam com um espírito desinteressado contemplarão os frutos de seus esforços. Ver-se-á o resultado de todo princípio correto e nobre ação. Alguma coisa disto aqui vemos. Mas quão pouco dos resultados dos mais nobres trabalhos deste mundo é o que se manifesta nesta vida

aos que os fazem! Quantos labutam abnegadamente, incansavelmente por aqueles que ficam além de seu alcance e conhecimento! Pais e professores tombam em seu último sono, parecendo o trabalho de sua vida ter sido feito em vão; não sabem que sua fidelidade descerrou fontes de bênçãos que jamais poderão deixar de fluir; apenas pela fé vêem as crianças que educaram tornarem-se uma bênção e inspiração a seus semelhantes, e essa influência repetir-se mil vezes mais. Muito obreiro há que envia para o mundo mensagens de alento, esperança e ânimo, palavras que levam bênçãos aos corações em todos os países; mas, quanto aos resultados, nada sabe, afadigando-se ele em solidão e obscuridade. Assim se concedem dons, aliviam-se cargas, faz-se trabalho. Os homens lançam a semente, da qual, sobre as suas sepulturas, outros recolhem a abençoada colheita. Plantam árvores para que outros comam o fruto. Aqui estão contentes por saberem que puseram em atividade forças para promover o bem. No além serão vistas a ação e reação de todas estas forças.” *Educação*, 305, 306.

Assim também os santos que estarão nas sepulturas no final, chegam ao conhecimento quando estiverem no Céu, do impressionante significado da sua insuspeita, mas vital contribuição para o sucesso dos planos divinos. Que alegria será a sua verem que o Senhor os incluiu na sua última grande batalha. Que bondosa e maravilhosa provisão o Senhor terá feito para eles. Enquanto estavam vivos na Terra, nada mais desejaram senão participar na derrota total dos poderes das trevas, mas, quando chegou a altura para eles cessarem os seus labores, sentiram que perderam este privilégio, mas na ressurreição verificarão que não foi assim. Eles estarão ali quando a última batalha for travada e terão o seu lugar onde o seu papel será tão vital para o sucesso no drama como todos os restantes.

É agora evidente que o movimento do sétimo anjo é composto, não pelos santos vivos, mas por aqueles que ainda repousam nas sepulturas. Isto tem que ser assim, porque, enquanto há santos vivos que desempenham o papel dos movimentos do quinto e do sexto anjos, não há nessa altura, ninguém vivo que preencha as especificações estabelecidas para satisfazer a posição do sétimo anjo. Todo o membro do povo de Deus que estiver na Terra nessa altura, terá vindo do templo de Deus no Céu, não de debaixo do altar como se diz do movimento do sétimo anjo. Portanto, apenas este vasto grupo de pessoas que dormem nas sepulturas podem estar qualificadas. Estes são aqueles que clamam ao sexto anjo para lançar a sua foice e colher os cachos da vinha da Terra e pisá-los no grande lagar da ira de Deus. O sexto anjo executa o convite. A sua missão é cumprida quando os justos vivos, motivados pela necessidade de remover o obstáculo à ressurreição dos justos, cumprem o papel que lhes foi apontado.

Então virá o fim. As águas do poderoso e aparentemente inconquistável Eufrates secarão para sempre, o caminho dos reis do oriente será preparado e Cristo, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, aparecerá como grande Segador para ressuscitar os Seus santos que dormem.

“Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

“Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

“Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.” *1 Tessalonisenes* 4:16-18.

Por isso a gloriosa obra do Senhor na batalha contra o pecado chegará ao seu apontado final, excepto para a demonstração final que tomará lugar no final do milénio. Ela necessitará dos serviços coordenados dos movimentos dos sete anjos, não apenas três como tantos têm suposto durante tanto tempo. Cada um destes movimentos tem um papel especial a cumprir, uma obra particular a realizar, sem a qual a obra não pode ser finalizada e o fim vir.

Os crentes que vivem na Terra hoje devem compreender que são candidatos a membros destes movimentos. No actual, que é o quarto, estão combinados os primeiros três, porque ele é o alto clamor do terceiro anjo. Os que permanecem vivos até o alto clamor acabar, quando o quarto anjo tiver terminado a sua obra de proclamação do evangelho a todas as nações da Terra, tornar-se-ão depois nos membros dos movimentos do quinto e do sexto anjos. Nenhum destes será membro do movimento do sétimo anjo, porque não terão as qualificações dos mortos e que repousam nas sepulturas durante o período do ministério do quinto e do sexto anjos.

Obviamente, há uma grande obra de preparação que deve ser começada antes de alguém estar qualificado para ser membro destes últimos movimentos. Os que não vêm para além do ministério do terceiro anjo não compreenderão correctamente o que é essa obra, pois verão nada mais do que a necessidade de se tornar proficiente na argumentação das verdades do terceiro anjo a fim de converter tantos quanto possível.

Porém esta não é a obra final. O grande conflito somente pode ser levado ao seu auge quando o carácter de Deus e o de Satanás estiverem demonstrados em contraste na sua plenitude pelos seus representantes humanos. Os ímpios não têm que fazer qualquer preparação consciente para este papel. Para eles isto chega sem esforço. É natural ultrapassar aquilo que eles são e do que se alimentam materialmente, moralmente e espiritualmente cada dia.

Mas isto não é assim para os justos. Eles têm que compreender especificamente o objectivo colocado perante si e saber o que se espera deles. Têm que resistir ao mal com todos os poderes que o Senhor lhes tornou possível alcançar, enquanto cultivam a graça espiritual pela qual o carácter alcançará a total maturidade neles. Não é uma tarefa fácil, mas ocupará todos os momentos do seu tempo, exercitará toda a faculdade do seu ser e exigirá deles que disponibilizem todas as faculdades dadas pelo Céu para esse propósito.

Actualmente, enquanto ainda existe oportunidade, o Senhor está a apelar a todos nós que alcancemos a elevada norma colocada perante nós. Ninguém precisa falhar nisto. Toda a provisão tem sido dada para que nos possamos tornar como Deus. Ele certamente finalizará a obra que começou em nós e nós nos alegraremos à medida que vemos quão eficazmente Ele fará isto. Em breve desde agora, o alto clamor começará quando o quarto anjo entrar na segunda e última fase do seu ministério. Então, virá o fim da provação em que o quinto e o sexto anjos realizarão as suas obras. Ao mesmo tempo o sétimo anjo dará a sua contribuição vital e assim vê a obra finalizada.

Ninguém de nós pode saber nesta altura exactamente onde estaremos ou precisamente que serviços realizaremos quando este importante momento tiver lugar, mas podemos ser participantes deles e sê-lo-emos se formos fiéis a tudo o que o Senhor nos chamar a fazer. Possa cada um que professa ser crente em Jesus compreender as implicações dos movimentos dos sete anjos e não repousar até estar a ocupar o seu lugar designado e a capacitar o Senhor a lançar a sua foice aguda e a colher a messe de todos os séculos. Oh! Que inexplicável alegria será ficar firme do lado certo!



Apêndice

O seguinte artigo é um estudo dado por A. T. Jones, tal como registado em *1901 General Conference Bulletin*, 101-105.

O livro de *Génesis* dá a história, os meios e o processo de criação. Mas esse livro não foi escrito quando a *criação* foi feita. Chamo agora a vossa atenção para esse facto, e queria que pensásseis por alguns momentos sobre o significado desse facto. Vou voltar a dizê-lo: O primeiro capítulo do livro de *Génesis* dá a história, os meios e o processo de criação. Mas não foi escrito quando a *criação* foi feita. Portanto, não é claro que, uma vez que o relato da criação não foi escrito na criação, mas muito tempo depois, havia um propósito em escrevê-lo para além de ser apenas um registo da criação?

Se o primeiro capítulo do *Génesis* tivesse sido escrito no dia seguinte após a criação, poderia dizer-se que o principal objectivo para o escrever era dar aos homens um relato da criação, todavia, como não foi escrito senão quase dois mil anos depois, deve ser claro que, uma vez que as pessoas durante todo este tempo tinham passado bem sem qualquer registo escrito da criação, o objectivo principal do registo escrito estava além — a mesma coisa, e mais — do que contar como a criação foi realizada. Porque se eu conseguisse estar bem durante quarenta anos sem um certo registo, e depois Deus ordenasse que ele fosse escrito para mim, não seria claro que eu precisava dele para algo mais do que simplesmente como registo? Muito bem.

Quando foi escrito o *Génesis*? Claro que não podemos dizer o ano exacto, mas o período. Podemos conhecer o grande pensamento que existia no mundo antes do tempo em que o *Génesis* foi escrito, — a saída do Egipto. O *Génesis* foi escrito por Moisés durante os quarenta anos em que apascentou as ovelhas do sogro; mas isso foi depois de ter vindo a mensagem para tirar o povo para fora do Egipto. O Senhor tinha chamado Moisés para libertar o povo, mas Moisés ainda não tinha aprendido como. Ele em primeiro lugar cometeu um erro, e teve que receber quarenta anos de instrução antes que esta libertação pudesse ser realizada; e nestes quarenta anos escreveu o livro do *Génesis*. O livro do *Génesis* foi, portanto, escrito no tempo da saída do Egipto, quando Deus estava para livrar o Seu povo do Egipto e colocá-lo como uma luz no mundo para sempre.

A fim de vos apresentar o próximo pensamento em particular, voltarei a ler uma certa Escritura que foi lida há duas noites, e penso que referida novamente ontem à noite, no décimo quinto capítulo do *Êxodo* — o cântico de Moisés e dos filhos de Israel após a travessia do Mar Vermelho; pois isso dá-nos o testemunho do motivo que levou Deus a tirar o Seu povo do Egipto.

Em *Êxodo* 15:13 lemos:

“Tu, com a tua beneficência, guiaste a este povo, que salvaste; com a tua força o levaste à *habitação da tua santidade*.”

Os dois versículos seguintes:

“Espanto e pavor caiu sobre eles; pela grandeza do teu braço emudeceram como pedra; até que o teu povo houvesse passado, ó Senhor, até que passasse este povo que adquiriste.” [Versículo 16.]

“Tu os introduzirás, e os plantarás no *monte da tua herança*, no lugar que tu, ó Senhor, *aparelhaste* para a *tua habitação*, no santuário, ó Senhor, que *as tuas* mãos estabeleceram.” [Versículo 17.]

Isto é realçado em *Apocalipse* 15, no registo daquele grupo que estava no mar de vidro que “tinham as harpas de Deus”, e que “saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome,” e “cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus.”

Em primeiro lugar, Tu os trarás à *habitação da tua santidade*.— ao lugar onde o próprio Deus habita; em segundo lugar, “os plantarás no *monte da tua herança* [a terra da herança de Deus], no lugar que tu, ó Senhor, *aparelhaste* para a *tua habitação*.” Qual lugar é essa santa habitação, o lugar da

herança de Deus, o lugar que Ele fez para nele habitar? *Apocalipse* 21, vós sabeis, o diz. Vem o tempo em que é dito, “Eis que o Tabernáculo de Deus agora está entre os homens, com os quais Ele habitará. Eles serão o seu povo e o próprio Deus viverá com eles, e será o seu Deus.” *Apocalipse* 21:3.

“No santuário, ó Senhor, que *as tuas mãos* estabeleceram.” De todas as pessoas, nós somos os que deviam saber com certeza que santuário é esse; porque “a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, *o qual o Senhor fundou*, e não o homem.”

Mais uma vez: em *Atos* 7, como sabeis, está dito, “Aproximando-se, porém, o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito;” e depois veio a libertação. Deus jurou a Abraão, e prometeu dar à sua semente a terra que viu, o mundo que viria. E em *Êxodo* 6:2-8 diz:

“Falou mais Deus a Moisés, e disse: Eu sou o Senhor.

“E eu apareci a Abraão, a Isaque, e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo meu nome, o Senhor, não lhes fui perfeitamente conhecido.

“E também estabeleci a minha aliança com eles, para dar-lhes a terra de Canaã, a terra de suas peregrinações, na qual foram peregrinos.

“E também tenho ouvido o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios fazem servir, e lembrei-me da minha aliança.

“Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, e vos livrarei da servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos.

“E eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios;

“E eu vos levarei à terra, acerca da qual levantei minha mão, jurando que a daria a Abraão, a Isaque e a Jacó, e vo-la darei por herança, eu sou o Senhor.”

Quando Deus deu essa promessa a Abraão e fez o Seu juramento, foi a Abraão e à sua semente; não à semente sem Abraão, ou a Abraão sem a sua semente. Então, quando Deus os trazia para a terra que jurou a Abraão e Isaque e Jacó lhes daria, estavam todos juntos. Isso é suficiente, então. Deus trazer o Seu povo de imediato ou em processo de tempo não é material. O grande objectivo que Deus tinha em tirar o povo de Israel para fora do Egito era levá-lo para a terra que jurou dar a Abraão, e essa terra, diz Ele, é a Sua santa habitação, o lugar que Ele fez para Ele próprio habitar, o monte da Sua própria herança, e no santuário que as suas próprias mãos tinham fundado.

Uma vez que esse era o propósito de Deus ao trazer o povo para fora do Egito, e essa promessa a Abraão é a nova terra que Deus criará, não vedes o propósito ao dar o *Gênesis nessa altura*? Foi para que se familiarizassem com a criação, com o poder criador, para que Deus pelo Seu poder criador pudesse recriá-los e trazê-los para o *novo mundo*, que havia de criar e dar a Abraão, de acordo com o que lhe tinha prometido? Estais a ver?

O propósito de Deus ao dar o *Gênesis* precisamente nessa altura, era para que o povo pudesse estar preparado para a obra que Ele iria fazer por eles, por todo o mundo; a obra pela qual Ele os prepararia para fazerem a obra que Ele havia de fazer através deles. Porque a obra de Deus é sempre criadora.

O que Deus faz é sempre pela criação. A maior de todas as coisas que Deus devia trazer ao Seu povo, era o mundo recém-criado. Mas era impossível que chegassem a isso sem serem criados de novo. Portanto, para que pudessem ter instrução sobre a criação, Ele escreveu um relato da criação como uma lição objectiva, uma escola para ensinar cada alma, para que todos pudessem aprender os processos de Deus, com os meios de Deus, com o poder criador de Deus, de maneira que a obra de Deus *em favor* deles pudesse ser realizada sendo em primeiro lugar efectuada nele [neles].”¹⁵

E havia “a igreja no deserto.” Jesus Cristo tomou o Seu lugar ali como cabeça da igreja. E aqui vemos novamente os Seus próprios processos de organização. Ele continuou, e manteve-os até chegar

¹⁵ Devido ao que o editor deste livro sente há um erro tipográfico, a palavra “ele” aparece no original, onde deveria ser “eles”.

à terra de Canaã, e nós ouvimos sobre qual era o propósito de Deus na terra. Todavia, o povo perdeu de vista o objectivo de Deus, e os Seus propósitos na organização deles na Terra; e eles, tendo perdido de vista o objectivo de Deus, e falhado em ver os propósitos de Deus na instrução que Ele lhes tinha dado, começaram a organizar-se a si próprios. E o que era a organização que eles realizaram quando o fizeram por si próprios? Qual foi o resultado mesmo no seu próprio tempo? Um reino. Tinham que ter um rei. Não esqueçais isso. Lembrai-vos disso quando caminhais pela rua, onde quer que estejais, — nunca se esqueçam que o fim de cada organização que o homem alguma vez realizou é a realeza. A monarquia. E que entre os homens há o despotismo, — e isso é ruína. Tudo isso aconteceu em Israel. E, no entanto, para nós, anos atrás, Deus disse que a menos que fosse seguido um rumo diferente, “as loucuras de Israel nos tempos de Samuel” seriam repetidas entre o Seu povo.

Entre outras coisas, essa é a situação. Assim, o Senhor tomou conta da Sua igreja ali; porém, eles em vez de encontrarem a organização de Deus e manterem firmes a sua Cabeça, afastaram-se e fizeram-se a si próprios a sua cabeça, para que fossem iguais a todas as nações. Tornaram-se semelhantes a todas as nações, e tiveram um fim, assim como aconteceu a todas as nações — a destruição das primeiras dez tribos e, em seguida, a destruição de todas as tribos na destruição de Jerusalém ao escolherem César em vez de Deus. Porque quando Pilatos lhes apresentou o desafio, “Hei de crucificar o vosso Rei?” eles responderam, “Não temos rei, senão César.”

Então Deus começou outra vez o Seu percurso com a Sua igreja, com Cristo como a Cabeça e o Organizador. E o mistério de Deus foi manifestado e dado a conhecer aos filhos dos homens, tal como nunca fora conhecido em tempos anteriores, como foi revelado então aos santos apóstolos e profetas pelo Espírito. O mistério que esteve oculto desde a eternidade, foi manifestado aos Seus santos, que é “Cristo em vós, a esperança da glória.” Cristo era a Cabeça de cada homem, e a Cabeça de todos os seres sendo a Cabeça de cada um.

Mas o mistério da iniquidade surgiu, e colocou-se no lugar de Deus, fazendo-se passar por Deus; e escondeu novamente durante séculos e gerações o mistério de Deus. Mas graças ao Senhor, chegou o dia, em que o anjo do Senhor ergueu a mão ao Céu, e jurou por Aquele que vive para todo o sempre, que criou o céu, e as coisas que neles há, e a Terra, e as coisas que nela estão, e o mar, e as coisas que nele estão, de que não deve haver mais tempo; mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a soar, o segredo de Deus será cumprido, como Ele anunciou aos Seus servos os profetas. O mistério de Deus voltará a erguer-se na sua sinceridade, na sua pureza, no seu poder, e esse é o poder de Deus. E os dias da voz do sétimo anjo quando nós começamos a soar foi há quase sessenta anos.

Não deve haver mais atraso, graças ao Senhor; já houve demasiado. Agora Deus levantou a Sua mão pela segunda vez para livrar e juntar o Seu povo que está disperso pelo Egipto, e Cuxe, e Patros, e Sinar, e ilhas do mar. E Ele nos levará à terra que prometeu, a qual jurou dar a Abraão, a Isaac e a Jacó.

Mas isso será feito apenas pelo *poder criador*, porque Aquele que se senta no trono, quando esse dia chegar, dirá: “Eis que faço novas todas as coisas.” Por isso, então, *nós* entraremos nas promessas de Abraão unicamente através da criação de Deus, e todos entraremos nessa herança de Abraão somente pela criação de Deus.

Assim, então, o primeiro capítulo do *Génesis* está escrito para nós, porque aqueles para quem ele foi escrito em tempos passados não aprenderam a lição. Foi adiado, frustrado, posto de lado aqui, deitado fora além, rejeitado em outros lugares, mas agora o Senhor prometeu que não haverá mais demora. “Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará.” Agora é a hora. Então, uma vez que o propósito de Deus ao escrever o *Génesis* tem sido frustrado até agora, e agora chegou o tempo em que Ele diz que será feito, o livro de *Génesis*, e todas as coisas do primeiro capítulo de *Génesis*, são *verdade presente para nós*.

Estudemos, então, o primeiro capítulo do *Génesis*. O que é que ele contém?

“No princípio criou Deus o céu e a terra.” E como fez Ele isso? — “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca.” “Porque falou, e foi feito.” Agora lembrai que está escrito não principalmente como uma história de criação, mas sobretudo para nos

mostrar os meios de Deus, o processo de Deus, da criação, e para nos fazer conhecer esse processo; de maneira que nos possa trazer à grande criação que tinha sido preparada e prometida desde os tempos de Abraão.

O que significa isso para nós? — Nessa primeira palavra em *Gênesis* há uma lição para cada um de nós. Deus criou os céus e a terra, pela Sua palavra. E quanto a nós? *1 Pedro* 1:23-25 [JFA 1948]:

“Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre.

“Porque toda a carne é como erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor;

“Mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada.”

Aquela palavra pela qual Deus criou o céu e a terra no início, é a palavra *do evangelho*, que *agora entre vós foi evangelizada*. Então, nas primeiras palavras em *Gênesis* é o evangelho. As primeiras palavras de *Gênesis* é a pregação do evangelho. E com isso está ligado *Efésios* 2:8-10:

“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus.

“Não vem das obras, para que ninguém se glorie.

“Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.”

Somos obra das Suas mãos, criados em Cristo Jesus. Então o primeiro passo, no cristianismo, o primeiro passo no caminho que Deus queria que os homens andassem, pode ser dado *apenas pela criação*, somente pode ser dado pela nossa criação. E tornar-se cristão é tanto criação como foi a criação do mundo no início. Nenhum homem pode alguma vez tornar-se cristão a não ser sendo criado, tão realmente como o mundo foi criado no início.

E a grande beleza dessa verdade é que é tão fácil ela fazer tudo. Pois quando temos em mente que tudo só pode ser feito pela criação, o eu está completamente perdido, como vedes; ele sabe que não há nenhuma fonte de criação nele; ele simplesmente tem que desistir. E quando sabe que isso só pode ser feito pela criação, e é colocado face a face com o Criador, então é fácil; pois Deus pode criar simplesmente pronunciando a palavra. “Porque falou, e foi feito.”

A seguir:

“No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” Nós éramos todos escuridão; mas Deus cria-nos de novo; e as nossas vidas, até que Deus de facto nos crie de novo, somos menos do que nada, pior do que nada. No entanto, quando Deus nos cria de novo, como para qualquer vida de justiça, qualquer vida devota, qual é a situação? Não é sem forma e vazia? Quando Deus tira um homem do mundo, das trevas que podem ser sentidas, tudo o que está à sua frente é novo. Por isso, eu digo sobre aquela nova vida que o homem vai encontrar, e que deve ser encontrada no homem, qual é a sua condição no que diz respeito a ela, excepto sem forma e vazia? Mas vede a coisa seguinte: “Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz.”

A palavra “movia” significa “pairava”. É exactamente o mesmo pensamento que Jesus falou ao povo de Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, [Eu ter-vos-ia juntado; Eu vos teria abrigado; Eu ter-vos-ia protegido e trazido deste aconchego aqueles filhos recém-nascidos, para a glória de Deus]; e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vos ficará deserta.”

O pensamento que Jesus expressou nestas palavras sobre Jerusalém é precisamente o pensamento que falou no segundo versículo de *Gênesis*. O Espírito de Deus pairava sobre aquela coisa criada, que, até o Espírito de Deus vir sobre ela, era sem forma e vazia. Mas quando o Espírito de Deus veio e pairou sobre ela, a organização começou. Então começou o procedimento de Deus de organizar.

E este assunto esta noite, como vedes, é uma continuação do mesmo assunto de organização que tivemos na outra noite. Vede que se trata do indivíduo em primeiro lugar, e dele é levado avante para

o corpo. E, irmãos, Deus iniciou aquela obra abençoada. Estudámos na outra noite que isso deve vir da Cabeça. A organização de Deus deve vir da Cabeça, que é Jesus Cristo, a Cabeça da Igreja, e chega ao indivíduo.

Agora vejam o passo que foi dado na Conferência Geral hoje. Quero que vejais quão certamente isso nunca poderá parar até que chegue a cada indivíduo, e o tenha trazido face a face com Deus, para ficar ali sozinho apenas com Deus. Foi apresentado hoje, e reconhecido, um apelo ao autogoverno local num determinado lugar. Muito bem. E depois foi dito aqui que isso devia ser adoptado noutros lugares. Muito bem. E quando esse distrito for organizado, haverá um distrito local autogovernado; mas o mesmo processo deve ir mais longe — cada Conferência deve ser uma Conferência local autogovernada, e cada igreja deve ser uma igreja local autogovernada, e *cada membro* autogovernado individualmente.

Porém, nenhum homem neste mundo pode ser um indivíduo autogovernado, excepto quando Deus em Jesus Cristo é a sua Cabeça, e o homem é governado pelo poder de Deus. O único autogoverno, verdadeiro autogoverno, neste mundo é um homem que está na liberdade em que Jesus Cristo o libertou, senhor do seu pior eu, e vivendo no eu divino, que é Jesus Cristo. Então ele encontrou a inimizade, o mal, e o tem sob os pés; e ali está ele na liberdade nascida no Céu com a qual Deus o tornou livre, — um indivíduo livre autogovernado, como Deus o fez no princípio, e como Ele o faz quando Ele o cria de novo.

Não vedes que este passo que demos neste mesmo dia nunca pode parar aquém disso? Não é suficientemente claro? Então, irmãos, o que cada um nesta Conferência deve fazer é chegar lá o mais rápido possível. Cada um, então, deve decidir em si mesmo, e deve ser em si mesmo, um autogoverno local, para a glória de Deus. Mas nenhum homem pode fazer isso, como eu disse, excepto pelo poder de Deus nele; e nenhum homem pode fazer isso e continuar a ser um homem que se governa a si mesmo pessoalmente, a menos que esteja sozinho com Deus, separado de todos os outros, e de tudo o resto, no vasto universo.

Isso não o separa de todas as outras pessoas. A nossa verdadeira unidade, com outras pessoas, é a nossa única solidão com Deus. A nossa mais verdadeira comunhão, o nosso amor mais sincero, a nossa mais terna simpatia, estendendo a mão a todas as pessoas, só se encontra em estar absolutamente só, separado de todas as outras coisas, com Deus.

Digo mais uma vez, o passo dado agora nunca deve parar até que todos os adventistas do sétimo dia sejam confrontados com Deus face a face. Cada um por si mesmo, e sozinho com Deus. E para que somos nós trazidos face a face com Deus? — Para encontrar os nossos caminhos, que fomos exortados a encontrar. E tendo encontrado os nossos caminhos, deixemos que Deus em Cristo seja a Cabeça, e o grande Organizador.

Mas isto, isto é apenas pelo Espírito de Deus; o Espírito Santo, o Espírito de Deus, que se move acima de todos. Jesus foi embora. Ele estava aqui. Era Cabeça da Igreja quando esteve aqui. Mas Ele disse: “que vos convém que eu vá;” não é bom para vós que Eu fique; Eu tenho que ir. “porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei.” Há mais razões do que uma; mas a razão que nos preocupa agora, é por que devia ir Jesus para que o Consolador pudesse vir, porque Jesus na carne não poderia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Ele não poderia estar com os irmãos na Austrália, e com os irmãos aqui ao mesmo tempo em carne; mas quando Ele fosse embora, enviaria o Espírito Santo, que se movia sobre toda a criação de Deus: e por esse Espírito, Jesus Cristo podia tornar-se a Cabeça de todo o vestígio da Sua criação. Então, quando qualquer alma, qualquer indivíduo na Terra, encontrou esta criação, tornou-se parte da criação de Deus, o Espírito Santo paira sobre ele: e assim Cristo torna-se a Cabeça desse indivíduo, e esse homem tem um Consolador que é mais capaz de dar conselhos do que qualquer homem alguma vez sentado em Battle Creek.

Uma grande vantagem, também, uma das maiores vantagens disso, é que Jesus Cristo, a Cabeça desse indivíduo pelo Seu Espírito Santo, pode dar conselhos e enviar ajuda imediatamente, justamente quando a ajuda é necessária: e isso é uma enorme vantagem sobre ter que escrever uma carta para Battle Creek, que leva pelo menos um mês a chegar, e depois perde-se um mês para responder à carta

e colocá-la no barco que a leva de volta, e depois um mês para a entregar — e tendes a vossa resposta em três meses, a fim de saberes algo sobre o trabalho que precisavas de fazer há três meses. Que o Senhor Se junte a nós! Encontremos nós esse poder criador em Deus, pelo qual cada alma encontrará Jesus Cristo, a sua Cabeça e o seu Conselheiro, dia e noite para sempre. E este é o processo.

Mais uma vez o primeiro capítulo de *Génesis*: “E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” Deus disse: “Haja luz; e houve luz”, e a luz era a vida. Mas a criação não estava acabada. A criação não estava completa; não estava aperfeiçoada mesmo agora que o Espírito de Deus se movia sobre ela. Foram dados outros passos. Não preciso de seguir cada um dos detalhes, quero somente apresentar o facto perante vós. Pensai. A próxima coisa foi o firmamento; depois, no dia seguinte, as águas foram reunidas em um só lugar, e a terra seca apareceu; em seguida, no dia seguinte a terra produziu frutos; e assim por diante durante os seis dias.

Agora estes passos não foram dados — observem este pensamento atentamente, e cuidadosamente, pois é uma coisa subtil, e requer uma mente subtil para o compreender; mas quando é entendido, fica para sempre. Aqueles passos sucessivos na criação do mundo, através de todo o processo de criação, não foram dados pelo *crescimento* a partir da criação original. Os sucessivos passos do primeiro capítulo de *Génesis* não foram dados pelo crescimento do plano original da criação. [Vozes por toda a sala: Amém.] Estais a ver? Como foram dados esses passos? — Por sucessivas *criações*. Isso diz a mim e a vós: Tornamo-nos cristãos unicamente pela criação; *permanecemos* cristãos apenas pelo poder criador; crescemos na graça cristã apenas por *sucessivas criações* de Deus. Não há desenvolvimento na vida cristã a não ser pelo directo poder criador do Deus do Céu, através da Sua palavra, pelo Espírito Santo.

Não começais agora a ver a filosofia de dar a Israel quando eles saíam do Egipto, o relato da criação? Deus queria que cada indivíduo de Israel conhecesse o poder criador de Deus que habitava na sua vida dia e noite. Para que esse poder criador de Deus devesse *estar* na sua vida. Mas isso fora adiado, adiado, adiado, e agora chegou a vós e a mim: e *nós* somos o povo agora a quem Deus escreveu o primeiro capítulo do *Génesis*.

A propósito, há outra coisa nisto. É extremamente importante notar que, precisamente neste momento, quando o primeiro capítulo de *Génesis* é destacado, e tudo é feito como se através da evolução em vez da criação, e todo o mundo e as igrejas estão a caminhar para isso. É tempo de Deus revelar ao Seu povo a verdadeira filosofia do primeiro capítulo de *Génesis*: para que Deus, no Seu povo, possa mostrar ao mundo a Sua luz e o poder da Sua criação, contra os insidiosos enganos de Satanás, que estão a levar o mundo para o abismo eterno. É isso que está aqui; e Deus quer que cada um de nós, o Seu povo, se ligue assim a esse poder criador, para encontrarmos esse poder criador que vive em nós, como único meio do nosso progresso, do nosso crescimento cristão, para que possamos estar à luz de Deus, e sobre esse firme fundamento da palavra de Deus, e confirmar a palavra de tal forma que o mundo não possa duvidar. Podem rejeitá-la não escolhendo render-se a ela; mas não podem duvidar; o poder estará nela. Ele quer que confirmemos que esta nova filosofia do primeiro capítulo do *Génesis* é uma filosofia falsa, e apenas uma assim chamada ciência. Ele quer que a verdadeira ciência do *Génesis* se destaque. Ele quer que a verdadeira filosofia sobre o *Génesis* seja luz para o mundo. A verdadeira ciência e filosofia do *Génesis* é a criação. E nenhum homem pode ensiná-la, nenhum homem pode propô-la, a menos que a conheça na sua própria vida.

Agora, estes sucessivos passos na criação não foram a partir do crescimento do original no início do céu e da Terra: mas cada passo foi dado por uma criação directa de Deus falando a palavra. Deus disse: “haja uma expansão”, e assim foi. “E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi. E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi,” e assim por diante. Mas quando temos de crescer, irmãos, tentando fazer melhor, e jurando isto, aquilo, e mais ainda, ao fazer melhor, etc., é um processo cansativo, fatigante e infrutífero. Quando sabemos que o verdadeiro progresso, o verdadeiro crescimento da vida cristã, o verdadeiro desenvolvimento do coração cristão, é pelas sucessivas criações de Deus através da Sua palavra falada no Espírito, então tudo o que é necessário é encontrar a palavra: e está feito. Aqui está o verdadeiro remédio.

Verificastes que sois estéreis? Descobristes áreas na vossa vida que, no que respeita aos vossos objectivos desejastes a justiça, estavam em causa, eram vazios — fracassaram? Agora o remédio: Quando descobro uma falta na minha vida, — que não é de Deus, que não é um reflexo da palavra de Deus, — Devo examinar as Escrituras até encontrar a palavra de Deus a falar comigo sobre essa questão, e depois essa palavra faz de vós nova criatura nessa área, e as coisas velhas morreram, e tudo se fez novo.

[Vozes: Amém!]

Esta é a filosofia de procurar nas Escrituras. Oh, examinar as Escrituras em busca de doutrina, procurar nas Escrituras por sermões, procurar nas Escrituras argumentos, é tudo vaidade, humilhação de espírito e idolatria. Mas procurar as Escrituras para encontrar a palavra criadora de Deus, para escolher a criação, a justiça de Deus no lugar do pecado, — que colocará o poder de Deus, a força de Deus, no lugar da minha fraqueza; que fará com que Deus apareça no lugar do meu eu — *isso* é examinar as Escrituras, que é a salvação da alma. E não há espaço suficiente? Não há terreno suficiente para começarmos este tipo de exame das Escrituras?

Mas não é uma perspectiva abençoada, não é uma mensagem de bom ânimo, para todas as almas que se encontram destituídas, que se encontram desanimadas, que sejam vítimas do poder do inimigo, — não é uma mensagem abençoada que Deus envia, que “Ele *disse*, e foi feito?” Encontrai a palavra que Deus falou, e a vossa enfermidade desaparece em face do Seu poder criador, como na palavra falada através do Espírito.

[Vozes: Amém!]

“Ele falou, e foi feito;” e esta palavra de Deus, que lemos todos os dias na Bíblia, é tanto a palavra falada de Deus como a palavra que Ele falou no início, que criou o céu e a terra.

Mais uma vez para *Génesis*: Este processo de criações sucessivas continuou até que o ideal de Deus apareceu, o homem perfeito. Lá estava ele, o homem perfeito, criado pelo poder de Deus; e ele era filho de Deus. Não era? — “Que era filho de Adão, que era Filho de Deus.” “Assim, foram concluídos os céus e a terra, como todo o seu exército.” E Deus descansou. O sábado foi o selo, — o deleitoso restaurador repouso que Deus tomou, contemplando a criação acabada de fazer desde o início em perfeição.

Portanto, nós somos a obra das Suas mãos, criados em Cristo Jesus. O Espírito de Deus paira sobre esta nova criação, fazendo com que a palavra criadora falada traga perfeição a esta nova criação “um homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.” Então será afixado o selo de Deus.

Então o Senhor descansará novamente, e de nós Se alegrará com cânticos. Ele repousará: “Descansará no Seu amor.” Deus descansará de novo. Sabeis que quando Jesus veio aqui Ele disse: “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.” Mas chegará a hora em que Ele descansará novamente. Na criação original, o Pai trabalhou, e Jesus trabalhou, através do Espírito Santo que acompanhou a obra e aperfeiçoou a criação, na qual Deus se regozijou, e da qual descansou e foi revigorado. Mas essa criação foi lançada por terra, e Deus começou novamente a criar, e Ele manteve-a até agora, e em breve estará terminada, e então quando estiver acabada, — leiamos a palavra de Deus, — *Sofonias* 3:13. “O remanescente de Israel não cometerá iniquidade, [o remanescente que guarda os mandamentos de Deus, e tem o testemunho de Jesus Cristo] — O remanescente de Israel não cometerá iniquidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa; mas serão apascentados, e deitar-se-ão, e não haverá quem os espante. Canta alegremente, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te, e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém. O Senhor afastou os teus juízos, exterminou o teu inimigo; o Senhor, o Rei de Israel, está no meio de ti.” Levantemo-nos em liberdade com a qual Ele nos libertou, expulsando o inimigo. “O Rei de Israel”, — o verdadeiro Deus, — “o Senhor, o Rei de Israel, está no meio de ti; tu não verás mais mal algum.” Abençoado seja o Senhor! “Naquele dia.” Aqui está o que está diante de nós. Ouvi agora a palavra: “Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião, não se enfraqueçam as tuas mãos. O Senhor teu Deus, o poderoso, está no meio de ti, Ele salvará; Ele se deleitará em ti com alegria; DESCANSARÁ *no Seu amor*.” [Congregação: Louvado seja o Senhor!] “Ele *regozijar-se-á* em ti *com júbilo*.”

Deus descansará outra vez e será revigorado, quando esta criação que Ele trouxe até nós terminar sob a abençoada protecção do Espírito de Deus. Irmãos, isso é assim. Sabeis que está escrito que nos últimos dias o povo de Deus será protegido com o manto do Seu Espírito; e agora é a hora. Então, irmãos, aquilo que temos de fazer aqui — toda audiência juntamente, mas de todos, os delegados — devem reconhecer esse facto, reconhecer este poder criador de Deus, encontremo-lo para nós mesmos, criando de novo, e caminhai sempre, habitai sempre, na presença daquele Espírito protector. [Congregação: Amém], para que, quando nos juntarmos, — e mesmo antes de nos separarmos agora, — possamos sentar-nos, pensar, falar e habitar na presença desse Espírito que protege.

À medida que digamos adeus, e nos separemos, enquanto caminhamos para os nossos quartos, que seja na presença daquele Espírito protector. Quando estivermos nos nossos quartos, habitemos na presença desse Espírito protector. Quando viermos diariamente à Conferência, quando formos às nossas comissões para a preparação, Oh, que cada um caminhe na presença desse Espírito protector: e então será verdade para cada alma (o que foi dito a Maria é tão verdadeiro para nós como foi para dela), “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. E por esse motivo, o ser que nascerá de ti será chamado Santo, Filho de Deus.” [Congregação: Amém.] Pois aquele Espírito protector é um Espírito que produz frutos. Então exclamaremos, e cantaremos com alegria:

“Vede que imenso amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos tratados como filhos de Deus!” Então será também verdade que “por esse motivo o mundo não nos conhece,” [graças ao Senhor!], “porquanto não conheceu a Ele mesmo.”

Irmãos, o mundo conhece-nos muito bem. Teve motivos para nos conhecer. Temos sido tão parecidos com o mundo, que o mundo nos reconheceu: mas o Senhor nos libertará de tudo isso, e o mundo não nos conhecerá mais, porque não será capaz de nos reconhecer como do mundo. Saberá que não somos do mundo; que a nossa comunhão não é com o mundo; que os nossos interesses não estão centrados em coisas terrenas; e que o Espírito que nos cobre nos colocará em nós um tal carácter e nos fará falar tais palavras, e nos fará aparecer perante o mundo de tal forma, que apenas o Céu nos pode reconhecer; e esse reconhecimento é suficiente.

Este é o início do *Génesis*. Não é todo o livro. Lembrai-vos, todo o livro foi escrito enquanto Moisés apascentava as ovelhas, e todo o livro pertence a nós agora. Mas o resto do livro contará para nós, a menos que encontremos a ciência e a filosofia do primeiro capítulo do livro: porque esse é o início da criação de Deus e dos processos de Deus e de todas as coisas, e nada se encontrará como realmente é até que encontremos isso. À luz disto, todo o resto é simples, e todo o resto é nosso, graças ao Senhor.

Examinemos as Escrituras. Leiamos o primeiro capítulo do *Génesis*. Leiamos todos o capítulo antes de chegarmos amanhã de manhã. Um bom plano a seguir (já o pratiquei o suficiente para saber que é uma coisa boa de recomendar) é ler vezes sem conta o primeiro capítulo de *Génesis* até vermos, com os olhos fechados, a experiência cristã em todos os versículos, e na nossa própria vida dia após dia. Então, Oh então, o Espírito de Deus irá cobrir essa criação que Deus está a realizar levando-nos à perfeição em Cristo Jesus, para que a obra de Deus seja feita, o triunfo dos santos venha, e nos regozijaremos perante o Senhor *agora e para todo o sempre*. Então, a igreja crescerá na verdade para ser um templo no Senhor; e esta igreja Cristo apresentará a Si mesmo uma igreja gloriosa, sem mancha, ou ruga, ou qualquer outra imperfeição, mas será santa e sem mácula.

Outros Estudos do Mesmo Autor

A Grande Multidão	24 págs.
A Igreja de Deus Não É Babilónia	39 págs.
A Mente de Cristo	11 págs.
A Revelação da Lei	31 págs.
A Salvação das Crianças	322 págs.
A Vida em Justiça	226 págs.
A Vida em Justiça e o Sábado de Deus	76 págs.
A Vinda de Cristo Retardada – Porquê?	26 págs.
A Vitória da Fé	7 págs.
Acordai Para a Justiça e Não Pequeis Mais!	21 págs.
As Duas Babilónias e o Povo Santo (Compilação)	47 págs.
As Profecias de Daniel	42 págs.
Confissão Aceitável	48 págs.
Da Escravidão para a Liberdade	47 págs.
Despertai para a Justiça e Não Pequeis Mais	21 págs.
Destino de um Movimento	181 págs.
Eis Aqui o Vosso Deus – Um estudo sobre o carácter de Deus	325 págs.
Enfrentando o Julgamento	44 págs.
Estudos Sobre Daniel e Apocalipse	
Parte 1 - Sonhos e Interpretações	231 págs.
Parte 2 - Tempos proféticos	231 págs.
Eu Penso como Homem	33 págs.
Justificado pela Fé	39 págs.
Mais Pensamentos Sobre o Carácter de Deus	10 págs.
Melquisedeque	92 págs.
O Caminho de Deus no Santuário	277 págs.
O Evangelho na Páscoa	11 págs.
O Repouso do Sábado de Deus	376 págs.
O Seu Número é 666	17 págs.
Orai Pela Chuva Serôdia	262 págs.
Ordem Divina e Organização	91 págs.
Ordem Evangélica	
Os 144.000 – Quem Serão os Membros desse Ilustre Grupo?	53 págs.
Os 4 Anjos	9 págs.
Os Acontecimentos dos Últimos Dias	393 págs.
Os Três Templos	21 págs.
Os Vivos e os Mortos	59 págs.
Outro Olhar Sobre Atos 3:19	8 págs.
Renascimento e Reforma	176 págs.
Uma Prática Perigosa	11 págs.

www.jfernandesblog.wordpress.com

<https://www.practicaprophetica.com/translations/portuguese/>